AUTORA DE *A GUERRA DA PAPOULA* E *IMPOSTORA*

R. F. KUANG



KATÁBASIS

κατάβασις

intrínseca

R. F. KUANG

KATÁBASIS

κατάβασις

Tradução de Marina Vargas



Copyright © 2025 by R. F. Kuang
Publicado originalmente nos Estados Unidos por Harper Voyager, um selo de HarperCollins Publishers LLC.

A tradução do trecho de *A terra devastada*, de T. S. Eliot, é de Caetano S. Galindo. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

A tradução dos trechos 1 e 2 de *Inferno*, de Dante Alighieri, é de Emanuel França de Brito, Maurício Santana Dias e Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Penguin-Companhia, 2022.

TÍTULO ORIGINAL
Katabasis

PREPARAÇÃO
Yonghui Qio

REVISÃO
Rachel Rimas

DESIGN DE CAPA
Richard L. Aquan

ARTE DE CAPA, ILUSTRAÇÕES E MAPAS
© Patrick Arrasmith

ADAPTAÇÃO DE CAPA, ILUSTRAÇÕES E MAPAS
Antonio Rhoden

E-ISBN
978-85-510-1217-8

Edição digital: 2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K96k

Kuang, R.F.
Katábasis [recurso eletrônico] / R.F. Kuang ; tradução Marina Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2025.
recurso digital

Tradução de: Katabasis
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1217-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Vargas, Marina. II. Título.

CDD: 813
25-98751.0 CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

intrinseca.com.br

@intrinseca

editoraintrinseca

@intrinseca

@editoraintrinseca

intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Nota da autora

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco

Mapa de Peter
Mapa de Alice
Mapa de Elspeth

Agradecimentos
Sobre a autora

Para Bennett, brilhante, bem-amado.

NOTA DA AUTORA

Alguns dos estudiosos mencionados neste texto são pessoas reais e, salvo algumas exceções — que espero que sejam óbvias —, tentei representar com exatidão suas ideias. O livro *Reasons and Persons* [Razões e pessoas], de Derek Parfit, foi de fato publicado em 1984, o que é conveniente para minha linha temporal. Aristóteles não usa o termo “verme espacial celestial”, mas é uma boa maneira de visualizar sua física. “Existence Is Evidence of Immortality” [A existência é evidência de imortalidade], de Michael Huemer, é de 2019, mas na narrativa afirmo que foi publicado na década de 1960. Isso é fantasia, assim como a maior parte deste livro.



CAPÍTULO UM

Pois considero que o verdadeiro adepto da filosofia tende a ser mal compreendido pelos outros homens; não percebem que ele está sempre perseguindo a morte e morrendo; e se é assim, e ele teve o desejo da morte durante toda a vida, por que, quando chega a sua hora, deveria lamentar aquilo que sempre perseguiu e desejou?

PLATÃO, *Fédon*

Cambridge, primeiro trimestre letivo, outubro. O vento açoitava, o sol se escondia e, no primeiro dia de aula, quando deveria estar dando uma palestra para os alunos de graduação sobre os perigos de usar o feitiço de cisão cartesiana para revisar a matéria, sem pausas para ir ao banheiro, Alice Law partiu para resgatar a alma de seu orientador dos Oito Tribunais do Inferno.

Fora um acidente terrível e macabro que matara o professor Jacob Grimes e, de certa maneira, a culpa havia sido dela, de modo que, por razões tanto de obrigação moral quanto de interesse próprio — pois sem o professor Grimes ela não tinha um presidente de banca e, sem um presidente de banca, não poderia defender sua tese, se formar, nem se candidatar a uma posição acadêmica permanente na área de magia analítica —, Alice achou necessário implorar pela vida dele ao Rei Yama, o Misericordioso, Soberano do Submundo.

Não era uma tarefa simples. No último mês, ela havia se tornado uma especialista autodidata em tartarologia, que não era uma de suas subáreas. Atualmente, não parecia ser a subárea de *ninguém*, já que era raro que os tartarólogos sobrevivessem para publicar seus trabalhos. Desde a morte do professor Grimes, Alice havia passado todos os momentos acordada lendo cada monografia, artigo e fragmento de correspondência que conseguia encontrar sobre a jornada até o Inferno e como voltar de lá. Pelo menos uma dúzia de

acadêmicos havia feito a viagem e sobrevivido para contar a história de forma crível, mas pouquíssimos no último século. As fontes existentes eram pouco confiáveis em diferentes graus e, além disso, extremamente difíceis de traduzir. Dante se detinha tanto em indiretas rancorosas que se perdia no meio da exposição. T. S. Eliot havia fornecido algumas das descrições mais recentes e detalhadas das paisagens de que se tinha conhecimento, mas *A terra devastada* era tão autorreferencial que seu status como relato de um viajante era deveras questionado. As anotações de Orfeu, já em grego arcaico, estavam em grande parte em pedaços, assim como o restante dele. E Eneias — bem, era pura propaganda romana. Era possível que houvesse mais narrativas em idiomas menos conhecidos — Alice poderia ter passado décadas vasculhando os arquivos —, mas o prazo de sua bolsa não podia esperar. A avaliação de seu progresso se aproximava, no fim do período, e sem um orientador vivo, o melhor que poderia esperar era uma prorrogação da bolsa que durasse até que ela se transferisse para outro lugar e encontrasse um novo orientador.

Mas Alice não queria se transferir para outra universidade, queria um diploma de Cambridge. E não queria qualquer orientador, queria o professor Jacob Grimes, chefe do departamento, laureado com o Prêmio Nobel e eleito duas vezes presidente da Real Academia de Magia. Queria a carta de recomendação dourada que abria todas as portas. Queria estar no topo. Isso significava que tinha que ir ao Inferno, e tinha que ir naquele dia.

Ela conferiu e reconferiu as inscrições que tinha feito com giz. Sempre deixava o fechamento do círculo para o final, quando tinha certeza absoluta de que entoar as palavras, e assim ativar o pentagrama, não a mataria. Era preciso sempre ter certeza. A magia exigia precisão. Alice encarou as linhas brancas e impecáveis até elas começarem a dançar diante de seus olhos. Concluiu que aquilo era o melhor que podia fazer. A mente humana era falível, mas a dela falhava menos que a da maioria, e agora era a única mente em que podia confiar.

Segurou o giz com força. Um traço suave e o pentagrama estava terminado.

Alice respirou fundo e entrou nele.

Havia, é claro, um preço. Ninguém saía ileso de uma viagem ao Inferno. Mas ela havia decidido, desde o início, que ia pagar esse preço, pois parecia algo muito trivial no amplo panorama da situação. Só esperava que não doesse.

— O que você está fazendo?

Alice conhecia aquela voz. Sabia, antes mesmo de se virar, quem ia encontrar na porta.

Peter Murdoch: paletó desabotoado; camisa para fora da calça; papéis saindo da pasta, ameaçando voar com o vento. Alice sempre sentira inveja do

fato de Peter, que todos os dias parecia mal ter se arrastado para fora da cama, ainda assim ter conseguido se tornar o queridinho do departamento. Embora isso não fosse surpresa: a academia respeitava a disciplina, recompensava o empenho, mas, acima de tudo, adorava os gênios que não precisavam se esforçar. Peter Murdoch, com seu cabelo de ninho de passarinho e movimentos desengonçados como os de um espantalho equilibrado em uma bicicleta cambaleante, parecia nunca ter se esforçado para nada na vida. Ele simplesmente tinha nascido brilhante, todo aquele conhecimento derramado pelos deuses em seu cérebro sem desperdiçar uma gota.

Alice não o suportava.

— Me deixa em paz — disse ela.

Peter entrou a passos pesados no círculo, o que foi muito rude da parte dele. Sempre se deve pedir permissão antes de entrar no pentagrama de outro mago.

— Eu sei o que você está planejando.

— Não, você não sabe.

— Pentagrama de Transporte Básico de Tsu, com as Modificações de Setiya — declarou Peter, o que impressionou Alice, já que ele só tinha dado uma olhada rápida no chão, e estava do outro lado da sala, ainda por cima. — Soma de Ramanujan com implicações para o efeito Casimir, para estabelecer um vínculo psíquico com o alvo. Oito barras para oito tribunais. — Um sorriso surgiu em seu rosto. — Alice Law, sua espertinha. Você está tentando ir para o Inferno.

— Bem, já que sabe tanto assim — retrucou ela —, deve estar ciente de que só tem espaço pra um de nós.

Peter se ajoelhou, empurrou os óculos para cima na ponte do nariz e, com o próprio pedaço de giz, logo acrescentou algumas alterações ao pentagrama. Isso também foi muito rude — sempre se deve pedir permissão antes de alterar o trabalho de outro acadêmico. Mas as regras de etiqueta não se aplicavam a Peter Murdoch. O rapaz levava a vida com uma despreocupação que, mais uma vez, era tolerada apenas por causa de sua genialidade. Alice o tinha visto derramar calda de chocolate nas vestes do reitor da faculdade durante um jantar formal, sem que isso resultasse em mais do que um tapinha no ombro e uma risada. Quando Peter cometia um erro, era engraçado. Ela, no entanto, já havia passado um jantar inteiro no banheiro, com as mãos suando, porque tinha derrubado uma cesta de pães no chão.

— Um vira dois. — Peter agitou os dedos. — Abracadabra. Agora tem espaço.

Alice conferiu as inscrições e percebeu, para seu desalento, que o

raciocínio era perfeito. Preferiria que ele tivesse cometido um deslize que o deixasse sem os membros. E realmente preferiria que o rapaz não tivesse declarado em seguida:

— Eu vou com você.

— Não, você não vai.

De todas as pessoas do Departamento de Magia Analítica de Cambridge, Peter Murdoch era a última com quem gostaria de passar um tempo no submundo. O perfeito, brilhante e irritante Peter, que ganhava os prêmios mais importantes do departamento a cada etapa: Melhor Artigo do Primeiro Ano, Melhor Artigo do Segundo Ano, Medalhas do Reitor em lógica e matemática (que eram, verdade seja dita, as piores matérias de Alice, mas até chegar a Cambridge ela não estava acostumada a perder). Ele era um daqueles acadêmicos que descendiam de uma família de acadêmicos, um mago filho de um físico e de uma bióloga, o que significava que estava imerso nas regras não ditas da torre de marfim antes mesmo de aprender a andar. Já tinha todas as coisas boas do mundo. Não precisava da carta do professor Grimes para conseguir um emprego.

O pior de tudo era o fato de Peter ser tão incorrigivelmente gentil. Sempre andando por aí com aquele sorriso tranquilo, sempre se oferecendo para ajudar os colegas a solucionar os impasses em suas pesquisas, sempre perguntando a todos no seminário como tinha sido o fim de semana, quando sabia muito bem que haviam chorado o tempo inteiro por causa de provas que ele teria resolvido de olhos fechados. Peter nunca se gabava nem era condescendente, era apenas genuinamente *melhor do que todo mundo*, e isso fazia com que todos se sentissem ainda piores.

Não, Alice queria resolver aquele problema sozinha. Não queria Peter Murdoch tagarelando às suas costas o tempo todo, criticando seus pentagramas porque só estava tentando ajudar. E, caso voltasse com a alma do professor Grimes sã e salva, havia algo em especial que não queria: dividir o crédito com Peter.

— O Inferno é solitário — comentou ele. — Você vai querer companhia.

— O Inferno são os outros, pelo que ouvi dizer.

— Muito engraçado. Vamos lá. Você vai precisar de ajuda para carregar suprimentos, pelo menos.

Alice tinha colocado na bolsa um Frasco Perpétuo novinho em folha (uma garrafa de água encantada que durava semanas) e pão Lembas (barras nutritivas secas e com gosto de papelão rançoso, populares entre os estudantes de pós-graduação porque podiam ser comidas em segundos e mantinham a pessoa saciada por horas — não havia nada de encantado no pão Lembas, era apenas

proteína extraída de toneladas de amendoim e uma quantidade absurda de açúcar). Pegara também lanternas, iodo, fósforos, corda, ataduras e um cobertor térmico em caso de hipotermia. Um pacote novinho de giz Barkles e todos os mapas confiáveis do Inferno que conseguiu encontrar na biblioteca da universidade, reproduzidos até os mínimos detalhes em um fichário plastificado. (Infelizmente, cada um apresentava uma topografia diferente — Alice imaginou que em algum momento se veria em um lugar alto e escolheria um mapa quando chegasse.) Um canivete e duas facas de caça afiadas. E um livro de Proust, para o caso de ficar entediada à noite. (Na verdade, nunca tinha tentado ler nenhuma obra do autor, mas Cambridge a havia transformado no tipo de pessoa que queria ter lido Proust, e ela achou que o Inferno seria um bom lugar para começar.)

— Já tenho tudo de que preciso.

— Ainda vai precisar de ajuda para se orientar nos tribunais — insistiu Peter. — O Inferno é muito complicado do ponto de vista metafísico, sabia? Anscombe afirma que só as constantes reorientações espaciais…

Alice revirou os olhos.

— Por favor, não insinue que não sou inteligente o bastante pra ir até lá.

— Está levando um exemplar do *Cleary*?

— Claro.

Alice não esqueceria o *Guia de Cleary*. Não se esquecia de nada.

— Conferiu todas as doze versões autorizadas da jornada de Orfeu?

— É claro que sim, Orfeu é o ponto de partida mais óbvio.

— Sabe como atravessar o Lete?

— Por favor, Murdoch.

— Sabe como domar o Cérbero?

Alice hesitou. Sabia que esse era um obstáculo possível: tinha visto a ameaça que Cérbero representava mencionada em uma carta de Dante para Bernardo Canaccio, mas não tinha identificado referências à criatura em nenhum outro material que encontrara, e o único livro que poderia conter uma pista — *Dante e o Inferno literal*, de Vandick — havia desaparecido das prateleiras.

Na verdade, vários livros dos quais precisava vinham desaparecendo da biblioteca nos últimos meses, muitas vezes emprestados a alguém justamente na manhã em que ia procurá-los na biblioteca. Todas as traduções da *Eneida*. Toda a bibliografia medieval sobre Lázaro. Era como se um *poltergeist* estivesse assombrando as estantes, antecipando cada passo de seu projeto.

Então Alice se deu conta.

— Você…

— Estava pesquisando a mesma coisa — completou Peter. — Estamos muito avançados no doutorado, Alice. Ninguém mais poderia orientar nossas

teses. Ninguém mais é inteligente o bastante. E ainda tem muita coisa que o professor não nos ensinou. Temos que trazer o Grimes de volta. E duas mentes são melhores do que uma, nesse caso.

Alice teve que rir. Aquele tempo todo, cada espaço vazio nas prateleiras, cada peça faltando no quebra-cabeça, tinha sido Peter.

— Então me diz como domar o Cérbero.

— Boa tentativa, Law. — Peter deu um soco de leve no ombro dela. — Vamos. Você sabe que nós sempre nos saímos melhor juntos.

Isso, pensou Alice, era mesmo uma tentativa de bajulá-la.

Ele não estava falando sério. Alice sabia que não estava falando sério porque não era verdade. Não era verdade havia mais de um ano, e isso tinha sido escolha apenas de Peter. Alice se lembrava muito bem. Então, como ele podia agir de maneira tão amigável, jogar aquelas palavras de forma tão casual, como se ainda fossem calouros rindo no laboratório, como se o tempo não tivesse passado?

Mas esse era o modus operandi de Peter. Era assim com todo mundo: todo caloroso e simpático, mas no momento em que você tentava se aproximar, o chão firme dava lugar ao vazio.

Duas opções ruins, então. Conhecimento imperfeito ou Peter. Alice supunha que poderia exigir os livros relevantes — Peter era irritante, mas não se negava a dividir recursos — e descobrir tudo por conta própria. Mas o prazo da bolsa estava correndo, e certas partes de um corpo estavam apodrecendo em um porão. Simplesmente não havia tempo.

— Tudo bem — concordou. — Espero que tenha trazido o próprio giz.

— Dois pacotes novos de Shropley — respondeu ele alegremente.

Sim, ela sabia que aquela era sua marca favorita. Evidência de mau-caratismo. Pelo menos não teria que compartilhar os dela.

Alice colocou a mochila junto aos pés, verificando se nenhuma das alças estava para fora do pentagrama.

— Então, só falta a invocação. Você está pronto?

— Espera um pouco — pediu Peter. — Você sabe o preço, não sabe?

É claro que ela sabia. Era por isso que os estudiosos raramente iam ao Inferno. Não que chegar lá fosse muito *difícil*. Bastava descobrir todas as provas certas e dominá-las. O problema era que uma viagem até o submundo quase nunca valia o preço a ser pago.

— Metade do tempo de vida que me resta — respondeu ela. Entrar no Inferno significava atravessar fronteiras entre mundos, e isso exigia um tipo de energia orgânica que o giz sozinho não podia conter. — Trinta anos, mais ou menos, perdidos. Eu sei.

No entanto, não tinha hesitado diante da escolha. Preferiria se formar, produzir pesquisas brilhantes e morrer em plena glória? Ou viver até o fim de sua expectativa de vida natural, de cabelos grisalhos e babando, relegada à irrelevância, consumida pelo arrependimento? Aquiles não havia escolhido morrer em batalha? Ela havia conhecido professores eméritos em recepções de departamentos, aquelas pobres figuras afásicas, e não achava a velhice uma perspectiva atraente. Sabia que essa escolha deixaria qualquer não acadêmico horrorizado. Mas ninguém de fora seria capaz de entender. Alice sacrificaria seu primogênito por uma cátedra. Amputaria um membro. Daria qualquer coisa, desde que ainda tivesse a mente intacta, desde que ainda pudesse pensar.

— Quero ser maga — declarou. — É tudo que sempre quis.

— Eu sei — respondeu Peter. — Eu também. E eu… preciso fazer isso. *Tenho* que fazer isso.

Fez-se um silêncio tenso. Alice pensou em perguntar, mas sabia que Peter não lhe contaria. Quando se tratava de assuntos pessoais, ele era uma muralha de pedra. Era impressionante vê-lo desaparecer com tanta facilidade por trás de um sorriso plácido.

— Está decidido, então. — Peter pigarreou. — Então, eu fico com o latim e você com o grego e o chinês. — Ele olhou para um segmento próximo ao dedo do pé direito. — Por que isso não está em sânscrito?

— Ainda não me sinto confortável com o idioma — explicou Alice, irritada. Isso era típico de Peter. Condescendente, mesmo quando parecia estar apenas tentando sanar uma dúvida. — Em vez do sânscrito, coloquei todas as referências aos sutras budistas em chinês clássico.

— Ah — murmurou Peter. — Bem, deve funcionar. Se você tiver certeza.

Ela revirou os olhos.

— No três, quando eu disser “já”.

— Beleza.

Alice fez a contagem regressiva.

— Já.

E os dois começaram o cântico.

* * *

A terrível e trágica morte de Jacob Grimes havia sido tanto previsível quanto evitável. Além disso, o que a maioria das pessoas não sabia era que tinha sido culpa de Alice.

O exercício daquele dia não era mais arriscado nem radical do que os milhares de experimentos de rotina que o professor havia conduzido naquele

laboratório por décadas. Estava apenas repassando alguns princípios básicos da teoria dos conjuntos citados em um novo artigo que seria publicado na *Arcana*, a principal revista da área de pesquisa deles. Era tudo absolutamente rotineiro e não mais perigoso do que andar de bicicleta, desde que se verificassem duas vezes os pentagramas. Coisa de nível de graduação.

O professor Grimes não verificava duas vezes os pentagramas. Fazia tempo que havia chegado a um estágio da carreira em que deixava esse tipo de trabalho braçal para os alunos de pós-graduação. Os dias dele eram dedicados a *reflexões* complexas e profundas. Enxergava de cima das montanhas e das nuvens para discernir a verdade e, em seguida, descia para fazer pronunciamentos como Moisés descendo o Monte Sinai, deixando que seus subordinados se encarregassem dos detalhes. Não fazia mais as próprias contas nem as próprias traduções. E não se rebaixava a ajoelhar para traçar linhas de giz, estreitando os olhos, forçando as costas.

Outras pessoas poderiam achar imprudente, até mesmo uma tolice, que um mago deixasse a própria vida nas mãos de alunos de pós-graduação mal pagos e sobrecarregados. Mas, por um lado, os orientandos do professor Grimes eram os melhores do mundo. Por outro, até mesmo alunos de instituições americanas de nível inferior conseguiam identificar os erros mais perigosos em um pentagrama. E ali era Cambridge. Depois de tantos anos de prática, esses descuidos saltavam aos olhos de qualquer acadêmico competente feito alertas gritantes: falhas nos círculos externos, palavras com erros ortográficos, falsas equivalências, parênteses deixados abertos. Qualquer pessoa em pleno juízo teria percebido.

Mas Alice não estava em pleno juízo naquele dia.

Claro que era mal paga e estava sobrecarregada, mas essa condição era comum entre os alunos de pós-graduação, e ninguém se importava muito com isso. Só que Alice também não dormia direito havia três meses. Tinha ingerido tanta cafeína que o mundo tremeluzia e o giz tremia em sua mão. Tinha a sensação, como acontecia com frequência, de que seu corpo não dispunha de limites definidos em relação ao mundo material; que se parasse de se manter íntegra como sujeito, se dissolveria feito um cubo de açúcar no chá. Não estava em condições de trabalhar, e isso já se prolongava fazia um bom tempo. O que Alice mais precisava era de longas férias e, depois, talvez uma internação em alguma instituição remota perto do mar.

Mas faltar ao laboratório não era uma opção. O professor Grimes não pedia que ela ajudasse em um artigo desde o ano anterior e, embora o trabalho estivesse aquém de suas qualificações e a coautoria estivesse fora de questão, estava desesperada para voltar às boas graças dele.

De qualquer forma, estar a ponto de cair de cansaço era o padrão.

Esperava-se que, por meio de uma combinação de café forte e pão Lembas, a pessoa seguisse em frente até que todos os prazos fossem cumpridos e ela pudesse enfim entrar em coma por tempo indeterminado sem consequências. Alice havia passado a maior parte da pós-graduação nesse estado, e não era tão ruim assim.

Mas também estava com raiva naquela tarde, ressentida e confusa, uma mistura tão nebulosa de frustração e fúria que o simples som da voz do professor Grimes a fazia estremecer. Sentir a proximidade física dele — senti-lo se mover e ajoelhar-se na própria sombra — tornava difícil respirar. Nos breves momentos em que seus olhos se encontravam, o coração de Alice parava e ela pensava que talvez quisesse morrer.

Era muito penoso se concentrar em um ambiente como aquele.

Então, quando desenhou os pentagramas, não fechou os traços necessários. Em se tratando de pentagramas, era muito importante fechá-los. Proferir encantamentos invocava a energia morta-viva do pó de giz, que tinha um efeito explosivo se não fosse contida de maneira adequada em um espaço definido. Até mesmo um buraco minúsculo poderia causar um desastre. Na verdade, buracos menores eram *piores*, pois concentravam toda a energia com um efeito terrível. Por isso, toda pessoa que desenhava um pentagrama realizava o que era conhecido como Teste da Formiga: traçar com a ponta de um lápis uma linha de um ponto da inscrição até o outro, para garantir que qualquer formiga que seguisse a linha completaria a jornada.

Alice não fez o Teste da Formiga.

Na prática, não se preocupou em garantir que o corpo do professor Grimes permanecesse intacto.

Era o tipo de erro que poderia acabar com carreiras. E teria acabado com a dela, se alguém tivesse visto o nome de Alice nos registros do laboratório ou soubesse, de qualquer forma oficial, que ela o estava auxiliando. Teria havido uma investigação. Ela teria sido questionada por um comitê, forçada a contar em detalhes excruciantes cada um de seus equívocos enquanto deliberavam se tinha sido homicídio culposo ou apenas conduta imprudente. Alice teria perdido a bolsa, sido expulsa da pós-graduação, interrogada pela Real Academia e proibida de estudar ou praticar magia em qualquer instituição do mundo, até mesmo nas mais duvidosas e não credenciadas no exterior. Isso se não fosse para a prisão.

Mas o professor Grimes não costumava dar crédito aos alunos de pós-graduação em seus experimentos. Auxiliar nas pesquisas dele, em vez de se dedicar às próprias, era apenas um requisito tácito do programa. Ninguém sabia, oficialmente, que houvera alguém naquela sala no dia do acidente, além do professor. Ninguém mais vira quando ventos uivantes, arrancados de dimensões

infinitas, se precipitaram sobre o pentagrama. Ninguém vira os globos oculares do sujeito saltarem do rosto antes de estourarem feito uvas; o intestino se desenrolar e envolver o corpo como uma corda de pular, cruzando-se em um emaranhado; a boca se contorcendo em um grito mudo. Ninguém vira o corpo dele virar de cabeça para baixo e girar sete vezes de forma apavorante, os órgãos expostos tremulando, antes de voarem em todas as direções, espalhando sangue, ossos e vísceras por toda parte. Ninguém vira os miolos na lousa; o fragmento de mandíbula dentada caindo dentro da xícara de Darjeeling da tarde.

E ninguém vira Alice se despir no chuveiro do laboratório, se esfregar até ficar limpa, jogar as roupas no incinerador e sair correndo pela porta dos fundos, vestida com roupas da bolsa de pernoite que sempre deixava na sala. Ninguém a vira correr pelo campus nas primeiras horas da manhã, de volta para o dormitório na faculdade, onde se despiu no quarto para tomar um segundo banho e alternou entre vomitar e chorar até adormecer.

Para todos os efeitos, a primeira notícia da morte do professor Grimes foi o grito do zelador na manhã seguinte.

Àquela altura, o sangue e as tripas já haviam arruinado o pentagrama, e todo o giz estava manchado de sangue, de modo que ninguém conseguiu discernir exatamente o que tinha dado errado. Um pedaço do professor Grimes, mais tarde identificado como sendo o fígado, por sorte caíra bem em cima do segmento do círculo externo que Alice havia deixado de completar. A única conclusão a que se chegou foi que tinha sido um terrível acidente, que era só questão de tempo até que acontecesse algo com o pensador mais ousado de sua época, e as investigações foram encerradas por aí.

De alguma forma, o serviço de limpeza da universidade conseguiu recolher restos mortais suficientes para encher um balde, que depois foram transferidos para um caixão. A faculdade realizou uma cerimônia fúnebre. O departamento decretou luto por uma semana, durante a qual todos os alunos e professores foram obrigados a participar de oficinas sobre segurança ministradas por colegas vindos de Oxford que, a cada comentário sarcástico, deixavam claro que *eles* nunca teriam sido tão tolos a ponto de deixar que um pesquisador explodisse a si mesmo em um laboratório. A placa com o nome do professor Grimes foi removida da porta de seu escritório. Suas aulas de pós-graduação foram transferidas para um pobre pós-doutorando que entendia menos do assunto do que os próprios alunos. Os jornais locais publicaram matérias sobre a grande perda que a morte dele representava — para Cambridge, para a disciplina, para o mundo. E então o verão chegou ao fim e todos seguiram em frente. Exceto Alice.

Ela poderia muito bem ter ficado de boca fechada e continuado com o

trabalho. A universidade a teria apoiado até o fim dos estudos. O Departamento de Magia Analítica de Cambridge tinha muito orgulho da alta taxa de conclusão de curso, e os professores teriam arrastado Alice até a linha de chegada, de um jeito ou de outro, mesmo que isso significasse emprestá-la por vários anos aos rivais de Oxford.

Mas o professor Grimes era o mago analítico mais influente da Inglaterra, e talvez do mundo. Metade dos chefes de departamento da área eram seus amigos íntimos, e a outra metade tinha tanto medo dele que faria qualquer coisa que mandasse. Todos os orientandos anteriores haviam conseguido cargos catedráticos em programas de elite — os que se formaram, pelo menos. Uma carta de recomendação do professor praticamente garantia qualquer vaga a que seus alunos se candidatassem.

Bons empregos eram cada vez mais raros na academia. Alice queria muito um. Caso contrário, não saberia o que fazer no futuro. Havia treinado a vida inteira para fazer aquela única coisa e, se não pudesse fazê-la, não teria razão para continuar existindo.

Então, na manhã seguinte à morte de Grimes, depois que o corpo foi descoberto e a poeira baixou, pareceu a coisa mais natural do mundo começar a pesquisar maneiras de ir ao Inferno.

* * *

Peter tinha uma voz muito boa para encantamentos. Alice sempre havia se ressentido disso, de como fazia a dela parecer fina e frágil em comparação. Achava isso particularmente irritante, pois não combinava nem um pouco com aquele corpo esquelético. Parecia injusto que um som tão bonito e poderoso saísse daquela garganta de ganso coberta de barba por fazer. De tempos em tempos, surgia um artigo científico analisando por que timbres masculinos eram mais adequados para a magia, citando razões de tom, profundidade ou estabilidade, e essas pesquisas sempre causavam um grande rebuliço, gerando declarações indignadas de sociedades de mulheres na magia e pedidos de desculpa de conselhos editoriais de revistas. Pena que ninguém tinha conseguido refutar esses estudos de maneira conclusiva. Para piorar, Alice suspeitava que eles estavam certos e, naquele momento, se sentia grata por isso. A autoconfiança de Peter lhe contagiava, e ela se deixou embalar pelo som suave e reconfortante da voz dele.

— O alvo definido como professor Jacob Grimes — entoaram em uníssono. — O destino definido como o Inferno, ou o pós-vida, ou os Oito Tribunais, ou os domínios de Rei Yama, o Misericordioso.

Eles terminaram. Nada aconteceu. Um segundo se passou, depois vários. Então, um frio gélido tomou conta da sala, um calafrio crescente, vindo do nada, que se espalhou pelos ossos dos dois. Alice estremeceu.

— Mão?

Peter estendeu a palma.

Ela a afastou com um tapa.

— Quieto.

— Desculpa.

A mão de Peter ficou suspensa no ar por um momento antes de ele a recolher, e só então Alice percebeu que talvez o rapaz estivesse pedindo para segurar *a mão dela.*

Mas já era tarde. Uma luz branca irrompeu das linhas de giz, formando um silo ao redor deles. O laboratório desapareceu. Um grande estrondo preencheu o ar. Alice agarrou o braço de Peter — apenas para não perder o equilíbrio, claro —, mas o chão se agitou com brusquidão e ela caiu de bunda. Por um momento, não conseguiu ver nada, nem ouvir nada além do rugido ensurdecedor da coluna de luz. Sentiu uma fisgada no peito — não dolorosa, apenas *brusca*, como se uma mão fantasmagórica tivesse penetrado entre suas costelas e puxado o coração para fora. A pressão era avassaladora. Não conseguia respirar. Encolheu-se, torcendo desesperadamente para não ter caído para fora do pentagrama. O estrondo aumentou e a luz se intensificou até um branco ofuscante, queimando através de suas pálpebras. Visões do apocalipse explodiram em sua mente, oceanos de sangue sob línguas de fogo, planetas desmoronando em buracos negros e, por um breve e aterrorizante momento, Alice se perdeu na erupção, esquecendo-se de quem era…

Ela recorreu aos catecismos.

Meu nome é Alice Law, sou aluna de pós-graduação em Cambridge, estudo magia analítica…

A luz se dissipou. O barulho cessou.

Piscando, Alice virou as mãos diante dos olhos. Sentia-se bem. A pele estava coberta por uma fina camada de pó, de modo que parecia tingida de cinzas, mas bastava espaná-lo para que se desprendesse. Ela levou a mão ao peito. O coração estava no lugar. Os membros estavam intactos. As vísceras ainda estavam amontoadas ordenadas dentro dela. Se o preço fora pago, não conseguia sentir. Tudo o que sentia era uma euforia selvagem e ardente. Tinha funcionado, ela tinha conseguido, tinha dado certo. Giz, poeira, horas de pesquisa — e então um mundo deu lugar a outro. Ela havia feito aquilo. Um milagre.

Peter se levantou, tossindo. Afastou uma mecha de cabelo coberta de

cinzas dos olhos.

— Então aqui é o Inferno.

Alice olhou em volta, maravilhada. Ao redor deles, campos cinzentos se estendiam até onde a vista alcançava, planícies intermináveis sob um céu vermelho-escuro. Um sol — o sol *deles*, uma sombra, um gêmeo? — pendia baixo e pesado, a luz tão opaca que chegava a incomodar. Alice respirou fundo. Tinha levado uma máscara de pano, caso o ar fosse fétido. Na *Eneida* de Virgílio, os gregos chamavam o Inferno de *Aornos*, "o lugar sem pássaros", pois nada conseguia atravessar seu hálito putrefato. Mas o ar não cheirava a nada além de poeira, e a temperatura era quase fria. Ela esperava mais gritos angustiados, enxofre e fogo, mas talvez os teólogos americanos tivessem exagerado. Em termos meteorológicos, o Inferno não parecia muito pior do que uma primavera inglesa.

Alice colocou a mochila nas costas. Uma massa escura e indistinta surgia ao longe e lá, ela supunha, ficavam os Campos de Asfódelos.

— Você está bem? — perguntou Peter.

— Nunca estive melhor. — Alice saiu do pentagrama. — Vamos?

Sobre a magia

Magia, a mais misteriosa e caprichosa das disciplinas, admirada por seu poder e ridicularizada por sua frivolidade, é, em resumo, o ato de contar mentiras sobre o mundo.

O que os magos das civilizações antigas descobriram por meio do acaso e da engenhosidade, e o que os filósofos-magos ingleses do século XVIII em diante codificaram no cânone euro-americano, foi que as leis naturais do mundo eram fixas, mas frágeis. Era possível reinterpretá-las de forma inteligente. Por breves períodos, era possível até mesmo embaralhá-las e suspendê-las, desde que se tecesse a trama certa de inverdades. Truques linguísticos, enigmas lógicos, tudo funcionava. Bastava encontrar um conjunto de premissas que, mesmo que apenas por uma fração de segundo, fizesse o mundo parecer diferente do que de fato era. O giz e qualquer resquício de energia mágica morta-viva que houvesse nas conchas pulverizadas de criaturas marinhas que pereceram há milhões de anos se encarregavam do resto.

Mas a magia progrediu muito desde, digamos, os rituais primitivos sugeridos pelas inscrições em giz de Uffington, e desde então houve uma proliferação de subcampos espalhafatosos que, na verdade, nada tinham a ver com giz, mas sim com todo tipo de objetos arcanos, música encantada e ilusões de ótica. Agora era possível estudar a arqueologia da magia, a história da magia, a música da magia e assim por diante. Nos Estados Unidos, ilusões de ótica e espetáculos extravagantes estavam na moda. Na Europa, falava-se de magia pós-moderna e pós-estruturalista, que pareciam envolver muitos feitiços que faziam o oposto do que seus criadores queriam, e feitiços que não faziam absolutamente nada, o que todos insistiam ser muito profundo. Mas a melhor magia ainda era toda feita em Cambridge, e a boa e tradicional universidade se dedicava à essência da arte. Magia analítica. Giz, superfície, paradoxo.

O paradoxo — o elemento crucial. A palavra advém de duas raízes gregas: para, *que significa "contra", e* doxa, *que significa "crença". A proeza da magia é desafiar, perturbar ou, no mínimo, desestabilizar a crença. A magia tem sucesso ao causar confusão e dúvida. A magia provoca a física e a faz chorar.*

Consideremos, por exemplo, o Paradoxo de Sorites. Imagine um monte de

areia. Muito simples. Remover um grão não faz com que ele deixe de ser um monte. Nem remover dois. Você poderia ficar diante dele com uma pinça por horas, mas não diminuiria seu tamanho. E se remover mil grãos? Um milhão? Exatamente quantos grãos de areia é preciso remover para que o monte deixe de ser um monte? Se você se sentar de pernas cruzadas com uma pinça, retirando os grãos de areia um por um, qual é o instante exato em que terá conseguido desfazê-lo? Ninguém sabe dizer. Mas se a diferença entre o monte e o monte-menos-um é mínima, como se consegue transformar o monte em um não monte?

Ora. Você sabe muito bem o que é um monte. Reconhece quando vê um. É como pornografia. E você sabe que, se remover grandes porções de areia, chegará um momento em que poderá definitivamente afirmar que não é mais um monte.

Mas por um breve momento, quando o paradoxo lhe é apresentado com essas mesmas palavras, você não sabe. Por um segundo, você acredita que é verdade — que é impossível, de fato, transformar um monte em um não monte. Na verdade, você deve estar tão exausto de ouvir a palavra "monte" que o próprio conceito deixa de fazer sentido.

Confusão, dúvida. E com isso, apenas por um instante, o mundo pisca. O monte não se desfaz.

Tinha sido esse piscar que atraíra Alice para seu campo de pesquisa. No primeiro ano de faculdade, ela cursou uma disciplina de Introdução à Lógica. Na segunda semana, assistiram a uma demonstração de magia. Um pós-doutorando visitante ficou diante do auditório e desenhou um círculo de giz ao redor de um pequeno monte de areia em uma mesa. "Observem", instruiu, e então estendeu a mão e retirou um punhado de areia. Ele fez isso de novo, e de novo, e de novo. Convidou a turma a formar uma fila e, um por um, tentar esvaziar o monte com as mãos. Todos tentaram, mas ninguém conseguiu. Cada vez que suas mãos saíam do círculo, o espaço ao redor do monte tremulava, e a quantidade de areia não diminuía.

Alice observou os grãos escorrerem por entre seus dedos, e algo em seu peito foi tomado de assalto.

Não conseguia respirar. Ali estava um milagre. Ali estava Jesus, transformando cinco pães e dois peixes em um suprimento infinito. Todos os campos que havia considerado para sua graduação — matemática, física, medicina, história — desmoronaram de repente, pareceram irrelevantes. Por que alguém estudaria verdades estáticas quando a verdade tinha acabado de sair de cena? Ela sentiu isso na época. Sentia isso todas as vezes. A reverência que a fazia perder o fôlego, o deslumbramento de uma criança no circo ao ver um coelho desaparecer. Durante todos os seus anos de estudo, essa sensação

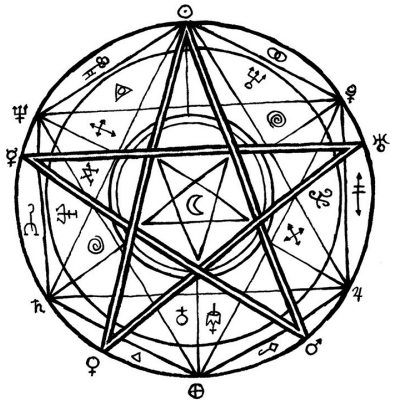
nunca passou. Você achava que o mundo era de um jeito, e então ele não era mais. Um podia se tornar zero. Um podia se tornar dois. Um piscar de olhos, e a verdade deixava de ser verdade. Se o mundo podia ser fluido uma vez, quantas vezes mais você poderia fazê-lo dançar a seu bel-prazer?

Todos os outros viviam em um mundo engessado. Simplesmente aceitavam as regras que lhes eram dadas. Estavam interessados apenas em articular os próprios limites; moviam-se como se tivessem sido esculpidos em pedra. Mas os magos viviam no ar, dançando em uma escada precária de ideias, e isso era uma fonte de delírio sem fim: saber que, no instante em que o mundo começasse a parecer entediante, bastava estalar os dedos e você estaria em queda livre de novo.

Bastava contar uma mentira — e acreditar, apesar de todas as evidências do contrário, que as regras podiam ser quebradas. Você sustentava uma conclusão na mente e acreditava, por pura força de vontade, que todo o resto estava errado. Tinha que enxergar o mundo como ele não era.

À medida que avançava nos estudos, Alice foi se tornando muito boa nisso. Todos os magos habilidosos eram bons nisso. O sucesso nesse campo exigia uma capacidade feroz e obstinada de autoengano. Alice podia virar o mundo de ponta-cabeça e construir tábuas de crença a partir do nada. Acreditava que quantidades finitas nunca se esgotariam, que o tempo podia se desdobrar em si mesmo e que qualquer dano podia ser reparado. Acreditava que a academia era uma meritocracia, e que o trabalho árduo era sua própria recompensa. Acreditava que a mesquinhez do departamento não podia afetá-la, desde que mantivesse a cabeça baixa e não reclamasse. Acreditava que, quando os professores eram ríspidos, quando a menosprezavam e a maltratavam, era porque se importavam. E acreditava, apesar das crescentes evidências do contrário, que estava bem, que tudo estava bem, que não precisava de ajuda, que podia simplesmente engolir o choro e seguir em frente.

Acreditava nessas coisas com todas as suas forças, com o mesmo delírio necessário para impedir que um monte de areia se desfizesse. Não tinha escolha. Era uma preparação essencial para tudo que viria depois.



Capítulo Dois

O Inferno se estendia ao longe. Alice e Peter caminhavam lado a lado sobre uma areia tão fina e sedosa que seus passos mal se faziam presentes. Na verdade, a areia parecia apagá-los à medida que avançavam. Ela olhou por cima do ombro e viu que suas pegadas deixavam primeiro apenas contornos quase imperceptíveis, então, três passos depois, ao olhar mais uma vez para trás, não havia nada. Parecia que a paisagem do Inferno resistia a alterações. Não importava para onde olhasse, não conseguia identificar nenhum ponto de referência — nenhuma colina, nenhuma costa, nenhuma nuvem ameaçadora. Ela tentou não deixar que isso a incomodasse. Tinha lido em algum lugar que o Inferno era um plano inconstante e mutável. Seus pontos de referência eram conceituais, não fixos. Não sabia ao certo o que isso significava, mas, seguindo a convenção acadêmica, interpretou como: *O Inferno se revela a você conforme bem entende.*

Por enquanto, ele tinha escolhido dunas ondulantes.

Alice ansiava pela luz do sol. Os olhos já haviam se ajustado à penumbra, embora doessem de tanto semicerrar as pálpebras. Ela massageou as têmporas e torceu para se acostumar com aquele crepúsculo eterno.

Cerca de vinte minutos depois, os dois passaram sob uma ponte. A princípio, a ouviram antes de vê-la: conversas acima deles, vozes que Alice quase reconhecia. Olhou para cima e viu no céu uma imagem espelhada de Cambridge, o campus de cabeça para baixo, trêmulo e translúcido, como se estivesse sendo projetado por meio de uma conexão a cabo cheia de interferências. Viu o parque Jesus Green, a Sidney Street e as pequenas vielas sinuosas entre a St. John’s e a Trinity. Viu estudantes de pós-graduação em suas

bicicletas, desviando de carros. Viu pequenos grupos de preto se movendo rapidamente de um prédio para outro. Alunos de graduação, criaturinhas adoráveis, com as vestes pretas ainda novas e vincadas esvoaçando ao redor dos calcanhares.

Então, aquele era o Pavilhão de Observação. Já tinha lido sobre o lugar: primeiro na *Cartilha sobre o Inferno Unitário*, de Penhaligon, e depois corroborado pela maioria das fontes chinesas antigas. Aquela era a ponte que todas as almas cruzavam antes de passarem de fato para o Submundo; o ponto liminar entre o mundo dos vivos e o dos mortos, onde cada lado mal podia vislumbrar o outro.

Uma ideia passou pela mente de Alice. Ela estreitou os olhos. Sim, se projetasse os pensamentos, poderia dar um zoom naquela imagem espelhada de Cambridge e ver o Laboratório de Pós-Graduação Sete, onde ainda estava o pentagrama que ela e Peter haviam traçado, agora com as inscrições borradas e, em parte, apagadas pelos ventos soprados das fronteiras entre os mundos. Viu dois colegas, Belinda e Michele, parados com respeito à porta, dando uma espiada lá dentro e tentando aos poucos juntar as peças do que tinha acabado de acontecer.

Alice não havia apagado os rastros. Não, muito pelo contrário: deixara um bilhete em seu escritório anunciando que tinha ido buscar a alma do professor Grimes no Inferno, que ninguém deveria ir atrás dela, pois o perigo era imenso, e que, se em catorze dias não tivesse voltado, poderiam transferir sua sala para um dos alunos do primeiro ano. Havia deixado a porta do laboratório destrancada. Queria que todos soubessem para onde tinha ido, mesmo que fosse apenas para que, quando voltasse triunfante, acompanhada do professor Grimes, não houvesse dúvida a respeito de seu sucesso.

Naquele momento, Belinda e Michele estavam ajoelhados do lado de fora do pentagrama, curvando-se para ler as inscrições. Alice queria poder ouvir o que estavam dizendo. Belinda mantinha a mão pressionando a boca, enquanto Michele gesticulava de maneira muito agitada — ou apenas de um modo muito italiano. Com ele, Alice nunca conseguia distinguir a diferença. De repente, Belinda parou — ela estava bem em cima da inscrição que designava o destino como o Inferno — e esticou o pescoço para ler.

Alice estendeu a mão o mais alto que pôde. A ponte estava muito perto, um teto baixo que ela *quase* conseguia tocar se esticasse o braço e ficasse na ponta dos pés. Será que conseguiria atravessá-la? Queria tentar.

— *Bu!*

Belinda estremeceu e levou a mão ao pescoço. Alice ficou encantada. Ela se perguntou sobre os limites das travessuras fantasmagóricas — se, caso

quisesse, poderia simplesmente assombrar os corredores de Cambridge para sempre.

Os estudiosos concordavam que a maioria das assombrações registradas ocorria por meio do Pavilhão de Observação. Era o único lugar de onde os mortos podiam fazer suas vozes serem ouvidas, de onde podiam exercer alguma influência sobre os vivos. Mas era uma assombração dupla. Os fantasmas permaneciam no Pavilhão de Observação porque ficavam fascinados demais com cenas da antiga vida; porque, por sua vez, estavam hipnotizados e obcecados pelos rituais dos vivos. Queriam saber o que todos estavam fazendo. Queriam saber se ainda eram lembrados. Todas as histórias de fantasmas estavam erradas; as assombrações quase nunca eram maliciosas. Os mortos só queriam se sentir incluídos.

Belinda tropeçou nos braços de Michele. Alice deu uma risadinha. Que rosa inglesa Belinda era, sempre tão frágil e delicada. Tudo era sempre demais para ela. Michele a envolveu, murmurando algo em seu ouvido. Alice imaginou as palavras: *Está tudo bem, eles não morreram… eles não vão morrer*. Mas Belinda continuava balançando a cabeça. *Não*, parecia dizer. *Não, os dois estão mortos, os dois se foram.*

— Arrependida?

Peter estava ao lado dela, o pescoço inclinado para cima. Seus olhos, no entanto, não estavam voltados para Belinda e Michele, e sim para os grupos de estudantes de graduação que circulavam alegremente pelas vielas. Despreocupados, animados com o início do período letivo — ou será que o primeiro dia de aula já havia terminado e estavam indo para o bar da faculdade para tomar uma cerveja?

— Quer voltar?

— Não brinca, Murdoch.

Não havia maneira simples de sair do Inferno. Ambos sabiam disso. Entrar era fácil; sair era difícil. Quem dera pudessem apenas pular de volta no pentagrama, entoar os feitiços ao contrário e voltar exatamente para o lugar onde haviam começado. Mas, se isso fosse possível, os vivos poderiam visitar os mortos o tempo todo. Não, para ascender do Inferno era necessário o consentimento de Rei Yama, também conhecido como Tânatos, Anúbis, Hades, a Escuridão de Muitos Nomes, o Soberano do Submundo.

Muitas vezes, ele o concedia. Não gostava de ter vivos em seu reino; eles perturbavam os mortos, desestabilizavam o equilíbrio. Ficava mais do que satisfeito em mandá-los de volta para o lugar de onde tinham vindo. Pelo menos era o que todas as histórias prometiam. Orfeu havia retornado, para o bem ou para o mal. Dante ascendera sem nenhuma dificuldade. Em todos os relatos, os

viajantes que iam ao Inferno raramente pereciam lá. Era no mundo dos vivos que encontravam seu fim trágico.

De qualquer forma, resolveriam o problema de voltar ao mundo dos vivos quando chegasse a hora. Por enquanto, o desafio era descobrir quão fundo teriam que adentrar o mundo dos mortos.

* * *

Uma hora depois, o terreno começou a se inclinar para cima. Estavam subindo algo, embora não tivesse ficado claro de imediato o quê. Os pulmões de Alice começaram a se contrair, mas ela tentou não ofegar. Peter caminhava ao lado, sem demonstrar o menor sinal de fadiga, e Alice era orgulhosa demais para admitir que estava cansada.

Então, tudo se revelou abaixo deles: um vale plano repleto de Sombras e mais Sombras, algumas reunidas em grupos, outras vagando sozinhas pelos campos. Eram almas mortas, espectros cinzentos e translúcidos, meros ecos de corpos vivos. Algumas andavam em círculos; outras iam de um lado para outro, percorrendo repetidas vezes o mesmo trajeto curto. Outras ainda vagavam sem destino, à deriva mais do que caminhando. Do alto, era como observar uma colônia de formigas lentas e atordoadas, movendo-se sem propósito. Apenas um fluxo errante sem fim. Limbo, para alguns. Para outros, os Campos de Asfódelos.

O lugar não era um dos tribunais do Inferno, apenas uma zona de retenção. Ali ficavam as almas chocadas e desorientadas dos recém-falecidos. Ali tinham espaço e tempo infinitos para se orientarem antes de decidirem seguir adiante. No tratado de Tálamo, os Campos de Asfódelos eram descritos como uma área de espera. Não muito diferente do saguão da estação de Cambridge South, a não ser pelo fato de que não havia quiosque de café e todos ainda estavam decidindo se queriam embarcar no trem.

Alice tinha bons motivos para acreditar que o professor Grimes talvez ainda estivesse ali. De modo geral, os mortos não costumavam ter pressa de seguir em frente. Precisavam de tempo para processar as lembranças, os arrependimentos e os desejos. Alguns ficavam na esperança de se reunir com entes queridos antes de buscarem juntos a reencarnação. Outros não acreditavam em reencarnação. Havia ainda aqueles que permaneciam nos campos para sempre, convencidos de que a grande ressurreição estava chegando e que só precisavam afundar em um estupor e esperar pelo fim dos tempos. E havia os que ficavam por puro terror do que o resto do Inferno lhes reservava, pois uma eternidade de tédio era melhor do que os castigos que receberiam.

O professor Grimes, na opinião de Alice, tinha muito de que se redimir. Se fosse ele, não sairia dali tão cedo.

Mas como iam encontrá-lo em meio a tanta gente? Os campos se estendiam até onde a vista alcançava, e nenhuma daquelas almas parecia familiar. Mesmo depois de descerem para o vale, misturando-se à multidão, as Sombras continuavam tão vagas e indistintas quanto aparentavam ser de longe. Alice examinava cada uma pela qual passava, mas via apenas silhuetas borradas, a maioria sem rosto ou com expressões igualmente melancólicas. Nunca conseguia se aproximar o suficiente para dar uma olhada melhor. Os mortos se afastavam toda vez que os dois chegavam perto, como insetos fugindo de mãos que os enxotavam.

— O que foi mesmo que você usou como âncora? — perguntou Peter depois de um tempo.

Um dos problemas mais frustrantes de uma viagem ao Inferno era descobrir para onde ir e onde encontrar a alma que se esperava resgatar. Muitos haviam morrido desde o início dos tempos e, infelizmente, o Inferno era um lugar muito grande. A solução era uma Âncora de Radiestesia: uma seção do pentagrama que usava um símbolo ou objeto físico como ponto de fixação espaço-temporal no submundo. Mas a âncora de Alice, ao que parecia, só os havia levado a um espaço indistinto.

— Usei um objeto da mesa dele. — Ela olhou em volta, desesperançosa. — A placa que deram pro professor em Paris, no ano passado. Ele joga a maioria dos prêmios fora, mas deixava aquela placa bem à vista, virada pra quem entrasse na sala, então achei que era importante pra ele.

— Eu sei que placa é essa. É só de madeira, né? Sem letras douradas?

— É, é só um entalhe.

Peter assentiu, ponderou por um momento e em seguida falou:

— Posso fazer uma sugestão?

— Pode, claro.

— É que não quero parecer crítico demais.

Ele disse isso de forma tão cortês que Alice teve vontade de lhe dar um tapa.

No passado, ele não costumava medir palavras quando falava com ela. Costumava gritar: *Alice, sua idiota, você pulou uma linha, estragou tudo!* E ela revidava na mesma moeda, apontando que tinha sido *ele* quem havia pulado uma linha, e então os dois discutiam furiosamente, riam e resolviam o problema. Houve uma época em que podiam discutir, e discutir era divertido. Houve uma época em que podiam ser francos um com o outro. Mas isso tinha sido muito, muito tempo atrás.

— Estamos perdidos no Inferno — comentou ela. — Pode sugerir o que quiser.

— Então, no *Apócrifo*, Macedônio afirma que a maioria dos objetos do mundo dos vivos perde a força direcional no Inferno — disse Peter. — Desculpa… Peguei o livro antes que você tivesse a chance, então não tinha como você saber. Mas a ideia é que os vínculos emocionais que estabelecemos com objetos que existem há muito tempo são, na verdade, muito superficiais em comparação com sua história. Ainda mais algo como uma placa, que é só um pedaço de madeira esculpida. Foi modificada com o polimento, é claro, mas ainda é, em sua essência, apenas aquela madeira. Nossas interações com ela são fugazes no longo curso de sua existência.

Tudo isso pareceu muito óbvio para Alice quando Peter explicou.

— Eu deveria ter pensado nisso.

— Então, sua placa pode ter nos colocado perto de todos os carpinteiros que já viveram.

— Entendi.

— Ou de qualquer entusiasta de trilhas.

— Certo.

— Ou até mesmo de pessoas que simplesmente gostavam de árvores.

— Aonde você quer chegar, Murdoch?

— Na verdade, é um dilema muito interessante — respondeu Peter. — A forma como o Inferno se organiza em termos espaciais. Vamos supor que Macedônio esteja certo e que a paisagem do Inferno se reconfigure para formar uma imagem espelhada do mundo dos vivos. O que acontece quando esses planos se sobrepõem? Quando almas de diferentes tempos e espaços interagem? Que Inferno elas experimentam? Eu me pergunto se…

Alice o interrompeu. Aquele era um comportamento típico de Murdoch; se o deixasse continuar, ele divagaria até esquecer o motivo pelo qual tinha começado a falar. Peter sempre se interessava mais pelo problema do que pela resposta. Isso fazia dele um grande estudioso, mas também um parceiro de trabalho exaustivo.

— Macedônio oferece uma solução?

— Hum? Ah, é! Ele diz que nós temos que fazer os mortos virem até nós. — Peter tirou a mochila das costas e se ajoelhou no chão. — E sugere fazer isso com um sacrifício.

Ele tirou três objetos da mochila: um maço de cigarro, uma fatia de pão Lembas e uma garrafinha de vinho do Porto *tawny*.

— Uma refeição — explicou. — Algo muito enraizado em termos temporais. Tem que acertar a década, entende? Objetos têm histórias longas. Já

no caso dos alimentos, os ingredientes específicos nas proporções exatas e as rotas que têm que percorrer para chegar lá, tudo isso é extremamente específico em termos cronológicos.

Peter arrumou os cigarros em uma pequena pilha, esmigalhou o pão Lembas sobre eles e jogou o vinho do Porto por cima. Em seguida, riscou um fósforo e ateou fogo em tudo.

O aroma era tão bom para Alice que chegava a ser perturbador, até mesmo o tabaco. Lembrava a sala de descanso do departamento — embalagens de pão Lembas, canecas usadas, sofás manchados de vinho do Porto, filtros de café úmidos na lixeira. Cheiro de lar.

Grossas gavinhas de fumaça negra se desenrolaram acima da pilha e se dissiparam no ar cinza. Os campos ficaram fora de foco e em seguida começaram a se desvanecer ao redor deles. Grupos inteiros de Sombras desapareceram, uma a uma, até os dois ficarem completamente sozinhos.

Um único borrão surgiu no horizonte, ficando cada vez maior à medida que se aproximava.

— Não pode ser! — exclamou Peter.

Não era o professor Grimes. Era o gato do departamento.

A maioria dos departamentos de Cambridge tinha um gato ou, melhor dizendo, os gatos tinham departamentos. Os felinos não usavam coleira, não dormiam na casa de nenhum dos professores, não pareciam leais ou particularmente amigáveis com nenhum aluno ou membro do corpo docente. Tudo o que se sabia era que, um dia, um deles aparecia miando de fome e, como ninguém resistia a oferecer comida e água, o bichano ia ficando por lá, cada vez mais mimado, até que, em algum momento, a história era modificada, e o gato na verdade sempre havia feito parte da instituição.

O gato do Departamento de Magia Analítica era um animal esguio, de olhos verdes e pelo cinza-escuro, com uma magnífica cauda que parecia um espanador. O nome dele era Arquimedes e, até onde Alice sabia, não havia sombra de dúvida de que estava vivo. Tinha visto o bichano naquela manhã, tentando pateticamente acertar borboletas no jardim da frente.

Ela se ajoelhou. Arquimedes não gostava muito de ser acariciado, preferia que mantivessem contato visual ao falar com ele. Algo relacionado a respeito.

— O que está fazendo aqui?

Arquimedes piscou, a cauda balançando de um lado para o outro. Circundou o fogo e o farejou. Não parecia nem um pouco incomodado por estar no Inferno.

— Os gatos *podem* cruzar fronteiras — murmurou Alice. — Eu li sobre isso! Eles conhecem os tribunais, podem ver os mortos.

— Você pode nos ajudar, então? — Peter se aproximou do gato. — Pode nos levar até o Grimes?

Por um momento, Arquimedes pareceu ponderar o pedido. Seus olhos se detiveram no fogo por um bom tempo, tanto que Alice sentiu um lampejo de esperança — o gato parecia tão sábio, o olhar tão carregado de significado. *Eu cruzei oceanos temporais*, diziam aqueles olhos. *Eu vi o mundo oculto.* Então ele soltou um miado carregado de desdém e disparou de volta pelas dunas.

Alice se levantou.

— Inútil.

— Olha — disse Peter.

Onde Arquimedes havia desaparecido, quatro figuras surgiam no horizonte. Formas delicadas e hesitantes. Nenhuma delas possuía a altura imponente e a elegância do professor Grimes. Conforme se aproximavam, a luz suave de seu rosto ficou visível sob o sol baixo e ardente. Inocentes. Mal eram adultos. Marcas escuras espalhadas pela pele feito manchas de tinta.

— Peter. — Alice sentiu um aperto no peito. — Esses não são…

— Ah, meu Deus! — exclamou Peter. — Achei que a essa altura já teriam seguido adiante.

— Pelo visto, não — comentou Alice, preparando-se para encarar as primeiras vítimas do professor Grimes.

* * *

Trinta anos atrás, em Cambridge, um feitiço deu errado e quatro alunos de graduação morreram. O pós-doutorando encarregado foi destituído de seus títulos acadêmicos e banido de volta para Bristol em desgraça. Todos os envolvidos eram alunos do então jovem professor Jacob Grimes.

Oficialmente, a universidade atribuiu as mortes a um incêndio no prédio — o que não era exatamente mentira, já que a explosão resultante havia incendiado todo o bloco esquerdo — e enviou as cinzas dos estudantes para os pais, junto de uma carta garantindo que Cambridge não era de forma alguma responsável e que processos judiciais seriam uma péssima ideia. De maneira muito conveniente, uma investigação apontou falhas nas tubulações de gás, o que permitiu que a universidade colocasse a culpa nas normas de construção e na má conduta do empreiteiro, e não na natureza de experimentos mágicos que poderiam de fato incendiar metade de um prédio. Tudo isso significou que o departamento nunca foi responsabilizado pelo que aconteceu. Havia sido um acidente trágico, nada mais.

Mas ninguém nunca perguntou por que o professor Grimes permitiu que

um incêndio consumisse o laboratório, para começo de conversa. Ninguém jamais considerou que, como orientador responsável tanto pelo desenvolvimento intelectual quanto pela segurança de seus alunos, ele deveria estar acompanhando o desenrolar do experimento em vez de estar trancado em seu escritório no terceiro andar, com uma formidável placa de NÃO ENTRE pendurada na porta. (Grimes tinha muito orgulho daquela placa; um grupo de formandos havia lhe dado de presente como piada, e ele a aceitou sem o menor traço de ironia.) Ninguém jamais sugeriu que talvez, além de se dedicar a suas pesquisas, o professor deveria estar cumprindo seus deveres de docente. Não era o único negligente, afinal de contas: todos os docentes do departamento eram relapsos quando se tratava de suas funções de ensino. Por que perder tempo cuidando de alunos de graduação quando se poderia trabalhar em literalmente qualquer outra coisa?

Então, nada daquilo teve impacto sobre a carreira de Jacob Grimes. Ninguém podia provar que a culpa tinha sido dele. Não era possível traçar uma linha direta entre suas ações e o incêndio. Ele nem sequer estava presente. Além disso, acidentes eram muito comuns na magia. Apenas duas semanas depois, uma harpa encantada recuperada da Assíria colocou metade do departamento de Harvard em um sono paralisante, e isso ofuscou bastante o incêndio de Cambridge na rede de fofoca acadêmica. (Nenhum contrafeitiço foi eficaz; a cura acabou exigindo enormes quantidades de anfetamina, que um número surpreendente de estudantes de pós-graduação tinha à disposição.) O consenso geral era que a magia envolvia riscos, em especial a magia visionária e revolucionária pela qual o professor era conhecido. De qualquer forma, a culpa havia sido dos próprios alunos, e estavam todos mortos. Isso já era punição suficiente.

* * *

À medida que as Sombras se aproximavam, Alice se deu conta, horrorizada, que a aparência delas era a mesma do estado do corpo no momento da morte. Uma delas parecia quase intacta, tinha apenas alguns arranhões no rosto e nos braços. Uma das alunas havia morrido por inalação de fumaça, segundo o relatório. As chamas nunca a tocaram. Ela havia se arrastado até um canto e se escondido sob uma lona à prova de fogo e, de acordo com os bombeiros, foi por isso que só a encontraram quase uma hora depois que o incêndio foi controlado. Talvez tivesse permanecido viva por muito tempo — ninguém sabia ao certo, e ninguém quis se aprofundar nessa questão. Os pais realizaram um velório de caixão aberto em Ely e convidaram todo o departamento. Isso foi antes da época de Alice, mas

ela tinha quase certeza de que o professor Grimes não havia comparecido.

Os outros tinham ficado desfigurados por causa das queimaduras. Alice sentiu o estômago embrulhar só de olhar para eles. Uma coisa era ler as teorias sobre os mortos; testemunhá-las era outra bem diferente. Membros carbonizados, rostos petrificados, mandíbulas descarnadas, dentes expostos em sorrisos rígidos. Somente os olhos não apresentavam cicatrizes; olhos fixos, suplicantes, melancólicos, curiosos. Será que passariam a eternidade assim? Ou só tinham escolhido se apresentar daquela forma por enquanto? A literatura sobre Sombras e corporeidade era escassa e inconclusiva. Alguns estudiosos acreditavam que elas eram preservadas, involuntariamente, como estavam no momento da morte. Outros argumentavam que tinham a capacidade de se manifestar como quisessem. De qualquer forma, Alice achou indelicado perguntar.

— Olá — disse ela, com cautela. — Nós somos de Cambridge.

As Sombras se aproximaram, parecendo bastante entusiasmadas. Alice não conseguia decifrar a expressão dos três carbonizados, já que nunca paravam de sorrir, mas a expressão da garota quase intacta era receptiva, radiante.

— Estamos procurando por uma alma que faleceu não faz muito tempo — acrescentou Peter. — O professor Jacob Grimes.

A garota quase intacta ofegou, e o som se espalhou pelas Sombras feito vento sobre as rochas.

— *O professor Grimes?*

— O professor Grimes está aqui?

— Grimes!

Então, as Sombras podiam falar. Suas vozes eram um eco umas das outras; uma frase repetida quatro vezes em timbres ligeiramente diferentes. Alice não sabia dizer se as Sombras não eram capazes de falar de outra maneira ou se, depois de décadas juntas, enfrentando a eternidade, suas personalidades haviam se misturado e se fundido de tal forma que não se reconheciam mais como distintas umas das outras. Elas começaram uma conversa animada, comunicando-se entre si por meio de cliques e assobios ininteligíveis. As únicas coisas que Alice conseguiu entender foram: “Grimes”, “Não é possível” e “Virgem Maria!”.

— Vocês têm alguma ideia de onde ele possa estar? — interrompeu Peter.

— Ele ainda deve ser uma Sombra — comentou uma garota de tranças.

— Sim, uma Sombra, a menos que…

— A menos que o quê?!

— Mas não teríamos como saber.

— Não falaria com a gente.

— Importante demais — resmungou um garoto de óculos. — Teria simplesmente nos ignorado.

— Ignorado.

— Sem falar nada.

— Ele passou por aqui — confirmou a garota quase intacta. — Tão rápido que pensei que fosse um sonho. Mas agora que vocês mencionaram… Eu vi. Vi mesmo. Acenei. O Grimes disse olá.

Os outros três flutuavam para cima e para baixo, agitados.

— Você viu o Grimes?

— Ele disse *olá*?

— Por que não nos contou?

— Ai, meu Deus! — A Sombra quase intacta brilhou por um momento; por um instante, sua forma assumiu um aspecto mais sólido e nítido, e Alice vislumbrou um lampejo de vermelho em seu cabelo. — Têm ideia de como é irritante passar a eternidade com vocês? Era uma lembrança só minha, uma coisa que aconteceu *comigo*, e eu não queria compartilhar.

As outras Sombras pareceram ofendidas. Alice podia ver a forma da irritação delas, finas espirais de miasma cinzento pairando em torno de seus ombros.

— Poderia ter nos contado.

— Poderia.

— Não faz sentido guardar segredos.

— Há uma eternidade pra segredos.

— Esperem — interveio Alice, desesperada, antes que as Sombras se perdessem no próprio falatório. — Quando foi isso?

— Não sabemos — respondeu o garoto de óculos. — Aqui não existe tempo.

Isso era comprovadamente falso do ponto de vista metafísico, mas Alice preferiu não tocar no assunto.

— O que o professor falou?

— Ele queria direções — respondeu a garota quase intacta. — Não aguentava mais os campos. Não via a hora de sair daqui.

— E pra onde nós iríamos? — perguntou Peter. — Se também quiséssemos sair daqui?

Os estudantes de graduação apontaram. Alice e Peter se viraram, e lá estava uma linha branca ao longe — um muro ou um prédio, ela não sabia dizer ao certo, mas pelo menos era alguma estrutura que prometia pôr fim à monotonia de areia. Alice não achava que aquilo estivesse ali antes. Estreitou os olhos e viu o que, àquela distância, lembrava um enxame de formigas em torno de um

formigueiro. Sombras, milhares delas, fazendo fila para qualquer que fosse a libertação que aguardasse atrás daquela coisa branca.

Os alunos de graduação suspiraram, desanimados, todos ao mesmo tempo.

— As filas…

— Tão longas!

— Nunca chegamos ao fim…

— Pior do que comprar ingresso pra show…

— Eu só consegui ir a um — declarou o garoto de óculos. — Vi as Chordettes. Fiquei quatro horas na fila.

Isso desencadeou outra onda de agitação.

— Você viu *as Chordettes*?

— Concentrem-se — pediu Peter. — Por favor. Essa é a única maneira de chegar ao primeiro tribunal?

— Ah, sim.

— Todo mundo tem que ficar na fila.

— Até o professor Grimes.

— Esperar sua vez.

— Sem exceções.

A garota quase intacta inclinou a cabeça.

— Vocês vão salvá-lo?

Diante dessa pergunta, todos os alunos de graduação avançaram e se aglomeraram ao redor de Alice e Peter.

— Vão tirá-lo daqui?

— Isso é pra *pesquisa* de vocês?

— É pra um *artigo*?

Alice sentiu uma pontada de compaixão. Sempre teve carinho pelos alunos de graduação, por mais que adorasse reclamar deles. Na verdade, era um prazer ensinar para os alunos de Cambridge. Criaturas ingênuas e ansiosas. Com poucas exceções, nunca eram preguiçosos, nem insolentes. Muito pelo contrário. Eram, de modo geral, mentes alegres e em formação que ainda pediam permissão para ir ao banheiro durante as aulas, que com frequência esqueciam a ordem das operações ao passar da matemática para a lógica, que gaguejavam de nervoso durante os horários de atendimento e começavam os trabalhos com declarações vazias como "O OXFORD ENGLISH DICTIONARY DEFINE VALIDADE COMO…" e "DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS, A HUMANIDADE É ATORMENTADA PELO PROBLEMA DA RACIONALIDADE". Costumava vê-los se aglomerando no Pick depois das aulas, com as bochechas coradas por causa do frio, conversando animadamente enquanto bebiam cerveja barata e comiam batata frita murcha. Gostava de vê-los debatendo com empolgação sobre as disciplinas, gesticulando, as vogais um

pouco exageradas, o jargão pesado. Eles a faziam se perguntar, com inveja, se a ignorância não seria de fato o segredo da felicidade.

— Vamos juntos, então? — perguntou Peter com delicadeza. — Não está na hora de vocês seguirem adiante?

Ao que parecia, essa foi a pergunta errada a se fazer. Os graduandos se encolheram em uma massa densa e glutinosa de angústia psíquica. O ar ficou subitamente mais frio. Os pelos dos braços de Alice se arrepiaram. Ela fez uma anotação mental sobre isso. *Sombras podem afetar a atmosfera, se perturbadas.*

— Medo — afirmou a garota quase intacta por fim.

Os outros assentiram.

— Medo do quê? — indagou Peter. — Vocês estão todos tão… Quer dizer, tenho certeza de que não têm muito de que se redimir.

Todos balançaram a cabeça com violência.

— Não é isso.

— Não, não…

— Nós temos medo de *passar*.

— Medo de não ser…

— Medo do Lete…

— Medo de esquecer…

— De nos tornarmos…

— Medo de sermos outros.

— É só reencarnação — declarou Peter. — Não vão se lembrar de nada.

— Exatamente. Nós éramos magos — disse o garoto de óculos. — Se formos…

— Não vamos mais ser magos.

— Vocês só podem estar de brincadeira — resmungou Peter, com sua clássica falta de tato.

Alice achou que ele estava sendo um tanto ignorante. É claro que aquelas Sombras estavam com medo. As almas costumavam permanecer em Asfódelos por anos — décadas — antes de tentar a reencarnação. A perda de identidade era uma perspectiva aterrorizante. Quem você seria sem suas memórias, seu passado, seus relacionamentos, sua posição no mundo? E se o que lhe coubesse na próxima vida fosse muito pior do que o que tinha acabado de deixar para trás? Não importava que, em teoria, as almas tivessem infinitas vidas e infinitas chances de vivenciar coisas boas e ruins. Da perspectiva subjetiva da alma, reencarnar não era diferente de morrer.

Além disso, era sempre uma loteria. Alice entendia que eles não quisessem tentar a sorte.

— Vocês mal viveram — insistiu Peter. — A vida tem muito mais a… Não

gostariam de tentar de novo?

Os alunos de graduação estremeceram.

— Mas a magia…

— Mas Cambridge…

— O trono do mundo intelectual — disse a garota quase intacta. — Um privilégio inimaginável.

— É a única escolha racional — declarou o garoto de óculos. Pronunciou-se com tanta autoridade que os outros pareceram se encolher por um momento às suas costas, como se lhe dessem permissão para falar em nome do grupo. Sua voz se tornou mais grave. Ele gesticulava enquanto falava, imitando um professor. — Vejam, considerando a população da Terra, é muito provável que a gente reencarne abaixo da linha da pobreza. A maioria nunca frequentou uma escola, muito menos Cambridge. Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida, como dizia Sócrates. Portanto, buscar a reencarnação é apostar com chances incrivelmente ruins em uma vida que não vale a pena ser vivida. Por exemplo, depois de reencarnar, nós poderíamos acabar fazendo alguma coisa como… não sei, trabalhar em plantações de arroz na China.

— Ordenhar vacas no Arkansas — sugeriu a garota quase intacta.

— Minerar diamantes na África.

— Espera aí — reclamou Alice. — Isso é bastante preconceituoso…

— Ser um idiota.

— Ser um idiota! — As quatro Sombras estremeceram, tal qual gelatina. — Ah, que horror! Ah, não ser inteligente…!

— E se você nunca aprender a *ler*? — lamuriou-se uma das Sombras.

— Mas vocês estão mortos.

Aquilo tinha ido longe demais; Alice teve que intervir. Alunos de graduação faziam isso com frequência: se deixavam levar por ideias equivocadas, comparavam listas de exercícios e se confundiam tanto que desemaranhar seus pensamentos exigia o dobro do trabalho. Eram como cinco homens cegos descrevendo um elefante; eram três ratos cegos guiando uns aos outros em círculos.

— Vocês estão no Inferno — prosseguiu ela. — Esse parece ser o pior estado possível.

— Nós somos *magos* mortos — respondeu o garoto de óculos. — É diferente.

— Não é nem um pouco diferente — retrucou Peter. — Vocês continuam presos aqui.

— Mas por que *vocês* estão aqui? — perguntou a garota quase intacta. — Por que vieram?

Eles se agarraram a essa linha de questionamento com entusiasmo.

— Por quê?

— É, por quê?

— Metade do tempo de vida…

— O preço…

— O preço!

— É diferente. — Foi a vez de Alice falar. — Ainda podemos ser magos. *Isso* faz valer a pena.

— Ah — murmurou a garota quase intacta. E então empregou a mais irritante das táticas argumentativas, que era concordar e ao mesmo tempo deixar claro que achava o raciocínio dela estúpido. — *Tudo bem*, então.

Os outros estudantes de graduação não disseram nada. Que réplica precisariam fazer? Limitaram-se a observar Alice com expressões idênticas de reprovação silenciosa, até que suas formas começaram a se desvanecer, até que as queimaduras se tornaram lampejos, até que desapareceram no ar.

— Caramba! — exclamou Peter. — Acho que acabaram de mandar a gente à merda.

— Ah, deixa pra lá — resmungou Alice. Sentiu uma pontada de irritação, um desconforto latente, e não quis mais pensar naqueles graduandos. O Inferno estava cheio de pequenas tragédias. Não fazia sentido se preocuparem com aquela. — Eles têm a eternidade pra resolver isso.



CAPÍTULO TRÊS

A linha branca era de fato um muro: uma grande superfície plana que desaparecia no céu e se estendia a perder de vista em ambas as direções. Abaixo, um grande aglomerado de Sombras arrastava os pés com impaciência, as vozes como folhas secas farfalhando ao vento.

— Estou aqui há séculos…

— Nada se move…

— Disseram que a taxa de natalidade caiu.

— Caiu?

— O boom do pós-guerra acabou, todos os lugares estão desenvolvidos e todas as mulheres estão tomando pílula…

— Ah, é *isso*?

— Minha nossa. — Peter ficou na ponta dos pés, tentando enxergar por cima da multidão. — É pior do que a Fifth numa sexta-feira.

— Você já foi à Fifth? — perguntou Alice.

— Eu tentei. Nunca consegui entrar.

Ela de fato tinha a sensação de estar do lado de fora de uma boate, só que não conseguia ver as portas e não havia ninguém controlando a fila.

— Você acha que ele ainda está aqui?

A perspectiva não era confiável no Inferno. Era impossível dizer a velocidade com que as almas estavam avançando ou quanto faltava até chegarem ao muro. O professor Grimes poderia ter passado por ali dias antes. Poderia estar parado na fila, a vários metros de distância. Alice desejou ter consultado algum material sobre taxas de natalidade e mortalidade. Quantas pessoas no mundo

haviam morrido nos últimos dois meses? Quantas haviam reencarnado desde então? Não se lembrava de nenhuma informação nos arquivos sobre filas para sair de Asfódelos — Orfeu e todos os outros pareciam simplesmente ter entrado direto nos tribunais —, mas todos os relatos de viajantes eram de uma época em que o mundo era menor, quando um número mais gerenciável de almas ia e vinha. Era possível que aquele muro fosse algo recente. Uma espécie de controle imigratório ctônico do pós-guerra.

— Podemos gritar o nome dele — sugeriu Peter.

— Ah, é melhor não.

Alice ainda não tinha visto nenhum sinal de divindades tutelares, mas sabia que, via de regra, era melhor que quem estava de passagem não chamasse atenção. Ela deu uma olhada na fila e então endireitou os ombros.

— A gente pode simplesmente tentar *passar*.

As filas pareciam densas, mas as Sombras não eram imateriais? Setiya e Penhaligon decerto achavam que sim. As Sombras tinham apenas uma memória de seu corpo, eram feitas exclusivamente de substância espiritual e, portanto, não podiam interagir com o mundo físico de forma significativa. Alice e Peter eram de carne e osso, e a matéria prevalecia sobre o espaço vazio. Então, supondo que ela apenas *empurrasse*… mas não tinha dado nem três passos quando foi cercada por Sombras. Uma onda de irritação explodiu ao seu redor.

— Furando fila…

— Nada de furar fila…

— Fora.

— *Que falta de educação!*

Um frio cortante se espalhou por seus membros. Alice sentiu uma pressão viscosa contra a pele. Então estava errada: ao que parecia, as Sombras podiam, sim, se transformar em algo próximo da matéria quando lhes convinha. Lembrou-se da garota quase intacta de antes, de como, por um instante, tinha parecido mais sólida. A multidão se transformou em uma massa irascível soltando fogo pelas ventas, empurrando e espremendo de todos os lados até que Alice mal conseguia respirar. A pressão aumentou. Ela deu um grito e pulou para fora da fila.

— Tudo bem — disse. — Nossa… Nada de furar fila, já entendi.

A pressão desapareceu; o frio se dissipou. A massa voltou a se acomodar em fileira.

— Então isso está fora de questão. — Alice esfregou os braços. — Parece que eles… *ai!*

Uma Sombra passou por ela, dando-lhe uma cotovelada tão forte que quase a derrubou no chão. Parecia ter investido toda a memória corpórea naquele

cotovelo. *Doeu*.

— Malditos magos — sibilou a Sombra. — Nenhum respeito.

A dor nas costelas era terrível, mas Alice estava animada demais para se importar.

— Como sabe que somos magos?

— Suas mãos estão cobertas de giz — respondeu a Sombra. — Assim como os joelhos. O que mais vocês seriam, viciados em cocaína?

Naquele momento, Alice começou a suspeitar de que aquela alma fosse um matemático. Matemáticos odiavam magos.

— Você viu outro mago por aqui? — perguntou Peter, ansioso. — Nesses últimos dias?

— *Se eu vi um mago* — resmungou a Sombra. — Se eu vi um mago, um mago esnobe e arrogante, andando por aí como se fosse o dono do lugar, como se o restante de nós não existisse…

Isso soava exatamente como o professor Grimes.

— Quando? — indagou Alice.

— Um dia — falou a Sombra. — Uma semana. Um mês. Vai saber.

— E ele com certeza atravessou? — insistiu Peter. — Não está mais na fila?

— No ritmo em que ele estava indo? — A Sombra bufou. — Marchando como se tivesse que ir a algum lugar. Eu ficaria surpreso se já não tivesse chegado ao Oitavo Tribunal a essa altura. Devem tê-lo deixado entrar só pra se livrarem dele. E já foi tarde.

Alice quis correr até os portões naquele instante. Mas as Sombras estavam todas lhe lançando olhares de reprovação, e ela duvidava de que a deixariam passar educadamente se pedisse. O que fazer, então? Esperar a vez deles? Mesmo que conseguissem passar, porém, Alice não sabia quais divindades guardavam o fim da fila, ou se estariam dispostas a ajudar os vivos. E o professor Grimes estava se movendo rápido, com algum propósito. Se ele não queria se atrasar, então era porque estava decidido a reencarnar. Ela e Peter não podiam simplesmente ficar parados ali. Era uma corrida contra o relógio, e Alice não sabia por quanto tempo os tribunais poderiam reter uma pessoa como Grimes.

— Ei, Law.

Peter estava olhando para o muro. De longe, parecia uma estrutura de mármore lisa, impecável e plana, mas de perto Alice viu que, na verdade, era formado por milhares de pequenos ossos, empilhados uns sobre os outros em um bloco denso e antigo. Detritos acumulados de milhões de anos de vida. Uma montanha de tempo preservado. Embora se estendesse na horizontal a perder de

vista, não era tão alto na vertical: parecia se estender por quarenta ou cinquenta metros antes de se transformar em uma linha reta e lisa. Não era mais alto do que a biblioteca da universidade.

— Você acha que é muito difícil escalar isso? — perguntou Peter.

* * *

Eles caminharam perpendicularmente à fila até a multidão se dissipar. Agora podiam se aproximar da base do muro sem serem incomodados. As Sombras, por algum motivo, não pareciam interessadas em escalar — talvez porque não tivessem pressa ou porque sua materialidade frágil não lhes oferecesse estabilidade naquela superfície.

Uma pena, pensou Alice, porque o muro era de fato ideal para ser escalado. Grandes pedaços de osso se projetavam por toda parte — ótimos apoios para as mãos, fáceis de agarrar — e havia também diversos sulcos, perfeitos para firmar os pés. Ela ficou grata pelo fato de o muro ser feito apenas de osso — ao que parecia todos os pelos, a pele, o sangue e as partes cartilaginosas haviam sido corroídos muito tempo atrás. Não havia cheiro nem vestígios de carne. Em termos de textura, era excelente. Alice olhou para o muro e viu os Flatirons e o Peak District; viu gargalos, chaminés e fendas. O único problema, concluiu, seria a resistência física. Mas talvez pudessem descansar quando alcançassem o topo.

Ela respirou fundo, alongou os ombros e, em seguida, vasculhou a mochila.

— O que está fazendo? — perguntou Peter.

Alice estava triturando um pedaço de giz entre os dedos.

— É pra dar aderência — explicou. — E evitar que escorregue quando as mãos ficarem suadas.

— Como você sabe disso?

Ela esfregou o giz nas palmas.

— Eu costumava fazer escalada no Colorado. Ainda escalo às vezes. Tem um clube de montanhismo no campus.

— Que coisa mais americana.

— Cala a boca.

Alice procurou os pedaços mais próximos de osso saliente, encontrou pontos de apoio para os pés e se impulsionou para cima.

— Imita os meus movimentos. E não olha pra baixo.

Os dois subiram. Para sua alegria, Alice achou a escalada deliciosamente fácil. As pegas eram boas, o muro oferecia bastante atrito. Ela testava todos os pontos de apoio com cautela antes de depositar o peso neles, mas os ossos se

mantinham no lugar. Eras de acúmulo haviam compactado aqueles materiais de forma tão sólida que não havia um único pedaço solto.

Por um tempo, ela escalou e escalou, apreciando a firmeza das mãos e a facilidade com que conseguia se balançar de um apoio para outro. O esforço e a repetição eram agradáveis. Eram meditativos; exigiam toda a sua concentração, de modo que o burburinho ansioso dentro de sua cabeça se aquietava. Também foi bom perceber que ainda conseguia fazer aquilo. Nos últimos meses, não tinha se cuidado; temera que todos os músculos tivessem se atrofiado. Por outro lado, estava muito mais magra. Menos peso para erguer, o que fazia diferença, embora não tivesse certeza se aquela leveza formidável era resultado da agilidade real ou da fome, que deixava sua mente confusa.

Depois de um tempo, parou para dar uma olhada ao redor. Adorava fazer isso quando escalava no Colorado. Gostava de contemplar a enorme distância a que estava do chão. Isso nunca a perturbava. Àquela altura, já tinha ido longe demais para fazer qualquer coisa que não fosse continuar subindo, e esse fato imutável ajudava a reprimir sentimentos inúteis como o medo.

O Inferno se estendia lá embaixo, rumo ao infinito, planícies de sedimentos e dunas ondulantes. Para seus olhos cansados, aquele lado se resumia a dois blocos de cor: um cinza sedoso abaixo e um laranja-escuro ardente acima, pontuado por um sol que parecia estar sempre prestes a se pôr. Era muito bonito.

— Isso tudo é uma loucura — comentou. — Mas a vista é linda. Você está bem?

Peter não respondeu.

— Murdoch?

Alice olhou para baixo. Peter estava muito mais para trás do que ela imaginara; devia ter parado de se mover havia algum tempo. Seus quatro membros tremiam. A testa brilhava, coberta de suor. Ele piscava para o muro num ritmo frenético, como se tentasse com todas as forças não vomitar.

— Murdoch?

Por um momento, Peter pareceu não registrar a voz dela. Então, por fim, ele anunciou:

— Acho que estou tendo um ataque de pânico.

Era extremamente inapropriado, mas Alice riu.

— Murdoch, você tem medo de altura?

— Eu não queria te contar — retrucou ele, ofegante. — Achei que ia conseguir… aguentar…

— A ideia de escalar foi sua!

— Eu sei, mas estava falando em *teoria* — resmungou Peter. — Ah, meu Deus, Law…

— Está tudo bem, está tudo bem — disse ela às pressas. — Olha, você chegou até aqui…

— Mas agora meu cérebro travou, e não consigo me mexer. — Ele fechou os olhos. — Ai, meu Deus. Ai, meu Deus…

— Para de falar. Só respira.

Alice se deu conta da gravidade da situação. Manteve a calma. Já havia convencido alunos de graduação a não desistir dos seminários do professor Grimes. Tinha, para o bem ou para o mal, muita prática em afastar o medo com as palavras.

— Tem um bloco sólido um pouco para cima. Você pode apoiar os pés nele e se inclinar pra frente, o que vai dar um descanso pros seus braços. Acha que consegue subir só mais uns apoios?

— Não consigo soltar as mãos — gemeu Peter mais uma vez. — Meus pulsos…

— Faz isso ou então você vai morrer — disparou Alice com impaciência. — *Vamos*, Murdoch. Não pensa, só faz.

Por um milagre, Peter obedeceu. Os pés encontraram estabilidade, e ele se inclinou para a frente contra o muro, com as mãos espalmadas para manter o equilíbrio. O peito subia e descia com o esforço.

— Muito bom — elogiou Alice. — Agora, vamos… vamos só respirar um pouco, começar de novo…

— Meus antebraços estão ardendo — reclamou Peter, ofegante.

— Você está usando muito os polegares. Olha. — Ela demonstrou com uma das mãos. — Em vez disso, tenta se pendurar com os outros quatro dedos. Vão te dar toda a tração de que precisa. É pra enganchar, não pra apertar.

Peter passou um longo momento apenas respirando contra o muro. Alice se perguntou se ele a teria ouvido. Mas então o rapaz estendeu uma das mãos, hesitante, a outra apoiada na parede para manter o equilíbrio, e flexionou os dedos.

— Tudo bem — falou. — Eu acho… que isso faz sentido.

— E se precisar descansar, encontra um apoio firme pros pés, fica em pé e se apoia contra o muro como está fazendo agora. Isso vai aliviar um pouco a pressão dos braços. Entendeu?

Ele assentiu vigorosamente, de olhos arregalados.

— A hesitação é sua pior inimiga. Se vir um ponto de apoio, simplesmente *se joga nele*. Quanto mais você vacilar, mais exausto vai ficar. Entendeu?

— Sim, senhora.

— Cala a boca, Murdoch, estou salvando a sua vida. — Alice polvilhou as palmas com um novo pedaço de giz e o entregou a ele. — Passa giz, você está

suando.

Peter obedeceu. Os dois continuaram subindo. Daquele ângulo, Alice não conseguia dizer quanto tinham avançado, se haviam chegado à metade do caminho ou não. Todas as distâncias e texturas haviam sido reduzidas a abstrações, linhas em uma tela, e tudo o que conseguia ver em todas as direções era uma extensão interminável de branco irregular, e além dele o céu ou o chão. Não havia como medir o ritmo até o fim. A única coisa que podia fazer era ignorar a passagem do tempo e os limites da própria resistência, que se aproximavam rapidamente, e continuar jogando um braço para cima e depois o outro. Uma distância observada nunca diminui. Mãos, mãos, pés, pés. Mãos, mãos, pés, pés.

Por fim, sua mão direita encontrou uma superfície plana e larga. Ela se atreveu a inclinar a cabeça para cima. Pronto: não havia mais muro, apenas céu, tinha conseguido. Na escalada, chamavam esse momento de “ascensão”. Alice respirou fundo e, com um último impulso, se empurrou por sobre a borda. Depois ficou de joelhos e olhou para baixo.

Peter a encarava com uma expressão apavorada. Tremia violentamente. Alice teve medo de ele se soltar, e ainda estava alguns metros abaixo dela, longe demais para que pudesse puxá-lo.

— Você está bem perto — disse ela. — Está quase lá. E aqui em cima é plano, quase um metro de largura, nós podemos descansar aqui, só precisa terminar a escalada.

Talvez Peter tivesse dito alguma coisa em resposta, mas ela não conseguiu entender o quê. A única coisa que conseguiu ouvir foi um chiado de dor.

— Só olha pra mim — pediu. Ele levantou a cabeça. — Isso.

Com as mãos trêmulas, Peter agarrou o apoio seguinte. Depois o próximo.

— Agora move os pés — sussurrou ela. — Devagar… Isso, isso… Agora mais um.

Ele colocou uma das mãos no topo. Alice agarrou seu pulso. Peter colocou a outra mão, apenas o suficiente para que ela o erguesse sobre o muro. Com um grande puxão, Peter caiu sobre Alice com um grito.

Os dois ficaram deitados por um longo instante, ofegantes. Alice sentiu algo úmido contra a pele. Inclinou a cabeça para baixo e viu o rosto de Peter junto a seu pescoço. Ele estava chorando.

— Está tudo bem — murmurou ela. — Está tudo bem.

Teria se desvencilhado, mas Peter ainda tremia e parecia, pensou Alice de uma maneira um tanto indevida, um homem depois do sexo. Achou melhor deixar que ele tivesse aquele momento. Recostou a cabeça e fechou os olhos, saboreando a doce fadiga que pulsava em seus membros.

Meu Deus. Fazia muito tempo que não sentia aquele tipo de dor. Estava acostumada com a exaustão, sim, mas aquela dor latejante — aquela evidência gritante de que havia levado o corpo ao limite e não havia sucumbido; de que, na verdade, *tinha* um corpo capaz de fazer tudo aquilo — era boa.

Tentou se concentrar naquela queimação agradável. Não no calor de Peter contra seu peito. Não no absurdo de Peter deitado sobre ela, o que era, de certa forma, comparado a uma escalada no Inferno, o detalhe mais ridículo daquela situação. Não na sensação estranha que sentia ao vê-lo tão vulnerável, *dependendo* dela, e como aquilo não era nem um pouco gratificante, apesar de ter passado muito tempo desejando que o rapaz lhe revelasse qualquer fraqueza. Mas tudo aquilo só o fazia parecer mais humano, e quanto mais humano Peter parecia, mais a confundia.

Por fim, os soluços dele diminuíram.

— Desculpa. — Ele se afastou e se sentou. — Estou muito envergonhado.

— Não precisa ficar — murmurou Alice, ainda de olhos fechados.

— É que fiquei apavorado. Acho que nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

— É natural.

— A cada movimento eu achava que ia cair. Toda vez que me soltava, achava que era o fim.

— Precisa se esforçar muito pra cair. — Alice se levantou e se sentou, depois estendeu a mão para dar um tapinha no joelho dele. — Confia no seu corpo. Você não vai cair.

O que não mencionou foi como era comum escorregar, ou como era boa a sensação quando isso acontecia. O choque da liberdade. Aquela fração de segundo em que se perdia todo o contato com a parede de escalada, quando todos os apoios desapareciam. A subsequente leveza. O baque. No Colorado, as pessoas estavam sempre se jogando da parede nas posições mais ridículas, só para fazer os amigos rirem.

Às vezes, Alice fazia de propósito. Soltava-se quando estava quase no topo de um ponto difícil, ou deixava os dedos escorregarem dos apoios projetados para iniciantes. Esses eram os seus favoritos. Eram muito firmes, convexos, de modo a conter a curva dos dedos. Era preciso um esforço real para escorregar deles. Você tinha que querer cair.

Ela gostava da fragilidade de tudo aquilo. De como o chão subia rapidamente se, por um segundo, você parasse de prestar atenção. Se relaxasse a respiração, ficasse em paz e apenas… se soltasse. Era bom saber como cair. Experimentar o pior. Saber que era uma opção.

Deu-se conta de que essa percepção não era muito útil naquela hora, então

a guardou para si mesma.

— Acha que consegue continuar?

Ela olhou para trás e viu que Peter a observava com uma expressão estranha.

Não conseguia discernir o que era. Não, não era admiração. Com certeza não era desejo. Era uma espécie de vulnerabilidade de olhos vidrados e lábios entreabertos — uma receptividade infantil, na verdade, na falta de uma descrição melhor. Ela não gostou. Era familiar demais. Evocava uma versão dela, *deles*, que não existia mais. Fazia com que sentisse *coisas* — e isso era inaceitável, porque, no último ano, Alice e Peter haviam decidido que a melhor maneira de lidarem um com o outro era fingir que os dois eram duros feito pedra.

O momento se estendeu por tanto tempo que Alice abriu a boca, procurando qualquer coisa com a qual quebrar o silêncio. Mas então passou. Peter baixou o rosto, esfregou as mãos nas coxas e se ajoelhou para dar uma espiada do outro lado do muro.

— Meu Deus.

Alice se juntou a ele.

A princípio, pensou que estivesse olhando para um mar, pois a primeira impressão que teve foi de ver um movimento ondeado e nauseante; um aglomerado em constante agitação. *Estou sonhando*, pensou. E então: *Ah, não, de novo, não*. Porque isso acontecia às vezes; na verdade, acontecia o tempo todo. Quando deixava o olhar relaxar, todo tipo de coisa começava a se infiltrar pelas bordas de sua visão, coisas fantásticas: serpentes de muitas cabeças, lobos devorando o sol. Um amigo que estudava neurociência lhe dissera certa vez que a visão era, em grande parte, memória, que o cérebro identificava um padrão e preenchia o resto. Mas o banco de memória de Alice estava transbordando. O mecanismo de combinação estava com defeito, e seu cérebro preenchia os padrões com as coisas mais absurdas. Lousas se tornavam estacionamentos. Macieiras se tornavam Jesus crucificado. Muitas vezes, estava na fila do caixa do Sainsbury’s e via na esteira cadáveres em vez de repolhos.

Mas isso só acontecia se não se concentrasse. Estava se concentrando muito naquele momento e, toda vez que seu olhar se fixava em um único ponto, o plano se estabilizava, e ela conseguia distinguir os contornos de uma paisagem reconhecível: montanhas e desertos, trilhas sinuosas, territórios demarcados que esperava que totalizassem oito. Piscou uma vez e vislumbrou o que parecia ser Cambridge de uma vista aérea: campanários, pátios de faculdades, os antigos prédios de pedra dos departamentos ao longo de ruas de paralelepípedo. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia sustentar o olhar por muito tempo. Não era culpa dela; a paisagem pregava peças. Era como estar diante de uma

ilusão de autoestereograma. Se seus olhos mudassem ligeiramente o foco, a imagem se transformava. Alice viu caminhos retos se transformarem em labirintos tortuosos. Viu um terreno vasto se organizar em um padrão radial. Viu recifes de coral. Viu uma linha preta cintilante que, às vezes, parecia envolver todo o plano, mas em outros momentos desaparecia em um ponto no centro de um círculo, um buraco negro que sugava tudo ao seu redor.

Alice tentou se concentrar, forçar o Inferno a se estabilizar em uma imagem mapeável. Mas então sentiu uma dor aguda atrás dos olhos e teve que desviar o rosto.

Peter pressionava as palmas contra as têmporas. *Graças a Deus*, pensou Alice, *ele também está vendo*.

— Nós vamos pra lá. — A voz dele estava tensa.

— É.

Peter parecia abatido.

— Vamos ser engolidos — afirmou ele.

— Não, não vamos.

Alice não fazia a menor ideia do que lhe dava essa confiança, exceto pelo fato de que nenhum dos outros relatos de viajantes mencionava um terreno caótico, saído de uma casa de espelhos de parque de diversões. Pelo visto, todos os outros haviam desfrutado de um passeio agradável por uma paisagem euclidiana padrão, e seria justo que eles dois tivessem direito à mesma experiência.

Era só uma questão de perspectiva, Alice decidiu. As montanhas que havia escalado ao longo da vida tinham o mesmo efeito. A subida podia ser vertiginosa. Você chegava ao sopé da montanha, esticava o pescoço para olhar os picos, e o chão parecia desaparecer às suas costas. Mas então você voltava o olhar para a terra, se concentrava em colocar um pé na frente do outro e, quando se dava conta, já estava no topo.

— A gente só precisa descer — disse a Peter. Pois um deles tinha que manter o ânimo; um deles tinha que ser iludido. Essa era a chave para sobreviver na pós-graduação. Você podia fazer qualquer coisa se fosse iludido. — Com certeza é muito agradável lá embaixo.



CAPÍTULO QUATRO

Descer foi mais difícil do que subir.

Por um lado, não dava para ver o próximo ponto de apoio para os pés e era preciso simplesmente confiar que, ao deslizar para baixo, seus dedos encontrariam algo em que se firmar. Além disso, descer não era mais fácil para braços cansados, pois era preciso dispender a mesma quantidade de energia para garantir que o impulso não o levasse longe demais.

Mas Peter se saiu melhor dessa vez. Em termos psicológicos, saber que a distância até o chão estava diminuindo, em vez de aumentando, ajudava. Também havia ajudado que, na metade da descida, tivesse se livrado da mochila e deixado que caísse no chão com um baque.

— São só livros — justificou, ofegante. — Vão sobreviver.

Ele despencou no último metro, mas aterrissou inteiro. Alice pulou e pousou vigorosamente ao lado dele, de pé. O impacto fez os calcanhares doerem, mas ela havia sido tomada por um desejo tolo de impressionar Peter. No clube de escalada, as pessoas estavam sempre tentando impressionar umas às outras ao aterrissarem feito gatos. Infelizmente, ele nem percebeu.

Daquele lado do muro, o Inferno parecia um campo plano e vazio: sem Sombras, sem trilhas, sem formas no horizonte que indicassem qualquer lugar ou coisa. A planície ondulante tinha desaparecido. Os dois estavam mais uma vez presos em um deserto sem fim, sem um destino claro. Alice sentiu uma pontada de pânico ao se deparar com aquilo, pois não tinham feito nenhum progresso depois de um dia inteiro de esforço, e ela detestava interromper um trabalho sem saber onde retomá-lo. Mas seus membros estavam moles feito gelatina, e o cérebro completamente embotado, então os dois decidiram, de comum acordo,

deixar aquele quebra-cabeça para o dia seguinte.

Montaram acampamento à sombra do muro. A literatura se dividia no que dizia respeito à existência de dia e noite no Inferno — os relatos mais dramáticos afirmavam que havia apenas uma noite eterna —, mas no fim das contas o sol tênue acabou se pondo, a temperatura caiu e, por volta das seis e meia, no horário de Cambridge (o relógio de Alice ainda funcionava), tudo mergulhou na mais completa escuridão. Ao que parecia, não havia lua no Inferno ou, se havia, estava escondida. Os dois ficaram sentados sozinhos no breu denso, e seu único conforto foi o silêncio — pois, se havia algo à espreita, pelo menos não sabiam.

Alice fez uma pequena fogueira com fósforo e gravetos. Peter repartiu dois pães Lembas para cada um. Tecnicamente, um só deveria ser suficiente para cada oito horas, mas ambos sentiam que mereciam mastigar alguma coisa por mais do que apenas alguns segundos.

— Obrigado. — Peter quebrou o silêncio. — Pelo que você fez mais cedo. Aquilo… me ajudou muito.

— Não foi nada.

— Sabe, eu achei mesmo que fosse morrer. — Ele balançou a cabeça. — Meu Deus. Nunca tive tanta certeza de que ia morrer.

— Eu não teria deixado você morrer — respondeu Alice.

As palavras simplesmente saíram de sua boca, já que pareciam a coisa certa a se dizer. No entanto, no momento em que as ouviu em voz alta, soaram estranhas. Era o tipo de declaração fácil entre pessoas que se amavam, até mesmo entre amigos — entre duas pessoas com uma relação mais próxima do que a que Alice e Peter tinham no momento. Havia uma confiança implícita. Mas o problema era que, para ser sincera, ela não sabia se era verdade. Suspeitava de que Peter também não soubesse.

— Pra começar, o professor Grimes ficaria muito decepcionado — disse ela.

— É. Não podemos decepcioná-lo.

Por um momento, mastigaram e engoliram em silêncio. O pão Lembas grudava de um jeito horrível na boca. Alojava-se nas gengivas e embaixo da língua e deixava por horas a sensação de ter arrastado a boca aberta por um banco de areia. A única maneira de tirar tudo era fazer um bochecho com bebida alcoólica, pois o pão se dissolvia no álcool, mas eles não tinham nada. Alice teve vontade de passar o dedo mindinho pelos molares, mas nem pensaria em fazer isso na frente de Peter. Para alguma parte tola de seu cérebro, ainda era importante não parecer infantil na frente dele.

— É estranho, sabe? — Ele inclinou a cabeça para trás, com os olhos semicerrados. — Ouvir você falar dele.

— De quem, do professor?

Era sempre “professor Grimes” entre os dois. Designação completa. Não era “Grimes” nem mesmo “professor”. A maioria dos docentes incentivava os alunos de pós-graduação a se dirigirem a eles pelo primeiro nome, já que eram colegas, a relação era diferente, mais igualitária. Mas o professor Grimes teria recuado com repulsa se tivessem tentado chamá-lo de Jacob.

— É — respondeu Peter. — Achei que você não gostasse muito dele.

Alice enrijeceu.

— Como assim?

— Eu… Bem, não foi nada em particular. Só achei… Sei lá, você sempre parecia um pouco tensa perto dele. Nos últimos tempos, quer dizer.

— Ele é o maior mago vivo. Só um idiota não ficaria tenso.

Peter refletiu sobre isso e então assentiu.

— Não quis dizer que a… que a relação de vocês era ruim. Só achei que não se dessem muito bem. Quer dizer… só no último período letivo… acho que não era difícil perceber…

Ele deixou a frase morrer.

Alice encarou as mãos.

Sim, as coisas estavam de fato frias entre ela e o professor Grimes nas semanas que antecederam a morte dele. Sim, ele havia gritado com ela uma ou duas vezes, e ela havia gritado de volta, e o resto do departamento devia ter ouvido. Provavelmente tinham comentado o assunto quando Alice não estava por perto. A simples ideia daqueles sussurros fizera suas entranhas se revirarem de vergonha, e a expressão curiosa e supostamente preocupada de Peter teve o mesmo efeito.

— Deixando de lado qualquer questão pessoal — disse ela com frieza —, o professor Grimes é minha melhor chance de conseguir um emprego.

— Claro, claro. — Peter se apressou em concordar. — Quer dizer, estou na mesma situação.

— Ah, por favor.

— O quê?

— Você é Peter Murdoch! Não está todo mundo se estapeando pra te contratar?

Peter hesitou. A boca se abriu um pouco. Estava claro que havia algo na ponta de sua língua, mas ele resolveu não falar, pelo menos não para ela.

Alice quase perguntou o que ele de fato quis dizer quando dera a entender que o professor Grimes também era a última chance dele naquela profissão. Queria saber o que tinha acontecido. Todos os departamentos da área tinham uma obsessão descarada por Peter Murdoch. Era de conhecimento geral que

departamentos de segunda linha estavam tentando fazer uma oferta de contratação antecipada desde que o rapaz tinha passado nos exames de qualificação. Mas Alice não conseguia pensar em uma maneira de perguntar isso que não fosse intrometida ou simplesmente grosseira.

Talvez, um dia, pudesse ter perguntado. No entanto, fazia muito tempo que essa intimidade não existia mais. E ela sabia que, se pressionasse, Peter simplesmente desapareceria.

— Bem — disse ele por fim —, acho que eu teria conseguido um novo orientador depois da Cooke.

O coração de Alice disparou.

— Você ganhou a Cooke?

— Só fiquei sabendo na semana passada — contou Peter. — Eles atrasaram o ciclo de admissões este ano por causa do… bem, você sabe. Do acidente.

Alice teve um pouco de dificuldade de respirar naquele momento. Suas bochechas queimavam, e a cabeça parecia leve de um jeito desconfortável. Quando estava na graduação, esperava que essa intensa reação fisiológica à inveja acabasse sumindo, mas, à medida que avançava na pós, só piorava. Cada artigo publicado e cada convite para conferência desencadeava uma reação de pânico, de lutar ou fugir, que nunca conseguia esconder direito.

Então não tinha sido ela, afinal; estava errada em ter esperança.

— Parabéns — falou, bem baixinho, para que a voz não vacilasse. — Isso é maravilhoso.

— Obrigado — respondeu Peter. — Eu realmente não tinha certeza de que ia conseguir, mas acho que gostaram da minha proposta, no fim das contas.

— É claro que gostaram — retrucou Alice, seca.

— Desculpa, não estava querendo me gabar.

— Claro que não.

— É que… tudo aconteceu muito rápido, então ainda estou tentando processar. — Peter pigarreou. — Desculpa, foi falta de tato da minha parte. Imagino que… Acho que, se você não ganhou… Quer dizer, talvez só não quisessem um linguista este ano… Assim, não que eles tenham algo contra os linguistas. Mas você entendeu.

Ah, vai se foder, pensou Alice.

No ano anterior, ela havia se candidatado e esperava ganhar a renomada bolsa Cooke para pesquisa de tese. Instituída havia um século pela viúva de um dos teóricos pioneiros da magia inglesa, a bolsa era incrivelmente prestigiosa. Oferecia não apenas um amplo financiamento para viagens de pesquisa a qualquer lugar do mundo, mas também uma série de jantares e coquetéis com os

descendentes da família Cooke. Eles eram insuportáveis, mas os eventos eram bem frequentados, porque ninguém gostava de dizer “não” à comida de graça, e assim era possível conviver com a elite acadêmica por semanas a fio. Os candidatos às bolsas Cooke só podiam ser indicados por membros seniores da Real Academia de Magia, dentre os quais estava o professor Grimes.

— Você vai ganhar a Cooke — havia garantido a ela, todos aqueles meses atrás. — Ah, eles vão adorar você. Vai ser a melhor candidata que viram em anos. Andam doidos para indicar uma mulher, e você é a candidata certa.

Como, naquela época, ainda acreditava em cada palavra que saía da boca do professor Grimes, Alice passou dias depois daquela conversa delirando de alegria.

Mas então alguns meses se passaram, e Grimes começou a mudar de assunto toda vez que ela mencionava a bolsa. Alice tentava ser sutil. Mencionava outra oportunidade de pesquisa e dizia: “Mas acho que vai entrar em conflito com a Cooke.” O homem, no entanto, se limitava a acenar com a cabeça e murmurar de maneira evasiva. “Vamos ver. O resultado é sempre imprevisível.” E então, mais tarde, acrescentava: “Sabe, a Cooke é muito concorrida.” E mais tarde ainda: “Ouvi dizer que não são muito fãs de linguistas.”

Na época em que a lista final deveria ser anunciada, Alice começou a verificar o escaninho três vezes por dia. É engraçado como, quando há algo muito importante em jogo, nós nos recusamos a acreditar nas evidências diante de nossos olhos. Todos os dias, ela olhava para aquele cubículo vazio e tentava se convencer de que todas as suas percepções estavam erradas; de que, se olhasse com concentração suficiente, um envelope roxo grosso se materializaria em meio à poeira. Sobressaltava-se toda vez que o telefone tocava. Espiava as reuniões dos professores. A simples menção à palavra “bolsa” a deixava tensa, o que dificultava muito as conversas em uma universidade.

Naquele instante, se sentia ridícula. É claro que a bolsa não tinha sido concedida a ela.

Queria ter algo com o que machucá-lo. Peter sabia muito bem o que havia feito, jogando aquilo na cara dela. Era hora de Alice fazê-lo sentir o mesmo que ela.

— Também pensei em procurar outro orientador. — Ela tentou soar muito casual. — Quer dizer, o Grimes me apresentou a alguns colegas enquanto estávamos na Itália. Pensei em entrar em contato depois do acidente, mas… a Europa nunca foi minha primeira opção para o doutorado. São todos muito pós-modernistas por lá, não acha?

Funcionou. Peter ficou rígido. Foi sutil, mas a mudança foi perceptível. Ele mordeu a isca.

— Quando você esteve na Itália?

— No verão passado — respondeu Alice. — Foi uma coisa de última hora. Não sei bem o que aconteceu. Mas o professor Grimes me chamou na sala dele certa manhã e me pediu para arrumar as minhas coisas até sexta-feira.

Ela sabia muito bem o que tinha acontecido. Todo mundo sabia que Peter deveria ter acompanhado o professor Grimes a Roma para a conferência bianual da *Arcana*. Mas ele reclamou que Peter não andava muito bem nos últimos tempos.

— Não dá pra confiar — havia resmungado, o que Alice gostara muito de ouvir, já que vinha esperando que as outras pessoas percebessem isso fazia anos. — Tem alguma coisa errada com aquele rapaz. Ele vai ficar de fora. A viagem é sua, Alice, se quiser.

— Vou fazer as malas hoje à noite mesmo — respondera ela.

Naquele momento, se sentira tão sortuda que nem se dera ao trabalho de se perguntar por que não tinha sido a primeira opção para a viagem, ou o que estaria acontecendo com Peter, ou até mesmo se alguém não deveria verificar como ele estava. O professor Grimes tinha esse efeito. Quando alguém ficava a sós com o homem, bastava que ele dissesse uma palavra minimamente lisonjeira e todo o resto desaparecia.

E, de fato, fora um verão glorioso na Itália. Alice e o professor Grimes fizeram não apenas um, mas três avanços cruciais. Ela voltou para casa bronzeada, bem alimentada e radiante por causa da atenção e dos elogios. Foi o auge de sua carreira em Cambridge, e queria que Peter soubesse o que havia perdido.

Alice não sabia dizer se sua estratégia havia funcionado. A expressão dele era decididamente — calculadamente? — neutra.

— Parece que foi uma viagem e tanto.

— Obrigada — disse Alice, com um ar formal. — Foi mesmo.

— Só achei que… — Peter tossiu. — Esquece. Fico feliz por você ter ido.

Ninguém falou mais nada. Alice deveria estar satisfeita, mas ficava mais envergonhada à medida que os segundos passavam. Ficou muito claro o que ambos tinham feito, e ela se sentia bastante infantil por isso.

Os dois quebraram o silêncio ao mesmo tempo.

— Sério, vamos só…

— Olha, Law, talvez a gente devesse…

Eles se encararam.

— Não quero que as coisas fiquem estranhas — falou Peter.

— Ah, as coisas ficaram estranhas?

Ele ignorou esse comentário.

— Sugiro que a gente deixe os problemas do mundo dos vivos de lado. Não podemos brigar aqui, Law, temos que confiar um no outro. Nós somos tudo que temos.

Ela fungou.

— Tem razão.

— Olha, me desculpa, *de verdade*, por ter mencionado a Cooke.

— E me desculpa por ter falado da Itália.

Alice se sentiu muito cansada naquele momento. Estar sozinha, com Peter Murdoch, no Inferno… não sabia por quanto tempo conseguiria suportar aquilo. Abriu o zíper da mochila e vasculhou até encontrar o cobertor térmico.

— Acho melhor a gente calar a boca e dormir.

— O que é isso? — perguntou Peter.

— É um cobertor térmico. — Alice desdobrou os quadrados de alumínio e os colocou sobre as pernas. — Isola o calor do corpo. Peguei emprestado com um dos residentes.

Uma vantagem que ela tinha no Inferno era que sabia como se preparar para viagens longas; sabia exatamente de quais sapatos e mochilas precisava para aguentar dias a fio caminhando. Equipamento para preparar comida? Não, tinha pão Lembas. Roupas quentes? Sim. Giz e facas? Com certeza, sim. Antes de ir para a Inglaterra, tinha sido bastante aventureira. Quando estava em Cornell, passava a maioria dos fins de semana fazendo trilhas em desfiladeiros. Havia crescido nas Montanhas Rochosas. Tinha se aventurado por Yosemite e pela Trilha dos Apalaches sem ajuda. Fora isso que a convencera de que era capaz de fazer aquela viagem. Tinha explorado as Montanhas Brancas. Será que o inferno poderia ser tão pior assim?

Tudo aquilo, na verdade, parecia uma incursão em uma vida passada. Havia muito tempo que Alice não fazia uma trilha. Nem uma escalada, para ser sincera. Tinha tantos hobbies antes de começar a estudar em Cambridge… Costumava saber como era respirar ar puro. Todo aquele tempo no laboratório de Grimes a havia transformado em uma espécie de zumbi que vivia à base de sopa enlatada e biscoito. E ela ficou atônita, depois de vasculhar o fundo do armário, ao constatar que ainda tinha a velha mochila de trilha.

— Muito legal.

Peter se acomodou, apoiando a cabeça na própria mochila, e cruzou as mãos sobre o peito.

Alice o encarou.

— Você não trouxe cobertor?

— Acho que esqueci.

— Não pensou que a gente ia dormir?

— Bem, eu já dormi no laboratório várias vezes, lembra? Lá a gente não precisava de cobertor.

— Murdoch, está muito frio. — Alice se sentou. Parte dela já estava arrependida do que ia dizer, mas sentiu que precisava oferecer. Ele estava patético demais. — Quer dividir?

— Ah… bem, parece meio pequeno.

— Dá pra abrir mais. — Ela levantou uma das pontas. — Viu?

Peter ponderou.

— Vou cobrir só as pernas.

— Tem certeza?

— Isso já vai me manter aquecido o suficiente.

— Você que sabe.

Peter se arrastou para mais perto. Houve o inevitável e constrangedor momento de membros se esbarrando, se ajustando em uma tentativa de estabelecer limites tanto físicos quanto emocionais, mas no fim das contas os dois se acomodaram em uma configuração que cobria minimamente a metade inferior de Peter sem que a proximidade entre seus corpos fosse insuportável.

— Bem, boa noite — disse ele.

— Boa noite — murmurou Alice.

Ela sempre teve dificuldade para dormir quando acampava. Não gostava de ficar ao ar livre à noite, sem pelo menos cinco barreiras que a separassem das coisas que queriam devorá-la. E deveria estar ainda mais ansiosa ali, sob o céu sem lua e sem estrelas do Inferno, com sabe-se lá o que à espreita nas dunas. Mas a exaustão foi mais forte que tudo — e, para ser sincera, o ritmo constante e regular da respiração de Peter também, familiar feito uma canção de ninar. Logo estava dormindo profundamente e, como por milagre, pela primeira vez em muitos meses, não sonhou.

* * *

Todo mundo dizia aos magos em formação para, pelo menos, considerarem carreiras em outras áreas antes de entrarem no mercado de trabalho. “Carreira acadêmica alternativa”, era como chamavam, como se fosse um estilo de vida punk e rebelde, como se fracassar na única coisa para a qual você tinha passado anos se preparando o tornasse uma pessoa descolada. Mas, na metade do doutorado, Alice sentiu que simplesmente não havia opção além da magia. Ou se tornava uma maga titular, ou morria. Não conseguia imaginar nenhuma outra vida que valesse a pena ser vivida.

Além disso, ninguém estava falando sério quando dizia que uma carreira

acadêmica alternativa tinha *o mesmo prestígio* (ou, o que era mais comum, que não havia *vergonha nenhuma nisso, de verdade*). E acreditavam ainda menos nisso quando enfatizavam que uma carreira acadêmica alternativa pagava melhor, tinha horários mais flexíveis, era menos estressante, oferecia mais segurança no emprego, permitia que as pessoas fossem mais felizes. *Ah, magos se dão muito bem na área de consultoria*, diziam. *Empregadores gostam de pensamento crítico e de habilidade na resolução de problemas*, afirmavam. *Menos pessoas morrem na indústria*, concluíam.

Esses aforismos sempre vinham de professores titulares que já haviam garantido sua galinha dos ovos de ouro, que viviam no conforto de saber que nunca enfrentariam os terrores que os alunos estavam enfrentando. *Ah, ele aceitou um emprego na indústria*, diziam, como se "indústria" fosse um eufemismo semelhante ao da fazenda para onde eram mandados os cães velhos e doentes. E todos diziam isso com uma entonação gentil e paternalista que denunciava o que de fato queriam dizer: carreira acadêmica alternativa significava fracasso. A vida da mente, livre das imposições do comércio, era o único tipo de vida que valia a pena.

Claro que alguém poderia questionar por que uma pessoa se submeteria a tais absurdos, em primeiro lugar. Mas nesse aspecto a linha de raciocínio da maioria dos acadêmicos espelhava a lógica da Aposta de Pascal, quer percebessem isso, quer não. Ela postulava que uma pessoa poderia escolher acreditar em Deus ou não, mas se apostasse errado e vivesse como se Ele não existisse, estaria perdendo as infinitas maravilhas do Céu. Da mesma forma, poderia escolher acreditar que o mercado de trabalho daria certo para você ou não, mas se apostasse errado e optasse por sair do círculo acadêmico, estaria perdendo os milagres infinitos da Vida da Mente. Assim como no caso do Céu, ninguém na geração de Alice havia de fato experimentado essa Milagrosa Vida da Mente, mas todos os professores garantiam que era possível e, por isso, todos seguiam em frente.

Alice também sabia, antes de ser aceita no doutorado em magia analítica em Cambridge, que o professor Jacob Grimes talvez não fosse a primeira opção de orientador para a maioria das pessoas. Seu orientador na graduação em Cornell, um acadêmico jovem e gentil chamado dr. Mills, ficou em dúvida quando ela lhe apresentou a lista de possíveis programas.

— Você parece muito decidida a ir para o exterior — comentara ele.

— Bem, aqui demitiram todos os comunistas.

— É verdade — admitira o dr. Mills. — Ainda assim, eu escolheria a Inglaterra em vez da França. Me parece, de modo geral, uma boa escolha, exceto pelo Grimes.

— Ele é o melhor do mundo em magia linguística — argumentara Alice.

— Ah, o trabalho dele é excelente — concordara o orientador. — Ninguém está questionando isso. Só que há boatos de que seus alunos de pós-graduação não são muito… bem… felizes.

— Como assim?

— Bem, o sujeito é bastante duro com eles, pra começo de conversa. Todos tendem a ficar esgotados muito rápido. O Grimes não tem uma taxa de conclusão muito boa.

— De quanto é?

— Eu diria que cerca de metade dos alunos não conclui o programa.

Alice, que até então tivera a sorte de contar com professores atenciosos e prestativos, não fazia ideia de como um professor poderia ser ruim. Naquela época, ela achava que se você não se dava bem com um docente, a culpa era sua. Pensava, simplesmente, que ia se certificar de estar na metade que *concluía* a pós-graduação.

— Mas eu quero trabalhar com o melhor da área — afirmara. — Quero conseguir um emprego.

Isso, o dr. Mills entendia. Era cada vez mais difícil encontrar bons empregos na área da magia. Todo estudante de graduação sonhador queria se tornar mago, mas o mercado não andava bom das pernas. Em ambos os lados do Atlântico, os conservadores estavam no poder havia muitos anos, e isso significava corte de verbas para as universidades, departamentos cada vez menores, oportunidades desaparecendo. A maioria das faculdades tinha deixado de efetivar magos quando ficou evidente que os pesquisadores estavam mais interessados no trivial e no desconhecido do que em produzir algo útil ou lucrativo, ou que, pelo menos, se assemelhasse à próxima arma nuclear. Estavam na era das revoluções tecnológicas, da física quântica, da televisão a cabo com mais de três canais e dos computadores pessoais. A magia tinha ficado para trás. Servia apenas para jantares. Não garantia emprego.

E não havia magia sem a academia. As universidades forneciam o giz, os silabários, os repositórios de pentagramas. Publicavam os periódicos que determinavam quais feitiços eram válidos e quais não eram. É claro que havia os chamados bruxos marginais, em geral estudantes de doutorado que tinham desistido do curso, estudantes cuja formação havia se encerrado com o mestrado ou bacharéis que nunca haviam entrado em um programa de pós-graduação. E não estavam totalmente desprovidos de recursos: muitos conseguiam o próprio giz, organizavam conferências amadoras e publicavam suas descobertas extraordinárias em revistas mal avaliadas. Na verdade, algumas dessas descobertas eram bem interessantes. A grande verdade era que às vezes os

bruxos marginais faziam descobertas que nem mesmo os professores titulares poderiam imaginar. Mas nada disso jamais seria publicado na *Arcana* e, portanto, nada disso tinha credibilidade.

— Vou te dar a melhor carta de recomendação que puder — garantira o dr. Mills. — Você tem uma boa chance em todos os lugares aos quais se candidatar. Eu me sentiria confiante se fosse você. Mas tenha cuidado, Alice. A essa altura, parece que a única coisa que importa é ser aceita. Só lembre que há mais em jogo do que a aprovação do seu orientador. E a vida é muito maior do que apenas magia.

Falar é fácil, pensou Alice, quando você é um homem prestes a ser efetivado. Ela arquivou essas palavras em "lugares-comuns de adultos que acham que sabem mais do que você" e logo as esqueceu.

Em Cambridge, os avisos se multiplicaram. Alunos de pós-graduação, até mesmo aqueles que não estudavam magia, lançavam-lhe olhares cheios de compaixão quando explicava que estava lá para trabalhar com Grimes. Outros membros do corpo docente faziam questão de perguntar se ela estava lidando bem com a situação. E ainda havia a única outra mulher orientada pelo professor, Olivia Kincaid, uma garota que parecia estar sempre chorando durante o primeiro ano de Alice em Cambridge e que, curiosamente, se manteve ausente durante todo o segundo ano. No terceiro ano de Alice, quando Olivia deveria ter se formado, era estranho que ainda estivesse cursando disciplinas.

— Ele é um monstro — contara-lhe a colega, sem rodeios, depois de várias canecas de cerveja, na noite em que se conheceram. — É simplesmente um sociopata.

— Como assim? — perguntara Alice.

— Logo, logo você vai saber — respondera Olivia, de forma vaga e teatral, o que levou Alice a considerá-la um tanto dramática.

Olivia tirou licença médica no quarto ano, voltou para três semanas de aula e depois sumiu. Ninguém no departamento nunca mais teve notícias dela.

Outros alunos ficavam horrorizados quando Alice revelava quem era seu orientador, e ela observava o medo deles com um prazer indisfarçável. Embora jamais fosse admitir isso, a ideia de trabalhar com alguém perigoso a excitava. Havia trilhado um caminho brilhante no ensino superior sendo a queridinha dos professores, e por um milagre conseguiu ter sucesso onde outros tantos haviam falhado. Adorava a ideia de que seu orientador fosse duro, impaciente e até desumano com os outros, pois isso fazia com que a atenção que dedicava a ela fosse ainda mais valiosa. Alice gostava de ser a exceção à regra. Não havia problema nenhum com o favoritismo, desde que ela fosse a favorita.

De qualquer forma, a crueldade do professor Grimes não era aleatória.

Bastava se esforçar o suficiente, passar noites em claro, atender a todos os seus padrões impossíveis para que ele o considerasse digno de respeito. Era justo. Não era assim que a academia funcionava? Não era assim que qualquer setor competitivo funcionava? Os melhores alunos conseguiam os melhores empregos.

Durante boa parte da pós-graduação, Alice considerou Jacob Grimes uma provação necessária. O que não te matava te fortalecia, ou pelo menos fazia com que você desenvolvesse uma casca mais grossa. Durante a maior parte da vida, havia sido a primeira da turma, e não via razão para que fosse diferente no doutorado. Só precisava aguentar mais três anos — depois dois, depois um —, bastava driblar o sono, respirar fundo, sobreviver dia após dia e ignorar todas as verdades incômodas até obter o diploma, até estar livre.

E ela quase conseguiu. O que só havia tornado tudo ainda mais frustrante. Tinha quase chegado ao topo. Tinha quase sobrevivido ao que ninguém acreditava que fosse capaz de sobreviver, tinha quase colhido os louros. Se ao menos tivesse aguentado apenas um pouco mais. Tinha chegado tão, tão perto.



CAPÍTULO CINCO

Alice acordou com o braço de Peter jogado sobre seu peito.

Registrou a informação e, antes de afastá-lo, ficou deitada por um momento, pensando. Não era tão ruim. O Inferno ficava muito frio à noite, e o calor que Peter emanava — havia esquecido como ele podia ficar quente; de fato, era uma verdadeira fornalha — era bastante agradável. Ela se mexeu um pouco, apenas para aliviar um mau jeito no pescoço, e decidiu que poderia ficar deitada ali um pouco mais. Estava mesmo muito confortável. O sol ainda não havia nascido. Um Peter adormecido e silencioso era muito menos irritante do que um Peter acordado e falante. E era a primeira manhã, em muito tempo, que Alice não acordava com ânsia de vômito por causa do estresse. A enormidade do problema, o caos de relatórios conflitantes, as pilhas de pergaminhos para decifrar, a sensação de que o relógio estava correndo. Tudo isso tinha ficado para trás. A pesquisa dera frutos, tudo havia *funcionado*, ela havia chegado ao Inferno. Agora a única coisa que precisava fazer era sobreviver.

Algo duro pressionou sua coxa.

— Meu Deus!

Ela se afastou depressa, arrancando o cobertor de cima dos dois.

Peter acordou assustado.

— O que foi? O que foi? — Então olhou para baixo e gritou: — Merda, desculpa…

— Tudo bem.

As bochechas de Alice queimavam. Queria se abanar, mas isso a faria parecer uma dama vitoriana apavorada, então apenas pressionou a palma das

mãos nas bochechas. Uma onda de vertigem passou por suas têmporas. Peter estava sentado com as mãos cobrindo o colo, o que só piorava as coisas, porque chamava atenção para o fato, e os dois não tinham mais como evitar comentar o ocorrido.

— Está tudo bem, só, por favor…

— Não é uma coisa que a gente controla — justificou Peter. — Quer dizer, os homens. Às vezes acontece, quando a gente está dormindo… Eu não queria… Quer dizer, sinto muito, de verdade…

Alice arrastou as mãos pelo rosto e desejou que a pele de seu crânio derretesse.

— Não se *preocupa* com isso.

— Não é por sua causa — insistiu Peter. — Sério, não é nem sexual… Quer dizer, é só um instinto…

Instintos com frequência são sexuais, sussurrou a parte do cérebro de Alice que havia assistido a vários seminários sobre Freud, mas ela afastou esse pensamento.

— É, eu sei.

— Não penso em você desse jeito, de verdade. Nunca pensei…

— Tenho certeza de que não.

Ela foi tomada por uma vontade terrível de lhe dar um soco, acompanhada de uma vontade ainda pior de gritar o mais alto que pudesse. Nenhuma das duas coisas parecia apropriada, então se contentou em soltar um gemido abafado nas palmas das mãos.

— Eu sei como a anatomia masculina funciona, Murdoch. Por favor. Está tudo bem.

— Nunca te desrespeitaria de propósito. — Peter parecia prestes a chorar. — Nunca, *jamais*…

— Para — pediu ela, arfando. — Por favor, será que a gente pode só… só tomar o café da manhã?

— Claro. Café da manhã.

Peter pegou uma embalagem de pão Lembas, segurou-a pela extremidade errada e derrubou tudo na areia cinza. Ele ficou olhando para o chão, desolado.

— Está tudo bem — falou Alice numa voz engasgada. — Come um pouco do meu.

Sentaram-se um de frente para o outro e mastigaram, piscando muito e sem dizer nada. Não havia nada para ver naquela planície desértica monótona, então restava a Alice contemplar o vazio se quisesse evitar o olhar de Peter, o que não dava para fazer sem ser muito óbvia. Em vez disso, ela se concentrou em seu pão Lembas. Papelão. Hum.

Foi uma manhã excruciante.

Por algum motivo, Alice não havia pensado muito sobre as indignidades diárias da viagem, pois não levara em conta a higiene, muito menos as necessidades fisiológicas na presença de outra pessoa. Eles recolheram as coisas e lavaram as mãos e o rosto em silêncio. Peter teve que fazer xixi, e Alice teve que fazer a outra coisa, que cobriu com areia feito um gato envergonhado. Ela refletiu sobre os horrores de ter um corpo. Em muitos aspectos, pensou, as Sombras tinham uma vida bem melhor.

Por fim, Peter se pronunciou.

— Talvez… talvez a gente devesse mapear o resto do caminho.

— Hã?

— Pelo Inferno.

— Ah… sim, claro.

Ele tirou um caderno da mochila e começou a folhear as páginas.

— Pra ser sincero, não esperava ir tão longe. Realmente pensei que ele ia estar nos campos.

— Eu também. — Alice tirou as migalhas do colo e depois pegou as próprias anotações na mochila. — Mas tenho alguns mapas desenhados…

— Eu também. — Peter virou o caderno para mostrar. — Que tal a gente ir primeiro para o Tribunal do Desejo?

— Esse é o segundo.

— É, mas acho que a gente pode pular o primeiro, você não acha?

— Não tenho a menor ideia de como nós faríamos isso — falou ela.

Alice olhou para as anotações dele, franzindo a testa. O mapa do Inferno de Peter lembrava bizarramente uma pizza. Ou, para ser mais exata, um ânus. Ele havia circulado em vermelho um ponto no centro, com tribunais que se ramificavam ao redor e setas apontando em todas as direções.

— Em que mapa você baseou esse desenho? — questionou ela.

— No mapa de Orfeu — respondeu Peter. — Na reimpressão de Penhaligon. É só encontrar o meio, onde todos os tribunais convergem… o que significa que temos que procurar algo como uma montanha, um lugar elevado. O Monte Sumeru, por assim dizer. E, de lá, podemos simplesmente ir direto para o tribunal de que precisamos, em vez de perdermos tempo seguindo a ordem.

— Ah, Murdoch, esse mapa é um lixo.

— Como assim? Todo mundo cita Orfeu.

— Orfeu estava enlouquecido pela dor da perda — apontou Alice. — Era movido só pelo desejo de reencontrar Eurídice.

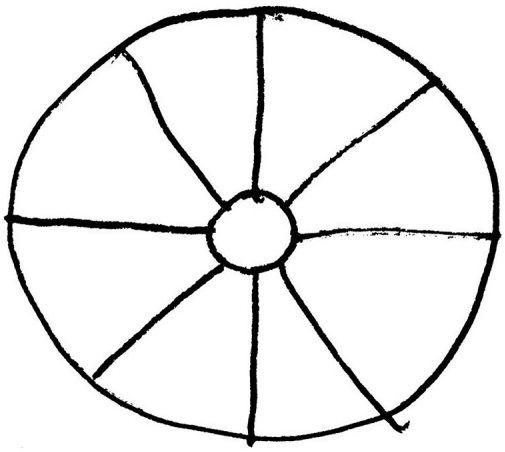
— E daí?

— E daí que Orfeu não se importava com mais nada ao redor. Do ponto de

vista dele, é claro que era uma linha reta até onde quer que Eurídice estivesse, porque era assim que encarava as coisas. Esse mapa não serve pra nada. É uma fantasia do luto.

Peter baixou o caderno, desanimado. Mas esta era uma de suas virtudes: não agia feito um cretino quando alguém provava que ele estava errado.

— Como você acha que é, então?



— Eu sigo a teoria acumulativa. — Alice folheou o caderno até encontrar os próprios mapas. — Ou seja, os tribunais se sucedem em ordem de severidade cármica. Primeiro o Orgulho, depois o Desejo, então a Ganância, e assim por diante. Agora, há certa discordância sobre se um pecado necessariamente acarreta todos os outros menores. Por exemplo, se você é culpado de ira, precisa ser punido por orgulho? A ganância implica o desejo? É tudo uma boneca russa de transgressões, ou você pode pular alguns tribunais? Não está claro pra mim como os juízes lidam com isso. Mas parece que, pelo menos, você tem que fazer o percurso em ordem. E, ao passar, você atravessa o Lete até o trono de Rei Yama.

Alice deu batidinhas em uma linha preta que circundava os tribunais.

— O rio Lete corre perpendicular a todos os oito tribunais e marca o limite da reencarnação. Então, o Inferno não se parece tanto com uma pizza de ânus…

— Oi?

— É mais como… — continuou ela, sem explicar a analogia. — Sei lá, uma fita de Möbius. O Lete delimita tudo. Você fica preso nesse plano até se redimir de seus pecados. E depois vai pra algum lugar além. Faz sentido?

Peter esfregou o queixo.

— Posso dar uma olhada?

— À vontade.

Ele murmurava algo para si mesmo enquanto folheava as anotações dela.

— Onde você encontrou tudo isso? — quis saber.

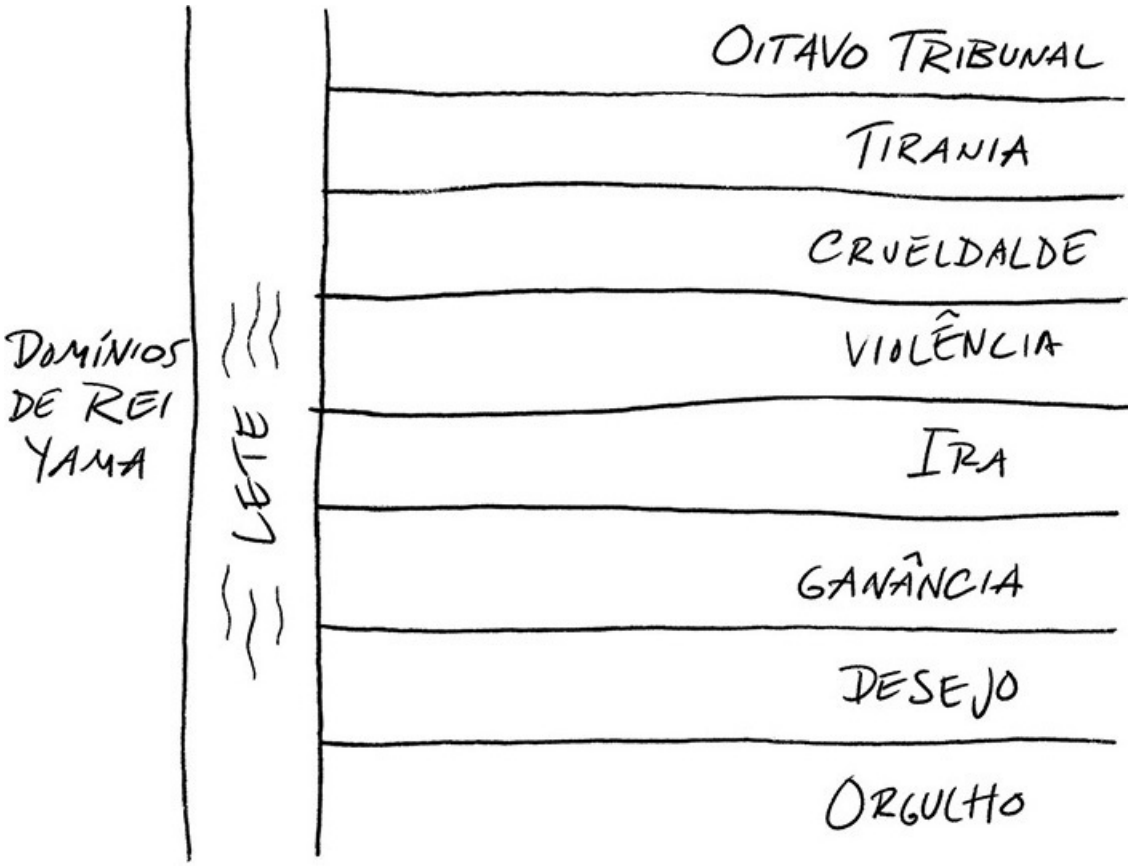
— Nos manuscritos das cavernas de Dunhuang.

— Não consegui encontrar nenhuma tradução dos textos das cavernas de Dunhuang.

— Porque não existe nenhuma. E você não domina nenhum idioma asiático.

— Verdade.

Peter leu por mais um tempo, passando o dedo sobre cada página. Alice ficou estranhamente nostálgica ao vê-lo balançar a cabeça enquanto lia, decifrando seus rabiscos frenéticos. Os dois costumavam fazer isso no laboratório: mostrar um ao outro suas ideias mais malucas e oferecer provas de que não estavam loucos. Sentia falta da mente de Peter. Era como usar um paraquedas; podia confiar que ele pegaria qualquer erro que ela tivesse cometido.



Por fim, ele disse:

— Acho que faz sentido.

— Obrigada.

— Mas isso é consistente com o meu mapa — continuou Peter. — Quer dizer… é só uma versão bem simplificada do meu, se considerarmos o Inferno um espaço não euclidiano.

Alice só havia assistido a uma aula sobre geometrias não euclidianas, e se lembrava apenas de vários diagramas de batatas chips e recifes de coral.

— Não entendi o que está querendo dizer.

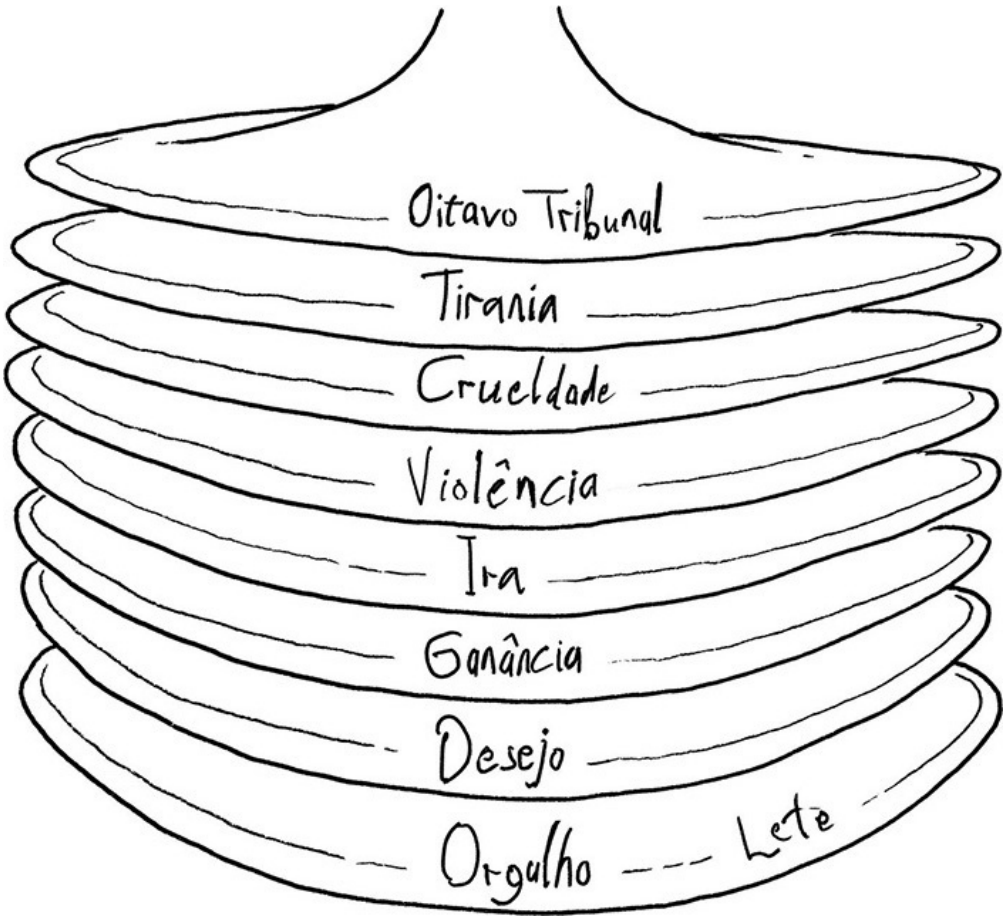
— Vamos supor que seja menos parecido com uma… O que foi que você falou? Uma pizza de ânus? Menos parecido com isso, e mais parecido com… bem, uma espiral.

Peter desenhou um diagrama abaixo do dela para demonstrar.

— Vamos supor que estamos em um espaço hiperbólico — continuou ele. — Se esquecermos o postulado das paralelas da geometria euclidiana e presumirmos que estamos lidando com curvatura negativa, então vamos poder visualizar os tribunais como uma pseudoesfera torcida, limitada por fora, mas infinita por dentro…

— Mas *não* estamos em um espaço hiperbólico — interrompeu Alice. Não sabia muito sobre o conceito, mas isso pelo menos parecia óbvio. — Nós *saberíamos*, veríamos todo tipo de… de padrões esquisitos no formato de recifes de coral ao nosso redor, não estaríamos caminhando nesta superfície plana…

— Na verdade, não — retrucou Peter. — Essa é a questão. Quando você está dentro dele, é claro que vai parecer uma superfície plana. Nós vemos os padrões esquisitos de coral porque somos seres tridimensionais visualizando um espaço hiperbólico bidimensional. Mas não somos seres quadridimensionais, portanto, não podemos ver *de fato* a distorção de um espaço hiperbólico tridimensional. As linhas curvas parecem retas para nós.



— Ah, para com isso. — Como sempre, a matemática despertava em Alice uma vontade aguda de chorar. — *E daí?*

— Daí que nós poderíamos simplesmente ir até este pico aqui. — Peter deu batidinhas no topo da espiral. — O centro do Inferno, o lugar de onde é possível ver os oito tribunais.

— Claro — disse Alice. — *Se* esse lugar existir. *Se* isso aqui for um espaço hiperbólico. E não temos certeza disso.

— Mas acho que provavelmente é, sim — insistiu Peter. — Quer dizer, de que outra forma explicar aquela vista estranha lá de cima?

— Mas aquilo não era uma pseudoesfera, era só fluxo ctônico.

— Acho que não, Law. Eu vejo aquilo como o Inferno sinalizando sua geometria.

Alice não estava convencida.

— E eu vejo como o Inferno zoando com a nossa cara. O que é igualmente provável.

Os dois olharam para os cadernos. Tinham chegado a um impasse. Dois mapas, e nenhuma boa razão para preferirem um ao outro.

— Queria poder medir a velocidade da luz aqui — resmungou Peter, desanimado. — E também o tamanho do universo ctônico conhecido.

— Muito útil — retrucou Alice. Estava claro para ela agora que teriam que decidir com base no pragmatismo. Se deixasse Peter continuar, ele passaria o dia inteiro especulando sobre geometria. — Acho que temos que seguir a ordem.

Peter gemeu.

— Mas isso é um desperdício de tempo.

— Assim como escalar até um pico mítico cuja existência é duvidosa!

— O pico é um atalho. E nos poupa de ter que revirar todas as pedras nos níveis inferiores… Ele nos permite ver tudo de uma vez e, então, simplesmente… Não sei, pular pra lá…

— Tudo bem — disse Alice. — Digamos que o seu pico exista. Pra onde você pularia? Que pecados acha que ele cometeu?

Fez-se silêncio. Pela primeira vez, Peter não tinha uma resposta pronta. Os dois estavam pensando, naquele momento, nos alunos de graduação carbonizados, e se isso contava como assassinato ou apenas mentira. Estavam pensando em Olivia Kincaid, Elspeth Bayes e todos os que nunca se formaram. Estavam pensando em tudo que o professor Grimes havia feito ao longo de sua célebre carreira e em tudo que ainda não sabiam sobre o homem. E Alice, por sua vez, estava pensando nas risadas gélidas, nos dedos cravados em seu ombro, no hálito quente em seu rosto, na ardência em sua pele.

— Bem — falou Peter com delicadeza. — Essa é a grande questão.

Por um instante, ambos ficaram quietos. Não queriam responder àquela pergunta. Não queriam nem ao menos começar a explorá-la. Fazer isso envolveria um grande número de confissões. E Alice, pelo menos, não estava pronta para admitir nada.

— Acho que nós vamos ter que procurar em todos eles. — Ela cruzou os braços. — Vamos… vamos simplesmente ser minuciosos.

Peter parecia prestes a dizer alguma coisa. Mas um minuto se passou, e ele desistiu.

— Tudo bem. — Ele fechou os cadernos. — Temos que nos apressar, então. Só temos sete dias. Isso dá menos de um dia pra cada tribunal.

— Como assim sete dias? Eu tenho o dobro disso.

— Bem, os pergaminhos de Hécate…

— Os pergaminhos de Hécate sugerem que mortais só podem permanecer no Inferno por sete dias antes de sucumbirem devido a necessidades corporais — afirmou Alice. — Eu vejo isso como uma preocupação com comida e água, e não como um limite de tempo estrito.

— Interessante. — Peter franziu a testa. — Eu traduzi como uma limitação

da alma.

— Se estivesse se referindo a uma limitação da alma, ela teria deixado isso claro — argumentou Alice. — É um termo distinto no grego. Há evidências textuais nos livros oito, dez e doze…

— Tudo bem, tudo bem. — Peter ergueu as mãos. — Você está certa.

— De qualquer forma, como Hécate não poderia ter previsto as inovações do pão Lembas e dos Frascos Perpétuos, nós sabemos que podemos sobreviver por muito mais tempo do que ela supunha — concluiu Alice. — Você não deveria levar a sério ninguém que tenha expressado uma opinião sobre comida antes do século XX.

— É, tem razão. — Peter assentiu, pensativo. — Nunca tinha pensado em textos nesses termos.

— Quer dizer em termos de leitura crítica?

— Quero dizer… não sei, levando em conta a época em que foram escritos, o contexto social do autor, esse tipo de coisa.

— Historicização, Murdoch. É assim que chamamos. Por quê? Você simplesmente leva tudo que lê ao pé da letra?

— Bem, se a matemática estiver correta…

— Inacreditável — resmungou Alice. — É por isso que todo mundo odeia os lógicos.

— Isso foi um *elogio*, Law. Estou demonstrando respeito disciplinar.

— Bem, eu dispenso — retrucou, embora tenha sentido um calor ridículo no peito.

O trabalho no laboratório costumava ser assim, pensou. As provocações de Peter, as réplicas dela; duas metodologias diferentes colidindo até que, como sempre, chegavam a um consenso mais próximo da verdade. Ah, mas aquilo machucava: Alice não tinha se dado conta do quanto sentia falta disso.

— É condescendente — acrescentou ela.

Em pouco tempo, levantaram acampamento e enfiaram tudo de volta nas mochilas. Alice se espreguiçou e fez uma careta ao ficar de pé. Tinha esquecido como escalar podia acabar com os músculos. Tudo doía, e os joelhos vacilaram quando ela deu o primeiro passo. Realmente havia maltratado o corpo nos últimos meses; dormia pouco, quase não comia e definitivamente não se exercitava. Torceu para que as próximas provações do Inferno fossem mais metafísicas do que físicas. Deveria ter feito pelo menos uma flexão.

Peter pigarreou.

— A propósito, Law.

Ela notou, alarmada, que o rosto dele tinha ficado cor de musgo. Parecia estar tentando engolir a própria língua.

— Eu só… quero que saiba que te respeito muito.

Alice desejou que o chão os engolisse.

— Ah, não faz isso.

— Assim como sua integridade física. E sinto muito se fiz alguma coisa que te deixou desconfortável.

— Pelo amor de Deus, Murdoch.

— Portanto, acho… Quer dizer, acho que é melhor não compartilharmos mais o cobertor. Vou simplesmente aguentar o frio. Não vou me importar, se estiver dormindo. Acho que dá pra tolerar qualquer coisa quando a gente está dormindo. E se houver algo que eu possa fazer pra você se sentir mais segura… quer dizer, mais confortável perto de mim…

— Murdoch.

Ela botou as mãos no rosto. Pensou em como aquilo era injusto. Como se nunca o tivesse visto dormindo. Como se não tivesse se aconchegado ao lado dele tantas vezes, suas respirações profundas no mesmo ritmo, ambos murmurando sobre estrelas e números até que suas especulações se misturassem aos sonhos. Costumava ser tão fácil. Mas ali estavam eles, negociando o espaço pessoal como estranhos.

— Cala. A. Boca.

Ele não obedeceu.

— Podemos até dormir em turnos, se quiser. Revezar. O que quer que te deixe… Ai, meu Deus. — Os olhos de Peter se arregalaram. Ele apontou. — O muro.

Alice se virou. A argamassa de ossos estava ficando translúcida diante deles. Ela estendeu a mão, em pânico, e seus dedos a atravessaram, como se a parede não passasse de uma miragem cintilante. O muro ainda durou mais alguns segundos e depois desapareceu por completo, deixando-os mais uma vez cercados por todos os lados por um mar infinito de areia cinza.

— Não há saída — murmurou Alice.

Essa era a epígrafe na abertura do tratado de Penhaligon. Havia passado os olhos por ela durante sua primeira leitura, achando que se tratava apenas de mais uma das tentativas do autor de fazer poesia. Mas no fim das contas era literalmente assim que o Inferno funcionava.

— A única saída é passar por ele.

Isso fazia sentido, em teoria. As almas que haviam se submetido a toda a burocracia não deveriam poder vagar livremente de volta para os Campos de Asfódelos. Isso bagunçaria toda a contabilidade. Você não podia simplesmente decidir que não queria mais ser punido e voltar para o Limbo. Alice deveria ter previsto isso, mas ainda assim o fato de que os caminhos que trilharam estavam

se apagando atrás deles a apavorou. Isso tornava as consequências permanentes. Ou eles conseguiam o que pretendiam ou morreriam.

No entanto, assim que o muro sumiu, gavinhas cinzentas de névoa emergiram do solo, serpenteando com curiosidade ao redor deles, contornando o corpo dos dois como se fossem sencientes, como se estivessem ouvindo seus pensamentos e sentimentos para tentar entender quem eram e por que tinham ido até lá. Em seguida, as gavinhas se recolheram em um acidente do terreno, onde se fundiram e espiralaram, tremendo como se estivessem acompanhando a batida do tambor de um mágico prestes a fazer seu grande truque, antes de se dispersarem para os lados feito cortinas se abrindo. Aqui, disse o Inferno. Deem uma olhada nisso.

— Aquilo é…? — Peter inclinou a cabeça para cima, seguindo um campanário que se erguia contra o céu laranja. — Não pode ser.

— O Inferno se adapta a nós — murmurou Alice. O apêndice disperso de Penhaligon sobre o lugar e a temporalidade não tinham feito sentido para ela até aquele momento. — O Inferno é um espelho.

Os Oito Tribunais do Inferno refletiam o mundo dos vivos. Quase todas as mitologias antigas convergiam nesse princípio. Muitos rituais fúnebres antigos eram conduzidos como se no Inferno todos os padrões da vida tivessem continuidade. Os enlutados colocavam moedas sob a língua dos mortos para que pagassem por sua passagem; pessoas eram enterradas com seus animais de estimação e tesouros favoritos. A alma recém-falecida ficava desorientada por ter sido arrancada da vida. O Inferno tinha que se parecer com algo que lhe fosse familiar; caso contrário, a alma nunca seguiria adiante.

Essa teoria, embora não fosse universalmente aceita, explicava por que o Inferno de Dante era habitado por todos os poetas, artistas e políticos com os quais ele havia convivido ao longo da vida. E por que as pinturas budistas exibiam todo o aparato ritual dos palácios chineses: jardins, lagos e haréns de concubinas. E por que tanto a visão grega quanto a mesopotâmica da vida após a morte envolvia sistemas ordenados de justiça, guardiões e contadores munidos de registros e balanças, processando filas de mortos da mesma forma que os guichês de verificação de passaporte processam cidadãos. No fim das contas, os seres humanos preferiam a ordem previsível de suas burocracias conhecidas. Os pecados de uma pessoa ganhavam sentido no contexto de seu universo moral, composto por seus entes queridos, ídolos, rivais e vítimas. Dante via filósofos e políticos. Eneias via fantasmas de guerreiros do passado. A ferida mais intensa era infligida por aquilo que a pessoa conhecia. Se Alice tivesse que adivinhar, o universo moral do professor Grimes — o relatório completo das coisas que o deleitavam, que lhe causavam dor e das pessoas a quem poderia fazer mal —

não ia além da estação de Cambridge.

Então, talvez devessem ter esperado que o Inferno assumisse uma paisagem bastante familiar: torres góticas, pátios murados e, serpenteando entre eles, um único caminho pavimentado, largo o suficiente para pedestres e ciclistas, mas não para carros. Ao entrar em lugares assim, você sempre sabia a que se destinavam. Sabia exatamente onde estava pela uniformidade da arquitetura, pelos mesmos tons de tijolo e pedra nos prédios. Sabia pela falta de ruas largas e letreiros de lojas, pela ausência de crianças. Sabia pelos portões em arco que marcavam a fronteira. Portões feéricos, sinalizando transição. A realidade mundana terminava ali. Não eram lugares de lazer nem de negócios. Eram lugares para ficar em silêncio, para pensar e se ausentar do tempo.

— Meu Deus! — exclamou Peter. — O Inferno é um campus.

Sobre a reencarnação

A única coisa sobre a qual todos os tartarólogos concordam é que o Inferno prepara as almas para a reencarnação.

Os Oito Tribunais do Inferno não são arenas de punição eterna. Por um lado, isso seria extremamente injusto. Nenhum pecado, por mais hediondo que seja, merece uma penitência sem fim. Isso seria desproporcional, a conta não fecha. Por outro lado, o universo precisa de equilíbrio. Como disse Sócrates: "Se os vivos nascessem do outro mundo, e os vivos morressem o tempo todo, o que impediria que tudo se consumisse na morte?" No que diz respeito à morte, os cristãos estão certos sobre a imortalidade da alma, mas errados sobre todo o resto. Nesse sentido, os pitagóricos, os platônicos, os budistas e taoístas, os maniqueístas, os jainistas, os siques e os hindus têm uma compreensão melhor das coisas. Viver e morrer são dois lados da mesma moeda. Faz mais sentido pensar nas almas como algo que flui continuamente entre os mundos do que acreditar que tudo que já viveu está para sempre se acumulando em uma tumba no submundo.

Na década de 1960, o filósofo Michael Huemer argumentou a favor da plausibilidade da reencarnação com base em fundamentos probabilísticos, uma linha de raciocínio que a maioria dos estudiosos passou a aceitar. De acordo com Huemer, há razões para acreditarmos que o tempo se estende infinitamente para o passado e para o futuro. Se o tempo é infinito, a probabilidade de nossa única vida acontecer neste exato momento, neste ponto específico da linha, se aproxima de zero. Portanto, ou o tempo é finito, ou vivemos mais de uma vida. O autor alega que é pelo menos admissível que o passado não seja finito, então temos evidências razoáveis para acreditar no eterno retorno. Teólogos e estudiosos das religiões não gostam desse argumento pelas mesmas razões que não gostam da Aposta de Pascal: porque parecem usar atalhos matemáticos para chegar a conclusões que as religiões levaram milhares de anos para formular.

Os magos o adoram.

As teorias da reencarnação se sobrepõem perfeitamente às teorias do eterno retorno, um conceito defendido tanto por Friedrich Nietzsche quanto pelos

pitagóricos. Em linhas gerais, o eterno retorno sustenta que os acontecimentos do universo estão destinados — ou condenados — a se repetir indefinidamente, pois há uma quantidade finita de energia e matéria em um universo infinito, ao longo de um tempo infinito, e as combinações possíveis entre elas também são finitas. A ampulheta eterna da existência, por assim dizer, é virada repetidas vezes. Nós renascemos para fluir com a areia.

Infelizmente, o consenso acadêmico só vai até esse ponto. Os tartarólogos discordam bastante sobre como funciona a reencarnação. Quanto tempo é preciso esperar para renascer? O renascimento é familiar, ou seja, sua avó morta pode renascer como sua filha? A bondade e a maldade cármica se acumulam com o tempo, de modo que os virtuosos vivem vidas cada vez melhores? É possível escapar do ciclo de reencarnação, como esperam os budistas? A alma humana pode renascer no corpo de um animal? Aliás, os animais têm alma? Sabemos que a memória é apagada por completo entre um ciclo e outro, pois não há registro de ninguém que tenha se lembrado de forma crível de uma vida passada. Temos poucas certezas além dessa.

A questão mais difícil de resolver é a da punição. A que propósito serve? É reabilitadora, então devemos sofrer apenas até termos aprendido a lição? É retributiva, então devemos equilibrar a balança cármica, perder um olho por um olho e sofrer tanto quanto fizemos sofrer? Quantas horas em poços de água fervente compensam um assassinato? A punição segue o princípio do contrapasso, como descreve Dante, em que os castigos se originam da natureza do próprio pecado e representam o oposto poético da transgressão? A punição implica a universalização das máximas transgredidas, como teorizou Kant? O Inferno é uma grande manifestação metafísica da Regra de Ouro?

A única coisa que sabemos com certeza é que as almas do Submundo em algum momento viajam, de alguma forma, para o domínio de Rei Yama — isto é, Hades, Anúbis, Rei dos Mortos, Senhor do Submundo, Juiz da Vida e da Morte, ou como quer que ele seja conhecido. Como acontece com muitos conceitos na magia, Rei Yama é definido mais pela ausência de provas do que pelas provas em si. Ele é um conceito que representa o que não sabemos. Pode ser um agente racional, justo e imparcial, um rei filósofo do reino ctônico. Pode ser um demônio, tempestuoso e caprichoso. Pode ser uma divindade imperceptível, o que nesses círculos é um código para "ninguém publicou nada sobre o assunto".

Apesar de todas as nossas teorias, histórias e mitos, os desígnios de Rei Yama continuam sendo um mistério absoluto. Ninguém sabe ao certo o que de fato acontece nesses tribunais, ou por quê; muito menos as Sombras que estão presas neles. Se for um teste, ninguém sabe como passar. Se for uma mera tortura,

ninguém sabe quanto tempo dura. Não há como prever, trapacear ou encontrar um atalho para a redenção. Atravessamos o Lete e reencarnamos apenas quando o Inferno decide que estamos prontos. Acontece quando tem que acontecer. Até lá, recebemos o que nos é devido.



CAPÍTULO SEIS

Alice sentiu um pequeno arrepio de entusiasmo ao passar por aquele portão.

Sempre tinha gostado de começar um novo período letivo em uma nova instituição — ensino fundamental, ensino médio, faculdade e, por fim, Cambridge. Gostava de aprender a se orientar pelos prédios, de obter acesso à biblioteca, de se acomodar em cantos de estudo escondidos, de descobrir seus atalhos favoritos entre o departamento e o alojamento. Gostava de se tornar uma pessoa que se encaixava. A cada nova matrícula, você tinha a chance de se reinventar, de provar que merecia estar ali. E foi por isso que Alice sentiu, embora soubesse que era perigoso, um desejo instintivo de se encaixar naquele lugar.

Se o Inferno era apenas mais uma instituição, então não podia ser tão ruim assim. E não ficava nem mesmo no meio de uma cidade, o que envolveria coisas horríveis como shoppings e estações de metrô. Nada de monstruosidades da arquitetura brutalista ali. O Inferno era antigo de um jeito reconfortante, um campus do Velho Mundo, com tons neoclássicos pálidos em contraste com os vermelhos estadunidenses. Não havia árvores nem gramados, pois nada crescia ali embaixo, mas tudo bem; a areia estava disposta de maneira elegante. No geral, aquele Inferno era até bastante agradável. E ela poderia ter pensado que estava de volta ao mundo dos vivos, não fosse pelo silêncio.

Decidiu que isso se devia à ausência de estudantes de graduação. Eram eles que davam vida a uma universidade, com seu corre-corre desajeitado, seu senso de autoimportância e sua liberdade recém-descoberta. Os alunos de graduação eram sangue novo. Faziam perguntas. Traziam ideias e, quando não conseguiam

tê-las, ao menos traziam problemas. Sem o burburinho deles, o campus ficava assustadoramente quieto. Mas nem mesmo isso conseguiu assustá-la como deveria. Fazia muito tempo que sua mente andava barulhenta. Alice gostava do silêncio.

— Talvez você esteja certa — comentou Peter.

— O quê?

— Talvez seja progressivo — admitiu ele. — Pode ser que só tenha um caminho para a gente seguir.

Alice viu o que ele estava vendo. Ao contrário dos outros campi, não havia um emaranhado de ruas e atalhos. Havia apenas um caminho e, quando tentou seguir com o olhar para onde levava, ela percebeu que a maior parte do local estava desfocada; inegavelmente presente, mas relegada a um pano de fundo em sua visão. A única coisa que conseguia ver em detalhes era um edifício circular bem diante deles, com vários andares, as laterais cercadas de colunas e o topo curvando-se em uma cúpula. Não havia janelas, apenas pedestais, e sobre cada um deles, estátuas de figuras eruditas, vestidas com túnicas.

Vocês não podem ir e vir, o Inferno os informava. Não podem furar a fila. A única maneira de prosseguir é seguindo a ordem. O Primeiro Tribunal, e depois os demais.

— O mapa está decidido, então — anunciou Alice. — Nós vamos um por um.

Então, os dois se dirigiram ao edifício e empurraram as portas pesadas do Primeiro Tribunal, *Superbia*, o Tribunal do Orgulho.

* * *

O Orgulho era uma biblioteca.

Na verdade, o Orgulho tinha tudo de que Alice gostava em uma biblioteca. Havia piso de mármore claro e estantes de madeira polida; pé-direito alto e paredes inclinadas; belos vitrais coloridos com padrões de imagens vagamente religiosas; poltronas de leitura de couro com encosto generoso. As lombadas de couro ficavam dispostas não em prateleiras de plástico frágeis ou em estruturas de metal, mas em robustas estantes de madeira. As melhores bibliotecas eram como as melhores igrejas: antigas, cheirando a mofo, pré-industriais.

Todo mundo sabia que quanto mais bonita era uma biblioteca, melhor o trabalho realizado nela. Bibliotecas bonitas significavam doadores, financiamento, tempo e recursos para reunir as melhores coleções. Mais importante ainda, bibliotecas bonitas colocavam você em determinado estado de espírito. Era possível abrir exatamente o mesmo conjunto de arquivos na

Radcliffe Camera ou em um galpão sem graça, e ainda assim fazer um trabalho melhor na Rad Cam. O ambiente era importante. Você se tornava o pensador que o lugar esperava que fosse. Bibliotecas bonitas sussurravam: “Todos que passaram por aqui são muito importantes, e você também é.”

Será que o Inferno poderia ser tão ruim assim, Alice se perguntou, se abrigava um lugar como aquele? As portas se abriram revelando pilhas e mais pilhas de livros, estantes que se estendiam em todas as direções e pesquisadores andando de um lado para o outro com os braços cheios de manuscritos. Não havia gritos, sibilos nem esfolamento de pele. Os livros pareciam normais, tinham cheiro normal e até títulos normais, escritos em inglês, sobre assuntos que não tinham relação óbvia com a morte. O ar era apenas um pouco frio demais, como em todas as bibliotecas universitárias, mas, fora isso, era bastante confortável. Havia até mesmo as luminárias de mesa com cúpula verde, que emitiam uma luz suave, do tipo que sempre induzia uma sensação de satisfação no cérebro de Alice. Por um momento, ela sentiu um medo terrível de que o Inferno tivesse sido apenas uma alucinação, que tivesse adormecido entre as prateleiras e estivesse de volta ao ponto de partida. Mas então viu as Sombras atravessando estantes, o corpo se solidificando apenas quando pegavam um livro e folheavam as páginas.

— É mais agradável do que eu esperava. — Peter deu uma olhada ao redor. — Agora tenho um pouco menos de medo da morte.

— Ai!

Algo duro cutucou o quadril de Alice. Ela recuou, surpresa. A Sombra na qual havia esbarrado passou às pressas ao seu lado, com uma grande pilha de livros nos braços.

Alice esfregou o quadril.

— Olha por onde anda.

A Sombra soltou um grunhido impaciente e continuou andando.

Nesse momento, Alice percebeu que as Sombras ali não estavam tão contentes quanto pensava. Na verdade, eram bastante hostis. À medida que adentravam a biblioteca, ela começou a perceber uma energia tensa e agitada no ambiente, semelhante à das bibliotecas universitárias durante o período de provas. A frustração latente de almas exaustas e exasperadas. Aquele tipo de atmosfera era contagioso. A pele de Alice formigou de inquietação. Entre as estantes, ouviu uma sinfonia de murmúrios raivosos e livros sendo colocados com força sobre as mesas. Alguém espirrou, e meia dúzia de vozes gritou:

— *Shhh!*

Várias fileiras adiante, uma Sombra estava debruçada sobre um manuscrito grande e amarelado, com uma lupa na mão. Parecia bastante inofensiva, ou seja,

parecia um arquivista. Alice criou coragem para perguntar:

— O que está acontecendo?

O sujeito piscou para ela.

— Como assim?

— O que todo mundo está pesquisando?

— Ah. — A irritação cruzou o rosto da Sombra. — Então vocês acabaram de morrer?

— Na verdade, nós… — começou Alice, mas Peter a interrompeu.

— Isso — respondeu. — Acabamos de chegar e estamos muito confusos. O que vocês estão pesquisando?

A Sombra apontou para uma placa de latão em uma parede atrás dela. Ali estava escrito, em letras garrafais: DEFINA O BEM.

— Não entendi — disse Peter.

— É exatamente o que está escrito. — A Sombra acenou com a mão, impaciente. — Descubra, faça uma defesa oral e eles deixam você passar.

— Mas descobrir *o quê*?

— Law, olha.

Peter pegou uma folha impressa que estava em cima da mesa. Alice deu uma olhada por cima do ombro dele. O título era "Leituras recomendadas", seguido de uma lista de autores. *Immanuel Kant. Jeremy Bentham. Herbert Spencer*.

— Olha só. Nietzsche — disse ele.

Alice o ignorou.

— O que você quer dizer com "passar"? — perguntou ela à Sombra. — Quem te deixa passar? Quanto tempo leva?

— Meu Deus — resmungou a Sombra. — Por acaso eu pareço seu professor particular?

— Mas você não pode só me dizer…

A Sombra lhe deu as costas, aproximando o rosto da lupa com determinação.

— Vamos andar um pouco — sugeriu Peter, puxando Alice com delicadeza para longe. — Quem sabe a gente não encontra uma planta baixa, ou talvez uma divindade bibliotecária.

Eles circularam pelo labirinto de estantes, desviando de Sombras irritadiças, até chegarem a um espaço que parecia um saguão principal. As prateleiras se estendiam radialmente a partir de uma área de estudos circular, e o teto se abria, revelando uma grande escadaria central. Os dois olharam para cima. A escadaria se estendia indefinidamente, adornada em cada andar por grandes estátuas de bronze em várias posturas de profunda reflexão. A biblioteca

parecia finita por fora — Alice tinha certeza de que tinha visto o telhado da torre —, mas por dentro se estendia até onde a vista alcançava, com andares se espiralando em direção a um centro cada vez menor e Sombras se movimentando freneticamente por toda parte.

Como todo bom estudioso, Alice às vezes fantasiava com uma biblioteca infinita, uma biblioteca de Babel borgiana, na qual uma pessoa poderia se perder para sempre. Mas a imagem que via lhe causava espasmos de pânico. Era muito vasta. E eles não tinham *tempo*. O professor Grimes estava marchando com um propósito, a Sombra no muro tinha dito. Estava determinado a atravessar o Inferno, e quando o homem estava determinado a fazer alguma coisa, era como se muros não existissem. Precisavam alcançá-lo antes que ele reencarnasse; não havia tempo a perder.

— Meu Deus. — Peter parecia igualmente desolado. — Será que é melhor a gente se separar e procurar cada um por si?

— Isso pode levar uma eternidade.

— Mas talvez tenha alguma ordem — falou Peter. — Pode ser cronológica, pode ser que as almas mais recentes fiquem nos andares inferiores.

— Espera um pouco. — Alice massageou as têmporas. — Deixa eu… Me dá um segundo pra pensar.

Orgulho, *superbia*, arrogância. *Hubris,* o desafio aos deuses; *māna*, a mente envaidecida. Nenhum dos relatos dos viajantes mencionava uma biblioteca universitária, portanto, ela teve que voltar aos princípios fundamentais, às bases filosóficas. Repassou textos, imagens, tratados que residiam em sua mente. Ícaro, despencando do céu; Aracne, os membros se dividindo em oito. O que era o orgulho? Para Agostinho, o pecado original; para o papa Gregório, a raiz de todo mal. Para Platão, o Primeiro Tribunal punia aqueles que possuíam uma alma timocrática — a alma que professava amar a justiça, a honra e a beleza, mas que se preocupava mais em preservar a aparência dessas coisas do que em fazer os sacrifícios necessários para realizá-las de fato. Para Confúcio, o Tribunal do Orgulho abrigava os *xiaoren*, os homens mesquinhos, aqueles que buscavam os nomes das coisas, mas não sua essência. Um descompasso entre o significante e o significado — sim, era isso, o fio comum que perpassava todas essas teorias. Mas o que isso tinha a ver com definir o bem? E como se define o bem? Se conseguisse descobrir isso, poderia refazer os passos do professor Grimes, pois ele com certeza teria resolvido essa questão em um instante.

Alice, porém, não conseguia raciocinar. Seus pensamentos teimavam em lhe escapar, por mais que tentasse organizar o que sabia. A biblioteca não parecia mais tão sagrada. Ruídos invadiam sua mente — discussões, sussurros,

arranhões, tosses, respirações, penas riscando, canetas clicando —, nada a um volume muito acima do normal, mas tudo intensamente *presente*, incômodo a ponto de distraí-la. E alguém na estante ao lado não parava de gemer, um som insuportável que ficava cada vez mais alto.

Alice contornou a prateleira.

— Pelo amor de Deus!

Era a Sombra de um jovem, magro e esguio, curvado no chão com os joelhos junto ao peito, se balançando para a frente e para trás. Tinha a aparência de um estudante de direito, embora Alice não soubesse dizer exatamente por quê; apenas sentia que era esse o caso. Talvez fosse o queixo. Havia livros espalhados ao redor dele, e manchas de tinta derramada no carpete. Ao ver Alice e Peter, ele soluçou ainda mais alto.

— Eles não querem me deixar passar. Dezessete vezes, dezessete vezes e ainda não me passaram, eu sou tão idiota…

— Ah, não, não.

Alice se arrependeu de ter sido ríspida. Estava acostumada com situações como aquela e, em geral, quando as pessoas tinham colapsos mentais na biblioteca da faculdade, você falava com elas em um tom suave e tranquilizador, removia todos os objetos cortantes que houvesse na mesa e as mandava comer um biscoito e tirar um cochilo.

— Você não é idiota.

— Mas eu já fiz tudo. — A Sombra soluçou. — Li todos os textos recomendados. Li até *Russell*, meu Deus. — Ele bateu com a palma da mão na lateral da cabeça. — Até segui o método da *República*. Estudei *matemática*… ah!

Ele desabou para o lado, batendo na perna da mesa, o que fez uma pilha de anotações cair em cascata no chão. Ao ver isso, ele soltou um gemido agudo e se jogou para a frente, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— E agora minhas anotações estão fora de ordem.

Peter se ajoelhou para ajudá-lo a recolhê-las.

— Aqui…

A Sombra as apertou contra o peito.

— Estão codificadas por cores — lamentou-se. — Não que *eles* se importem.

— Werner, por favor.

Uma segunda Sombra, um sujeito mais baixo e de aparência mais velha, veio apressado pelo corredor na direção dos três. Ele enfiou as mãos sob as axilas do jovem e, grunhindo, ajudou-o a ficar de pé.

— Já conversamos sobre isso. Você não pode ter colapsos mentais no meio

das estantes.

— Me reprovaram de novo — lamuriou-se Werner. — Eles me odeiam.

— É, eu sei. — A Sombra mais velha lhe deu tapinhas nas bochechas. — Mas se recomponha, por favor. Já tivemos reclamações por causa do barulho.

— Nunca vou sair daqui…

— As crises de choro devem ser conduzidas em particular, são as regras da biblioteca. — A Sombra mais velha lhe afagou as costas. — Eu reservei um lugar pra você. Sala de estudos C-56. Terceiro andar. Vamos.

Werner, ainda chorando com o rosto enterrado nas mãos, cambaleou obedientemente em direção à escada.

— Bom garoto. — A Sombra mais velha limpou a poeira da palma das mãos e se virou para Alice e Peter. — Sinto muito, não vai acontecer de novo. Ora, vocês parecem novos! Acabaram de chegar?

— Sim, exatamente — respondeu Alice.

— Pacto de suicídio — acrescentou Peter, e Alice achou um tanto dramático, mas não contestou.

— Vocês estão com uma aparência muito boa! — A Sombra passou o dorso da mão no ombro de Peter. — O acabamento do seu colarinho. Incrível. Como conseguiu?

— É… — disse Peter. — Eu me esforço?

— É magnífico! Você não acreditaria na preguiça que reina por aqui. A maioria dos recém-chegados nem se dá ao trabalho de ter um rosto. — A Sombra se curvou diante de ambos, as mãos unidas como em uma prece. — George Edward Moore. A seu dispor.

Era a Sombra de aparência mais humana que Alice tinha visto até aquele momento, o que significava que cada parte do sujeito era ricamente detalhada e sólida, desde os fios grisalhos no topo da cabeça até as pontas desgastadas dos sapatos de couro. Tinha o sorriso ligeiramente torto de quem fumou cachimbo a vida toda — e, de fato, lá estava, um cachimbo na mão esquerda. O homem acenou com o objeto na direção deles.

— E vocês são…?

Os dois responderam ao mesmo tempo:

— Peter Murdoch.

— Alice Law.

— E onde você estudou, Peter Murdoch?

— Ah, eu estudei… Nós estudamos em Cambridge — respondeu ele. — No Departamento de…

— Ah, Cambridge! — Moore agarrou a mão de Peter e a apertou com vigor. Alice foi ignorada. — Um rapaz de Cambridge! Que notícia maravilhosa.

Eu estudei na Trinity. Venham, venham. Vou mostrar tudo a vocês.

Ele se dirigiu à escada. Alice olhou para Peter, que deu de ombros como quem diz: *Por que não?*

Não havia opções melhores, e Moore não parecia perigoso à primeira vista — de qualquer forma, Alice nunca tinha ouvido falar de uma entidade demoníaca que se autodenominasse George Edward Moore —, então ambos o seguiram. Virando-se, o homem fez um gesto grandioso em direção ao primeiro andar.

— Os andares se alternam entre espaços de trabalho e estantes. Estas são organizadas em ordem cronológica ascendente, por século, e, em seguida, em ordem alfabética por disciplina. É um pouco complicado, mas recomendo que comecem no século VI a.C. e vão subindo.

Moore fez uma pausa, olhando para o primeiro andar, que era de fato composto de mesas ocupadas e corredores intermináveis de salas de estudo.

— No começo, vocês vão ter um choque, já que acabaram de falecer e tudo o mais, mas não temos banheiros nem cozinhas. Ninguém precisa dormir nem comer. Todo mundo é livre pra se dedicar em tempo integral ao trabalho.

— Definir o bem — completou Peter.

— Exato. É o que dizem as placas. Essa é a única regra deste lugar: descobrir o significado do bem. Quando alguém chega a uma definição com a qual fica satisfeito, vai até a margem para uma defesa oral. Quem passa segue adiante. Quem fracassa… Bem, vocês viram o pobre Werner.

Moore acenou com a cabeça na direção das dezenas de Sombras que trabalhavam, concentradas.

— A maioria está nisso há anos. Olhem só pra eles.

Alice sentiu um impulso de se juntar às Sombras. Não porque o projeto parecesse tão interessante — na verdade, parecia vago demais, até um pouco irritante —, mas porque havia prazer em receber uma tarefa clara e definida e se dedicar a ela com afinco. Todas aquelas Sombras pareciam muito diligentes e determinadas, o que, de certa forma, parecia virtuoso. Era sempre bom se dedicar à pesquisa. Como disse Aristóteles, a felicidade plena estava em uma forma de estudo.

— Mas isso não parece tão difícil — comentou Peter.

— Isso é o que você acha.

— Mas não são só… sabe, coisas boas?

— Ah — falou Moore. — Mas isso é uma tautologia.

— Felicidade, então — afirmou Peter. — E justiça. E bondade, e…

— Você está só recitando sinônimos agora.

— Mas com certeza tudo isso faz parte do bem…

— Ah, então existe uma lista completa? E o que mais deve constar nela? Qual é a qualidade comum de todas as virtudes da sua lista? Consegue me dar uma versão abrangente e bem definida dela?

Peter fez uma pausa.

— Entendi.

— É mais difícil do que parece. — Moore sorriu. — Todo mundo chega achando que já sabe a resposta e fracassa muitas vezes antes de recorrer à literatura. E, nos casos bem graves, a pessoa nunca faz nenhum progresso e acaba se bronzeando…

— Se bronzeando? — repetiu Peter.

— Um sofrimento terrível. Começa nos pés, e então você não consegue mais se mexer e fica preso onde está. Quando isso acontece, a pessoa é levada pros pedestais. Vejam, aquele ali é Newton.

Alice, que estava apoiada em um pedestal, logo se afastou.

— Essas estátuas são *pessoas*?

— Isso. Todas elas são.

Moore bateu os nós dos dedos em um pedestal onde se lia *Galileu* e continuou subindo para o segundo andar.

— Elas acordam, mas ninguém sabe quanto tempo leva. Cá entre nós, acho que gostam de ficar ali… Têm uma pausa do trabalho e todo mundo fica maravilhado com elas.

— Então, o que faz uma pessoa vir pra este tribunal? — indagou Alice. — Quer dizer, por que todas essas pessoas estão aqui?

— Não pergunte! Você não deve perguntar, essa é a primeira regra que precisam aprender. É visto como falta de educação. — Moore baixou a voz para um sussurro conspiratório. — Mas os boatos circulam, é claro. As pessoas se distraem e deixam suas transcrições onde qualquer um pode ver. — Ele apontou. — Aquele sujeito ali, por exemplo. Dizia pra todo mundo que dava aula em Oxford, quando na verdade dava aula na Oxford *Brookes*.

— Isso é suficiente pra uma pessoa ir pro Tribunal do Orgulho?

— Ah, sim. Vocês não acreditariam no tipo de gente que aparece por aqui. — Moore continuou apontando enquanto caminhavam. — Aquele ali rejeitava artigos que não citassem o trabalho dele. Aquele fez oitenta e duas apresentações sobre Goethe. Aquele faz questão de lembrar às pessoas que Dartmouth faz parte da Ivy League. E, ali, são os estudantes de escrita criativa. — Isso foi dito em referência a uma sala de estudo com oito Sombras, todas se encarando em silêncio. — Por algum motivo, eles sempre vêm em grupos. Não consigo entender por quê.

Os três passaram por outra sala de estudo, onde uma Sombra estava

falando para outra em voz alta:

— … é claro que é tudo muito *derridiano*, o que me deixa desconfortável por causa da obsessão de Derrida por *fezes*. Sabia que uma vez eu o vi falar em uma conferência? Todo mundo só falava de como ele tomou LSD e esfregou *fezes* nas paredes.

— Filósofos continentais. — Moore estremeceu. — Temos dezenas deles aqui.

A procissão de pecados menores continuou conforme subiam os andares. Moore parecia se deliciar em narrar os fracassos morais dos colegas residentes, pois seus sussurros nada discretos ecoavam pelos andares, atraindo olhares irritados de tempos em tempos.

— *Aquele* ali publicou livros de autoajuda sobre produtividade. Se diz comunista, mas nunca leu *O capital*. Recita pi pra se exibir. Tinha mais um comentário do que uma pergunta. Não aceitava trabalhos escritos em primeira pessoa. Virava as folhas da prova fazendo muito barulho. Ainda pergunta às pessoas que nota elas tiraram no exame de admissão à universidade. Ainda conta às pessoas a nota que *ele* tirou no exame de admissão à universidade. Obrigava a esposa a chamá-lo de *doutor*. Ele é medievalista, diga-se de passagem. *Aquele* vive dizendo que estudou em Boston e espera que todo mundo saiba o que isso significa. De vez em quando, as outras Sombras se juntam e o emparedam atrás das estantes.

Eles passaram por uma série de salas abarrotadas de livros.

— Acumuladores — explicou Moore.

— Por que alguém acumularia livros em uma biblioteca?

— Pra provar que os encontrou — respondeu o homem. — Pra provar que sabe que *existem*. Pra provar que tem eles à mão. Mas ler? Aí já é demais.

Àquela altura, Alice já tinha chegado à conclusão de que o professor Grimes não poderia ter sido mandado para o Tribunal do Orgulho. Na verdade, ficou indignada diante da ideia de aquele homenzinho fofoqueiro achar que Grimes fazia parte do mesmo grupo que aqueles pretensiosos e impostores. Sim, o professor era por vezes muito grosseiro; sim, toda a Real Academia o chamava de arrogante pelas costas; sim, costumava levar os alunos às lágrimas. Mas todos os grandes pensadores de sua geração não eram um pouco difíceis? E ele não havia conquistado o direito de ser assim? Alice lembrou que Aristóteles fazia distinção entre o orgulho apropriado e o inapropriado. O homem digno tinha o direito de se orgulhar de suas conquistas, desde que as tivesse realizado de fato. O professor Grimes só poderia ser acusado de se comportar de acordo com sua posição, que era elevada, e Alice de fato não achava que isso fosse moralmente tão condenável quanto alguém se autodeclarar marxista sem nunca ter lido Marx.

De qualquer forma, Grimes detestava exibicionismo. Ela sabia disso porque uma vez havia se deixado levar pelo fervor da competição. Em sua primeira conferência — depois de uma noite atordoante de coquetéis com alunos de Oxford e Londres, todos comparando o tamanho de suas bolsas, seus orçamentos de pesquisa, quem havia publicado onde —, Alice havia se aproximado do professor no saguão do hotel e dissera, inebriada pela sensação de superioridade:

— Dá pra acreditar que eles não têm seminário introdutório na Imperial?

Achou que o homem fosse rir, que poderiam compartilhar aquela condescendência. Mas Grimes a olhou com profundo desdém.

— Não jogue esses joguinhos estúpidos, Law.

Peter estava lá e deu uma risadinha. E Alice passou a noite com o rosto ardendo de vergonha.

Foi uma lição valiosa. Nunca mais repetiu esse erro. Aqueles que não tinham nada palpável de que se gabar eram os que se gabavam com mais alarde. Ficar em silêncio e ignorar a multidão tagarela era a prova de que você tinha algo real de que se orgulhar.

Ela ficou um pouco para trás para poder falar com Peter. Moore não percebeu. Tinha começado um discurso inflamado sobre psicanalistas, e seus braços se agitavam de maneira tão vigorosa que, se Alice e Peter tivessem seguido ao lado dele, correriam o risco de serem atingidos na cara.

— O professor não está aqui — murmurou ela. — Vamos embora.

— Do que você está falando?

— Isso é perda de tempo. — A irritação dela havia se transformado em urgência. Cada minuto gasto ali era um minuto que Grimes adentrava mais fundo no Inferno. — E o Moore falou que éramos os primeiros de Cambridge em anos, então não deve ter conhecido o professor…

— Bem, talvez os dois não tenham se cruzado.

— Então vamos nos livrar dele e procurar por conta própria. Ele é um palhaço…

— Não é tão ruim.

— O sujeito é um fofoqueiro mesquinho!

— Ele é a primeira Sombra que nós encontramos que está disposta a nos explicar alguma coisa — argumentou Peter. — Não temos ideia de como o Inferno funciona, Law. Não temos nenhuma outra pista.

— Arrá! — À frente, Moore se virou e acenou com entusiasmo. Ele apontou para uma porta. — Chegamos. Meu escritório. Entrem, por favor.

* * *

Alice já tinha visto escritórios como aquele muitas vezes. Eram salas de acumulação decadente, de homens que haviam conquistado a estabilidade acadêmica em uma época em que isso ainda envolvia apenas ser amigo do chefe do departamento e que tratavam seu espaço como a sede de um clube particular até ficarem velhos o suficiente para que a universidade se livrasse deles. Uma escrivaninha enorme e desorganizada, poltronas volumosas, conjunto de chá de porcelana, lembranças de viagens à Ásia e à África — Alice não fazia a menor ideia de onde Moore havia encontrado um tapete turco no Submundo. Estantes abarrotadas de livros, que também se acumulavam em pilhas no chão e na escrivaninha. Entre eles, ela notou o exemplar de *Meditações*. Havia também diplomas emoldurados pendurados em todas as paredes — de onde, Alice nem imaginava, pois não conhecia nenhuma instituição credenciada que concedesse diplomas no Inferno.

— Entrem, entrem. — Moore os conduziu para dentro. — Meu pequeno santuário. Fiquem à vontade.

Alice e Peter se sentaram com cautela no sofá, enquanto Moore se movimentava ao redor da escrivaninha, murmurando coisas como “Se eu soubesse que teria companhia…” e “Desculpem a bagunça”.

— Aqui está! — Ele se virou e lhes ofereceu uma lata de tabaco. — Fumam?

Ambos balançaram a cabeça. Dando os ombros, Moore encheu o próprio cachimbo, acendeu-o e tragou com grande prazer. Em seguida, baforou. Uma fumaça espessa flutuou na direção deles. Peter suportou a névoa fingindo casualidade, piscando sem parar e com os olhos lacrimejando. Alice tossiu.

— Então! — Moore se sentou na poltrona diante dos dois e apoiou os pés no pufe. — Um homem de Cambridge. Posso perguntar de qual faculdade?

Alice lançou um olhar fulminante para Peter, que respondeu:

— St. John’s.

— Um rapaz da John’s! — Moore bateu palmas. — *Excelente!* Nós vamos nos divertir muito.

— Com licença — falou Alice.

Moore a ignorou.

— O último sujeito de algum destaque que passou por aqui era de Durham — informou a Peter. — E, veja bem, eu tenho meus critérios, é verdade, mas depois de anos de solidão, pensei: *Durham, tudo bem, podemos aceitar isso.* Mas ele era terrivelmente chato. Paleontólogo. Não parava de tirar o pó do chão tentando encontrar amonitas. Agora está em algum lugar no quinto andar, tentando formular uma teoria naturalista do bem.

— Com licença — repetiu Alice, de maneira mais enfática.

Dessa vez, Moore fez uma pausa, embora tenha olhado para ela irritado, como se fosse um mosquito insistente.

— Sim?

— Por favor, me ajude a entender — pediu. Se Peter não queria sair dali, então ela ia tentar obter todas as respostas que pudesse. — O que exatamente está nos prendendo aqui?

— Como assim?

— Vamos supor que a gente simplesmente saia pela porta e vá embora — continuou Alice. — Para o Segundo Tribunal, é claro. O Tribunal do Desejo. O que nos impediria?

— Bem, nada. — Moore a encarou como se ela fosse estúpida. — Vocês podem perambular por onde quiserem, mas por que fariam isso? Têm que ficar aqui até serem aprovados. Eles não vão passar vocês no Desejo se não tiverem passado no Orgulho primeiro.

— Entendi — disse Alice. — E quem são *eles*?

— As divindades, é claro. Niutou e Mamian. O Cabeça de Boi e o Cara de Cavalo, balanceadores do carma, as mãos direita e esquerda de Rei Yama, o Justo. — Moore recitou tudo isso feito um estudante repetindo um versículo decorado. — Não falam muito, mas podem entender seu coração em um instante. Pode implorar o quanto quiser, mas se seu histórico estiver incompleto, eles sempre saberão. Se no seu histórico constar Orgulho, então você tem que passar no Orgulho.

— Como assim histórico?

— Vocês não estão com seu histórico?

Alice hesitou.

— É… — Peter fingiu apalpar os bolsos. — Devo ter perdido…

— Ah, não se preocupem com isso. — Moore fez um aceno displicente. — Eles vão reaparecer, é só questão de tempo. É impossível perdê-lo. — O homem indicou com a cabeça um pedaço de papel virado para baixo na mesa. — De qualquer forma, vocês recebem notas no histórico à medida que avançam, entende? Ele lista seus maiores pecados, então vocês têm que seguir a ordem. Passar pelo Orgulho e entrar no Desejo, passar pelo Desejo e entrar na Ganância…

— E se terminarmos no Orgulho? — perguntou Alice. — Se não formos culpados de Desejo ou Ganância? Vamos supor que a gente defina o bem, seja lá o que isso signifique. O que Niutou e Mamian fariam, então?

— Ah. Sim… — Moore se recostou na poltrona. — Bem, em teoria eles vêm te buscar em um barco. Aquelas portas grandes no saguão levam até as dunas. E depois das dunas, há o rio. Dizem que você avista uma grande

embarcação dourada no horizonte. Dizem que ela desliza pelas águas escuras e estende uma prancha até a margem. Os dois estarão esperando por você lá e vão te ajudar a embarcar.

— E depois?

— Depois te oferecem o caldo do Lete, preparado pela própria Senhora Meng Po. — Os olhos do homem ficaram distantes. O sorriso se desfez. — Dizem que tem gosto de dente-de-leão, de gotas de orvalho ao amanhecer. Você bebe. Suas lembranças são apagadas da alma, feito pó tirado de uma prateleira. Você se torna apenas poeira estelar, assim como foi um dia. Fresca. Limpa. E então é levada para o tribunal de Rei Yama, para atravessar o Portão da Reencarnação e voltar para a câmara vermelha dos mortais, para se misturar ao pó. É o que dizem.

O silêncio se instaurou na sala.

Moore tragou o cachimbo, piscando para o nada. Ficou um pouco translúcido nesse instante, e Alice pôde ver os diplomas através do pescoço dele.

— Então você nunca viu isso acontecer?

Não sabia ao certo se deveria acreditar na palavra do sujeito.

— O quê? Ah, não. — Moore voltou de seu devaneio. — É um assunto assustadoramente denso, a ética. Quase impossível de dominar. Não, nenhuma alma foi convidada a cruzar o Lete em todos os meus anos aqui. Nem mesmo eu… — Ele fez uma pausa e franziu o cenho. Deu outra tragada no cachimbo. — É muito difícil, de qualquer forma.

— Você já tentou muitas vezes, então? — perguntou Peter, em um tom compreensivo.

— Ah, não, eu não me dou ao trabalho.

— Por que não?

— Ora, o dilema clássico. — Moore abriu as mãos. — A administração interfere na pesquisa. Sou como um reitor por aqui, caso não tenham notado. As Sombras se comportam *muito* mal. Não compartilham textos. Roubam as anotações umas das outras. Choram junto às estantes… Quer dizer, o número de colapsos mentais diários aqui é inacreditável. Alguém tem que manter todo mundo na linha.

— E você se encarrega disso sozinho?

— Com muito prazer.

— Mas então nunca vai poder ir embora.

— *Noblesse oblige* — disse Moore. — Nós somos homens de Cambridge. Temos que dar o exemplo.

— Entendi. — Peter franziu o cenho, mas claramente achou melhor não discutir. — Bem, isso é muito generoso da sua parte.

O rosto do sujeito se iluminou.

— Então você vai ajudar.

— Como?

— Já faz muito tempo. Muito tempo que um estudioso de verdade não aparece por aqui. Um homem de Cambridge. Você e eu podemos colocar este lugar em ordem de uma vez por todas.

— Ah, não — respondeu Peter. — Não acho que…

— Tem um escritório vazio no fim do corredor, podemos arrumar pra você agora mesmo, tenho tapetes e móveis de sobra. Podemos alternar os andares. Eu fico com os ímpares, as salas de estudo são onde todos os tumultos acontecem.

— Olha… — Alice já estava farta daquilo. Na verdade, se Moore dissesse *homem de Cambridge* mais uma vez, era capaz de ela explodir. — Professor Moore. Na verdade, não estamos planejando ficar.

— Mas vocês não podem ir.

Moore se levantou. Baforou devagar, e a fumaça que saiu de sua boca formou uma espessa nuvem roxa que se condensou e ficou pairando de maneira bastante significativa diante da porta.

— Vocês não têm pra onde ir.

— Bem, podemos simplesmente sair — afirmou Peter. — Se não se importar…

— Mas ainda não definiram o bem. — A voz de Moore assumiu um tom cantarolado. — Vocês não passaram, então não podem seguir adiante. Essas são as regras.

— Nós vamos arriscar — declarou Peter.

— Eu realmente acho que não deveriam.

A fumaça continuava saindo do cachimbo de Moore.

Os três ficaram de pé, se encarando. Alice lembrou, então, que pouquíssimos dos amigáveis acadêmicos fumantes de cachimbo da faculdade eram de fato tão amigáveis assim. A cortesia e os sorrisos eram sempre uma máscara que escondia algo podre. Em geral, a boa e velha misoginia. Racismo, nos dias bons. Na maioria dos casos, esnobismo. Às vezes, demência. Muitos dos homens mais velhos na sala dos professores pediam que os ajudasse a encontrar os óculos e explicasse o que todas aquelas pessoas não brancas estavam dizendo. No caso de Moore, o que havia por trás da máscara era um olhar vazio e arregalado que parecia muito solitário e desequilibrado.

A fumaça se adensou.

— Sobre o escritório — continuou o professor. — Acho que talvez uma decoração em tons de bordô.

Então Alice teve uma ideia maluca. Era uma página roubada do livro de

Peter — uma página de lógica, e ainda por cima pedante —, mas se havia um momento para pedantismo, esse momento era aquele.

— O que acha disso? — propôs. — Se conseguir me provar que devemos ficar aqui, então ficaremos. Se não conseguir, então vai nos deixar ir embora. Mas tem que ser uma prova de verdade. Tem que nos convencer por meio da pura razão.

— Fácil — respondeu Moore, bufando. — Eu sou, de fato, um homem da razão.

— Não somos todos? — continuou Alice. — Divida o argumento em duas premissas e uma conclusão. A: vocês só podem deixar o Tribunal do Orgulho quando forem aprovados. B: não fomos aprovados. Portanto, C: não podemos ir embora.

— Perfeito! — O professor ergueu o cachimbo em triunfo. — Viu só?

— Mas eu me recuso a aceitar a conclusão — declarou Alice. — Não consigo enxergar por que um e dois levam a três.

— Porque são as regras do Inferno — explicou Moore, com desdém. — Simples assim!

— Está bem. Deixa eu ver se entendi tudo direitinho. A: só podemos deixar o Orgulho quando formos aprovados. B: não fomos aprovados. C: temos que seguir as regras do Inferno. Portanto, Z: não podemos ir embora. É isso mesmo?

— Óbvio, minha cara — zombou Moore. — A lógica os obriga.

— Mas ainda me recuso a aceitar essa conclusão — insistiu ela. — Por que A, B e C levam a Z?

— Então acrescente outra premissa — resmungou o sujeito. — Se você aceitar A, B e C, então tem que aceitar Z.

— Tudo bem. — Alice respirou fundo e recitou tudo de novo. — A: só podemos deixar o Orgulho quando formos aprovados. B: não fomos aprovados. C: temos que seguir as regras do Inferno. D: se aceitarmos A, B e C, então temos que aceitar Z, ou seja, que não podemos partir.

— Exato! — exclamou Moore. — Você expôs tudo com perfeição!

— Continuo me recusando a aceitar isso. Simplesmente não vejo a relação entre os elementos.

— Você é burra, garota?

— Não sou burra. Só não fui convencida por esse silogismo.

— Mas é muito simples! — O professor se inclinou sobre a mesa, mergulhou a caneta na tinta e começou a rabiscar furiosamente. — Vou explicar. A: só podem deixar o Orgulho depois de serem aprovados. B: vocês não foram aprovados. C: têm que seguir as regras do Inferno. E então você simplesmente

acrescenta *outra* premissa, D. — Ele se deteve e murmurou algo que soou como: — Não, então teremos que acrescentar uma E… Mas, pra fazer esses tolos aceitarem a conclusão de E, muito simples, teremos que acrescentar uma F.

Alice puxou o braço de Peter.

— Vamos embora.

Moore mal tirou os olhos do papel quando os dois passaram de mansinho por sua escrivaninha. Quando chegaram à porta, o sujeito estava na premissa J.

— E *isso* resolve. *Essa* pequena premissa extra é tudo de que vocês precisam…

— Muito bem pensado — elogiou Peter enquanto os dois corriam pelo corredor.

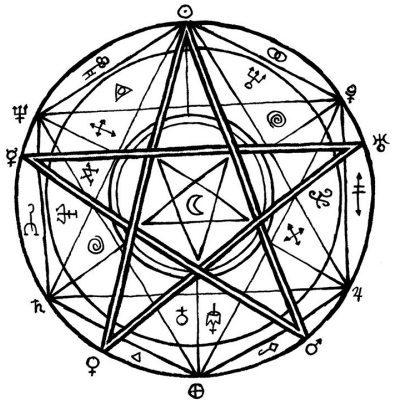
— Ah, bobagem — respondeu Alice. — Estou chocada por ele nunca ter lido Carroll.

— Mas na realidade esse é de fato um grande problema para a lógica! — Peter gesticulou. — Por que duas premissas nos *obrigariam* a aceitar a conclusão, ainda que sejam válidas? Ninguém tem uma boa resposta pra isso. Na verdade, não é possível provar o *modus ponens*. Mas se não tivermos o *modus ponens*, estamos na Idade da Pedra, porque ele é a base de todo o resto.

— Você também não tem. — Ela deu um tapa no braço dele. — Vamos.

Os dois desceram as escadas em disparada e voltaram para o saguão; passaram pelas prateleiras que rangiam e estalavam, pelas luminárias de mesa tremeluzentes, pelos grupos de estudo que discutiam e pelas Sombras que soluçavam entre as estantes, até que avistaram portas duplas. Não eram aquelas pelas quais tinham entrado, mas, àquela altura, não importava. Acima, um uivo veio do escritório de Moore. No saguão, todas as Sombras de repente apontaram para os dois, sussurrando, entusiasmadas. *Passaram*, sussurravam, *alguém acha que eles passaram*. A multidão curiosa se agitou. Não havia tempo. Alice arriscou e empurrou. As portas se abriram e ambos saíram aos tropeços, passando daquele espaço gélido e assustador para um silêncio abençoado, o inerte lado de fora.

Dessa vez, se depararam com o rio.



Capítulo Sete

O Lete. Uma extensão vasta, insondável e imensuravelmente larga. Da margem, tudo que viam era uma escuridão sem fim que se estendia até o horizonte sombrio. O que quer que houvesse do outro lado — o trono de Rei Yama, os portões de volta para o mundo dos vivos — ficava além do que a vista alcançava. O Lete era um paradoxo visual, duas coisas ao mesmo tempo. À primeira vista, com os olhos desfocados, as águas eram calmas e silenciosas, uma superfície vítrea de obsidiana refletindo as cintilações de um sol que se punha eternamente. Ao olhar mais de perto, porém, o rio se tornava um turbilhão inquieto, cheio de redemoinhos e correntes sem direção e, quanto mais se fixava a atenção, mais alto a correnteza soava aos ouvidos, um rugido profundo das ondas que se agitavam sob a superfície.

Alice se aproximou, hipnotizada. Quando criança, havia aprendido que o branco era, na verdade, todas as cores combinadas, e achava isso muito injusto; poderíamos ver arco-íris em toda parte, mas, em vez disso, com os fracos olhos mortais, víamos apenas a luz comum. O Lete era o inverso desse princípio. Era tudo escuridão. Mas no momento em que se fixava o olhar em um ponto específico, o rio começava a se segmentar, até que você percebia que o que parecia ser um manto de obsidiana eram, na verdade, ondas de cor, e que elas formavam memórias. Se estreitasse os olhos, era possível vislumbrar fragmentos. Aqui, um ursinho de pelúcia desbotado; ali, uma cascata de vinho tinto derramado; mais adiante, uma mão enrugada, anelada, estendida. Cada retalho sugeria lembranças mais ricas, detalhes específicos, os detritos da experiência humana girando, condensados em um fluxo interminável.

Ah, grande Lete. O Inferno *sempre* foi delimitado por um rio. Todas as fontes confirmavam isso, independentemente do período, da geografia ou da religião. Não era necessário chamá-lo de Lete. Você poderia chamá-lo de Apanohuaya ou Vaitanya. Poderia chamá-lo de rio de Meng Po. Os domínios de Neti. Mas não era possível negar sua existência, marcando os limites entre os mundos, cortando o cordão umbilical entre aquela vida e o que quer que viesse depois. De um lado, os tribunais de punição. Do outro, os domínios de Rei Yama, e o prometido círculo dourado onde as almas retornavam ao mundo dos vivos. Havia muitos rios de poder no mundo: de morte e de amor, os que concediam a imortalidade e os que a tiravam. Alguns lavavam o pecado; outros lavavam apenas a culpa. Mas somente aquele lavava a memória.

Os tartarólogos ocidentais preferiam o nome *Lete* por sua etimologia. *Lete* vem do grego *lēthē* (λήθη), que significa "esquecimento", "apagamento". E também tem conexões com a palavra grega *alētheia* (άλήθεια), que significa "verdade", embora Alice não soubesse ao certo qual era a relação entre a verdade e o esquecimento. De acordo com algumas versões, apagar todas as lembranças era uma maneira de revelar a verdade mais fundamental, algum elemento inefável da alma que era perene. De acordo com outras versões, a causalidade era inversa. A verdade era a condição necessária para merecer o esquecimento e, portanto, a reencarnação. Somente quando reconhecia a verdade sobre si mesma uma pessoa podia se desvencilhar do fardo das vidas passadas para começar de novo.

As teorias dominantes associavam os poderes de memória do Lete à teoria do fluxo de Heráclito. Em quase todos os aspectos, Heráclito era um completo idiota, famoso por declarações bizarras como "Tudo é seu próprio oposto" e "Todas as coisas no universo são manifestações de um fogo eternamente vivo". Apesar disso, ele fez a profunda observação de que ninguém podia entrar duas vezes no mesmo rio, porque nem o rio, nem a pessoa, seriam mais os mesmos. O Lete, então, equiparava o esquecimento ao renascimento. A continuidade da alma estava ligada de maneira indissociável à persistência de suas lembranças. Quando elas desapareciam, nascia uma nova alma. O Lete era o esquecimento, a morte, a mudança.

— Vamos supor que este seja outro caminho a seguir. — Peter folheava seu caderno, pensando em voz alta. — Contornando os tribunais, quero dizer. Jesse Hagen tinha teorias. Bem, não sei se você leu Hagen, eu peguei o único exemplar da biblioteca. Mas nós avançaríamos muito mais rápido se fôssemos pela água. O Lete deve passar por todos os tribunais, então, em teoria… hum. — Peter deu batidinhas com os dedos no queixo. — Mas não temos nada pra construir uma jangada.

Alice já havia considerado o mesmo problema. Pegar um barco. Cruzar até a outra margem, fosse para os tribunais sucessivos ou para as Terras de Rei Yama, do outro lado. Sim, havia encontrado uma nota de rodapé citando a teoria de Hagen. Mas onde conseguiriam um barco? Já era difícil o suficiente levar uma alma mortal para o Inferno. Pentagramas só funcionavam até certo ponto. Ninguém jamais havia conseguido transportar mais do que um pouco de bagagem, muito menos um veículo. E o barco teria que ser hermético, à prova d'água; não podiam arriscar que uma gota sequer respingasse em sua pele. Sobre esse aspecto, a literatura era muito clara. As águas do Lete devoram a memória. Até mesmo passar os dedos pela superfície poderia arrancar da pessoa verdades que ela conhecera a vida toda.

Alice tinha cogitado algumas ideias meio malucas sobre improvisar uma jangada com os objetos que levava na mochila. Talvez pudesse inflar o cobertor e tentar encantá-lo para que suportasse o peso de duas pessoas e formasse uma barreira protetora. Mas aquelas águas pareciam impossíveis de enganar com magia. Aqueles redemoinhos pareciam *famintos*. Exalavam uma gravidade feroz. Eram espaços negativos, ímãs irresistíveis, buracos negros de pensamento. Experimentem, o rio parecia dizer. Vou devorar seu giz.

O braço de Alice se contraiu de repente. Ela puxou a manga para baixo. Uma lesão antiga.

Peter estava falando outra coisa, mas a mente dela parecia à deriva, perdida no rio. Simplesmente não conseguia parar de olhar para aquele espelho d'água fluido e ondulante. Sentia um desejo absurdo de mergulhar, o mesmo tipo de ideia que invadia sua mente quando estava em lugares altos. E se subisse naquela janela? Despencasse da borda? As águas pareciam tão frias, tão reconfortantes, e ela se imaginou afundando naquela superfície vítrea sem produzir nem mesmo um respingo.

Um borrão surgiu em seu campo de visão. Alice piscou e, quando abriu os olhos, viu uma mulher parada na margem, velha e corcunda, com jarros de terracota dispostos ordenadamente em uma mesa ao seu lado.

— Murdoch!

— O quê?

— Não está vendo essa mulher?

— Que mulher?

— A mulher. — Alice apontou. — A mulher na margem.

A voz de Peter vacilou.

— Não…

Por que ele não conseguia vê-la? Aquilo não era uma alucinação. Alice tinha certeza. Conhecia aquela divindade. Já tinha encontrado referências a ela

ao longo de séculos de textos. A Velha Senhora Meng Po, guardiã do rio, mãe da memória. Sua tarefa era destilar aquelas águas violentas em um licor de ervas perfumado. Quando atravessavam o rio, era o vinho daquela mulher que as almas bebiam, doce e refrescante, um alívio eterno. O esquecimento do renascimento, não da obliteração. Os olhos da anciã encontraram os de Alice, e sua boca se esticou em um sorriso lento e enrugado. Não havia malícia em sua expressão; apenas uma bondade simples e sem artifícios. *Beba*, disse ela, e embora nenhum som atravessasse as ondas, Alice entendeu perfeitamente o que quis dizer. *Beba e fique em paz, e desapareça.*

Ah, como seria maravilhoso! Tinha achado que resgatar o professor Grimes do Inferno seria a solução para seus problemas, mas por que se dar a todo aquele trabalho? Quase riu. Ali estava a verdadeira resposta: lavar os resíduos de sua memória e emergir do outro lado límpida como orvalho, um bebê aos prantos, pronto para recomeçar. Lembranças inundaram sua mente, quentes e sufocantes, e só conseguia pensar em como seria bom descarregá-las nas profundezas, para que se dissolvessem e desaparecessem para sempre. Estava tão cansada do conteúdo de sua cabeça. Os pensamentos eram tão barulhentos; *martelavam* seu crânio, nunca paravam, eram impossíveis de aguentar. Já fazia muito tempo que era assim. Todo mundo tinha tanto medo do Lete — não se aproxime, as pessoas diziam, não se molhe —, mas por que não entendiam que aquilo era uma chance de misericórdia? Todas as histórias estavam erradas: nenhum canto de sereia era tão sedutor quanto o próprio mar e a escuridão silenciosa além da margem.

— Law — disse Peter bruscamente.

Ela olhou para baixo e viu que havia atravessado a metade do caminho até o rio. Peter estava a alguns metros de distância, no alto da margem. Aquilo era inusitado. Não se lembrava de ter movido os pés.

— Como…?

Peter acenou, como se estivesse chamando um cachorro desobediente.

— Por que não volta pra cá?

Alice piscou para o Lete.

— Que estranho.

Mas ela não conseguia se mover.

Peter acenou de novo, com mais urgência dessa vez.

— Vamos, Law. Por favor.

— Não. — A voz que saiu de dentro dela não era sua; tinha um tom musical, indiferente. Alice gostou. Gostou que outra voz falasse em seu lugar. O rio decidiu por ela. — Acho que vou nadar um pouco.

O Lete rugiu mais alto, abafando o que Peter falou em seguida.

Alice não se importou. Na verdade, podia sentir a cabeça se esvaziando, como um balão furado, toda aquela terrível pressão enfim aliviada. A imagem de águas impetuosas correndo por todas as fendas, levando os detritos, suavizando os contornos de sua mente, até que toda a podridão carcomida tivesse desaparecido e restasse apenas osso liso, puro feito um bebê. Sentiu aquele desprendimento outra vez, o que deveria tê-la aterrorizado; procurou a escada, mas não estava lá, o turbilhão era forte demais. Mas dessa vez ela não teve medo. A queda era uma coisa boa; não chegaria mais ao fundo, mas ao vazio. Estava prestes a ser batizada. *Sim*, pensou, *sim, sim, nós estamos quase lá.*

De repente, Peter estava ao seu lado. Agarrou o braço de Alice com tanta força que doeu.

— Ai! — exclamou ela.

— Law, olha pra mim.

— Me larga.

Mãos pressionaram suas têmporas, forçando-a a desviar o olhar do rio e a encarar o rosto de Peter. Fazia muito tempo que não olhava aqueles olhos de perto. *Que cílios longos ele tem*, pensou, *é um milagre um homem ter cílios tão longos assim; que rosto bonito também, pena que me faz pensar em risadas cruéis, portas batendo.*

— Respira — pediu Peter. — Só respira.

Não seja condescendente, Alice queria responder, mas, por instinto, obedeceu, e o ruído em seus pulmões abafou um pouco o rugido do rio. Sentiu de novo os limites de sua mente. Os sulcos cansados do ser.

— Qual é o seu nome? — perguntou Peter.

Sabia a resposta! Sim, seu catecismo. Havia praticado aquilo, era fácil. Tudo saiu em um só fôlego. A escada reapareceu, e ela começou a subir.

— Meu nome é Alice Law, sou aluna de pós-graduação em Cambridge, estudo magia analítica…

— Muito bem. Agora você pode vir comigo?

Alice não tinha certeza; esquecera como fazer os membros responderem a seus comandos.

— Só olha pra mim — pediu ele. — Se segura em mim. Isso.

Passo a passo, os dois voltaram a subir a margem. As pernas de Alice pareciam de chumbo. Era extremamente difícil colocar um pé na frente do outro.

— Estamos quase lá — disse Peter. — Você está muito perto. Só precisa terminar.

Ela falou como se estivesse em um sonho, meio sem se dar conta das palavras que saíam de sua própria boca:

— Às vezes tenho a sensação de que é tão difícil estar consciente…

— Eu sei.

Pés tão pesados. Como se estivesse arrastando pedras.

— E acho que qualquer outra coisa seria mais fácil. Qualquer coisa.

— Nós vamos ter tempo pra isso. — Peter a segurava firme pelo cotovelo, mas com delicadeza. Sua voz era branda. — Isso sempre vai estar esperando, Law. Mas temos coisas pra fazer.

* * *

Continuaram caminhando, seguindo a trilha ao longo do rio. Peter andava na frente, e Alice ia atrás em silêncio, sentindo-se envergonhada. O fascínio do Lete havia diminuído agora que estavam mais longe da margem, e ela desejou não ter feito tanto alarde. Não tinha mais certeza de ter visto a Senhora Meng Po, afinal. Na verdade, fora um vislumbre muito breve. Talvez estivesse apenas se lembrando de uma pintura, ou até mesmo de uma descrição tão detalhada que havia se tornado um devaneio. Sua memória fazia isso às vezes; ela confundia lembranças e realidade, sua imaginação era vívida demais, não conseguia evitar. Mas Peter foi muito educado de não fazer nenhum comentário, e Alice não se justificou, e aos poucos os dois mergulharam em um transe monótono e sem pensamentos. Ela sondou seu crânio e descobriu, aliviada, que a agitação havia se acalmado, a torrente havia se dissipado. O catecismo tinha funcionado, e voltara a ter controle sobre a própria mente.

— Ei. — Peter fez uma pausa. — Já não estamos andando há algum tempo?

Alice não estivera prestando atenção.

— Estamos?

— Eles não pareciam tão distantes — comentou Peter. — A biblioteca e o prédio seguinte. Mas, olha… aquele prédio parece mais perto pra você?

Alice evocou a imagem na memória. Ele tinha razão. Antes dos portões, as construções tinham parecido tão próximas quanto em qualquer campus comum, com todos os prédios a não mais do que cinco minutos de caminhada um do outro. Mas o Segundo Tribunal, o do Desejo, continuava tão distante quanto estava quando começaram a se dirigir até lá. Alice achava que conseguia distingui-lo com mais detalhes — era um prédio de dois andares com azulejos ornamentados na fachada e nas laterais e dois leões de bronze guardando a entrada —, mas a construção não parecia assomar no horizonte.

— Eu sabia! — exclamou Peter. — Estamos no espaço hiperbólico.

— Mas isso está ao contrário. — Alice não se lembrava de muita coisa de geometria, mas se lembrava disso. — Com curvatura negativa, os objetos devem

estar mais próximos do que parecem. Como em um espelho convexo. A luz se espelha pra fora. Então, *deveríamos* estar lá.

— Não, não. O que nós vimos do muro foi um agrupamento no infinito. Nunca viu o modelo do disco de Poincaré? É como se estivéssemos andando sobre corais. Aqui embaixo, neste plano, as coisas podem estar a quilômetros de distância e ainda assim pareceriam um campus normal quando visto de outro plano.

Alice não sabia o que era o modelo do disco de Poincaré e não queria saber.

— Então, o que isso quer dizer?

— Que temos que ir até o pico — respondeu Peter.

— Lá vem você com essa história de pico mítico de novo.

— Agora nós temos uma ideia de onde ele está, porque vimos os limites externos. — Peter apontou para o Lete. — Então, sabemos que temos que nos *afastar* do rio, e isso vai nos levar até lá.

— Se é que esse pico existe! Se não existir, vamos ficar vagando pra sempre.

— Mas vamos supor que exista. Isso nos pouparia muito tempo!

— O objetivo não é economizar tempo, Murdoch. É *encontrar* o professor. Não podemos simplesmente fazer suposições aleatórias sobre os pecados dele.

— Por que não? — Peter ergueu as mãos. — Você acha que ele é bom demais pra pecados menores, mas também não acredita que tenha feito alguma coisa realmente ruim. Então, o que é, Law? Qual é a medida exata da maldade aceitável pro nosso querido Grimes? Onde você acha que ele foi parar?

Alice teve a sensação de que estava sendo atacada, e sem motivo nenhum.

— Não sei — respondeu, odiando o fato de sua voz soar tão baixa.

A pergunta a amedrontava. Não queria abrir aquelas comportas. Por trás delas, havia um emaranhado confuso e culpado que ela sabia que não conseguiria desvendar. As lembranças pressionavam, sempre ameaçando romper a barragem, mas havia se saído tão bem em manter tudo contido, em redirecionar os pensamentos, em encontrar tábuas de salvação. Era melhor manter tudo aquilo bem guardado. Melhor tratar o assunto puramente como um experimento e prosseguir de maneira metódica. Todos os resultados eram possíveis. Sem vieses.

— Não temos como saber. E é por isso que temos que procurar em ordem.

Peter devia ter notado seu retraimento, pois a expressão dele se suavizou.

— Eu entendo, só tenho medo… só tenho medo de ficarmos caminhando pra sempre.

— As Sombras devem se locomover — sugeriu Alice.

— É, mas elas têm uma eternidade pra isso, então não importa.

— Mas não vimos nenhuma no caminho.

— E daí?

— Se a distância até o próximo tribunal for longa, vamos vê-las por aí — argumentou. — Se a distância for curta, então já estão lá dentro. Não vimos ninguém, então é mais provável que elas já estejam lá.

Peter pensou a respeito do argumento dela.

— Isso é bem fundamentado.

— Obrigada.

— Então vamos simplesmente continuar andando?

— Não vejo opção melhor. Você vê?

Então, os dois voltaram a marchar em fila, arrastando-se em direção a um prédio que provavelmente —, mas não com certeza absoluta — estava ficando maior.

De alguma forma, aquela caminhada sem fim não era ruim. Alice estava, na verdade, bastante grata pela trégua. Poderiam ser um casal vitoriano, indo para o litoral em busca de ar fresco. O movimento e o murmúrio do Lete eram muito mais agradáveis do que o burburinho irritante do Tribunal do Orgulho e, se fechasse os olhos, poderia imaginar aquela correnteza arrastando suas lembranças, levando-as embora, deixando para trás uma superfície pura e limpa. Sabia que não era assim que funcionava. Apesar disso, fazia muito tempo que não se sentia tão calma; a cabeça esvaziada de pensamentos, a mente maravilhosamente quieta. Ela sentia que podia respirar.

Em algum momento depois do meio-dia, ouviu os cliques.

Mais tarde, passaria a temer esse som. Esse aviso que sempre começava como um sussurro distante, tão distante que você pensava, ou desejava, tê-lo imaginado, mas que se intensificava até não ser mais possível ignorá-lo. Mais tarde, entenderia que o sussurro sempre se transformava em um clique, até os sons se tornarem distintos o suficiente para que o ouvido percebesse que não se tratava de um único ruído, mas de uma dúzia de cliques constantes, ecoando de tal forma que era impossível dizer de que direção vinham e, quando enfim se conseguia distinguir cada um deles — vértebras estalando, tíbias e fíbulas roçando contra as articulações —, já era tarde demais.

— Você ouviu isso? — perguntou Alice, parando de andar.

— Ouvi o quê?

— Parece… um estalo. Ou um clique. Escuta.

— Talvez seja só o rio — sugeriu Peter. — Tem todo tipo de coisa se agitando lá dentro.

— É, talvez…

Ela não conseguia afastar a sensação de que havia algo errado. De tempos em tempos, acreditava ter ouvido algo às suas costas. Um passo, um roçar na areia. Toda vez que se virava, no entanto, não via nada. Mas seu pescoço continuava formigando com a convicção de que havia algo em seu encalço.

— Você está vendo alguma coisa? — perguntou Peter depois da terceira vez que ela olhou para trás.

— Eu bem que queria — respondeu Alice. — Caso contrário, eu acharia *mesmo* que fiquei louca… Ah! — Ela apontou para mais adiante na margem. — *Olha lá*.

Do alto da colina, vinha uma procissão de três pequenos animais. Coisas malformadas, de aparência retorcida, as órbitas vazias de alguma forma mais expressivas do que os olhos que deveriam estar nelas. Emitindo cliques e estalidos, elas andavam pela areia, balançando a cauda e farejando. Poderiam ser cães, raposas ou lobos; era impossível dizer.

Alice pensou, a princípio, que eram apenas bichos desnutridos, pobres criaturas que tinham vagado pelo túnel errado e agora estavam presas no Inferno. Isso acontecia às vezes, de acordo com a literatura. Todas as fronteiras eram permeáveis. Os gatos as cruzavam de propósito, outros animais por acidente, e então se perdiam e morriam. Mas, quando as coisas se aproximaram, percebeu que não havia músculos naquelas criaturas, nem mesmo uma camada de pele esticada. Não havia olhos, apenas órbitas vazias. Não havia carne, apenas ossos brancos e limpos, reluzentes feito alabastro, unidos por alguma força invisível.

— Incrível — sussurrou Peter. — Você sabe o que são?

— Não, e você?

— Eu li sobre Cérbero. — Ele não parecia nem um pouco assustado, ao contrário dela. — E as sentinelas budistas às vezes podem assumir a forma de cães. Mas *ossos*… não sei. Eles são meio fofos, não acha?

— É giz — exclamou Alice. — Olha para as articulações.

Os ossos estavam, de fato, ligados por pó de giz brilhante. Algo ou alguém havia costurado aquelas criaturas ósseas por meio de técnicas de magia difíceis demais de compreender: primeiro, porque inscrever pentagramas em seres vivos, em vez de em uma superfície plana, ainda era considerado impossível e, segundo, porque quem quer que fosse a pessoa que havia feito a inscrição, nem sequer estava presente. Nenhum mago vivo poderia induzir aqueles efeitos fora de um pentagrama.

As criaturas estavam muito próximas. A maior delas avançava à frente das outras, com a cabeça inclinada para o lado como se estivesse curiosa. Não havia carne no focinho acima da mandíbula esquelética, mas a parte da frente do crânio se movia para a direita e para a esquerda, como se estivesse farejando.

Peter tinha razão. Era estranhamente fofo.

Ele deu um passo à frente.

— Acha que são mansos?

— Não… — começou Alice, mas ele já estava ajoelhado, estendendo a mão para o líder.

— Olá. Bom garoto.

A cabeça da criatura óssea se lançou adiante. Peter deu um grito e pulou para trás, no exato momento em que a criatura saltou em direção ao seu rosto. Ele ergueu o braço para se proteger, mas a mandíbula do bicho se cravou em torno de seu pulso. Não, apenas na manga, graças a Deus. Peter agitou o braço duas vezes no ar e, por fim, conseguiu arremessar a criatura de osso para longe. Ela aterrissou de costas, a poucos centímetros da água. Por um momento, as patas se agitaram como as pernas de uma barata, então o animal rolou, se levantou e correu colina acima para junto dos companheiros.

Uma teoria tomou forma na mente de Alice.

— Eles não gostam da água. — Ela se aproximou da margem, movendo-se de lado para não dar as costas para as criaturas. — Murdoch, vem.

Peter recuou para o lado dela. As coisas de osso não os seguiram. O palpite de Alice estava certo: a água do Lete devorava memórias, e o giz funcionava evocando lembranças, os ecos de milhões de anos de vida. De fato, quanto mais se aproximavam do rio, mais os seres ósseos recuavam. Eles se agacharam, com os ombros curvados feito coiotes hesitando antes de atacar. Mas não avançaram um único centímetro.

— Pra trás. — Alice fez um movimento com as mãos, do tipo que se faz para espantar gaivotas insistentes. — Pra trás, *pra trás*.

As criaturas a ignoraram. Ainda assim, parecia haver uma barreira invisível que as mantinha distantes da água. Não conseguiam ficar a menos de dez metros do Lete e, de fato, quanto mais Alice se aproximava da margem, mais agitadas elas ficavam. Batiam as patas na areia, sacudindo a cabeça em desespero. Ela quase esperava que fossem começar a ganir.

— Cuidado — alertou Peter.

Alice olhou por cima do ombro. Seu calcanhar esquerdo estava quase tocando a água. Sentiu uma onda de vertigem. Peter estendeu o braço, e ela o agarrou, apoiando-se para não perder o equilíbrio.

Por fim, as criaturas desistiram. Com um último estalar das mandíbulas, se viraram e dispararam de volta para as dunas.

— Você está bem? — perguntou Peter.

— Estou. E você?

— Sim, foi só um arranhão. Meu Deus.

Ele examinou a manga da camisa. Estava totalmente rasgada até o cotovelo. Várias marcas vermelhas irritadas percorriam seu antebraço. Os dentes do animal eram afiados. Alice estremeceu ao imaginar o que teria acontecido se aquelas presas tivessem afundado mais cinco centímetros.

— Bom garoto *coisa nenhuma*.

Ela estreitou os olhos, seguindo as criaturas pela duna o máximo que pôde. Haviam desaparecido no horizonte em meros segundos, já fora de vista.

Nenhum relato de viajante fazia menção a seres de osso e giz. Nada nos registros chegava perto daquilo.

Sua tranquilidade desmoronou. A praia não parecia mais um refúgio fantástico e hipnótico, mas um espaço aberto angustiante e superexposto. O giz simbolizava a presença de outro mago. Um extremamente talentoso, capaz de técnicas que nem mesmo o professor Grimes ousara tentar. O giz simbolizava um criador, outra mente racional e perspicaz cujas motivações eram desconhecidas, exceto por uma coisa.

Ele os estava observando.

Sobre o giz

Em todos os mitos e lendas, presume-se que os magos utilizam uma variedade de instrumentos especiais: cetros, cajados, caldeirões, varinhas. Mas aqueles que estudam as ciências eruditas sabem que um bom mago precisa de apenas uma ferramenta: um modesto pedaço de giz.

O giz é a base de toda a magia analítica. Com ele, é fácil escrever e fácil corrigir erros. É feito de calcário, que, por sua vez, é produzido pela compactação de fragmentos minúsculos de criaturas marinhas antigas que morreram milhões de anos atrás e, portanto, possuem a curiosa e ainda misteriosa qualidade de manifestar enunciados mágicos. O giz é, como escreveu o mago-filósofo Aldous Huxley, um elo com o abismo do passado remoto, produto natural das forças originalmente contidas na substância do universo. Algumas evidências indicam que o Gigante de Cerne Abbas, um enorme desenho em giz de um homem nu segurando uma clava, é um indício pré-histórico de uma vasta e aterrorizante obra de magia. (Embora, na ausência de um paradoxo reconhecível, qualquer indicador de sua intenção tenha se perdido na história, e provavelmente seja melhor assim.)

A eficácia do giz depende do local de onde foi extraído. Na Inglaterra, o padrão confiável para o giz mágico é a marca Barkles, extraído de poços calcários bem protegidos ao longo do Tâmisa. O tipo mais caro, usado apenas em demonstrações públicas muito importantes, defesas de tese e afins, é o Shropley's Premium, produzido pela Shropley a partir de depósitos em Grime's Graves, em Norfolk. A empresa também comercializa uma linha mais acessível, extraída em Hangman's Wood, o Shropley's Standard, que tem um tom amarelado característico. A maioria dos magos ingleses é fiel ao Barkles ou ao Shropley's Standard, e debates sobre qual dos dois é superior já arruinaram amizades.

Seja qual for a preferência, o que distingue o giz comum do giz mágico é que este escreve em quase todas as superfícies. Magos nem sempre desfrutam das condições ideais de lousas em salas de laboratório. Para fins práticos, eles precisam ser capazes de desenhar pentagramas em todo tipo de contexto: em concreto, colinas gramadas, placas de plástico, pisos de madeira e

paralelepípedos. O giz mágico desliza suavemente em qualquer textura, não importa quão úmida ou seca, esfarelenta ou escorregadia seja. O Shropley's de mais alta qualidade pode ser utilizado com sucesso até mesmo na areia.

Talvez tivesse sido por isso que, em todas as suas pesquisas, Alice e Peter tivessem negligenciado um detalhe crucial: em nenhum registro, mítico ou acadêmico, jamais houve evidência de que o giz funcionasse no Inferno.



CAPÍTULO OITO

Eles montaram acampamento quando estavam cansados demais para continuar caminhando. Alice verificou a hora: uma da manhã, muito mais tarde do que deveriam ter ido dormir, mas os dois tinham insistido em percorrer aquele último trecho, forçando os pés dormentes a seguir adiante ao longo da margem do rio. Ambos estavam abalados pelo encontro com as criaturas de ossos. Alice não conseguia se livrar do medo rastejante que subia por sua garganta, a certeza de que estavam sendo observados, e a única solução parecia ser colocar o máximo de distância possível entre eles e aquelas coisas, apesar da suposta infinitude do Inferno e de sua topologia imprevisível. Por mais que se esforçassem, quem quer que fosse — ou *o que* quer que fosse — ainda poderia aparecer diante deles em um piscar de olhos.

Alice se sentou, mastigou um pedaço de pão Lembas e tentou não deixar que o desespero a dominasse. Por sorte, a pós-graduação a havia preparado para isso, para o gerenciamento constante do desespero. Tudo estava sempre desmoronando, nada no laboratório dava certo, você não tinha dinheiro para as compras do mês, o alojamento estava infestado de ratos, todos os professores te odiavam e você estava sempre a um passo de deixar que todo o trabalho da sua vida fosse pelo ralo. Então você relegava isso a um canto da mente, ia dormir e adiava tudo para o dia seguinte, quando seu cérebro voltaria a funcionar bem o suficiente para fingir estar tudo bem.

Peter sibilou ao tirar um pedaço de gaze do braço.

— Como estão os arranhões? — perguntou Alice.

— Acho que não estão infeccionados. — Ele estendeu o pulso sobre o

fogo, examinando os ferimentos. — A essa altura daria pra saber, né?

— Quer mais um pouco de antisséptico? Só por garantia?

— É, pode ser. — Ela lhe entregou o pequeno frasco de mercurocromo. Peter pingou uma gota no braço e esticou o pulso para que Alice o enfaixasse mais uma vez. — Obrigado.

Ela se recostou sobre a mochila e fechou os olhos.

— De nada.

— Ei… vamos tentar um negócio. — Peter tirou uma caixa de giz da bolsa. — Será que a gente consegue acelerar as coisas?

Com relutância, Alice ergueu a cabeça.

— Como assim?

— Bem, qual foi a pior coisa que você já viu o professor Grimes fazer?

— Nós já tivemos essa conversa.

— Não estou dizendo que a gente tem que encontrar o ponto final — explicou Peter. — Só estou dizendo que talvez exista outro atalho para atravessar os tribunais. Vamos supor que a gente tenha um bom palpite de onde ele está. Digamos que o Grimes tenha feito coisa pior do que a ganância.

Peter desenhou um pequeno círculo a seus pés, tão perfeito que chegava a dar inveja. Era um círculo de teste: pentagramas desenhados em miniatura para verificações de segurança antes de você entrar no círculo real. Eram a melhor maneira de praticar feitiços que envolviam qualquer movimento ou alteração corporal. Você colocava a mão no círculo de teste e, se não perdesse os dedos, poderia arriscar colocar o corpo inteiro.

— Pior do que a ira.

Alice pensou em saliva voando, em canecas se estilhaçando no piso de azulejo. Acontecimentos raros, mas, mesmo assim, nítidos em sua memória. O professor Grimes nunca teve paciência para estupidez.

— Provavelmente, sim.

— Então é melhor a gente pular pra crueldade, né?

Peter logo rabiscou uma série de algoritmos ao redor do círculo. Parecia envolver muita matemática. Alice viu mais geometria do que grego, e isso fez sua cabeça latejar. Ele pousou o giz no chão.

— O que acha, Law?

— Espera — pediu. — Volta um pouco. Como funciona o seu atalho?

Ele tirou o caderno da mochila, abriu-o em uma página no meio e o jogou para ela. Alice deu uma olhada e, no mesmo instante, sua mente racional se desligou, como sempre acontecia quando se deparava com uma quantidade muito grande de números.

— Você tem que me explicar isso como se eu tivesse cinco anos.

— Trombeta de Gabriel — disse Peter com entusiasmo. — Também chamada de Trombeta de Torricelli. É um paradoxo matemático que delimita um volume finito dentro de uma área de superfície infinita. O plano do Inferno é essa área infinita e, ao nos configurarmos como o volume dentro da trombeta, podemos criar um atalho finito…

— Desculpa, como assim?

— É um pouco complicado — admitiu ele. — Já estudou cálculo?

Alice tinha feito a matéria na faculdade, mas mal se lembrava das aulas. Essa era uma das alegrias de se especializar em linguística: fugir da matemática pura.

— Só o básico.

— Então, você se lembra das curvas, certo?

— Vamos fingir que lembro.

— Basicamente, você gira um ramo de uma hipérbole em torno de sua assíntota. Isso resulta em uma forma que se assemelha um pouco a uma trombeta. Daí o nome! Muito apropriado, não acha?

Ela estava confusa demais para rir. Peter pareceu desapontado, mas continuou. Ele deu batidinhas com o dedo nas equações pertinentes no pentagrama.

— Daí você pode calcular a área da superfície com essas equações aqui e também o volume aqui — concluiu, repetindo o gesto. — A área da superfície é infinitamente grande, assim como o Inferno! Mas por sorte o volume é limitado. Algumas pessoas chamam isso de Paradoxo do Pintor, porque, em teoria, você pode preencher toda essa área delimitada com uma quantidade ilimitada de tinta.

Ela observou as anotações dele e franziu a testa.

— Isso é só a sua pseudoesfera distorcida de novo.

— *Parece* a pseudoesfera distorcida — corrigiu Peter. — Em termos matemáticos, é muito diferente. Você tem razão em relação ao fato de que ambas se baseiam em alguns pressupostos sobre o espaço hiperbólico. Mas esse feitiço não presume que o Inferno seja assim. Em vez disso, ele produz um sólido hiperbólico dentro do círculo.

Alice nunca sabia ao certo como se sentia quando Peter explicava as coisas. Por um lado, era muito arrogante da parte dele assumir um comportamento de professor. Por outro, ele *era* muito bom em matemática, enquanto ela de fato não sabia nada, e a competência era sempre atraente.

— Murdoch, isso não faz sentido.

— É um paradoxo, Law! Sei que é tudo um pouco abstrato. Mas acho que, se eu conseguir fazer as equivalências certas, podemos limitar o espaço infinito do Inferno em algo como… um atalho. Um buraco de minhoca, por assim dizer.

Olha só: vou criar um atalho dez metros à sua esquerda, só pra demonstrar. Você vai ver a minha mão saindo da areia. Não se assusta.

Ele entoou o encantamento, dois minutos contínuos de geometria e cálculo incompreensíveis, em seguida mexeu os dedos sobre o círculo.

— *Voilà*.

Nada aconteceu.

Alice olhou para o chão. Toda a areia dentro do pentagrama parecia igual para ela.

— E…?

— Hum. — Peter analisou as inscrições, intrigado. — Que estranho.

— Qual é o problema?

— O giz não se fixa. — Ele cutucou a areia. — O chão está… Está quase engolindo o giz.

Ela deslizou os dedos pela areia. Era verdade que o giz se fixava melhor em superfícies mais firmes, mas as boas marcas deixavam linhas suaves e sólidas, não importava onde fosse. E aquelas partículas de areia não pareciam lá muito especiais. Talvez fossem mais escuras, mais vítreas, mais finas e similares a silte do que as partículas de areia encontradas em praias. No ensino fundamental, ela havia feito experimentos para a feira de ciências com amido de milho, que ficava sólido na mão se você o apertasse, mas derretia se você o soltasse. O silte era parecido com isso. Sólido ao toque, até você parar de prestar atenção. Desconfortável, com toda a certeza. Ainda assim, era apenas areia: sólida, imóvel, seca.

— Que giz você está usando? — perguntou Alice. — Tem que usar um mais macio na areia.

— Estou usando o 5H. — Peter pegou um punhado do pentagrama. Uma cascata de obsidiana escorreu de seus dedos; nenhuma partícula branca à vista. — Olha! Não é que ele não esteja desenhando. É só que… sumiu. Como se os sedimentos tivessem absorvido tudo.

— Você já experimentou esse feitiço?

— Não, é novo.

— Bem, talvez tenha esquecido alguma coisa. — Alice pegou o próprio giz e traçou um círculo junto aos pés. — Pequenos erros nas margens podem fazer o pentagrama se apagar sozinho. É raro, mas às vezes acontece, sobretudo em linguística.

Ela começou a traçar as premissas do Paradoxo de Sorites. Apenas um feitiço básico, algo que todos aprendiam no primeiro ano. Não produzia grandes efeitos, mas como ninguém nunca havia conseguido refutá-lo de forma conclusiva, sempre funcionava, pelo menos por um tempo.

— Um monte continua sendo um monte — recitou ela em grego. — Remova um grão, e o monte permanece…

A voz de Alice falhou.

Seu pentagrama, assim como o de Peter, afundou no chão.

Então não era uma questão de o Barkles ser melhor que o Shropley.

— Não estou entendendo. — Ela remexeu a areia. Não conseguia ver nem mesmo um traço de branco. Todos os vestígios do giz haviam desaparecido. — Isso não deveria… Nunca deixou de funcionar antes.

Peter pegou um punhado de sedimentos na palma da mão e os remexeu com os dedos.

— Me pergunto se o problema não é com o próprio Inferno.

— Como assim?

— A gente não conhece o metabolismo do lugar, entende? Ou a entropia. — Ele deixou os grãos escorrerem por entre os dedos. — É possível que os fluxos de energia estejam todos desregulados e isso esteja consumindo o giz, absorvendo sua energia morta-viva, em vez de entrar em conflito com ela.

— Mas e os relatos dos viajantes? — objetou Alice. — Eles usaram magia o tempo todo, e deu tudo certo. Dante, Orfeu…

— Mas não desenhavam pentagramas. Os relatos dos magos são todos de antes de Cerne Abbas. Eles tinham objetos encantados, o que não é a mesma coisa.

Alice vasculhou seu catálogo mental, tentando encontrar um contra-exemplo, mas não encontrou nenhum.

— Mas isso significa…

— Que a gente está sem magia.

Ela ponderou as consequências daquilo, e o pavor se instalou em seu peito.

Não que dependesse tanto da magia para viver. Não era como alguns magos mais velhos, acostumados a usá-la com tanta frequência para coisas triviais, como preparar um bule de chá, que não conseguiam fazer nada sem ela. O racionamento de giz na época da guerra havia acabado com essa cultura. Os magos da geração de Alice eram minimalistas; seu trabalho consistia em ultrapassar os limites das leis conhecidas do mundo natural, e não em evitar dificuldades. Havia se preparado para atravessar o Inferno sem ajuda de magia. Tinha água, comida e suprimentos suficientes para duas semanas. Desde que fossem prudentes com o pão Lembas e não perdessem os Frascos Perpétuos, resgatariam o professor Grimes e voltariam para o mundo dos vivos antes de chegarem perto de passar fome.

Ainda assim, Alice não era particularmente forte, rápida ou habilidosa em nenhuma arte marcial. Tinha certeza de que Peter também não. Havia levado

facas, é claro, mas não fazia ideia de como usá-las. Eles não tinham nada com que se defender das divindades e dos guardiões do Inferno ou dos infinitos demônios que assombravam as dunas. Nada contra aquelas criaturas de osso. Nada contra seu criador. A única defesa real que tinham contra o Inferno era a magia, e, sem ela, eram apenas duas pessoas comuns — dois andarilhos idiotas, na verdade — que tinham se aventurado até ali por um capricho. E os arquivos não estavam exatamente cheios de histórias de andarilhos idiotas que tinham ido ao Inferno e voltado vivos.

Ah, céus. Naquele instante, seus pensamentos estavam fora de controle. Visões dançavam diante de seus olhos. Histórias que lera, vídeos aos quais assistira. Leões à espreita. Abutres circulando. Corpos retorcidos no fundo de ravinas. Bestas ctônicas — será que eram piores do que ursos? Havia aprendido a se conter com tanta maestria, mas se esquecera de que isso funcionava nos circuitos seguros e controlados de Cambridge, onde havia mil pontos de referência para reorientar a mente acelerada. Não tinha levado em conta os novos estímulos, o estresse. *Eles atacam o estômago primeiro,* ouviu David Attenborough comentar certa vez. *Não a artéria, não te matam de imediato. Querem você fresco, intocado. Vão te devorar devagar, você vai sentir cada mordida…*

Ela sentiu um aperto no peito. Olhou para Peter e viu ossos.

— Estou me sentindo tão idiota. — Peter chutou a mochila. — O giz Shropley representa uns vinte por cento do peso que estou carregando.

Não tem nenhum urso, disse Alice a si mesma. *Isso não aconteceu. O Peter não está morto. Você ainda está aqui.* Ela forçou uma leveza na voz:

— Ah, o Shropley é inútil de qualquer maneira.

Peter acenou com a mão, fingindo horror.

— Que calúnia!

— Ele esfarela ao menor toque. — Giz. Giz era um assunto fácil. Ela firmou os pensamentos em torno disso. — O Barkles tem integridade.

— Escrever com Barkles é igual a arrastar a unha em uma lousa.

— Pelo menos ele escreve!

Peter deu uma risadinha.

— O Gareth já te mostrou o giz japonês dele? — O sujeito era um estudante de lógica do quinto ano. — Ele mandava o giz vir de Yokohama duas vezes por mês. Dizia que era o melhor com o qual já tinha escrito. Me deixou experimentar uma vez, mas só consegui fazer um círculo pequeno, porque ele tinha calculado quanto tempo conseguiria fazer cada bastão durar.

— E como foi?

— Parecia um giz normal.

Alice riu. A história não era tão engraçada assim, mas a gargalhada tomou conta de seu corpo: os ombros tremiam, as costelas doíam, e ela começou a perder o fôlego. O ar escapava em explosões estranhas e entrecortadas. É, ela *realmente* não conseguia respirar. E então o riso se transformou em soluços e, para seu horror, ela não conseguia mais se conter; os gemidos saíam sem parar e, em seguida, lágrimas quentes escorreram por suas bochechas.

— Ah — disse Peter. — Ah, não, não… — A mão dele se estendeu na direção de seu rosto, como se fosse secar as lágrimas, mas parou abruptamente no ar e ficou ali, confusa. Ele a recolheu. — Não chora.

— Desculpa. — Alice enxugou os olhos. Ah, era péssimo ter uma crise, e ainda por cima na frente de Peter Murdoch. Agora ele com certeza ia achar que ela tinha enlouquecido. — Desculpa, não sei por que…

— Está tudo bem. — Peter deu um tapinha desajeitado no ombro dela. — Vai ficar tudo bem.

Era muito evidente que nada estava bem. Ali estavam os dois, presos no Inferno, ainda sem ter a menor ideia de onde encontrar o professor Grimes e com pacotes e mais pacotes de giz que nem sequer funcionavam. De repente, o Inferno parecia assustadoramente real, não mais uma paisagem onírica com dunas ondulantes e prédios emergindo da névoa. Era um lugar que poderia matá-los. A magnitude da situação a atingiu em cheio. Era a primeira vez, desde que tinham chegado ao Inferno, que Alice percebia um perigo real. E, para ser sincera, quando pensava nisso — quando de fato considerava a mecânica sangrenta da coisa, e não apenas sua abstração romântica —, a morte a aterrorizava.

— Quer um lenço? — ofereceu Peter.

Ela aceitou.

— Como consegue ficar tão calmo?

— Não sei. Por que você está tão apavorada?

— Porque nós vamos morrer.

— Não vamos morrer. — Peter puxou as pernas para junto do peito e apoiou o queixo nos braços. — Nós vamos dar um jeito.

— Mas como você *sabe*?

Isso era algo a respeito de Peter que nunca havia entendido: o otimismo, a tranquilidade inabalável. Todo mundo que Alice conhecia em Cambridge estava constantemente à beira de um colapso. Todo mundo, com exceção de Peter, para quem a vida era apenas um passeio pelo campo. Ele recebia as piores notícias com um piscar de olhos e um dar de ombros. O professor Grimes estabelecia os prazos mais insanos, e Peter apenas ria. Ela se perguntava se isso era consequência de ter ganhado em todas as loterias ao nascer. Você simplesmente

se recusava a imaginar que as coisas poderiam dar errado, porque elas sempre davam certo.

— Olha… tenta encarar as coisas dessa forma.

Peter girou um pedaço de giz entre os dedos. Alice lembrou que ele sempre fazia isso quando estava pensando, e o gesto familiar foi estranhamente reconfortante.

— Quando eu estava decidindo se viria ou não pro Inferno, me perguntei com qual conjunto de problemas preferiria lidar. E o problema do Inferno me pareceu muito mais fácil. Não foi nem um dilema, na verdade. Imagino que você tenha feito a mesma escolha.

— Eu… acho que sim.

Alice ficou bastante surpresa, na verdade, ao constatar que a lógica de Peter era tão parecida com a dela. Embora a articulasse de forma muito mais elegante. Para Alice, tinha sido mais uma questão de *foda-se, nada mais importa, já deu tudo errado, então vamos para o Inferno*. Mas não podia perguntar o que teria dado tão errado para Peter.

— Cambridge era um circuito fechado. Sem saída. — O giz girou mais rápido. — Mas o Inferno… tem infinitas possibilidades. Não é divertido?

— *Divertido?*

— É! Nós estamos fora do mapa, literalmente. Onde a teoria encontra seus limites. Onde o circuito fechado se encerra. — Ele abriu as mãos. — *Hic sunt dracones.* Aqui há dragões!

Ela enxugou os olhos com a manga da camisa.

— É uma maneira bonita de dizer que não temos a menor ideia do que estamos fazendo.

— Não seria uma contribuição para o campo de outra forma, seria? — Ele a cutucou com o cotovelo. — Confia no seu cérebro, Law. Confia no processo. Nós somos alunos do *Grimes*. Os melhores do mundo. Vai ficar tudo bem.

Sim, pensou Alice. *Sim, eu consigo fazer isso, consigo acreditar nisso*.

Afinal, esse era o truque da magia. Havia um grupo de magos analíticos chamados intuicionistas que argumentavam o seguinte: no fim das contas, a magia não tinha tanto a ver com quanta matemática, lógica ou linguística complexa você dominava. Em vez disso, o pulo do gato para fazer um feitiço funcionar era apenas o poder da crença. Não se tratava de algoritmos, mas de autoilusão. Era preciso reunir provas suficientes para se convencer de que o mundo poderia ser de outra forma e, se você conseguisse enganar a si mesmo, poderia enganar a todos. Até os não intuicionistas praticavam o que eles pregavam, já que, pensando bem, por que não? Você fazia o trabalho, desenhava o feitiço e, ainda assim, no final, fechava os olhos e torcia. No fim das contas, a

magia era um desejo, uma prece e uma pequena ficção que nos ancorava.

Assim como a individualidade, aliás.

Assim como uma subjetividade coerente.

E assim como a coragem de acordar todas as manhãs sem planejar morrer.

Não era tão difícil. Alice tinha muita prática nisso. Conhecia os malabarismos mentais necessários: você construía a menor escada de que precisava para enfrentar o dia e, desde que mantivesse os passos a serem dados em mente, conseguia chegar ao próximo degrau. Então ela respirou fundo, fechou os olhos e subiu a escada.

Meu nome é Alice Law, sou aluna de pós-graduação em Cambridge, estudo magia analítica. Estou no Inferno. E está tudo bem, tudo bem, tudo bem.

Um borrão cruzou a chama. Peter deu um salto e Alice gritou, mas era apenas Arquimedes, que havia reaparecido, vindo de onde quer que tivesse se enfiado. O gato parecia muito assustado: pelo eriçado, olhos arregalados, pupilas contraídas parecendo alfinetes. Alice levantou o cotovelo. Ele não precisou de mais nenhum convite antes de se lançar em seu colo.

— Ei, o que aconteceu com você? — murmurou Alice, acariciando a cabeça do gato.

Arquimedes enterrou o rosto junto ao corpo dela e ficou ali, tremendo. Ela notou que alguma coisa o havia ferido na lateral do corpo. Havia vestígios de sangue seco na pelagem.

— Foram as criaturas de osso, não foram? — perguntou Peter.

Arquimedes abanou o rabo, o que pareceu ser um sim.

Será que algum dos relatos de viajantes mencionara aquela ameaça à espreita? Alice revirou a mente enquanto afagava o flanco trêmulo de Arquimedes, mas não conseguiu se lembrar de nenhuma menção àqueles seres. Orfeu, Dante, Eneias, Luciano de Samósata, Sêneca, São Brandão — seus relatos eram sem dúvida sombrios e desoladores, mas os perigos que descreviam eram divinos e evidentes. Eles fugiam de Satanás. Discutiam com deuses. Mas ninguém mencionava o rastejar furtivo, o terror de ser observado por algo que não era criação do próprio Inferno.

Ninguém, exceto Eliot.

Ela se lembrou de “A terra devastada”, o mais recente relato. *Eu vou te mostrar coisa diversa tanto/ Da tua sombra de manhã que segue atrás de ti*, escreveu o autor. *Quanto da tua sombra à tarde que se ergue para ti*. Ao observar as dunas, Alice estremeceu.

Vou te mostrar o pavor num punhado de pó.



Capítulo Nove

Para a grande surpresa de Alice, Arquimedes ainda estava com eles pela manhã. Suspeitava de que só os via como escudos humanos, mas não podia reclamar. Gatos tinham muitos talentos, e um deles era encontrar caminhos. Depois que terminaram o café da manhã (Arquimedes exigiu, e comeu, uma quantidade alarmante de pão Lembas misturado com chá), o gato marchou vários passos à frente, com a cauda apontada para cima, e olhou para trás, à espera dos dois.

— Vamos para o segundo tribunal? — perguntou Alice.

Arquimedes piscou como se questionasse: *Para onde mais?*

— É muito longe?

O gato se virou, mostrando-lhe o traseiro.

— Animada? — perguntou Peter enquanto levantavam acampamento.

— Com o que diabos eu estaria animada?

— Ora, com o Tribunal do Desejo. — Ele agitou os dedos no ar. — Luxúria e safadeza. Não quer conhecer Jezabel? Bate-Seba?

Ela bufou.

— Acha mesmo que o Desejo se resume a bordéis?

— Acredito que deve ser um alívio em comparação com as dunas, pelo menos. — Ele fechou o zíper da mochila e se levantou. — O que você imagina que te espera lá?

Alice colocou a mochila nas costas, sentiu o cheiro das axilas e fez uma careta.

— Eu ficaria feliz com um banho quente.

O Desejo representava um enigma intrigante para os tartarólogos, que de modo geral acreditavam que esse segundo tribunal era estranhamente mais

leniente do que os demais. Foi Dante quem propôs que a luxúria, a transgressão dos “pecadores carnais”, era um sacrilégio menor: um pecado da incontinência, da fraqueza da vontade, em vez de uma malícia ativa contra os outros. Aqueles culpados de luxúria haviam tornado a razão escrava do apetite. O círculo de Dante estava repleto de amantes, indivíduos mutuamente indulgentes, cuja rendição às paixões não prejudicava ninguém além deles mesmos. Por essa razão, muitos estudiosos argumentavam que a punição do Desejo, que na maioria dos relatos englobava tanto a luxúria quanto a gula, era a própria fonte do vício: ao mesmo tempo a motivação do apetite e a causa do sofrimento. Ele aprisionava o sujeito através da sedução e fazia dele o agente do próprio tormento. Todos os outros tribunais mantinham a pessoa enclausurada por meio de portas trancadas, desafios difíceis e divindades vingativas, mas o Desejo aprisionava por si só.

Os relatos dos viajantes sustentavam essa teoria. O explorador cristão John Bancroft descreveu esse pecado como uma falsa imitação do paraíso, onde a punição estava na tentação. Você sucumbia, se entregava e nunca mais conseguia sair. *Durante três dias, repousei entre seios e coxas, fumando e bebendo entre os lotófagos*, ele escreveu. *Foi somente por meio da mais pura força de vontade que consegui deixar sua doce companhia. Ah, como choraram por mim, aquelas pobres mulheres, e eu também chorei ao partir. Mas elas entenderam que estava comprometido com minha missão divina e foram persuadidas a me deixar ir.* E então o autor continuava por mais algumas páginas a discorrer sobre os seios e as coxas sobre os quais havia repousado.

— O professor não vai estar lá — afirmou Alice. Grimes tinha muitos defeitos, mas o excesso de indulgência em se tratando de apetite não era um deles. Nunca havia conhecido um homem mais disciplinado. — Vai ser uma perda de tempo.

— Bem, mesmo assim, temos que verificar.

— E se a gente ficar preso?

— Mas não vamos ficar — respondeu Peter alegremente, seguindo o impaciente Arquimedes. — Temos uma fortaleza moral inabalável.

* * *

Todos os estudantes que Alice conheceu em Cambridge tinham muito orgulho de se abster dos próprios desejos. Era nos outros departamentos que havia viciados em sexo, drogas, álcool e comida. No Departamento de Magia Analítica, os prazeres sensoriais grosseiros eram desprezados como uma distração da vida da mente. Todos gostavam de fingir que não existiam fora de suas pesquisas, que seu corpo terreno não tinha nenhuma vontade. Ninguém admitia assistir à

televisão. Ninguém acompanhava a cultura pop. Ninguém confessava aos professores que estava saindo com alguém (admitir ser uma criatura sexual era muito humilhante!). Os poucos que eram casados mencionavam as esposas e os filhos com grande constrangimento, e apenas para garantir aos céticos que as esposas estavam cuidando das crianças. Ninguém assumia sequer gostar do sabor da comida, o que talvez explicasse por que o departamento servia apenas *Yorkshire puddings* com gosto de areia.

Os únicos hobbies aceitáveis eram aqueles que de alguma forma aprimoravam a mente e o corpo para o estudo continuado. Xadrez era obrigatório. Caminhadas leves eram toleráveis. Maratonas eram especialmente valorizadas porque demonstravam disciplina e foco mental. Havia rumores de que a professora Helen Murray conseguia correr por horas a fio ouvindo apenas óperas que reproduzia em sua cabeça. Sim, o lazer para o autoaperfeiçoamento era permitido. Mas o prazer pelo prazer? Que coisa inútil, que vergonha.

O professor Grimes era o mais fanático em seu ascetismo.

— Aprender é a coisa mais divina que podemos fazer — dizia aos alunos.

Tinha dado uma palestra no primeiro ano deles, quando eram ingênuos o suficiente para pensar que arranjariam tempo para coisas como dormir ou assistir a filmes.

— Os humanos, ao contrário dos animais, nascem com a faculdade da razão. Isso nos coloca acima das bestas e perto de Deus. E assim, como diz Aristóteles, devemos ser pró-imortais e fazer de tudo para viver uma vida em conformidade com nosso elemento supremo. A vida da mente é tudo que há. Qualquer outra coisa é degeneração, é carnal, é imundo.

Alice tentou, de verdade, obedecer às ordens dele. Reduzir-se até restar apenas o núcleo ardente da racionalidade. Parou de ir ao cinema. Parou de ler romances (adeus, Henry James!). Até parou de cozinhar para si mesma, já que os refeitórios do campus custavam menos e eliminavam todo o prazer de comer. Nunca conseguiu alcançar a disciplina absurda de Aleco, o pós-doutorando que corria três quilômetros todas as manhãs até o departamento, ou de Chloe, a recém-contratada que se gabava de fazer apenas uma refeição por dia, às cinco da manhã, e de meditar caso sentisse tontura. Alice conseguiu, no entanto, imitar o hábito de Harris, do quinto ano, de tomar banho gelado todas as manhãs, na esperança de que isso lhe desse mais vigor para enfrentar o dia, embora não soubesse dizer se o rompante de alegria que sentia depois do banho vinha daí ou do alívio por sair da água. Havia a questão de saber se tudo aquilo era uma ascese edificante ou simplesmente exigências da pobreza, uma vez que nenhum dos alunos de pós-graduação ganhava nem perto de um salário digno. Mas ninguém gostava de tocar nesse assunto.

Houve um período em que ela realmente conseguiu se curar da maioria das necessidades mundanas. Alguns dias, comia apenas um pedaço de pão Lembas com café pela manhã e depois ficava tão absorta nos estudos que só se lembrava de comer de novo à meia-noite. Às vezes, conseguia adiar até mesmo o pão Lembas até bem depois do meio-dia. Gostava da sensação de leveza e ausência quando o estômago estava completamente vazio e ela era movida apenas a ar. Quando se sentia uma sombra pálida e etérea, uma mente existindo sem um corpo.

Mas a queda sempre vinha. Alice sempre sucumbia, sempre acabava deitada em um estado de torpor no sofá, assistindo sem de fato processar o que quer que estivesse passando na televisão da sala de estar do alojamento. Nunca conseguia atingir aquele zen intelectual pleno, aquele êxtase de contemplação pacífica de um corredor. Na maioria das vezes, se sentia desamparada, insatisfeita e insatisfatória, presa em um corpo que tinha necessidades. E faminta, muito faminta, por um tipo de sustento que não conseguia mais nomear.

* * *

O clima no Inferno acabou se revelando inclemente. A tempestade veio com toda a força. O céu escureceu, o ar esfriou e se adensou. Ouviram o estrondo de um trovão e, em seguida, as nuvens despejaram pesadas cortinas de chuva. Era uma péssima notícia para Alice e Peter, que não tinham pensado em levar capa de chuva.

— Não tem como a gente contornar? — gritou ela para Arquimedes em meio ao vento.

O gato miou.

A tempestade logo se intensificou. Em poucos minutos, estavam encharcados. As rajadas de vento e a chuva os açoitavam com tanta ferocidade que precisavam proteger o rosto com as mãos apenas para respirar. Arquimedes parou e se recusou a continuar até que Peter o pegou nos braços e o colocou debaixo do casaco. Em um pequeno grupo lamentável, avançavam a passos lentos. Vindo de algum lugar em meio aos ventos uivantes, Alice pensou ter ouvido um choro, uma voz humana, ou talvez várias, mas poderia muito bem ter sido a própria ventania, que rugia em um grito ensurdecedor. Não sabia dizer por quanto tempo haviam continuado assim. Tinha perdido completamente a noção do tempo. A tempestade a privava de qualquer pensamento, de qualquer sentido. Era apenas um núcleo, encolhido contra o vendaval, avançando lentamente.

No entanto, aquilo também era familiar. Já havia sobrevivido a vários invernos ingleses, invernos com radiadores com defeito, guarda-chuvas

quebrados e tempestades repentinas que se abatiam sobre você justo quando achava que o céu não tinha mais nada para despejar. Havia corrido por toda a Cambridge naqueles temporais e sabia que, às vezes, a dificuldade não era um espaço que se estendia indefinidamente, mas a simples agonia de ir de um prédio a outro quando a chuva golpeava feito um martelo. Por isso, tinha ciência de que devia se encolher e seguir em frente, centímetro a centímetro, até que enfim se viram abrigados sob o teto do Desejo, entre as estátuas de bronze que guardavam a entrada. Alice reparou que não eram leões. Eram porcos. As portas se abriram. Ensopados e tremendo, eles entraram.

O Tribunal do Desejo era um centro estudantil.

Isso decepcionou muito Alice, que, apesar de tudo, *esperava* algo saído de uma daquelas terríveis pinturas orientalistas: sofás dourados, cachos de uvas pendentes, javalis assados com maçãs na boca e tocadores de alaúde vestindo tanga. Ou até mesmo uma visão perturbadora saída de uma pintura de Bosch: pessoas nuas, flores brotando de traseiros, corpos copulando dentro de conchas gigantes. Morangos imensos, coroas de cerejas. Mais do que tudo, ela queria ver alguma comida. É claro que seria imprudente comer qualquer coisa — jamais se deve tocar em qualquer alimento do Inferno —, mas, depois daquelas dunas intermináveis, até mesmo uma imitação de um banquete teria sido bem-vinda.

Em vez disso, o saguão era iluminado demais, com mesas altas e sofás com manchas amarelas suspeitas dispostos de forma aleatória. No centro, havia uma fonte, na qual borbulhava algo espesso e marrom-arroxeado. Do teto, uma canção tocava sobre uma crepitação fraca e estática — uma canção quase reconhecível de Dusty Springfield, algo ao som do qual você poderia fechar os olhos e balançar o corpo logo antes de o pub parar de servir bebida, um pouco baixo demais para que se distinguisse com clareza a melodia ou a letra. No canto mais distante, havia uma mesa de totó abandonada, mas quando Alice olhou por cima, viu que a bolinha branca ainda estava rolando, se chocando contra pés de madeira por vontade própria. Sua mão se mexeu instintivamente para uma tentativa, para ver se conseguia acertar a bola no gol.

— Ah, olá — disse Peter.

Uma Sombra veio se arrastando de um canto, com um cálice dourado nas mãos. Parecia estar indo na direção deles. Alice se enrijeceu, subitamente assustada, mas a Sombra estava indo até a fonte.

— Com licença — falou Alice.

— Oi — repetiu Peter. — Será que… você viu alguém novo passar por aqui? Um homem alto, de preto?

A Sombra ignorou os dois. Em silêncio, encheu o cálice na fonte, tomou um longo gole do líquido escuro e espesso e então se arrastou de volta para o

corredor de onde tinha vindo. Entrou no primeiro cômodo à direita, e em seguida a porta se fechou.

Alice e Peter a seguiram com cautela. Ao virarem a esquina, se depararam com um corredor interminável que lembrava um alojamento estudantil, com quartos de ambos os lados, uniformes e sem janelas. Algumas das portas estavam fechadas. Muitas estavam entreabertas, e ambos espiaram dentro dos cômodos, um a um, ao passar. Um única Sombra ocupava cada quarto. Uma delas estava deitada de costas, com as mãos enfiadas na calça. Outra fumava um cachimbo em um lugar onde o cheiro de tabaco era tão forte que Alice teve uma crise de tosse enquanto seguiam às pressas. Uma terceira estava sentada de pernas cruzadas no chão, de olhos fechados, bebendo lentamente do mesmo tipo de cálice dourado que tinham acabado de ver. Ninguém erguia o olhar quando Alice e Peter espiavam. Ninguém parecia estar ciente do que acontecia ao redor.

Algumas portas adiante, ouviram um ruído de fungadas. Havia uma Sombra sentada, curvada sobre uma mesa no canto. Segurava livros perto do nariz e, toda vez que virava a página, cheirava a lombada de cima a baixo, revirando os olhos de prazer.

— Vamos em frente.

Peter agarrou o pulso de Alice e a puxou pelo corredor.

— O que era aquilo? — sussurrou ela. — O que ele estava *fazendo*?

— Você nunca cheirou um livro antes?

— Não daquele jeito!

— Bem, é muito bom — admitiu Peter. — Tem alguma coisa a ver com a encadernação. É tipo… cola, sei lá. Aparas de madeira. Dá pra entender.

— Eu teria guardado isso pra mim mesma, se fosse você — murmurou Alice.

Por todo o corredor, havia mais do mesmo: Sombras e mais Sombras sentadas de bom grado em suas celas, repetindo atividades singulares de forma obsessiva. Alice olhava para cada rosto, procurando a carranca do professor Grimes, mas tudo que via eram expressões vazias e vagamente satisfeitas. Depois de um tempo, ficou difícil encarar aquelas cenas. Todas aquelas feições uniformes de complacência. Algumas das Sombras pareciam estar perdendo os contornos, traços borrados e desfocados nas bordas. Algumas pareciam não ter olhos. Outras não possuíam boca, orelhas ou mãos definidas — todos os sentidos reduzidos ao essencial para sustentar o desejo, a satisfação imediata. Estavam presos em um ciclo compulsivo sem fim, repetindo um movimento que, ao que parecia, nunca proporcionava satisfação plena ou que, por outro lado, era tão prazeroso que continuavam a repeti-lo incontáveis vezes.

Todo o lugar exalava uma aura de decadência. O corredor cheirava a algo

pútrido e antisséptico, feito álcool isopropílico pulverizado sobre algo em decomposição, e as luzes eram muito fracas, crepitando com um zumbido fluorescente. Rachaduras e mofo cobriam as paredes, fileiras de formigas corriam ao longo das manchas, e era tudo tão repugnante que Alice ficou agoniada com o fato de aquelas Sombras não conseguirem simplesmente parar, olhar ao redor e sair correndo dali. *Parem com isso*, queria gritar. *Larguem isso, saiam daqui*. Mas metade das Sombras nem sequer tinha orelha. Se ela gritasse, será que iam ouvi-la?

Já fazia um bom tempo que ela e Peter estavam em silêncio. Foi ficando cada vez mais desconfortável observar de forma voyeurística aqueles vícios, tentando fingir que não ficavam estimulados por nada do que viam. Alice se sentia exposta e nua. Parecia que estava sendo testada, monitorada para ver se algum daqueles prazeres despertava interesses semelhantes nela mesma. *Você gosta de pés? Gosta de bonecas? Gosta de objetos duros de madeira?*

Perguntou-se o que Peter desejava. Provavelmente nada. Peter tinha vindo ao mundo em berço de ouro; nunca havia lhe faltado nada. Mas esse era o sentido errado de *desejo*. Desejo e necessidade são coisas muito diferentes, e ela gostaria de saber o que Peter ansiava, o que fazia seus joelhos fraquejarem, porque assim ao menos saberia que ele tinha alguma vulnerabilidade. Ali, no entanto, a expressão dele nunca mudava. Mantinha uma cara séria e apenas olhava ao redor com uma curiosidade clínica e levemente condescendente. O santo Peter era imune a tentações.

Os objetos de luxúria continuavam surgindo em proporções ridículas. Viram Sombras fazendo felação em cães, lambendo lousas, se contorcendo sobre montes de calcinhas. Sombras bebendo vinho em um estado de estupor, estremecendo em meio a espirais de fumaça. Uma delas andava de um lado para o outro murmurando *Obrigada, obrigada* enquanto máquinas estáticas reproduziam fitas de aplausos pré-gravados. Não era mais nem um pouco engraçado. Longe das tentações sensoriais das pinturas de Bosch, as cenas naqueles quartos eram apenas tristes e repulsivas. Havia tanto do *corpo* à mostra: gemidos ofegantes, tapas, lambidas e sucções; corpos perfurados por agulhas, corpos engasgando com comida, com vinho; apenas corpos por toda parte, na verdade, nem mesmo corpos inteiros, mas órgãos expostos; bocas se movendo, olhos inquietos e mãos ávidas, abandonados pela razão, dominados pelo apetite.

Por que não podiam simplesmente sair dali? Alice não conseguia entender. Nunca tinha sido capaz de compreender aqueles desejos físicos grotescos. Estava familiarizada com os prazeres básicos, era verdade, mas nunca havia sentido um desejo corporal tão intenso a ponto de dominar sua mente. Ficava perplexa com o fato de, em todas as histórias, os heróis estarem sempre dispostos a deixar que

cidades inteiras ruíssem apenas para que pudessem esfregar suas partes íntimas em outra pessoa. Davi perdeu seu reino por causa de Bate-Seba, os gregos entregaram tudo por causa de Helena, e o grande dr. Fausto, quando teve Mefistófeles à sua disposição, queria apenas usar seus novos poderes para seduzir Margarida. O sexo não era um desejo nobre, era uma capitulação humilhante. Alice sabia que havia um tipo de anseio genuíno, mas para ela tinha muito pouco a ver com as maquinações desajeitadas do corpo, com dentes rangendo e barba por fazer, mãos ásperas e hálito fétido. Para ela, pareciam mundos distintos, mas nunca soube como sublimar aquela ânsia confusa e ardente, aquele desejo que tomava todo o seu corpo e que sentia de maneira mais intensa quando olhava para…

— Meu Deus — resmungou Peter. — Não acaba nunca.

Estava cada vez mais difícil continuar andando, continuar espiando, e cada vez mais difícil respirar. O zumbido fluorescente, o mofo e a umidade eram tão intensos que por fim Alice não conseguiu mais suportar.

— O professor não está aqui. — Ela parou. — Vamos voltar lá pra fora, vamos caminhar por aí.

— Achei que você quisesse verificar todos os tribunais — retrucou Peter.

— Bem, nós já verificamos.

— Só tem uma hora que a gente está aqui…

— É o suficiente pra sabermos que ele não está neste tribunal.

— Você disse a mesma coisa sobre o Orgulho.

— E era verdade. — Alice fungou. — Ele não está aqui. Não se rebaixaria a este nível…

— Como você sabe?

— Porque tudo isso é muito patético!

Sua mente estava bastante confusa. Não entendia por que o peito estava tão apertado, por que era tão difícil respirar.

— É vulgar, asqueroso. O professor não estaria aqui. O que quer que ele tenha feito, não se rebaixaria a este nível.

— Acho que você está enganada. — A voz de Peter soou estranhamente fria. — Acho que tem todas as chances de ele estar aqui.

— Isso é ridículo.

— Você tem tanta consideração pelo Grimes.

— Não foi um *elogio*. — Alice cruzou os braços. — A luxúria é um pecado de incontinência. É uma fraqueza da determinação. Quer dizer, é só olhar ao redor. E o professor podia ser muitas coisas, mas se tem algo que ele tinha de sobra era determinação.

— Minha nossa. — Mais uma vez, a frieza no tom. Isso a deixava

boquiaberta. Nunca o tinha visto daquela forma, e não conseguia entender por que ele estava tão irritado. — Por que não puxa o saco dele mais um pouco?

— Só estou com medo de nós estarmos desperdiçando nosso tempo — explicou ela. — É só isso que estou dizendo. Já vimos o suficiente, ele não é assim, e eu estou cansada de andar por esse lugar idiota.

Peter ergueu a mão. *Silêncio*, dizia o gesto universal, e Alice estava prestes a expressar sua indignação quando Peter apontou para uma porta no fim do corredor. Sons abafados vinham lá de dentro. Gritos? Gemidos? Peter inclinou a cabeça, as sobrancelhas arqueadas de uma maneira bizarramente sugestiva. Ele levou um dedo aos lábios e se aproximou, fazendo sinal para que Alice o seguisse.

— Não. — Ela sentiu um pavor instintivo. — Por favor, Peter, não.

— Mas tem alguma coisa lá! — exclamou ele. Seus passos aceleraram. — Tem *alguém*.

As vozes abafadas ficaram mais altas. Peter correu até a porta e a escancarou.

Atrás da porta havia um escritório. E, ali dentro, duas Sombras estavam entrelaçadas em um abraço tórrido, os rostos borrados e indistintos — todos os aspectos de sua existência obscuros e esquecidos, na verdade, exceto pelos genitais avermelhados e brilhantes. Nenhuma das duas notou a presença de Alice ou Peter. Uma mantinha a outra curvada sobre a mesa no que parecia ser uma posição terrivelmente desconfortável, mas ambas se moviam com uma urgência frenética, uivando tão alto que o som fazia as paredes tremerem.

— *Ah! Ah! Ah!*

Será que todo sexo era assim tão vulgar? Alice ficou paralisada, encarando enquanto aquela troca rítmica se gravava em sua memória — os sons molhados e pegajosos, o pulsar e o latejar de órgãos aumentados, exagerados, a única característica definida de Sombras que não se lembravam de mais nada —, e então aquela imagem se sobrepôs a todas as outras lembranças que ela já tivera, cada toque, cada momento em que se aproximara de outro corpo desejante. Tudo era necessidade, compulsão, satisfação; e no fim eram apenas corpos, montes de polpa feminina servida feito carne de porco, os dedos abertos de Marilyn Monroe, Jessica Rabbit, seios balançando. Jezabel vestida para matar, inclinada para fora de uma janela, e cães roendo seu ser. DJs rindo e as manchetes zunindo. Coelhinhas fodendo, fodendo feito coelhos, uma britadeira, uma marreta, ferro na carne, a agulha, o giz e a tinta, entrando e saindo, entrando e saindo, e tudo culminava em um aperto, um espasmo, um suspiro. Alice tentou seu catecismo, tentou conter tudo, mas não funcionou, as visões continuavam se desdobrando, estava acontecendo de novo. Sentia-se tão distante… Seu corpo

não era mais seu, estava se desfazendo, se espalhando. Tentou se agarrar à escada, mas ela não estava lá.

Peter recuou tão rápido que tropeçou em Alice.

— Não era ele — falou Peter, dando uma risada histérica. — Eu acho que… Pensei que…

Ela se afastou subitamente.

— Você está bem?

Ele estendeu a mão para tocar seu braço, mas Alice o afastou com um tapa. Naquele momento, não conseguia suportar a presença dele, a presença de ninguém. Se alguém chegasse perto, ela gritaria.

Peter estendeu a mão outra vez.

— Você está respirando de um jeito estranho.

Alice passou correndo por ele e disparou pelo corredor. Uma sensação terrível lhe revirava o estômago. Ele a seguiu. Alice empurrou com as duas mãos a primeira porta para o exterior que encontrou e se lançou de volta na tempestade. Então, o mundo saiu dos eixos e o chão se aproximou, e Peter a segurou no momento em que ela tombou para a frente e vomitou.

* * *

— O que você deseja mais do que tudo? — tinha lhe perguntado o professor Grimes certa vez.

Estavam sentados em um café à beira-mar em Veneza, embriagados pela vitória, por taças de Aperol Spritz e pelo calor do sol da tarde. Era o primeiro dia deles na cidade; tinham acabado de chegar de uma expedição de uma semana pelos depósitos de giz de Vena del Gesso com representantes da Academia Italiana de Magia, e no momento estavam bronzeados e agradavelmente exaustos.

Grimes não parava de propor enigmas e sofismas, e Alice, um pouco embriagada, respondia de forma leve e descontraída, dizendo apenas o suficiente para mantê-lo falando. Adorava quando o professor simplesmente divagava, soando profundo sem fazer nenhum esforço, sem um pingo de constrangimento. Adorava ver como ele processava o mundo, ouvir seus pensamentos mais confusos e ainda inacabados. Isso lhe dava pistas de como imitá-lo, de como moldar a própria vida e a própria carreira seguindo seu exemplo. Sabia que era tolice achar que poderia ocupar um lugar no mundo como Jacob Grimes fazia, considerando que se apresentavam de maneiras tão diferentes. Mas será que não poderia pelo menos lembrar às pessoas quem era seu mentor? A linhagem acadêmica era muito importante nos círculos certos. E, naquela época, tudo que

ela queria, com cada fibra de seu ser, era que as pessoas se lembrassem de que era um eco dele.

— Nada — respondeu Alice, tentando ser espirituosa. — Eu vivo a vida de uma esteta.

— Como é engraçadinha. Mas o que você *quer*, Law?

— Sucesso. — Ela girou a taça entre os dedos. — Quero um emprego, um laboratório só meu e vários livros publicados. Quero seu escritório e meu nome na porta — acrescentou, na esperança de fazê-lo rir.

Mas a expressão dele permaneceu muito séria.

— Isso são ramificações do desejo. O que você quer *de verdade*?

— É *isso* que eu quero.

— Não, não é.

O professor estendeu a mão e agarrou o pulso dela, apertando-o com uma força surpreendente. Alice estremeceu, mas não gritou. Mais do que sentindo dor, ela estava chocada; paralisada de medo, todos os sentidos alertas ao que ele ia fazer em seguida. Com Grimes, nunca se sabia o que viria.

— Tem que pensar no que te tira o sono à noite — insistiu o homem. — O que arde dentro de você? O que impulsiona cada uma das suas ações? O que te dá motivo pra se levantar da cama de manhã?

Alice estava desnorteada com a intensidade da atenção dele e queria muito dizer a coisa certa. Mas não fazia a menor ideia do que era.

— Tem que ser o trabalho em si — continuou Grimes. Seus olhos brilhavam por causa da bebida, desconfortavelmente febris. Ela não conseguiu manter contato visual. Teve que piscar e desviar o olhar. — O prazer da análise. Tem que amar abrir as coisas para ver do que são feitas. Essas viagens e festas são boas, Law, mas não pode se deixar levar demais, ou elas vão te distrair. Precisa observar tudo de cima. Tem que ser movida pela verdade, e somente pela verdade. Ela tem que te consumir.

— Sim — Alice queria responder. — É isso, é assim que eu me sinto.

Mas não era verdade, e não conseguia articular as coisas dessa forma. Não conseguia pensar em um único objeto de estudo que a motivasse tanto quanto o professor esperava. Naquele momento, não conseguia lembrar por que sua pesquisa, pequenos projetos tediosos sobre quebra-cabeças linguísticos, era tão importante. E mesmo que não estivesse um tanto embriagada de *prosecco*, nunca teria o vocabulário para explicar a complexa mistura de temor e desejo que a fazia acordar antes do amanhecer e passar noites em claro no laboratório.

Alguns dias antes, Grimes havia dado uma palestra na Academia Italiana de Magia, em Roma, um convite de prestígio para uma conferência que acontecia apenas a cada três anos e que atraía estudiosos de todo o mundo. Alice

tinha assistido da primeira fileira, vibrando de orgulho enquanto o professor mantinha a atenção da plateia mais exigente do mundo, as palavras saindo de sua boca em parágrafos perfeitos e articulados, as ideias pairando no ar feito faróis. Não importava que já tivesse ouvido tudo aquilo antes, que na verdade tivesse sido ela quem as havia digitado e organizado em uma estrutura que fizesse sentido. Parecia que as estava ouvindo pela primeira vez, contemplando sua importância. Um mundo de possibilidades se estendia diante de todos, e Jacob Grimes era o profeta que tinha descido das montanhas, iluminando tudo.

Eu quero isso, lembrava-se de pensar. *Eu quero muito.* Mas *o que* era isso?

Não era a velha necessidade de boas notas ou um desejo de validação. Ela não era mais criança, havia deixado essa patologia para trás na faculdade. Mas também não era apenas a busca por respostas ou a simples satisfação de um enigma resolvido. Era uma emoção primitiva, uma percepção inebriante do que ela poderia se tornar, dos mundos que poderia desvelar, e tudo isso estava indissociavelmente ligado ao professor.

* * *

— Não precisamos voltar — disse Peter enquanto Alice enxaguava a bile da boca.

Ela rosqueou a tampa do Frasco Perpétuo.

— Obrigada.

— De qualquer forma, você tinha razão — disse ele. — Acho que Grimes não está lá dentro.

— Eu sei.

Ela se recostou na parede de concreto, deixando a chuva lavar seu rosto. O pão Lembas era nojento quando ingerido pela segunda vez. Alice tinha a sensação de ter engolido um punhado de serragem. A comida ficou em sua garganta feito uma lama ácida e densa, e nenhum esforço para engolir conseguia desfazer aquele nó.

Arquimedes desenhava oitos em torno de suas pernas, o que, naquele momento, era a sensação mais reconfortante do mundo. Alice se abaixou e fez carinho atrás das orelhas do gato. Queria poder se deitar em silêncio e se deixar dissolver na tempestade.

Peter não perguntou o que havia acontecido, o que foi um alívio.

— Vamos andar por aí, como você sugeriu.

— É, vamos.

— Acho que vai passar logo, de qualquer forma. — Peter estreitou os olhos, encarando a tempestade. — Só temos que sair do alcance do prédio. Acha

que consegue?

Alice já estava caminhando.

Dessa vez, a tempestade parecia uma dádiva. Tudo parecia purificador, os ventos uivantes, as cortinas de chuva e, mesmo que não pudesse lavar sua memória, poderia por ora abafá-la, subjugar seus sentidos para que ela não conseguisse pensar em nada além de seguir em frente. E como avançavam de cabeça baixa, com os olhos semicerrados por causa do temporal, só viram a matilha quando ela já estava perto demais.

Houve movimento nas dunas, um brilho branco ondulante. No instante seguinte, o branco se decompôs em diferentes formas. Um bando inteiro de criaturas de osso, quase uma dúzia.

Peter também viu.

— Ah, meu Deus.

Arquimedes pulou dos braços dele e saiu em disparada pelas dunas. Isso pareceu uma boa ideia, então Alice se virou em direção ao Tribunal do Desejo. Se conseguissem entrar, talvez pudessem trancar as portas ou usar o peso do corpo para mantê-las fechadas, mas já haviam se afastado muito. As criaturas de osso se moviam com uma rapidez horripilante. Em segundos, reduziram pela metade a distância entre eles. Estavam a cerca de cem metros agora.

— A água! — gritou Peter. — Vamos pra…

Alice o seguiu, vasculhando freneticamente a mochila enquanto corriam. Sentia que precisava fazer *alguma coisa*, que não podia ficar parada enquanto o fim se aproximava. Afastou pilhas de giz — *inúteis* —, o cobertor — *inútil* —, iodo, livros, tudo inútil. A única coisa que tinha eram as facas de caça.

— Você ao menos sabe como usar isso? — perguntou Peter.

— Não. — Alice lhe entregou a mais longa, segurando-a pelo cabo. Havia as comprado de última hora em uma loja de caridade e só as desembainhara uma vez. — Quer descobrir?

Ele a ergueu nas mãos, franziu a testa e empunhou a lâmina de uma maneira desajeitada, que não inspirava nenhuma confiança.

As criaturas de osso pararam em uma linha. Pareciam ter muito menos medo do Lete do que suas antecessoras, pois haviam se aproximado da margem, encurralando Alice e Peter entre elas e a água. Eram mais variadas dessa vez, algumas tão pequenas quanto filhotes de gato, outras do tamanho de lobos, e os crânios eram de todo tipo de animal. Algumas inclinavam a cabeça de uma forma que poderia ter sido fofa se ao menos houvesse mais do que um vazio nas órbitas oculares, se seus membros não tivessem sido magicamente aprimorados com garras e presas de outras espécies costuradas em cada articulação.

Alice se agachou, pois tinha lido uma vez em um livro de artes marciais

que isso ajudava em uma luta. Dobrar os joelhos, baixar o centro de gravidade, esse tipo de coisa. Sentiu-se ridícula.

— Espera um pouco — disse Peter. — Nós ainda podemos… Talvez eles queiram conversar.

De fato, as criaturas não se moveram. As articulações do pescoço continuavam estalando enquanto os olhares esquadrinhavam os dois, como se estivessem processando cada detalhe sobre eles. Alice se perguntou onde estaria seu criador naquele momento. Se estaria aguardando de longe, esperando que ambos fossem mortos, ou se estaria controlando aquelas coisas por meio de alguma conexão mágica, enxergando através de suas órbitas vazias.

— Olá — cumprimentou Alice com timidez. — Vocês… vocês entendem o que estamos dizendo?

As criaturas de osso não deram nenhum sinal de que entendiam.

— Só estamos de passagem — explicou Peter. — Nós estamos… estamos vivos, como podem ver. Mas não queremos fazer mal a vocês.

As criaturas de osso se agacharam, prontas para atacar.

— Talvez a gente possa conversar — sugeriu ele. — Ver se podemos ajudar um ao outro.

— Nós também somos magos — acrescentou Alice.

Os animais se lançaram sobre eles.

Alice golpeava ao redor, mas era difícil acertar algo com a lâmina quando os ataques vinham de tantos ângulos. Sem enxergar, ela brandia a faca, e parecia ser algo positivo quando o metal ressoava contra os ossos — pensou que talvez estivesse conseguindo afastá-los. Mas havia tantas criaturas que não sabia para onde olhar, só tentava mantê-las longe do pescoço, do rosto e do peito. Algo pousou em seu ombro. Sentiu uma explosão de dor, branca e incandescente. Alice gritou e atacou com força a criatura de osso. A lâmina atingiu algo por pura sorte — algo crítico, porque o animal saiu voando e aterrissou ao lado da água.

— Mira na coluna. — Peter estava lutando contra duas criaturas que se agarravam a suas pernas. Uma pilha de ossos jazia a seus pés. — Pontos fracos, tenta…

Alice ajustou a empunhadura da faca e respirou fundo, preparando-se para desferir os próximos golpes. Mas então notou algo. O animal que havia lançado para longe não estava se levantando. Em vez disso, permanecia caído de barriga para cima perto da água, com a cauda se debatendo e as patas traseiras se agitando, feito uma horrenda barata gigante.

Foi então que teve uma ideia.

Um trio de criaturas de osso estava agachado diante dela, como se elas

estivessem se preparando para abocanhar sua cabeça e seus ombros ao mesmo tempo. Dar as costas parecia suicídio, mas, em vez de se manter firme, Alice correu até o rio. Tentou não ir longe demais, mas as ondas do Lete eram imprevisíveis. A água gelada roçou seus tornozelos. Ela sentiu uma pontada na base do crânio. Uma dor mais aguda na parte superior do braço. Seriam lembranças se apagando? Não sabia dizer o que havia perdido, nem teve tempo para investigar. Abriu a tampa do Frasco Perpétuo, abaixou-se e pegou o máximo de água que conseguiu. Em seguida, se virou e lançou o líquido ao seu redor em um arco.

Gotas atingiram as criaturas de osso com um chiado alto. Na mesma hora, elas recuaram. A água continuou a chiar onde havia caído. Ao ouvirem esse som, até mesmo os animais que estavam atacando Peter pararam e se encolheram, uivando e ganindo em uníssono.

— É — disse Alice, ofegante. — Vocês não gostam disso, não é?

O restante da matilha se reuniu em um amontoado inquieto. A água do Lete era mais eficaz do que ela esperava. Viu membros inteiros se desprendendo, articulações se desintegrando. A água *tinha* algum efeito sobre o giz, o derretia e o corroía, de forma que todo o algoritmo ficava preto, extenuado e impotente. Será que era mesmo tão simples assim?

— Pra trás! — ordenou ela, brandindo o frasco. — Voltem pro lugar de onde vieram.

De repente, a matilha se fundiu e se lançou sobre Alice.

Ela só teve tempo de levantar os braços para proteger o rosto. As criaturas aterrissaram por toda parte: presas afundaram em suas roupas, em seu ombro, na lateral do corpo, nas pernas. Peter gritou o nome dela. Em meio à confusão de ossos, Alice o viu na margem, a mão estendida em sua direção, mas era tarde demais. Algo afiado se cravou no quadril dela. Ela se virou bruscamente, e o tornozelo se torceu. Então perdeu o equilíbrio e, junto com toda a massa contorcida de ossos, caiu para trás no rio Lete.



Capítulo Dez

— Você está bem? — Peter dava tapinhas frenéticos nas bochechas dela. — Alice?

Ela abriu os olhos. Peter a havia puxado para a areia. As criaturas de osso estavam espalhadas pelas águas rasas, que borbulhavam ao contato com o giz. Algumas ainda se moviam, tentando sair, mas as pernas se soltavam das articulações e a coluna se desintegrava vértebra por vértebra. Alice observou enquanto os fragmentos desmembrados chutavam, se contorciam e em seguida afundavam sob a superfície.

Peter segurou os ombros dela e a sacudiu.

— *Alice?*

Ela se assustou.

— Ah. Sim?

— Qual é o meu nome? Que dia é hoje? Qual é sua música favorita dos Beatles?

— Eu estou bem.

Alice franziu a testa. Supunha que se tivesse perdido a memória, não saberia disso. Mas ao menos não se sentia confusa sobre quem era ou o que estava fazendo ali. Procurou em sua mente por uma linha de raciocínio e a encontrou. Era Alice Law, aluna de pós-graduação em Cambridge e estudava magia analítica. E Peter era Peter.

— Murdoch. Peter Murdoch. Lá em cima, é… dia 2 de outubro. Dia 3, quem sabe? Eu já perdi a conta. E “Please Mister Postman”. — Ela balançou a cabeça. — Como você sabe qual é a minha música favorita dos Beatles?

Peter se deixou cair para trás, aliviado.

— Você ouve essa o tempo todo no laboratório.

— Mas eu uso fone de ouvido.

— Seus fones são muito altos.

— Você deveria ter falado!

— Não tem problema. — Peter colocou as mãos nas costas de Alice e a ajudou a se sentar. — Mas você tem gostos muito repetitivos. Eu queria que você colocasse *Abbey Road* de vez em quando.

— Ah, pelo amor de Deus.

Ele se levantou, pegou a mão dela e a puxou para que ficasse de pé. Alice sentiu uma vertigem momentânea com o sangue fluindo para a cabeça, mas nada além disso, nada que sugerisse que pudesse ter perdido alguma parte essencial de quem era. As têmporas latejavam, mas pior ainda era a dor aguda na parte superior do braço. Ela olhou para baixo, viu os rastros de sangue e as marcas de mordida espalhadas por todo o corpo e cambaleou.

— Meu Deus. Ah.

— Vem. — Peter passou o braço dela por cima do ombro e a segurou com firmeza pela cintura. — Vamos sair dessa chuva.

* * *

Sair do Tribunal do Desejo se revelou difícil e exaustivo. A tempestade parecia não querer deixá-los partir. Os ventos sopravam com uma força descomunal, e o aguaceiro açoitava com tanta ferocidade que ao respirar eles tinham a sensação de estar se afogando. Era preciso um grande esforço até mesmo para ficar parado, pois, a menos que fincassem os calcanhares com firmeza no chão, as rajadas os empurravam sem trégua para trás, na direção das portas do alojamento. Alice mal conseguia ver para onde estavam indo; tudo era uma parede úmida e uivante. A única coisa que podia fazer em meio ao temporal era abaixar a cabeça e avançar um pequeno passo de cada vez, agarrando-se ao braço de Peter para se orientar. Mas então a tempestade passou, tão repentinamente quanto havia começado. Os ventos cessaram, a chuva amainou; mais alguns passos e o céu clareou por completo. Ainda podia ver as nuvens carregadas atrás deles, separadas da luz crepuscular por uma linha reta e nítida.

Montaram acampamento ali, a uma distância segura do Lete, na fronteira entre os tribunais do Desejo e da Ganância. Peter acendeu uma fogueira. Alice ficou sentada, sem conseguir controlar a tremedeira, secando-se até sentir que era uma pessoa de novo.

Ela tossiu.

— Posso beber um pouco da sua água?

— Ah, claro. — Peter lhe passou o Frasco Perpétuo. — Eu não tenho raiva nem nada assim.

— Acho que não se pega raiva por garrafas de água. — Alice desatarraxou a tampa. — Vamos ter que compartilhar de agora em diante.

O frasco dela havia caído no rio. A água do Lete havia entrado nos pentagramas da tampa, portanto ele não se reabastecia mais sozinho.

— Tudo bem, desde que a gente fique junto. — Peter pigarreou. — Então, agora que você já respirou um pouco, posso fazer algumas…

— Não, obrigada.

— Mas nós temos que ter certeza. Quer dizer… — Ele se inclinou para a frente, com os olhos arregalados de preocupação. — Não quer ter certeza?

Alice *tinha* certeza. Vinha sondando os próprios pensamentos desde que haviam se sentado, procurando por lacunas. Mas a dor no crânio tinha sumido, e nada havia desaparecido com ela. Sua memória era como um baú mal trancado, o trinco tensionado, sempre prestes a arrebentar de tão cheio. Acreditava que saberia se algo tivesse escapado. Teria sentido o alívio.

— Juro que não perdi nada.

— Mas como você *sabe*?

Ela hesitou.

Não conte a ninguém. Essa lembrança era muito vívida. O professor Grimes tinha dito isso apenas uma vez, e fora o suficiente. Mas como explicar de outra forma? Não queria que Peter se arriscasse no Lete, pois *ele* com certeza não era imune.

Aquilo poderia lhe causar sérios problemas. Mas ela pensou no acesso de raiva do rapaz no Tribunal do Desejo, naquela fúria inexplicável, e achou que se alguém fosse capaz de entender, essa pessoa seria Peter.

— Acho que sou imune — afirmou Alice. — Ao Lete.

— Imune *como*?

Ela passou os dedos pela areia. Era muito difícil dizer aquilo em voz alta. Tinha tanta prática em não falar nada em voz alta que naquele instante era quase impossível encontrar as palavras certas e depois pronunciá-las. Seu primeiro impulso foi contornar a verdade.

— Bem, eu não me esqueço das coisas.

— Todos nós temos boa memória, Law, mas o *Lete*…

— Não, quero dizer que *não consigo* esquecer as coisas.

— Como assim?

— Olha. — Ela arregaçou a manga esquerda e se virou para que ele pudesse ver a pele do braço. — Isso não deixa.

Peter olhou. Em seguida, inspirou tão bruscamente que Alice piscou e desviou o rosto.

Gravado em sua pele, em letras brancas e nítidas e em um círculo perfeito, havia um pentagrama permanente.

A magia nunca durava para sempre. Você desenhava uma esfera de influência, colocava um objeto dentro dela e, quando terminava o feitiço, retirava o objeto. Os magos mais talentosos podiam criar encantamentos que duravam horas, até mesmo semanas, no caso dos Frascos Perpétuos, mas sempre era preciso levar os objetos de volta ao pentagrama quando perdiam a carga. Além disso, pentagramas eram escritos com giz, não com tinta; por natureza, não podiam durar muito. Estavam sob constante ameaça de aspiradores de pó, vassouras, rajadas de vento, espirros. Cada traço de cada letra era importante, e o menor borrão anulava todo o trabalho árduo de inscrevê-lo. Os melhores magos apagavam seu trabalho ao fim de cada dia para evitar acidentes na manhã seguinte. Era um grande desperdício de giz, mas não havia alternativa. A magia era efêmera. Você enganava o mundo por um instante e depois tudo voltava ao normal.

O professor Grimes havia dedicado a carreira a desafiar essa regra fundamental da magia. Ele queria que a mentira durasse. E havia provado, com Alice, que pentagramas gravados na pele humana poderiam manter a carga por toda uma vida. Ou pelo menos por um ano — que era tudo o que sabiam até aquele momento.

Peter ficou encarando a tatuagem por um longo tempo. Levantou as mãos e, quando ela assentiu, dando permissão, o rapaz tocou e apertou, pressionando a pele dela com os dedos. Por fim, ele comentou:

— Essa não é a sua letra.

— Não. Adivinha de quem é.

Algo indecifrável cruzou o rosto dele.

— Ele te obrigou?

— Eu quis — respondeu ela, sentindo um latejar quente e furioso no peito. Sim, era isso mesmo, sabia que era verdade. — Eu deixei.

* * *

Foi assim que Alice e o professor Grimes passaram aquele verão na Itália.

Ele tinha começado com animais, é claro. Primeiro, ratos e porquinhos-da-índia. Em seguida, gatos e cachorros raspados até restar apenas a pele trêmula. As normas de pesquisa com animais eram mais permissivas na Europa; as ruas estavam cheias de bichos abandonados. Alice passava horas segurando gatos

enquanto o professor trabalhava com a agulha de tatuagem na pele raspada e exposta. Também era encarregada de descartar os cadáveres; acabou se familiarizando com todos os pontos de coleta dos garis em Veneza.

Mas o problema com os experimentos feitos com animais era que não havia muito que as criaturas inferiores pudessem *fazer*. Você podia colocá-las para correr em círculos ou submetê-las a testes de fome ou dor, mas, no fim das contas, não havia como saber ao certo o impacto do experimento. Quem se importava se um gato lembrava em qual recipiente estava um petisco? Algo mais expressivo seria melhor. Algo que, pelo menos, falasse — que pudesse contar o que a injeção de energia morta-viva *fazia* com um corpo. Se não parecia fazer nada, se queimava por dentro…

Alice sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, chegaria sua vez de enfrentar a agulha. O professor Grimes nunca tinha fingido o contrário. Ela dera seu consentimento em sã consciência desde o início e, em sua opinião, isso tornava tudo aceitável. Isso a colocava no controle. E Alice confiava que Grimes ia fazer as coisas de maneira segura, que ia fazer bem-feito.

Ela teve um comportamento exemplar, tanto durante o procedimento quanto na noite anterior. Não deixou transparecer o quanto estava com medo nem as dúvidas que nutria. Sabia que isso só o irritaria. Quando chorou de pavor, fez isso na privacidade de seu quarto de hotel. Ah, ela não queria morrer. Não queria perder a sanidade. Mas guardou essas coisas para si. De manhã, estava calma, serena, dócil. Uma tábula rasa perfeita.

Lembrava a si mesma o tempo todo: *Já faz duas semanas desde que matamos um gato.*

Grimes ofereceu anestesia antes de começarem, mas ela recusou até mesmo uma injeção local. Sabia que era importante continuar falando, respondendo durante todo o procedimento. Precisava se manter alerta, catalogar cada parte da experiência. Precisava sentir cada picada da agulha na pele, cada queimadura de giz morto-vivo.

O professor foi tão gentil, tão encorajador, enquanto trabalhava. Acariciava seu ombro toda vez que ela se contorcia, murmurando numa voz baixa e tranquilizadora:

— Você é ótima. Está se saindo muito bem. Fique paradinha pra mim, querida. Isso mesmo. Já estamos quase terminando.

Ele parava quando a dor se tornava insuportável; deixava que Alice fizesse tantas pausas quanto precisasse. E quando fechou o círculo e ela caiu de joelhos, gemendo conforme a energia morta-viva percorria seu corpo, o professor Grimes se abaixou ao lado dela, acariciou suas costas e segurou seu cabelo atrás da cabeça enquanto ela vomitava sangue no chão.

O experimento foi um grande sucesso.

Quando a febre cedeu e Alice recobrou a consciência, ele colocou diante dela uma série de lousas com inscrições em idiomas que Alice não conhecia, cada uma por três segundos, em seguida pediu que reproduzisse a escrita no quadro. Ela copiou todas sem cometer nenhum erro. Duas semanas depois, ele pediu que repetisse todo o processo, dessa vez sem mostrar as lousas, e mais uma vez ela as transcreveu com perfeição.

Aquela semana foi cheia de descobertas assombrosas. Se sua memória tinha limites, ainda não os havia encontrado. Podia se sentar com seis livros em uma noite e, desde que lesse cada linha com atenção, memorizar todos. Sua mente agora funcionava como uma enciclopédia sob demanda. Não conseguia ler com fluência em francês ou árabe assim de repente, mas podia, se ficasse sentada por tempo suficiente, folhear dicionários mentais a fim de compilar traduções razoavelmente boas. Mundos inteiros se abriram diante dela. Aprendeu cirílico, húngaro, nastalique. Aprendeu a Linear B.

É claro que doía. A dor nunca cessava, tinha apenas migrado do braço e se manifestava como um latejar constante nas têmporas. Sua mente parecia expandida ao limite, abarrotada de coisas das quais jamais poderia se livrar. Não tinha se dado conta, até aquele dia, de como os humanos precisavam esquecer para funcionar. Não podia mais apagar da mente os milhões de acontecimentos embaraçosos de um dia qualquer. Ler errado o cardápio. Derramar o vinho. Deixar cair a carteira, atrasando a fila do correio. Já era naturalmente ansiosa, e sua mente agora a obrigava a reviver, com detalhes excruciantes, cada erro que havia cometido com cada pessoa que já conhecera.

Mas era óbvio que os fins superavam os meios, pois que estudioso não daria tudo para ter uma memória perfeita? Era a época em que todos estavam entusiasmados com as máquinas de computação, e Alice havia se tornado uma. Ia se adaptar. Não tinha escolha.

— Você não pode contar a ninguém sobre isso — instruiu o professor Grimes. — Pelo menos não por um bom tempo. Isso é muito importante, Alice. Não é mais como no período da guerra. A Real Academia anda muito conservadora e, se alguém souber, eu perco minhas credenciais. Tenho muitos inimigos nesse departamento. Qualquer um deles usaria essa informação para me destruir. Não pode haver nem mesmo um boato. Você precisa ser discreta.

Isso foi um tapa na cara, na verdade, porque, no fundo, Alice esperava exibir sua nova capacidade para o mundo inteiro. Em suas fantasias mais íntimas e tolas, o professor a exibiria no circuito de conferências como um artista de *vaudeville*. Ele seria Grimes, o Grande; ela seria seu Deslumbrante Pentagrama Vivo.

Mas estavam lidando com magia séria, e Alice não era uma garotinha.

— Claro — respondeu, puxando a manga sobre o braço.

— Muito bem. — Ele deu tapinhas em seu ombro. — Vai ser nosso segredinho.

Quando voltaram de Veneza, o professor passou a se dedicar a outros projetos. Depois de uma semana, já havia se cansado de testar a memória de Alice. Tinha confirmado que o pentagrama funcionava e agora podia se dedicar a superar todos os pequenos obstáculos, o processo de anos de publicação de provas parciais antes que pudesse fazer algo útil com aquele resultado. Alice foi deixada de lado. Grimes parou de verificar o estado da tatuagem; no início do período letivo, havia deixado de mencioná-la. O segredinho deles. E assim, Alice teve que se contentar com a mera constatação de que, dentre todos os seus alunos, era dela que o professor gostava mais. A prova estava inscrita em sua pele.

* * *

— Doeu? — perguntou Peter.

— Só um pouco. Eu fiquei bem.

Alice não contou sobre a queimação. O efeito da tatuagem não era muito diferente de como os romances góticos descreviam vampiros renascidos: todos os sentidos ficavam mais aguçados, o mundo brilhava intensamente. Ela se lembrava de ter despertado invadida por uma onda avassaladora de detalhes, todos gravados de forma permanente em seu cérebro ao mesmo tempo que os registrava. O rosto do professor Grimes pairava sobre o dela, ávido, ansioso, uma voracidade naqueles olhos escuros e perspicazes que ela jamais esqueceria.

Alice também não contou a Peter sobre a enxurrada: a sucessão cruel de lembranças, as constantes associações aleatórias, o imenso esforço necessário para separar o que era relevante do que não era. Não contou que sua visão havia se tornado uma montanha-russa passando por telas infinitas, todos os programas de televisão sendo exibidos ao mesmo tempo. Não contou que tinha que se concentrar com afinco em um simples tomate antes que seu cérebro o reconhecesse como um tomate, e não como uma maçã, uma bola ou um coração humano pulsando cheio de sangue. Não contou como era fácil se perder na torrente de informações, e como isso acontecia toda vez que afrouxava o controle sobre a própria atenção. Não disse a ele: *É como se eu tivesse que reconstruir uma escada de hora em hora para me lembrar de quem sou, onde estou e o que estou fazendo*. Afinal de contas, não havia nada que Peter pudesse fazer para ajudá-la. Só poderia sentir pena dela e, portanto, Alice simplesmente

não via sentido em contar nada daquilo.

— Entendo por que você nunca contou a ninguém — respondeu Peter bem devagar. Parecia estar medindo as palavras em sua mente, escolhendo com cuidado eufemismos para não ofendê-la. — Isso… isso é muita coisa pra processar.

— Na verdade não é tão ruim quanto parece.

A voz de Alice assumiu um tom defensivo. Não tinha a intenção de compartilhar aquilo como se tivesse sido uma grande tragédia. Detestava quando as mulheres de seu departamento se queixavam, como se não tivessem escolhido estar lá. Detestava a maneira como Peter a olhava naquele momento. A piedade dele a deixava desconfortável.

— Quer dizer… O professor sabia o que estava fazendo — declarou ela. — Ele sempre sabe o que está fazendo, caso contrário, nunca teria assumido os riscos.

Tinha sido isso que dissera a si mesma nos dias que antecederam a inscrição, enquanto tentava impedir que os corpos empilhados de gatos raspados, congelados em *rigor mortis*, invadissem seus pesadelos.

— O Grimes foi muito cuidadoso — reforçou Alice.

— Ele te disse que era mais para o seu bem do que para o dele?

— Claro que não.

Alice também detestava isso, a maneira como as pessoas com frequência presumiam que os alunos do professor Grimes eram seguidores imaturos de um culto e que não sabiam o que estavam fazendo.

— Eu te disse, *eu* quis fazer o experimento.

A veemência dela pareceu surpreender Peter, pois ele levantou as mãos em um gesto de desculpas.

— Eu só estava perguntando.

— Ele não me forçou a nada — reiterou.

— É, você já falou… — Peter piscava sem parar. — Desculpa, só estava tentando assimilar tudo. Parece tão… Quer dizer, não consigo acreditar que o Grimes te colocou nessa posição.

Santo Deus, pensou Alice. *Esse discurso de novo, não*.

Certa vez, em uma conferência em Nova York, uma jovem pós-doutoranda de Princeton havia tido uma conversa animada com ela por quase trinta minutos sobre um painel a que tinham acabado de assistir — uma atitude que pareceu legitimadora e amistosa, pois eram as duas únicas mulheres na sala — até Alice mencionar que trabalhava no laboratório do professor Grimes. O comportamento da pós-doutoranda mudou completamente depois disso. Ela recuou e a examinou de cima a baixo, com os olhos marejados de pena.

— Ah, minha querida — disse. — Então você sabe sobre… bem, você sabe.

Alice sabia muito bem, porque não era sua primeira conferência e, àquela altura, já tinha ouvido tudo que falavam a respeito do professor. Grimes era perverso, Grimes era tóxico, *blá-blá-blá*. Uma parte contraditória dela na verdade sentia orgulho de estar associada a um orientador tão infame. Todos os outros eram muito sem graça. O professor Grimes pelo menos tinha personalidade.

Alice abriu seu sorriso mais inexpressivo e inocente.

— Como assim?

A pós-doutoranda riu, constrangida.

— Tenho certeza de que você sabe do que estou falando.

— Na verdade, não sei. Tem alguma coisa que eu precise saber?

A mulher esquadrinhou a sala com um ar conspiratório, como se estivesse verificando se havia alguém ouvindo a conversa delas.

— É… Quer dizer… Desculpa, só achei que todo mundo comentasse. Se você não… — Ela começou a gaguejar, o que deu a Alice uma grande satisfação. — Desculpa. Não deveria ter dito nada. Foi bobagem minha.

— Eu sugeriria fazer menos fofoca sobre as pessoas pelas costas se você não tem nada de concreto a dizer. Mas obrigada.

Alice teve a sensação de que tinha obtido uma vitória retórica, embora, na verdade, tudo o que de fato tivesse feito fosse arruinar uma possível amizade. Sabia que, quando voltasse para casa, nunca mais ouviria falar daquela pós-doutoranda, o que era uma pena, pois as mulheres de sua área deveriam formar alianças sempre que se encontrassem. Só que não se importou. A satisfação com aquela relação arruinada provavelmente era a resposta errada, mas a única coisa que conseguia perceber naquele momento era que o sangue lhe subindo à cabeça era bom.

Foi essa mesma atitude contraditória que a fez dizer com frieza a Peter:

— Não fui *colocada* em nenhuma *posição*.

— Tudo bem, tudo bem, eu acredito em você. — Era preciso dar crédito a Peter por logo mudar o rumo da conversa. — Então, você acha que isso te torna uma acadêmica melhor? O pentagrama, quer dizer.

— Tem lá suas vantagens, é claro.

Ela hesitou, perguntando-se como desembaraçar o aglomerado de contradições que era sua memória; como explicar que reter muita coisa na mente não era necessariamente algo bom, que na maior parte do tempo a deixava confusa, desorientada e sobrecarregada com coisas que gostaria que nunca tivessem acontecido.

— Eu me sinto um pouco… menos mortal. Menos falível. Na maior parte do tempo.

— Parece legal.

— Mas acho que, acima de tudo, isso me deixa… bem, com medo. Como se eu tivesse tomado um atalho para me tornar uma especialista e, por *não* ter passado horas me dedicando à memorização, tivesse perdido alguma coisa importante. Tenho uma biblioteca de conhecimento, mas não sei como organizá-la. E, de alguma forma, o resultado não é tão satisfatório sem o processo. Se não precisei suar para conseguir, então não conta.

— Law, isso é baboseira.

Ela deu de ombros.

— Sou aluna do Grimes.

— Com certeza. — Ele piscou para o fogo. Sua boca se moveu várias vezes enquanto parecia reconsiderar o que queria dizer, e Alice se preparou para outra recriminação moralista. — O professor Grimes… hã, o Grimes alguma vez te pediu para fazer outra coisa que você achava que não era certa?

— Essa é minha única tatuagem. Ele nunca…

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Hã.

Peter começou a puxar os punhos desfiados das mangas. Alice lembrava que ele sempre fazia isso quando estava ansioso. Então isso significava que *ele* estava ansioso. Não era sobre ela que Peter estava falando, era sobre si mesmo.

— Não só ilegal. Mas alguma coisa… não sei. Coisas que pareciam antiéticas.

Alice pensou nos ratos em Veneza, em seus corpos tristes dando espasmos. Na maneira como guinchavam e corriam quando ela tentava tirar outro da gaiola. Como se soubessem exatamente o que acontecia naquela mesa de laboratório, como se soubessem o que o giz faria. Ela se tornara muito boa em deslocar a coluna vertebral para lhes dar uma morte mais rápida e indolor enquanto o giz queimava a pele dos animais; em romper as conexões neurais antes que pudessem processar a dor por completo. Se um dia teve escrúpulos éticos em relação a isso, no fim das contas não se importava mais. Você se acostumava com quase tudo em um laboratório. Afinal, eram apenas camundongos.

— Não — respondeu. — Por quê? Ele já te pediu algo assim?

Peter não parava de mexer na manga. Já havia soltado vários fios. Alice estava prestes a dar um tapa na mão dele para acabar com aquilo quando, por fim, ele confessou:

— Ele me pediu pra conseguir um cólon humano.

— *O quê?*

— Não de uma pessoa viva. — Peter agitou as mãos, aflito. — De um

cadáver. Um dos cadáveres que usam nas aulas de anatomia.

— Eles ainda fazem isso?

— Claro, como você acha que praticam cirurgia?

Para Alice, isso pareceu muito pior do que qualquer coisa que já tivesse feito. Pelo menos sua única vítima tinha sido ela mesma.

— Isso soa como uma violação de direitos.

— Os mortos não têm direitos.

— Bem, isso é discutível. Mas como… Por quê? Quer dizer, *por que diabos*, Peter?

— Não sei. — Ele deu de ombros. — De modo geral, me pareceu uma questão sem importância. Talvez tenha sido assim que você se sentiu em relação à sua tatuagem. O Grimes estava… Nós estávamos trabalhando em uma coisa que nunca deu em nada, mas por um tempo pareceu que tinha algum potencial. Só que… bem, você sabe, o giz interage de forma diferente com a matéria orgânica. E precisávamos de um órgão humano pra ter certeza.

— Você roubou um cólon. — Alice não conseguia acreditar. — Um cólon de uma pessoa!

— Bem. Três ou quatro.

— Meu Deus, Murdoch!

— Eu não ia dizer *não*.

— Você poderia ter denunciado isso — insistiu ela. — É uma violação ética. Poderia ter levado o caso ao reitor.

Fez-se silêncio. Os dois se entreolharam e caíram na gargalhada.

— Foi muito difícil? — perguntou Alice.

— Na verdade, não. Achei que seria, mas simplesmente entrei lá e… peguei o que precisava. Três pessoas me viram, então eu acenei, e elas só acenaram de volta.

— Não me surpreende.

— Eu sei que é loucura — admitiu Peter. — Acho que não deveria ter feito isso. Mas nunca passou pela minha cabeça dizer não.

— Sabe, o professor costumava me obrigar a digitar todas as anotações de aula dele — contou Alice. — Ele ditava e eu digitava. Me sentia uma secretária. Também nunca passou pela minha cabeça dizer não.

— Ah, isso não é nada. Uma vez, o Grimes me fez corrigir sessenta provas de graduandos em uma tarde porque tinha se esquecido de corrigir.

— Bem, uma vez ele me fez limpar todo o pó de giz do laboratório e pesar pra que pudesse estimar quanto dinheiro a gente tinha desperdiçado.

Peter riu.

— Uma vez ele jogou um capacitor totalmente carregado na minha cabeça

do nada.

— E ele te acertou? — perguntou Alice, alarmada.

— Só as minhas mãos. Eu tentei pegar por reflexo, não sabia que estava carregado. Com o choque, eu caí no chão e tive convulsões, e meu cabelo ficou todo arrepiado por horas. Nunca vi o Grimes rir tanto.

— Ele nunca jogou nada na minha cabeça.

Alice não conseguia decidir se isso fazia com que se sentisse superior ou ficasse com ciúme.

— Foi só o capacitor — falou Peter. — E só dessa vez. O resto era mais, você sabe, verbal.

— Sei. *Você não nasceu pra isso. É só um desperdício de recursos. Parece que nem quer estar aqui.*

— Ah, é, ele adora falar essas coisas. Uma vez ele comentou, de maneira bem casual, que eu era inútil a menos que aprendesse alemão.

— E você aprendeu?

— Comprei um guia de conversação naquela tarde e virei a noite estudando. — A voz de Peter falhou, e Alice o olhou com preocupação, antes de perceber que ele não estava soluçando, mas rindo tanto que mal conseguia falar. — No dia seguinte, eu cumprimentei o Grimes com um "*Wie geht's*", e ele… ele me encarou como se eu tivesse enlouquecido.

— *Lebensmüde* — disse Alice.

— *Sitzfleisch* — respondeu Peter.

Os dois tiveram uma crise de riso.

— Meu Deus — murmurou ela.

Alice pressionou as mãos contra o rosto. Quando as tirou, percebeu que estavam molhadas. Estava chorando de tanto rir. Isso nunca tinha acontecido; não sabia que as pessoas de fato faziam isso.

— Se alguém ouvisse a nossa conversa, realmente *denunciaria* tudo ao reitor.

— Ah, eu sei! Relacionamentos inadequados entre professor e aluno. Abuso de poder. Esse tipo de coisa.

— Eu odeio esse linguajar. Dá a impressão de que somos crianças.

— Vítimas indefesas.

— Não sabíamos no que estávamos nos metendo.

— Nos recusamos a enxergar a verdade. — Peter olhou de soslaio para ela. — Sabe, eu fui ao funeral dele.

— *Não*. Sério?

— Não o verdadeiro. Não com a família dele nem nada disso. Só a homenagem fúnebre feita pela universidade.

Alice se lembrava de ter visto o convite, de ter ficado olhando para o papel por um bom tempo antes de rasgá-lo em pedacinhos.

— Acho que me esqueci de ir.

O que era uma mentira descarada, já que ela não se esquecia de nada, mas Peter não insistiu.

— É, não vi você por lá.

— Então, como foi?

— Foi muito estranho — contou Peter. — Fizeram um monte de discursos sobre como ele era bom, magnânimo e generoso… aquelas coisas básicas, sabe, que poderiam descrever qualquer pessoa. O reitor o chamou de professor lendário. Helen Murray se levantou e falou um monte de lugares-comuns sobre como o Grimes era um pensador extraordinário. Sabe o que ele costumava dizer sobre ela pelas costas?

— Que só foi contratada por conta do vínculo conjugal e fingia ser acadêmica?

—Bem, isso também. Mas principalmente que ela era uma Thatcher sem bunda.

Alice riu.

— De qualquer forma — continuou Peter —, fiquei o tempo todo pensando que éramos os únicos que realmente o conheciam. Por inteiro. O lado bom, o ruim, o engraçado e todas as suas contradições. A parte sincera dele. O Grimes só era ele mesmo no laboratório. Mesmo nos piores momentos. Mesmo quando estava frustrado, quando humilhava as pessoas, tudo isso. A única coisa que importava era descobrir a verdade. Ele chorava e se prostrava diante da verdade. E nós conhecemos essa parte dele. Eu me sinto muito sortudo por isso.

— Meu Deus. — Alice passou as palmas das mãos pelas laterais do rosto. — Que tirano.

— Mas era o *nosso* tirano.

— É.

— Quer dizer, nós estamos no Inferno por causa dele.

— *Por* ele.

— Isso.

Os dois se entreolharam com o afeto fraterno de soldados que haviam percorrido uma longa jornada, unidos pelo amor por um mesmo general. Alice se perguntou se os atenienses teriam se sentido assim quando voltaram para casa depois do saque de Troia, tendo deixado esposa e filhos para trás por uma década, tudo por Agamenon. Não sabiam dizer se a batalha tinha valido a pena, nem mesmo para que tudo aquilo havia servido. Mas com certeza as provações, as experiências intensas que ninguém mais no mundo poderia entender, tinham

que contar para alguma coisa. Havia certa virtude naquela capacidade de suportar condições extremas. Uma prova de caráter. Algo assim.

E talvez os dois *fossem* mesmo os soldados rasos de Grimes, soldados de infantaria de uma ordem em extinção. O professor certamente fazia com que se sentissem assim. Gostava de dizer que a magia estava caindo em desuso, um dos sinais de uma civilização decadente. Fazia esse discurso com tanta frequência que ambos já o sabiam de cor. Os homens costumavam ser gigantes, mas, a cada geração, o declínio aumentava. Aristóteles inventou a lógica; Euclides, a geometria; Kant, a razão sistemática. Os avanços do pensamento depois deles foram pífios. Ninguém inventava mais sistemas inteiros; restava-lhes remexer no que viera antes, se é que conseguiam entender os antigos o suficiente para tanto. A geração deles era a mais deplorável e estúpida de todas. Pelo menos a de Grimes era de magos de guerra; tinham impulsionado o campo a dar vários saltos com suas aplicações práticas. Mas os colegas de Alice e Peter ficavam perdendo tempo com detalhes filosóficos. Produziam engenhocas chamativas para empresas de brinquedos. Os melhores entre eles procuravam residências em Las Vegas; os piores se tornavam consultores. Não havia dúvida de que a magia estava em declínio. E isso era apenas um sintoma de um mundo em que as crianças não liam, mas ficavam sentadas babando diante de uma tela, em que artistas espalhavam tinta ao acaso e se consideravam à altura de Michelangelo. O mundo deles não era um mundo de homens eruditos, não havia espaço para investigações aprofundadas. As pessoas de sua faixa etária só queriam tabloides, fofocas, entretenimento. O colapso civilizacional, o apocalipse iminente — tinham se esquecido da grandeza de seus antepassados, ficavam presos em debates sem sentido e sem importância. Não conseguiam escapar, ninguém mais sabia pensar.

A essa altura do discurso, Grimes estava sempre bêbado de vinho, e mais eloquente por causa disso; e os dois o escutavam absortos, culpados das acusações, desesperados para provar que o professor estava errado. Como poderiam se tornar gigantes? Seria necessário genialidade, dizia ele. Um esforço imenso, uma dedicação monástica para se elevarem acima dos detritos de seu mundo desalinhado e enxergar com clareza acima das nuvens. Será que seriam capazes disso? Será que poderiam restaurar o valor dos antigos, será que poderiam manter a fé?

Tinham prometido a ele que sim.

A questão era que o professor Grimes não tinha atormentado qualquer um. Tinha atormentado *os dois*. Porque eram fortes o suficiente para aguentar. Porque mantinham a fé. Porque eram especiais, valiam o esforço, e porque o que quer que se tornassem quando o professor tivesse terminado o trabalho com eles

seria magnífico.

De maneira perversa, o fato de Grimes ter sido tão maluco com Peter quanto com ela confortava Alice. Fazia com que se sentisse menos… errada. Pelo menos, era prova de que não havia sido a única pessoa com quem o professor tinha feito aquelas coisas. E não havia sido a única que achara que valia a pena dizer sim.

Na verdade, esse era o desafio de tentar prever para qual tribunal do Inferno Grimes tinha sido mandado. Apesar de todos os seus crimes, havia uma parte de Alice que estava profundamente convencida de que o homem nunca fizera nada de errado. Apenas o que era bom para ela, o que qualquer aluno precisava de um professor.

— Você deveria dormir um pouco. — Peter tirou um calhamaço da mochila e se acomodou até apoiar as costas. Dobrou os joelhos e apoiou os cotovelos sobre eles. — Eu fico de guarda.

— Tem certeza?

— Ah, sim. Eu trouxe Tolkien pra me fazer companhia.

— Me dá duas horas, então. Me acorda pra podermos trocar.

Alice puxou o cobertor sobre os ombros e se acomodou. Sentia-se muito leve e vazia, não apenas por causa da exaustão, mas também pelo alívio. Era como se um grande peso tivesse sido tirado de suas costas. Como se não precisasse mais se esconder.

Obrigada, teve vontade de dizer a Peter. *Por me ouvir*. Mas suas pálpebras pesaram, e mal conseguiu pensar nessas palavras antes de mergulhar na escuridão.

* * *

— Nada de novo no front. — Peter a sacudiu para acordá-la. — Se importa de trocarmos de turno?

— Vai em frente — respondeu Alice com um bocejo e um sorriso, enquanto ele puxava o máximo que podia do cobertor sobre si.

— Ou eu cubro os pés, ou eu cubro o peito — disse Peter. — Tenho que escolher. O que você acha?

— Melhor proteger os pés. Nunca se sabe o que pode aparecer e mordiscar seus dedos.

— Você não me defenderia?

— Suas pernas são muito compridas. — Ela sorriu de novo. — Eu nem perceberia se algo se aproximasse.

Alice pegou o próprio livro — por fim havia chegado a vez de Proust —, e

Peter se virou de lado. Momentos depois, sua respiração se tornou mais profunda, a boca relaxou e ele se encolheu de uma forma que Alice não pôde deixar de achar adorável. Peter era todo anguloso. Membros longos e desajeitados, entrelaçados de um jeito quase absurdo e desproporcional.

Ele ficava tão engraçado quando dormia: sobrancelhas franzidas, boca curvada para baixo, como se estivesse se agarrando ao sono com uma concentração ressentida. Os cílios eram muito compridos, o que sempre a maravilhara. Nunca tinha visto cílios assim em um homem. Sentia vontade de passar os nós dos dedos pelas pontas, só para sentir o toque. Imaginava que eram tão suaves quanto asas de borboleta.

O que se passava na cabeça dele? Alice sentiu uma pontada no peito, a dor de um problema antigo e tentador ainda não resolvido. Nunca tinha conseguido decifrá-lo. Sabia muito bem que era tolice pensar que os dois haviam feito algum grande avanço naquela noite e que passaram a ser melhores amigos. Peter tinha um talento para fazer qualquer um se sentir assim, como se ele fosse a única pessoa no mundo que realmente lhe compreendia, e você a ele. Como se os dois existissem em um universo próprio. Então, na manhã seguinte, ele agia como um completo estranho. Como se vocês nunca tivessem conversado. Alice já havia passado por essa montanha-russa muitas vezes. E já estava vacinada.

Ainda assim, se sentia muito próxima dele naquele momento, se não pelos segredos que haviam compartilhado, ao menos pelo simples fato de que não falava assim com Peter, de forma honesta e aberta, fazia muito tempo.

Um rubor quente subiu às suas bochechas. Com certeza era efeito do Inferno, das dunas intermináveis, dos terrores e de todas as privações que o lugar impunha, além do fato de que Peter Murdoch era o único ser em todo aquele reino que não era incorpóreo feito um sopro. Mesmo sabendo disso, ela não conseguia se livrar da vontade absurda de se inclinar e pousar a mão sobre o rosto dele.

Isso a deixou horrorizada. Alice piscou e olhou em volta, procurando literalmente qualquer outra coisa para fazer. Qualquer coisa para admirar que não fosse o rosto de Peter, seu corpo esparramado e ridículo. Ele tinha o hábito de colocar um braço acima da cabeça enquanto dormia, como Cristo em uma pintura, de queixo erguido, aguardando a salvação. Senhor. Que acidente da natureza. Era surpreendente que os seres humanos tivessem evoluído ao longo de milênios apenas para acabarem como Peter Murdoch.

Um maço de anotações despontava da mochila dele. Alice deu uma olhada na parte de cima e bufou. Era típico de Peter manter anotações em um monte de papéis soltos, desorganizados e sem encadernação.

Curiosa, Alice puxou os papéis. Sempre tinha gostado de ler o trabalho de

Peter. Era divertido ver onde as ideias dele coincidiam ou divergiam das dela.

As duas primeiras páginas eram esboços de pentagramas: quatro maneiras fracassadas de chegar ao Inferno e uma bem-sucedida. Reconheceu aqueles teoremas; havia passado semanas tentando decifrá-los sozinha. Sentiu o entusiasmo de algo familiar enquanto seguia o raciocínio dele, enquanto vislumbrava em que estágio e como o rapaz havia resolvido os mesmos enigmas que ela. Claro que o processo de Peter era brilhante. Várias de suas soluções eram muito mais elegantes do que as dela e, em determinado momento, ele havia contornado uma fórmula complicada com que Alice tivera dificuldade, aparentemente intuindo a solução. No fim das contas, Peter havia se decidido pelo mesmo método que ela: a Soma de Ramanujan, com as Modificações de Setiya. Não era de admirar que tivesse percebido de imediato o que ela estava fazendo. Todo o trabalho deles era igual.

As últimas páginas eram pura lógica. Quase passou direto por elas sem dar muita atenção — detestava lógica e só tinha algum domínio porque Fundamentos de Lógica era uma matéria obrigatória da graduação —, mas algo na última página a fez se deter.

Peter havia circulado e sublinhado as últimas fórmulas várias vezes. Era tão diferente do resto de sua caligrafia — apressada, rabiscada, a maior parte pouco legível — que aquelas conclusões deviam ser de grande importância.

Alice voltou à página anterior e releu as derivações, dessa vez tomando o cuidado de decifrar tudo da melhor forma possível. O esforço fez sua cabeça doer — havia estudado lógica antes da tatuagem e mal se lembrava do que metade dos símbolos representava —, mas por fim os garranchos se consolidaram em uma forma específica.

Era um feitiço de troca orgânica.

As mãos dela ficaram pegajosas com um suor frio e repentino. Alice as secou às pressas na camisa, olhando para trás, para Peter. Ele não tinha se mexido, o que a surpreendeu, pois seu coração parecia bater tão alto que era ensurdecedor.

Quando ele tinha chegado àquele resultado?

Já tinha visto aquelas demonstrações antes. Ela mesma havia procurado equações para a troca orgânica nos cantos mais obscuros da biblioteca, dos escritos alquímicos de Samarcanda até os cadernos perdidos de Wittgenstein (que, como se descobriu, não estavam de fato perdidos, apenas escondidos em uma sala especial na biblioteca da faculdade, trancada o tempo todo). Alice havia desistido da troca depois de uma semana de buscas, porque parecia claramente um beco sem saída, e todas as referências acabavam sendo dadas como perdidas, destruídas ou extraviadas. Deveria ter percebido que outra

pessoa havia chegado a elas antes.

Ali, bem diante de seus olhos, estava a peça final do quebra-cabeça que nunca tinha conseguido resolver.

O nome do professor Grimes à esquerda. E na parte inferior da página, sob o lado direito da equação, aquilo que primeiro havia chamado sua atenção: o nome dela, escrito em letras claras e firmes. Depois, sublinhado duas vezes. Por fim, pontuado com três pontos de interrogação.



Aquela era, sem dúvida, a caligrafia de Peter. Já o tinha visto escrever seu nome muitas vezes. Em etiquetas. Em pilhas de trabalhos para ela corrigir. No canto da lousa, em pequenas piadas destinadas a ela. *Querida Alice*. *Haha*. Sempre as mesmas letras aracnídeas, sempre em maiúsculas; sempre o *c* unido ao *e*.

Não era possível realizar trocas orgânicas em si mesmo. Esse era um axioma inviolável da magia. O pentagrama exigia a consciência contínua de seu usuário para ter efeito. Era preciso uma mente humana presente, disposta a acreditar na contradição lógica. Nenhum pentagrama que destruísse deliberadamente o mago surtiria efeito. Só era possível se despedaçar por acidente.

Não era possível usar a magia para se matar. Alice sabia que isso era verdade. Havia investigado o assunto, por assim dizer. Era possível usar pentagramas para eviscerar uma alma, mas era preciso fazê-lo em outra pessoa.

E se a Alice.

Ela cobriu a boca com a mão para que Peter não ouvisse seu gemido de pânico.

Só havia uma interpretação possível para o que estava vendo.

Peter pretendia trocar a alma dela pela do professor Grimes.

Peter ia prendê-la ali no Inferno.



Capítulo Onze

Dois princípios fundamentam toda a lógica clássica: são eles o Princípio da Não Contradição e o Princípio do Terceiro Excluído. O primeiro postula, de forma bastante simples, que duas proposições contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Não é possível ter P e não P simultaneamente. Não pode ser verdade que está nevando e que não está nevando. Não pode ser verdade que Alice e Peter são amigos e que não são amigos. O gato de Schrödinger está morto ou não está.

O segundo sustenta que ou uma proposição é verdadeira, ou é falsa. Não existe um meio-termo. Como afirmou Aristóteles, as frases podem ser ambíguas em seu significado, mas não em sua veracidade. Portanto, ou a afirmação de que Alice e Peter são amigos é verdadeira, ou é falsa. Essa afirmação não pode ser uma terceira coisa misteriosa.

Muitos problemas ameaçam romper a lógica clássica. O Paradoxo de Sorites e o Paradoxo do Mentiroso, por exemplo, são enigmas complexos que forçam a disciplina a reexaminar o que ela entende por verdade. A lógica clássica também ainda não encontrou uma resposta para o Paradoxo de Russell, que é complicado demais para ser explicado aqui, mas envolve uma contradição na teoria dos conjuntos. E a disciplina falha sobretudo como uma linguagem aplicada às relações humanas, que são confusas e incompreensíveis e, muitas vezes, situadas naquele terceiro excluído, naquele espaço onde ninguém está certo e ninguém está errado, e as coisas não são nem verdadeiras nem falsas. A conclusão disso tudo é que a lógica clássica não sabe o que fazer com a afirmação:

S: Peter e Alice são amigos.

* * *

Alice sempre se lembraria do momento em que pôs os olhos em Peter Murdoch pela primeira vez. No trimestre de aulas do outono, dois anos antes. Cambridge estava deslumbrante sob o sol dourado da estação. O vento era agradavelmente fresco, as folhas adquirindo um leve tom avermelhado, de um jeito que sempre entusiasmava Alice, pois o fim do verão significava o início de um novo período letivo: novas aulas, novos professores e novos colegas. Uma chance de se reinventar e de se tornar a pessoa que queria ser.

Seis alunos haviam sido admitidos em sua turma, mas naquela tarde apenas cinco estavam presentes no chá no pátio dos fundos do departamento, segurando xícaras e pires junto ao peito enquanto faziam apresentações cautelosas. Havia Belinda Wilcox, uma rosa inglesa delicada cujo cabelo ruivo-dourado e nariz arrebitado lhe provocavam uma inveja irremediável; um francês e um italiano cujos nomes não conseguiu distinguir em meio à falação; e Calvin Bailey, um colega americano vindo de Michigan, que compartilhava da mesma falta de aptidão de Alice para lidar com todas as colherzinhas, pires e pegadores necessários para preparar uma xícara de chá.

A conversa era educada e sem importância. Alice estava tão concentrada em evitar que as mãos tremessem que mal conseguia falar. Sentia-se muito deslocada. As faculdades americanas eram excelentes, mas não tinham *história*, não tinham *tradição*, e seu orientador em Cornell havia literalmente marcado um jantar formal para ensiná-la a usar os talheres antes de ela ir para Londres — a elegância e a sofisticação naturais de seus novos colegas de turma faziam com que se sentisse duplamente inadequada. Até mesmo os europeus pareciam mais fluentes em inglês britânico do que ela, que mal conseguia acompanhar o que diziam. Não sabia o que era um *tripos*; ainda falava *math* no singular; não entendia o que queriam dizer com *Mill* ou *Peterhouse*.* Naquela manhã, havia colocado seu melhor vestido de verão, amarelo com babados e uma gola de renda que costumava fazê-la se sentir bem-vestida, mas naquele momento, entre os colegas refinados e com roupas sóbrias, ela se sentia um narciso barato e espalhafatoso.

Tentou conter a ansiedade e se concentrar em Belinda, embora, de perto, a mulher fosse tão deslumbrante que era difícil dizer qualquer coisa. O sol incidia sobre seus cílios de uma maneira absolutamente injusta, pois como poderiam ser tão escuros e brilhantes ao mesmo tempo? Belinda estava contando uma história sobre uma estudante de graduação chinesa que havia orientado durante o verão.

— O inglês dela era ótimo, e ela era muito doce e educada e tudo o mais, mas, *meu Deus*, ela nunca conversava. Era sempre “Sim, Belinda”, ou “Estou ótima, Belinda”, em um tom de voz meloso, e eu comecei a ficar muito irritada por isso, quer dizer, com o fato de ela ser tão desinteressante, porque ser chata é uma característica que considero *imperdoável*. E então, no meio do verão, ela revelou que o pai era um dos homens mais ricos de Taiwan, um daqueles milionários do setor imobiliário, e que o sujeito não aprovava mulheres na área das ciências, então ela disse a ele que estava estudando história da arte, mas estava aprendendo magia às escondidas! Dá pra acreditar?

Alguma coisa nessa história fez Alice antipatizar com Belinda, mas não conseguiu elaborar exatamente o motivo, ainda mais porque o desfecho sugeria que a mulher *não* era racista, e todos os outros estavam rindo muito. De qualquer forma, Belinda tinha atraído toda a atenção para si. Não havia outra conversa para a qual fugir.

— Você também fez a graduação aqui? — conseguiu perguntar Alice.

— Ah, não, eu estudei em Oxford. — Belinda estreitou os olhos. — E você veio… de algum lugar nos Estados Unidos?

— Da faculdade de hotelaria — brincou Alice, mas em seguida se arrependeu. Ninguém ali entendeu a referência. Na verdade, ninguém nos Estados Unidos entendia a referência também. — Quer dizer, hã, Cornell.

— Ouvi coisas ótimas sobre esse programa! Você trabalhou com o Zohar?

— Não, ele se aposentou há alguns anos. A esposa teve um AVC e o Zohar passou a ficar em casa pra cuidar dela.

— Que coisa horrível. Bem que eu me perguntei por que o homem tinha desistido daquela publicação que estava organizando. Como ela está?

— Muito melhor agora, pelo que fiquei sabendo. Os dois adotaram um cachorro, o que ajuda… hã, com a depressão.

— Ah, que bom. Meu orientador teve câncer um tempo atrás, e eles adotaram um gato. Parece que a companhia de um animal de estimação *realmente* ajuda.

Belinda e ela continuaram conversando por algum tempo. Alice achou que estava se saindo muito bem. Reconheceu todos os nomes citados pela mulher, mencionou as conexões certas para que fosse levada a sério e não se atrapalhou com o chá nem com o biscoito. Mas os olhos de Belinda não paravam de se voltar para um ponto acima do ombro de Alice, como se estivesse procurando alguém que a resgatasse daquela interação. Na terceira vez em que ela fez isso, Alice murchou.

— Desculpa — disse Belinda. — Não quero ser grosseira, só estou me perguntando onde o Peter se meteu.

— Quem é Peter?

— Ele é o sexto integrante — explicou. — Do nosso grupo. Nós fizemos a graduação juntos.

— Está falando de Peter Murdoch? — interveio o francês. Felix? Philip? — O prodígio de Oxford?

— Ouvi dizer que foi o único orientando que Jacob Grimes aceitou nos últimos anos — comentou o italiano, cujo nome Alice achava que era Paolo ou Lorenzo.

— Isso mesmo — confirmou Belinda, orgulhosa.

— Eu vou trabalhar com Jacob Grimes — declarou Alice, mas ninguém a ouviu.

A conversa tinha passado para a reputação do professor, a de Peter e como Peter supostamente tinha impressionado Grimes ao inventar um novo pentagrama, uma variação do Paradoxo do Mentiroso, durante a entrevista de admissão à universidade. Sabiam que Peter Murdoch era a pessoa mais jovem a publicar na *Arcana*? Sabiam que Harvard tinha escrito para ele com uma oferta de emprego depois da publicação de seu artigo no periódico, e que Peter havia respondido educadamente dizendo que precisava terminar os estudos primeiro?

— Os pais dele são acadêmicos? — perguntou o francês. — Devem ser.

— Acho que a mãe trabalha na área da biologia — opinou o italiano. — E o pai… matemática, não é isso?

— Eu queria ter pais acadêmicos — comentou o francês.

— É uma enorme vantagem — concordou o italiano. — Ele é um mago feito em laboratório.

— *Aí* está você — gritou Belinda em direção ao portão do jardim, onde estava um jovem esguio que ou havia esquecido as vestes escuras tradicionais, ou decidido não usá-las. — Atrasado como sempre. Peter Murdoch, pessoal.

O famoso Peter Murdoch tinha braços e pernas compridos demais e um ninho selvagem de cabelo castanho-claro sob o qual se equilibravam enormes óculos de aro metálico. As lentes eram muito grossas, o que fazia com que os olhos castanhos parecessem imensos, quase como os de uma coruja, em contraste com o rosto. Quando sorria, o rosto inteiro parecia se abrir, revelando dentes ligeiramente desalinhados. Parecia alguém que usava aparelho. O conjunto não era desagradável. Definitivamente não era um deus grego, mas ainda assim Alice não conseguia parar de olhar para ele. Ela o observava de cima a baixo, tentando determinar se era uma pessoa real.

Todos se apresentaram. Peter era um interlocutor alegre e receptivo. Ao vê-lo acenar com a cabeça e sorrir, você tinha a sensação de que tudo no mundo era interessante para ele. Quis saber o que cada um estava pesquisando e, em seguida, fez perguntas sobre métodos específicos, mas como todos queriam

impressioná-lo e como o italiano (cujo nome Alice enfim descobriu ser Michele) não parava de falar sobre seu trabalho em teoria da escolha racional, demorou uma eternidade até que os olhos de Peter finalmente pousassem nela.

— Oi — cumprimentou Alice. — Somos colegas de orientador.

— Ah, é? — Peter apertou sua mão com entusiasmo. — Não sabia que o Grimes tinha aceitado mais um orientando.

Ela escolheu não interpretar isso como uma ofensa.

— Pois é, sou eu.

— Imagino que vamos trabalhar muito juntos. Eu estudo lógica, a propósito.

— E eu, linguística e jogos de palavras. E, hã, um pouco de pesquisa em arquivo.

— Uma artífice das palavras!

As bochechas de Alice ficaram muito quentes; ela se perguntou se alguém estaria reparando.

— Bem, você sabe, americanos só são bons em coisas estranhas e experimentais.

— Eu adoro isso — comentou Peter. — Adoro americanos. Tão pouco convencionais.

Encorajada, ela se arriscou:

— Então, quer tomar um drinque um dia desses? Pra falarmos sobre nossos projetos?

— Claro! Amanhã, no Pick? Eu tenho uma reunião antes… Então, às cinco?

Alice fez uma anotação mental para descobrir o que era o Pick e onde ficava.

— Combinado.

— Você está sendo muito grosseiro! — Belinda se materializou ao lado dos dois e segurou o braço de Peter. — Vem cá, o Jean também é lógico, ele estava ansioso pra te conhecer.

A mulher o arrastou para longe. Peter olhou por cima do ombro e sorriu para Alice. Lá estava, de novo, aquela batida perturbadora de seu coração. Uma colher tilintou contra um copo e alguém anunciou que era hora dos drinques com o corpo docente, do lado de dentro. Alice fechou os olhos e balançou a cabeça para clarear os pensamentos, seguindo os outros até o interior do prédio.

* * *

Como acabou descobrindo, o Pick era o Pickerel Inn, que ficava logo depois da ponte da Magdalene College. No dia seguinte, Alice chegou às cinco em ponto. Não viu Peter, então se sentou em uma mesa perto da frente, onde ele não poderia deixar de vê-la. Estava um tanto insegura; olhava sem parar para seu

reflexo no espelho acima do bar, ajeitando o cabelo atrás das orelhas e verificando se havia manchas de batom nos dentes. Quase nunca usava batom, e agora se arrependia disso, mas removê-lo só pioraria a situação. Não sabia por que estava tão nervosa. Já tinha tomado drinques com vários colegas antes. Talvez se sentisse daquela forma porque ela e Peter trabalhariam juntos nos próximos seis anos e queria muito começar com o pé direito. Talvez fosse porque não tinha parado de pensar no sorriso torto dele a noite toda. (O problema da aparência de Peter era um grande enigma para ela. Nada era simétrico nem classicamente bonito, então por que seu rosto era tão *fascinante*? Seria preciso investigar mais.)

Cinco minutos se passaram, depois dez. Ela espiou pela janela, primeiro otimista, achando que cada nova figura na ponte assumiria a figura esguia de Peter; depois, com uma esperança minguante e envergonhada. Pediu uma caneca de cerveja *pale ale* de Cambridge só para ter o que fazer e bebeu a maior parte rápido demais quando começou a se sentir constrangida por estar ocupando uma mesa sozinha. Ao longo da hora seguinte, seu nervosismo foi de um leve zumbido para um frenesi absoluto até, por fim, acabar com sua mente. Peter não apareceu.

* * *

Alice aprendeu, naquele primeiro período letivo, que Peter Murdoch quase nunca aparecia onde ou quando deveria aparecer. Chegava atrasado a quase todas as aulas e faltava a treinamentos obrigatórios, raramente estava no laboratório quando o professor Grimes esperava que os dois estivessem. Não havia um padrão ou uma explicação para esse comportamento. Ele a ignorava por semanas e, de repente, aparecia com uma proposta de pesquisa elaborada com perfeição. Fazia planos entusiasmados para o jantar durante o chá da tarde e, horas depois, simplesmente não comparecia.

Naquela primeira tarde, ela esperou das cinco às sete. Chegou a pedir peixe com batata frita para jantar, por pura culpa de estar ocupando o lugar — antes de finalmente se levantar. Um grupo ruidoso de estudantes de graduação entrou e ocupou a mesa em frente à dela, e Alice não conseguiu nem mesmo aproveitar a refeição com medo do que deviam estar pensando dela: quem seria aquela pós-graduanda que tinha levado um bolo e agora estava jantando sozinha com cara de poucos amigos? Um temporal desabou assim que ela saiu. Não havia pensado em levar um guarda-chuva, pois ainda não estava acostumada com aquela terra de aguaceiros repentinos, então voltou para casa encharcada e tremendo de frio.

Nunca mais cometeu o mesmo erro. Dali em diante, quando Peter se atrasava

dois minutos que fossem, considerava isso uma confirmação de que ele não ia aparecer. E, em geral, estava certa.

Durante aquele primeiro ano, Alice explorou todas as teorias possíveis. Peter tinha algum tipo de problema de perda de memória recente — mas, então, por que os lapsos nunca se estendiam a seu desempenho acadêmico? Peter levava uma vida dupla como agente do governo e não conseguia manter o controle sobre as próprias mentiras —, mas que vida seria essa, e que espião escolheria se passar justamente por um estudante de pós-graduação? Peter tinha algum tipo de problema de dependência. Essa hipótese era popular entre o restante do grupo — sobretudo Belinda, que começou a se preocupar com a possibilidade de Peter estar usando heroína —, mas as evidências simplesmente não existiam. Não havia marcas de agulha, sangramentos nasais, hábitos bizarros ou mau hálito. Ele estava muito magro, mas, na verdade, sempre tinha sido assim. E quando aparecia, Peter aparentava estar sempre bem-disposto, concentrado e alerta. E era sempre muito gentil.

O mais provável era que fosse apenas brilhante, arrogante e distraído, tudo ao mesmo tempo, uma combinação de características que somente homens talentosos como ele podiam se dar ao luxo de ostentar, pois o mundo os perdoava por inúmeras transgressões, contanto que eles fossem fascinantes. Era provável que, para Peter, marcar um encontro fosse o mesmo que jogar conversa fora: servia para suavizar as interações, mas não significava compromisso. Não era culpa dele. Não os ignorava de propósito. Não se pode culpar um tufão por sua destruição acidental nem o sol por fazer as estrelas desaparecerem. Ele simplesmente não notava as consequências das próprias ações. Nenhum deles valia sua atenção, e esse fato doía mais do que qualquer outra coisa.

— O Peter é o cara mais legal do mundo — comentou Belinda certa vez —, mas sempre mantém os outros a uma distância segura.

Ainda assim, Alice era profissional. Não deixava o ressentimento transparecer. Afinal, por que se ressentiria dele? Não podia ficar chateada só porque alguém não tinha muita consideração por ela.

Ao longo de dois anos, a relação de trabalho deles alcançou um equilíbrio confortável e amistoso. Quando estava presente, Peter era ao mesmo tempo prestativo e engraçado. Tornava a vida dela no laboratório muito mais fácil. Fazia todo o trabalho braçal sem que precisasse pedir, mantinha a bancada limpa e etiquetava tudo com uma clareza impecável. E nunca falava mal dos outros estudantes de pós-graduação pelas costas, como muitos no departamento faziam, talvez porque estivesse muito seguro a respeito de sua posição no topo. Às vezes, Alice realmente gostava da companhia dele — durante as madrugadas no laboratório, quando eram as duas únicas pessoas presentes, quando parecia que o

mundo inteiro estava dormindo, exceto eles.

Mas isso era o mais intrigante de tudo. Alice tinha essas lembranças. Eram de antes da tatuagem e, portanto, não podia examiná-las em detalhes, mas sabia que *existiam*. Sua cabeça descansando no ombro dele, o casaco dele jogado sobre ela. Peter sapateando pelo chão do laboratório, cantando em voz alta uma música que ela tinha começado a cantarolar baixinho. Jogando giz pela sala quando um dos dois ficava sem, estendendo a mão, errando o alvo, o giz quebrado se espalhando pelo chão. E as risadas exaustas e desvairadas de ambos, nas horas mais tardias, quando tudo parecia engraçado, o tipo de riso histérico que fazia as costelas doerem e deixava você sem fôlego.

Tudo isso havia acontecido. Ela não tinha inventado. Estava lá, sabia como era a sensação de fazê-lo rir.

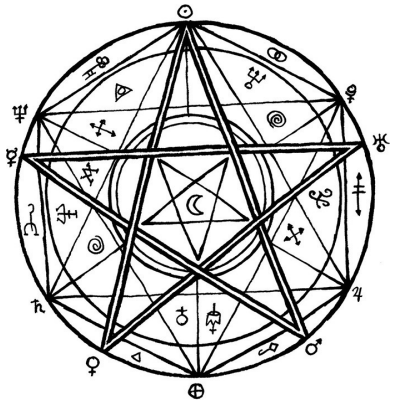
Portanto, talvez pudesse ser perdoada por, vez ou outra, ter se iludido, pensando que *havia* conquistado um espaço no mundo interior de Peter. Que poderia enfim atravessar sua carapaça e desvendar o que quer que ele mantivesse escondido dos outros.

Essa sempre tinha sido a tentação com Peter. Ele conseguia fazê-la se sentir muito importante. A proximidade dele a embriagava com seu brilho. A força avassaladora de sua atenção era como uma droga. Ele ria de uma piada que Alice fazia, ou seguia com perguntas sobre seu trabalho, e ela pensava: *Consegui atrair o menino selvagem*. Mas ele sempre se distanciava e a deixava se perguntando o que havia feito de errado. Será que o havia ofendido? Dito algo errado? Ou será que apenas não tinha sido suficiente: inteligente ou perspicaz o bastante? Será que ele simplesmente tinha se cansado, se levantado e ido embora?

Alice costumava se torturar com essas perguntas, examinando a própria memória ainda imperfeita para tentar descobrir como o havia afastado e o que seria necessário para trazê-lo de volta. Mas não havia respostas. Não era culpa dela. Peter era uma criatura selvagem e não deixava que ninguém se aproximasse. Entre ele e todas as demais pessoas, havia um abismo. Os outros eram tão lentos, mundanos, prosaicos, e Peter estava sempre escapando para mundos onde ninguém poderia segui-lo.

Então, Alice parou de se perguntar. Doía demais. Não havia respostas, havia apenas o abismo. A única coisa que sabia era isto: podia coexistir com Peter Murdoch. Podia até, quando baixava a guarda, quando estava sofrendo de privação de sono ou desesperada o suficiente, sentir um enorme carinho e, infelizmente, uma forte atração por Peter Murdoch. Mas seria uma idiota se achasse que o conhecia.

* Em Cambridge, *tripos* é o exame universitário para o grau de bacharel com distinção, ou a lista dos candidatos que realizaram esse exame. No inglês britânico, *mathematics* é um substantivo contável (há diferentes tipos de matemática, como álgebra, geometria e cálculo); no inglês americano, *mathematics* é um substantivo incontável, daí as respectivas preferências por *maths* ou *math.* Mill Lane é uma rua que abriga alguns edifícios acadêmicos históricos em Cambridge. Fundada em 1284, a Peterhouse é a faculdade mais antiga de Cambridge. (N. da T.)



Capítulo Doze

Alice sonhou.

Isso era horrível, porque, no último ano, sonhar tinha se tornado uma ameaça à coerência de sua subjetividade. Os sonhos eram passeios de tapete voador por lembranças com vagas conexões entre si, e Alice simplesmente tinha lembranças demais; as rotas se multiplicavam ao infinito, puro desejo e nenhuma repressão. Em uma fração de segundo, sua mente podia ir de memórias inocentes da infância a serpentes de três cabeças se contorcendo sobre criptas e coros angelicais com rostos derretendo. Freud argumentava que os sonhos eram a linguagem do inconsciente, e os de Alice eram escritos em letras miúdas. Ela não flutuava, alheia, em meio a imagens indistintas; via e sentia tudo, em pormenores dolorosamente minuciosos, mesmo quando esses fragmentos se juntavam e se sobrepunham em combinações terríveis. Não só se recordava de cada sonho com detalhes precisos como também de todos os seus devaneios e fantasias. Assim, as visões se acumulavam e novos sonhos se construíam sobre fantasias alucinadas anteriores, e cada vez que ela entrava em um sonho, o pandemônio tinha se expandido, os demônios tinham copulado e se proliferado, e cada vez que Alice despertava, era mais difícil reconstituir o real.

Naquela noite no Inferno, imaginou que o professor Grimes, com cara de cavalo, a raptava e levava por uma série de túneis subterrâneos que, segundo ele, levariam aos arquivos perdidos da Biblioteca de Alexandria. Alice se imaginou rastejando de quatro, recolhendo uma substância branco-prateada que poderia ser giz líquido. Imaginou-se empunhando uma tesoura e golpeando ferozmente o pescoço de um cavalo até o sangue preto cobrir seu rosto, e em seguida

lambendo o sangue como se fosse alcaçuz.

Acordou com Peter cutucando seu ombro e se sobressaltou.

— Merda, desculpa. — Ela deveria estar montando guarda. — Não sei como… Eu devo ter…

— Tudo bem — sussurrou ele. — Eu acordei cedo. É melhor nós irmos. O gato voltou, aliás.

— Hum?

Alice olhou em volta, piscando, como a vista embaçada. Arquimedes estava sentado perto da fogueira, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, aconchegado junto a Peter como se nunca tivesse abandonado os dois à própria sorte diante da morte provável.

— Seu Judas — resmungou ela. — Imagino que tenha vindo atrás do café da manhã.

Arquimedes miou e lambeu as migalhas dos bigodes.

Peter já havia esquentado alguns pães Lembas no fogo e até aquecido água em duas canecas de metal retráteis para o chá. Alice se sentou e aceitou o Darjeeling.

— Não sabia que você tinha trazido chá.

— Só uns saquinhos — explicou ele. — Afinal, não pesam tanto. Eu ia deixar pra segunda semana, mas achei que merecíamos um agrado.

— Obrigada. — Alice soprou a bebida. — Darjeeling é o meu favorito.

— Eu sei. Você está sempre brigando com as pessoas pra não mexerem nos seus saquinhos.

— Bem, se não está marcado de maneira clara como chá *do departamento*, então não é propriedade coletiva.

— Claro, isso é totalmente razoável. Só pra constar, sempre achei que era o Michele que roubava. Tinha muitos saquinhos da Fortnum na lixeira do escritório dele.

Alice não conseguiu conter o riso, mas então sua mente se recuperou e se lembrou do que tinha visto e do que agora sabia sobre Peter. Um gosto amargo invadiu sua boca. Ela baixou o olhar.

— Está tudo bem?

— Está, sim — respondeu Alice, apressando-se em mudar as feições para uma expressão de calma neutra. — Só estou cansada.

Ela continuou a lançar olhares furtivos para Peter enquanto comiam. Observando seu sorriso, procurando as fissuras.

Parte dela desejava nunca ter visto suas anotações, porque agora toda interação significava questionar a fachada dele. Será que o jeito afável era apenas uma dissimulação? Um efeito calculado de bobo da corte para enganar

todos ao redor e fazê-los baixar a guarda? Será que, no fundo, ele era tão competitivo e inseguro quanto os outros? Ou pior: será que Peter era o tipo mais perigoso de rival, o sociopata encantador que não levantava nenhuma suspeita até cravar um punhal nas suas costas?

Mas como alguém conseguiria manter uma encenação durante anos sem cometer nenhum deslize? Peter era avoado, era verdade, mas Alice nunca tinha ouvido nenhum boato sobre ele agindo de forma maldosa com ninguém. Na realidade, Peter era conhecido por ser excessivamente gentil. Todo mundo o adorava, apesar de terem todos os motivos para odiá-lo. Abençoado seja o Murdoch, diziam. Mais irritante impossível, mas tem bom coração.

Será que era tudo uma grande performance? Será que Peter vinha enganando todo mundo desde o dia em que se conheceram?

Alice tinha passado horas naquela noite olhando para o crânio adormecido dele, tentando imaginar que pensamentos cruzariam aquela mente. Quem ele *era*? Por mais ambiciosa que fosse, não conseguia se imaginar levando um amigo, ou mesmo um colega, para as profundezas do Inferno feito um cordeiro para o abate. Não conseguia compreender as intenções de Peter, e isso a alarmava mais do que qualquer outra coisa: a possibilidade de que, mesmo depois de anos tentando, não fizesse a menor ideia de quem Peter Murdoch de fato era.

Sentia-se uma idiota por ter compartilhado tudo aquilo na noite anterior. Encolheu-se ao lembrar como ele havia concordado com a cabeça, murmurando em apoio, com a mão no ombro dela. E, durante todo esse tempo, devia estar rindo por dentro. *Pobre Alice, coitadinha da Alice, que idiota.*

Não tinha sido por acaso que a havia encontrado no laboratório. Alice se dava conta disso naquele instante: Peter devia saber que ela iria. *Precisava* que ela fosse, precisava de sua alma intacta para a troca.

Há quanto tempo estaria esperando por aquela chance?

Ah, meu Deus. Agora estava presa no Inferno com ele.

— Você está bem? — perguntou Peter.

Alice piscou, confusa.

— Como assim?

Ele acenou com a cabeça para o cotovelo dela.

— Parece que o inchaço diminuiu um pouco.

Alice olhou para o braço.

— É. Acho que sim.

— Consegue continuar?

Ela fez um rápido inventário do próprio corpo. Os membros doíam e os cortes ainda ardiam, mas era tudo superficial. A única coisa que a afligia de

verdade era a ansiedade que corroía seu estômago, mas não tinha escolha a não ser suportar aquilo.

— Acho que sim.

— Então vamos.

Peter sorriu, se levantou e lhe estendeu a mão. Arquimedes estava mais à frente, abanando o rabo com impaciência.

— É, vamos.

Finja, disse a si mesma ao segurar a mão dele. *Finja como se a sua vida dependesse disso.*

* * *

À medida que o Tribunal do Desejo ia ficando para trás, o terreno sob os pés deles começou a mudar rapidamente. O caminho do campus ficou acidentado e cheio de buracos. Depois, os tijolos deram lugar à terra batida. Logo ficou claro que estavam descendo uma encosta íngreme, de solo esfarelento e traiçoeiro. Tinham que parar a cada passo, testando com cuidado onde estavam pisando antes de apoiar o peso do corpo. Pelo menos Alice tinha alguma prática nisso: certo verão, fizeram uma obra na Mill Road, entre a Magdalene College e o departamento, e a calçada ficou destruída. Foi uma temporada de tornozelos torcidos. Por fim, os dois chegaram a uma fenda no solo, um grande abismo que dividia o espaço entre o Desejo e o que havia além. O caminho se estreitava em uma perigosa escada que descia até o fundo e subia do outro lado. Lá embaixo, à esquerda, na base do precipício, corria o Lete, já não mais sereno, mas uma corrente espumosa e feroz.

— Ah, meu Deus.

Peter parou.

Arquimedes, por sua vez, prosseguiu com confiança. Alice examinou o caminho e viu pontos de apoio. Não eram muito bons nem muito visíveis, mas estavam lá.

— Fica com os joelhos dobrados e os braços abertos para se equilibrar — orientou. — Vai dar tudo certo.

Em Ithaca, Alice costumava fazer trilhas pelas encostas escorregadias perto dos desfiladeiros e, mesmo em dias chuvosos, parecia pior do que de fato era. Você só caía se estivesse tentando. Infelizmente, de tempos em tempos alguém tentava.

Parecia fazer sentido que uma barreira como aquela separasse os dois primeiros tribunais do terceiro. O orgulho mesquinho e o desejo insaciável eram transgressões egocêntricas, cujos males se voltavam para quem incorria neles.

Mas da cobiça brotavam maquinações, brotava a maldade contra os outros. Ali, para conseguir o que se desejava era preciso garantir que os outros não conseguissem. Bhishma disse, no *Mahabharata*, que da cobiça provinha o pecado. São Paulo advertiu a Igreja de que o dinheiro era a raiz de todo mal. Portanto, ali estavam os verdadeiros maquinadores, aqueles que sabiam o que estavam fazendo e mereciam pagar por isso.

Alice desejou ter pensado em levar bastões de caminhada. Não parava de tropeçar nas pedras, e Peter sempre a amparava, o que a deixava irritada, porque detestava ainda encontrar conforto na presença dele. Era um paradoxo horrível: de um lado, o fato de que ele pretendia traí-la, e, do outro, a evidência empírica de que ainda era Peter, o Peter de quem se lembrava, o Peter de quem gostava.

Pior ainda era o fato de que ele não parava de falar. Havia decidido que charadas seriam uma maneira divertida de passar o tempo. Até aquele momento, tinham passado pelas das cordas queimadas (você tem duas cordas que queimam por completo em uma hora; munido de um fósforo, como se mede quarenta e cinco minutos?), a da bola de pingue-pongue (como se tira uma bola de pingue-pongue de um cano?) e a das nove bolas pesadas (usando uma balança de dois pratos apenas duas vezes, como se identifica qual das nove bolas é um pouco mais pesada do que as outras?). Naquele momento, ele não parava de falar sobre uma história envolvendo mundos de fadas.

— O que passa pela porta de vidro verde, Alice?

— Não sei. Duendes? Crianças?

— A Terra pode passar. A Lua não pode. Lobos podem passar. Cachorros não podem. O que passa pela porta de vidro verde?

Cala a boca, ela quis gritar.

Podia aguentar todo tipo de crueldade, mas não iria tolerar ser feita de idiota. O professor Grimes havia lhe incutido um profundo pavor disso.

— Tolos podem passar — continuou Peter. — Mas sensatos não podem. Gansos podem passar, mas pássaros, não.

— Eu não… Ah, pelo amor de Deus, tem alguma coisa a ver com plurais?

Ele balançou a cabeça.

— Uma mesa pode passar. Mas uma cadeira não pode.

— Só me diz a resposta de uma vez.

— São duas sílabas. — Ele pareceu contrariado. — Muito simples. Achei que você estudasse linguística.

Alice não tinha uma resposta diplomática para isso, então continuou a caminhar em silêncio.

* * *

Três semanas após o início do primeiro período letivo dela, o professor Grimes a levou ao clube da faculdade para tomar chá. Alice estava muito nervosa e animada. Tinha ficado acordada até tarde na noite anterior preparando tópicos de conversa sobre as disciplinas de que tinha gostado e aquelas com as quais tinha tido dificuldade, além de uma proposta com sete ideias para novos projetos. Nunca havia saído socialmente com Grimes e queria ter certeza de que o sujeito ia com a cara dela.

Mas a primeira pergunta que ele fez, depois de pedir dois *scones* de passas e um bule de chá Darjeeling, foi:

— Está vendo aquele rapaz?

Alice olhou pela janela e, com um sobressalto, viu Peter Murdoch passando. Ele não estava prestando atenção nos dois. Apenas andava de um lado para o outro na calçada, encarando uma folha de papel. Alice sentiu um aperto no peito. Não tinha aulas com Peter naquele período letivo e não falava com ele desde o chá de boas-vindas, embora seu coração sempre batesse de um jeito estranho quando o via passar pelo campus. Ele parecia perdido. Ficava olhando para as placas da rua e depois andava em círculos, feito um cachorro perseguindo o próprio rabo.

— Ele é o seu concorrente — declarou o professor Grimes. — O padrão com quem tem que se comparar. Nos próximos cinco anos, sua única preocupação deve ser se está conseguindo acompanhar o ritmo dele.

Alice olhou para Peter, que agora acenava, desculpando-se com um carro que buzinava enquanto ele tentava atravessar a rua correndo.

Acompanhar o ritmo dele, tinha dito Grimes. Não superá-la.

— As coisas vão ser muito mais fáceis pro Peter — continuou o professor. — Ele tem aparência de mago, age e fala como um. Faz o tipo de pesquisa clássica que a Real Academia adora. Os pais são famosos. Todo mundo no nosso campo já o conhece de nome. Quando for a uma entrevista de emprego, Peter vai perguntar sobre os filhos dos colegas, primeiro porque talvez já os conheça e, segundo, porque vai fazer os entrevistadores se lembrarem deles. Você, por outro lado, não fala igual a eles, não se parece com eles e sua pesquisa não se encaixa no que estão procurando. Sempre vai ter que se esforçar o dobro pra conseguir metade do reconhecimento. Não pode se dar ao luxo de cometer erros.

Alice já suspeitava de tudo isso havia algum tempo. Só não esperava que alguém fosse lhe dizer essas coisas de maneira tão direta. E não estava preparada para o quanto ia doer. Observou o rosto impassível do professor Grimes e se perguntou por que ele a havia levado até lá.

— Não estou falando isso pra te desencorajar — continuou o homem. — Estou falando isso porque já estive no seu lugar. Você e eu… nós não tivemos

tanta sorte. Tivemos que trabalhar muito pra chegar aonde chegamos. Está fazendo um bom trabalho, Law. Mas é só isso. É só *bom*. E preciso que você seja excepcional.

— Eu posso ser excepcional — garantiu Alice, porque essa parecia ser a única resposta que poderia dar.

— Boa menina. — O professor Grimes acenou com a cabeça para a xícara dela, ainda intocada. — Beba seu chá.

Ele fez isso com frequência nos anos seguintes. Cada fracasso dela era comparado a algum sucesso de Peter. *Você foi coautora de um artigo. O Murdoch foi coautor de três. Conseguiu mil libras em financiamento. O Murdoch conseguiu o dobro. Não pode cometer os mesmos erros que ele*, dizia Grimes. *Não tem margem para falhar.* E ela sabia que o homem estava apenas sendo um bom orientador, pois um bom orientador mantém você ciente da realidade. O professor Grimes tinha vindo de origens mais humildes do que as dela: havia chegado tarde à magia, era o primeiro da família a se formar na faculdade, e também não sabia qual garfo usar. Da perspectiva dele, certamente estava lhe mostrando o caminho das pedras.

Ainda assim, Alice não conseguia deixar de sentir certo incômodo toda vez que Grimes tocava no assunto. Como se ela o tivesse desapontado por ter nascido do tipo errado de pais, com o tipo errado de rosto, sem conexões, sem um pênis. Como se o professor a estivesse treinando para uma corrida que ambos sabiam que já estava perdida.

Talvez por isso Alice observasse Peter mais do que deveria. Seus olhos se demoravam na sombra dele toda vez que estavam no mesmo ambiente. Estudava seus hábitos, seus trejeitos, a cadência de sua fala. Ponderava sobre quais traços adotar. Não poderia se dar ao luxo de ser tão desligada quanto ele, já que ninguém teria a mesma indulgência com ela. E não conseguia estudar como ele estudava, ou como dizia que estudava; não era capaz de compreender páginas densas de primeira. Mas talvez pudesse tentar se mover com a leveza dele, ou pelo menos sorrir com metade da frequência.

Alice desenvolveu uma atenção aguçada em relação a Peter. Conhecia o ritmo exato de seus passos. Sempre sabia quando ele estava no prédio, pois reconhecia os sapatos gastos, o guarda-chuva quebrado, o casaco de lã marrom sempre pendurado no terceiro gancho da esquerda para a direita. Sempre sabia quando as pessoas estavam falando sobre ele; era quase cômico, na verdade, o modo como seus ouvidos se apuravam ao ouvir qualquer menção ao nome de Peter. Reconhecia a risada dele do outro lado do corredor. Teria reconhecido aquela risada do outro lado do mundo.

Viria a se arrepender disso mais tarde, no ano em que tudo desandou, no

ano em que perdeu a capacidade de esquecer coisas que não deveria ter ouvido.

Naquele dia, Alice estava tirando um cochilo no laboratório, coisa que fazia com frequência; ninguém se importava, apenas contornavam seu corpo. E também costumava desaparecer na bancada de trabalho. Era pequena e não roncava, então, se não olhassem com atenção, qualquer um poderia achar que era uma pilha de casacos. Tinha acabado de acordar quando a porta se abriu e Peter entrou, conversando animadamente com alguém que ela não conhecia.

Alice poderia ter se levantado. Teria sido a coisa mais educada a fazer. Mas o velho impulso, a necessidade de observar Murdoch em todos os contextos, fez com que permanecesse imóvel.

Tentou identificar o interlocutor. Era difícil deduzir apenas pela voz, e uma mesa bloqueava sua visão. Depois disso, nunca teve certeza da identidade dele. Podia apenas ter um palpite, e isso era ainda pior. O desconhecido falava com sotaque estadunidense, mas parecia bastante familiarizado com a forma de fazer magia em Cambridge. Um acadêmico visitante, então. Alguém que estava ali para uma palestra, ou apenas de passagem, revendo colegas. Talvez de Princeton. Provavelmente de Harvard.

— … não é tão ruim — dizia Peter. — Quer dizer, ele tem uns rompantes, todo mundo sabe, mas você aprende a decifrar o humor dele. No geral, tem sido bem razoável. Nada parecido com o que dizem.

— E a garota? — perguntou o visitante.

Alice jamais esqueceria a facilidade com que as palavras saíram da boca de Peter. Havia coisas que você dizia para causar um efeito, palavras escolhidas para influenciar o interlocutor. E havia aquelas nas quais você de fato acreditava, nas quais sempre tinha acreditado, palavras que estavam apenas esperando o momento certo para serem ditas.

— Ah, ela — falou Peter. — Não, eu não diria que ela tem um problema.

— Como assim?

— O que quero dizer é que ela é igual a um passarinho — respondeu Murdoch. — Pousa onde tem semente. Come na mão dele.

— Se aconchega em busca de calor — acrescentou o visitante.

— Calor — repetiu Peter, arrastando as sílabas, o som mais repulsivo que já o tinha ouvido fazer.

Houve um ruído de punho contra palma, um gesto indiscutivelmente vulgar. Os dois riram.

Peter sugeriu que fossem dar uma olhada nas suspensões em vidro no laboratório de Helen Murray, e o visitante concordou. A porta se fechou com um clique depois que saíram. Seus passos se afastaram pelo corredor.

Era provável que nenhum dos dois se lembrasse daquela conversa. Não

tinha sido crueldade para eles. Não haviam decidido: *Já que somos misóginos, vamos tirar sarro de uma mulher!* Eram apenas palavras inócuas: eles as ouviam, riam e seguiam em frente. Devia ser isso. Peter não estava tentando sabotá-la. Ele simplesmente não se importava.

Mas as pequenas impressões se espalham. Peter nunca tinha precisado pensar nisso, mas Alice, sim: a ebulição de fofocas que perseguia quem conseguia cargos e poder. O mundo acadêmico envolvia tantas escolhas minuciosas entre candidatos idênticos, a maioria tomada, no fim das contas, por capricho. A influência do orientador. O resquício de um boato. Ela nunca poderia expressar essa teoria em voz alta, porque pareceria loucura, mas agora tinha certeza: podia traçar uma linha entre aquela risada no laboratório e o fato de não ter conseguido a bolsa.

Harvard havia organizado uma recepção para a bolsa Cooke em julho. O comitê de seleção esteve presente. Nenhuma decisão tinha sido tomada ainda. Houve vinho e, em seguida, fofocas. As impressões se solidificaram. Era muito plausível. Não estava louca.

É claro que queria estar errada. Durante meses havia se agarrado à esperança de estar errada, de serem coisas da sua cabeça, de estar inventando tudo aquilo. Certamente ninguém vivia assim, sobrecarregado pelos menores detalhes que supunha terem consequências enormes. Certamente ninguém mais vivia tão dominado pela ansiedade. Outras pessoas tropeçavam, balançavam a cabeça e seguiam em frente. Como invejava essa leveza.

Isso marcava a diferença entre os dois. Alice se preocupava, Peter flutuava no ar.

Se algum dia ela tocasse no assunto, ele com certeza não se lembraria. E se tentasse explicar como a havia magoado, Peter acharia que ela perdeu a razão.

— Você sabotou minha carreira — diria Alice.

E ele responderia, com toda a inocência:

— Como assim?

* * *

Enquanto desciam a encosta, ficou claro que não estavam sozinhos. Uma caravana de outros viajantes — todos Sombras, todos almas que haviam passado pelo Tribunal do Desejo ou conseguido contorná-lo — surgiu nas rochas ao redor deles. O declive levava todo mundo na mesma direção. Alice olhava os rostos das Sombras, tentando imaginar o que teriam feito. Fazia sentido que tantos progredissem da Luxúria para a Ganância, caso o relato de Dante fosse verídico. Ambas eram pecados de descomedimento e desejo. Só que a ganância

era o pecado do desejo voltado contra os outros, um pecado cometido quando se percebia que os demais também fariam qualquer coisa para conseguir o que queriam.

Será que o professor Grimes estaria ali? Era possível, e Alice supunha que deveria estar procurando, mas simplesmente não achava que o homem fosse motivado pela riqueza. Ninguém entrava para a academia se queria ficar rico. Claro que alguns estavam lá por causa da remuneração —, mas eram tipos de baixo escalão, tipos rasteiros, e era inevitável que acabassem indo para a indústria. Se o que você queria era dinheiro, então se tornava banqueiro, advogado ou algo do gênero. Com certeza todos os colegas de graduação de Alice achavam que ela era louca por continuar estudando em Cambridge quando poderia ter ido trabalhar em indústrias secundárias da magia por um salário de seis dígitos e um bônus anual. Pelo menos duas pessoas que Alice conhecia e que haviam se formado em magia agora eram vice-presidentes de bancos regionais. Mas ela nunca se interessou pelo dinheiro, o que queria era a verdade.

Estava certa de que a mesma coisa valia para o professor Grimes, que vivia recusando oportunidades de dar palestras lucrativas para se concentrar em sua pesquisa. Não, apesar da bela casa na cidade, das roupas elegantes e da coleção de uísque, Alice sabia que o homem não estava naquela área por dinheiro. Por acaso, tinha enriquecido. Talvez acadêmicos de menor importância brigassem entre si por financiamento, mas Grimes nunca precisou se envolver nessas disputas. Estava simplesmente acima de tudo isso.

— Aposto que aqueles ali são membros do conselho diretor.

Peter tinha inventado um jogo que consistia em tentar adivinhar os pecados das Sombras que encontravam pelo caminho, o que teria sido irritante se os comentários dele não fossem tão engraçados.

— Aposto que aquele é um plagiador compulsivo. Aposto que aqueles são vice-reitores. Tem um lugar reservado no Inferno para os reitores, não acha? Eles aumentam o próprio salário enquanto o resto tem que sobreviver à base de biscoito.

Alice achava que Peter nunca havia precisado sobreviver à base de nada, mas não tinha energia para contestar esse comentário.

Depois de algum tempo, perceberam que não precisariam descer até o fundo do abismo. Eles avistaram uma ponte, talhada na mesma pedra do penhasco, camuflada de forma que não tinham conseguido vê-la de cima. Tinha uma extensão generosa, larga o suficiente para que a atravessassem sem dificuldades lado a lado, e era ricamente ornamentada. Cada degrau era feito de meia dúzia de ladrilhos decorados, cada coluna e janela adornada com figuras esculpidas. Alice se perguntou que divindade teria feito aquilo. Parecia bizarro

construir uma ponte ali, escondida na rocha. Era como arrancar um pedaço de Veneza e equilibrá-lo dentro do Grand Canyon.

Uma Sombra hesitava no centro da estrutura, como se não tivesse certeza de que deveria atravessar. Dava alguns passos à frente, depois recuava. Quando viu os dois se aproximando, perguntou:

— Pedra dezessete?

— Como? — disse Peter.

A Sombra acenou com seu histórico de punição para eles.

— Aqui está escrito pedra dezessete, pedra dezessete por três anos ou até eu ter aprendido a lição, o que vier primeiro.

Peter franziu a testa ao olhar para o papel.

— Eu ainda não…

— Ah, ali.

A Sombra correu, passando por ambos. Alice notou um espaço vazio na ponte, marcado com o numeral romano XVII. A Sombra entrou nele e se ajoelhou. Então, algo extraordinário aconteceu: suas feições se borraram, as extremidades desapareceram e a cor cinza se aprofundou. Em segundos, se transformou em pedra, e um suspiro suave escapou da fenda onde antes ficava sua boca, uma nota grave que levou vários segundos para se dissipar e, mesmo assim, pareceu persistir no vento.

— Meu Deus — falou Alice.

Ficou evidente então que a ponte, assim como toda a sua ornamentação, era feita de Sombras petrificadas. Ela identificou traços de formas humanas por toda parte. Aqui, uma perna estendida; ali, dois braços em volta de uma cabeça. Mas a estrutura era firme e não havia nenhum outro caminho para atravessarem, então parecia razoável seguirem em frente. Arquimedes correu adiante sem hesitar. Um coro de gemidos ecoou em seu rastro e, enquanto o seguia, a única coisa em que Alice conseguia pensar era no tom particular de cada gemido a cada passo; como se, ao pular cinco por vez, você pudesse tocar a abertura da Sinfonia nº 25 de Mozart.

O caminho era mais estreito do outro lado da ponte e mais traiçoeiro — dessa vez, tiveram que se esforçar para subir a encosta. Mais acima, duas Sombras estavam brigando em um trecho particularmente sinuoso. A discussão parecia ser sobre quem deveria ceder passagem ao outro, o que Alice achou um tanto sem sentido, já que todos estavam indo para o mesmo destino, no fim das contas. Mas as Sombras continuaram se empurrando, até que uma colocou as mãos nos ombros da outra e a atirou de cima de uma passarela.

— Cuidado!

Peter puxou Alice para trás.

Preocupada, ela espiou por cima da borda. Mas a Sombra que havia caído simplesmente se levantou e continuou rastejando de maneira pouco digna, subindo pela encosta, sem sofrer nem um arranhão. Afinal, já estavam mortas, pensou. Qualquer coisa que acontecesse dali em diante seria apenas humilhação.

A Sombra que havia empurrado a outra também espiou por cima da borda, em seguida bufou como se estivesse satisfeita e seguiu em frente. Os dois foram atrás, com cautela.

— Que babaca — murmurou Alice.

— Eu me pergunto o que ele fez — comentou Peter, estreitando os olhos para ver melhor a Sombra e em seguida exclamando, em um sussurro alto demais: — Minha nossa, é Bill Cadeaux!

Por sorte, a Sombra chamada Bill Cadeaux não ouviu. O nome soava vagamente familiar para Alice.

— Quem é esse?

— Ele e Hollis Galloway estavam concorrendo ao mesmo cargo nos anos 1960 — explicou Peter. — Foi um escândalo horrível.

— Hollis Galloway, a semioticista?

Peter assentiu.

— Os dois são semioticistas. *Eram*. Então, Cadeaux e Galloway estavam disputando a mesma vaga na Universidade de Chicago e, depois das entrevistas, decidiram fazer uma oferta para Galloway. Só que Cadeaux ficou sabendo e começou a enviar cartas anônimas pra instituição, fingindo serem de alunos de pós-graduação, alegando que ela tinha… Você sabe…

— Transado com eles? — sugeriu Alice.

— Basicamente, sim. O que não teria sido grandes coisas, não fosse pelo fato de Cadeaux ter se passado por estudantes *mulheres*, o que fez de Galloway uma lésbica assediadora. Ora, a Universidade de Chicago não se importa com assediadores, mas lésbicas? Aí já é outra história. Então abriram uma investigação sobre Galloway, que talvez até *fosse* lésbica, só não desse tipo, e ela ficou tão apavorada que se retirou da disputa pela vaga. Cadeaux conseguiu o cargo, e ninguém soube de nada até que começaram a circular boatos de que o sujeito estava se gabando disso para estudantes de pós-graduação no pub. Ele tinha inventado tudo. Tinha pedido para a mãe e as irmãs escreverem as cartas e tudo o mais. Galloway descobriu e jurou que ia arruinar a carreira dele, só que ela morreu em um acidente de carro antes que alguém pudesse esclarecer toda a história.

— Meu Deus… — murmurou Alice. — Acho que esse homem tinha que estar em um lugar pior do que o Tribunal da Ganância.

— E depois que o boato se espalhou, o cara insistiu que era inocente. Jurou

até a morte que nenhuma das alegações havia sido inventada, que Galloway *tinha mesmo* assediado todas aquelas alunas. — Peter ficou olhando para o sujeito, fascinado. — Mas eu não entendo. Como alguém pode fazer isso com outra pessoa? Como você consegue dormir à noite depois disso?

Alice achou que Peter estava exagerando um pouco, considerando as circunstâncias.

— Acho que algumas pessoas são simplesmente egoístas a esse ponto.

— Mas sabotar um colega? Isso é demoníaco!

— Ah, claro. — Alice não conseguiu se conter. — E você é um verdadeiro anjo.

Na mesma hora, se arrependeu do que falou. Peter diminuiu o passo.

— O que você quer dizer com isso?

— Desculpa… Nada. Só quis dizer que todos nós somos competitivos, não é? Tem sempre politicagem nos departamentos.

Ele não pareceu convencido.

— Está chateada comigo?

— Não. — Ela tentou parecer calma, mas sua voz saiu como um chilreio agudo. — Por que estaria?

— Você está sendo ríspida comigo a manhã toda.

— Desculpa. — Alice cruzou os braços. Sabia que poderia ter feito um trabalho melhor bancando a sonsa, mas não era boa atriz. — Só estou muito cansada e com muita fome. Não é nada com você.

— Está bem.

Os dois continuaram caminhando em silêncio por um momento.

Então Peter perguntou:

— É por causa da Cooke?

— O quê? Não!

— É que você está meio estranha desde que mencionei a bolsa. E eu sei que foi rude me gabar, desculpa.

Agora Alice tinha certeza de que ele estava debochando dela. Como isso era cruel, incrivelmente cruel. Ela se sentia um pequeno animal preso em uma gaiola.

E se contasse tudo? Estava a ponto de fazer isso. Qualquer coisa para pôr fim àquela tortura. *Eu sei o que você está fazendo*, poderia dizer. *Essa sua cara de cachorrinho abandonado não vai funcionar comigo. Vai se foder, Murdoch.* Mas e depois? Será que ele ia confessar, pedir perdão? Até parece. Era mais provável que também a empurrasse no abismo. Não precisava dela inteira, só viva. A única exigência naquele feitiço era a presença de uma alma viva. E Peter poderia fazer qualquer coisa antes de dar fim à vida dela.

Alice se esforçou para manter a voz serena.

— Não é por causa da Cooke.

— Então o que é? Eu fiz alguma coisa?

— Não é você, sério.

— Foi por causa daquela manhã? Foi por causa da minha…

— Meu Deus, Murdoch, *não*!

— Se estiver com raiva de mim, é só me *contar*.

— É que…

Alice parou de repente. Não conseguia se livrar da súbita convicção de que alguém estava rindo dela. Tinha certeza de ter ouvido a risada de uma mulher. Olhou em volta, mas não viu ninguém. O rosto de Peter transpareceu uma preocupação familiar, e ela sentiu mais uma vez o pânico, o medo de estar ficando louca.

— Eu só…

Lá estava de novo, uma risada nítida e levemente aguda.

Alice se virou.

— Para com isso!

— Para com o quê?

— Você não está ouvindo?

Ela andou pelo barranco, determinada. Alguém estava escondido, à espreita, tinha certeza disso. Mas, para onde quer que olhasse, via apenas rocha. A Sombra mais próxima era Bill Cadeaux, e o sujeito já estava bem acima na encosta. Ainda assim, a gargalhada se intensificou. Estava tão clara agora que não poderia ser fruto de sua imaginação. Arquimedes também tinha percebido algo. O gato parou de repente, os olhos reduzidos a duas fendas e a cauda rígida como uma tábua.

— Alice, para. — Peter segurou o braço dela. — Senta, bebe um pouco de água…

Ela se desvencilhou.

— Para *você*. E me ouve.

Arquimedes soltou um miado agudo.

Uma explosão de cores emergiu da rocha: fitas ondulantes vermelhas, rosa e roxas, um verdadeiro ataque aos sentidos depois de todo o cinza interminável e o vermelho abrasador. Em um primeiro momento, Alice pensou que estivessem sendo cercados por borboletas ou por nuvens rosadas sencientes, até que as sedas pararam de se inflar e se fixaram na figura de uma mulher alta e esguia.

— Olá. — Ela se dirigiu aos dois, acenando. — Cheguem mais perto.

Alice ficou paralisada, sem saber se aquele era o tipo de “cheguem mais perto” que as sereias diziam antes de arrastar as pessoas para o fundo do mar.

— Me desculpem por ter sido rude. — A mulher cobriu os lábios com a manga das vestes e soltou uma risadinha de quem não parecia nem um pouco arrependida. — Sou muito curiosa. Não fujam, meus queridos. — Suas sedas ondularam e, de repente, ela estava bem diante deles. — Eu não mordo.

Era muito bonita. Um sorriso com covinhas em um rosto redondo e espontâneo. Cabelos negros tão reluzentes que refletiam a luz, flutuando até a cintura. Ela pairava dentro de vestes que mudavam de cor tão rápido quanto a água sob os raios do sol. Segurava meadas de linha em ambas as mãos; enquanto falava, seus dedos trabalhavam, velozes, puxando os fios por um tear que flutuava por conta própria, e o tecido produzido parecia desaparecer, tão rápido quanto surgia, nas dobras fluidas de seu vestido.

Alice revirou a mente em busca de alguma informação, mas não conseguiu associar aquela mulher a nenhuma das descrições de divindades do Inferno. A mulher levou a manga à boca pintada de cores vivas e soltou uma risadinha.

— O gato comeu sua língua?

As fitas de seda na cintura dela ondulavam para a frente e para trás. Uma lembrança vaga surgiu na mente de Alice, uma nota de rodapé meio esquecida, uma menção antiga que não se dera ao trabalho de investigar. Não era Aracne, nem a esposa do Imperador Amarelo. Uma divindade das estrelas, das penas e da saudade.

— Você veio lá de cima — comentou Alice.

Lembrou-se naquele instante. Não tinha se deparado com a Tecelã em nenhuma de suas pesquisas sobre o Inferno, mas sim em um seminário de graduação sobre mitologias traduzidas. A Tecelã, filha das estrelas, se apaixonou por um mortal, o Vaqueiro, mas esse amor foi proibido pelos deuses. Os dois só podiam se encontrar em um único dia do ano e, quando isso acontecia, um bando de pássaros, as pegas, formava uma ponte sob os pés deles.

— Você é a deusa dos amantes que se reencontram. Amantes há muito separados.

A Tecelã sorriu, radiante.

— Muito bem!

— Mas o que está fazendo aqui? Deuses não morrem.

— Acertou de novo — elogiou a Tecelã. — Mas os mortais morrem.

— Seu amado — concluiu Alice.

— Meu Vaqueiro. — As vestes da Tecelã brilharam em vermelho-sangue, marrom e depois um cinza pálido. — Minhas irmãs estrelas me avisaram que o cabelo dele ia ficar branco, que os ossos iam se desintegrar, que um dia eu ia olhar para aquele rosto e não sentiria mais nenhuma paixão. Mas tudo aconteceu muito *rápido*. Num dia, o homem vigoroso que eu adorava. No outro, um

esqueleto. Então, certa noite, o coração dele parou. Eu o segui até o outro mundo. Mas não foi o bastante! — As sedas ficaram pretas como breu, pesadas. — Ele queria reencarnar. Eu não podia. Nossas almas não são como as dos humanos, que podem ser purificadas e colocadas em um novo corpo para tentarem outra vez. Implorei que ficasse aqui comigo, mas ele se cansou de areias sem mar e do céu sem estrelas. Achávamos que tínhamos conversa suficiente para durar pela eternidade. Só que, no fim das contas, não durou nem um ano. — A voz da Tecelã vacilou. — Um dia, acordei e descobri que ele tinha me abandonado pelo Lete. Desde então, tenho vagado sozinha por esses campos. Na passagem do Desejo para a Ganância, onde o desejo se esgota e os amantes só pensam em si mesmos.

Uma lágrima reluzente escorreu por sua face. O efeito era muito trágico, embora Alice achasse que a mulher estava exagerando na interpretação. Talvez fosse assim que as divindades imortais passavam o tempo, aperfeiçoando a própria mitologia.

A Tecelã apontou para cima, e as duas pontas de sua faixa fizeram uma dança em espiral em direção ao céu.

— Na próxima oportunidade que tiverem, olhem pro céu noturno. Está faltando uma constelação. Uma ponte se desfez. — A faixa caiu. — Agora, só há escuridão.

— Você nunca tentou encontrar o Vaqueiro? — perguntou Peter.

— Não temos permissão, meu rapaz. E, de qualquer forma, ele não me reconheceria. Apagou todas as lembranças de mim da memória.

— Ah — fez Peter. — Sinto muito.

— Você é tão meigo.

A Tecelã estendeu a mão e beliscou o nariz dele. O rosto de Peter ficou completamente vermelho.

Alice não sabia ao certo como reagir a tudo aquilo. A mulher estava falando muito. Mas isso pelo menos lhes dava algum respiro, uma pausa para avaliar se aquela divindade queria brincar com eles ou matá-los.

— Mas continuo sendo uma romântica! — A Tecelã abriu os braços. Um magnífico espetáculo de cores surgiu em suas mangas. — Nunca foi sábio para uma deusa se casar com um mortal, e eu percebo isso agora. É preciso ter uma perspectiva compartilhada do tempo. Deuses não amam de forma tão efêmera, tão desesperada, com cada partícula da alma. Mas os humanos… vocês vivem pelo tempo de um sopro, morrem e passam a vida inteira se perguntando como ficar juntos após a morte, quando nem sabem se é isso que realmente desejam.

A mulher flutuou na direção dos dois, ficando tão perto que chegava a ser desconfortável, e seus longos dedos se estenderam para dançar sobre os ombros

deles.

Alice sentiu um medo absurdo de que a divindade fosse aproximar suas cabeças e fazer os dois se beijarem como bonecos.

— Vejo tantos de vocês. Assassinato seguido de suicídio é comum. Ou acidentes. Às vezes, os dois morrem de causas naturais, e uma das almas fica anos esperando nos Campos de Asfódelos até a outra morrer de velhice. — A Tecelã suspirou. — Todo mundo acha que seu amor é eterno. Gosto de deixar que continuem acreditando nisso.

— Então, deixa a gente passar — pediu Peter. — Amar não é crime.

— De fato, não é — respondeu a mulher. — Não inflijo punições, meu caro. Eu ofereço uma solução. — Ela juntou as mãos. — Proponho a vocês um teste. Nada de missões árduas, apenas a resposta a uma pergunta. Vou testar sua lealdade. Se passarem, eu construo uma ponte.

A Tecelã uniu as palmas. Os dedos se moveram rapidamente, e fios brotaram entre eles, formando, apenas por um instante, um tecido que ondulava e cintilava, de fios dourados e prateados contra um fundo preto aveludado. Um tapete feito de estrelas.

— Minha ponte vai levar vocês a qualquer lugar que desejarem. Qualquer fronteira, qualquer tribunal. A Cidadela Rebelde, se quiserem. Ou direto para o trono de Rei Yama. Passem, e eu deixarei que atravessem essa ponte apenas uma vez, para onde quiserem.

— E se a gente não passar? — perguntou Peter.

— Então, seu destino será o Lete.

— Mas não estamos mortos — argumentou Alice. — Não somos Sombras.

— Ah, vocês são *viajantes*! — A Tecelã cobriu a boca com as mãos. Seus olhos arregalados brilharam intensamente. — Melhor ainda. Então vocês *realmente* precisam de uma passagem segura. — Os dedos dela dançaram, e a ponte ondulou sobre o abismo. — Essas pedras são traiçoeiras, meus amores. Provem sua fé, e eu permitirei que cheguem ao outro lado em segurança.

Alice não estava gostando nada daquilo. A deusa, com suas risadinhas falsas, lembrava as heroínas dos dramas chineses a que a mãe vivia assistindo quando ela era criança: criaturas ardilosas e dissimuladas, que estavam sempre tentando atirar as rivais em poços. E, embora não conseguisse encaixar a Tecelã em seu diagrama do Inferno, conhecia todas as histórias sobre barganhas e apostas com seres divinos. Orfeu fracassou no desafio de Hades. Sísifo também tentou enganá-lo e fracassou. Tinha que haver uma armadilha, sempre havia uma armadilha.

— Podemos discutir a proposta? — perguntou Alice. — Em particular?

A Tecelã agitou a manga.

— Sejam rápidos.

Alice puxou Peter pelo braço até que estivessem fora do alcance dos ouvidos da mulher.

— Eu não confio nela.

— Não precisamos confiar nela — disse Peter. — Só precisamos entrar no joguinho. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Bem, amnésia. Você não estava prestando atenção?

Alice não sabia ao certo até onde ia a proteção de sua tatuagem, mas não queria testá-la mergulhando no rio.

— Então a gente só precisa vencer, não pode ser tão difícil.

— Isso partindo do pressuposto de que a Tecelã esteja dizendo a verdade — retrucou Alice. — Divindades do mundo superior não costumam perambular pelo Inferno, sabe. Ela pode estar disfarçada.

— O que mais ela poderia ser?

— Não sei. Pode ser o feiticeiro…

— Se for o feiticeiro, estamos lascados de qualquer jeito! Presta atenção, Law. — Peter abriu as mãos. — Isso é um presente dos deuses. Já estamos penando o suficiente, e a mulher está oferecendo uma passagem segura.

— Não quero ser jogada no rio — insistiu Alice. — O que, a propósito, é exatamente o que vai acontecer, já que nós não estamos apaixonados.

— Mas você não pode fingir?

Ela olhou bem para o rosto de Peter. Sincero, cativante — quanto tempo teria levado para aperfeiçoar aquela expressão de pobre coitado? Como era capaz de olhar para Alice daquela forma, considerando o que pretendia fazer?

Mas talvez ela também pudesse fingir. Talvez pudesse vencê-lo em seu próprio jogo. Afinal, tinha uma grande vantagem: Peter nem desconfiava de que ela sabia a verdade.

— Então quer que eu finja que amo você.

— É fácil — disse ele. — É só agir como se nossas vontades fossem uma só.

— O que *isso* significa?

— Bom, que queremos as mesmas coisas. Que queremos o melhor um pro outro. Que encaramos os objetivos do outro como se fossem nossos, e que nosso desfecho ideal é ficarmos juntos. Você nunca se apaixonou?

— Não. Você já?

— Bem, não. Mas não deve ser muito difícil de imaginar, não é?

— Acho que estar apaixonada talvez seja a coisa mais difícil de imaginar. — Alice fez uma pausa, refletindo. — Quer dizer, só as complicações eróticas… Nunca nem sequer vi seu pênis.

— Meu Deus! — exclamou Peter. — Law, não temos tempo pra elaborar uma filosofia do amor.

— De que outra forma vamos decidir nossa estratégia, então?

— Basta imaginar que somos uma pessoa só. Seus objetivos são os meus, e vice-versa. O que te faz sofrer me faz sofrer. A meta é ficarmos juntos e buscarmos o que for melhor pra nós dois como uma unidade.

Alice não achava que relacionamentos reais funcionassem assim, pelo menos não com base nos que havia observado, mas, na teoria, parecia ideal.

— Onde você aprendeu isso?

— Immanuel Kant.

— Kant não era virgem?

— Ele foi um grande filósofo! Revolucionou a metafísica!

— Se não me engano, era ele que considerava a masturbação imoral — apontou Alice. — Algo sobre tratar a si mesmo como um meio para um fim.

— Você tem uma ideia melhor?

A cabeça de Alice doía. Para começar, ela não tinha, de fato, uma teoria alternativa sobre o amor. Mas, além disso, mesmo que a explicação de Peter fizesse sentido, não conseguia separá-la das possíveis segundas intenções dele. No fundo, suspeitava que duas pessoas apaixonadas eram apenas duas pessoas mentindo uma para a outra, escondendo sua violência, e, nesse caso, a proposta estava em conflito com sua prioridade de proteger a si mesma.

— Vamos lá. — Peter cutucou o braço dela. — Law, é tão difícil assim fingir que está apaixonada por mim?

A maneira como ele disse isso fez o peito dela doer. Peter sabia exatamente o que estava fazendo, e a pior parte era que estava funcionando. Queria tanto confiar nele, ser o objeto de sua afeição, mesmo que fosse apenas fingimento. *Para com isso,* quis gritar. *Para, você não percebe o que está fazendo comigo?*

— E então, meus amantes — disse a Tecelã. — O que vocês decidiram?

— Nós aceitamos — anunciou Peter. — Vamos jogar.

— Espera… — começou Alice.

Mas a deusa agarrou os braços dos dois e, com uma força surpreendente, arrastou-os até o topo de uma rocha e os colocou frente a frente, como em uma paródia macabra de um altar de casamento. Faixas de seda se ergueram e formaram uma barreira opaca entre eles. Peter gritou alguma coisa, mas sua voz foi abafada pelo tecido.

— Nada de combinar a resposta.

A Tecelã cintilou e em seguida se dividiu em duas figuras idênticas e translúcidas. Cada uma se posicionou de um lado da parede de seda, e ambas falaram em uníssono.

— Meu Vaqueiro me encontrou no sétimo dia do sétimo mês por oitenta anos, sem nunca faltar. — Fitas de seda formaram silhuetas no céu: duas figuras correndo ao encontro uma da outra, abraçando-se, tornando-se uma só. — Anos se passaram sem que visse seu rosto. Toda a aldeia implorava para que ele me esquecesse e se casasse, porque eu não podia lhe dar filhos nem cumprir os deveres de uma esposa. E se algum dia ele deixasse de aparecer, a ponte se romperia. Se alguma vez fôssemos infiéis, a ponte se romperia. Nunca fomos infiéis. Sempre escolhemos um ao outro, até o fim da vida dele. Até ele fazer uma escolha diferente, e me condenar.

As sedas se afastaram, formando uma bifurcação: um caminho vermelho e outro verde.

— Ofereço a vocês uma escolha, meus amantes. A mesma escolha. Podem escolher seguir sozinhos ou seguir juntos. Se escolherem seguir juntos, construirei uma ponte de estrelas para vocês. Se escolherem seguir sozinhos, atirarei os dois no Lete.

— E se escolhermos coisas diferentes? — perguntou Alice.

— Então, aquele que escolher seguir sozinho poderá cruzar a ponte quantas vezes quiser. Poderá transitar com segurança durante toda a sua jornada. Terá minha proteção contra tudo e contra todos. Nada o tocará. — A ponte oscilava, tremeluzia, dividindo-se em uma dúzia de caminhos que se ramificavam. — E o outro… Bem, digamos apenas que vai desejar o esquecimento.

Alice olhou para baixo. De repente, diante dela, havia uma mesa com uma bandeja, sobre a qual havia duas maçãs brilhantes e enceradas. Uma era vermelho-sangue e a outra de um verde muito escuro.

— Qual das duas vai escolher? — perguntou a Tecelã. — A vermelha para seguirem juntos ou a verde para seguir sozinha?

— Ele vai ter as mesmas opções?

— Exatamente as mesmas.

Ah, pensou Alice, então aquilo era apenas um dilema do prisioneiro.

Todos eles haviam estudado esse tópico no primeiro ano. A solução óbvia para essa questão, quando havia confiança mútua entre as partes, era uma não trair a outra. Claro que o problema era que a estratégia dominante de cada um era sempre trair o outro, não importava o que fizesse. Mas se cooperassem, ambos poderiam sair livres. E eles tinham cooperado. Não tinham?

— Só pra confirmar — falou ela. — O que acontece com ele se eu decidir seguir sozinha?

O sorriso da Tecelã pareceu se estender por todo o rosto. Alice temia que, se continuasse assim, sua cabeça se partisse em duas.

— O Inferno é muito solitário. Eu gosto de ter companhia.

Grandes tramas de tecido branco emergiram de suas costas e ficaram pairando atrás dela, como uma teia de aranha. Se estreitasse os olhos, Alice poderia distinguir restos humanos ali: vestígios de séculos de amantes que haviam sido sugados e descartados. Algumas daquelas vítimas tinham estado vivas um dia. Viajantes. As Sombras não deixavam ossos.

Alice estremeceu.

Não deveria ser difícil. A estratégia dominante era óbvia. Peter tinha dito para fingirem que estavam apaixonados e, se estivessem, ambos escolheriam a maçã vermelha. Se cooperassem, passariam, simples assim. Ela estendeu a mão para pegar a maçã vermelha… mas então por que seus dedos não se fechavam?

Não conseguia deixar de se perguntar: e se Peter escolhesse a verde?

Ele não faria isso. Não era do interesse dele. Não a trairia naquele momento, ainda precisava dela — pelo menos, precisava da *alma* dela.

E então o que Alice faria depois, simplesmente a entregaria a ele? Serviria a própria alma em uma bandeja, trotando feito um cordeirinho para o abate? Que lógica absurda era essa?

Sua mão recuou.

E então? Será que *ela* deveria escolher a verde?

Assim, não precisaria mais dele. Teria passe livre pelo Inferno, acesso fácil a todos os tribunais, e a alma do professor Grimes ao seu alcance. Poderia encontrá-lo em um dia, estar de volta em casa na manhã seguinte. Teria tudo o que sempre quis, e a única coisa que precisaria fazer seria deixar Peter para trás.

Mas isso seria assassinato.

Por outro lado, de que maneira poderia ser melhor ir com ele e acelerar a própria ruína? Como isso seria inteligente?

Você não pode fazer a troca consigo mesmo. Você não pode fazer a troca consigo mesmo, isso é fato, então o que nos resta? O que podemos concluir, exceto…

E tudo isso partindo do pressuposto de que ele ainda precisasse dela. Talvez tivesse outro plano, talvez nem sequer precisasse da troca. Talvez decidisse que a passagem segura valia a pena, talvez a *condenasse*…

Alice sentiu uma dor latejante nas têmporas, forças opostas fazendo pressão. Havia informação demais, lembranças demais, e ela não sabia como organizá-las, não sabia o que *significavam*. Tinha chegado até ali guiada por uma narrativa única gravada em seu cérebro — *meu nome é Alice Law, vou até o Inferno, vou encontrar o professor Grimes e tudo vai ficar bem* —, mas naquele momento o catecismo não lhe dava mais nenhuma orientação, o caminho adiante era incerto. Todo o passado surgiu, vívido, em sua mente, mil telas de TV transmitindo ao mesmo tempo, e nenhuma delas lhe dizia a verdade: tudo o que

ofereciam eram fragmentos, uma torrente inútil de detalhes. Um copo de cerveja vazio, uma cadeira vazia. O Pick, silencioso antes de fechar, e um gosto amargo em sua boca. Os suspiros etéreos de Belinda. *Você já conheceu Peter Murdoch?* A silhueta dele, o comprimento dos cílios, giz nas pontas dos dedos dela, giz na camisa dele. *Olha lá fora*, dissera o professor Grimes. *Está vendo aquele rapaz?* Chá Darjeeling, deixado em infusão por tempo demais, com gosto de ácido. *Scones* secos feito cimento em sua garganta. Não conseguia engolir. Grimes diante de uma lousa, Grimes diante de um tabuleiro de xadrez. A sorte favorece os audaciosos, a magia recompensa os resolutos. Aquele que faz o primeiro movimento vence, e os perdedores ficam para trás. Você é uma perdedora nata? Tem coragem?

Risadas no laboratório. *Eu teria conseguido um novo orientador depois da Cooke*. O som de um tapa, palmas nas nádegas, as risadas recomeçando, cada vez mais altas, passos se afastando. *Come na mão dele*. Uma caligrafia grande e firme — não havia hesitação naquela letra, eram os rabiscos de uma mente decidida, uma mente mais rápida do que a mão que registrava. Não era uma dúvida, era uma declaração. *E SE A ALICE...????*

Um zumbido invadiu seus ouvidos. Ela fechou os olhos e tentou montar aquela escada mental. O que é relevante? O que é estratégico? Que evidências eu tenho para construir premissas, para chegar a uma conclusão? *O que o Grimes faria?* Mas era muito difícil. Todas as informações estavam embaralhadas, não sabia por onde começar, não conseguia nem mesmo se agarrar a premissas básicas.

Meu nome é Alice Law…
E SE A ALICE…?
Sou aluna de pós-graduação em Cambridge…
E SE A ALICE…?
Estudo magia analítica…
E SE A ALICE…?

As tábuas se dispersaram. Não conseguia se prender a nenhum alicerce, só conseguia se agarrar a uma sensação, um pânico agudo, que soava em seus ouvidos, estridente como uma dúzia de alarmes de incêndio. Seu braço doía; a dor tinha voltado, sentia pontadas de novo, mas agora se espalhavam por todo o corpo. *De novo, não*, pensou, embora não conseguisse identificar o que *de novo* significava. Era apenas uma sensação. Uma agulha reluzente descendo. Giz sob a pele. O pigmento florescendo e a dor lancinante, tantas explosões de branco. *De novo, não, por favor, eu faço qualquer coisa, mas não quero sentir isso de novo…*

A vertigem a atingiu. Alice cambaleou. Que lugar era aquele? Onde *ela*

estava? O Inferno era a memória ou era o sonho? Ergueu as mãos diante do rosto, mas não conseguiu vê-las. No lugar dos dedos, havia figuras em miniatura, cópias diminutas de Peter e Grimes, dançando em procissão. *Está vendo aquele rapaz?* Círculos verdes e vermelhos pulsavam atrás deles, cresciam, se fundiam, até que tudo que ela via era um diagrama de Venn e, no centro, uma agulha e um giz, a lâmina fina oscilando, a dor excruciante em seu braço. Uma conversa imaginária no futuro: Peter e Grimes, já a salvo, tomando chá no escritório. *O que aconteceu com a Alice? Ah, você não vai querer saber.* E aquela caligrafia de novo, letras enormes e dançantes. *E se a Alice…?* Ela os viu rindo, revirando os olhos, e sentiu uma raiva tão sufocante e vergonhosa que quase gritou. Alice, sua patética. Feita de trouxa por todo mundo.

Peter olhou para cima, encontrou seu olhar e sorriu.

Eu te odeio, pensou Alice, a princípio sem muita convicção, apenas testando a ideia. E, para sua surpresa, descobriu que ela se fixou. Que se encaixou. Nunca ousara pensar nisso antes, mas era certo, era justo. Ela não era um cachorro, não aceitaria ser chutada. *Eu te odeio, EU TE ODEIO…*

— Muito bem!

A Tecelã bateu palmas. Suas imagens duplas se fundiram mais uma vez em uma só. As cortinas cintilaram, feito um mágico hipnotizando a multidão, e então se ergueram.

Lá estava Peter, segurando a maçã vermelha.

— Alice? — Ele olhou para as mãos dela. Sua testa se franziu. — O que você fez?



Capítulo Treze

No inverno do primeiro ano deles, o principal assistente de laboratório do professor Grimes, um aluno do quarto ano chamado Joshua, abandonou abruptamente o programa e foi para o Canadá. Na época, aquilo foi um grande escândalo. Havia boatos de que a namorada grávida de Joshua, farta de suas longas horas de trabalho, impôs um ultimato, exigindo que ele lhe desse mais atenção. Quando isso não funcionou, ela fez as malas e partiu para a casa dos pais em Ottawa. Joshua largou tudo por amor e foi atrás de sua amada. Isso envolveu gastar todas as economias em um voo de última hora e correr para o Heathrow à meia-noite. No entanto, não foi esse drama que deixou o departamento em polvorosa, mas sim o fato de alguém trocar Cambridge pelo *Canadá*. Será que pelo menos havia universidades lá, ou será que todo mundo só esquiava, comia xarope de bordo e fugia de ursos o ano inteiro? De qualquer forma, pelo que se sabia, Joshua estava casado e feliz, trabalhando como guia turístico no Château Laurier.

A parte relevante foi o fato de Joshua ter ido embora sem concluir seus projetos, sem nem mesmo informar a Grimes que estava de saída. Isso não teria sido um grande problema se o professor não estivesse com o prazo para uma apresentação em uma conferência na Real Academia de Magia, em Londres, se esgotando.

Alice e Peter foram então recrutados para dar conta da tarefa, e não viam a hora de começar. Que importância tinha se seriam horas extras não remuneradas? Que importância tinha se isso significaria trinta horas a mais por semana pelas quais não receberiam crédito, enquanto continuavam

sobrecarregados com os trabalhos do curso? O professor Grimes queria a ajuda deles com pesquisas de verdade! Justamente aquilo que haviam treinado a vida inteira para fazer! Teriam sido tolos se tivessem recusado.

Quando começaram a trabalhar juntos, os dois eram apenas conhecidos. Alice mal tinha visto Peter desde o primeiro encontro deles no jardim, pois as disciplinas de cada um os levavam em direções diferentes. Ela chegou à primeira reunião apreensiva. E se Peter fosse condescendente? Pior, e se ela parecesse estúpida?

Não precisava ter se preocupado. A dificuldade tinha uma maneira peculiar e rápida de forjar amizades. Não havia tempo para constrangimentos interpessoais quando havia tanto a se fazer. Como foi prazerosa a exaustão daqueles primeiros dias. Todas as tardes, às cinco, Alice e Peter se encontravam no laboratório do porão do professor Grimes, carregados de pilhas de manuscritos, as mãos empoeiradas de giz. Naquelas noites, trabalhavam freneticamente por horas e horas, até não conseguirem mais enxergar direito. Naquelas noites que passavam no chão do laboratório, rindo de seus próprios erros, comiam batata chips e curry comprados em barraquinhas de comida *halal* e, às vezes, quando queriam se dar um agrado, frango *tikka masala* do restaurante indiano ao norte da ponte. Aquilo era o melhor que a vida tinha a oferecer: manchas de giz no rosto, impressões digitais cobertas de cúrcuma no papel milimetrado. A felicidade plena é uma forma de estudo, dizia Aristóteles. E os dois estavam tão felizes, cobrindo lousas inteiras com giz em um surto de inspiração, depois apagando tudo para começar de novo. Abafando risadas e mantendo a expressão séria toda vez que ouviam os passos do professor Grimes descendo as escadas.

Era nas madrugadas, quando a mente se fragmentava, as coisas deixavam de fazer sentido e os limites do possível se tornavam fluidos, que faziam seu melhor trabalho. E foi naquelas horas que Alice sentiu pela primeira vez o que achava que era se apaixonar.

Não era inexperiente na linguagem do namoro. Teve namorados no ensino médio e na faculdade, rapazes nervosos, de camisa social e cheirando a loção pós-barba, que se sucediam em uma procissão esquecível, como atores em um filme mudo, eles e suas mãos desajeitadas. Alice entendia vagamente que esse tipo de convívio social levava a “relacionamentos sérios”, ao casamento — só não conseguia entender como, já que tudo parecia um exercício de disfarçar repulsa. Peter não pertencia a esse gênero. Com ele, era um tipo de sentimento completamente diferente, e Alice não conseguia relegar o que havia entre eles à pilha de lixo das insignificâncias amorosas. Era amor, um amor que ela nunca havia conhecido. *Finalmente*, pensou, *esse é o sentimento de verdade* — o

desvelamento gradual de outra alma, o mapeamento de territórios íntimos privilegiados, as descobertas que você acreditava ser o primeiro a fazer. Alice amava o trabalho justamente por isso, então por que não se apaixonaria pelas pessoas também?

Descobriu que Peter gostava de cantarolar Mendelssohn enquanto dava conta de suas tarefas, mas corava e parava se ela começasse a cantarolar junto. Descobriu que ele adorava lentilha, mas detestava purê de batata e banana, porque tinham uma textura que ele considerava "enganosamente pastosa". Descobriu que, por volta das duas da manhã, Peter entrava no que ambos chamavam de "estado maníaco", quando seu cabelo se arrepiava, os olhos se arregalavam, e ele começava a mexer muito os braços e ficava tão empolgado com tudo que estavam pesquisando que não conseguia se comunicar com nada além de um frenético "AHHH!".

E se apaixonar-se era uma descoberta, então permitir-se ser descoberta seria o equivalente a ser amada? Porque Alice sentia um formigamento prazeroso ao ouvir Peter fazer observações sobre ela, anunciar fatos que nunca havia notado sobre si mesma. Será que ela sabia, por exemplo, que deixava as mãos se debaterem feito uma água-viva quando discordava de um argumento? Será que sabia que sempre acabava com o mesmo risco diagonal na testa, deixado ao afastar o cabelo com os dedos cobertos de giz? Peter descobriu que, quando estava com sono, Alice mentia, não de forma maldosa, mas de maneiras absurdas: as palavras simplesmente saíam de sua boca semi-inconsciente, sem nenhuma lógica. Ele se divertia tanto com suas mentiras involuntárias que, durante semanas, registrou as coisas mais tolas que ela dizia, apenas para declarar no fim do mês:

— Concluí que sua versão sonolenta e mentirosa tem uma única motivação: continuar dormindo pelo máximo de tempo possível. Você responde qualquer coisa que convença seu interlocutor a te deixar em paz. Por exemplo, veja minha transcrição de quarta-feira: eu pergunto se você é uma berinjela. E você concorda que é uma berinjela, mas garante que não devo me preocupar e que está tudo bem. No último mês, ouvi você afirmar que é a princesa de Belgravia, que seus dedos dos pés são, na verdade, filhotes de hamster e que, nas férias, vai comigo esquiar no sol. Você é incorrigível, Law. Seu id protege com ferocidade o direito de ser deixado em paz.

Não havia pensamentos que não pudessem compartilhar. Alcançaram aquela rara intimidade com outra pessoa em que falar em voz alta era igual a pensar: sem filtros, sem segredos. Muitas vezes, em vez de irem para casa dormir, ficavam acordados até as últimas horas da madrugada conversando. Discutiam sobre o Problema de Monty Hall. Peter achava óbvio que você

deveria trocar de porta. Alice se recusava a ser convencida. Discutiam se os números tinham cores e personalidades. Peter insistia que sim: o três era azul, o cinco era vermelho, o dois era amarelo e o quatro era laranja; o oito era um chato pomposo e o nove, uma sedutora voluptuosa — e de que cor? Ah, claro que bordô. O nove era vinho. Alice achava que ele inventava tudo aquilo para chamar atenção. Discutiam se, na questão da relação entre linguagem e realidade, Wittgenstein e Lacan estavam escalando a mesma montanha de lados opostos (concluíram que era possível, mas nenhum dos dois entendia Lacan bem o suficiente para afirmar com convicção).

Peter era o melhor tipo de interlocutor: generoso, de mente aberta e curioso. Considerava toda nova disciplina fascinante e lhe fazia perguntas sobre seu próprio campo de estudo que ela nunca havia considerado antes.

— O que Jakobson diz sobre a linguagem? — perguntava ele. — O que é metonímia? O que é metáfora? O que significa o inconsciente ser estruturado como linguagem? O que *é* uma linguagem?

Quando conversavam, ele olhava fixamente para o rosto dela, sem piscar, de uma maneira que, de vez em quando, a fazia gaguejar e deixar cair o que estava segurando. Era difícil para Alice receber a atenção de Peter. Tinha passado muito tempo se perguntando como conquistá-la, e agora que a tinha de sobra, isso a paralisava.

Ele lhe ensinou que a matemática podia ser divertida, às vezes, desde que você estivesse resolvendo paradoxos sobre batatas. Suponha que você tem cem quilos de batata, que são compostas por noventa e nove por cento de água. Suponha que, da noite para o dia, elas sequem e passem a ser compostas por apenas noventa e oito por cento de água. Quantos quilos de batata você tem agora? Apenas cinquenta! *Cinquenta?* Sim, cinquenta, em vez de cem! Mas você perdeu apenas um por cento de água. Como isso é possível?

— É aritmética simples — comentou ele, mas Alice não acreditou.

Ela, por sua vez, ensinou a Peter sobre os poemas acrósticos chineses — escritos de modo a serem inteligíveis não importando a direção em que fossem lidos. Ensinou as complexidades da gramática chinesa, ou, na verdade, como praticamente não havia regra nenhuma, e como, em chinês, as metáforas conceituais para tempo e espaço eram o oposto das do inglês. Os chineses acreditam que é possível ver o passado, mas não o futuro, explicou ela; portanto, só se pode caminhar de costas em direção ao futuro. E Peter, fascinado, declarou que ia aprender chinês para poder entendê-la melhor, até que um breve exercício com tons — e sua total incapacidade de distingui-los — o fez abandonar a esperança de que seria algo fácil.

Naquela época, os dois até desenvolveram a própria linguagem cifrada,

uma combinação idiota de lógica simbólica — que já era engraçada só de se pronunciar em voz alta — e francês, que apenas Alice dominava e que Peter achava hilário. Havia muitos grasnidos, em vez de francês de fato. Essa linguagem não era nem um pouco eficiente, mas os divertia; fazia com que tivessem ainda mais a sensação de que existiam em um plano mental separado de todas as outras pessoas, de que logo desapareceriam dentro de sua própria ordem simbólica e nunca mais seriam compreendidos por ninguém além deles mesmos.

Muitas vezes, tinham crises de riso incoerentes. Ah, como amava a risada dele. Em certo momento da madrugada, com a mente já desnorteada, ambos começavam a achar graça de qualquer coisa, mas, de vez em quando, Alice dizia algo tão absurdo que fazia Peter explodir em uma gargalhada incontrolável, que sacudia seu corpo inteiro. O riso o atravessava, descompassava sua respiração, fazia com que seus braços se agitassem, os cotovelos erguidos diante do peito, como se, sem esse esforço para se conter, a risada fosse parti-lo em milhões de pedacinhos. Quando Peter ria, era como se todo o calor do sol se voltasse para ela, porque *ela* tinha provocado aquilo, tinha pronunciado as palavras que o surpreenderam e o deleitaram a ponto de ele mal conseguir respirar.

Houve um tempo em que tudo que mais queria na vida era fazer Peter Murdoch rir.

Tão frequentes quanto esses episódios eram os momentos de silêncio agradável enquanto trabalhavam. Podiam passar horas sem trocar uma única palavra; tinham desenvolvido um ritmo natural e confortável na companhia um do outro. Tudo de que Alice precisava era o som confiante do giz de Peter riscando a lousa ao seu lado. Não estava sozinha. Estava segura. Havia pelo menos uma outra alma no universo que vibrava na mesma frequência que a dela. E, de fato, essa foi a época em que se sentiu mais feliz: como era maravilhoso, de verdade, ter um amigo cujo silêncio você adorava.

Enfim.

Isso tinha acontecido antes do período em que Alice começou a se lembrar de tudo, portanto já não passava de uma névoa para ela. E mesmo que conseguisse se lembrar, suspeitava de que pareceria longínquo, como uma vida vivida por duas pessoas completamente diferentes — mais jovens, mais alegres e mais inocentes. Eles não eram mais os mesmos. Primos distantes, talvez. Uma familiaridade passageira.

Como as coisas podiam mudar rápido. O trimestre chegou ao fim. O projeto foi concluído. O professor Grimes fez sua apresentação em Bruges e foi aplaudido de pé, e Alice e Peter não tinham mais motivo para virar as noites no laboratório. Então, no mesmo instante, Peter se afastou.

Ela demorou algum tempo para entender o recado. Tola como era, achou que a amizade entre os dois se estenderia além do laboratório, que o que quer que tivesse acontecido durante todas aquelas longas madrugadas ia perdurar. Achava que ele sentia o mesmo. Não tinham aulas juntos, mas ela inventava pretextos para encontrá-lo. Começou a se demorar no saguão dos alunos da pós-graduação, caso Peter aparecesse para tomar um café. Nas noites dos dias de semana, passava pela barraquinha de comida *halal* na esperança de encontrá-lo pedindo as habituais batatas chips com curry. Não tinha nenhum objetivo específico em mente. Nada tão concreto quanto um jantar. Nada tão ousado. Não havia pensado tão longe; a pergunta nem sequer havia chegado a tomar forma. Só queria ouvi-lo rir.

Mas Peter nunca estava lá.

Não podia culpá-lo por isso. Os horários de aula não coincidiam. Não compartilhavam tarefas no laboratório, nem cursavam as mesmas disciplinas. Não havia razão para passarem tempo juntos, exceto o fato de que Alice gostava da companhia dele e queria fazer aquilo mais vezes. Mas Peter não tinha prometido seu tempo a ela. Não devia nada a Alice. Estava ocupado, assim como todos estavam cada vez mais ocupados à medida que as responsabilidades triplicavam. Não podia se ressentir.

Mas nada disso explicava a maneira como ele se comportava quando seus caminhos se cruzavam. Quando passavam um pelo outro no corredor — um saindo da sala do professor Grimes, o outro prestes a entrar —, Peter apenas acenava com a cabeça. Quando compareciam aos mesmos eventos do departamento, não trocavam nada além de formalidades vazias. Oi, tudo bem? Tudo certo, na mesma, trabalhando muito… Legal, é, bom te ver, se cuida. Ela fazia piadas internas, referências que só ele entenderia, mas ele não ria, ou quem sabe nem ouvisse. Em muitas ocasiões, Alice se demorava na porta, esperando para saírem juntos, mas Peter passava direto, sem vê-la.

Era tão humilhante a forma como ficava ali, mendigando a atenção dele — feito um cachorro que não sabia que havia sido abandonado e insistia em voltar. Peter não era rude com ela. Na verdade, era perfeitamente educado, ostentando aquele clássico sorriso Murdoch. Dedicava-lhe a mesma atenção cortês que dispensaria a qualquer estranho.

Mas isso a magoava, porque ela achava que os dois eram tudo, menos estranhos.

E quando, por fim, a ficha caiu — Peter não queria vê-la nem a considerava alguém especial —, mesmo assim continuou sem entender. Não compreendia como alguém podia se abrir completamente com outra pessoa por tanto tempo e depois se fechar de novo com um golpe seco.

Alice queria perguntar o que tinha acontecido, mas não conseguia formular a pergunta de um jeito que não soasse infantil. *Por que você não gosta mais de mim? Por que não quer mais ser meu amigo?* Perguntas da hora do recreio, lamúrias patéticas. Recusava-se a fazê-las, não daria a ele a confirmação de que era maçante demais para merecer sua atenção.

No trimestre seguinte, Alice alternou entre todas as emoções que poderia sentir em relação a Peter — decepção, raiva, ressentimento, saudade —, uma sucessão de angústias unilaterais. Mas, acima de tudo, estava confusa. Todas as barreiras tinham se erguido de novo. Acabou deixada de fora. Havia um abismo entre eles, e não sabia o que tinha feito para causar aquilo.

Em seguida, foi para Veneza. E várias coisas aconteceram em Veneza, e Alice começou a sentir que tudo estava escorrendo por entre seus dedos. Percebeu depois que aquele tinha sido o começo, o momento em que se deu conta de que, em se tratando do professor Grimes, realmente não tinha a capacidade de dizer não.

E então ela voltou de viagem, e tudo desmoronou, e durante o último ano Alice não conseguia passar por Peter no corredor sem baixar os olhos.

Houve certo momento, quando tudo estava dando errado, em que Alice tentou consertar as coisas. Que fique registrado que ela não desistiu do amor com tanta facilidade assim: de fato tentou sentar para colocar as cartas na mesa e entender o que estava acontecendo. Peter continuava a evitá-la, então deixou um bilhete no escaninho dele. Colocou-o bem no topo da pilha de correspondência, em um lugar onde ele não poderia deixar de ver. *Quanto tempo*, escreveu. Queria saber como ele estava. Queria se sentar em algum lugar com ele. Tomar uma xícara de chá. Conversar.

Peter tinha visto o bilhete. Sabia disso porque na manhã seguinte, quando foi verificar, o papel não estava mais lá. Ele tinha ciência de que Alice havia tentado. Simplesmente nunca respondeu.

Se naquela época já tivesse a memória perfeita, poderia ter examinado cada uma das interações entre os dois — todas aquelas madrugadas, todos aqueles sorrisos — em busca de pistas, ou pelo menos do conforto que as recordações trariam. Mas tudo o que passou a receber foram acenos frios no corredor, cumprimentos secos, o movimento esvoaçante do casaco, a nuca de Peter enquanto saía apressado pela porta.

Então vieram as fofocas, as insinuações, as risadas. Passos sumindo no corredor.

Naquele verão, o filósofo Derek Parfit publicou o polêmico *Reasons and Persons* [Razões e pessoas] e, por um tempo, não se falou de outra coisa em Cambridge ou Oxford. Alice o leu com grande interesse. Na verdade, o livro a

ajudou a organizar boa parte de sua confusão. A obra defendia uma concepção reducionista da identidade pessoal: ou seja, a ideia de que não existe uma essência especial de singularidade que permaneça estável ao longo da vida. Usando uma série de experimentos mentais envolvendo transplantes de cérebro, divisão cerebral e teletransporte, Parfit argumentou que as qualidades que pensamos definirem a essência de quem somos — como a continuidade psicológica — na verdade não sustentam nenhum fato mais profundo. Podemos compartilhar as mesmas células, a continuidade corporal e as lembranças de versões anteriores de nós mesmos, mas para por aí. Não há nenhuma grande verdade além disso — não há um *eu* irredutível pairando feito um fantasma. Temos, com a versão de nós mesmos de dez anos atrás, uma relação parecida com a que teríamos com um irmão.

Ora, Alice não entendia muito de filosofia moral e tendia a ser cética quanto à ideia de que alguns experimentos mentais sobre teletransporte pudessem refutar a existência de uma alma imortal, mas considerou aquela perspectiva libertadora. Ela lhe ajudou a entender que nunca tinha de fato conhecido Peter e que ele tampouco a conhecera de verdade. O que conhecera fora apenas uma versão dele, por um breve momento. Mas tirando aquelas lembranças difusas, tirando o fato histórico de que uma vez rira até perder o fôlego com a cabeça apoiada no ombro dele, ela não tinha nenhuma relação significativa com aquela Alice Law que estava se apaixonando por Peter Murdoch. E se uma pessoa podia se reinventar constantemente, removendo as partes de si que causavam vergonha ou dor, como seria possível conhecer alguém de fato? Será que todas as pessoas eram apenas paradoxos ambulantes, mantendo uma ilusão apenas pelo tempo necessário para sobreviverem ao contato com os outros? Será que, no fim das contas, todos não passavam de uma sucessão de mentiras?

E se *isso* fosse verdade, então que diferença fazia o passado que você tinha, o amor que havia compartilhado? Aquela escada não existia mais, os degraus tinham se rearranjado, a alma que você pensava conhecer era uma ficção recém-construída. E, portanto, talvez fosse totalmente possível, ou até comum, olhar nos olhos de alguém por quem você tinha se apaixonado, alguém com quem você tinha passado todos os momentos do dia, cuja respiração soava tão familiar quanto a sua própria… e não a reconhecer mais.



CAPÍTULO CATORZE

— Alice?

Ela estava paralisada.

Piscou, olhando para a própria mão. Aquilo não era imaginação, aquela cena era real. Não tivera intenção de agir, estava apenas analisando as opções, ainda não tinha concluído o raciocínio, era apenas um “e se”, não era o que ela queria…

Mas aquela era sua mão, e estava segurando a maçã verde.

Se não tinha sido ela quem a pegara, então quem fora?

— Eu não quis… — Alice atirou a maçã de volta e pegou a vermelha. — Espera um pouco, eu escolho…

Mas a Tecelã estalou os dedos, e as frutas e a mesa desapareceram diante dela.

— E o jogo terminou.

— Alice, que *porra* foi essa? — gritou Peter.

Ela se encolheu. *Por favor*, queria implorar, *não coloque a culpa em mim, não sei o que estou fazendo, não sou nem mesmo um sujeito, não estou aqui*. Um rugido preencheu seus ouvidos. Suas mãos pareciam tão distantes. Tentou se concentrar, mas não conseguia ver onde elas começavam, onde ficava o limite que a separava do resto do espaço, onde o passado terminava e o presente continuava.

— Pobrezinhos — disse a Tecelã. — Vocês estavam tão confiantes.

Peter deu um passo à frente.

— Qual é o seu problema?

A Tecelã o conteve. Seda esvoaçou entre eles. Alice sentiu uma pressão nas

costas, que foi aumentando até que ela cambaleou para a frente.

— Você! Vá em frente. Caminhe sozinha pelo Inferno e veja como é a liberdade. E *você*… — Um fio de seda dançou em torno do rosto de Peter. Faixas brancas saíram das mangas da Tecelã e se enrolaram nos braços, nos tornozelos e na cintura dele, imobilizando-o feito uma aranha capturando a presa. — Eu vou ficar com você.

— Para! — conseguiu exclamar Alice. — Não…

— Não se preocupe, querida. Eu sei o que você quis dizer.

— Mas não foi isso que eu…

— Você fez sua escolha.

Mais e mais seda saía das mangas da mulher. Peter se debatia, aos berros, mas o tecido em torno de seus braços e pernas se apertou até que tudo o que ele conseguia fazer era se contorcer. Peter esticou o pescoço na direção de Alice.

— Alice, *me ajuda*!

Ela tentou alcançá-lo. O pânico fez com que se concentrasse, e a silhueta de Peter se tornou mais clara, a única coisa nítida em sua visão. Peter, sim, tinha que ajudá-lo.

— Não, querida. — A seda vermelha da Tecelã se inflou entre eles. — Confie no seu instinto.

Alice afastou as faixas.

— Para.

— Você sabe que não há futuro.

A Tecelã virou Peter para encará-la. Havia deixado descoberta apenas a parte do rosto acima da boca, e tudo que Alice via eram os olhos dele, enormes e aterrorizados.

— Era de se esperar que, na maioria das vezes, fosse o homem. Mas é sempre a mulher. Ela sempre tem medo. Quer acreditar nele, mas não consegue. Ele já a decepcionou muitas vezes. Ela sabe que ele vai fazer isso de novo. E, no fim das contas, tem que cuidar de si mesma.

As sedas ergueram Peter no ar e o deixaram pendurado, se retorcendo feito uma enorme larva grotesca.

— Todos vocês fazem parte da mesma história. É sempre o mesmo final. Eu conheço o roteiro e posso reescrevê-lo. Estou lhe fazendo um favor.

Alice se debateu.

— Para, por favor.

— Não se preocupe — cantarolou a Tecelã. — Eu vou amá-lo. Vou amá-lo bem e por muito tempo. Adoro homens frágeis como galhos secos. Precisam de muito cuidado.

Peter tentou gritar, mas uma faixa de tecido apertou sua boca, outra se pôs

sobre seus olhos, e então o único sinal de que ele estava resistindo eram as veias saltadas.

— Siga em frente, querida. Você não vai gostar de assistir.

Ah, Deus, o que ela tinha feito? Alice revirou a mochila à procura da faca de caça. Quando a encontrou, os fios haviam se multiplicado: uma parede de tecido entrelaçado tinha se erguido entre eles. Tentou abrir caminho, mas a seda não cedia, apenas se esticava, prendendo a lâmina. Desesperada, golpeou com mais força. A parede resistia. Peter já tinha sido quase completamente engolido pelo tecido.

Alice mal conseguia ver algo além de um tufo de cabelo castanho. O resto era uma múmia, incapaz de se mover. Tentou puxar a seda com as mãos, para abrir uma brecha e alcançá-lo, mas cada vez que a tocava, ela ficava mais grossa. Não adiantava, Alice era impotente, não podia fazer nada, não podia voltar atrás.

Isso sempre acontece. Ela redobrou os esforços, chorando de frustração. Era sempre assim, não importava o que pretendesse fazer, tudo dava errado de qualquer maneira, porque era estúpida, imprestável, não conseguia se conter, não conseguia manter os pensamentos sob controle, fazia todas as escolhas erradas e acabava machucando todos ao seu redor. Ela vacilou e Grimes morreu; sua mente sucumbiu e Peter foi condenado.

— Não se preocupe — disse a Tecelã. Um fio de seda acariciou o ombro de Alice. — Não pense nisso, querida, logo tudo vai estar acabado.

Clique-claque.

A nuca de Alice se arrepiou.

Clique-claque.

A Tecelã também ouviu. O tear parou. Os fios soltaram Peter, que caiu no chão. A mulher virou a cabeça de um lado para o outro, examinando os penhascos, os olhos arregalados de pânico.

Ela sabe, pensou Alice. *Ela já os viu antes*.

Eles chegaram pelo topo da colina, feito uma onda branca medonha.

Primeiro, atacaram a Tecelã, que gritou. Um turbilhão de tecido chicoteou ao redor de seu rosto, um escudo de seda inútil, mas eles não se intimidaram. Mordiam e arrastavam, puxando em todas as direções, até que a Tecelã mal conseguia ficar de pé, derrubada pela massa rosnenta.

As criaturas de osso estavam mais interessadas em Peter. Praticamente ignoraram Alice, passando direto por ela para alcançá-lo. Logo destruíram o casulo de seda, atirando farrapos de tecido pelo ar. Peter se libertou e levou as mãos à cabeça, tentando proteger o rosto e o pescoço, mas não parava de ser atacado.

— Toma!

Alice tentou deslizar uma faca para Peter, mas as criaturas eram muitas e se aglomeraram em torno da lâmina no momento em que ela a colocou no chão. Com as mãos trêmulas, destampou seu Frasco Perpétuo. Mas ali havia tão pouca água que mal dava para um respingo, era o suficiente apenas para deter as criaturas de osso ao seu redor por alguns segundos. E o Lete estava muito distante, longe demais para que recorressem ao rio.

Peter gritou de dor. Um cão havia saltado em suas costas e cravado os dentes em sua clavícula. Alice tentou alcançá-lo, mas sentiu dezenas de pontadas repentinas de dor. As criaturas tinham decidido prestar atenção nela, estavam atacando seus tornozelos e joelhos. E não paravam de chegar, um fluxo interminável de branco que descia pelas colinas rochosas. Parecia então que os dois iam ser engolidos por uma verdadeira montanha de ossos e que, quando tudo tivesse terminado, não restaria nada além da carcaça limpa, sem nenhum vestígio de carne.

O grupo era tão grande que não havia nada a fazer, a não ser sucumbir ao ataque. Alice fechou os olhos e torceu para que o fim fosse rápido. Previu uma dor excruciante, um milhão de pequenas mordidas. Mas talvez o choque ou a perda de sangue a debilitassem antes disso, talvez sua consciência se esvaísse. E então o restante seria fácil, como adormecer. Mas a dor não veio. Sentiu mil pequenos pontos de pressão contra a lateral do corpo: os focinhos não a mordiam, mas se enfiavam por baixo dela. De repente, as criaturas a ergueram. Algumas se esgueiraram sob seu corpo, formando uma cama de ossos. Em seguida, partiram em um ritmo vertiginoso, feito uma horda de formigas carregando o espólio para o mestre.

Alice se debatia, mas de nada adiantava. Para onde quer que se virasse, outro grupo já estava pronto para contê-la, empurrando-a de volta para o centro. O sol pálido girava acima dela, penhascos afiados recortando o céu alaranjado, o que a desorientava por completo, de modo que não tinha ideia de para onde estavam indo, exceto pela vaga sensação de que estavam descendo, descendo, cada vez mais fundo ao longo das encostas, até que ouviu o Lete rugindo em seus ouvidos, a névoa úmida contra seu rosto. As criaturas de osso viraram bruscamente. Mais abaixo, na margem, Alice avistou um ser mais robusto do que todos os outros, uma amálgama quimérica ereta sobre duas pernas, a cabeça um crânio enorme com presas.

O toque de uma trombeta cruzou o ar.

As criaturas pararam. O efeito foi instantâneo, como se um fio tivesse sido cortado. Sua coordenação precisa se desfez, e seus membros tremeram, frouxos, confusos. A cama de ossos se desfez, e Alice caiu no chão.

Por um momento, tudo ficou imóvel e silencioso.

A trombeta soou mais uma vez, uma nota firme e vigorosa. Então, acima do rugido das águas, uma voz inegavelmente humana disse:

— Vão embora, pestes!

Uma forma escura surgiu sobre o rio, ficando maior e mais próxima a cada segundo. Alice conseguiu identificar a embarcação fluvial mais estranha que já tinha visto: uma espécie de barcaça desengonçada, feita de sucata e ossos, com uma bandeira preta esfarrapada, sem nenhum símbolo reconhecível. No convés, havia um único barqueiro, vestido de maneira tão improvisada quanto o barco: um pirata de lugar nenhum, usando trapos e sobras do submundo. Uma máscara de osso cobria a metade superior do rosto, deixando visível apenas uma boca sorridente e ávida.

— Fora! Pra trás!

O barqueiro saltou com graciosidade na margem e, em um movimento fluido, sacou uma lança das costas. Girou-a duas vezes acima da cabeça — um tanto exibido, pensou Alice — e então pulou à frente e golpeou com tanta rapidez na direção dela que por pouco não atingiu seu nariz. Ouviu-se um estalo, um ganido. A criatura de osso que estava sobre o peito de Alice se despedaçou a seus pés.

O sujeito tinha desferido o primeiro ataque. As criaturas de osso responderam de imediato. O homem girava sem parar, derrubando os animais para todos os lados. Era fascinante observá-lo. As criaturas redobraram a investida, mas o barqueiro parecia bem treinado em suas manobras. Elas atacavam de todos os ângulos, mas ele se antecipava a cada golpe mirando nas articulações, na coluna vertebral, todos os pontos críticos que sustentavam o resto.

— *En garde!*

O homem cravou a lança entre as costelas da criatura que estava sobre Alice e puxou com força. A pressão desapareceu. Ela se sentou, ofegante.

— *Avaunt!*

Alice não achava que esse fosse o vocabulário padrão de um duelo. A figura mascarada parecia, na verdade, estar interpretando um papel, deleitando-se com a própria performance. Parecia estar se divertindo com sinceridade, rodopiando entre aquelas criaturas como se fossem parceiros em uma velha dança, de movimentos ensaiados e refinados.

Os animais caídos se agruparam em torno de seu líder de duas pernas — pareciam estar se preparando para um ataque coordenado. Por um segundo, todos se encararam: o barqueiro solitário de um lado, a matilha sibilante do outro. O líder jogou a cabeça para trás e emitiu o que parecia ser uma série de ordens: *claque-claque-claque*. O bando abriu as mandíbulas de uma só vez, as

patas traseiras se flexionando para saltar.

O barqueiro girou a lança e puxou uma alavanca na outra extremidade. Alice percebeu então que se tratava de um borrifador bastante sofisticado. Água do Lete foi pulverizada no ar, e as criaturas de osso guincharam, recuando aos tropeços.

— Pra trás! — gritou o sujeito.

Os animais sibilaram. Ele borrifou água mais uma vez.

— Eu disse pra trás! Ou transformo vocês em uma pilha de ossos inúteis, estou avisando.

Ouviu-se uma série de ganidos desaforados. Em seguida, as criaturas se reagruparam e fugiram correndo, roçando as pernas de Alice ao passar. Reuniram-se atrás de seu líder de duas pernas, que ficou parado por um instante, olhando em silêncio para o barqueiro, até que ele também deu meia-volta. Em segundos, todos haviam desaparecido nas colinas.

— Já vão tarde. — O barqueiro ofereceu a mão para Alice. — Suba a bordo. Rápido.

Ela via uma clara vantagem em confiar em um estranho que acabara de salvá-los e não em uma semideusa que quase os havia desmembrado, então segurou a mão do homem, que era sólida de uma maneira reconfortante, e deixou que ele a puxasse para a barcaça.

O barqueiro se virou e ajudou Peter a se levantar no momento em que a Tecelã corria em direção ao rio.

— Voltem aqui! — As sedas se projetavam de sua cintura como mãos estendidas tentando agarrá-los. — Ainda não terminei com vocês.

— *Ainda não terminei com você*s — imitou o barqueiro. — Dá o fora, sua vaca ciumenta.

— O Rei Yama vai te castigar por isso!

— Você o irrita mais do que eu. Suma daqui, sua harpia!

O homem empurrou a barcaça com a lança, e ela se afastou da margem no exato momento em que a Tecelã alcançou a beirada da água. O barqueiro apontou a arma para o rosto da mulher e também a borrifou. Alice não sabia ao certo que efeito aquilo poderia ter, mas a Tecelã se engasgou, limpou o rosto e recuou.

Fitas de seda explodiram da terra firme e se espalharam pelo ar feito os tentáculos de um *kraken*, pulsando, tentando apanhá-los. Alice se encolheu, afastando o tecido do rosto, mas o barqueiro foi mais rápido. O barco negro se embrenhou no coração do Lete, e as fitas despencaram, chiando e fumegando ao contato com a água.

Na margem, a Tecelã jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada

estridente.

— Boa sorte, amantes volúveis! — exclamou. — Vocês vão precisar!



CAPÍTULO QUINZE

— Segurem firme!

O barqueiro fincou a vara na margem do rio, e o barco empinou violentamente. Alice tropeçou em Peter, que por sua vez foi arremessado contra a amurada.

— Esses trechos são traiçoeiros. Tenho que tirar a gente das águas rasas.

O pequeno barco oscilava de forma perigosa na correnteza do Lete, mas o barqueiro demonstrava habilidade em mantê-los à tona. Alice viu uma variedade de instrumentos de navegação espalhados pelo convés: varas de propulsão de diversos comprimentos, dois remos, uma roda de leme e até um motor movido a bateria que parecia bastante moderno. A embarcação aparentava ser um híbrido de canoa, barco a remo e veleiro, tudo ao mesmo tempo. O barqueiro se movimentou com agilidade pelo convés, ajustando as velas, depois executou uma série complexa de manobras no leme, até que a embarcação começou a se mover em um ritmo estável, paralelo à margem. Em seguida, ele largou a vara no chão e se aproximou para avaliar os passageiros.

— Olá! — disse, tirando a máscara e revelando grandes olhos castanhos em um rosto magro e simpático. Ele era ela. — Bem-vindos a bordo do *Neurath*. Meu nome é Elspeth.

Alice conhecia aquele rosto. Conhecia aquele nome.

Mas não deveria. Todas as menções àquela mulher tinham sido apagadas dos registros. Havia retratos emoldurados de todas as turmas nas paredes do departamento, com exceção da de 1975. Os professores preferiam fingir que Elspeth nunca existira. Mas os rumores persistiram, passados de turma em

turma, e quando chegou a vez de Alice receber o segredo, ela não resistiu: como tantos outros haviam feito, foi até a biblioteca da universidade e vasculhou os microfilmes até encontrar a mesma notícia do *Cambridge Daily* com uma fotografia borrada daquele rosto, um perfil resoluto e belo, olhos escuros furiosos sobre maçãs do rosto carrancudas.

Elspeth Bayes. Bacharelado em Radcliffe, mestrado em Berkeley; orientanda de Jacob Grimes, especializada em matemática e lógica. Tudo isso Alice lembrava do primeiro parágrafo da matéria do jornal. A mulher havia morrido dez anos antes de ela chegar.

Alice conhecia bem a história. Conhecia todos os detalhes macabros, gravados cada vez mais fundo na memória coletiva sempre que eram recontados, detalhes tão assustadoramente precisos que só podiam ser verdadeiros. Diziam que, em uma manhã de inverno, a equipe feminina do barco VIII do Lady Margaret Boat Club tinha saído para um treino antes da regata de perseguição no rio Cam. Contava-se que, quando as remadoras voltaram para o galpão dos barcos, a timoneira avistou algo escuro boiando na água — um saco de lixo? um amontoado de folhas? —, bem a tempo de ordenar:

— Segurem!

As remadoras cravaram os remos perpendicularmente na água e pararam o barco. *Bum-bum-bum-bum*. Os quatro remos do lado esquerdo bateram um atrás do outro na massa escura enquanto o barco passava e deslizava, paralelo à margem. Diziam que somente a timoneira percebeu o que havia acontecido a princípio, já que só ela estava voltada para a frente. Todas as outras remadoras já haviam deixado o barco e estavam caminhando até o galpão quando ela saiu cambaleando, de pernas trêmulas, e desmaiou na beira do rio.

Os serviços de emergência foram acionados, depoimentos foram tomados e, como a desafortunada timoneira havia cursado uma disciplina introdutória sobre aplicações da magia no período anterior, o corpo inchado e azulado foi logo identificado como sendo de Elspeth Bayes. A frase final dessa história terrível, que ninguém deixava de repetir em voz baixa, entre porções de batata frita e cerveja, era sempre a mesma:

— E o técnico disse: “Bem, se ela não estava morta antes das pancadas dos remos, com certeza estava depois.”

A autópsia não encontrou sinais de violência. A mulher não tinha sido estrangulada, espancada nem esfaqueada. Estava completamente vestida, as roupas ensopadas grudadas à pele. Nenhuma evidência de abuso sexual. A única conclusão possível era que Elspeth havia se afogado no rio Cam por vontade própria, e um bilhete encontrado mais tarde em seu quarto, escrito por ela mesma, confirmou a conclusão da polícia: *Cansada… Estou tão cansada… E só*

me resta agora a escuridão. Digam que eu sinto muito. Digam a ele…

Mas isso foi tudo o que publicaram.

Grimes nunca falava sobre Elspeth. Alice tinha conhecido vários outros ex-orientandos em congressos: eram sempre homens altos, de voz grave, que riam à vontade com outros professores de uma maneira que apenas os jovens bem encaminhados para uma posição permanente na universidade conseguiam. Gabavam-se de terem sobrevivido a Grimes, e Grimes, por sua vez, se orgulhava das conquistas deles. Os alunos que se formavam sob sua orientação passavam a fazer parte de um clube seleto e exclusivo de veteranos autoconfiantes com um futuro brilhante, para quem o nome Elspeth não significava nada.

Mas Alice tinha encontrado os registros. Houve um período — cerca de seis meses antes — em que ficou obcecada e passou uma semana fuçando microfilmes de jornais locais na biblioteca da universidade, parando toda vez que encontrava uma menção a *corpo*, *Cambridge* e *suicídio*. Precisava saber se a história da mulher era real e, caso fosse, qual teria sido a fraqueza que a fizera se jogar no rio. Será que tinha predisposição ao suicídio, ou será que tinha acontecido alguma coisa no laboratório? Quão tênue era, na realidade, a linha entre suportar e não suportar mais? Os estudantes tinham as próprias teorias, e cada vez que a história era recontada, surgia um motivo diferente. Reprovada na defesa da tese. Rejeitada por uma revista científica. Preterida para o cargo na Durham. Mas a cobertura nos jornais era escassa e repleta de clichês vazios. História trágica. Garota frágil. Pós-graduação não é para todo mundo.

— *Ahhhh!*

Arquimedes soltou um miado alegre e correu para a frente, deslizando por entre as pernas de Elspeth como se fossem postes de slalom. Ela riu, encantada, e se ajoelhou para acariciar a cabeça dele.

— É você! — acrescentou.

O gato ronronou. Elspeth olhou para os dois com um sorriso radiante. Alice ficou surpresa ao perceber como era bonita. A foto no jornal fazia com que parecesse severa e sem graça, mas, ao vivo, ela se movia com um charme delicado, quase como um pássaro. A mulher era exatamente o tipo do professor Grimes — esguia, muito magra, cabelos escuros presos em um coque de bailarina —, e essa constatação provocou um embrulho desagradável no estômago de Alice.

— Então vocês são magos? — perguntou Elspeth, olhando-os de cima a baixo. — Só podem ser. Têm manchas de giz por toda parte.

— Peter Murdoch — apresentou-se ele. — E essa é… — Peter não olhou para Alice. — Alice Law.

— Peter e Alice. Prazer.

Elspeth apertou as mãos de ambos com vigor. Sua palma era quente e úmida, e Alice estremeceu ao sentir a solidez. George Edward Moore teria invejado aquela textura.

— Você conhece o Arquimedes? — questionou Alice.

— Quem não conhece? Vem cá, bichano. — Elspeth estendeu os braços. O gato deu um salto e se aninhou no peito dela. — Então… Ramanujan, hein? Sim. Inteligente. Vocês são a primeira dupla que eu vejo realmente conseguir, sabiam? Todo mundo empaca nas Modificações de Setiya, já que não têm base matemática suficiente.

As palavras jorravam da boca de Elspeth, sem pausas nem pontuação. Parecia alheia ao fato de que falava em parágrafos inteiros. Talvez fosse o efeito de uma década de solidão. Talvez eles fossem as primeiras almas com quem Elspeth conversava desde sua morte. Seu olhar se deslocava animado de um para o outro, absorvendo seus rostos.

— Fazer uma jornada ao Inferno era uma verdadeira febre na minha época. Todo mundo dizia que ia fazer isso, mas ninguém conseguia e, nos primeiros anos, eu ficava naquela ponte observando e esperando alguém atravessar. Depois de uns cinco anos, concluí que tinham desistido. Então, quanto isso custou a vocês?

Elspeth fez uma pausa tão abrupta que Alice não percebeu que ela havia feito uma pergunta.

Depois de um momento, Peter respondeu:

— Metade do nosso tempo de vida natural.

— Vocês deviam querer muito vir.

— Nós estamos aqui pra… — começou Peter.

Mas Elspeth continuou tagarelando:

— Eu me pergunto como isso funciona. Acham que vão envelhecer de forma prematura? Será que a morte já está impregnada em vocês, como um câncer? Ou será que vão ser vítimas de algum acidente terrível quando tiverem cinquenta anos? Acham que o chão vai simplesmente se abrir e vocês vão ser engolidos pelo submundo?

Ela disse tudo isso sem qualquer tato. Alice entendia. Depois de uma década no Inferno, o tato não devia parecer mais tão importante.

— É… eu realmente não sei — respondeu Peter. — Espero que não seja a última opção.

— Mas acho que deve ser um pouco assustador — continuou Elspeth. — Chegar aos quarenta e ficar se perguntando se vai morrer de infarto no dia seguinte…

— O que eram aquelas coisas? — interrompeu Alice. Ela pensou que, se a

mulher ia ficar falando tanto daquela forma, poderia pelo menos conduzir a conversa para algo produtivo. — Deu pra perceber que você já tinha se encontrado com elas antes.

— Ah, eu chamo aquelas coisas de pequenos farejadores. — Elspeth fez uma careta. — Dispositivos de osso. Movidos a algum poder que eu não conheço… Mas eles têm medo do Lete, como vocês viram. Isso ajuda. Já faz um tempo que venho coletando borrifadores. — Ela acenou com a vara. — Este aqui é um frasco de perfume. Dior. Cheirem.

Os dois cheiraram.

— Muito bom — comentou Peter.

— Mas quem controla essas criaturas? — perguntou Alice. — É alguma divindade?

— Ah, pior. Um mago. — Elspeth baixou a vara. — Algum de vocês já ouviu falar dos Kripke?

— Não — falou Peter.

Ao mesmo tempo, Alice exclamou:

— Ah, meu Deus!

* * *

Os Kripke não faziam parte do corpo docente de Cambridge, nem em seus sonhos mais ousados, já que eram um anátema para o meio acadêmico inglês. Na verdade, eram artistas visuais e ilusionistas de Berkeley, onde incentivavam esse tipo de magia selvagem e pouco convencional. Magnolia Kripke trabalhava com óleos e aquarelas. Nicomachus Kripke fazia truques de mágica com as mãos. Eram um tipo raro de eruditos que conseguia lotar tanto um auditório de Las Vegas quanto uma sala de aula em Harvard. Com apenas tinta preta e branca, eram capazes de criar labirintos dentro de um armário que faziam quem entrava ali ter a sensação de estar caminhando por um pátio inteiro. Com apenas espelhos e luz, convenciam o público de que haviam viajado décadas no tempo.

Seu apelo comercial, porém, fazia com que muitos no meio acadêmico não levassem suas pesquisas a sério. Afinal, era uma regra de ouro na academia que, quanto mais popular uma pessoa fosse entre o grande público, menos valiosas eram suas contribuições intelectuais. Alice não concordava — na verdade, tinha sido fã de Magnolia Kripke durante os anos de graduação, assim como muitos jovens magos de sua geração, e achava que, por trás da pompa e do espetáculo do casal, havia avanços teóricos verdadeiramente impressionantes. Para a maioria de seus colegas, no entanto, os dois eram apenas ilusionistas: artistas do entretenimento, não pensadores sérios. A administração de Berkeley parecia

concordar. No mesmo ano em que os Kripke esgotaram uma turnê pela América do Norte, seus pedidos de efetivação foram negados. Contribuições insuficientes para o campo. Se ao menos tivessem passado menos tempo se divertindo fazendo espetáculos e mais tempo publicando.

Era possível que essa afronta tivesse levado os dois a desaparecer da vida pública por cinco anos — corriam boatos de que, durante esse tempo, eles foram financiados por milionários diletantes após perderem o vínculo com a universidade — e então reaparecer para uma apresentação dramática no Royal Albert Hall, em Londres. Seu último truque, anunciaram, seria retornar do Inferno.

Nas semanas que antecederam o evento, eles distribuíram convites por todo o país — papéis enigmáticos, totalmente pretos, com os dizeres PASSAGEM DE IDA E VOLTA AO INFERNO, e o subtítulo *Professores Nicomachus e Magnolia Kripke*.

Apenas um punhado de acadêmicos compareceu. Pelo que Alice soubera, a maioria das pessoas foi desencorajada pelo que parecia ser uma manobra para chamar atenção. O casal havia convidado três membros do conselho da Real Academia de Magia, o quórum mínimo exigido para atestar oficialmente a eficácia de qualquer nova técnica mágica, mas os convites foram recusados. Era provável que os Kripke fossem apresentar apenas um espetáculo gótico grandioso: luzes, labaredas infernais, quem sabe a "invocação" de um demônio ou dois. Um belo show, mas não magia de fato.

Portanto, ninguém estava esperando quando, diante de mil espectadores, Nicomachus e Magnolia Kripke cortaram cuidadosamente as artérias carótidas um do outro, deitaram-se e sangraram até a morte no palco.

No mesmo instante, a comunidade acadêmica se distanciou do que havia acontecido no Royal Albert Hall. Aquilo não era magia, apenas teatro vulgar. A Conferência Internacional de Magia teve um papel crucial nesse movimento. Não podiam permitir que a reputação dos Kripke arrastasse o restante da área de pesquisa junto. Tinham feito tantos avanços desde os tempos em que eram desacreditados como pseudociência e bruxaria, e toda aquela encenação pagã e satânica do casal era muito prejudicial para a legitimidade do campo.

O consenso foi de que tinham enlouquecido. Essa narrativa era muito conveniente. A magia, sobretudo daquele tipo, fazia com que as pessoas perdessem o contato com a realidade. A primeira regra que todo estudante de pós-graduação aprendia era que, na base de todo paradoxo, ficava a verdade. Que você nunca deveria acreditar por completo na própria mentira, ou perderia o controle sobre o pentagrama. Que a magia era um ato de enganar o mundo, mas não a si mesmo. Era preciso sustentar duas crenças opostas na mente ao mesmo

tempo. Era preciso saber o caminho de volta.

Mas Nicomachus e Magnolia tinham passado a viver em tramas de fantasia cada vez mais complexas. Era inevitável que houvessem enfim perdido o controle da realidade, convencendo a si mesmos de que realmente tinham poder sobre a vida e a morte. Deixaram de ser magos. Tornaram-se apenas charlatães, perdidos nas próprias ilusões.

Portanto, quando ambos morreram, a comunidade acadêmica reagiu com pouca cerimônia. Ninguém publicou uma retrospectiva do trabalho deles, ninguém organizou uma coletânea póstuma em sua homenagem, ninguém batizou uma cátedra com seus nomes. Os dois orientandos do casal que ainda restavam abandonaram os respectivos programas. Um deles foi trabalhar como designer de efeitos visuais em Hollywood, e o outro, da última vez que se teve notícias dele, estava vivendo em uma comuna nos arredores de Palo Alto.

Alice sabia dos Kripke, pois havia pesquisado obsessivamente tudo e todos que tivessem qualquer relação, mesmo que de forma vaga, com jornadas ao submundo. Havia topado com uma cópia do panfleto da apresentação deles no Royal Albert Hall, rasgada e manchada de sangue, esquecida no fundo de uma caixa de arquivo. Encontrara as poucas anotações de pesquisa de Nicomachus e Magnolia que estavam acessíveis ao público — o resto se perdeu quando a casa da família Kripke foi vendida. Mas não era de admirar que Peter não tivesse reconhecido os nomes deles. Afinal de contas, não fazia muito sentido estudar sobre a obra de alguém que foi ao Inferno e não conseguiu voltar.

* * *

— Desde então, eles têm percorrido os oito tribunais.

Elspeth estava fazendo algo complicado com o cordame e as velas. Naquele momento, já estavam bem longe da margem, e o *Neurath* deslizava suavemente em águas mais profundas e tranquilas.

— No início, os dois continuavam parecendo humanos. Quando ainda se importavam com o que tinham sido. Desde então, eles se adaptaram, foram assumindo mais e mais… atributos de divindades, por assim dizer. Comecei a ver aqueles pequenos farejadores há alguns anos. — Ela fez uma careta. — Criaturinhas desagradáveis. Os Kripke reuniram um verdadeiro exército.

— O que eles *são*? — perguntou Peter. — Quer dizer, que tipo de magia…

— Eu bem que queria saber. Tenho duas teorias. A primeira é que os dois pegaram Sombras e as vincularam a matéria viva… o que é aterrorizante, porque, se conseguem fazer isso, estão a um passo de conseguir qualquer coisa. É por esse motivo que acho isso improvável.

— E qual é a outra teoria?

— Que eles separaram partes de si mesmos e colocaram nos ossos. Que essas criaturas são satélites da própria mente dos Kripke.

Peter empalideceu.

— Mas isso… Quer dizer, isso é magia incrivelmente sofisticada.

— Bem, os Kripke tiveram bastante tempo. Eu acho que sempre foram subestimados como magos de verdade. As coisas que desenvolveram aqui embaixo revolucionariam o campo lá em cima, se ao menos eles conseguissem sair daqui pra publicar algum artigo.

— E aquela criatura maior? — indagou Alice. — A que anda sobre duas pernas.

— Eles ainda têm aquela coisa?

— Ela se move de forma diferente das outras — comentou Alice. — É mais deliberada, como se tivesse vontade própria. Os Kripke têm introduzido inovações?

— Não. — A expressão de Elspeth ficou tensa. — Não, aquele é o filho do casal.

Alice e Peter exclamaram ao mesmo tempo:

— *O quê?*

— Theophrastus — disse Elspeth. — Uma graça de menino. Eu o vi uma vez em um hotel, durante um congresso. Estava brincando com uns dinossauros de plástico. Ficava batendo um no outro e gritando que eles precisavam se reproduzir pra salvar a espécie.

Alice sentiu um aperto no peito.

— Os Kripke não…

— Decidiram que não queriam deixar o filho pra trás — explicou Elspeth. — Então trouxeram o menino junto. Deram a ele um pouco de suco com arsênico antes do espetáculo e recolheram sua alminha morta logo depois que desceram.

— Isso é horrível — comentou Peter. — Eles… Eu não consigo acreditar que eles *assassinaram*…

— Não foi assassinato. Não do ponto de vista dos Kripke — corrigiu Elspeth. — Vocês têm que entender: os dois acham que ainda vão encontrar uma saída. Então, na visão deles, tudo o que fizeram foi trazer o filho junto na viagem. Nada muito diferente de acompanhar a mamãe e o papai em um congresso de fim de semana em Birmingham.

— Então, ainda estão tentando levar essa coisa toda até o fim? — questionou Peter.

— A Grande Busca. — Elspeth assentiu. — Os dois estão presos a ela há

anos. Já passaram por todos os oito tribunais a essa altura. Com certeza descobriram lugares que nem mesmo eu explorei. E vêm reunindo seus… assistentes de pesquisa, digamos assim. Antigamente eram só um ou dois farejadores que eu via perambulando por aí. Agora são dezenas patrulhando cada tribunal. Até hoje, nunca tinha visto tantos reunidos num só lugar. Os Kripke devem estar muito empolgados com vocês.

— O que eles estão procurando? — perguntou Alice.

— Qualquer coisa que possa ser útil — respondeu Elspeth. — Todo tipo de coisa acaba vindo parar no Inferno, sabiam? Nem sempre de propósito. Em geral são objetos. Brinquedos de infância. Móveis velhos. Coisas enterradas em caixões ou descartadas em locais de morte. Ossos, muitos ossos.

Elspeth gesticulou para si mesma, e Alice notou, ao examiná-la mais de perto, que sua armadura não era de aço, mas uma intrincada placa de ossos e sucata metálica conectadas. De sua cintura, pendia o que Alice esperava ser o crânio de um coelho. No pescoço, havia uma corrente de metal que talvez já tivesse sido usada para dar descarga em um vaso sanitário. Parecia vestida para um show de rock usando apenas itens encontrados no esgoto.

— Às vezes, são animais. Ratos, principalmente. Um ou outro cachorro. Eles não mexem com gatos. Ninguém mexe com gatos. — Elspeth fez carinho atrás das orelhas de Arquimedes. — Não, não mexemos mesmo. Bom garoto. Às vezes, pessoas chegam antes da hora, o que não acontece com frequência. Elas têm que estar muito perdidas ou muito próximas da morte. É horrível de ver. Nunca mais encontram o caminho de volta lá pra cima. Elas morrem, e então a alma… — A mulher ficou mexendo na corrente. — Eu vi uma criança certa vez. Uma coisinha tão magra. Não tinha sido amada. Nem parecia se importar com onde estava, pra falar a verdade. Ninguém vai parar no Inferno se tiver outro lugar para onde ir. Tentei mandar o menino de volta lá pra cima. Mas os Kripke o pegaram primeiro.

— E o que fizeram depois? — perguntou Peter.

Elspeth arqueou as sobrancelhas para ele.

— O que você acha?

Alice olhou para trás, para a margem, para as areias enganosamente vazias. Quanta sorte tiveram. Que tolos haviam sido.

— Já não são mais humanos — explicou Elspeth. — Não têm mais senso de compaixão ou justiça. Não dá pra argumentar com eles. Perderam toda a perspectiva sobre a vida e a morte. As únicas coisas que lhes restam são o conhecimento, os recursos e a Grande Busca.

— Nossa. — Peter abraçou o próprio peito. — Então é melhor a gente reencarnar logo. Acabar de uma vez com isso.

— Ah, meu querido. — Elspeth balançou a cabeça. — Ninguém contou a vocês?

— Contou o quê?

— Você não reencarna se morrer aqui. O Inferno já opera em outro plano metafísico. Aqui nós somos todos feitos de alma. Quando se morre no Inferno, não é só o corpo mortal que se desintegra, mas a substância da alma também. — A mulher bateu no próprio peito. — Tudo isso aqui se dissipa. Se morrer aqui embaixo, é o fim da linha. Aniquilação total do ser.

— Mas ninguém falou isso pra gente — disse Alice.

— Porque ninguém sabe. Todos os relatos de viajantes são de pessoas que conseguiram voltar, não é? Olhar enviesado dos sobreviventes, essas coisas. Mas eu já vi. A morte da alma. Já vi os Kripke matarem uma, na verdade. Eles fazem isso com Sombras também, já que descobriram um jeito. É um processo horrível. Só os gritos… Sempre tem uma pequena explosão quando uma alma se desfaz.

Peter ficou em silêncio.

Alice, ainda olhando para as dunas, pensou nas criaturas presas na teia da Tecelã. Aquelas figuras contorcidas. A Tecelã também não havia deixado nenhum de seus amantes seguir em frente. Apenas os mantivera presos, tirando até a última gota de entretenimento deles, até que… Até que…

— Enfim! — exclamou Elspeth, com um tom animado. — Quem está com fome?

Os dois a encararam, incrédulos.

— Vocês estão morrendo de fome, não estão?

Elspeth estava conduzindo o barco de volta para a margem. Alice não tinha prestado atenção na direção em que estavam navegando; sabia apenas que haviam contornado os penhascos perigosos e estavam de volta a margens planas e monótonas.

— Devem estar, sim. Imagino que estejam sobrevivendo à base de pão Lembas. Nada mais dura aqui embaixo. Só que não dá pra viver disso.

— É verdade — concordou Alice. — Mas o que…

— Magnífico! Vamos jantar.

— Achei que você não precisasse comer — comentou Peter.

— Claro que não. — Elspeth coçou a parte de trás da cabeça de Arquimedes. — Mas preciso alimentar este aqui. O que vocês acham de ratos?

Nem Peter nem Alice souberam como responder.

Elspeth riu.

— As armadilhas ficam logo depois da margem. Não vou demorar nem cinco minutos. Não soltem o barco e não saiam por aí. — Ela pendurou a vara borrifadora nas costas e subiu na amurada. — Tem mais borrifadores embaixo do

convés se precisarem. Fiquem secos!

Com um movimento gracioso, a mulher saltou da lateral do barco e aterrissou suavemente na margem. Virou-se, acenou para os dois e desapareceu, correndo pelas dunas.

* * *

Por um momento, Alice e Peter ficaram lado a lado, observando a terra firme deserta. O silêncio era angustiante.

— Bem. — Ela olhou para ele. — Minha nossa. Que dia.

Ele não disse nada.

Estava furioso, isso era evidente.

Alice nunca havia visto a raiva de Peter antes. Durante a maior parte da carreira dos dois, ela nem sabia que Peter Murdoch era capaz de ficar com raiva. Sempre mantinha aquele sorriso simpático no laboratório; quando os alunos de graduação bagunçavam seus pentagramas, ele simplesmente os animava e, em seguida, devagar e com muita paciência, lhes mostrava como fazer as coisas direito. Todos os outros no departamento guardavam rancor, vez ou outra perdiam a paciência quando dormiam pouco. As pessoas viviam se desculpando no departamento deles: *Me desculpa por ter chamado você de idiota, não foi isso que eu quis dizer, não acho que você seja um idiota*. Mas nunca Peter.

Por isso, ela não sabia o que fazer com aquele muro de silêncio que ele tinha erguido. Queria que ele gritasse, se enfurecesse, que a xingasse ou batesse com os punhos em alguma coisa. Qualquer coisa era melhor do que aquela expressão dura.

— Será que podemos conversar? — A voz de Alice saiu muito baixa. — Murdoch?

Peter não se virou para encará-la.

— Não tenho como te impedir, ou tenho?

— Sinto muito pelo que aconteceu.

— Ah, é mesmo?

Um nó se formou na garganta dela.

— Eu não queria… Só olhei pra *baixo* e…

— E a maçã pulou na sua mão? — Peter bufou. — Tínhamos um plano, Law. Era muito simples.

— Eu sei, só que eu…

— Só que você me condenou? Por diversão?

— Eu não queria… Não sabia…

Peter a observava, de braços cruzados, com as sobrancelhas arqueadas

como quem diz: *Vai, continua*.

Mas que explicação poderia dar? Tinha sido sua mão. Tinha sido a maçã verde.

— Às vezes…

Alice mal conseguia falar. Não sabia como descrever o que tinha acontecido. Nunca tinha verbalizado aquilo para ninguém. Passara tanto tempo fingindo que não era um problema, já que admitir o problema significava torná-lo real, e isso ela não ia suportar. *Minha mente está com defeito, e eu não consigo consertar, não consigo separar realidade de sonho*. Isso não podia ser verdade. Não conseguiria viver se fosse.

— Às vezes tento pensar e tudo explode ao mesmo tempo, e eu não sei onde estou nem o que estou fazendo.

— O que está tentando me dizer, Law? — debochou ele. — Que a sua tatuagem te deixou burra?

Ela se encolheu.

— Que você não consegue seguir instruções simples? Ou que simplesmente queria me ver morto?

— Não foi isso que eu…

— Então me diz no que você está pensando! — esbravejou Peter. — *Você pegou a maçã verde*. Você ia me deixar preso lá. E mesmo que tenha mudado de ideia, ainda assim considerou essa opção. Você queria que eu *morresse*.

— Eu não…

— De um ponto de vista objetivo, você quis!

— Eu não queria! — gritou Alice. — Eu não sabia, não conseguia entender. Eu só fiquei com medo de você fazer o mesmo.

Ele ergueu as mãos, frustrado.

— Por que diabos você acharia isso?

— As suas anotações — disse ela, desesperada. — Eu vi nas suas anotações o feitiço de troca.

— Troca? — Os olhos dele se arregalaram. — Pensou que eu ia trocar *você*?

— O que mais aquilo poderia significar, Murdoch? Como diabos eu deveria interpretar aquelas palavras?

Peter balançou a cabeça. Alice não conseguia entender. Seria melhor se ele parecesse sentir culpa, porque assim pelo menos a narrativa dela faria sentido, e todas as cartas estariam na mesa. Então, pelo menos, os dois seriam inimigos declarados, e ela teria motivos para odiá-lo. Mas na verdade Peter parecia ainda mais furioso do que antes.

— Acha mesmo que sou esse tipo de pessoa? Que seria capaz de… trocar a

sua alma, como se você não fosse nada?

— Não sei. — Alice mal conseguia ouvir a própria voz. — Talvez eu não saiba o que pensar de você. Não sei do que você seria capaz.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela soube que aquilo era a pior coisa que poderia ter dito.

— Meu Deus, Law. — Peter ainda se recusava a encará-la. — Você não tem ideia do que está falando.

Então me explica!, ela quis gritar. Se ao menos a súplica fosse capaz de romper a couraça dele, se ao menos Alice pudesse implorar o suficiente para que Peter fosse honesto com ela. Mas o abismo entre os dois parecia ter se tornado intransponível, e tudo que lhe vinha à cabeça não parecia ser o bastante. Ainda assim, precisava tentar, e tinha acabado de abrir a boca, procurando desesperadamente a coisa certa a dizer, quando Peter se pronunciou:

— Sabe, pensei que… — Ele engoliu em seco. — Não sei. Por alguma razão, eu ainda achava que você não fosse igual a ele.

Alice se sentiu pior do que se Peter tivesse lhe dado um soco na cara.

Algo bateu na lateral do barco.

— Jantar! — Elspeth subiu a bordo e se curvou para mostrar o que havia conseguido. — Vocês deram sorte. Estão fresquinhos!

Alice olhou para baixo, piscando. Três ratos gordos jaziam amarrados por um barbante.

— Acende o fogo naquele fogão — orientou Elspeth a Peter com uma das mãos. Com a outra, sacou uma faca de açougueiro. — Os fósforos estão embaixo da tampa.

Sem dizer uma palavra, Peter obedeceu. Alice permaneceu onde estava, com os braços envolvendo firmemente as costelas. Sentia um zumbido terrível nos ouvidos. Tinha medo de se mover. Tinha certeza de que, se descruzasse os braços, se despedaçaria.

Elspeth parecia alheia à tensão entre os dois e continuava tagarelando com alegria enquanto esfolava os animais.

— Ratos são o mais fácil de se achar por aqui. Ratos e toupeiras. Eles ficam cavando cada vez mais fundo pra ver até onde conseguem chegar. É lógico que acabam no Inferno. Aranhas também, mas essas não dá pra gente comer. — Ela enfiou os polegares na carne e puxou a pele, que se soltou em um rasgo com um ruído medonho. — Eu guardo os ossos. São tão pequenos e vêm em tantos formatos diferentes… mas costumo jogar a carne fora. Esses bichos são mais carnudos do que parecem, de qualquer forma. Vão deixar vocês de barriga cheia rapidinho.

Em pouco tempo, Elspeth já tinha colocado os ratos para assar em um

espeto sobre o fogo. Enquanto eles douravam e crepitavam, ela fez um grande estardalhaço ao arrumar pratos e talheres em uma mesa dobrável e bamba que retirou de debaixo dos remos.

— Encontrei essas belezuras há alguns anos, na margem do Desejo. Os pratos costumam aparecer rachados e aos pedaços, mas estes aqui… vieram inteirinhos, não são lindos? — A mulher parou por um instante e observou a expressão receosa dos dois. — Ah, vão em frente. Não é comida do Inferno, é segura.

Alice se lembrou dos jantares humildes nos apartamentos dos pós-graduandos. Não fazia sentido cozinhar em casa em vez de comer no refeitório, onde a comida podia não ser melhor, mas com certeza era mais farta. Ainda assim, eles adoravam receber uns aos outros. Era encantador, de um jeito um tanto patético, como exibiam suas aquisições de bazares de caridade, como Belinda insistia para que todos elogiassem sua leiteira de porcelana levemente lascada, com estampa de gatinho, quando se reuniam em seu apartamento para tomar chá. Nenhum deles tinha dinheiro para comprar um jogo de louça completo, uma mesa decente ou mesmo uma toalha que a cobrisse, mas ainda assim se orgulhavam de compartilhar as garrafas baratas de vinho do Porto que encontravam no Sainsbury’s, porque, afinal, era um luxo ter um vinho desses. Certa vez, em seu primeiro ano, Alice encontrou uma molheira de prata na Oxfam, e todos se sentaram no chão de seu apartamento para comer molho de cogumelo em pleno abril. Era bom receber visitas, brincar de dona de casa e fingir que eram adultos de verdade.

Portanto, aceitou uma coxa de rato fumegante, mesmo que fosse só por educação. Mas então seu estômago assumiu o controle e ela dispensou os talheres, enfiando a carcaça na boca para que os dentes pudessem alcançar a carne entre os ossos.

— Agora sim. — Elspeth colocou mais carne no prato de Alice. — Não esqueça de se hidratar. Não está se sentindo melhor?

Alice estava se sentindo *muito* melhor. Uma névoa parecia ter se dissipado de sua mente. Era a primeira refeição caseira que fazia em muito tempo — no departamento, era só pão Lembas e chá frio —, e ela comeu com tanta voracidade que em pouco tempo tudo o que restava era uma pilha ordenada de ossos, sugados até ficarem limpos.

Ela pousou o prato. Um arroto úmido escapou de sua boca.

— Desculpem.

— Imagina. — Elspeth parecia muito satisfeita. — Fico feliz que tenha gostado.

— Então, Elspeth. — Peter deixou o garfo de lado. Não tinha olhado uma

única vez para Alice desde que Elspeth voltara. Agora falava como se ela não estivesse lá. — Eu estava me perguntando… Como você e os Kripke usam magia aqui?

— Como assim?

— Nós achávamos que… que talvez não funcionasse aqui embaixo. Que a areia absorvesse tudo.

— Ah. — Elspeth riu. — Vocês ainda não descobriram?

Ela sacou uma faca do cinto. Alice e Peter recuaram por instinto, mas Elspeth segurou a ponta contra o próprio pulso e pressionou. O que escorreu não foi exatamente sangue, mas uma substância espessa azul-escura.

A mulher estendeu a outra mão.

— Giz?

Peter procurou no bolso e lhe entregou um pedaço.

— Vocês precisam cuidar de alguma coisa?

— Cortes e hematomas — respondeu Peter.

— É claro. O Paradoxo de Curry serviria?

— Acho que sim.

Os dois ficaram observando, em silêncio, enquanto Elspeth mergulhava o giz em seu não sangue como se fosse um tinteiro e desenhava um círculo perfeito no convés, ao redor dos próprios pés. O pentagrama não era de um branco imaculado, mas de um verde fosforescente que lançava uma luz pálida em volta de seus tornozelos. Mas não se apagava.

O Paradoxo de Curry. Ensinado em aulas de Introdução à Magia Analítica, tratava-se de uma brincadeira com enunciados condicionais e autorreferências que podiam, apenas por um instante, tornar verdadeira qualquer afirmação arbitrária. Por exemplo: *Se esta afirmação é verdadeira, então porcos podem voar*. Chame essa afirmação de S. A afirmação S tem a estrutura “Se S, então P”. Se você a escrever como uma prova lógica, acabará demonstrando que S é verdadeira, porque de fato escreveu “Se S, então P”. Logo, a afirmação S é verdadeira, e porcos podem voar. A afirmação S é verdadeira, e Peter não tem ferimentos.

— Pronto! — exclamou Elspeth.

Peter recolheu o braço, passando os dedos sobre a pele agora intacta.

— Obrigado.

— Eu descobri isso já tem um tempo — continuou Elspeth. — É a única coisa que faz o giz funcionar. É algum tipo de força vital que se funde com a energia morta-viva do giz. Cria uma espécie de… isolamento, eu acho, contra os sedimentos. Mas não funciona tão bem com o meu sangue. — Ela deu um tapinha no braço pálido, que não sangrava. —Seja lá o que isso for, parece uma

frágil imitação da coisa real. Ao que tudo indica, a força vital é a chave. Não há muita que se possa extrair de uma Sombra. Mas o sangue de vocês está quente, está pulsando.

Ela piscou para a faca e então para os dois, com um olhar tão faminto que chegava a causar desconforto. Alice puxou a manga da camisa sobre o pulso.

— É só mergulhar de leve, então? — perguntou Peter. — Isso é suficiente?

— Quanto mais, melhor. O efeito parece proporcional ao… bem, ao sacrifício. — Elspeth piscou de novo, depois pousou a faca. — O Curry é fácil. Não exige muito.

— Quanto um feitiço mais complexo exigiria?

— Depende do sangue — respondeu a mulher. — Com o de uma Sombra, bastante. Com o dos vivos, não sei.

— Vamos tentar?

— Faz o Banach-Tarski — sugeriu Alice. — Faz o Banach-Tarski no seu frasco.

O Paradoxo de Banach-Tarski provava que era possível dividir uma esfera em um número finito de subconjuntos de pontos e remontá-los em duas esferas de volume idêntico ao da original. Alice não conseguia executar aquele feitiço por conta própria, sabia apenas que envolvia matemática avançada, algo relacionado com a teoria dos conjuntos e pequenos infinitos. Mas sabia que Peter dominava esse feitiço, e isso bastava.

A ideia vinha rondando sua mente havia algum tempo. Precisava de um Frasco Perpétuo que funcionasse. O dela estava estragado. O de Peter estava intacto. Sozinha, morreria de sede em pouco tempo, mas, com um frasco duplicado, ficaria segura, independente e livre para seguir o próprio caminho.

Se Peter também havia chegado a essas conclusões, não demonstrou. Pegou a mochila e tirou o Frasco Perpétuo.

— Agora o sangue — instruiu Elspeth. — Os nós dos dedos são melhores, você não corre o risco de atingir um tendão.

Peter hesitou.

Alice sacou sua faca.

— Aqui. — Ela cravou a ponta afiada na junta do polegar, cada vez mais fundo, até o sangue se acumular ao redor do metal. — Assim está bom?

— Talvez — respondeu Elspeth.

Alice estendeu a mão para Peter, que hesitou por um instante, então pressionou o giz contra o polegar dela. Ele absorveu o sangue como uma esponja: em alguns segundos, o bastão inteiro ficou vermelho.

Rapidamente, Peter desenhou um círculo ao redor do frasco, inscreveu o paradoxo e o recitou em voz alta. O Frasco Perpétuo brilhou. Peter estendeu a

mão e o pegou. Quando o retirou do centro, a cópia permaneceu no lugar. Alice, que observava, não pôde conter um pequeno suspiro. Não importava quantos feitiços já tivesse visto, não importava quanto tempo tivesse estudado magia, o ato em si ainda a assombrava: o fato de que era possível enganar a conservação de massa. De que uma coisa pudesse ser uma, e então duas.

— Experimenta — incentivou Peter.

Ele estava certo em verificar. As cópias de Banach-Tarski nem sempre funcionavam direito. Por um lado, sempre pareciam mais frágeis. Quando era comida, nunca tinha o mesmo sabor. Quando era vinho, faltava profundidade — como se a cópia soubesse que devia sua existência a uma brecha matemática. Eles tinham o péssimo hábito de desaparecer de maneira aleatória — quando dois decidiam se reunir em um de novo —, mas Alice não podia fazer nada quanto a isso.

Destampou o frasco e colocou um pouco de água dentro. Em seguida, bebeu. O líquido estava puro, fresco.

— Funcionou.

— Ótimo. — Peter não a encarou. — Fica com ele.

— Obrigada.

Alice guardou o frasco duplicado na mochila. O polegar ainda sangrava. Ela o pressionou contra a barra da camisa e apertou com força.

— Então, os Kripke. — Peter se virou para Elspeth. — De quem é o sangue?

— Ah, por favor — retrucou Elspeth. — Por que acha que eles têm todas aquelas patrulhas?

Peter piscou, sem palavras. Alice estremeceu. Elspeth os observava com uma satisfação sombria.

— Pensem bem — continuou. — Em todas as suas pesquisas em tartarologia, por acaso encontraram algum registro da última década? Me contem. Estou mesmo curiosa.

Peter inclinou a cabeça.

— Hum.

— Nenhum. — Alice tinha certeza disso. — Nem um boato sequer.

— E por que acham que não encontraram nada?

— Não me diga que os Kripke pegaram todos eles — disse Peter.

— Os dois se certificam de que não haja sobreviventes. — Elspeth assentiu. — Todo mago que vem até aqui é caçado. Ninguém vai voltar do Inferno antes deles, entendem? Ninguém vai ter a primazia sobre essa descoberta. Eles roubam o giz, as anotações e os livros. Às vezes, interrogam as vítimas pra obter informações sobre os últimos avanços na área. Eu já vi pobres

almas esticadas no cavalete durante dias e dias. E sempre, sempre, termina com os Kripke drenando o sangue. Enchem bolsas de couro, encharcam os bastões de giz e seguem caminho.

— Isso é doentio! — exclamou Peter.

— Isso é pesquisa científica — retrucou Elspeth. — Já falei que nada importa pra ninguém no Inferno. Cachorros, esquilos, crianças perdidas… — A garganta dela pulsava. — São todos apenas combustível pra eles. Matéria-prima pra Grande Busca.

— Você fica repetindo essa tal de Grande Busca — comentou Alice. — O que isso significa?

— Não é mais assim que chamam? Por que vocês estão aqui, então?

Alice trocou um olhar rápido com Peter. Parecia óbvio que a última coisa que deveriam contar a Elspeth era quem estavam procurando.

— Acho que nós…

— Talvez tenha se tornado um termo ultrapassado a essa altura. — Elspeth coçou o queixo. — Enfim, era assim que todo mundo chamava no meu ano. O objetivo era ir ao Inferno e voltar. Era a maior moda. Começou com os Kripke, e depois todo mundo queria tentar. Nada como um fracasso espetacular pra inspirar milhares de seguidores. Houdini só escapou das garras da morte; ele nunca voltou do outro lado.

— Mas você não estava nessa busca — disse Peter. — Você… Quer dizer, pensei que…

— É, foi só um suicídio comum — respondeu a mulher secamente. — Mas então descobri bem rápido que não queria ficar aqui, não é?

Peter concordou com a cabeça.

— Sim, isso é bem razoável.

— Então agora estou na Grande Busca, assim como os Kripke. E todos nós estamos procurando a mesma coisa pra sair.

— E o que seria? — perguntou ele.

— Ora, a Contradição Verdadeira — explicou Elspeth. — A Dialeteia.

Alice quase derrubou o prato de tanta empolgação. O poder de uma contradição verdadeira — o Princípio da Explosão — era a primeira coisa que se aprendia nas aulas de lógica. *Ex contradictione quodlibet*: de uma contradição, qualquer coisa pode ser obtida. Se você tivesse uma Contradição Verdadeira, então poderia provar o que quer que fosse. Na verdade, isso explodia os limites de prova. Ela havia aprendido a versão boba e informal: se aceitasse a simples contradição de que um e dois são o mesmo, você poderia provar que era o Papa. Você e o Papa são dois. Logo, você e o Papa são um. De um ponto de vista mais rigoroso, com uma contradição lógica em mãos, você poderia inserir qualquer

afirmação em uma prova usando disjunção. Poderia provar que o céu era verde. Que as pedras eram pão e a água, vinho.

Durante muito tempo, Alice tinha explorado o Princípio da Explosão como uma forma de resgatar o professor Grimes do Inferno, mas sempre acabava em um beco sem saída, então ela acabou desistindo. A única base que alguém tinha para acreditar na existência de uma Contradição Verdadeira era a improbabilidade das sementes de caqui de Perséfone, mas elas talvez nunca tivessem existido.

— Pensei que a Dialeteia fosse um mito — disse Peter, ecoando os pensamentos dela. — Simplesmente não existem referências bibliográficas… Quer dizer, são apenas suposições…

— Só porque ninguém na era moderna encontrou uma. — Elspeth bufou. — Mas já passou da hora de alguém encontrar, e podem escrever o que estou dizendo: essa pessoa vai ser eu.

— Espera. — Alice se inclinou para a frente. — Você sabe onde encontrar?

— Eu tenho algumas pistas — afirmou Elspeth. — Estou trabalhando nisso há uma década. Deu pra fazer um progresso modesto.

— Então, onde ela está? — perguntou Peter.

Mas o rosto da mulher se fechou. Ela olhou para os dois, os dedos tamborilando no chão.

— Ora — disse após uma pausa. — Acharam que eu ia simplesmente contar?

— Ah — respondeu Peter. — Desculpa.

— Não me levem a mal. Vocês parecem dois jovens muito legais. É só que eu mal conheço vocês. E não é como se houvesse um monte de Contradições Verdadeiras por aí.

Um silêncio desconfortável se instaurou, não muito diferente daquele que se abatia sobre uma sala de acadêmicos quando se davam conta de que estavam todos concorrendo à mesma vaga.

Alice ficou um pouco magoada, pois achava que estavam se dando bem, mas então supôs que, do ponto de vista de Elspeth, eles não eram diferentes dos Kripke. Ambos só tinham ido ao Inferno para fins de pesquisa. E eram de Cambridge.

— Mas são bem-vindos pra ficar no barco — acrescentou Elspeth, recolhendo os pratos e despejando os ossos com cuidado em uma lata. — Não sou que nem o Nick e a Magnolia. Não vou drenar o sangue de vocês enquanto dormem. Só espero que não se ofendam por eu não compartilhar tudo o que sei.

— Não, de jeito nenhum. — A voz de Peter estava estranhamente neutra. Alice não conseguia decifrar sua expressão. Pensou ter visto algo sombrio em

suas feições, mas não sabia ao certo o que significava. — Você já foi muito generosa. Não poderíamos pedir mais nada.

— Sempre às ordens — disse Elspeth. — Nós, magos, temos que cuidar uns dos outros. É muito triste quando não fazemos isso.



CAPÍTULO DEZESSEIS

O sol se escondeu no horizonte. O rio se tornou breu. Na ausência de lua, tudo o que Alice via era a luz das lamparinas de Elspeth e a escuridão sem fim ao redor. Poderiam estar flutuando no espaço, sem limites, sem peso. A mulher os conduziu ao porão abaixo do convés, um espaço apertado, mas aconchegante, que ela havia preenchido quase todo com livros.

— Meu humilde paraíso — anunciou. — Contemplem.

Alice ergueu a lamparina contra as paredes, estreitando os olhos para ler as lombadas. A mulher reunira livros de todos os estilos e épocas, a maioria danificada pela água, caindo aos pedaços e com partes inteiras faltando. Alguns eram apenas páginas soltas amarradas com barbante.

— É um acervo e tanto.

— Você se surpreenderia com a quantidade de livros que vêm parar aqui embaixo — comentou Elspeth. — Sempre que fico entediada, vou pescar nas margens do Desejo.

— Por que do Desejo?

— Não sei ao certo, mas é onde todos os livros de cima acabam indo parar. Muitos romances. Coisas bem picantes, não me canso de ler. Podem pegar alguns emprestados, se quiserem. Mas eu tento passar o tempo me instruindo com os clássicos. Platão, Aristóteles, vocês sabem. Quando fico muito desesperada, entro escondida na biblioteca do Orgulho, que tem muito material pretensamente edificante. — Elspeth os conduziu a um canto que devia ficar na frente do barco, pois a parede era ligeiramente curvada como a proa. — Por que não dormem aqui embaixo? Eu fico no convés. Os Kripke não costumam me

incomodar quando estou na água, mas todo cuidado é pouco.

— Desculpa — interrompeu Peter. — Será que eu podia, quer dizer… onde é o melhor lugar pra tirar água do joelho?

— Ah, claro. — Elspeth apontou para trás dela. — É só subir aquela escada e virar à esquerda. Pode usar uma das latas. Só não se esqueça de esvaziar quando terminar.

— Muito obrigado — disse Peter, subindo a escada.

— Cara legal. — A mulher se virou para Alice. — Ninguém te avisou pra não namorar outras pessoas do departamento?

— Nós somos só colegas — respondeu ela.

— Ah, sei.

— Não, é sério. — Alice cruzou os braços. — Acho que ele nem gosta muito de mim, na verdade.

— Ah, deve gostar, sim. Ele veio com você até o Inferno, não veio?

Alice não estava com disposição para explicar todo o emaranhado de complicações que os havia levado juntos até ali.

— Vamos mudar de assunto.

— Como quiser. — Elspeth tirou uma caixinha do bolso. — Cigarro?

— Ah, não, obrigada.

Alice estava tentando parar.

A mulher deu de ombros e acendeu o dela. Alice observou, fascinada, enquanto a fumaça escapava pelas laterais da cabeça de Elspeth.

— Isso tem algum efeito em você?

— Claro que não — respondeu a mulher. — Não fisiologicamente, de qualquer forma. Mas o ritual é agradável. A alma se lembra. É como se fossem… ecos da sensação, o que, depois de um tempo, parece real o suficiente. — Ela deu uma tragada profunda e satisfeita, e um aroma rico e amadeirado se espalhou no ar. — *Ahh*.

Alice se rendeu.

— Ah, tudo bem.

Com um sorriso, Elspeth acendeu outro cigarro e lhe entregou.

A fumaça pairava em uma nuvem ao redor de sua cabeça como um véu.

Alice acenou com a mão na frente do rosto.

— Como você faz isso?

Elspeth pareceu lisonjeada.

— Fico muito feliz que tenha notado.

— Todas as Sombras conseguem?

— Só depois de muita prática — respondeu. — Sabe o que é propriocepção?

— Claro. Saber onde seu corpo está sem precisar olhar pra ele.

Só sabia disso porque praticava alpinismo. A maioria das pessoas tinha algum grau de propriocepção — algo necessário para andar sem olhar para os pés, para fazer um rabo de cavalo sem se olhar no espelho —, mas escalar tornava alguém excepcionalmente bom nisso. Você precisava confiar que era capaz de sustentar todo o peso do corpo com apenas dois dedos.

— Certo — continuou Elspeth. — Bem, como uma Sombra, seu estado normal é uma nuvem cinza. Ninguém continua mais coeso inconscientemente. Tem que manter uma imagem mental de como costumava ser e forçar sua essência a se juntar, o que exige uma concentração imensa, como se você tivesse que se lembrar de respirar o tempo todo. Eu sou muito boa nisso. Sei *exatamente* como sou. — Elspeth fungou. — Quando me esforço muito, consigo me transformar em borboletas.

Ela cintilou e, como se quisesse se exibir, por um breve momento se tornou ainda mais sólida. O véu de fumaça desapareceu. A cor voltou às bochechas. O cabelo ganhou brilho e, aos seus pés, uma sombra se formou.

Alice piscou, olhando para baixo. Tentou se concentrar na fumaça, no vaivém dela. Tinha dificuldade de olhar para Elspeth. Detestava o quanto a semelhança a perturbava. Por mais que tentasse racionalizar, não conseguia se livrar daquela clara constatação: Elspeth se parecia com *ela*. Que clichê as duas eram! Frágeis, de cabelos escuros, garotas tristes e fumantes. Ficou pensativa. Qual seria o fascínio?

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro — disse Elspeth. — Você quer saber por que me matei.

— Como você… Desculpa, estou sendo indelicada.

— Não, eu não me importo. Muitas Sombras já me perguntaram. Por que quer saber? — A mulher inclinou a cabeça. — Pensa muito em se matar?

A franqueza dela deixou Alice atônita. Elspeth a observava atentamente, esperando a resposta.

Ora, de que adiantava fingir? É claro que pensava nisso. Será que a morte faria com que se sentisse melhor? Alice muitas vezes achava que sim, mas tinha apenas evidências circunstanciais para acreditar nisso, e a maioria das pessoas que tinham de fato morrido não estava disponível para contar como era.

— Já pensei, um pouco. Uma ou duas vezes. Acho que… esse tipo de pensamento ocupa mais espaço na minha cabeça do que eu gostaria. Claro, eu não… bem, não sei. Não tenho certeza do que estou querendo dizer.

— Você quer saber onde fica o limite — sugeriu Elspeth, sem crueldade. — Quer saber quando passa de se sentir muito triste pra pensar que não se importaria se um ônibus te atropelasse, até de fato amarrar uma corda e pular de

uma cadeira. É isso?

— Eu… acho que sim.

Nunca tinha dito aquilo em voz alta antes, e ficou assustada ao ouvir os próprios pensamentos ecoando de volta, ditos por outra pessoa. Assustava saber que mais alguém havia pensado exatamente a mesma coisa em relação ao ônibus.

— Desculpa. Não deveria ter perguntado.

— Não, está tudo bem — garantiu Elspeth. — Muita gente quer saber. Eu costumava ouvir as pessoas no Pavilhão. Não se falava em outra coisa: *por que será que ela fez isso*, blá-blá-blá. — A mulher bateu as cinzas do cigarro e, em seguida, lhe lançou um olhar de soslaio. — Quem é seu orientador?

Alice achou prudente mentir.

— Helen Murray.

— E ela torna sua vida difícil, não é?

— Às vezes.

— Hum. Bem, o *meu* orientador era Jacob Grimes. Tenho certeza de que já ouviu falar dele.

— E quem não ouviu? — Alice acrescentou, em um ímpeto de ousadia: — Foi por causa dele que você fez aquilo?

— Pelo amor de Deus, não. — Elspeth bufou. — Me recuso a dar tanto crédito a esse homem por qualquer coisa.

— Então, *por quê*?

— Bem, vamos começar pelo "por que não". Imagino que tenham dito que desisti porque sou medíocre. Foi isso que você ouviu?

Alice de fato tinha ficado com a impressão de que talvez a mulher simplesmente não tivesse talento. Isso tornava o resto mais fácil de aceitar. Pois se ela mesma não era desprovida de talento, então é claro que a mesma coisa não poderia lhe acontecer. A depressão suicida era apenas uma forma extrema de fracasso, que, por sua vez, era um sintoma de inadequação. Se tivesse força de vontade suficiente, você obviamente não pensaria em se matar. Mas não admitiu isso em voz alta.

— Eles… bem, não disseram muita coisa — respondeu. — Esse assunto foi, hã, meio abafado.

— Já era de se esperar. — Elspeth tornou a bufar. — Eu sou um prodígio, sabia? Ganhei todas as medalhas de matemática e lógica no meu primeiro e segundo anos. Ninguém tinha conseguido isso antes. Eu tinha tudo pra ser um sucesso. Você precisa entender essa parte da história.

Parecia muito importante para ela que Alice reconhecesse sua inteligência, então assentiu vigorosamente com a cabeça.

— Claro.

— Foi o absurdo completo da coisa toda — continuou Elspeth. — Um dia tudo me pareceu tão *ridículo* que eu não conseguia parar de rir. O sistema simbólico desmoronou. Você escreve um ótimo artigo, e ele é recusado porque o revisor teve um dia ruim. Você é a pessoa perfeita para uma vaga, mas perde para o afilhado do presidente da banca avaliadora. Depois que consegue um emprego, as coisas não ficam muito melhores. Sabe quantas pessoas são preteridas para o cargo de professor titular porque alguém, em algum lugar, achou que elas foram rudes em uma festa? Quer dizer, qual é a porra do sentido disso tudo? Eu não conseguia mais manter a farsa, e também não via sentido em mais nada, então simplesmente pus um fim em tudo. Não conseguia mais me importar. Enquanto isso, *ele*… — Uma sombra cobriu seu rosto. — Quer dizer… o Grimes não foi o motivo. Não mesmo. Me recuso a dar esse crédito a ele. O cara era só o sintoma, sabe? Levei muitos anos pra perceber isso. Toda vez que ele gritava comigo, ou me criticava, ou me humilhava na frente de outros alunos, isso era só todo o sistema simbólico se manifestando. É um jogo arbitrário de egos e narcisismos em que o assédio moral é interpretado como força. E o Grimes era a encarnação perfeita do absurdo do sistema.

— Então você quer dizer que ele te tratava mal.

— Ele me tratava feito um cachorro. — O tom de Elspeth ficou ríspido. — Pro Grimes, parecia uma brincadeira para ver o quanto eu aguentava antes de parar de voltar de joelhos. Eu investia cada fibra do meu ser nos joguinhos estúpidos dele. E costumava aceitar tudo, porque pensava: *Bem, pelo menos as recompensas são grandes. Vale a pena persistir*. Mas então percebi que não tinha recompensa nenhuma. Que era tarde demais e não havia saída.

Arrá!, pensou Alice. Ali estava a diferença entre as duas. *Havia* uma saída. Sabia disso porque ela mesma havia aperfeiçoado o jogo. Aprendeu a ler o humor dele. Bajulava quando o professor se voltava contra ela, se humilhava quando ele exigia um pedido de desculpas. Não era tão difícil, desde que sacrificasse a própria dignidade. Perceber isso lhe deu um alívio imenso. Não precisava seguir o mesmo caminho de Elspeth. Ela era mais forte. Tinha mais determinação.

— E ele nem é um mago tão brilhante assim — continuou Elspeth, acenando com o cigarro. — Essa é a pior parte. Poderia ter valido a pena, sabe, se realmente fosse o maior mago da nossa época. Mas o Grimes não passa de um charlatão como todos os outros.

— Como assim?

— Você sabe o que dizem. Todo mundo faz seu melhor trabalho quando é jovem. Tá, ele foi importante com Russell e companhia nos anos 1950. Toda

aquela coisa da guerra, tudo bem. Recebeu a Ordem do Império Britânico, que seja, talvez o cara tenha mesmo salvado a gente dos alemães. Mas já faz décadas que ele não publica um artigo relevante. Hoje em dia, a única coisa que faz é carimbar coisas.

— Isso não é justo — retrucou Alice.

Elspeth inclinou a cabeça.

— Ah, não?

— O professor fez descobertas incríveis desde então.

Alice sentiu uma necessidade feroz de defendê-lo, embora racionalmente soubesse que Grimes não precisava ser defendido. Conhecia os defeitos dele. Só não queria ouvir isso daquela mulher. Era importante para Alice que o professor Grimes fosse um demônio apenas dela. Além disso, se iam criticá-lo, pelo menos tinham que saber do que estavam falando.

— Está pesquisando memória e impermanência. É muito melhor do que o trabalho inicial dele. É algo que vai de fato revolucionar o campo.

Os lábios de Elspeth se crisparam.

— Se você diz.

— Só está demorando mais pra ser publicado — insistiu Alice. — Não se pode apressar a genialidade.

— Vou confiar na sua palavra — respondeu Elspeth, com ironia. — Quer dizer, e eu lá tenho como saber?

Não disseram nada por um tempo. Alice conhecia aquele silêncio: era o silêncio cauteloso que sempre se instaurava quando duas mulheres se encontravam no meio acadêmico. Estavam se avaliando. As mesmas perguntas pairando entre ambas. *Essa saia está muito justa? Como você chegou aqui? E quanto isso te custou?*

De repente, Elspeth perguntou:

— Você teve que resolver o problema do autotorturador quando fez o exame de admissão?

Alice balançou a cabeça.

— Imagino que esteja fora de moda. Faz sentido. — A mulher deu uma tragada profunda no cigarro e então suspirou, a cabeça inteira envolta em fumaça. Continuou divagando: — É um problema de transitividade e tomada de decisão racional. A situação é a seguinte: vamos supor que você tenha que usar um dispositivo que te torture em graus cada vez maiores, mas os ajustes de intensidade são tão pequenos que nem dá para perceber. Só se pode aumentar a potência, nunca diminuir. Todo dia, você tem a opção de girar uma vez o botão pra piorar a tortura e, se fizer isso, ganha dez mil dólares. Então, dia após dia, como não percebe mudança nenhuma na dor, é claro você vai girar o botão e

aceitar os dez mil. Até que, um dia, você é tomada por uma dor insuportável e não tem mais como voltar atrás. Só que, mesmo assim, *ainda* faz sentido continuar girando o botão, já que você não vai perceber a mudança e o dinheiro é muito tentador. Como chegamos a esse ponto? Que falha na tomada de decisões nos trouxe até *aqui*?

— É o clássico problema do "sapo na panela de água fervendo" — opinou Alice.

— Exato. Existem várias soluções para o autotorturador. Seria racional, por exemplo, estabelecer limites pra você mesmo antes de começar. Ou ter um amigo que te impedisse de continuar. Mas Cambridge não oferece nada disso. Só te faz continuar girando o botão. Mais, mais e mais. Você começa a desenvolver uma visão em túnel. As únicas coisas que existem são a recompensa e o botão. Até que um dia meu botão quebrou. — Elspeth deu de ombros. — Foi só isso. Um dia, simplesmente parei de sentir as coisas. Não tinha mais diferença entre dor e prazer. Era tudo o mesmo borrão. *Nada* importava. E foi só quando cheguei aqui, quando já estava *morta*, que as coisas voltaram a ter importância.

— É — disse Alice. — Acho que entendo.

Entretanto, não entendia esse torpor de que a mulher falava. Acreditava que fosse real, mas esse não era o seu problema. Seu problema era sentir demais, sofrer demais, e não conseguir esquecer nada, nem manter os pensamentos sob controle. Por isso precisava fazer tudo parar.

— Imaginei que você fosse entender. — A expressão de Elspeth se suavizou, e ela olhou Alice de cima a baixo, como se estivesse confirmando um diagnóstico. — Você tem cara mesmo.

— Cara de quê?

— Bem, sem querer ser indelicada, mas você está toda fodida, não está?

Alice odiava essa simpatia descabida. Odiava quando alguém a olhava com pena, como se fosse um rato preso, se afogando em um balde. Ela não era uma pobre coitada, tinha feito todas as suas escolhas por conta própria e sabia perfeitamente como se salvar.

Mas era nítido que Elspeth queria ajudá-la. E a pior parte de Alice, a parte egoísta e mesquinha, pensou: *Por que não?* Deixaria a mulher acreditar no que quisesse. Deixaria que acreditasse que eram iguais, vítimas da mesma história. As pessoas gostavam mais de você quando achavam que precisava delas. As mulheres que ela conhecia nos congressos também eram assim. Bastava fazer alguns comentários sobre assédio, condescendência e a dura condição de ser mulher, e todas se aglomeravam ao seu redor, imediatamente do seu lado. Apegos feridos. O delírio do sofrimento compartilhado.

— Não faz essa cara — disse Elspeth. — Você vai ficar bem. Sabe como

eu sei?

— Como?

Ela lhe deu um sorriso gentil.

— Porque você está procurando uma maneira de voltar lá pra cima.

Senhor, pensou Alice. *Me mata*. Não conseguia olhar nos olhos de Elspeth, então se concentrou em tragar o que ainda restava do cigarro. Não reconhecia aquela marca. Não fazia ideia de onde Elspeth o havia conseguido, mas era a melhor coisa que tinha provado no Inferno.

— Obrigada. Eu agradeço.

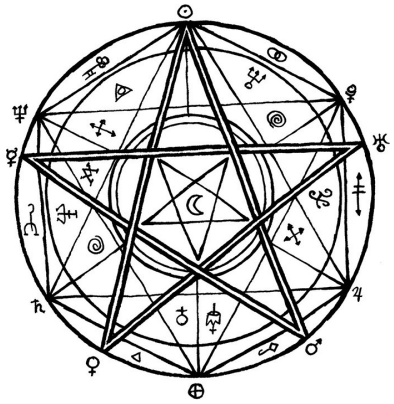
— Disponha, minha querida. Agora vai dormir um pouco.

Elspeth desapareceu entre as estantes de livros. Alice se encolheu de lado e encostou o rosto em uma das estantes, ouvindo os passos de Elspeth rangendo escada acima. Estava com frio. O ar embaixo do convés parecia ao mesmo tempo abafado e gélido. Puxou o cobertor até o queixo. Cheirava a naftalina.

O enigma de Alice no exame de admissão tinha sido o Paradoxo do Vinho Sempre Melhor. Suponha que você ganhe uma garrafa de vinho que só melhora com o tempo — não há limite máximo para quão deliciosa a bebida pode se tornar. Suponha também que você seja imortal. Quando seria racional beber o vinho? Se sacasse a rolha, estaria escolhendo uma versão inferior em comparação com um vinho possível no futuro. Mas se, ao seguir essa lógica, você nunca sacasse a rolha, então estaria em uma situação pior se comparada a todas as demais alternativas.

Alice tinha argumentado que somente adotar uma postura de aceitação de um resultado satisfatório, e não ideal, poderia evitar o pior resultado possível. O princípio de sempre escolher a melhor opção era, na prática, autodestrutivo. Era melhor decidir arbitrariamente esperar cinco anos e então abrir o vinho e desfrutar dele.

Mas a lição, o cerne de verdade dentro do paradoxo, era que a felicidade era comparativa, não absoluta. E isso significava que, se você conseguisse simplesmente resistir mais do que os outros — se conseguisse esperar dez minutos a mais que fossem antes de abrir a garrafa —, então pelo menos não seria o tolo que bebeu o vinho ruim.



Capítulo Dezessete

Alice devia ter pegado no sono sem perceber, porque, quando acordou, Peter estava encolhido ao seu lado.

Ela consultou o relógio. Eram apenas três da manhã. Então Alice apoiou-se no cotovelo, se arrastou até ele e aproximou a boca de sua orelha.

— Murdoch.

Peter não se mexeu, então Alice cutucou a lateral do corpo dele e sussurrou de novo.

— *Murdoch*.

Peter se sobressaltou.

— O que foi?

— Shhh. — Alice olhou para as estantes, mas não viu nada além de livros danificados pela água. Supôs que Elspeth ainda estivesse no convés. — A Dialeteia. A gente tem que encontrar a Dialeteia.

Peter despertou por completo.

— Do que você está falando?

Ela manteve a voz no tom mais baixo possível.

— A Elspeth sabe onde está e acha que está chegando perto. Nós temos que encontrar primeiro.

Não sabia ao certo em que pé as coisas estavam entre os dois. Ele a havia ignorado de propósito durante o jantar, dirigindo-se apenas a Elspeth, como se Alice não estivesse lá.

Alice, porém, tinha prática em lidar com homens furiosos. Havia refinado essa arte depois de anos convivendo com o professor Grimes, aprendendo a pisar

em ovos quando o sujeito estava de mau humor. Muitos alunos de pós-graduação tinham caído em desgraça permanente com ele por dizerem a coisa errada na hora errada. Mas Alice era como um receptor ultrassensível, com um senso instintivo para saber quando acalmá-lo, quando se humilhar e quando simplesmente ficar fora do caminho.

Com homens irados e emburrados, o segredo era manter sua posição. Nada de se rebelar: isso seria pedir um tapa na cara. Mas você tampouco se autoflagelava. Quando agia como se merecesse ser punida, só confirmava para eles que de fato merecia. Jamais deveria se acovardar. O segredo era continuar falando como se não merecesse punição nenhuma e, então, distraí-los com algo que desejassem mais do que desejavam te machucar. Com o professor Grimes, sempre funcionava mencionar os próximos congressos ou algum artigo empolgante prestes a ser publicado. Com Peter, teria que ser a passagem de saída do Inferno. Alice ia resolver a situação. Aquela seria sua forma de pedir desculpas.

— Ela acabou de salvar nossa vida — sussurrou Peter.

— O que só prova que sabe se virar, não é? Olha, ela é legal e tudo o mais, e também me sinto mal com isso. Mas Elspeth não sabe mais o que é estar viva. Ela se veste com ossos e esfola *ratos*, pelo amor de Deus. Praticamente não é mais uma pessoa. O que faria de volta em Cambridge?

Peter ficou em silêncio por um momento. Alice esperou, deixando-o pensar. Ele ia ceder. Sabia que sim, caso contrário, nem estaria falando com ela.

— Já se passaram dez anos — admitiu Peter, por fim.

— Está vendo? Não tem mais nada pra ela lá em cima, e quanto antes ela perceber isso, melhor. A Elspeth precisa mesmo seguir em frente. Mas, *Murdoch*!

Alice sentiu um tremor de empolgação, o prazer da decisão tomada. Sim, podia ser ousada. Decidida. Não estava desmoronando. Podia obrigar a mente a entrar em ação. Tinha que assumir a dianteira. Era assim que ia se redimir.

— Se conseguirmos a Dialeteia primeiro, então todos os nossos problemas vão estar resolvidos. Só vamos ter que chegar ao tribunal de Rei Yama e esperar. Podemos barganhar pela vida do professor Grimes e pela nossa própria saída. — Ela fez uma pausa. — E aí você não precisaria me trocar.

Peter não reagiu. Por um longo momento, tudo o que Alice ouviu foi sua respiração profunda e ritmada. Então ele murmurou:

— Como?

— Vamos usar magia. — Alice já tinha pensado em tudo. — Agora sabemos que só precisamos de sangue. Vamos usar alguma coisa pra fazer a Elspeth falar. Eu sirvo de distração e você traça um pentagrama ao redor dela, de

algum jeito. Vamos usar o Paradoxo do Mentiroso.

Sim, podia ser simples assim.

Considere o seguinte exemplo: *Esta afirmação é falsa.*

A simplicidade de sua quebra de lógica é devastadora. Você não pode acreditar nela. Nem pode desacreditá-la. Não há nenhum valor de verdade que possa ser atribuído a ela. Você está preso num limbo, jogado em um ciclo infinito de uma extremidade à outra da sentença.

O Paradoxo do Mentiroso era um dos paradoxos mais antigos de todos os tempos, pois violava uma premissa central da lógica clássica: a lei do terceiro excluído. Uma afirmação deve ser verdadeira ou falsa, e nada além disso. Até os dias atuais, ninguém sabe como resolvê-lo. Os gregos e os indianos vinham trabalhando com o Paradoxo do Mentiroso havia séculos; em vez de resolvê-lo, acabaram criando toda uma família de paradoxos semelhantes, um dos quais envolvia Sócrates, um crocodilo e uma criança sequestrada. Esse paradoxo representava um problema sério para os fundamentos da lógica — Filetas de Cos, inclusive, teria ficado atormentado de tal forma tentando encontrar a solução que acabou definhando e morrendo.

Inscrito em um pentagrama, o Paradoxo do Mentiroso poderia suspender por completo a verdade e a falsidade. Os magos não o utilizavam com frequência, pois, na maioria das vezes, precisavam que alguém acreditasse em algo, não que ficasse preso em um estado de incerteza. Mas Alice não precisava que Elspeth acreditasse em nada em particular a respeito deles. Só precisava que baixasse a guarda, que se dispusesse a falar. E já sabia que ela adorava falar. A pobre mulher estava desesperada por alguém que a ouvisse.

— Isso nunca vai funcionar — declarou Peter. — Todo mundo sabe como se proteger do Paradoxo do Mentiroso.

— Não se ela não estiver esperando.

— Talvez esteja. Ela já não confia na gente.

— Agora confia. — Alice tinha certeza absoluta disso. — Elspeth acha que somos iguais a ela. Almas deprimidas e sem esperança. Acha que também odiamos Cambridge e que estamos do lado dela.

— Meu Deus, Law. — Peter se virou debaixo do cobertor. — Qual é o seu problema?

— Tem que valer a pena — murmurou ela, sentindo um nó na garganta. — Tudo isso, quero dizer. Tem que valer alguma coisa. Não pode ter sido por nada.

— Hum — resmungou Peter.

Alice ficou esperando, torcendo para que ele dissesse mais alguma coisa. Era mais fácil suportar a perversidade quando se tinha um cúmplice; caso contrário, era apenas você e sua consciência. Mas ele permaneceu em silêncio.

Por fim, a respiração dele se estabilizou, então Alice supôs que tivesse adormecido.

Algo roçou sua bochecha. Ela abriu os olhos e viu duas enormes esferas verdes piscando a centímetros de seu rosto. Pupilas minúsculas, estreitas feito fendas. Pareciam estar julgando-a profundamente.

— Não *ouse* contar — sussurrou Alice.

Arquimedes deu meia-volta, bateu com o rabo no rosto dela e desapareceu na escuridão.

Irritada e envergonhada por motivos mesquinhos demais para serem colocados em palavras, ela se virou de lado e fechou os olhos.

* * *

— Tenho uma teoria sobre o porquê de você ser tão obcecada pela academia — dissera um antigo namorado de Alice certa vez, pouco antes de se tornar seu ex.

Isso acontecera no último ano da faculdade, quando estava consumida pelos processos de seleção para a pós-graduação, a ponto de ser negligente, e talvez até mesmo grosseira, com ele, já que *de fato* o deixara plantado pelo menos meia dúzia de vezes até aquele momento. Isso, somado ao fato de o namorado ter se matriculado em um seminário de psicanálise, o tornara rancoroso.

— Você é fissurada em estrelinhas douradas. Nunca superou aquela emoção do ensino médio, quando via um dez no topo da prova, e a academia vai te permitir correr atrás dessas estrelinhas douradas pelo resto da vida. — Ele deu um peteleco de leve na testa dela. — Princesinha da torre de marfim. Você é a queridinha dos professores, Alice. Tem um fetiche por validação.

— É mesmo?

Alice, cuja mente estava ocupada apenas com a perspectiva de envelopes gordos de Cambridge, Oxford, Harvard e Yale chegarem à sua caixa de correio, mal registrou o que ele estava dizendo. Na verdade, levou meses para perceber que aquele monólogo desagradável tinha sido uma tentativa de levá-la para a cama.

— É. Acho que você tem razão.

Os dois terminaram pouco tempo depois. Alice refletiu sobre as palavras do ex nos meses seguintes, mas apenas com um desprezo eletrizante.

— Você está abrindo mão de coisas demais — dissera-lhe ele. — Isso não pode valer a pena.

Mas é claro que valia a pena. Era a única coisa que valia a pena. Ela tivera a sorte de encontrar uma vocação que tornava todo o resto irrelevante, e qualquer

coisa que fizesse você se esquecer de comer, beber, dormir ou manter relacionamentos básicos — qualquer coisa que deixasse você *empolgada* de um jeito irracional — tinha que ser perseguida com devoção absoluta.

A questão do mundo acadêmico com certeza não eram as estrelinhas douradas. Se Alice um dia tivera essa ilusão, ela foi logo desfeita durante o primeiro ano de curso, quando ouvia todos os dias comentários sobre uma infinidade de coisas erradas em sua maneira de pensar e apenas um "nada mau" de vez em quando. Quem ia para aquele campo em busca de validação estava fadado a quebrar a cara.

Não, o que importava era a euforia da descoberta. Ninguém mais entendia — certamente não seu ex, que acabou indo trabalhar com alguma coisa envolvendo hipotecas e formas de tornar as pessoas pobres ainda mais pobres. Como ela poderia lhe explicar a sensação de que sua mente estava mastigando, digerindo conceitos difíceis? Que a dor de cabeça que sentia depois de marcar e anotar um texto incompreensível era como a dor nas gengivas depois de comer um bom bife? O modo como seu corpo inteiro vibrava de entusiasmo quando se deparava com o algoritmo, a tradução, a reprodução histórica exata que havia passado horas procurando na biblioteca. Como sempre se esquecia de que precisava descansar quando ficava debruçada sobre um pentagrama por horas, às vezes dias, rabiscando freneticamente enquanto uma ideia após a outra surgia em sua mente.

Como era bom quando parecia abandonar o próprio corpo por completo, quando se tornava incorpórea, flutuando alegremente em um universo de ideias. Orgulhava-se dos dias em que se esquecia de comer. Não porque tivesse aversão à comida, mas porque aquilo era uma prova de que havia transcendido algum ciclo básico de necessidade. De que não era apenas um animal, no fim das contas, aprisionada pelo desejo de comer, copular e defecar. Que era, acima de tudo, uma mente, e a mente era capaz de fazer coisas milagrosas.

Às vezes, tinha um sobressalto e sentia, de repente, que estava parada em um plano giratório enquanto formas abstratas rodopiavam ao seu redor, chamando seu nome, revelando-se por inteiro. A realidade mundana desaparecia, e ela ficava sozinha em um campo escuro, exceto pelos pontos brilhantes — descobertas, direções, conexões — que dançavam nos cantos de sua visão. Todo o resto era tão efêmero! O mundo da faculdade, das cadeiras raspando no chão da sala de aula, das colheres tilintando nas xícaras, dos guarda-chuvas tremulando sob a chuva constante: Alice percebeu que tudo isso era apenas uma fachada, um véu frágil. Bastava piscar para que desaparecesse. Era no universo oculto que a verdade residia, e os conceitos imploravam para serem compreendidos. Bastava estender a mão, e eles viriam até ela. Sim. Só precisava

escutar, e ouviria a música.

Em seu primeiro ano de graduação, Alice teve um professor cujo estilo de aula era pontuado por suspiros profundos e espontâneos. Dava para perceber que não eram ensaiados. Alguns do corpo docente suspiravam como uma performance, de forma irritante, para injetar profundidade onde não havia nenhuma. Aquele professor, não. Ele ficava simplesmente tão consumido pelo momento, pelos pensamentos emaranhados esperando para serem destrinchados e depois articulados, que ficava olhando para o nada, profundamente aflito, tamborilando até decidir em que ordem explicar tudo — e então seus ombros ossudos tremiam e o sujeito se balançava para a frente e para trás, como se fosse um mero receptáculo, e seu corpo, um instrumento imperfeito para transmitir uma mensagem dos deuses. Os colegas de classe de Alice achavam engraçado. Imitavam o professor Eklund no refeitório, a maneira como às vezes levantava o joelho sobre a mesa enquanto se balançava. Que idiota, diziam. Que fingido, quem ele pensa que é, quem ele pensa que está enganando? Mas Alice sabia que não era fingimento. Eklund estava naquele plano escuro e giratório, ouvindo a música. Via isso nos olhos do homem. E queria segui-lo até lá.

Não, a questão não era o prestígio. Elspeth estava errada. A mulher havia investido todas as esperanças nos símbolos errados. A ordem simbólica — as publicações em periódicos, os aplausos, os cargos, os financiamentos — não eram o objetivo final. Nem mesmo as credenciais de Oxford e Cambridge, que o ex de Alice havia presumido serem sua única ambição, importavam de verdade. Todas essas coisas só tinham valor instrumental na medida em que garantiam o que ela de fato desejava: tempo livre e acesso irrestrito aos recursos necessários para *pensar*.

Tinha sido por isso que persistira, ano após ano. Era por isso que todos os alunos de pós-graduação que conhecia não se importavam com os salários baixos, a carga de trabalho exaustiva ou a inexistência de plano de saúde. Estavam fazendo o melhor que podiam para se descolarem do próprio corpo, porque lhes disseram que era simplesmente isso que tinham que fazer. O sistema inteiro podia ser falho, e ainda assim não faria diferença. Eles aguentariam qualquer coisa só pela promessa de acesso àquele plano abstrato.

Peter entendia. Ela tinha visto o êxtase puro e sereno em seu rosto quando ele estava diante da lousa, copiando equações com tanta rapidez que Alice temia que o pulso dele travasse. Um estado de concentração tão profundo que seria impossível arrancá-lo dele, mesmo que tentasse, e nem tentaria. Era bonito demais observar uma mente trabalhando com ferocidade.

De qualquer forma, não era apenas ascetismo pretensioso. Havia também as noites boas. Ela se lembrava de uma confraternização no fim do período, em

seu primeiro ano, quando todos se reuniram na pizzaria local e pediram uma enorme marguerita de massa de fermentação natural para dividirem. Até Peter tinha aparecido naquela ocasião, e todos, inclusive Alice, ficaram tão encantados com sua presença que ninguém se preocupou em perguntar por que havia dado bolo neles uma centena de vezes ao longo do período letivo. Começaram discutindo sobre dialetos e a confiabilidade dos estudos regionais e, a partir daí, passaram a debater o que significava fazer uma leitura atenta *versus* uma leitura distante, e se fazia algum sentido propor um terceiro critério, denominado leitura intermediária.

Alice nunca tinha gostado tanto de seus colegas como naquele dia. Ajudava o fato de nenhum professor estar presente e de todos estarem um pouco bêbados e não mais preocupados em impressionar. Tinham a liberdade de estar errados, o que significava também a liberdade de falarem besteira. E como falaram besteira. Qual era a diferença entre os númenos de Kant e as formas de Platão, eles se perguntaram. Qual era a definição exata de um sanduíche, e continuava sendo um sanduíche se fosse comido na vertical? A definição horizontal seria suficiente para excluir os tacos? Além disso, onde estavam os alienígenas? Dos alienígenas, passaram para o esquema da física cosmológica de Aristóteles — terra, água, ar, as estrelas se expandindo em camadas concêntricas e, acima de tudo isso, um corpo celeste —, um "verme espacial celestial", como Michele o chamou, porque era mais divertido imaginar esse ser imenso, girando, se contorcendo e causando todo o movimento nos níveis inferiores, já que estava pensando muito intensamente em Deus, o primeiro motor imóvel.

Em algum momento, Peter e Michele começaram a debater a teoria um tanto duvidosa do italiano sobre a identidade pessoal, que implicava que as pessoas morriam ao dormir e acordavam como novas versões de si mesmas, parecidas, mas não *idênticas* a quem haviam sido antes. A consciência não pode fazer pausas, Michele argumentava; quando você adormece, é o fim.

— E quanto aos sonhos? — questionou Peter. — Quem está sonhando?

— Uma meia consciência — insistiu o italiano. — Uma alma nem viva nem morta. Uma impressão. Um *eidolon*, um corpo astral.

Peter achou isso absurdo, Belinda achou romântico, e todos se dedicaram a dissecar as implicações disso antes que a conversa se voltasse abruptamente para a questão de saber se seria aceitável transar com trens, em especial se isso violava o ensinamento de Aristóteles de que as coisas deveriam ser usadas para os fins para os quais haviam sido feitas. ("Então, o que dizer das pessoas que usam escovas de dente pra se masturbar?", perguntou Michele, o que fez Belinda corar.) E, por fim, em que circunstâncias específicas alguém *poderia*, se desejasse, transar com trens. Por alguma razão, isso tocou um ponto sensível, e

as vozes se elevaram. Em dado momento, Belinda e Michele estavam de pé, gritando por cima da mesa.

Alice ficou observando tudo, com o corpo de cerveja na mão, e estava tão feliz que poderia chorar.

Ali era o seu lugar. Ali, ela podia dizer as coisas, podia ser honesta sobre os lugares para onde sua mente divagava, e ninguém a olharia como se fosse louca. Durante toda a vida, tinha se atrapalhado nas interações sociais, como se fosse a única atriz que havia se esquecido de ler o roteiro. Era a esquisita, a problemática, aquela com quem ninguém queria se sentar. Mas ali todos eram os esquisitos. E ali não havia quem a punisse por se importar demais, por pensar profundamente demais. Ali você podia mergulhar de cabeça em qualquer assunto que quisesse, e todos te seguiriam.

E não, talvez aquelas conversas filosóficas de bar não estivessem situadas no campo da pura verdade que o professor Grimes tanto exaltava. Talvez não fossem descobertas que mudariam o mundo — exceto, claro, para as pessoas com uma enorme atração sexual por trens. Mas não seria, ao menos, um exercício para algo semelhante? Alegrar-se com as acrobacias do pensamento, não como os estoicos faziam, manipulando a linguagem para ganhos mesquinhos e pessoais, mas como forma de afiar as ferramentas enquanto se preparavam para a verdadeira escavação. Que prazer maior poderia haver? Para *que* mais servia a vida?

Houve um tempo em que ela sentia essa energia aonde quer que fosse, com quem quer que se encontrasse. Naquela época, vivia o ideal platônico da universidade. Mantinha-se ingênua em relação a isso de propósito, porque uma mente ingênua, aberta ao assombro infantil, era a mente mais feliz em um lugar como Cambridge. Adorava se perder entre as conversas no refeitório, ouvindo, absorvendo o entusiasmo, fazendo perguntas simples e recebendo respostas incrivelmente complexas. Amava todos os seus interlocutores. O estudioso de literatura comparada que descrevia em detalhes minuciosos a teoria de equivalência dinâmica de E. A. Nida e sua ressonância com a teoria da tradução chinesa tradicional. Paleontólogos falando sobre o esqueleto completo de dinossauro que tinham acabado de encontrar em Surrey e se tinha sido mesmo um asteroide que causara sua extinção, no fim das contas. Os adoráveis rapazes do departamento de matemática gargalhando de prazer com coisas chamadas nós e variedades.

Às vezes, a fé reluzente dos cientistas a perturbava. Porque lá estavam eles fazendo coisas, mudando o mundo. Estavam em plena era das descobertas infinitas. Médicos haviam criado um coração humano artificial. Astrônomos exploravam os anéis de Netuno. Geneticistas estavam erradicando a varíola,

combatendo a hepatite B e decodificando o DNA humano. Físicos desbravavam a teoria das cordas. Parecia que o mundo inteiro estava girando mais rápido, tornando-se cada vez mais complexo e empolgante, e ainda assim o campo da magia parecia estar parado no mesmo lugar, os estudiosos se esgoelando cada vez mais por causa de discordâncias mínimas, em vez de expandirem os limites do que podiam fazer.

Uma vez, Alice recorreu ao professor Grimes em busca de conforto. É tudo areia, dissera. É uma farsa, são só palavras, só lampejos momentâneos de uma ilusão, qual é o sentido? E foi um dos raros momentos na relação dos dois em que o homem lhe dera exatamente o que ela precisava. Afinal, era um bom professor; sabia como cativar.

— Schopenhauer argumentava que toda arte é meramente representacional e alegórica, exceto a música, que é a coisa mais próxima da vontade pura — contara Grimes. — Mas eu vejo nos nossos pentagramas algo semelhante à música. Não em sua total abstração dos fenômenos cotidianos, mas em sua capacidade de penetrar no cerne deles. Aquele plano da verdade, iluminado e límpido, no qual nada mais importa. É como Heisenberg falou, minha cara Alice: a física moderna decidiu a favor de Platão. As menores unidades de matéria não são objetos físicos no sentido comum, mas formas e ideias. E quando você tiver total domínio dessas ideias, quando puder segurá-las na palma da mão e torcê-las e manipulá-las como quiser, então terá se aproximado de Deus. Isso vai parecer meticuloso, sim. Insignificante, efêmero, pedante. Mas é mais um motivo para redobrar os esforços e agarrar cada precioso fiapo de verdade que vislumbrar.

E isso a deixou tonta, delirante, arrebatada pelo mundo oculto.

Era simples assim: Alice amava seu trabalho.

Era apenas o mundo social, a instituição, que atrapalhava. Sim, era frustrante. Sim, era um mundo de decepções. Mas, ao contrário de Elspeth, não estava pronta para desistir de tudo. Elspeth estava errada. Aquilo não era desprovido de sentido. Ainda havia algo pelo qual valia a pena lutar. Alice havia encontrado algo naquela nuvem de símbolos, um valor que não era absurdo, e acreditava nele com todo o seu ser. Ainda acreditava. Só precisava sobreviver ao resto.



Capítulo Dezoito

Ainda estava escuro quando Alice acordou. Peter não estava mais lá. O cobertor dele estava dobrado e guardado com todo o cuidado embaixo de uma prateleira. Ela se levantou e foi na ponta dos pés até o convés superior, onde encontrou, com certo alívio, Elspeth e o rapaz, um de frente para o outro na proa. Não estavam conversando; ambos estavam sentados, com os joelhos junto ao peito, observando a água. Arquimedes estava empoleirado na amurada, com o rabo balançando de um lado para o outro, feito um pêndulo. O gato também se mantinha atento ao rio, uma das patas erguida de leve, como se estivesse se recordando de tentar capturar um peixinho-dourado.

Alice se aproximou, apertando o cobertor ao redor dos ombros. Peter a ignorou, mas Elspeth encontrou seu olhar e inclinou a cabeça, como quem diz: *Vem sentar com a gente*.

Alice atravessou o convés fazendo o mínimo de barulho que pôde e se sentou ao lado de Elspeth. O *Neurath* cortava a noite em silêncio, deslizando sobre águas calmas sem produzir nem mesmo uma ondulação. Poderiam estar muito bem navegando pelo espaço, flutuando no vazio.

Alice não havia crescido perto de grandes massas d’água. Quando criança, certa vez ela e os pais planejaram descer um rio de boia em San Antonio, mas se perderam e passaram boa parte da tarde dando voltas e mais voltas pelas rodovias. Quando enfim chegaram ao lugar, o sol estava se pondo e a maioria das famílias tinha começado a recolher os pertences para ir embora. Alice e os pais estavam debatendo se era melhor ficar ou voltar quando, de repente, ouviram um grito agudo. As famílias na margem começaram a correr

freneticamente, e logo se descobriu que uma menina havia sido arrastada pelas águas. O rio era raso, mal chegava à cintura, mas a correnteza era veloz, e era difícil enxergar qualquer coisa à luz do crepúsculo. Os gritos ficaram mais altos. Alice ouviu respingos: eram adultos pulando na água. Sua mãe os levou de volta para o carro. Nunca souberam se a menina havia se afogado. Alice só se lembrava de ir embora, com o rosto pressionando o vidro, olhando para a margem, na esperança de ver uma pequena cabeça emergir.

Desde então, tinha pavor de nadar. Nunca acompanhava os amigos em viagens à praia. Em Cambridge, morava às margens do Cam, que era tão manso quanto um rio podia ser. Ainda assim, o temia: como parecia escuro quando ela atravessava a ponte depois da meia-noite, com que facilidade poderia engolir qualquer coisa que se aproximasse… Nos últimos tempos, sua mente se voltava com frequência para a possibilidade de pular. Será que ia se debater? Ou será que ia simplesmente afundar e desaparecer? Havia algo de fascinante na água: sua capacidade de absorver, de reduzir a nada e restaurar ao mesmo tempo.

E o Lete, em comparação — ah, o grande e envolvente Lete. Menos um rio do que uma ferida no espaço. Alice se deu conta de que não tinha noção de sua largura ou mesmo se sua profundidade era regular em algum ponto. Nenhum dos mapas sabia ao certo como representá-lo, com sua geografia invertida. Até que ponto teriam adentrado o domínio desconhecido do Inferno? Sem a lua no céu ou margens à vista, eles não passavam de três figuras em um pequeno barco, cruzando um plano negro eterno, sem começo nem fim. Alice tinha a sensação de não ter mais corpo. Qualquer coisa poderia lhes acontecer. Poderiam continuar navegando para sempre. Poderiam desaparecer sem deixar qualquer vestígio.

— Olhem — disse Peter, espiando por cima da lateral do barco, com os braços estendidos e os dedos quase tocando a água.

— Cuidado — alertou Alice, mas ele balançou a cabeça e insistiu:

— *Olhem*.

Ela se aproximou, debruçando-se sobre a amurada, e ficou sem fôlego ao ver uma corrente cintilante de luz, palimpséstica sob o preto.

Havia pessoas flutuando na água. Bem, não exatamente pessoas, mas vislumbres delas: rostos rindo, chorando, discutindo, soluçando, tênues contornos fosforescentes em ondulações verdes luminosas. Pessoas, objetos e lugares de outras vidas: um penhasco ensolarado à beira-mar, um guarda-sol torto, um cachorro latindo alegremente e saltitando, cada vez mais perto, a língua rosada e brilhante, o tufo de pelos no topo da cabeça tão macio que Alice quase podia senti-lo em sua palma.

— Lembranças — explicou Elspeth. — Tudo que já foi esquecido de todas

as vidas já vividas. As mais recentes formam uma pequena corrente, às vezes. Dá pra ver em detalhes antes de se dissolverem.

O barco deu um solavanco para a esquerda. De repente, as águas ao redor começaram a se agitar. Por cima da amurada, Alice viu uma massa escura em ebulição: algo com olhos e dentes demais. Ela recuou, assustada, mas Elspeth se inclinou sobre a borda e enfiou uma vara de propulsão bem no meio da massa.

— Pra trás! Pra trás. Coisas idiotas.

O rio se acalmou e o barco se estabilizou.

— Não se preocupem — tranquilizou-os Elspeth. — Era só um pesadelo rebelde. Eles se dissipam com facilidade. Não estão atrás da gente. Às vezes, se aglutinam, e aí surgem esses redemoinhos de pavor. Eu gosto de chamar essas coisas de cérebros de Boltzmann.

— Muito engraçado — comentou Peter.

— Pra onde vão? — perguntou Alice. — Eles desaparecem?

— Muito pelo contrário — respondeu Elspeth. — Aqui é o repositório deles. O Lete são todas as lembranças que já existiram, são todas as cores da paleta misturadas no preto. É infinito. Não apaga, só absorve.

— O eterno retorno — murmurou Peter. — Tudo que já aconteceu vai acontecer de novo.

— Não venha citar Nietzsche no meu barco — resmungou Elspeth.

— *Mea culpa*.

A mulher se recostou, cruzando os braços.

— Mas é divertido assistir. É tipo o canal de televisão do submundo. As lembranças mais recentes sempre aparecem com mais nitidez. Dá pra ter uma ideia de como anda a vida lá em cima. Não consigo acreditar no quanto as coisas mudaram. Mataram mesmo o John Lennon?

— Mataram — confirmou o rapaz. — Sinto muito.

— Ah, que pena.

Alice se inclinou sobre o convés, hipnotizada.

Uma menina pulava em um pé só sobre uma calçada molhada e cheia de minhocas. Um homem se equilibrava em uma bicicleta atrás de um ônibus no trânsito. Uma mulher cuidava de panelas ferventes no fogão. Um garoto caminhava sozinho às margens do Cam, olhando de tempos em tempos para os remadores que treinavam no início da manhã. Aquelas não eram suas lembranças; aqueles rostos não eram de pessoas que ela amava. Mesmo assim, despertavam nela uma nostalgia profunda, do tipo que se sente ao olhar por janelas iluminadas à noite, espiando vidas que poderiam ter sido suas. O bem-estar alheio. Um sofá aconchegante, um filme antigo passando na televisão. E então sua esposa, sua mãe ou um amigo vindo da cozinha, com canecas

fumegantes de grogue nas mãos. Aquelas visões eram estranhamente reconfortantes. O interior de sua mente, despejado nas águas — só que aquelas imagens não tinham ligação direta com as suas, não provocavam enxurradas de associações. Alice podia simplesmente observá-las passando, surgindo e em seguida sumindo.

— Cuidado — avisou Elspeth.

Alice percebeu que estava se inclinando demais sobre a amurada, então recuou.

— O Lete tem esse efeito sobre a gente — explicou Elspeth. — Você tem que ficar atenta. Caso contrário, vai se dissolver num instante, sem nem mesmo perceber.

Será?, ponderou Alice. Quanta proteção a tatuagem de Grimes oferecia, afinal?

— Achei que o Lete não fizesse mal às Sombras — comentou Peter.

— Um gole não faz, só apaga a memória para o renascimento. Mas a água não filtrada, direto do rio… pode te destruir. Eu tomo muito cuidado. Mergulhei o mindinho uma vez. Só a ponta. Pra ver se doía, sabe?

— E você sentiu? — perguntou ele. — Sabia o que estava esquecendo?

— Não — respondeu Elspeth. — Essa é a parte mais assustadora. Você nunca sabe o que perdeu. Não dá pra escolher.

— Você falou que os Kripke não têm medo do rio — lembrou Alice. — O que quis dizer com isso?

— Não têm mesmo — confirmou a mulher. — Pelo contrário, eles se expõem ao rio. Já até vi os três bebendo da água. Só uma vez. Ficaram na margem em fila, tomando pequenos goles de uma tigela. Parecia um ritual pra eles. Como se já tivessem feito aquilo antes.

Peter ficou horrorizado.

— Por quê?

— Porque é doloroso ser humano, tenho certeza — supôs Elspeth. — Dói se lembrar do que você não tem mais. É melhor ir apagando a si mesmo aos poucos, até sobrar só aquilo de que precisa no momento. — Ela deu de ombros. — Todo mundo faz isso. Até os vivos. A única diferença é que os Kripke não se importam tanto com o que estão deixando para trás.

Peter estremeceu.

— Mas isso não é mais vida.

— Os dois não estão mais vivendo de verdade — afirmou Elspeth. — São só funções mecânicas. Dedicadas a um único propósito.

Alice não achava isso tão terrível. Por que uma pessoa não eliminaria as partes de si mesma que lhe causavam dor? Pensou em como gostaria de aprender

esse truque: vasculhar a bagunça em sua cabeça, retirar os arquivos que a atormentavam e queimá-los. Cada pequena humilhação, cada fragmento de culpa… Se ao menos pudesse organizar a mente de modo que restassem apenas os elementos que gostaria de manter: o núcleo ardente, a sede de conhecimento, as habilidades para adquiri-lo. Seria possível realizar muita coisa sem os fardos da individualidade. Quem não apagaria o resto?

* * *

Enquanto o sol se arrastava pesadamente para sua posição sempre baixa, Elspeth os conduziu em direção à costa.

— À noite, é melhor ficarmos em águas mais profundas — explicou. — Os Kripke gostam de agir sob o manto da escuridão. Mas o rio fica agitado. Durante o dia, prefiro ficar perto da margem.

— Para onde estamos indo? — perguntou Peter.

— Ira — respondeu Elspeth. — Preciso de uma lamparina.

Uma faixa de terra começou a tomar forma no horizonte. Nenhum prédio marcava a paisagem. Não, à medida que se aproximavam, Alice viu que do outro lado do abismo que as Sombras haviam se esforçado tanto para atravessar não havia nada além de areia e madeira trazida pela correnteza. Parecia uma praia árida e hostil, do tipo onde os náufragos iam parar, onde sobreviventes enlouqueciam e devoravam uns aos outros. Na verdade, quanto mais observava, mais o lugar revelava sinais de algum conflito em curso. Por toda parte, via pegadas confusas na areia, estruturas desordenadas semelhantes a fortalezas improvisadas, lanças quebradas feitas de galhos e pedras, lenha abandonada, vestígios de acampamentos desmontados às pressas.

— O Terceiro Tribunal — anunciou Elspeth. — Os desertos da Ganância.

— Cadê o campus? — perguntou Alice.

— Como assim?

— Quando atravessamos o muro, nós vimos um campus. E eu pensei que todos os tribunais fossem como… prédios num campus.

— Ah. — Elspeth riu. — Qual o máximo de distância que você já se afastou do seu departamento?

— Como assim?

— Aposto que você praticamente não saía do campus — sugeriu Elspeth. — Nunca se aventurou muito além, não é?

É claro que me aventurei, Alice queria responder, mas não podia afirmar isso. O mais longe que conseguia se lembrar de ter ido era a caminhada até a estação de Cambridge, mas isso não contava. A Downing College e a Pembroke

College ficavam naquela direção.

— Você não conhece? — Elspeth fez um gesto. — O espaço morto, onde o campus termina, mas o resto do mundo ainda não começou. Onde só moram os professores, e ninguém mais. Onde a universidade comprou terrenos, mas não construiu nada. Onde as obras continuam indefinidamente, mas nada é erguido, onde o espaço está em construção desde sempre. Nunca esteve lá?

— Eu visitei Berkeley uma vez — contou Peter. — Um lugar horrível.

— Bem, é onde nós estamos. — A mulher cravou a vara na margem. — As coisas ficam estranhas por essas bandas.

Perto da beirada da água, uma Sombra estava ajoelhada na areia, a cabeça subindo e descendo em um movimento frenético. Ao se aproximarem, Alice viu que ela estava tentando comer algo que segurava nas mãos. Algo brilhante, circular e duro. Torceu para que fosse apenas uma pedra.

— Professor Carpeaux — informou Elspeth. — Já faz um tempo que ele está aí. Sempre com fome.

O nome soou familiar para Alice.

— Não foi esse sujeito que…

— Que plagiou os trabalhos dos alunos durante anos e ficou impune — completou Elspeth. — Disseram que morreu de gastroenterite viral, mas eu acho que algum aluno envenenou as maçãs dele com cianeto. Se tiver sido isso mesmo, bem feito.

A barcaça se aproximou da margem. Ali, as ondas se tornavam mais violentas, as cristas se chocando com força contra as rochas. Mais adiante, Alice avistou grupos maiores de Sombras, embora não soubesse dizer ao certo o que estavam fazendo. Pareciam estar em guerra — dois grupos avançavam um contra o outro sucessivamente, de armas em punho —, mas o que acontecia depois não ficava claro, já que ninguém no Inferno podia ser ferido de forma significativa, de modo que tinham que se contentar com o que parecia ser uma contorção vigorosa e coletiva na areia.

Alice se lembrou de um torneio de vôlei entre os professores alguns anos antes, quando os alunos fizeram campanha para que o retiro anual do departamento fosse em Brighton, em vez de Inverness, e durante três dias todos fingiram estar à vontade ao ar livre, os corpos pálidos e flácidos suando sob o sol escaldante. Alguém propôs um torneio de vôlei, e todos os professores foram tomados por um ferrenho espírito competitivo. Um instinto de dominância física aflorou naquele novo ambiente. Alice daria qualquer coisa por uma poção que apagasse especificamente a lembrança do coordenador do departamento grunhindo enquanto lançava uma bola na rede, ou de Helen Murray gritando de alegria quando acertava um bom saque. A partida terminou depois de uma

discussão sobre a arbitragem, que culminou com Helen atirando seu copo de água no time adversário. Alice ficou muito grata pelo fato de o professor Grimes não ter participado. Nunca mais teria conseguido olhar para o homem da mesma forma.

— O que eles estão fazendo?

Peter parecia horrorizado.

Duas Sombras estavam agora circulando uma à outra lentamente, com os braços estendidos ao lado do corpo como se fossem lutadores, enquanto os outros se reuniam ao redor, entoando algo ininteligível da margem.

— Sei lá — disse Elspeth. — Eu já investiguei, tentei descobrir, mas eles não me respondem. São as únicas Sombras que se recusam a falar comigo. No Orgulho, as Sombras são muito falantes, e até o pessoal do Desejo conversa por uma ou duas horas, se você acenar com a mão na frente do rosto deles. Mas aqui na Ganância eles são paranoicos. Saem correndo toda vez que você se aproxima. E, quando menos se espera, emboscam você com flechas feitas de gravetos. Minha teoria é que seja algum tipo de problema de ação coletiva e que todos conseguiriam sair se organizassem uma assembleia democrática, mas acho que se divertem mais com seus gravetos e flechas… Ah, cuidado. — Ela puxou o cordame do leme. — Eles começam a atirar pedras sempre que eu chego perto.

Os três se afastaram da margem. O professor Carpeaux ergueu a mão na direção deles, um gesto aflito, suplicante. Elspeth respondeu agitando os dedos de volta.

— Você vê muitas pessoas conhecidas por aqui? — perguntou Alice.

Estava tentando encontrar uma maneira sutil de descobrir se a mulher vira o professor Grimes.

— Ah, sim. Muito mais magos do que você imagina, na verdade.

— E, pela sua experiência, eles costumam seguir adiante rápido?

— Pelo contrário. — Elspeth bufou. — Magos são péssimos em atravessar o Inferno. Nunca acham que fizeram nada de errado, sabe? Acham que são diferentes. Que tudo se justifica se tiver sido feito em nome da ciência. Só que nunca é em nome da ciência, né? Sempre tem a ver com ego, vaidade, títulos e autoria de artigos científicos. Uma hierarquia do absurdo. E eles não conseguem abrir mão disso. Acho que é por isso que ficam de bobeira na areia por anos. Poderiam se levantar e ir embora a qualquer momento, mas não vão. Não conseguem desistir. E tudo isso pra quê? — Ela soltou uma risada áspera. — Uns pequenos truques de salão? A magia é tão superficial. Sem o menor sentido. Ninguém no mundo real se importa com o que nós fazemos. E essas pessoas viviam como se os segredos mais banais da área fossem questão de vida ou morte. E partem uns pra cima dos outros… mas por quê? Pela porcaria de um

pedaço de giz?

Essa última frase soou bastante incisiva. Alice lançou um olhar nervoso para Peter, mas a atenção de Elspeth não estava voltada para os dois. Em vez disso, a mulher olhava fixamente para os corpos que se contorciam na areia.

— Não entendo por que você ainda quer voltar pra lá — comentou Peter.

Elspeth franziu a testa, estreitando os olhos.

— Como assim?

— É só que… me parece que seria melhor se você, bem, reencarnasse. Sei lá. Já que você odeia tanto Cambridge.

— Eu não odiava Cambridge.

— As pessoas, então. — Os dedos de Peter mexiam com nervosismo na barra esfarrapada de suas mangas. — A instituição, pelo menos. Por que passar tanto tempo procurando uma Contradição Verdadeira quando você poderia simplesmente seguir adiante? Já que não tem nada para o que você queira voltar?

— Bem, ainda tenho família. — A voz de Elspeth ficou mais ácida. — Eu tinha pais. *Tenho* pais. Tenho irmãos. Ainda tenho uma *vida*.

— Não, claro, com certeza. — Peter assentiu. — Mas se não quer mais saber de pesquisa, então qual é… Quer dizer, já pensou no que vai fazer quando voltar lá pra cima?

— É claro — respondeu a mulher, com desdém. — Vou me sentar ao ar livre. Vou tomar uma xícara de chá Assam, com bastante leite e um fio de mel. E comer um pãozinho de canela. Com passas.

* * *

Eles contornaram a curva após a Ganância e, depois de um longo trecho de praia deserta, chegaram ao Tribunal da Ira.

Dante descreveu o lugar como o pântano do Estige, povoado de almas nuas e furiosas mergulhadas no lodaçal, golpeando umas às outras e a si mesmas. Almas fervilhando com tanta intensidade que sua raiva fazia a superfície borbulhar. Alice estremecera ao ler essa descrição — “Este hino gorgolejam pela goela,/pois em sua fala o verbo não se integra” —, porque era a primeira vez que um poeta parecia entender que a ira não era algo meramente externo; não era apenas um tornado devastador de gritos e fúria. Às vezes, você a engolia feito um carvão em brasa. Outras vezes, ela te queimava lentamente, de dentro para fora, até você sufocar. Alice se lembrou das noites que passara acordada, vasculhando os cantos da memória e se enfurecendo —, mas isso nunca a deixara inflamada por justiça, apenas a asfixiara com sua própria impotência. *Tudo isso aconteceu comigo*, pensava, *o mundo é injusto e eu não posso fazer*

nada. Talvez fosse melhor me jogar em um rio.

— Então, o que é o Tribunal da Ira? — indagou Peter. — Um campo de rúgbi?

— Na verdade, não — respondeu Elspeth. — Acho que instituições estruturadas começam a se desintegrar depois da Ganância. Da Ira em diante, tudo fica mais infernal no sentido clássico. Degeneração da psique, fuga da razão, algo assim. Temos que ter mais cuidado por aqui.

Alice observava a margem à procura dos pântanos que havia imaginado, repletos de almas, como moscas da fruta se afogando em cidra de maçã. Mas à luz fraca da manhã, via apenas uma praia escura e interminável. A areia era preta feito piche, embora salpicada de pontos claros e luminosos. Deu-se conta de que eram pegadas, inegavelmente moldadas por calcanhar e planta do pé. O ser que as havia deixado, no entanto, devia ser imenso, pois, quando se aproximaram, ela notou que as marcas tinham mais ou menos seu tamanho.

— Essas pegadas são do Flégias — afirmou Elspeth. — Uma divindade. Foi lançado no submundo por incendiar o templo de Apolo depois que o deus estuprou a filha dele.

— Me parece razoável — comentou Alice. — O incêndio, não o estupro.

— Bem, Flégias pensa da mesma forma. Vive aos berros por causa da injustiça. Olha, lá está ele, no sopé daquelas montanhas. Dá pra ver?

Alice estreitou os olhos em direção à planície. Ao longe, junto aos penhascos, viu uma luz carmesim pulsante, movendo-se bem devagar entre as rochas. E, em seu interior, havia uma silhueta escura —, mas o que era exatamente, se homem ou besta, ela não conseguiu distinguir.

— Ele é perigoso?

— Ah, muito. Pode fulminar você com um simples olhar. Mas deixa essas brasas maravilhosas por onde passa. Carvões que não se apagam por semanas. É por isso que eu estou aqui.

Elspeth acenou com a cabeça para sua lamparina, que Alice notou brilhar com o mesmo tom vermelho pulsante. Com um grunhido, a mulher puxou um balde de metal de debaixo da pilha de remos.

— Vou coletar umas brasas. Vocês dois cuidam do barco?

— Ah… claro. — Alice se animou. Vinha pensando em como manter os olhos nela, e a oportunidade tinha acabado de surgir. — O que é pra gente…

— Só fiquem perto da âncora. — Elspeth já estava subindo na amurada. — E se as criaturas de osso se aproximarem, espirrem água nelas. Detesto quando sobem a bordo.

Com um salto gracioso, ela estava em terra firme. Alice a observou saltitando com agilidade sobre as brasas, pulando de pedra em pedra até

desaparecer de vista.

Sentiu algo tocar suas costas. Virou-se e estremeceu. Peter estava bem perto dela, com os olhos fixos em Elspeth.

— Agora é a hora — murmurou ele. — Você quer distraí-la? Ou desenhar o pentagrama?

Foram as primeiras palavras que ele lhe dirigiu naquele dia. Alice tentou esconder o alívio.

— Hã… tanto faz, acho. O que você…

— Sou mais rápido com os pentagramas. Eu desenho.

Alice não tinha certeza de que isso era verdade, mas decidiu que não era o momento de discutir.

— Tudo bem. Onde a gente… Quer dizer, onde você acha que a gente pode pegá-la?

Vinha ruminando sobre isso a manhã inteira. Extrair informações de Elspeth era uma coisa; outra, bem mais complexa, seria fazê-la pisar em um pentagrama. O problema de um desenho encharcado de sangue era que ele era muito difícil de esconder. Em teoria, o tamanho não afetava sua potência — e, de fato, na história romana, os celtas haviam desenhado grandes estruturas de giz ao redor de colinas e florestas inteiras para aprisionar seus inimigos. Mas isso exigiria tempo e mais sangue do que os dois tinham.

— Leva pra perto do fogão, onde tem um tapete — sugeriu Peter. — Podemos desenhar agora, e ele vai estar lá antes da Elspeth voltar. Você acha que dá tempo?

Alice olhou para a praia, onde a mulher estava colocando brasas no balde com entusiasmo.

— Você vai ter que ser rápido.

— Claro. Me empresta uma faca?

— Por que… Ah. — Ela pegou uma na mochila. — Aqui, toma cuidado.

— Vou tentar — murmurou Peter, e se dirigiu para as escadas.

Alice respirou fundo, ainda trêmula, e voltou o olhar para a praia. O balde estava quase cheio. Ao perceber que era observada, Elspeth endireitou a postura e acenou alegremente. Alice acenou de volta, com um nó na garganta.

Determinação, pensou. O professor Grimes havia lhe ensinado isso. A diferença entre a grandeza e a mediocridade era apenas a capacidade de se manter firme até o fim. Além do mais, estariam fazendo algo bom, um ato de misericórdia. Alguém precisava libertar Elspeth daquele sofrimento. Uma conversa era o que bastava. E então os dois seguiriam seu caminho, e a mulher não passaria de uma lembrança incômoda.

* * *

— Oi! Pega aqui.

Na praia, esticando-se na ponta dos pés, Elspeth balançava o balde de brasas para a frente, usando a extremidade da vara. Alice o agarrou e o puxou para o meio do convés. Pelo canto do olho, viu Peter desaparecer em direção à escada, o braço pressionando a lateral do corpo.

Ela se endireitou.

— Ei, Elspeth.

— Sim, querida?

— Me diga se for pedir muito, mas eu estava me perguntando se não poderíamos… Quer dizer, eu adoraria tomar um chá. — Alice pigarreou. — Se você tiver, claro. Já faz tanto tempo…

— Magos. — Elspeth deu uma risadinha. — Incorrigíveis. Earl Grey serve? É o único que tenho.

— Earl Grey é perfeito.

— Vem, vou te mostrar como funciona o fogão. Pega aquela tenaz, temos que colocar carvão.

Elspeth fez um gesto, e Alice pegou com cuidado uma brasa incandescente do balde.

A mulher se agachou diante do fogão de ferro. O tapete estava exatamente onde Peter o havia deixado. Era um trapo encardido, marrom-escuro, que um dia talvez tivesse sido amarelo, as fibras sintéticas manchadas pela água e cheias de areia. Sob os pés do fogão, Alice avistou uma inscrição desbotada em letra cursiva que dizia: *Lar é onde o coração está*. Dava para imaginar Elspeth encontrando aquele objeto durante uma de suas incursões de coleta e levando-o de volta para o barco, encantada. *Olá, meus ossinhos queridos! Vejam o que encontrei.*

— Coloca aqui dentro.

Elspeth acenou para que Alice depositasse as brasas no centro do fogão, depois pegou uma chaleira manchada e trincada na gaveta. Ela a encheu com a água do frasco duplicado de Alice. Gotas escorriam pelas rachaduras, chiando suavemente contra o fogão. Juntas, as duas ficaram diante das chamas, observando o vapor subir pela lateral da chaleira. Arquimedes se materializou de onde quer que estivesse e se empoleirou ao lado das pernas de Elspeth, perto do fogão, se aquecendo no brilho das brasas.

— Cadê o Peter? — perguntou ela.

— Ah… hã, acho que foi deitar um pouco.

Alice se perguntou se ele teria tido tempo de ativar o feitiço. Não o ouvira

no convés, mas pentagramas podiam ser ativados à distância, ainda mais se ele estivesse logo abaixo delas naquele momento. Ela continuou enrolando.

— Acho que está cansado — comentou Alice.

— Ele é do tipo introspectivo, não é?

— Às vezes, sim.

Alice torceu os polegares, procurando desesperadamente uma maneira de prosseguir. Mentir nunca tinha sido seu forte. Certa vez, fora mandada ao escritório do professor Stuart para sondar se ele estava pesquisando o mesmo ramo de subconjuntos de Curry com os quais Grimes pretendia trabalhar. Atrapalhou-se tanto que, dez minutos depois, Stuart começou a lembrá-la, de forma constrangedora, mas gentil, de que tinha esposa e filhos. Mas ela sabia que todo acadêmico gostava de discorrer sobre a própria pesquisa. E não foi difícil fazer Elspeth falar — afinal, a mulher havia ficado tanto tempo sem ninguém que a ouvisse.

— Então, quem vai pro Tribunal da Ira, afinal? — Alice adotou o tom mais casual que conseguiu. — Diretores de laboratório e secretários acadêmicos?

— Ninguém bom. Pra ser sincera, não vejo muita gente passar por lá. E os que passam, eu ouço mais do que vejo. — Elspeth balançou a cabeça. — Lugarzinho horrível. Nunca vou muito além da margem.

— Você entendeu o propósito dos tribunais? — insistiu Alice. — Nós ficamos confusos. Parece… parece que, no fim das contas, as punições são totalmente aleatórias.

— O que tem de tão aleatório assim?

— Bem, não consigo entender qual é o objetivo de nada. O Orgulho e o Desejo, talvez. Você supera suas questões e segue adiante. Mas a Ganância? O que eles estão fazendo lá? Qual é o *propósito* de tudo aquilo?

— Não faço a menor ideia. Depois de um tempo, você para de fazer perguntas.

— Mas isso é tão *frustrante* — argumentou Alice. — Um monte de estudiosos tem teorias sobre pecado, carma, penitência, e aí você chega ao Inferno e percebe que tudo depende dos caprichos das divindades. E eu só fico pensando que se algum tartarólogo realmente viesse até aqui, queimaria tudo que já publicou.

— Isso é porque eles gostam de tratar a vida após a morte como um jogo — opinou Elspeth. — Todos os acadêmicos são assim, tentam enfiar fenômenos naturais em caixinhas nas quais não cabem. Querem esquematizar o Inferno porque isso os faz se sentirem seguros, porque se puderem apontar pra todos os pecadores na Ganância, na Ira e na Tirania e dizer “Bem, pelo menos não fui tão ruim quanto eles”, então não têm muito com que se preocupar. E ficam irritados

quando o Inferno não colabora.

— Mas tinha que ter alguma ordem — afirmou Alice. — Tinha que ser um processo *justo*.

— Você está querendo que o Inferno obedeça às regras da lógica clássica.

— Não necessariamente da lógica. Eu sei que existem elementos divinos e tudo o mais. Mas o cosmos deveria ter alguma coerência, não acha?

— Você é mesmo uma representante incorrigível da Escola de Cambridge — comentou Elspeth. — Sempre construindo sistemas. Circuitos fechados. Sem se abrir pra espontaneidade.

— Só gosto de saber o que me espera — respondeu Alice. — Só isso.

— Olha, talvez isso faça você se sentir melhor. Quer ouvir minha teoria?

— Quero.

— Bem, acho que o maior equívoco sobre o budismo é essa ideia de que o carma funciona como uma grande planilha na qual a gente contabiliza os pontos no fim do dia. — Elspeth fez um gesto com a mão. — Mas não é como se você ganhasse quinhentos pontos bons e oitocentos pontos ruins, e então no Inferno tivesse que compensar um saldo negativo de trezentos pontos. Não é tão simples assim. O carma é mais como… Hum. Digamos que é como uma semente. Sementes crescem e se transformam em frutos. O carma é uma consequência natural. As coisas ruins se acumulam. Afetam a maneira como você vive, como enxerga as coisas. Quando faz coisas ruins, você passa a ver o mundo como um lugar mesquinho, egoísta e cruel. E o que você vivencia no Inferno é só o efeito cascata final da sua maldade primária. Você colhe exatamente o que plantou. Eu acho que o propósito daqui é mostrar toda a extensão daquilo que alguém desejou.

— Hum. — Alice pensou a respeito do assunto. Reconhecia que era uma teoria interessante, mas ainda havia muita coisa que ela não explicava. — E as Sombras da Ganância, era isso que queriam desde o início? Ficar construindo lanças na praia?

— O que elas queriam era ser melhores do que todo mundo — respondeu Elspeth. — E agora têm a chance de provar isso. Podem ficar se estapeando na areia. Provar sua superioridade e subjugar mentes mais fracas. Todo santo dia. Elas devem estar no paraíso. A conclusão é que o Inferno não é tão ruim pra quem está nele. Essas almas estão exatamente onde queriam estar.

A chaleira começou a apitar. Elspeth a tirou do fogão, despejou água com cuidado em duas xícaras e entregou uma para Alice.

— Aqui.

— Obrigada.

Alice abaixou a cabeça para tomar um gole, mas um cheiro fétido invadiu

suas narinas. Olhou para a xícara: grânulos pretos e grossos flutuavam na superfície da água. Aquilo com certeza não era Earl Grey. Elspeth a observava, então ela forçou um sorriso tenso e fingiu tomar um gole.

— Açúcar? — ofereceu a mulher.

— Pode ser.

Elspeth pegou algo atrás do fogão e deixou cair uma coisa minúscula na xícara de Alice, que mexeu o chá e fingiu não perceber que era uma pedrinha.

— Então, hum… se não se importa de eu perguntar, em que tribunal você teria que se apresentar?

Elspeth piscou para ela, atônita.

— Desculpa — disse Alice. — Acho que isso foi indelicado.

— Extremamente.

— É que às vezes penso que seria muito bom só seguir adiante e recomeçar. — Alice fingiu tomar mais um gole do chá. — Quer dizer, se você não fez nada terrível, talvez seja melhor enfrentar isso logo e seguir adiante, não acha?

Os olhos da mulher se estreitaram.

— Vocês dois parecem muito empenhados em me convencer a desistir e morrer.

— Não, não, eu só… só estou tentando entender. — A boca de Alice ficou seca. Ela engoliu, o que não ajudou em nada. — É estranho continuar correndo atrás de uma coisa que não existe, quando você poderia simplesmente… Quer dizer, quando seria tão mais fácil seguir em frente.

— Eu rejeito essa premissa, mas tudo bem. — Elspeth se escorou no fogão. — Tem alguma coisa errada com o chá?

— Não, não, está ótimo… Hã. — Alice apertou os dedos em volta da xícara. Sentia-se tonta. Meu Deus, era péssima naquilo. — Então, você está… você está perto? Você sabe onde está?

Elspeth tomou um gole do próprio chá, em silêncio.

— O que está te impedindo? — insistiu Alice. — São os Kripke?

Uma expressão estranha surgiu no rosto da mulher.

Será que o pentagrama estava fazendo efeito? Alice não sabia dizer. Não trabalhava com o Paradoxo do Mentiroso desde o primeiro ano, e não conseguia se lembrar exatamente do efeito que ele tinha sobre suas vítimas. Será que aquilo era um véu sobre os olhos de Elspeth? Será que estava aturdida?

— Podemos ajudar — afirmou Alice. — Peter e eu. Se fôssemos nós três contra os Kripke, eles não teriam a menor chance. Só que você teria que compartilhar com a gente o que sabe. Se a gente pudesse ver suas anotações, quer dizer…

Elspeth não respondeu. Aparentava estar paralisada. Seus dedos seguravam com força a xícara, que estava inclinada para a frente, derramando chá, mas ela não parecia notar. Seus olhos estavam fixos em Arquimedes, que agora estava parado, com os pelos eriçados e a coluna arqueada, encarando Alice com fúria.

— Meu amor — disse Elspeth. — O que foi?

O gato bateu com a pata no tapete. Alice sentiu o estômago se revirar. Arquimedes começou a atacar o trapo como se estivesse possuído, sibilando e arranhando a superfície. Por fim, conseguiu levantar uma das pontas, revelando um borrão de giz e várias gotas vermelhas e brilhantes de sangue.

Por um longo momento, as duas se encararam sem dizer nada. Muito lentamente, Elspeth pousou a xícara no fogão.

Várias desculpas possíveis passaram pela cabeça de Alice. Nenhuma pareceu valer o esforço.

— Peter, meu querido — chamou Elspeth, levantando a voz. — Por que você não sobe aqui?

Fez-se um silêncio excruciante. Por um instante, Alice considerou lutar ou correr —, mas para onde? E com o quê? Só podia segurar a xícara de chá e ficar ali feito uma idiota. Peter apareceu no topo da escada, com o braço pingando e o rosto pálido. O rapaz encontrou o olhar de Alice, que balançou a cabeça, desesperada.

— Fique ali — gritou Elspeth.

Peter obedeceu e se posicionou junto de Alice. Lado a lado, eles pareciam duas crianças sendo repreendidas, esperando pelo castigo. Arquimedes se empoleirou no fogão, perto de Elspeth, lançando-lhes um olhar fulminante com as pupilas minúsculas.

Criatura miserável, pensou Alice, *depois de tudo que nós demos para você comer*.

Elspeth bateu com a vara no chão.

— Acho que está na hora de vocês me contarem quem vieram buscar.

— Nós já falamos — insistiu Alice. — Estamos de passagem…

— *Mentira*.

Algo escuro invadiu os olhos de Elspeth. Eles pareceram apodrecer nas órbitas, o branco se tornando verde, depois preto, anos de decomposição comprimidos em segundos. De repente, borboletas saíram voando das cavidades oculares; uma verdadeira horda delas, um farfalhar violeta repugnante. Os dois recuaram, mas Elspeth avançou, a quantidade de borboletas dobrando a cada passo, até que ela já não era uma pessoa, mas uma massa de veludo rumorejante, sombria e vingativa. A mulher empunhou a lança e pousou a ponta logo abaixo do queixo de Peter.

— Entra no pentagrama.

Ele engoliu em seco.

— Por que não…

— Entra, meu querido.

Peter obedeceu.

— Sabe, não é a crueldade que me ofende. — Elspeth pegou um pedaço de giz, mergulhou-o em um saquinho preso ao cinto e o fixou na ponta da lança. — É a falta de respeito. Fui aluna do Grimes, como vocês devem se lembrar.

Ela chutou o tapete para longe e começou a fazer alterações no trabalho de Peter. Escrevia com fúria, murmurando em grego à medida que avançava. Era uma magia impressionante. Pouquíssimos magos conseguiam inscrever e entoar ao mesmo tempo.

Ela é *boa*, pensou Alice. *É digna do Grimes*.

— Acham que fiquei décadas aqui embaixo dando conta dos Kripke e não sei lidar com a porcaria do Paradoxo do Mentiroso? — Elspeth fechou o círculo com um golpe final e impiedoso. — Ele é brincadeira de criança. Magia avançada, meus queridos, é fazer alguém dizer a verdade.

Ela bateu com a lança no convés. Alice engasgou. Duas mãos invisíveis agarraram as laterais de seu rosto, forçando sua mandíbula a se abrir.

— Qual é o seu propósito? — perguntou Elspeth.

As mãos invisíveis apertaram com mais força. Alice gorgolejou uma resposta e tentou engolir as palavras.

— Grimes — disse Peter, arfando.

— Como é?

— O professor Grimes… nosso orientador, ele morreu, e nós temos que levá-lo de volta.

— *Vocês estão aqui por causa do Grimes?*

Nesse momento, a mulher uivou, um uivo que se duplicou, triplicou, multiplicando-se em um coro impossível, mil Elspeths gritando de lugar nenhum. Finas linhas pretas se espalharam rapidamente por sua pele e, em seguida, a camada superior pareceu se desprender. Fragmentos escuros se aglutinaram e rodopiaram —, mas ela não havia sumido, estava apenas protegida por um bando de borboletas, que giravam agitadas ao seu redor, produzindo ventos, se movendo cada vez mais rápido, até que a força da ventania parecia prestes a despedaçar o barco. Ela — o coro — berrou, ecoando sobre os ventos.

As borboletas a cercaram feito um escudo, moldando um corpo semi-humano até que ela não fosse mais uma Sombra em forma de pessoa, mas uma deidade singular-plural, falando com uma voz de trovão.

— Vocês sacrificaram metade da vida e desceram ao submundo por aquele

miserável, aquele *palhaço* maldito?

Elspeth apontou a lança. De repente, as borboletas saíram em revoada. Alice cobriu a cabeça com os braços, mas não adiantou. As criaturas eram como uma parede de veludo, empurrando até que ela e Peter ficaram encurralados contra a proa, curvados, pois os ventos circundantes eram fortes demais para que conseguissem levantar a cabeça.

— Fora do meu barco — exigiu Elspeth.

— Por favor — suplicou Peter. — Por favor, não…

— E ainda se atrevem a implorar?

— O que você faria? — indagou Alice. — Se seu orientador morresse? Se você estivesse no nosso lugar?

As borboletas se afastaram. O rosto de Elspeth se revelou mais uma vez, pálido e terrível.

— Eu *desistiria*, sua idiota. Arranjaria outro. — Por um momento, sua voz pareceu normal. Alice pensou tê-la ouvido vacilar. — Faria literalmente *qualquer outra coisa*.

— Mas não tem mais nada — argumentou Alice. — Você não entende?

As borboletas se fecharam sobre o rosto de Elspeth como um capacete.

O aglomerado avançou. Alice se debateu, mas foi inútil. Ela estendeu a mão para Peter, mas as borboletas os separaram. Tudo o que conseguia ver ou ouvir era o bater de asas negras e, por baixo disso, uma nuvem sibilante de fúria. Um milhão de rajadas de vento a ergueram e a arremessaram para longe. Alice se contorceu, suspensa no ar, sem enxergar nada e desorientada, até se estatelar no chão. Quando as borboletas enfim a soltaram, rodopiando para longe em formação, Elspeth, Arquimedes e o *Neurath* já eram apenas um pontinho no horizonte que desaparecia de vista com uma rapidez rancorosa.



Capítulo Dezenove

— Certo. — Peter colocou a mochila no ombro e se virou para subir a margem. — Boa sorte pra você.

Alice se apressou em ficar de pé.

— Pra onde você está indo?

Ele não respondeu. Ela o observou por um instante, perplexa, em seguida correu pela areia atrás dele.

— O que está fazendo?

Ainda assim, não houve resposta. Alice agarrou a manga de Peter.

— *Murdoch!*

— Me solta.

— Me diz pra onde você está indo.

— Por quê? — Peter puxou o braço com tanta força que ela cambaleou para trás. — Você não vai comigo.

— A gente não pode se separar, é perigoso.

Peter soltou uma risada amarga.

— *Perigoso*, diz ela. *Perigoso*, diz a mulher que teria me condenado à Tecelã.

— Eu não…

— O que a gente fez foi errado. A Elspeth estava certa em nos expulsar. — Ele virou as costas e continuou caminhando. — Pra mim, chega.

— Murdoch. — Alice seguiu em seu encalço, patética, mas não sabia mais para onde ir. — Por favor, não me odeia.

Peter riu de novo. Dessa vez, havia certo desespero em seu tom. Era o tipo de risada que está a segundos de se tornar um soluço.

— Eu não te odeio, Law. Mas tenho quase certeza de que *você* me odeia.

— Não odeio.

— Então não deve ter muita consideração por mim — continuou ele. — Porque desde que chegamos ao Inferno, eu só sinto… não sei, uma *frieza*, como se você não desse a mínima para o fato de eu estar aqui.

— Eu não pedi pra você vir — rebateu Alice. — Teria vindo sozinha. Foi você que quis vir comigo.

— Porque achei que teríamos mais chance juntos.

— Ou porque queria um sacrifício para troca, não é?

— Eu já *disse* que não era esse o meu plano.

— Ah, essa é boa! — esbravejou ela. — Considerando que você sublinhou meu nome três vezes nas suas anotações.

Peter se virou. A fúria nos olhos dele fez Alice recuar. Nunca o tinha visto tão irritado.

— Não preciso me justificar pra você — declarou ele. — Mas se acha que sou esse tipo de pessoa, Law, então é melhor continuar no Inferno por conta própria.

Peter voltou a subir a encosta. Alice ficou observando por um momento e, em seguida, foi atrás dele mais uma vez. Não tinha um plano, só sabia que não tinha para onde ir e, se perdesse Murdoch, também estaria completamente perdida.

Seu pé se enroscou em algo. Ela titubeou e quase perdeu o equilíbrio. Puxou o pé com força e então se abaixou para olhar, porque a areia parecia molhada, mas isso não fazia sentido, já que estavam se afastando do rio.

Mais à frente, Peter estava curvado, segurando o próprio tornozelo.

— Murdoch!

O rapaz não respondeu. Alice fez menção de ir até ele, mas, de repente, suas pernas não obedeciam mais. Tentou movê-las, mas algo as mantinha presas no lugar e, quando olhou para baixo de novo, viu a mão de alguém. Ela gritou.

Braços mortos irromperam da água. Alice pulou para trás, mas seus pés se afundaram em uma depressão profunda e ela cambaleou para o lado. Foi então que percebeu que não estavam em solo firme: o que parecia terra lamacenta era areia grudada na superfície, vastas extensões de água, escondidas, à espera.

Uma força puxou seu joelho. Ela tombou de lado no pântano.

Sentiu o choque da água gelada. Abriu os olhos. E desejou não ter feito isso. Viu um lago inteiro cheio de Sombras, mordendo, se retorcendo e puxando umas às outras. Os rostos eram horrendos, olhos vermelhos incandescentes, bocas escancaradas pela fúria. Não conseguia ver onde aquilo terminava. Parecia continuar para sempre, um abismo sem fundo de raiva sufocada, expandindo-se

até as profundezas da escuridão sem luz. *Tristes estamos nesta poça negra*, Dante havia escrito. *Este hino gorgolejam pela goela*.

Alice deu um chute. O pé atingiu algo sólido, algo que serviu de ponto de apoio. O peso em torno de sua perna desapareceu. Ela nadou para cima, rompeu a superfície. Debatendo-se, procurou algo a que se agarrar. Ali… suas mãos arranharam pedra dura. Pressionou os dedos com força e se impulsionou para fora. Agachou-se contra a pedra, trêmula — então avistou, logo adiante, o que parecia ser uma faixa de rocha emergindo da água. Tirou a mochila das costas e a arremessou para a frente. Não afundou. Alice se arrastou de quatro em direção àquele trecho.

O pântano estava silencioso às suas costas. A única coisa que via eram bolhas.

— Murdoch? — Sua voz saiu como um guincho estrangulado. Ela cuspiu água no pântano e tentou de novo. — *Murdoch?*

Ouviu um arquejo rouco. Peter irrompeu na superfície a alguns metros de distância. Um emaranhado de Sombras subiu com ele: dedos arranhando seu rosto, seus olhos, seus ombros, tentando arrastá-lo de volta para baixo. Alice se ajoelhou, em pânico. Peter estava longe demais para que o alcançasse, e as facas de caça não tinham serventia ali.

Pegou o Frasco Perpétuo. Concluiu que a água do pântano não era do Lete. Aquelas Sombras, por mais furiosas que estivessem, talvez ainda temessem o esquecimento. Ela não conseguia mirar — nem haveria como, pois Peter estava envolto em um aglomerado raivoso de almas mortas. Tudo que podia fazer era lançar a água negra em um arco trêmulo. Gotas voaram pelo ar e caíram no pântano com um chiado agudo, como água em uma frigideira muito quente.

As Sombras recuaram. Peter avançou na direção dela. Três braçadas largas, duas braçadas largas — o rapaz parou, afundou e em seguida emergiu mais uma vez. Havia uma Sombra pendurada em sua mochila, com os dentes cravados no bolso superior.

— Tira a mochila! — gritou Alice.

Peter se contorceu para se desvencilhar das alças, liberou um ombro, depois o outro. A Sombra afundou de volta nas águas com um *ploft*. Ele se lançou para a frente, com as mãos estendidas para Alice, que agarrou seus braços e o puxou para cima.

Juntos, os dois se aninharam o mais próximo um do outro que conseguiram, incapazes de fazer qualquer coisa além de respirar.

— Aquela elevação — sussurrou ela. Podia ver uma faixa estreita de terra e, além dela, uma crista rochosa acima do pântano. Terreno firme. — Você consegue chegar até lá?

Peter assentiu.

Alice se levantou e avançou com passos cautelosos. Quase caiu, mas ele a segurou.

— Obrigada — disse, arfando, mas ele não a soltou.

Os dedos de Peter se fecharam ao redor do braço dela, com força, e permaneceram ali durante todo o tempo em que, passo a passo, atravessaram a Ira.

* * *

A crista se alargou em uma área mais espessa de rocha, larga o suficiente para que uma pessoa se deitasse de braços abertos. Um após o outro, os dois escalaram a borda e desabaram. Alice rolou de bruços e ficou deitada assim por um longo tempo.

— A gente tem que voltar — disse Peter.

Ela se sentou.

— Voltar pra onde?

— Pros Campos de Asfódelos. Do outro lado do muro.

— Ficou maluco? O muro *sumiu*.

— Vamos implorar. Vamos encontrar os guardiões, dizer pra eles que estamos vivos, implorar pra nos deixarem voltar…

— O quê? *Por quê?*

— Olha só pra gente. — Peter ergueu os braços. — Minha mochila já era. Tudo que tem na sua está encharcado. Vai saber se ainda tem algum giz que funciona. Sem comida e sem água, vai ser sorte se aguentarmos três dias. E como vamos gastar esse tempo, Law? Correndo atrás de uma coisa que nem sabemos se existe ou tentando voltar para casa?

— Mas aí vamos ter desperdiçado…

— Já está desperdiçado. Já foi. Por favor, Alice. — A voz de Peter falhou. — Eu não quero morrer.

— Pode ser que a gente morra do mesmo jeito — rebateu ela. — Não tem… Quer dizer, nós pegamos o barco. Eu nem sei como voltaríamos para o muro ou para os campos…

— Então, a gente encontra qualquer divindade pelo caminho e implora — insistiu Peter. — Podemos até implorar para a Tecelã, quem sabe ela fica com pena.

— Ou prende a gente aqui pra sempre! Não tem garantia nenhuma…

— Mas as chances ainda são melhores do que se nós seguirmos em frente, você não acha? Pelo menos os tribunais inferiores são previsíveis. Não fazemos

ideia do que vamos encontrar daqui em diante.

— Mas já viemos até aqui.

— Sabe — disse Peter —, a falácia do custo irrecuperável é um dos erros mais comuns na lógica cotidiana.

— Ah, vai se ferrar, Murdoch.

— O que é curioso, porque todo mundo *sabe* o que é, mas mesmo assim não deixa isso guiar o próprio raciocínio.

— Que se dane a falácia do custo irrecuperável! — esbravejou Alice, aderindo a ela mesmo assim. — Já abrimos mão de muita coisa, Murdoch. Metade do nosso tempo de vida.

— Metade é melhor do que nada.

— Mas pensa no que as pessoas vão *dizer*. A aventura idiota do Murdoch e da Law. Foram pro Inferno e não têm nada pra mostrar além de uma leve amnésia.

— Pelo menos a gente vai *voltar* — rebateu Peter. — Acho que eu aguentaria qualquer risada se estivesse vivo. Você não?

— Claro — concordou Alice. — Tudo bem. Então, por acaso você sabe o caminho de volta por aquele pântano?

Os dois ficaram em silêncio por um momento, olhando do topo da colina. Dali, parecia impossível retornar para o lugar de onde tinham vindo. O pântano se estendia entre eles e a margem do rio, e não havia uma passagem clara através das montanhas que cercavam a Ira por todos os lados. Elspeth os havia levado até o Tribunal da Ganância de barco. Não dava para saber onde o percurso daria. O único trecho estável à vista era o chão em que estavam pisando, e isso os faria adentrar ainda mais fundo no tribunal.

— Vamos até a Tirania — propôs Alice. — Se a gente não parar pra dormir, dá pra atravessar dois tribunais em um dia. E é mais provável encontrarmos o professor Grimes lá.

— Isso ainda não resolve o problema de como vamos voltar.

— Mas aí pelo menos vamos ser nós três, né? — Alice forçou a voz a ficar mais animada. — Aposto que ele vai pensar em alguma coisa, deve saber um monte de truques que a gente nem imagina.

Alguma coisa mudou na expressão de Peter, mas sumiu assim que ela percebeu.

— Tudo bem — cedeu ele, em um tom cuidadosamente neutro. — Eu levo a mochila.

Os dedos dela se fecharam por instinto em torno das alças.

— A mochila é minha.

— Só quis dizer que é pesada — explicou Peter. — A gente pode se

revezar para carregar.

Ela hesitou, mas então tirou a mochila e entregou a ele. Peter a colocou nas costas, alongou os braços e, sem dizer mais nada, começou a caminhar.

Alice distinguiu um caminho no pântano à frente, uma linha sinuosa, fina como o traçado de um lápis. Serpenteava por uma depressão entre os picos distantes, além dos quais tudo o que ela conseguia ver era uma trovoada.

Restavam quatro tribunais: Violência, Crueldade, Tirania e o último — o tribunal derradeiro, sem nome. Orfeu se recusava a falar do lugar. Os relatos budistas o mencionavam apenas como o Inferno final, a morada de um mal desconhecido. Dante afirmava que era a heresia, mas, como em tantas coisas em seu relato, isso parecia apenas a doutrina cristã se intrometendo na história.

Alice esperava que não tivessem que ir tão longe. Que a Crueldade fosse o limite. A Tirania, na pior das hipóteses. Os pecados do professor Grimes eram muitos, era verdade. Não negava isso. Mas só conseguia vê-lo como alguém tragicamente falho, um homem que havia cometido erros em sua jornada rumo à grandeza. Não por maldade. Apenas por descuido. Era só um homem cuja mente era maior que a dos outros, um gênio sobrecarregado de propósitos, que não podia perder tempo com os estragos que deixava em seu rastro.

* * *

Os dois caminhavam a um ritmo miserável, arrastando-se pelo vale, com Alice à frente e Peter atrás, pisando com cuidado na faixa estreita e sinuosa de terra firme. O pântano borbulhava e fervilhava ao redor deles. De tempos em tempos, Alice via sob a superfície translúcida um emaranhado horrendo de Sombras, se agarrando e subindo umas sobre as outras feito caranguejos em um balde. Mas, contanto que se mantivessem no caminho e não perturbassem a água, os mortos não os perturbavam.

Logo adentraram o Tribunal da Violência, um deserto árido pontuado por rochas. O pântano secou e o solo rochoso deu lugar a uma camada uniforme de sedimentos. As montanhas foram ficando cada vez menores à medida que avançavam e, ao pôr do sol, tudo o que conseguiam ver para onde quer que olhassem era uma superfície plana. De vez em quando, algo uivava ao longe. Os dois preferiram não investigar.

A noite caiu. Eles não pararam, apenas acenderam as lanternas e continuaram andando. Alice estava vagamente ciente de que suas pernas doíam, e o pescoço e os ombros latejavam. Mas seguiu adiante. Estava aliviada por pelo menos ter prática em ignorar os protestos da própria fisiologia. Noites e mais noites naquele escritório, ignorando a necessidade de comer, dormir ou mesmo

se sentar. Era apenas uma mente, flutuando na escuridão, sobrevoando o terreno. Enquanto se convencesse de que isso era verdade, quase conseguia esquecer que tinha um corpo.

— Alice. — Peter parou. Apontou a lanterna para algo bem à frente de onde estavam. — Olha.

Ela se aproximou.

— O que foi?

— As pedras. Acabamos de passar por pedras exatamente iguais a essas.

Alice apontou a lanterna para as rochas. Uma pedra baixa e redonda e uma laje longa e retangular. Será que já as tinha visto antes? Não havia notado. A única coisa para a qual vinha olhando nos últimos quilômetros era o chão sob seus pés.

— Deve ter um monte de pedra no Inferno — respondeu. — E várias devem ter esse formato.

Os dois continuaram caminhando. Cinco minutos depois, chegaram mais uma vez às mesmas rochas. O homem pequeno e o homem alto. Dessa vez, ela não pôde deixar de notá-las. Eram idênticas a como se lembrava: as rachaduras no topo da esfera, o longo sulco percorrendo a laje.

— Estamos andando em círculo — afirmou Peter.

— Mas não pode ser. — Alice sentiu um calafrio. — Deixamos a Ira pra trás, o sol estava à nossa frente, o rio à esquerda, eu não entendo.

Peter enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço encharcado de pão Lembas. Esfarelou-o na palma da mão e espalhou as migalhas na base das pedras. Com o farelo restante, deixou uma pequena trilha partindo da base.

— Pronto — declarou. — Agora a gente vai ter certeza.

Então seguiram em frente. Cinco minutos depois, se viram diante das mesmas pedras e das migalhas de pão.

Ele levou a mão à têmpora.

— Eu estou… Não estou me sentindo muito bem.

Alice sentia o mesmo: um leve enjoo, uma tontura. A cada instante, sua posição em relação ao entorno parecia fazer sentido absoluto, com um caminho claro a seguir, mas, assim que dava um passo, tudo mudava.

— Olha — falou Peter. — Está vendo aquela linha?

Ele tirou a mochila das costas, se ajoelhou e começou a engatinhar, tateando a areia. Alice teve que estreitar os olhos por um instante até enxergar também — uma linha curva e ligeiramente elevada no solo, formando uma barreira ao redor das pedras. Ela seguiu o arco da curva, fazendo uma grande volta por trás deles, abrangendo o trecho de onde tinham vindo.

Podia apostar que era um círculo perfeito. Todo mago era capaz de

desenhar um círculo perfeito.

— Virgem Santa. — Peter passou as mãos pelo chão. — É um Escher.

Ele desapareceu.

Alice ainda teve tempo de gritar antes que o chão se abrisse a seus pés também. Caiu de uma altura curta e aterrissou de costas, com um baque surdo. Estrelas explodiram por trás de seus olhos. Mas a terra era macia, e a dor passou rápido. Logo conseguiu se sentar e limpar a areia dos olhos.

— Você está bem?

A luz da lanterna de Peter dançava acima dela. Alice viu o rosto dele, pálido e assustado.

— Estou — murmurou. — Mas onde…

Peter moveu a lanterna, traçando um círculo ao redor deles.

Estavam em um buraco. Feito por mãos humanas, não natural. As paredes eram uniformes demais e se uniam à base em um ângulo reto perfeito. A profundidade devia ser de cerca de cinco ou seis metros. A borda parecia muito próxima, mas era nítido que estava longe demais para que a alcançassem com um salto, e ainda longe demais mesmo que Alice se equilibrasse sobre os ombros de Peter e ficasse na ponta dos pés.

Ela tateou o chão até encontrar a própria lanterna. Juntos, os dois examinaram as paredes de terra lisa até que a lanterna de Alice iluminou algo angular, com saliências no canto.

— Degraus — sussurrou.

Girou a lanterna ao longo das paredes, seguindo-os. Graças a Deus, levavam até a superfície. Não eram degraus convencionais, mas blocos curtos embutidos na terra, largos o suficiente para acomodar apenas um pé de cada vez. Mas levavam para cima.

Os dois começaram a subir, pressionando o peito contra a parede para se equilibrarem. Alice deveria saber que nunca chegariam ao topo — deveria ter desconfiado no momento em que viu aquele círculo na areia —, mas mesmo assim o desespero se instalou em seu estômago quando viraram na primeira curva e a superfície ainda parecia tão distante quanto antes. Eles continuaram, dobrando um segundo canto, depois um terceiro, movidos por uma esperança tola, mas a distância não encurtava. Ainda estavam a menos de trinta centímetros do chão.

— Droga. — Peter pulou de volta. Ele bateu com a mão na parede. — É uma escada de Penrose.

Alice reconheceu o padrão assim que ele disse isso. Os dois haviam sido jogados em um espaço de geometria nula; estavam girando em torno de uma ilusão. A escada nunca os levaria para fora porque, de forma impossível, fazia

curvas de noventa graus em um circuito fechado. Estavam presos em uma armadilha de Escher.

Maurits Cornelis Escher, arquiteto holandês que se tornou artista experimental, ficou famoso em meados do século XX por suas ilustrações de planos que não poderiam existir. Seu trabalho fundou todo um subcampo de magia visual que usava ilusões para distorcer o espaço físico. Poucos tiveram sucesso com as técnicas do estudioso, pois exigiam proficiência artística, rapidez e a capacidade de traduzir representações artísticas multidimensionais em linguagem algorítmica. Até o fim dos anos 1970, esse subcampo era dominado por Nick e Magnolia Kripke.

— Encontrar o pentagrama — sussurrou Alice. — Encontrar as falhas.

Peter já estava de joelhos, revirando a terra e levantando as pedras na esperança de encontrar algum vestígio de giz. Mas Alice sabia que seria inútil. Qualquer mago que se prezasse teria escondido o desenho sob camadas e mais camadas de terra.

Cu-coo.

Os dois se sobressaltaram.

Cu-coo.

— Meu Deus! — exclamou Peter.

Peter apontou a lanterna para o topo do buraco. Bem acima deles, aninhado na fenda de uma rocha, havia um cuco em uma mola, as entranhas arrancadas de um relógio. *Cu-coo*. Havia um igual àquele na sala dos pós-graduandos, o som ajustado para um volume ensurdecedor. E quando surgia, de hora em hora, o pássaro tinha o efeito de motivar todos a largarem as xícaras de chá, se levantarem e irem embora. Ninguém suportava aquele barulho, que os lembrava de que o dia estava se esvaindo e marcava o tempo desperdiçado. O cuco na superfície se balançava para a frente e para trás em uma mola enferrujada, aparecendo em intervalos de trinta segundos. O canto não era alto, mas se espalhava sem cessar. O chilrear agudo se dissolvia no uivar do vento pelas areias. *Um sinal*, pensou Alice. *Venham. Encontramos algo.*

O sorriso sombrio de Elspeth surgiu, indesejado, em sua mente.

Por que vocês acham que eles amam os vivos?

Alice tentou controlar a respiração.

É impossível pensar quando se está em pânico — essa lição era incutida na cabeça de todo jovem mago. Ela tentou conter a própria mente para que mantivesse o foco necessário para resolver uma prova. Porque aquilo não passava de uma prova, uma bem difícil, e não adiantava perder a cabeça. Só precisava ignorar o que estava em jogo e manter a calma enquanto seguia toda a rotina padrão para desfazer o trabalho de outro mago. Encontrar o pentagrama,

localizar as falhas — frases mal formuladas, estruturas mal construídas — e então desmanchar a irrealidade com outra camada de artifício.

Mas era inútil. Os Kripke haviam tido muito tempo para aperfeiçoar a própria arte. O trabalho deles era impecável. Isso ficava evidente nas linhas nítidas e precisas, na engenhosidade com que haviam incorporado cada traço à paisagem. E quanto mais ela procurava, mais uma pressão crescia em seu peito.

Alice conhecia bem aquele terror insidioso. Em quase todos os projetos de pesquisa, chegava um ponto em que você entendia que era hora de parar — que todo o tempo e esforço investidos em uma hipótese antes promissora não estavam levando a lugar nenhum. E talvez você pudesse insistir, mas, uma vez que se alojava em seu interior, a sementinha da dúvida não parava de crescer, as gavinhas se espalhavam pelos pulmões até você não conseguir mais respirar nem pensar, e, quanto mais tentava extrair algum resultado positivo de seu empenho, mais os fios do projeto iam se soltando, a areia se movia sob seus pés, e por fim todo o artifício desmoronava e você era forçado a reconhecer que aquilo simplesmente não ia funcionar.

Um mago bem treinado estava acostumado a esse tipo de pânico. Ciência significava fracasso, como Thomas Edison havia demonstrado. Ciência significava saber quando minimizar as perdas e recomeçar, buscar novos financiamentos, novas hipóteses, novos materiais e ideias. Se soubesse como jogar o jogo, você sempre podia tentar de novo. Sempre podia inventar outra coisa.

Só que, daquela vez, era uma questão de vida ou morte, e não havia como recomeçar. Havia apenas a inevitabilidade dos Kripke e seu giz sedento de sangue.

— Não — sussurrou Alice. — Não, não, por favor.

Mas não adiantava. A busca não resultava em nada, e para onde quer que apontasse a lanterna, ela encontrava apenas ilusões perfeitas, nenhum traço de giz à vista.

Peter já havia desistido. Estava encostado na parede, com a cabeça entre as mãos. O corpo inteiro tremia, mas Alice levou um instante para perceber que ele estava rindo.

— Elspeth estava certa — falou. — Nós somos uns idiotas.

— Não fala isso — pediu Alice.

— Eu estava vivo. — Os ombros dele se agitavam violentamente. — Eu estava vivo, estava *feliz*, estava *bem*, e mesmo assim vim até aqui nessa missão estúpida.

— Não foi estúpida.

— Foi completamente inútil.

— Nós viemos pelo Grimes, valeu a pena.

— Ah, cala a boca, Law. — Peter levou a palma da mão à testa. — Não percebe como soa desesperada? Tudo isso só pra você poder voltar correndo e ser a favorita dele.

— *A favorita dele?*

— É só isso que importa pra você, não é? — Ele adotou um tom agudo e cruel. Ela nunca o tinha ouvido falar de maneira tão maldosa. — "Ah, professor Grimes! Você é tão *brilhante*, professor Grimes! Me leva pra Roma, me leva pra Veneza. Só quero ficar de braços dados com você e beber um Aperol Spritz."

— Murdoch, para. — Alice quase lhe deu uma bofetada. — Você não sabe de porcaria nenhuma.

— É mesmo? — Os olhos de Peter estavam vermelhos. — Você não está apaixonada por ele? Não é essa a razão por trás disso tudo?

Alice não sabia se ria ou se gritava. Peter só podia estar de brincadeira. Mas ele continuou a encará-la com aqueles olhos úmidos e tristes, e Alice percebeu que Peter de fato acreditava no que tinha dito.

— Eu *odeio* aquele homem — afirmou ela. — Quando ele morreu, foi como se eu finalmente pudesse voltar a respirar.

— Então, por que está aqui embaixo? — sussurrou Peter, com raiva. — Por que *diabos*…

— Porque a culpa foi minha. — Alice soltou um suspiro trêmulo. Em seguida, disse em voz alta as palavras que havia sufocado por meses, porque pronunciá-las as tornaria verdade, e ela não queria que fossem verdade: — Eu matei o Grimes.



Capítulo Vinte

Que a academia era sexista era um truísmo tão enfadonho que Alice já nem se incomodava mais com esse fato. Quando, em 1893, o Conselho da Universidade de Cambridge propôs a concessão de diplomas para as mulheres, estudantes penduraram a boneca de uma ciclista no fim da rua King's Parade, como forma de protesto. Quando a proposta foi abandonada, os manifestantes a decapitaram e a despedaçaram em comemoração. Foi preciso quase mais um século até que todas as faculdades de Oxbridge passassem a admitir estudantes do sexo feminino. A Magdalene College foi a última, e só começou a aceitar mulheres no ano em que Alice chegou a Cambridge. No primeiro dia de aula, os alunos do sexo masculino usaram braçadeiras pretas, e a bandeira foi hasteada a meio mastro.

Ainda assim, havia um consenso geral entre as mulheres da turma de Alice de que o feminismo era um modismo constrangedor, uma febre ultrapassada dos anos 1970. Ela mesma com certeza não queria ter nada a ver com aquilo. Não estava interessada em ler Kristeva ou Irigaray, em comparar tudo a um falo. Não suportava aquelas ativistas estridentes que acreditavam que a única coisa politicamente razoável era se tornar lésbica. Queimar sutiãs e vandalizar bonecas, a invocação constante daquela palavra assustadora — *discriminação*. Era tudo tão vergonhoso que parecia menos uma revolução e mais uma birra. Para ela, a melhor maneira de provar que as mulheres não eram inferiores era simplesmente não ser inferior.

Qual era a dificuldade nisso?

Na faculdade, Alice tivera várias aulas com uma garota chamada Lacey

Cudworth, que sempre começava a chorar quando achava que os colegas argumentavam com ela de um jeito muito "masculino" ou insinuavam que mulheres não eram boas em lógica. Por vezes, Lacey recorria a Alice em busca de solidariedade, mas ela rechaçava essas tentativas. *Não conte comigo*, pensava. *Não somos parecidas*. Achava que a garota prejudicava a imagem das mulheres, que suas queixas só confirmavam tudo que os homens pensavam delas e que, além disso, Lacey estava concentrando as energias nos problemas errados. É claro que os departamentos delas eram dirigidos por velhos conservadores, de olhares lascivos, que achavam que elas não serviam para quase nada além de ter filhos. Mas aqueles homens logo estariam mortos e enterrados — enquanto isso, o trabalho não era divertido?!

Só que Alice não estava preparada para o quanto as coisas poderiam ser absurdamente ruins, quase beirando o ridículo. Durante a graduação, tinha sido protegida do pior por um orientador gentil e pelo fato de que, sendo apenas uma graduanda, era insignificante demais para atrair a atenção dos grandes lobos maus. Por isso, ficou chocada ao chegar a Cambridge e descobrir que, sim, professores titulares de fato podiam lhe perguntar, na frente de outras pessoas, quando ela pretendia engravidar (de preferência não durante o doutorado, mas o momento ideal seria antes de completar trinta anos e seu útero secar), se já estava namorando alguém de outro departamento (o que aumentaria as chances de uma contratação por vínculo conjugal, caso não conseguisse um emprego por conta própria) e se consideraria ir trabalhar com uma saia mais curta (isso elevaria o moral entre os pós-graduandos do sexo masculino).

Era o suficiente para fazer qualquer pessoa desistir. Com certeza, tornava a maioria das mulheres de Cambridge amarguradas. A bela Belinda, tão consciente dos próprios encantos, logo trocou as blusas de seda por camisas sociais masculinas, mas não adiantou, e os rapazes começaram a chamá-la de Asioteia de Filos em tom de chacota. Katie, uma professora assistente com quem Alice às vezes se encontrava para tomar um café, mantinha o cabelo sempre bem curto, rente ao couro cabeludo, embora isso também tivesse saído pela culatra quando começaram a circular boatos de que ela era lésbica. Ada e Geraldine simplesmente deixaram o departamento — e o campo acadêmico, até onde sabia — depois de se casarem e nunca mais voltaram.

Alice, no entanto, ainda acreditava em um meio-termo impossível: a ideia de que poderia existir um equilíbrio perfeito entre feminilidade e subjugação; de que, se conseguisse usar roupas que fossem perfeitamente atraentes e modestas, poderia desfrutar da atenção que o fato de ser mulher no departamento lhe proporcionava e, ao mesmo tempo, impor respeito como pesquisadora. As chances de esse meio-termo existir eram ínfimas, mas mesmo assim ela se

agarrava a essa esperança. Afinal, todo o esforço da pós-graduação se resumia a isto: agarrar-se a esperanças quase nulas. Ser mago era ser a tartaruga apostando corrida com Aquiles, alimentando a ilusão de que, enquanto o corredor se aproximava cada vez mais, o espaço e o tempo ficariam parados só para que ela pudesse se manter à frente.

Se alguém tivesse perguntado por que nunca denunciara o professor Grimes por nenhuma das coisas que ele fez ou disse, Alice teria explicado que não havia o que denunciar, porque a culpa era sua.

A culpa era sua, veja bem, porque quando ouviu pela primeira vez que Grimes tinha dificuldade de manter as mãos longe das alunas, ela sentiu uma pontada de empolgação. Ah, claro, em público, Alice fingiu repulsa, mas no privado se perguntou se seria bonita o suficiente, delicada e magra o bastante para atrair a mesma atenção. Diziam que o sujeito gostava de garotas que pareciam bailarinas, garotas tristes e frágeis, com uma relação conturbada com o pai. Então Alice foi para casa, prendeu o cabelo em um coque no alto da cabeça e se perguntou se estaria à altura.

A culpa era sua porque às vezes, à noite, fantasiava com as mãos dele em seus ombros, os olhos dele fixos nos dela. Essas fantasias nunca evoluíam para o carnal — eram teoricamente algo que Alice queria, mas parecia errado, de algum modo, profanar a grandeza do professor Grimes, reduzi-lo a um corpo suado e desejoso. Não podia equipará-lo aos rapazes ofegantes e desesperados que tinha conhecido na faculdade, que se transformavam em meros animais irracionais no momento em que a mão de Alice se aproximava da virilha deles. O que ela amava no professor Grimes era a mente. Aquela inteligência afiada feito uma lâmina.

Não fazia ideia do que queria da união dos dois. Queria que Grimes a devorasse. Queria ser o pedaço de carne nas mãos de Saturno. Queria se tornar ele. Não sabia qual desses desejos a movia.

Alice não era burra. Sabia que manter um relacionamento com o orientador colocaria sua carreira em risco. Tinha ouvido advertências suficientes de Belinda e Hilary antes mesmo de conhecer o professor. Tomava o cuidado de nunca aceitar convites para jantar ou tomar um drinque — tinha namorado, mentia, com um ar despreocupado, não estava disponível —, de não se vestir de modo muito casual nem ficar sozinha com o sujeito a portas fechadas. Dicas que aprendera ao longo de meia década como mulher na academia.

Mas, ah!, como era emocionante caminhar sobre aquela linha tênue, existir naquele espaço liminar entre a virtude e o pecado. Como seu coração se acelerava quando o olhar de Grimes recaía sobre ela durante uma palestra, quando os lábios dele se curvavam em aprovação depois de algum comentário

dela. Como adorava ser a favorita dele — *a Alice conseguiu, vocês precisam ser mais parecidos com a Alice*.

Sabia que o homem a achava atraente. Já havia notado os olhares demorados, as mãos que permaneciam em seu ombro por mais tempo do que deveriam. Não havia dúvida de que o professor dormiria com ela se tivesse a chance. Essa certeza lhe dava uma sensação distorcida de poder, contanto que não fizesse nenhum movimento. Porque ela podia, ela *podia*. Bastava dizer sim. Sabia que devia ser por isso que ele a havia escolhido como orientanda, que a levava a congressos e viagens de pesquisa. Sabia o que diziam sobre o professor Grimes pelas costas e, às vezes, na cara dele. O sujeito adorava aparecer de braços dados com uma garota bonita. Bem, se fosse apenas o braço, tudo bem. O favoritismo era aceitável, desde que a beneficiasse.

Alice sabia como andar na linha. Gostava de deslumbrar todo mundo nos congressos com seu profissionalismo e sua postura, suas saias lápis e saltos que ecoavam pelos corredores. Ria de forma irônica das piadas obscenas da velha guarda e rechaçava qualquer um que tentasse algo com ela.

— Nem tenta com a Alice — ouvira o professor Grimes dizer certa vez a um homem mais jovem que tinha passado a noite lhe lançando sorrisos. — Ela se importa demais com o trabalho.

Alice guardou esse elogio como um tesouro por dias. Ele a levava a sério. Achava que ela se importava demais com o trabalho!

Alice acreditava que tinha conseguido alcançar o ideal impossível: a mulher muito desejada, porém inalcançável e, portanto, virtuosa e perfeita. A mulher que era tudo ao mesmo tempo. Eram os dias derradeiros da segunda onda do feminismo, e todas as jovens da geração de Alice estavam cansadas de ouvir que haviam nascido para serem estupradas, oprimidas e silenciadas. Certamente esse não era o quadro completo; certamente havia algum poder em seu sexo. Alice era ao mesmo tempo atraente e contida, e isso fazia com que se sentisse superior, mesmo quando via o professor Grimes desaparecer em quartos de hotel com outras mulheres do congresso. Alice era diferente. Elas eram esposas em potencial, Alice era uma maga.

Certa noite, trabalhando até tarde no escritório, viu o professor Grimes entrar com uma loira trôpega que ria alto. Era a nova secretária do departamento. Alice só a tinha visto uma vez, no início daquela semana, quando entregara uma pilha de provas corrigidas destinadas aos alunos da graduação. O nome da mulher era Charlotte, era de Kensington e tinha o tipo de personalidade ágil e polida que fazia você se sentir culpada por estar tomando o tempo dela. Cabelos reluzentes cor de manteiga. Pernas de ex-bailarina.

— Ah! — Charlotte arfou. — Para com isso.

— Me faz parar — disse o professor Grimes, o que foi a coisa menos professoral que Alice já ouvira sair da boca dele.

— Seu grande… — começou Charlotte, e deu uma risadinha quando Grimes enterrou o rosto no pescoço dela. — Seu grande *lobo mau*.

Alice não conseguia se mover.

Tinha permissão para estar ali. Na verdade, o professor *sabia* que ela estaria ali, pois ele mesmo pedira que Alice ficasse até mais tarde; era provável que tivesse esquecido, mas isso não significava que ela estivesse fazendo algo errado — mesmo com as luzes apagadas. Mesmo que, para qualquer pessoa razoável, o escritório parecesse vazio. Ainda assim, ela deveria ter anunciado sua presença, e como não o fizera quando os dois entraram, não poderia mais fazer isso sem assustá-los.

Tampouco conseguiria ir até a porta sem ser vista. Recusava-se a se agachar embaixo da mesa e se esconder, feito uma tola. Para seu cérebro desesperado, a única opção possível parecia ser continuar onde estava, paralisada, observando, com o coração disparado e a boca entreaberta, enquanto o professor Grimes rodopiava com Charlotte pelo laboratório.

Por sorte, ele estava se dirigindo para a própria sala. Se ao menos entrassem lá e fechassem a porta… então ela poderia escapar sem ser notada.

Mas eles não chegaram à sala. Começaram a se beijar apoiados na lousa. Charlotte arquejou. O professor Grimes a levantou pelas pernas, pressionou-a contra a parede, e moveu as mãos de uma maneira que fez com que a voz de Charlotte se elevasse várias oitavas — um gemido único, subindo e descendo em uma escala musical.

Alice permanecia imóvel, ao mesmo tempo fascinada e horrorizada, perguntando-se se aquela seria uma cena da qual gostaria de fazer parte. Charlotte gemeu mais uma vez. A mão de Alice escorregou e esbarrou em um béquer. O recipiente de vidro não se espatifou no chão — estava longe da beirada da mesa —, mas se chocou contra outro béquer, e o som cortou o silêncio.

O professor Grimes ergueu o rosto, os olhos semicerrados se fixando diretamente nos dela. E não interrompeu o que estava fazendo.

O coração de Alice deu um salto.

Ela agarrou o crachá e saiu correndo. Sentiu os olhos do professor queimando em suas costas durante todo o trajeto até a saída do prédio, e foi só quando atravessou as portas da frente e foi atingida pelo ar frio da noite que conseguiu respirar.

Achava que Charlotte nunca tinha ficado sabendo que ela estivera lá. Às vezes, Alice se perguntava sobre isso ao cruzar com a mulher no corredor. Nas

semanas seguintes, observou-a se animando quando Grimes passava por sua sala, e os ombros se encolhendo quando ele não retribuía seu aceno. Reparou em pequenas mudanças na aparência dela: como parou de usar batom, como não combinava mais a blusa com os sapatos, como era cada vez mais frequente que o cabelo parecesse sujo e desgrenhado. Notou que Charlotte lançava olhares raivosos para as outras mulheres do departamento, especialmente Belinda, estreitando os olhos e retorcendo os dedos. Às vezes, ao fitar o rosto pálido e abatido da mulher, Alice imaginava se a secretária não se abriria com ela, mas tudo que recebia em resposta era um educado "Bom dia, Alice".

Às vezes, ela se questionava se não havia inventado ou exagerado todo o episódio, se sua mente não teria divagado, como sempre acontecia naquelas madrugadas de trabalho intenso.

Mas não conseguia tirar aquela cena da cabeça. Afinal de contas, sua memória era infalível.

Não conseguia mais olhar para o professor Grimes sem pensar na risada de Charlotte, nas coxas dela se movendo para cima e para baixo, nos suspiros de prazer. Não conseguia ouvir a voz dele sem se lembrar daquele rosnado baixo.

Me faz parar.

E começou a confundir aquelas imagens inquietantes com seus próprios desejos, porque era culpa dela se continuava a se lembrar daquilo, não era? Não teria visto tanta coisa se tivesse anunciado sua presença, se não tivesse exibido um comportamento tão *doentio*, tão indecente, ávida por ficar e assistir.

Alice não sabia dizer onde terminava a má conduta do professor Grimes e onde começava sua própria cumplicidade. Não conseguia distinguir o que havia feito de errado.

Então, quando tudo aquilo se tornou um fardo — quando começou a interferir em seus estudos, quando ela passou a se sentir menos uma acadêmica de verdade aos olhos dele e mais um par de pernas ambulantes —, não teve ninguém a quem culpar além de si mesma por ter agido como uma vadia sentimental e estúpida.

Deveria ter sabido disso desde o início.

Era o cordeiro que havia entrado direto na toca do lobo porque queria entender o motivo de tanto alarde. No fundo, parte dela queria ser devorada. E sentia que o professor Grimes com toda a certeza tinha percebido isso no instante em que seus olhos se encontraram naquela noite. Talvez ele soubesse disso desde o começo.

* * *

Aconteceu na noite em que voltaram do jantar do Prêmio Leverhulme, tontos, eufóricos, ambos embriagados pela atenção que haviam recebido durante toda a noite. Pegaram o último trem na estação de Liverpool Street e depois um táxi para o departamento — o departamento, não suas respectivas casas, porque o professor Grimes havia decidido na estação que primeiro eles *tinham* que passar em seu escritório para pegar alguns papéis, e Alice, empolgada e exausta, não pensou em questionar essa desculpa esfarrapada.

Já no prédio, os dois não paravam de rir, tropeçando nas coisas. Grimes perdeu o equilíbrio e passou a mão sobre um conjunto de algoritmos no qual Michele vinha trabalhando arduamente na lousa durante toda a semana, deixando um arco perfeito de cinco dedos através de densas camadas de giz, e eles acharam isso a coisa mais hilária do mundo. Em sua sala, o professor propôs que começassem a planejar as aulas do próximo período letivo, o que era um pretexto ridículo, pois nenhum deles estava em condições de planejar nada.

Ali, os dois formavam um impecável diorama de tolos, esbarrando nas portas, derrubando objetos, se atrapalhando com as chaves. Alice, muito bêbada e muito focada naquele pretexto, começou a vasculhar a mesa do professor, tentando encontrar o material de aula. Naquele momento, aquilo parecia ser a coisa mais importante que já existira.

— Estava bem aqui — repetia ela. — Eu mandei imprimir ontem, estava bem aqui.

— Alice — chamou o professor Grimes.

Ela se levantou e se virou.

Ele atravessou o escritório e tomou seu rosto entre as mãos.

Poderia ter sido um gesto romântico, mas tudo que Alice identificou naquele instante foi a sensação de estar encurralada. As bochechas comprimidas pelo aperto implacável daquele homem. De perto, o rosto dele parecia *enorme*, insuportavelmente grande, como se estivesse inflado em uma tela de TV.

Os traços pelos quais ela havia suspirado durante tantas noites — as sobrancelhas espessas e escuras, o nariz de contornos bem definidos — estavam ali, a centímetros de distância, e de repente pareciam grotescos. Humanos demais, *desejosos* demais. Todas as qualidades que admirava — a genialidade, o brilhantismo, o intelecto aguçado e cruel — estavam inscritas, afinal, em um corpo imperfeito e mortal. O hálito dele era forte, azedo, e ela conteve a náusea.

A embriaguez se dissipou rápido. A risada morreu em sua garganta.

— Eu sei. — Grimes interpretou seu tremor como um sinal de êxtase. — Eu vi nos seus olhos, Alice. Também sinto o mesmo.

— Não — respondeu ela, com a voz estrangulada.

— Está tudo bem.

A mão do professor acariciou sua nuca. Os olhos dele perscrutaram os de Alice, e os lábios se abriram em um sorriso. Ela havia passado anos admirando aquele sorriso, o calor de seu carisma. Mas, naquele momento, ele a horrorizava. Não passava de um charme fabricado, uma fantasia. Minha nossa, como os dentes dele eram brancos.

A outra mão do professor Grimes deslizou pela cintura dela. E desceu mais.

— Você gosta de provocar, né? — comentou ele. — Meu Deus, suas costelas.

Alice teve a sensação de que seu coração estava prestes a explodir. Na verdade, achou que de fato poderia morrer antes que as coisas avançassem. Nunca na vida havia se sentido um animal confinado: fraca, impotente, presa em uma armadilha que ela mesma havia construído.

O que mais a envergonhava naquela noite, a lembrança que nunca conseguiria tirar da cabeça, era o quanto havia chegado perto de dizer sim a tudo.

Teria sido tão fácil se simplesmente tivesse dado ao professor Grimes o que o sujeito queria. Ele teria satisfeito os próprios desejos. Teria ficado saciado, contente com ela, e isso talvez trouxesse a Alice algum alívio. Nos momentos exauridos depois que tudo tivesse acabado, poderia ter pedido conselhos sobre seu projeto de pesquisa. Poderia ter pedido que a recomendasse quando ela solicitasse um financiamento extra naquele verão. Talvez até tivesse tirado algum prazer daquilo. Tinha certeza de que, se dividisse a mente em duas, se ignorasse todas as partes de si que estavam gritando, se afundasse de volta no torpor daquela embriaguez estúpida, poderia transformar aquela situação apenas em uma noite de diversão que havia saído um pouco do controle.

E talvez continuasse, porque quando se dizia sim uma vez, significava que dizia sim para todas as vezes futuras. Tinha apenas mais três anos pela frente. Em três anos, se formaria, pegaria suas cartas de recomendação e seguiria para uma nova instituição, onde seu trabalho seria tão brilhante que logo todos ignorariam os rumores que circulavam. E, quem sabe, antes disso, o olhar de Grimes se voltasse para alguma outra caloura cheia de entusiasmo e assim deixasse Alice livre para se concentrar na própria pesquisa.

Seria possível tolerar qualquer coisa por apenas três anos.

Ela amoleceu nos braços dele; sentiu seus lábios se abrindo para os dele. E teria cedido ali mesmo, se não tivesse sido invadida por uma onda repentina e avassaladora de repulsa.

Grimes não era um colega qualquer do departamento. Aquele homem era seu orientador. O guardião de sua mente. Seu *professor*.

— Eu não quero. — Alice precisou se esforçar ao máximo para se obrigar a dizer essas palavras. — Professor…

Os lábios do sujeito roçaram seu pescoço.

— O que foi?

— Eu não…

Para seu horror, ela viu um movimento por cima do ombro de Grimes.

Do outro lado do laboratório, em um retângulo de luz distante, estava Peter Murdoch. Uma pilha de livros nas mãos, um pacote de giz equilibrado no topo, parado na porta com a outra mão erguida, como se estivesse prestes a bater.

O professor Grimes não o viu. Mas Alice observou enquanto ele recuava devagar, com a boca ligeiramente entreaberta. Seus olhos se encontraram por um instante, por cima do ombro do professor, antes de Peter se virar e ir embora às pressas.

— Por favor.

Por fim, Alice encontrou forças para se desvencilhar. O homem não queria soltá-la. Ela teve que se contorcer, de fato lutar para se libertar, e a súbita violência pareceu enfim convencê-lo de que seus protestos não eram, na verdade, parte de um joguinho de sedução.

— Eu não…

— Não precisa ter medo.

— *Não!* — gritou ela, o primeiro som real que conseguiu emitir; ou, pelo menos, a primeira vez que Grimes pareceu ouvi-la.

Funcionou. Ele recuou. Ela se afastou.

— Alice — chamou o professor enquanto ela se lançava no corredor. Sempre tão calmo. Como se não tivessem feito nada além de dar uma olhada em ementas. A voz dele ficou mais severa. — Alice, volta aqui. Volta aqui agora.

Mas ela já tinha disparado para longe, o coração martelando no peito. E embora soubesse que o homem não ia segui-la, embora tivesse esquecido o casaco e seus saltos vacilassem perigosamente sobre os paralelepípedos, só parou de correr depois de ter chegado ao fim da rua, atravessado a ponte, percorrido todo o caminho ao longo do rio e chegado, por fim, a seu apartamento.

* * *

Depois daquela noite, o professor Grimes passou a tratá-la com frieza.

Alice sabia que isso ia acontecer, mas mesmo assim ficou arrasada com a repentina perda do apoio dele. Quando chegou ao laboratório no dia seguinte, constrangida e fragilizada, descobriu que sua mesa de trabalho havia sido

desocupada e que todos os seus pertences haviam sido levados para o escritório anexo, no fim do corredor. Dirigiu-se, hesitante, à sala do professor, na esperança de que houvesse algum engano, mas Charlotte lhe informou que Grimes ia passar a manhã toda em Londres. Quando o homem finalmente voltou, ela estava no corredor, em um intervalo para o chá com os outros pós-graduandos. Alice levantou o rosto para cumprimentá-lo, mas ele passou direto sem dizer uma única palavra.

— O que você fez? — perguntou Michele.

— Não sei — respondeu Alice.

— O Grimes parece furioso — comentou o colega. — Nunca o vi tão furioso assim.

O professor não falou com ela no dia seguinte, nem no outro. Vindo de qualquer outra pessoa, aquele tratamento pareceria até cômico, infantil, mas, vindo dele, a aterrorizava. Não havia sinal de quando aquilo ia acabar. Alice não sabia quando Grimes retaliaria, se estava planejando alguma punição futura. Não sabia nem ao menos se ainda pensava nela — ou se simplesmente a havia tirado de vez de seus pensamentos. Restava a Alice evitar o escritório dele, prender a respiração quando o homem se aproximava e, dia após dia, esperar por sua clemência.

Ela tinha motivos para continuar aparecendo no departamento. Tinha projetos em andamento, artigos para escrever, aulas para ministrar. O professor Grimes não podia simplesmente anular seu trabalho. Era boa no que fazia e já havia provado sua capacidade para os outros professores incontáveis vezes àquela altura. E Grimes tampouco podia continuar a ignorá-la na frente de todo mundo. Em público, pelo menos, precisava manter a fachada de bom orientador. Se ela não queria atrair perguntas, ele queria menos ainda.

No entanto, podia ir minando a autoconfiança de Alice aos poucos, comentário por comentário, desprezo por desprezo. Pequenos golpes. Não a convidava mais para tomar chá em seu escritório. Quando foi anunciado como organizador da mais recente coletânea de textos sobre magia linguística, não a convidou para contribuir, embora ela fosse a escolha óbvia para escrever o capítulo introdutório sobre cognatos e falsos cognatos. Em vez disso, Grimes acabou designando a tarefa a um calouro que mal sabia soletrar o próprio nome.

Essa situação se estendeu por meses.

Enquanto isso, Peter voltou a subir no conceito do professor. Qualquer que tivesse sido a misteriosa ofensa que havia cometido durante o verão, isso já tinha ficado para trás. Toda vez que passava pela sala de Grimes, Alice via o rapaz lá dentro pela janela, inclinado para a frente na beirada da cadeira, gesticulando animadamente enquanto conversavam. De repente, todo mundo só falava do

novo e empolgante artigo que Murdoch e Grimes estavam escrevendo em coautoria, como era certo que seria aceito na *Arcana*, como tinha potencial para revolucionar o campo da teoria dos conjuntos e faria Bertrand Russell se revirar no túmulo.

Todos no departamento perceberam a mudança, embora ninguém soubesse o que de fato havia acontecido. Os outros professores presumiram que Alice havia irritado Grimes com um trabalho medíocre e, por consequência, passaram a tratá-la com extrema cautela. Já tinham visto alunos terem colapsos antes. Haviam testemunhado o desgaste que precedia a queda.

— O Jacob pode ser duro — comentou o professor Byrne na sala de convivência certo dia, sem que Alice tivesse perguntado nada. — Mas… Bem, continue de cabeça erguida e faça um bom trabalho. Logo as coisas vão voltar ao normal, está bem?

Os alunos de graduação, que tinham medo até da própria sombra, repararam na maneira como o professor Grimes tratava Alice e presumiram (talvez com razão) que o odor de fracasso que emanava dela era contagioso. Começaram a migrar das turmas dela para as de Michele e Peter. Os alunos da pós eram mais perspicazes. Eles simplesmente sabiam, assim como todos sempre souberam o que acontecera com Charlotte. Mesmo que só conseguissem intuir as linhas gerais da história, eles sabiam. Michele foi solidário, sempre oferecendo a Alice um sorriso triste e gentil quando se cruzavam. Belinda, no entanto, passou a tratá-la com frieza. Alice tinha a impressão de que a colega achava, não sem motivo, que ela deveria ter se comportado melhor. Que se não tivesse agido como uma vadia, se tivesse sido tão cuidadosa quanto ela mesma sempre fora, não estaria naquela situação.

A fofoca tinha se espalhado, e Alice a entreouvira. Por fim, todas as pessoas do departamento tinham alguma opinião sobre ela, fosse pena, condescendência ou uma curiosidade abjeta. Mas já estava acostumada a rumores. Afinal de contas, era aluna de Grimes. E poderia ter enfrentado tudo, não fosse por Peter.

Não suportava a maneira como as coisas haviam mudado entre os dois.

O rapaz se tornara insuportavelmente estranho depois daquela noite. Parecia não saber como agir. Parecia ter medo dela, estar com raiva dela e confuso em relação a ela, tudo ao mesmo tempo. Não conseguia nem mesmo manter uma aparência de profissionalismo. Nunca a olhava nos olhos. Quando precisava lhe dizer alguma coisa, quase sempre pedia a um graduando que o fizesse. Certa vez, Alice o cumprimentou de longe no laboratório, e na mesma hora ele deixou cair o café. Antes, ela achava que sua indiferença era a pior coisa possível, mas teria preferido isso ao que passou a existir entre eles: toda aquela

tensão frágil e uma lembrança vívida demais. Relembrava aquela cena o tempo todo, sobrepondo-se à sua visão toda vez que o fitava. Peter na porta. Apertando os livros contra o peito. A mão hesitante. Os olhos arregalados, a repulsa estampada no rosto.

Alice pensava com frequência em lhe contar a verdade. Sabia o que ele estava pensando e queria que soubesse que não era nada daquilo. Mas, ah, como tinha vergonha! Só de se recordar da expressão dele, o olhar perplexo, ela queria sumir. Não sabia o que seria pior: o ressentimento ou a pena. "Aconteceu uma coisa comigo", diria Alice, e todo o respeito que ele tinha por ela desapareceria.

Por fim, decidiu: pena era melhor do que repulsa. Precisava que alguém soubesse que era mentira. Tinha que tentar, pelo menos. E Peter Murdoch era a única pessoa para quem suas palavras ainda poderiam ter peso, para quem as nuances ainda poderiam desvelar a verdade. Alice levou semanas para reunir coragem, mas estava decidida. Se ao menos não tivesse falado com Belinda primeiro.

— Você sabe quando o Murdoch vem hoje? — perguntou à colega.

— O Peter? — Belinda deu de ombros. — Não sei. Acho que ele anda trocando o dia pela noite. Por quê? Algum problema?

— Não, é bobagem. É só uma dúvida em um artigo, e não quero incomodar o Grimes.

— Ah, sim. O Grimes. — Belinda estava com uma expressão estranha. — Ele comentou uma coisa, sabe. O Peter.

Alice gelou.

— O que ele disse?

— Ah, nada de mais. — A mulher moveu os lábios, mas não falou nada. Parecia estar escolhendo as palavras com cuidado, querendo insinuar uma acusação sem de fato fazê-la. — Só comentou que você e o professor estavam ficando… próximos.

— Ele disse isso?

— Algo assim. Alguma coisa sobre uma ocasião, tarde da noite, e sobre como você era a preferida dele.

Alice sentiu o chão desaparecer sob seus pés.

— Sabe que isso é contra as regras, não sabe? — Os olhos de Belinda se estreitaram. — Que esse tipo de coisa tem que ser comunicada?

Alice não conseguiu responder. Em sua mente, havia torres desabando, ventos uivantes e ciclones, e tudo o que restava eram ruínas e poeira. Tinha uma vaga ciência de que Belinda ainda estava lá, de lábios franzidos, esperando uma resposta. Sabia que aquela era sua única chance de se defender. Que, se não falasse naquele momento, os rumores só iam crescer cada vez mais, se

solidificando em fatos, até se tornarem parte do conhecimento comum do departamento — que, da mesma forma que Elspeth Bayes havia sido reprovada nas provas e se matado, Alice Law tinha transado com o professor Grimes.

Ainda assim, as palavras não saíam. Que defesa ela poderia oferecer?

— Você… Quer dizer, não é verdade, é? Me desculpa se eu tirei conclusões precipitadas. — A expressão da colega se suavizou. — Vamos, Alice. Pode me contar.

Havia muitas coisas que poderia ter dito naquele instante. Mas por que se dar ao trabalho? Tudo parecia tão inútil. Todas as palavras eram ineficazes, apenas signos absurdos. Belinda continuou a encará-la, esperando, mas Alice simplesmente deu meia-volta e foi embora.

* * *

Alice desmoronou rapidamente depois disso. Sua autoestima se desfez. Seu humor ficou instável e seu trabalho, irregular. Ela tentou de tudo para voltar às boas graças do professor Grimes, mas seus esforços desesperados só aumentavam o desdém dele.

Quando chegou ao fundo do poço, tentou seduzi-lo de novo. Passou a usar as meias-calças pretas e saias curtas das quais uma vez ele havia afirmado gostar. Deixava os botões superiores da blusa abertos. Tentou todos os velhos truques: sentar-se com as pernas cruzadas de modo sugestivo, abaixar-se mais do que o necessário para exibir a curva da bunda.

Estou aqui, tentava dizer. *Estou disposta. Sou toda sua.*

O sujeito continuou fingindo que ela não existia.

Alice lutou. Ela lutou de verdade. Já havia chegado longe demais para deixar que sua carreira fosse pelo ralo tão rápido. Buscou orientação no escritório de Helen Murray.

A professora não gostava muito dela. Não por causa de algo que tivesse feito, mas porque era aluna de Grimes, e Helen Murray e Jacob Grimes se odiavam. Certa vez, ele a chamara de vaca em público. Ela, em contrapartida, o obrigou a ministrar a disciplina introdutória de graduação durante todos os anos em que foi chefe do departamento. Naquela manhã, no entanto, Alice pensou que talvez a animosidade entre eles pudesse contar a seu favor.

— Olá, Alice.

Helen Murray parecia estar esperando por ela. De todo modo, não perguntou por que Alice, que não era sua orientanda nem aluna em nenhum seminário, tinha aparecido em seu escritório sem avisar.

— Aceita um chá?

— Ah, não, eu estou bem.

— Eu insisto.

Alice se sentou e aceitou uma xícara.

Era um fato bem conhecido que a professora só falava sobre trabalho depois de ter cumprido o ritual de ferver água na chaleira, medir as folhas de chá e aguardar os cinco minutos exatos de infusão. Até lá, esperava-se que a conversa fosse apenas sobre amenidades. Supostamente, esse era o aspecto mais humano dela. Helen Murray *se importava*: queria saber como estava sua vida, a que atividades extracurriculares você se dedicava. Seus orientandos a adoravam por isso. E era por isso que Alice tinha esperança de que a professora a ouvisse.

Helen mexeu o chá em sua xícara.

— Por que não me conta o que aconteceu?

Hesitante, Alice contou.

Quando terminou, Helen ficou em silêncio por um longo momento. Então tirou os óculos, examinou Alice de cima a baixo e suspirou.

— Por favor, não sejamos tão imaturas.

— Hã… Não sei o que isso quer dizer.

— Você me surpreende, Alice. Achei que soubesse exatamente no que estava se metendo.

— Me metendo?

— Uma história tão antiga quanto o próprio tempo. Basta ver Aristóteles e Fílis. Merlin e Morgana. Os homens do nosso departamento nunca aprendem. São bestas famintas. Você está em Cambridge. Não sabia?

Alice não conseguia dizer se Helen estava brincando. Entendia a referência: também tinha visto a xilogravura em que Fílis, a amante de Alexandre, aparece nua, montando Aristóteles como um cavalo. Era uma imagem engraçada, e Aristóteles parecia mesmo ridículo, mas Alice não conseguia entender como aquilo poderia ajudá-la a tomar decisões sobre o futuro de sua carreira acadêmica.

— Mas não é… Quer dizer, o jeito como tratam as mulheres não é justo.

Os lábios de Helen se curvaram com desdém.

— Ah, então agora você é feminista!

Era uma alfinetada, o primeiro indício de uma armadilha, mas Alice estava angustiada demais para perceber. A professora organizava o colóquio anual Mulheres na Magia em Cambridge, mas Alice nunca havia comparecido. Ninguém de seu grupo se dava ao trabalho de estar presente. Belinda tinha ido uma vez, no primeiro ano, e voltara revirando os olhos e concluindo:

— Só um bando de velhas amargas, desejando a morte dos homens.

Não, ninguém em sua turma era feminista. Elas rejeitavam o rótulo pois

achavam que isso só lhes traria problemas.

— Não foi isso que eu quis dizer — explicou Alice. — É só que… não sei o que fazer.

— Claro. — Helen pousou a xícara. — Então, por que veio me procurar?

Achei que fosse óbvio, pensou Alice. Por que a professora achava que ela estava ali, e não no escritório de Caspar Stuart ou Aaron Byrne?

— Porque temos muito em comum? — arriscou Helen.

Outra pergunta capciosa, e Alice caiu na armadilha. Acreditou que Helen lhe oferecia solidariedade e não pôde deixar de assentir.

— Não, minha querida. — A professora cruzou os braços e se inclinou para a frente. — Na verdade, não temos nada em comum.

A armadilha se fechou.

— Garotas como você desprezam mulheres como eu. Não é mesmo? Vocês acham que estamos erradas em insistir nas diferenças entre os gêneros. Acham nosso ativismo constrangedor. Acham que reclamamos demais.

A acusação era justa, tudo aquilo era verdade, mas Alice sempre havia nutrido esses pensamentos como uma convicção sorrateira. Nunca soubera justificá-los de fato.

— E por que não pensariam assim? — continuou Helen. — Nunca se viram diante de uma porta trancada. Suas mães foram instruídas, suas escolas eram mistas, então acham que o mundo inteiro é acessível pra vocês. Querem usar calça e blusa sem sutiã, querem beber a noite toda com os homens, e querem que todo mundo as trate sem fazer distinção.

Foi então que Alice se deu conta de que a professora estava esperando havia muito tempo para dizer aquelas palavras. Que vinha guardando aquele discurso, observando enquanto ela, Belinda e as outras circulavam pelos corredores, esperando pela primeira que batesse à sua porta. Não se tratava mais dela, nem mesmo de Grimes: tratava-se de Helen finalmente ter a palavra, e Alice era apenas a plateia.

A professora se inclinou mais para a frente.

— A diferença entre mulheres como eu e garotas como você é que nós sempre soubemos que a luta não tinha terminado. Sua geração escolheu viver como se as regras não se aplicassem a vocês. E parece estar funcionando. Eu admiro e apoio vocês, meninas. Quem me dera ter tido a chance de fazer o mesmo. Mas não podem simplesmente pedir socorro quando as coisas não saem do jeito que queriam. O que vocês precisam entender, Alice, é que não podem se refugiar no feminismo quando convém.

— Não estou pedindo socorro — respondeu Alice, desesperada. — Eu só… preciso de orientação.

— Quer trocar de orientador, então? Quer trabalhar comigo?

Ela foi pega de surpresa. Não havia planejado pedir isso, nem sequer havia considerado essa solução. E talvez sua expressão tivesse denunciado esses pensamentos, porque Helen riu.

— É claro que não quer. Você não me respeita o suficiente para isso. Acha que eu sou… como é mesmo que vocês dizem? Uma contratação por vínculo conjugal?

— Eu não…

Ah, mas Alice dizia. Todos diziam isso. Tinham recebido a fofoca primeiro de seus orientadores e depois riam juntos no pub, contando histórias até tarde da noite: *Será que a Helen publica alguma coisa? Será que alguém leva a Helen a sério? O que vai acontecer quando ele se divorciar daquela vaca?* Mas os ouvidos dos professores estavam muito mais atentos do que eles imaginavam. Alice deveria estar ciente disso, pois sabia que Grimes tinha plena consciência de tudo que falavam sobre *ele*.

— É claro. — Helen encontrou a confirmação no rosto dela. — A resposta é não. Então quer ir à polícia?

— O quê? Não…

— Registrar uma queixa, então? — A professora estava se divertindo. — Quer que ele seja repreendido pela universidade, que seja obrigado a redigir um pedido formal de desculpas? Isso faria você se sentir melhor?

— Não…

Helen ergueu as mãos.

— Então me ajuda a entender. O que estamos fazendo aqui, Alice? O que você *quer*?

Ela se sentiu muito estúpida naquele momento.

Por que não tinha uma resposta? Por que aquela pergunta era tão difícil? Era como se tivesse se sentado para fazer uma prova e se dado conta de que não entendia nada do conteúdo. Todas as contradições estavam vindo à tona, e ela não conseguia conceber uma explicação porque nenhuma de suas posturas fazia sentido. Queria a atenção de Grimes, mas também seu respeito. Adorava o poder do professor, exceto quando o usava contra ela. Não queria tratamento especial por ser mulher, mas, ainda assim, sentia-se injustiçada de uma forma que achava que somente as mulheres eram injustiçadas. Helen estava certa: ela não podia ter tudo, não podia acreditar em tudo que acreditava e ainda por cima se queixar. Contudo, não tinha alguma coisa errada ali? Estava tão equivocada assim por se sentir prejudicada?

Alice tentou se concentrar na pergunta mais básica. O *que* ela queria? Se pudesse usar uma varinha mágica para consertar tudo aquilo, qual seria o

resultado ideal?

Tudo se resumia a uma coisa: queria que Grimes a respeitasse, que gostasse dela de novo, que voltasse a ser seu professor. Mas Helen não podia ajudá-la. A predisposição do sujeito em relação a ela era um fato incontornável. Não havia como mudar isso apenas com base em um desejo.

Na verdade, todos os seus desejos eram ridículos. Queria que nada daquilo tivesse acontecido. Queria sua mente de volta. E queria ser mais do que um corpo, mais do que simples *carne*, uma coisa para ele inscrever, observar e talvez acariciar quando estivesse entediado. Queria a versão que lhe fora prometida, queria um professor que se importasse com ela, que a respeitasse como pensadora, que não a tratasse como uma ferramenta.

Mas tudo isso não passava de um conto de fadas. Ao reforçar incansavelmente a ilusão, Alice havia fechado todas as outras portas. E agora estava presa em uma armadilha que ela mesma havia construído.

Não adianta, pensou, impotente. *Não adianta tentar sair. Só vai destruir tudo. Basta questionar um postulado e toda a estrutura desmorona. Não se pode ter uma superfície euclidiana estável sem o postulado das paralelas, não se pode sobreviver sem acreditar que se é indestrutível. Portanto, sua única opção é reconstruir a mentira: não sou um corpo, isso não pode importar e, portanto, não importa.*

— Como você pode ver… — A expressão de Helen não era exatamente desprovida de compaixão. — Levar isso adiante só vai te prejudicar. A melhor coisa que você pode fazer pela sua carreira agora é esquecer que isso aconteceu.

Não consigo, quis gritar Alice. *Eu não consigo esquecer nada.*

— O Grimes com certeza vai esquecer. — O canto da boca da professora se contraiu. — No início do período, ele já vai estar ocupado com outra caloura, e então tudo vai voltar a ser como antes. E, de qualquer forma… como você mesma disse, foi só um beijo.

Não foi só um beijo. Sua tatuagem estava em brasa, tão quente quanto no dia em que o homem a havia gravado em sua pele. Mas isso ela não podia revelar. Tinha prometido segredo a Grimes. Ainda queria ser uma boa menina.

E, de qualquer forma, suspeitava que Helen soubesse. Não os detalhes. Apenas a essência. A mulher devia saber, porque já tinha visto tudo aquilo acontecer antes, ela mesma devia ter passado por algo parecido, e ainda assim estava ali. Em seu próprio escritório. Janela para o pátio, mesa de mogno, cargo de professora titular. O que será que aquilo exigira? Que crenças limitantes tinham feito Helen continuar?

A professora não estava zombando dela. Tinha apenas mostrado o caminho. Acreditar na mentira — *confiar* na mentira — era a única opção. Fique

na prisão e pinte as paredes. Se não aguentar, vai ter que desistir; mas se conseguir se ludibriar por tempo suficiente, suas ilusões podem acabar se tornando realidade.

— Obrigada — Alice conseguiu dizer. — Isso ajudou muito.

— De nada — respondeu Helen. — Termine seu chá.

* * *

Depois daquela conversa, Alice começou a sonhar com a morte.

Não que planejasse ativamente acabar com a própria vida. Isso exigiria muita iniciativa. O que acontecia com mais frequência era que, enquanto caminhava pela Sidney Street e os ônibus passavam zunindo, ela pensasse que não seria tão ruim assim se um deles, por acaso, a atingisse. Gostava de imaginar os ossos sendo esmagados, o sangue se espalhando pelo asfalto. Entretia-se com um jogo mental no qual tentava adivinhar qual seria exatamente a causa da morte. As lascas de crânio penetrando no cérebro? Isso seria o ideal. Seria muito pior uma ruptura interna, desordenada, que a mutilasse de forma irreversível, mas deixasse intacta a capacidade de sentir dor, de pensar, de saber que aquele era o fim. Se fosse para morrer, preferia que fosse sem se dar conta.

De qualquer maneira, morrer parecia perfeitamente aceitável do ponto de vista moral. O melhor argumento que Sócrates conseguiu formular contra o suicídio no *Fédon* foi que os seres humanos eram como posses dos deuses, e que eles ficavam irritados quando uma de suas posses se libertava da prisão mortal por meio da autodestruição. A proibição cristã do suicídio parecia ser apenas uma reformulação disso. Mas os interesses de Deus não pareciam relevantes naquele caso. Era provável que seus amigos e familiares ficassem chateados — sua mente se voltou por um breve instante para os pais no Colorado, soluçando ao desligarem o telefone —, mas não conseguia imaginar que alguém fosse sentir tanto a sua falta. Simplesmente não parecia haver muitos motivos para continuar.

Como poderia explicar? O que a devastava não era o toque. O professor não havia sido exatamente violento com ela. Não, o que doía era a facilidade com que ele a havia reduzido a uma coisa. Não mais uma aluna, uma mente, um ser curioso que crescia, aprendia e se *desenvolvia* sob sua orientação, apenas a identidade mínima que Alice sempre temera ser: uma mera mulher. Era tudo um enorme clichê. Como tinha ousado pensar que isso não se aplicaria a ela? Uma mulher entrava na academia, e os homens mostravam as garras. Tinha a sensação de ter sido atirada em uma história contada inúmeras vezes, cujo final já estava escrito, e só lhe restava seguir o roteiro, dizer suas falas, esperar que as cortinas

se fechassem. E, naqueles dias, parecia que o mais fácil seria simplesmente pular do palco.

No entanto, nunca teve coragem de acabar com tudo. Não porque tivesse medo da dor — àquela altura, nem tinha mais certeza de que ainda era capaz de sentir dor —, mas por causa da vergonha. Porque, mesmo depois do que aconteceu, apesar da apatia, o que persistia eram os princípios do mundo acadêmico, tão entranhados em seus ossos que, mesmo nos momentos de maior fragilidade, ela ainda ouvia seus ecos.

Se morresse, iam achar que havia fracassado.

Pobre Alice, diriam. Mais uma aluna do Grimes que tinha enlouquecido. E Belinda balançaria a cabeça e comentaria, em tom de fofoca, com a próxima leva de calouros entusiasmados: *Tenho certeza de que todos vocês já ouviram falar da Alice também,* coitada. *Lembrem-se de que o serviço de acolhimento psicológico está sempre disponível se precisarem conversar*.

Alice conseguiria suportar qualquer quantidade de dor, mas não conseguiria suportar essa vergonha. O mais importante para ela ainda era ser respeitada como acadêmica.

Então, continuou se esforçando: compareceu às aulas, cumpriu seus horários no laboratório, corrigiu provas, desenhou pentagramas e encheu seu cérebro com todo tipo de informação inútil. Enquanto estava no laboratório, concentrada no trabalho, debruçada sobre traduções tão difíceis que não pensava em mais nada, conseguia distrair a mente o bastante para manter as lembranças afastadas.

Era quando saía do departamento que elas voltavam com força total. Não conseguia dormir; ficava deitada no escuro, olhando para o teto enquanto o rosto do professor Grimes pairava em sua imaginação. Parou de comer; tudo o que colocava na boca fazia seu estômago se revirar. Seu cabelo começou a cair. Sua pele ficou cinza. As pessoas falavam com ela, tentavam ajudá-la. Alice mal as ouvia; não respondia. Havia um zumbido estranho em seus ouvidos o tempo todo. Os sons do mundo pareciam abafados e distorcidos, como se Alice estivesse debaixo d’água.

Mesmo assim, seguiu em frente. Não sabia o que fazer além disso. O plano, se é que podia chamá-lo assim, era simplesmente ser um autômato até que o centro não suportasse mais, até que se despedaçasse contra a própria vontade.

Mas foi o professor Grimes quem se despedaçou primeiro — literalmente. A carne, as vísceras e os ossos arrancados pela força centrífuga de milhões de anos de energia morta-viva acumulada no giz.

E Alice, que ficou imóvel, com fragmentos do cérebro, pedaços do crânio e respingos do sangue dele no rosto, não conseguia parar de rir. Afinal, uma saída

havia se apresentado. E, naquele instante, parecia a coisa mais hilária do mundo o fato de essa saída levar direto para o Inferno.



Capítulo Vinte e Um

Peter ficou um longo tempo em silêncio depois que ela terminou de contar tudo. Alice ficou aliviada por ele não ter dito nada. Teria desmoronado se o rapaz tivesse recorrido a qualquer uma das respostas padrão. *Sinto muito. Por que não me contou? Estou horrorizado com o que aconteceu com você.* Peter não tentou melhorar a situação. A única coisa que fez foi ouvir.

Em algum momento, ele pegou sua mão. Passou o polegar repetidamente pelas reentrâncias entre os nós dos dedos dela. Alice sabia que era um gesto automático. Ele nunca conseguia ficar parado, sempre precisava mexer em alguma coisa. Se não fosse a mão dela, teria sido um pedaço de giz. Ainda assim, foi o toque mais reconfortante que sentiu em meses.

Não estavam de volta ao ponto de partida. Mas parecia, pela primeira vez em muito tempo, que podiam ser sinceros um com o outro.

Por fim, Peter disse:

— Mas você tinha tanta certeza.

— Certeza do quê?

— De que ele não estava no Desejo.

— O Desejo é para os amantes — respondeu Alice. — Aquilo não era amor.

O rapaz refletiu por um instante, em seguida assentiu.

— Então, qual era a sua solução?

— Pro quê?

— Pra tirar o professor Grimes daqui vivo. — Ele soltou a mão dela. — Você viu meu plano. Qual era o seu?

Bem, tanto faz, pensou Alice. Ela puxou a mochila para mais perto.

— Acho que eu nem tinha um plano, na verdade.

— Como assim?

— Eu ficava repetindo para mim mesma que estava vindo pra cá resgatar o Grimes. — Pegou o caderno. A capa estava úmida, assim como as bordas, mas as páginas ainda estavam secas e legíveis. — Mas sabe de uma coisa? Nunca consegui resolver esse problema. Falei pra mim mesma: o tempo está passando, você tem que ir, o resto você descobre no caminho. Mas isso foi tudo que consegui bolar, e nem sei se teria funcionado.

Ela folheou o caderno até o fim, até as últimas anotações que tinha feito antes de desenhar o pentagrama para o Inferno.

— Duas semanas atrás, encontrei o silabário da bruxa tessálica Ericto.

— Eri… o quê?

— Ericto.

— Nunca ouvi falar dela.

— Não teria ouvido mesmo. Ericto é sorrateira. Sempre se mantém nas margens, nunca nos arquivos principais. Pelo que sei, era uma maga bastante talentosa, só que todo mundo na época achava as artes dela esquisitas e assustadoras demais para serem documentadas de maneira adequada. Eu nunca teria ouvido falar de Ericto, se não… Bem, quando viemos pra cá, já tinha começado a pesquisar umas coisas bem estranhas. — Alice folheou o caderno de trás para a frente. — Olha só, eu comecei com Dante. Virgílio cita Ericto como quem o mandou vir pro Baixo Inferno e depois relatar tudo que encontrasse. De Dante, passei pra Virgílio e, de Virgílio, pros acrósticos. E então descobri umas ruínas chamadas Colossos de Mêmnon. São duas estátuas gigantescas em Tebas, construídas para proteger a tumba de um faraó egípcio, mas desde a Antiguidade têm sido associadas ao rei troiano Mêmnon. Durante milhares de anos, todo dia, ao amanhecer, essas estátuas emitiam um som agudo. Ninguém sabe o que causava isso. Talvez fosse o calor do sol dilatando as pedras de um jeito que o vento as atingisse num ângulo perfeito. Mas existia uma crença de que o som era do moribundo Mêmnon, clamando pela mãe, Eos, a deusa da aurora. E eu comecei a me perguntar se os Colossos não guardariam alguma inscrição em giz que permitisse a comunicação com o submundo.

Não tinha certeza de que suas divagações faziam algum sentido — era tudo um amontoado de conceitos associados, frutos de dias de pesquisas frenéticas —, mas Peter assentiu pacientemente.

— E o que você encontrou?

— Acrósticos, principalmente. Eu não podia só largar tudo e ir para o Egito, mas encontrei *várias* fotografias escondidas em acervos pessoais, e um

monte de inscrições em grego e latim que os visitantes deixaram nas estátuas ao longo dos anos. *Proskynemata*. Escritos religiosos. Todos estavam um tanto criptografados e todos usavam magia básica de acróstico. Pequenos feitiços pra enviar mensagens a entes queridos ou para desejar a eles paz na vida após a morte, não sei ao certo. Mas reparei que um nome aparecia diversas vezes: Ericto.

— Nossa, você caiu num buraco sem fundo — comentou Peter.

— Pois é. — Alice deu uma risada seca. — Eu sei, desculpa. Mas sabe quando você está se matando em um projeto de pesquisa e nada parece fazer sentido, e aí você encontra uma única coisa que parece promissora? Como se estivesse brilhando, te chamando? Que nem uma estrela solitária num céu escuro?

Ele aquiesceu.

— Uma luz no fim do túnel.

— Isso. Você se agarra a ela com todas as suas forças. Porque não resta mais nada.

Ericto era o único nome que tinha algum significado para Alice naqueles dias, a única esperança de obter uma resposta. Ela acordava de um sono relutante com a terrível tarefa de Orfeu diante de si, e no meio de tantos becos sem saída na vastidão cinzenta do conhecimento acumulado por séculos, apenas Ericto reluzia como o fio de Ariadne, conduzindo a algum lugar desconhecido, mas pelo menos a *algum lugar*.

— Então, fui pesquisar nos arquivos gregos. Levei uma eternidade para encontrar algum manuscrito dela, porque nem estavam catalogados na biblioteca de magia, mas finalmente encontrei uns fragmentos antigos de papiro, datados por carbono como originários da Tessália. E então passei um tempo os examinando e percebi que Ericto trabalhava com as mesmas séries divergentes pelas quais os tartarólogos modernos andam obcecados. E que é possível que, séculos atrás, ela tenha chegado por conta própria ao que hoje nós chamamos de…

— Soma de Ramanujan — completou Peter.

— Exato. O mesmo mecanismo que nos permitiu chegar ao Inferno.

Alice virou a página e deu batidinhas com o dedo no desenho de um pentagrama, muito semelhante ao que os havia levado até ali, com apenas dois nomes cruciais em posições diferentes.

— Então, essa seria a minha solução. Mas, em vez de enviar um objeto físico para novas coordenadas, eu vincularia uma alma a coordenadas diferente e a levaria de volta para a Terra.

— Não entendi — disse ele.

Alice hesitou. Tudo aquilo era horrível demais para ser dito em voz alta, então optou pela abordagem clássica dos magos, que era expressar tudo nos termos clínicos de um resumo acadêmico.

— No *Inferno* de Dante, Ericto é mencionada de passagem como a única outra pessoa que enviou Virgílio às profundezas do Inferno. Os estudiosos divergem quanto à intenção de Dante ao incluir essa referência. Alguns acham que era reforçar pro leitor que Virgílio conhecia o Baixo Inferno, outros acham que é uma forma de enfatizar o paganismo de Virgílio, associando-o à feitiçaria. De todo modo, Dante está se baseando em um relato mais elaborado da *Farsália*, de Lucano, no qual a bruxa tessálica Ericto é procurada pelo general romano Sexto Pompeu para prever o desfecho da Batalha de Farsália. E ela consegue. — Alice cruzou os braços, abraçando o próprio corpo. — Ericto arrastou um cadáver do campo de batalha e forçou a alma a retornar ao corpo mutilado, para entregar a profecia a Sexto. É um feitiço horrível. A alma não está viva nem morta, fala por meio do antigo corpo, mas com grande esforço. Não pode mais viver como antes, mas também não pode morrer, porque está presa. No fim, Ericto liberta a alma queimando o corpo numa pira.

Peter não disse nada. Se sabia onde tudo aquilo ia dar, não deixou transparecer. Limitou-se a observá-la, inescrutável.

— E seria isso que eu teria feito com o Grimes — concluiu ela.

Os braços de Alice envolveram o próprio corpo com mais força, como uma armadilha se fechando, como se pudesse se comprimir até desaparecer.

— Teria colocado Grimes de volta naquele cadáver — continuou ela. — Teria enchido o corpo com todo tipo de porcaria sobrenatural para que permanecesse inteiro e manteria o feitiço por tempo suficiente para as cordas vocais e a língua se mexerem, para o professor poder dizer todas as coisas que eu precisava que dissesse. Teria o mantido totalmente à minha mercê. Não daria ao Grimes uma segunda vida. Ia transformá-lo em um brinquedo, um bicho de estimação, e o faria implorar para ser libertado.

Peter continuou perfeitamente educado e curioso, como sempre.

— E como você faria isso?

— Ah, com um monte de truques de bruxaria. Espuma de cães raivosos mortos. Entranhas de lince. Pepinos-do-mar. Um monte de coisas monstruosas da natureza. Lucano é muito descritivo.

— Minha nossa.

Alice pigarreou.

— E eu também o desenterrei.

— Eu sabia.

— Não que tivesse muita coisa para desenterrar, de qualquer forma.

— Imagino.

— Mas, olha só, isso funciona porque você não está tentando trazer a alma de volta — explicou Alice. Ela acrescentou o restante o mais rápido que pôde, num tom de voz robótico, como se estivesse lendo um resumo: — Você pode deixar de lado os problemas cosmológicos da vida e da morte, da reanimação e tudo o mais, porque essa versão do Grimes não teria mais interação com os vivos. Ele não teria exatamente voltado à vida. Seria só uma voz. Um vulto. Seria meu. Todo meu. Minha *coisa*. Algo com que eu poderia brincar, fazer experimentos, interrogar ou até simplesmente… deixar trancado em um armário, esquecido por anos.

Pronto, estava dito. Ela suspirou, ergueu o queixo e esperou o julgamento.

— Entendi. — Peter inclinou a cabeça. — Isso é, hã… fascinante.

— Você acha doentio.

— Não, eu acho… — Ele piscou para as páginas, refletindo. — Acho que é uma pesquisa impressionante, considerando tudo. Sua criatividade é espantosa.

— Ah, bem. Obrigada.

— Por quanto tempo você manteria o Grimes vivo?

— Também não pensei muito nisso.

Na verdade, havia muitas partes do plano nas quais não havia pensado. Como explicar um cadáver reanimado para o resto do departamento. Como impedi-lo de gritar por socorro. Como convencer a banca de doutorado de que aquele amontoado de carne podre e ossos, balbuciando com a voz rouca, era de fato a alma do professor Jacob Grimes falando, e não um aluno de graduação contratado por ela e escondido sob as tábuas do assoalho.

Bem, Alice supunha que o motivo era óbvio. Poderia tentar ao máximo se convencer de que aquilo era um resgate, mas no fundo sabia que não tinha ido até ali pelas cartas de recomendação. Tratava-se apenas de vingança, de controle nefasto e de fazer Grimes enfim entender como era ser o brinquedinho de outra pessoa. Era apenas um delírio. E Peter era inteligente demais para acreditar que fosse qualquer outra coisa, mesmo que apenas por um segundo.

— Mas não acho que isso faria com que eu me sentisse melhor. — Alice abraçou os joelhos contra o peito. — Esse é o problema. Eu tinha esperança de que fizesse, mas, quanto mais penso, mais me dou conta de que só quero isso porque é o que ele teria feito. É uma solução típica do Grimes, sabe. Brutal, eficiente, chocante. Ele nunca fazia nada pela metade, sempre ia até o fim. E parte de mim, lá no fundo, na verdade gosta da ideia. Porque fico imaginando-o acordando e se deparando com o que fiz. — Ela deu uma risada desamparada. — E fico sonhando acordada que talvez ele olhasse e dissesse: *Bom trabalho*.

— Sabe, eu realmente acho que ele diria isso — comentou Peter.

— O cara ficou gravado na nossa mente — falou ela.

— Pode apostar. — Peter lhe lançou um sorriso triste. — A gente não consegue se livrar dele.

Os dois olharam para o caderno.

Alice não revisitava aquelas páginas desde que havia feito as anotações. Agora, se espantava com a própria caligrafia, um garrancho frenético que não se parecia em nada com sua letra habitual, tão caprichada. Ela se lembrou daquelas últimas horas de pesquisa, debruçada sobre os escritos de Ericto ao lado de uma luminária que emitia uma luz fraca e zumbia, forçando a mão a acompanhar os pensamentos acelerados. Em alguns momentos, havia pressionado o lápis com tanta força contra o papel que a ponta se quebrara, deixando manchas de grafite. O caderno de Peter era quase organizado em comparação com o dela, que estava mais para a obra de uma lunática.

Em voz baixa, ela perguntou:

— Então você não acha que estou maluca?

Peter estendeu a mão, e seus dedos envolveram os dela.

E, embora tudo o que tivessem feito fosse ficar ali sentados, em silêncio, e embora ainda não tivessem nenhuma solução ou saída, de algum modo, Alice se sentiu lúcida como não se sentia havia muito tempo. Estava tranquila, os pensamentos estabilizados. Como se antes estivesse se debatendo no vazio, agitando os braços e sufocando, e finalmente alguém tivesse lhe oferecido um lugar onde pousar.

* * *

O tempo passou. O crânio continuou a ressoar com o cuco. No início, Alice ficava checando o relógio, mas logo desistiu. Minutos, horas, não importava. Não tinham como sair dali.

Os Kripke não apareceram. Isso deu a Alice um pequeno lampejo de esperança — talvez o casal tivesse se esquecido deles; talvez, em vez de uma morte sangrenta e terrível, encontrassem apenas um fim contido e silencioso. Os Kripke não tinham pressa. Não precisavam lutar contra dois adultos. Bastava esperar que morressem. E os magos tinham todo o tempo do mundo.

Ela pensou em chorar, mas estava quente e seco demais. Àquela altura, seu corpo não tinha mais umidade suficiente para produzir lágrimas.

Seria esse o fim, então? Alice fez um balanço da própria vida, de todos os sonhos, esforços e aspirações desesperadas, e não conseguiu fazer nada além de achar graça, de um jeito patético, de onde tinha ido parar.

No primeiro ano de faculdade, antes de descobrir que era alérgica à

filosofia, havia cursado uma disciplina sobre filósofos gregos. Não simpatizou muito com Sócrates, mas gostava da maneira como Aristóteles escrevia sobre o mundo, a alma, a forma dos seres. Ele tinha tanta fé no impulso de todas as coisas florescerem. E Alice se lembrava de ter lido o argumento de Aristóteles sobre como todo ser vivo, mesmo o organismo mais primitivo, era movido por uma ideia do bem. Até as plantas se voltavam para o sol. Até a menor das formigas buscava alimento. Até a minhoca sem cérebro buscava a terra. Era tudo tão simples para as criaturas vivas — exceto para os humanos, exceto para pessoas como *ela*, que tinham o dom de buscar justamente aquilo que as fazia infelizes.

Durante toda a vida, ao que parecia, Alice havia se jogado nos caminhos errados sem pensar. Não por falta de oportunidade. Sabia muito bem onde o sol brilhava e, ainda assim, se deixava levar pelo impulso de se enterrar na escuridão.

Talvez a inteligência humana fosse um erro, e todos que celebravam a saída do Jardim do Éden estivessem enganados. Talvez a dádiva da racionalidade não compensasse a agonia paralisante que vinha junto.

Ou talvez pessoas como Alice fossem apenas desequilibradas por natureza. Talvez desperdiçassem a vida. Talvez morrer fosse mesmo a melhor opção. Talvez ela se parecesse menos com as plantas de Aristóteles e mais com os organismos de Freud, que eram impelidos compulsivamente para a morte, para o estado sereno e inanimado das coisas antes do infortúnio de nascer. Ela compartilhou essa teoria com Peter.

— Hum — fez o rapaz. — Não acho que a gente busque a morte compulsivamente.

— Fale por você.

— Acho que a gente se enrolou. Mas ainda está tentando se voltar para a luz.

Eles conversaram por um tempo. Lembranças banais, observações inócuas. Refeições que haviam feito. Livros que tinham lido. Uma ou duas vezes, Alice fez Peter rir, e isso pareceu a maior vitória possível naquele momento: o fato de ainda conseguir provocar o riso soluçante dele.

As vozes foram ficando roucas, as línguas secas, os sussurros mais suaves. E, por fim, mergulharam no silêncio.

Alice pensou que havia maneiras piores de morrer. Pelo menos sabia que não havia mais nada a temer. Pelo menos não ia morrer sozinha.

E não podia negar a parte dela que estava aliviada pelo fato de tudo, finalmente, estar além do seu controle. Por não fazer mais sentido tramar, lançar feitiços, lutar. Finalmente, havia um ponto-final para tudo aquilo, e ela não tinha

controle sobre nada. Isso era reconfortante.

— Alice. — Peter cutucou seu ombro. — Alice?

Ela piscou, despertando.

— Oi.

— Eu menti pra você.

— Não mentiu, não — murmurou. — Não fala isso.

— A equação que você encontrou… — Peter se endireitou. — Você estava certa. Não era só um experimento meu. Era mesmo a minha principal estratégia pra tirar o professor Grimes do Inferno.

— Ah, a gente estava tendo um momento tão bom.

Alice deixou o braço cair inerte contra o dele. Essa confissão já não a incomodava tanto. Estavam prestes a morrer, então saber que Peter a teria matado se tudo tivesse acontecido como ele havia planejado a decepcionava, mas não a surpreendia.

— Por favor, não estraga isso.

— Você não entendeu. Eu não ia trocar você. Nunca te trocaria. Ia trocar a mim mesmo.

— Mas não dá. O axioma… Você não pode. Eu tentei.

— Bem, não dá mesmo — admitiu ele. — Eu teria pedido para você fazer isso por mim.

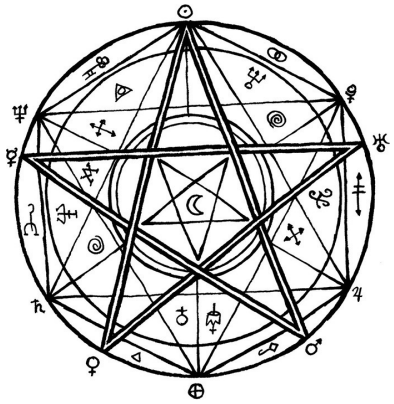
Estava tão quente, pensou Alice. Um calor infernal. Não sabia dizer se o zumbido vinha de fora ou de dentro dela. Mas podia deixar a mente divagar e pensar apenas no zumbido, e não nas implicações daquela situação. Ah, o doce vazio, a ausência de pensamentos. Deveria ter nascido pedra. Pensou em agir como uma, fingir que não estava ouvindo e deixar que as palavras de Peter escorressem por ela como água.

Mas o rapaz parecia muito angustiado. Estava claro que não ia deixar aquele assunto de lado.

Alice conseguiu reunir energia para perguntar:

— Por quê?

— Bem, porque fui *eu* que matei o Grimes. — O rosto de Peter se contraiu de uma maneira horrível. — Quer dizer, a morte dele foi minha culpa. Não sua. Então, faz sentido que seja eu que precise trazê-lo de volta.



Capítulo Vinte e Dois

Peter Murdoch nunca teve a intenção de machucar ninguém. Ele não era como Alice, não tinha aquela determinação feroz. Não guardava rancor nem criava rivalidades, em parte porque estava acostumado a vencer desde sempre. Peter Murdoch tinha nascido em berço de ouro com um pedaço de giz na mão. Para ele, a academia era um parquinho, não um campo de batalha, e Peter era simplesmente bom demais em todos os jogos.

No entanto, isso o tornava perigoso à sua maneira, pois havia passado a vida presumindo, de forma despreocupada, que tudo se encaixaria exatamente como ele precisava, já que na maioria das vezes era o que acontecia. Isso o tornava descuidado. Raramente pensava nas consequências, ou em qualquer coisa que não fosse a própria pesquisa. E só quando as coisas se complicaram, quando saíram do controle, quando os efeitos dominó de seus caprichos foram muito além do que esperava ou pretendia… só então ele descobriu como ser descuidado podia ser perigoso.

* * *

Peter tinha cinco anos quando sua genialidade ficou evidente. Estava doente em casa e não estava melhorando tão rápido quanto o esperado, então os pais acharam melhor contratar um professor particular de matemática para que o menino não ficasse para trás nos estudos. Esse professor — um dos orientandos do pai dele que teria preferido fazer qualquer outra coisa, não fosse a necessidade financeira — adotou a abordagem pedagogicamente irresponsável

de dar a Peter um exercício de álgebra por vez enquanto corrigia a própria pilha de provas.

O menino resolvia os problemas com muito prazer. E como não estava em uma sala de aula cheia de crianças desenhando com giz de cera e não precisava se dedicar a não chamar atenção para si mesmo, foi avançando de lição em lição. Do ponto de vista dele, estava apenas se divertindo enquanto resolvia os problemas. Não notou que, com o passar das horas, o professor foi ficando cada vez mais boquiaberto.

— Ele é extraordinário — contou o orientando ao pai de Peter. — O lugar dele não é no primeiro ano, vocês precisam tirá-lo de lá.

Os pais de Peter — o pai matemático, a mãe, bióloga — ficaram exultantes com a notícia, porque todo acadêmico esperava ter filhos inteligentes, mas não ousava admitir em voz alta que desejava ter filhos gênios. E tudo indicava que Peter era de fato um gênio, de forma que providenciaram para que o menino estivesse sempre cercado de professores particulares, estimulando seu cérebro com estudos avançados.

Isso foi oportuno porque, caso contrário, a infância de Peter teria sido tediosa e solitária. Pois outra característica que o definia era o fato de que vivia doente. No início, parecia que era apenas uma criança sensível, sempre acometido por episódios de dor de barriga, intoxicação alimentar, diarreia ou prisão de ventre. *Vai passar,* diziam os avós. *Algumas crianças gostam de pegar todos os micróbios que estão no ar.* Quando tinha seis anos, no entanto, já estava claro que o que acometia Peter era grave e crônico. As pesquisas médicas sobre doenças inflamatórias do intestino avançariam muito ao longo de sua vida, mas, quando pequeno, o máximo que os médicos conseguiam dizer à família era que seu cólon se inflamava sem motivo aparente e que talvez fosse bom evitar farinha de trigo. Mais tarde, a lista foi ampliada para incluir laticínios, oleaginosas e vegetais crus. Na verdade, Peter passou boa parte da infância em dietas de eliminação. Ninguém sabia ao certo se alguma delas ajudava de fato, sabiam apenas que dietas totalmente líquidas — ou seja, caldo de ossos e suco de maçã — pareciam melhorar as coisas quando o menino estava nos momentos mais críticos, mas só porque isso significava que não havia mais nada no intestino.

Por fim, depois de muitas consultas com especialistas e diagnósticos errados, veio o diagnóstico definitivo: doença de Crohn, uma inflamação intestinal crônica, sem causa conhecida e sem cura. Peter e os pais passaram a se referir à sua condição como a Fera. Personificar a enfermidade ajudava; do contrário, seria apenas uma coisa misteriosa que desordenava sua identidade. O próprio sistema imunológico estava atacando as células sem nenhuma razão

aparente. Era mais fácil pensar naquilo como uma entidade estranha e cheia de caprichos. Às vezes, a Fera o deixava em paz. Às vezes, devorava suas entranhas de maneira implacável. Às vezes, sumia por algumas semanas, tempo suficiente para que ele fizesse planos de ir a festas de aniversário, à praia, fazer trilhas — coisas que até então nunca fizera — antes de voltar com força total. A Fera era incompreensível, imprevisível. A única certeza que tinham era que nunca poderia ser derrotada, apenas mantida à distância, despistada, por breves períodos.

Peter se acostumou com as consultas médicas. A doença de Crohn tinha vários efeitos colaterais, consequências da má nutrição. Os olhos estavam sempre vermelhos e com crostas. Os dentes eram tortos. De tempos em tempos, aparecia em suas costas uma grande erupção vermelha que nem banhos de aveia eram capazes de aliviar. Estava sempre abaixo do peso e, como o tratamento padrão para as crises envolvia o uso de imunossupressores, também pegava qualquer virose sazonal que estivesse circulando. Não havia um dia sequer em que Peter não estivesse tossindo, fungando ou vomitando. Na verdade, nas raras ocasiões em que parecia estar bem de saúde, os pais já se preparavam para um episódio violento iminente.

Peter encarava tudo com bom humor. Não tinha irmãos nem amigos na vizinhança. Não tinha uma "infância normal" com a qual comparar a própria. A saúde frágil era apenas algo com que precisava lidar. Além disso, tinha os professores particulares. Não precisava de esportes quando podia exercitar a mente. Não precisava de atividades ao ar livre quando tinha universos abstratos inteiros se desdobrando dentro da própria imaginação, cheios de segredos esperando para serem descobertos.

Amava os números porque eles se comportavam como *deveriam*, porque as regras nunca mudavam. A raiz quadrada de sessenta e quatro nunca deixava de ser oito.

Na maior parte do tempo, se divertia tanto que quase esquecia que era um menino doente, trancado no quarto, sem amigos.

Ainda assim, os pais de Peter achavam que ele precisava passar algum tempo com outras crianças da mesma idade. Então, quando o menino completou oito anos, durante um período de vários meses em que Peter vinha se sentindo muito bem, os pais convidaram sua turma do terceiro ano para uma festa de aniversário. Peter havia passado tão pouco tempo em sala de aula naquele período letivo que mal sabia os nomes dos colegas, mas mesmo assim todos os convidados apareceram animados em sua casa, levando presentes.

— Olha só como você é popular — disse a mãe.

Ao sair do quarto, o menino ficou atordoado com a quantidade de gente e

com o barulho.

— O que é pra eu fazer? — perguntou.

— Socializar — respondeu o pai. — É bom para o seu desenvolvimento.

— Mas como?

— Só tenta. — O pai o empurrou em direção à escada. — Vai se divertir.

Ele tentou, e se divertiu muito. Nunca havia passado tanto tempo com outras crianças, nunca tinha experimentado as alegrias de brincar de pique-esconde e pique-pega ou de pregar o rabo no burro. E, embora fosse péssimo em encontrar esconderijos e fosse de longe o mais lento do grupo, todos vibraram com suas pequenas vitórias. Todos riram com ele, não *dele*.

Durante três horas naquela tarde, Peter se sentiu engraçado, encantador, adorado. Todos estavam sendo tão gentis! E parecia inclusive ter atraído a atenção de Jemma Davies, que até ele sabia que era considerada a menina mais bonita da vizinhança, com seus grandes olhos castanhos e cabelos castanhos tão lisos que chegavam a brilhar.

Na hora do bolo e das velas, Jemma se sentou ao lado dele, colocou a mãozinha sobre a sua e falou, com uma voz muito séria e adulta:

— Tô *muito* feliz por você estar nos recebendo. Companhia faz muito bem pros inválidos.

— Inválidos? — repetiu Peter.

— Bem, você é muito doente, não é? — A menina apertou a mão dele. — Ouvi sua mãe contar pra minha. Foi por isso que todo mundo veio. Pra fazer você se sentir melhor.

Jemma sorriu para ele. Peter sorriu de volta. Mas de repente tudo passou a ter um gosto muito amargo. Ele forçou um sorriso durante o parabéns e enquanto soprava as velas, diante da enorme pilha de presentes e durante as intermináveis brincadeiras que se seguiram, mas o dia estava arruinado, e o menino não conseguiu mais receber a boa vontade de ninguém sem desconfiança.

No fim da noite, deu um beijo na bochecha de Jemma Davies e disse a ela:

— Sua caridade foi muito apreciada.

E então fechou a porta.

Depois que os copos e pratos foram lavados e os presentes, guardados, Peter perguntou aos pais se poderia ter aulas em casa até as provas para a universidade. Ah, meu Deus, como eles se preocuparam. As crianças tinham sido cruéis, tinham zombado dele? De jeito nenhum, respondeu. Todos tinham sido muito simpáticos, só não achava que houvesse muito proveito em socializar com mentes inferiores. Aquilo, sim, não seria bom para o seu desenvolvimento.

Naquela noite, Peter ouviu os pais discutirem a portas fechadas. O menino está certo, argumentou o pai. Ele *está* mais avançado que os demais, não tem

motivo para contermos seu potencial. Mas ele está ficando frio, disse a mãe. *Mentes inferiores*, que termo é esse, onde foi que ele aprendeu isso? A gente não pode deixar que cresça achando que é melhor do que todo mundo.

Tudo bem, pensou Peter. Podiam achá-lo frio, rude, antissocial. Crescer com uma doença crônica significava escolher entre o ruim e o pior, e naquele dia ele havia decidido que, não importava o que acontecesse, nunca mais seria alvo de pena.

* * *

Quando estava no ensino médio, seus médicos enfim encontraram um medicamento que parecia funcionar melhor do que os outros. Chamava-se mercaptopurina e interferia na síntese de DNA, dificultando a divisão das células inflamadas. O remédio, porém, tinha o lamentável efeito colateral de suprimir o restante do sistema imunológico, o que obrigava Peter a lavar as mãos obsessivamente e evitar grandes aglomerações durante a temporada de gripe no inverno. Mas, fora isso, podia comer os mesmos alimentos e fazer as mesmas coisas que qualquer outra pessoa da sua idade. Assim, três semanas depois de completar dezessete anos, lá foi o rapaz, com duas malas a tiracolo, para a mesma universidade onde os pais tinham se conhecido e se apaixonado.

Em Oxford, Peter floresceu. As aulas o encantavam, os professores o adoravam. Experimentou champanhe pela primeira vez. Andou de bicicleta pela primeira vez. Uma semana após o início das aulas, assistiu a uma palestra pública sobre paradoxos básicos na magia e se apaixonou pelo campo de estudos, por seus caprichos, seu caráter incognoscível. Antes, planejava estudar matemática ou física. Mas a magia, ao que tudo indicava, era um grande iceberg do qual só viam a ponta, e ele ficou empolgado ao saber quanta coisa ainda havia para descobrir. Naqueles anos, descobertas revolucionárias eram publicadas todos os dias. As investigações em Cerne Abbas tinham acabado de começar. Depósitos de giz tinham acabado de ser encontrados na Ágora. Só então estavam começando a desvendar as fundações mágicas que sustentavam a história do mundo antigo, e lá estava Peter, bem no centro de tudo aquilo. Às vezes, fazia longas caminhadas pelas faculdades, sem destino, tão cheio de entusiasmo que não conseguia dormir.

Foi também nesse período que percebeu que havia se tornado o que algumas pessoas chamariam de atraente. Era um milagre ter ficado tão alto, considerando que havia passado a maior parte da infância entre as faixas mais baixas de peso. Mas, quando a puberdade chegou, foi como se um deus travesso o tivesse puxado pela cabeça e pelos tornozelos, esticando-o como um boneco de

massa de modelar até ele se transformar em uma criatura irreconhecível de cabelos desalinhados e membros compridos — uma mistura que, quando vestida com terno e gravata, os garotos e as garotas de Oxford achavam muito interessante. Suas proporções o tornavam bom no remo e, assim que começou a praticar o esporte, descobriu uma série de coisas novas e agradáveis sobre o próprio corpo. Os braços ficaram fortes, o peito ganhou volume, e ele aprendeu a passar uma pequena quantidade de gel no cabelo, apenas o suficiente para deixá-lo um pouco levantado.

Tudo isso para dizer que Peter ficou meio bobo durante os anos em Oxford.

A remissão não era perfeita. A Fera ainda aparecia a cada poucos meses, o que significava internações, corticoides intravenosos e repouso. Mas o rapaz descobriu que ninguém se importava, desde que não *contasse* o que estava acontecendo, desde que deixasse que preenchessem as lacunas com as próprias suposições. Nunca dizia que não estava se sentindo bem, simplesmente se recusava a dar explicações. E foi percebendo que podia se safar de cada vez mais coisas. Podia faltar a vários dias de aula. Até mesmo semanas inteiras, embora tentasse não se exceder. Realmente tentava não ficar em casa, a menos que estivesse acamado. Mas ninguém nunca se queixava. Na verdade, seus amigos e professores pareciam encarar tudo com naturalidade. Ah, diziam, isso é típico do Murdoch. Só faz o que quer, que figura. E assim, ao longo de seus três anos em Oxford, Peter foi construindo a reputação de gênio ausente e errático.

Talvez tivesse até abraçado essa imagem. Talvez assumisse certo ar afetado, às vezes — falava sobre a resolução de listas de exercícios de forma sonhadora e distraída, como se não tivesse levado horas para resolvê-los, ou fingia não ter feito a leitura quando, na verdade, havia passado a noite inteira estudando. Quando precisava sair no meio da aula para ir ao banheiro, dizia que estava indo fumar. E se a internação durava mais de uma semana, fingia que tinha ido para Barcelona ou Göttingen — o que às vezes era verdade, já que os pais gostavam de participar de congressos e ele gostava de acompanhá-los —, ou simplesmente que tinha ficado em casa dormindo, porque teve vontade, porque Peter Murdoch não precisava assistir às aulas para tirar nota máxima.

Ficava surpreso com o sucesso daquele comportamento. Ninguém se ressentia de suas ausências. Pelo contrário, ficavam muito mais animados quando ele aparecia. Murdoch era uma presença rara, sua aparição era um acontecimento. Em um mundo definido pelas percepções, Peter estava aprendendo a construir uma fachada muito atraente. Gênios podiam ser perdoados por qualquer excentricidade. Descobriu que as pessoas relevavam um corpo doente contanto que fossem intimidadas por mentes brilhantes. E, ah, que

mente brilhante ele ia se tornar.

* * *

Quando chegou a hora de falar sobre o futuro, Peter já havia se decidido por um doutorado em magia analítica. A matemática e a física o divertiam, mas foi seduzido pelo desconhecido fugidio, pela maneira como lidar com a verdade na magia era como tentar segurar um raio de sol com as mãos. Isso teria feito de Cambridge a escolha óbvia, se seus pais não tivessem tantas ressalvas. Aoife e Howard Murdoch tinham feito doutorado em Oxford, que era, na opinião deles, a instituição mais prestigiosa do mundo. Também tinham conexões profundas nos círculos sociais da academia britânica, então é claro que já haviam ouvido aqueles boatos.

— Esse homem é um grosso — comentou a mãe. — Além disso, você não seria mais feliz em um lugar mais confortável? Por que não fica em Oxford?

— Ou então vai pro Novo Mundo — sugeriu o pai, que ainda insistia em se referir assim aos Estados Unidos, como uma piada, embora ninguém jamais risse. — Andam fazendo coisas bem inovadoras por lá. Você vai se divertir muito. Por que desperdiçar seus melhores anos em *Cambridge*?

O que nenhum deles questionou em voz alta foi: *Tem certeza de que vai aguentar?*

Mas Peter, desde a infância, operava de acordo com dois princípios inter-relacionados.

Primeiro: só se interessava por fazer a coisa mais difícil possível. Era nietzschiano nesse aspecto, não no sentido estranho e antissocial do *Übermensch*, que tantos jovens de Oxford haviam adotado. Era nietzschiano no sentido mais amplo, de acreditar que a vida só tinha propósito se estivesse sempre desafiando os próprios limites. E achava que só os professores de Cambridge poderiam ajudá-lo a atingir esses limites. Além do mais, não podia desperdiçar o tempo fazendo nada que não fosse seu melhor trabalho.

Segundo: detestava abrir exceções por causa de sua condição de saúde. Tinha passado a vida inteira sendo o menino Murdoch doente. Desde pequeno, escutara de professores bem-intencionados e cheios de empatia que tudo bem se ele ficasse de fora daquela atividade, se não fosse à excursão, se não fizesse a prova, se não corresse a última volta. Já estava farto da pena alheia. Não estava interessado apenas em acompanhar os outros, em fazer o que alguém sem a doença de Crohn faria. Queria fazer o que as pessoas sem essa condição *não* conseguiam fazer. Portanto, quando ouviu as histórias de terror — os assistentes de laboratório que haviam desistido, os alunos de pós-graduação que

regularmente saíam do escritório de Grimes aos prantos —, Peter encarou isso como um desafio.

Talvez o tempo que passou em Oxford o tivesse deixado confiante demais no próprio carisma. Talvez seus colegas e professores o tivessem bajulado um pouco além da conta. Talvez seu ego tivesse se inflado mais do que o recomendável. Mas Peter não achava que estava errado em acreditar que era especial — e que se havia alguém capaz de impressionar Jacob Grimes, esse alguém era ele.

* * *

Ah, Cambridge! Peter se apaixonou na hora: as ruelas de paralelepípedos, o rio sinuoso, as margens verdes e serenas. Havia deixado para trás a fase de noitadas quando era estudante de graduação — alguns semestres constrangedores em pubs da rede Wetherspoon tinham sido mais do que suficientes — e agora apreciava o sossego do novo lugar. Em Oxford, sempre havia coisas demais acontecendo. Já Cambridge, no meio de uma região pantanosa, parecia ser o tipo de lugar onde você podia se concentrar e produzir. Os jovens de olho em Westminster estavam todos estudando política, filosofia e economia na outra universidade. Em Cambridge, os cientistas podiam sonhar. O Departamento de Magia Analítica também era tudo o que tinham lhe prometido: professores brilhantes, colegas brilhantes e um orçamento inesgotável para giz. Jacob Grimes era exigente e intimidante, exatamente como Peter esperava. Sob a orientação dele, o rapaz sentia a mente sendo aprimorada, como uma lâmina afiada em uma pedra de amolar.

E havia Alice.

Alice Law. Quantas vezes, naquele primeiro ano, ele voltou para casa de bicicleta muito depois da meia-noite, embriagado com a lembrança da risada dela? Nunca tinha conhecido ninguém como ela: a irascível, teimosa e ridícula Alice. Tinha a persistência de um azarão, a criatividade de uma artista e, o melhor de tudo, pensava de forma muito *diferente* de todos com quem ele havia estudado em Oxford. Talvez fosse a influência americana (Peter nunca tinha ido aos Estados Unidos, mas o pai o fizera acreditar que era uma terra de iconoclastas), ou talvez fossem as sensibilidades incomuns da moça, mas algo em sua mente era… bem, rizomático era a melhor palavra que havia encontrado para explicar. Ela não pensava em linha reta; sua mente ziguezagueava para fora. Estava sempre se perguntando como disciplinas sem relação aparente poderiam dialogar, ou desenterrando coisas aleatórias de arquivos dos quais ninguém jamais ouvira falar. Você consegue imaginar um mundo sem memória?,

perguntava Alice. Seria possível ter relacionamentos significativos se tivéssemos a memória de um peixinho-dourado? Seu animal de estimação sabe que um dia vai morrer? O teletransporte é igual à morte? Agora, suponha que você acredite que o teletransporte é a morte. Se acordasse e sua parceira dissesse que tinha sido teletransportada de um lado para o outro da cama, você ficaria de luto? Peter nunca havia conhecido alguém cujos pensamentos se debandavam para lugares que ele não conseguia acompanhar com facilidade. Adorava vê-la pensar em voz alta, ouvir seus pensamentos fragmentados se transformarem em argumentos completos, observar seus olhos perscrutando um ponto no espaço que ele mesmo não conseguia enxergar.

Não se tratava apenas do fato de ela ser brilhante. Todos ao seu redor eram brilhantes, e o brilhantismo ali era entediante. Alice era um *desafio*. Ela o mantinha alerta. *Cuidado com essa aí,* avisou-lhe o professor Grimes durante o chá no clube da faculdade. *Ou vai ter um colapso cedo demais, ou vai ganhar um Nobel.*

Sim, o rapaz passava muito tempo observando Alice. À noite, sonhava com sua silhueta delicada como a de um pássaro, equilibrando-se na ponta dos pés diante de uma lousa. A cabeça inclinada, pensando.

Era tudo muito romântico. Por um curto período de tempo, Peter Murdoch teve tudo o que sempre desejou: um orientador que o inspirava, uma melhor amiga que o desafiava e o empolgava e um corpo que, milagrosamente, cooperava. A cada poucas semanas, ele pedalava até o hospital para consultas de rotina com o gastroenterologista, embora, no fundo, começasse a suspeitar que isso era desnecessário. Estava vivenciando o maior intervalo sem crises de toda a sua vida. Às vezes, por incrível que parecesse, precisava fazer um esforço consciente para se lembrar da Fera.

Diziam que era possível entrar em remissão por décadas. Os panfletos informativos sobre a doença de Crohn estavam repletos de depoimentos de pessoas que um dia acordaram sem dor e sem cólicas, e assim permaneceram por anos a fio. Ninguém sabia o que induzia a remissão; a remissão era um milagre. Às vezes, o corpo simplesmente decide parar de atacar a si mesmo. Durante toda a infância, Peter nunca se permitira sonhar com isso. Mas, com o passar do tempo, começou a parecer razoável ter esperança de que tivesse deixado a Fera para trás e estivesse livre para sempre.

* * *

Tudo mudou no meio do primeiro ano.

A doença de Crohn era assim. Ele deveria ter se lembrado. A Fera nunca

era derrotada, apenas banida para algum esconderijo. Uma noite, estava comendo curry apimentado e bebendo *lassi* de água de rosas com cardamomo no restaurante indiano do outro lado da ponte. Na manhã seguinte, o estômago já dava sinais das familiares cólicas, ainda leves, mas um prenúncio do que estava por vir.

A situação se agravou muito rápido. Era a pior crise que Peter enfrentava desde os doze anos. As coisas tinham corrido tão bem por tanto tempo que se ele esquecera de como poderia ser horrível: a dupla tortura da diarreia constante e da desidratação, as cólicas e hemorroidas, a repulsa diante da ideia de colocar qualquer coisa na boca com medo de que tudo saísse de imediato. Em um único mês, ele foi ao hospital quatro vezes: duas para receber soro na veia, a terceira e a quarta para a administração de corticoides intravenosos. Parecia ter desenvolvido resistência à mercaptopurina, o que significava que o tratamento passaria a ser atirar para todos os lados e esperar acertar algum alvo. Seu peso despencou. A pele ficou quase translúcida de tão pálida. Quando se olhava no espelho, via as veias, finas e azuladas, pairando logo abaixo da superfície.

Não contou nada a ninguém. Quando se conquistava uma reputação como a que ele possuía, o mundo lhe concedia certo tipo de privacidade. Todos já tinham as próprias teorias sobre Peter Murdoch e, portanto, quando o rapaz começou a faltar aos dias de laboratório para ficar de repouso, quando simplesmente deixou de entregar as tarefas de avaliação, essas teorias só foram reforçadas. *O Murdoch não se importa. O Murdoch não está nem aí.*

Sua reserva de boa vontade estava se esgotando. Ser errático era uma coisa, mas ser irresponsável era outra.

— Pelo amor de Deus, Peter! — esbravejou Belinda quando pediu que ela cobrisse suas aulas pela enésima vez. — O mundo não gira em torno de você.

Mas qualquer coisa era melhor do que parecer frágil. Na mente dele, no momento em que alguém descobrisse, ele deixaria de ser Peter, o Gênio, e passaria a ser Peter, o Doente. Peter, o *Inválido*. Por isso, mesmo quando já não conseguia voltar para casa de bicicleta por medo de desmaiar no meio do caminho, a ideia de que alguém soubesse daquilo continuava sendo insuportável. Ainda mais se essa pessoa fosse Alice.

Ele sabia que a havia magoado. Via a expressão ressentida quando seus olhos se encontravam. Sentia-se péssimo pela forma como havia deixado as coisas entre eles. Nunca antes sentira que devia explicação a alguém, porque nunca antes tinha ficado tão próximo de outra pessoa a ponto de seu sumiço repentino afetar a vida dela. Antes, Peter simplesmente ficava em segundo plano, fora de órbita. Formava e abandonava amizades, sempre uma companhia valiosa, mas nunca uma constante. Só que Alice havia se tornado uma constante. Não

podia abrir mão dela.

Ainda assim, a lembrança da pequena Jemma Davies estava gravada em sua mente e, junto com ela, o momento aterrorizante em que não conseguiu mais distinguir amizade de caridade. Achava que sempre poderia se redimir mais tarde, inventar desculpas, reconquistar a confiança dela. No entanto, se voltassem a ser amigos, Alice nunca poderia saber.

A única pessoa para quem não podia mentir era o professor Grimes. As coisas haviam chegado a um ponto insustentável: Peter tinha atrasado tarefas demais, faltado a reuniões demais. Já não era mais possível se safar apenas com a própria reputação. Àquela altura, corria o risco de perder a bolsa.

Então ele foi ao escritório do orientador, com os prontuários médicos em mãos, para implorar por clemência.

— Mas você parece ótimo — disse Grimes, que claramente não estava prestando muita atenção, pois àquela altura Peter já havia perdido nove quilos e conseguia contar todas as costelas no espelho.

— Não é, hã, o tipo de coisa que fica tão aparente.

— E você teve essa doença a vida toda?

— Fui diagnosticado quando tinha seis anos.

— Mas só agora piorou.

— Parece que sim — respondeu Peter. — Claro, estou muito frustrado.

O professor franziu a testa.

— Bem, quanto tempo isso vai durar?

— Ninguém sabe. Vai e volta, não tem um padrão definido — explicou ele.

— Então você pode ficar incapacitado por mais de um ano.

Peter fez uma careta.

— Espero que não, senhor.

— E não tem nenhum remédio que você possa tomar para isso?

— Tinha. Mas parou de funcionar. Tem medicamentos mais novos que talvez funcionem melhor, mas eles levam um tempo pra fazer efeito e, antes de tentar, precisamos controlar os sintomas. E esse processo pode levar semanas. Enquanto isso, não tenho certeza do quanto consigo produzir.

Grimes parecia cem por cento cético.

— Entendo.

Peter não tinha certeza de que teria acreditado se estivesse no lugar dele. Aquilo soava exatamente como o tipo de desculpa esfarrapada que um doutorando irresponsável que havia chegado ao limite daria. Talvez tivesse sido melhor se lhe faltasse um membro, ou se uma cicatriz enorme atravessasse seu corpo. Assim, pelo menos a dimensão de sua perda e de sua incapacidade seria visível. Do jeito que estava, a doença de Crohn parecia algo completa e

convenientemente inventado. *Uma fera me devora o tempo todo, mas você não consegue vê-la. Me sinto tão fraco e disperso que minha mente não funciona, mas aqui estou eu, falando com você, perfeitamente lúcido. Meu estômago dói. Que piada.*

— Bem. — O professor Grimes parecia não saber ao certo o que dizer. Vê-lo tentando confortar alguém era como assistir a um pato tentando vestir um terno. Aristóteles tinha razão: certos seres simplesmente não foram feitos para certas funções. — Bem, apenas tente superar isso da melhor maneira possível, está bem?

— Sim, senhor — respondeu Peter. Como se fosse tão fácil. Como se pudesse resolver tudo apenas com a força de vontade. — Não vai ouvir nem mais uma palavra sobre isso de novo.

Já estava quase saindo quando Grimes o chamou:

— Murdoch, um conselho.

O rapaz parou.

— Sim?

— Tente não sentir tanta pena de si mesmo.

— Eu… Bem, eu tento, professor.

— O que quero dizer é que algumas grandes mentes também foram pessoas com deficiência. Edison, por exemplo. E aquele sujeito da Cosmologia.

Peter não sabia dizer se o homem estava zombando dele ou se aquilo era uma tentativa genuína, e horrorosa, de consolá-lo. O professor continuou:

— É uma grande liberdade, de certa maneira… estar livre dos desejos e das distrações humanas comuns. Conheci uma grande matemática certa vez. Irene Fulmencio. Uma mulher extraordinária. Nós nos conhecemos na Venezuela. Ela nunca havia saído de sua cidade natal. Ficou incapacitada por causa de uma doença na infância e passava os dias em contemplação, acamada. Vivia em um mundo de ideias. Não pensava em mais nada. Não *conseguia* pensar em mais nada. A mente dela tinha transcendido para a abstração pura, o corpo virou um mero adendo. Foi uma grande libertação, na verdade.

Peter estava tão atônito que não conseguiu explicar que sua doença na verdade nunca o deixava esquecer, nem por um segundo, que tinha um corpo.

— Enfim, contrata um aluno de graduação para anotar o que você for ditando se de fato não conseguir sair da cama. — O professor Grimes se voltou para a própria mesa. — Deus sabe que você é bem pago pra isso.

* * *

As coisas melhoraram um pouco antes de piorarem, como costuma acontecer

nesses casos. Por algumas semanas, os corticoides pareceram funcionar, e a inflamação diminuiu. Nesse período, Peter trabalhou como um condenado para recuperar o tempo perdido. Concluiu as últimas correções de trabalhos. Presenteou Belinda com um buquê de flores de agradecimento, o que lhe rendeu uma enxurrada de beijos na bochecha. Passou nas provas com louvor.

E então, como sempre superava as expectativas, e como seus melhores insights de pesquisa sempre surgiam nessas épocas de produtividade frenética, desenvolveu um algoritmo que mudaria de vez o campo da categorização.

Isso talvez soasse entediante para um observador casual — e, de fato, era entediante para a maioria das pessoas no campo da magia. A categorização, no entanto, era de suma importância para qualquer lógico. A questão de como classificar e descrever o mundo tinha implicações em quase todas as outras áreas. A inovação de Peter estava em uma variação sutil do Paradoxo de Russell, segundo a qual os conjuntos não seriam membros dos próprios conjuntos que representavam — o que significava que uma coisa poderia ser ao mesmo tempo normal e anormal, ou nem normal nem anormal. Isso gerava uma série de consequências sobre como suspender a natureza das coisas, mas, naquele momento, Peter estava interessado em como situar seres humanos temporariamente fora do espaço-tempo. Coisa de iniciante.

— Nada mau — comentou o professor Grimes, o que foi o maior elogio que já ouvira do sujeito. — Termine os esboços do pentagrama e voltaremos na semana que vem pra testar.

— Sim, senhor.

Peter voltou para casa, cometeu a imprudência de comer um hambúrguer e passou as doze horas seguintes no banheiro.

Na semana que se seguiu, chorou inúmeras vezes de frustração. Sabia exatamente o que precisava fazer para terminar o trabalho. Conhecia a forma do problema, sabia o caminho que seus pensamentos precisavam percorrer, mas simplesmente não conseguia levar a mente até lá. Em vez disso, tinha que se concentrar em quantas vezes ia ao banheiro por hora, nas calorias que havia ingerido no dia, se duas caixas de biscoito de água e sal seriam suficientes para mantê-lo longe do hospital. Odiava aquele saco de carne em que estava preso, odiava todos os tecidos e órgãos que consumiam sua atenção e sua energia quando tudo o que queria fazer era se sentar e pensar. Exigia tão pouco do próprio corpo e, mesmo assim, ele não era capaz de lhe conceder nem isso.

Então, um impulso horrível o dominou.

Decidiu que não ia buscar ajuda. Não daquela vez. Nada de médicos, nada de hospital, nada de remédios, nada de esperar para ver como seu organismo reagiria a esse ou aquele tratamento. Nada de corticoides, nada de efeitos

colaterais. Estava exausto de todo esse ciclo. Não, não queria que a mãe viesse e se colocasse ao lado de sua cama, ansiosa, observando todos os seus movimentos, estremecendo a cada gemido, olhando para ele como se fosse capaz de curá-lo apenas por pura força de vontade. Era uma decisão absurda e possivelmente suicida, mas, uma vez concebida, não conseguiu mais abandoná-la. Parecia ser o único grau de liberdade que ainda lhe restava. O universo era injusto, portanto, ele o desafiaria. *Faça o seu melhor, desgraçada*, falou. *Acabe comigo*.

O que aconteceu foi exatamente o que qualquer médico teria previsto, ou seja: a condição de Peter logo se deteriorou.

Jamais esqueceria aquela última noite. Deitado no chão do banheiro, chorando de dor, o estômago se contraindo em espasmos a cada poucos minutos como se estivesse se torcendo em nós cada vez mais apertados. Sempre se lembraria do ardor do tapete do banheiro contra o rosto, do cheiro de mofo e pés molhados. *Tantos alunos já passaram por esses alojamentos*, pensou, *e talvez eu seja o primeiro a morrer aqui*. Sempre se lembraria de rezar, algo que não fazia havia anos, de quatro sobre os azulejos salpicados de bile, murmurando trechos meio esquecidos da missa: *Tende piedade de mim, ó Senhor… Christe eleison…*

Deus, não me deixe morrer. Eu não quero morrer, Deus…

Ele não morreu. Na manhã seguinte, um funcionário foi fazer a limpeza do quarto e, como não ouviu resposta ao bater na porta, presumiu que estivesse vazio e entrou. Peter estava inconsciente no chão. Ligaram para o serviço de emergência, ambulâncias foram acionadas. Ele acordou no hospital, conectado a uma bolsa de soro e a uma infusão de corticoides. Sua mãe havia chegado de Londres naquela tarde. Um médico surgiu e explicou que seria necessário remover parte do cólon. A inflamação havia se tornado tão severa que a recuperação era impossível. Já estava com uma estenose no intestino, e uma colectomia parcial era a única coisa que poderia aliviar os sintomas. A parte comprometida seria removida e as extremidades saudáveis seriam reconectadas. Isso se Peter tivesse sorte. Caso contrário, teriam que remover todo o cólon, e ele passaria o resto da vida com uma bolsa de colostomia. E mesmo que tudo corresse bem, talvez ainda precisassem retirar tudo no futuro — afinal, colectomias eram apenas soluções temporárias. Não curavam a doença de base.

O lado positivo era que havia muito pouco que Peter poderia ter feito para evitar aquilo. Mais cedo ou mais tarde, a doença de Crohn sempre chegava àquele estágio. Os medicamentos paravam de funcionar e o tecido inflamado se tornava inútil. Ele poderia ter ido para o hospital mais cedo, mas isso não teria feito diferença, só teria antecipado a cirurgia. Portanto, apesar das recriminações obstinadas da mãe, Peter não podia culpar a própria teimosia por aquele

desdobramento. Apenas seu organismo incompetente.

— Ainda assim — disse o gastroenterologista. — Da próxima vez, recomendamos que você venha antes de correr o risco de sepse.

Peter não queria ouvir mais nada. Passou pelas consultas com os olhos vidrados. Façam o que for necessário, pediu aos médicos. Só me acordem quando terminarem.

* * *

Seis semanas depois, Peter retornou ao departamento com passos vacilantes. Estava preparado para alguma reação negativa. Afinal de contas, não havia contado a ninguém sobre a cirurgia. Tinha simplesmente desaparecido do mapa e presumido que poderia arrumar a bagunça quando voltasse. Isso sempre tinha funcionado. Mas claro que as pessoas ficavam chateadas, irritadas. E ele sempre precisava encontrar um jeito de apaziguá-las.

Em vez disso, todo mundo só falava sobre o artigo que o professor Grimes ia publicar em breve na *Arcana*. Peter estava sabendo? Ao que parecia, era revolucionário, ia mudar a maneira como se pensava sobre categorias. Tinha a ver com o Paradoxo de Russell, não era esse o tema da tese dele? Tinham até distribuído rascunhos na apresentação de trabalhos em andamento na semana anterior. Aqui, ele podia ficar com uma cópia.

Peter deveria ter imaginado, mas, ainda assim, ler a autoria no topo da página foi como levar um tapa na cara:

> **NOVAS APLICAÇÕES DO PARADOXO DE RUSSELL**
> Por Jacob Grimes
> Departamento de Magia Arcana
> Universidade de Cambridge

Nunca na vida Peter havia passado por uma situação em que as pessoas se recusassem a ouvi-lo, então entrou no escritório de Grimes naquela mesma tarde, certo de que poderia resolver aquele problema.

— Essa pesquisa é minha. — Ele bateu com o rascunho do artigo na mesa. — Essas ideias são minhas.

— Ideias excelentes, por sinal. — O professor se recostou na cadeira. Então disse: — Bem-vindo de volta, sr. Murdoch. Gostaria de explicar por onde andou?

Peter apontou para o artigo.

— Por que o meu nome não consta como coautor?

— Talvez porque você não tenha escrito nada.

— Isso é roubo.

— É mesmo?

— Eu posso te denunciar.

— Ah, é?

— Tem procedimentos — gaguejou ele. — Eu posso ir ao comitê…

— E dizer *o quê*, exatamente? Que foi você que escreveu esse artigo? Não foi. Que roubei suas ideias? Não roubei. — A voz do professor Grimes se elevou. A sala inteira pareceu encolher. — Do meu ponto de vista, sr. Murdoch, o senhor foi um colaborador bastante satisfeito até desistir. Não aparece no laboratório desde janeiro. Eu liguei e escrevi várias vezes, mas não obtive resposta. O senhor não deu explicações nem pediu desculpas. Sumiu da face da Terra por mais de um mês e esperava que eu não fizesse nada com nossas descobertas?

Eu estava doente, queria dizer. *Estava em um leito de hospital, tive tecido inflamado removido do corpo.* Mas uma vida inteira de negação — a antecipação da descrença, a convicção de que, apesar de tudo, ele exagerava o próprio sofrimento para receber tratamento especial — sufocou suas palavras, e a língua ficou colada no céu da boca.

— Ouça, Murdoch. Eu relevo muita coisa em nome do talento. As grandes mentes trabalham no próprio ritmo. Sei disso. Mas você está ficando preguiçoso. E a preguiça não leva ninguém a ser publicado na *Arcana*. A preguiça leva à expulsão.

Que defesa Peter poderia apresentar? Culpado, era culpado de todas as acusações: não tinha sido diligente o suficiente, não tinha cumprido os prazos, não tinha superado os obstáculos. Um corpo fraco era exatamente a mesma coisa que uma mente fraca: uma pessoa podia ser afligida por ambos, e ambos a desqualificavam para a genialidade.

Ele saiu da sala do orientador cabisbaixo. O laboratório estava em silêncio. Todos o observavam. Alice encontrou seu olhar e deu um passo à frente, como se fosse dizer alguma coisa. Mas o campo de visão de Peter havia se reduzido a um pequeno ponto ao redor da porta, e o rapaz passou por Alice como se ela não estivesse lá.

* * *

O que Peter fez em seguida só poderia ser atribuído ao orgulho infantil.

Para piorar a situação, o professor Grimes lhe pediu que revisasse os rascunhos finais do artigo. Uma parte de toda publicação envolvia a documentação de múltiplas repetições de cada componente do pentagrama antes

que se pudesse ativá-lo com um sujeito humano e, em seguida, a documentação de múltiplas repetições de todas as iterações envolvendo humanos. Isso significava que Peter teria que revisar, com uma caneta vermelha, a própria pesquisa que fora roubada e apontar todos os erros que ele mesmo poderia ter deixado passar. É claro que o rapaz aceitou. Ninguém recusava um pedido direto do professor Grimes e mantinha a bolsa de pesquisa intacta. Mas isso não significava que precisava fazer um bom trabalho.

Jurava por Deus que nunca tivera a intenção de machucar ninguém. A coisa mais maldosa que havia imaginado fora que talvez fosse engraçado fazer o professor passar vergonha. Sabia que Grimes não revisava o próprio trabalho. Era de conhecimento geral que havia muito o homem se tornara relapso com os detalhes e que nunca terminaria um artigo se não fosse por um exército de assistentes verificando tudo em seu lugar. Na imaginação de Peter, as coisas culminariam em uma grande humilhação pública na conferência de verão da Real Academia de Magia, quando o professor seria vaiado e ridicularizado por cometer erros que até um estudante de graduação teria detectado.

No fundo, porém, sua principal motivação era simplesmente não gastar mais tempo com o artigo do que Grimes merecia. Por que se dar ao trabalho se não ia receber crédito nenhum?

Assim, revisou toda a pilha de páginas em uma única noite, sentado na cama, anotando as correções com indiferença nas margens. Não se preocupou em refazer cada iteração do pentagrama. Isso tomava muito tempo e exigia muitas traduções reversas do latim e do grego. Deu só uma olhada rápida nos algoritmos — outro aluno da pós-graduação havia preparado o material, Peter tinha certeza de que estava tudo certo — e escreveu no topo da página: *Parece bom. Pequenas correções abaixo. Pode prosseguir.*

Em seguida, voltou se arrastando até o departamento, jogou o rascunho no escaninho do professor Grimes e foi embora sem pensar duas vezes.

* * *

Assim que chegou na manhã seguinte, ele soube. Viaturas da polícia e caminhões de bombeiro cercavam a entrada principal. Fitas de isolamento vedavam portas e janelas. Um policial estava de pé diante da porta, barrando qualquer um que tentasse entrar. Peter ficou parado no meio da multidão, com o coração disparado, observando figuras uniformizadas saírem do prédio. Dois paramédicos surgiram carregando uma maca vazia.

— Não adianta — Peter ouviu um deles dizer. — Vamos precisar de um balde.

Àquela altura, todos já estavam reunidos do lado de fora. Os sussurros viraram murmúrios tensos. As vozes se elevaram, as teorias se multiplicaram enquanto eles tentavam contar quem estava presente e quem não estava. Um grupo de alunos de graduação começou a chorar, em pânico.

— Quem está no comando aqui? — gritava Helen Murray, sem parar. — O que está acontecendo? Alguém pode nos explicar?

Peter se esgueirou para longe da multidão, cambaleou até em casa e vomitou na pia.

Várias soluções passaram por sua cabeça naquela noite.

Pensou em se matar. Repassou os cenários possíveis em sua mente. Enforcamento, forno, maçã envenenada com cianeto — qual exigiria menos esforço? Provavelmente o forno, mas no alojamento dos alunos da pós-graduação havia apenas um forno coletivo, e era baixo demais para que Peter acomodasse bem a cabeça lá dentro. Sim, aquela era sua desculpa. *Sou alto demais para me matar com tranquilidade*. Também pensou em se entregar, confessar o que havia feito e deixar que a Real Academia de Magia o punisse como quisesse — o que, na prática, seria o mesmo que suicídio, já que, se não teria acesso à magia, era melhor estar morto. Mas morrer parecia tão desagradável e, além disso, não podia submeter os pais àquele tipo de sofrimento.

No fim das contas, parecia que a maneira mais óbvia — e mais difícil — de consertar as coisas seria resgatar a alma do professor Grimes do submundo. E a motivação de Peter sempre fora fazer a coisa mais difícil possível, não?

Ainda assim, planejar aquela jornada levou mais tempo do que imaginava. A fórmula para a troca era a parte fácil: os alquimistas a tinham descoberto havia muito tempo, mas raramente era usada, porque ninguém estava disposto a pagar o preço. Já o portal para o Inferno era mais complicado. Peter tinha uma ideia básica, mas alguns textos que continham detalhes que ele queria verificar vinham sumindo misteriosamente da biblioteca. Algum fantasma parecia assombrar o lugar, sempre um passo à frente dele.

Certa noite, Peter entrou no laboratório no exato momento em que Alice estava saindo. Ela esbarrou em seu braço ao passar, mas não disse uma palavra. Na verdade, mal pareceu registrar a presença dele: apenas lhe lançou um olhar arregalado que não era exatamente um olhar e saiu apressada pelo corredor, cambaleando sob o peso dos livros empilhados nos braços. Havia giz em suas mãos e em seu rosto. E, no quadro recém-apagado atrás dela, Peter viu os vestígios de uma soma que passara a conhecer muito bem nos últimos tempos. Reconheceu tudo em um piscar de olhos.

A Soma de Ramanujan. As Modificações de Setiya. Duas colunas se

alinharam em sua mente, duas premissas que levavam à sua redenção, que naquele momento era a única coisa pertinente no mundo.

Primeira: Alice Law estava indo para o Inferno.

Segunda: ele tinha que ir junto.



Capítulo Vinte e Três

— Por que você nunca me contou? — perguntou Alice.

Peter deu a única resposta correta, que era a resposta verdadeira, que era apenas devolver a mesma pergunta.

— Por que *você* nunca me contou?

Todo aquele tempo, pensou Alice. Todo aquele tempo, os dois estavam se afogando e achando que o outro estava se deleitando enquanto assistia de longe.

Ela se lembrou do artigo sobre a teoria dos conjuntos, se lembrou de como o professor Grimes tinha falado dele com orgulho. *Vou revolucionar a forma como as pessoas pensam sobre categorias*, dissera. *Isso é o mais perto que já chegamos de resolver o Paradoxo de Russell. Todo mundo vai se borrar de medo*. Não havia mencionado Peter nem uma única vez.

Ela pressionou a mão na bochecha.

— Eu não acredito.

Peter se enrijeceu.

— Por que não?

— Não estou te chamando de mentiroso — explicou. — Eu acredito em você, é só que… Quer dizer, não consigo imaginar por que o professor faria isso. Ele é o *Grimes*, pelo amor de Deus. Tem um milhão de projetos em andamento, não precisava *roubar*…

— Lá vai você fazer isso de novo — comentou Peter.

— Fazer o quê?

— Enaltecer ele. Defender ele. Você sempre fala do Grimes como se ele fosse um… um grande gênio de importância descomunal.

— Porque ele *era*.

— O homem era só um babaca, Law.

— Não, não era. — A voz dela falhou. — Você não entende? Ele não pode ter sido. Porque, se tiver, então nós deixamos… uma *pessoa qualquer* nos manipular.

— E se o cara fosse um gênio, isso tornaria as coisas melhores?

— Não melhores. Mas… teria valido a pena. — Alice abriu as mãos. — Não está entendendo o que quero dizer? Se tinha algum método naquela loucura, então pelo menos… né?

Peter a encarou por um longo momento, depois suspirou.

— É, eu entendo.

— E porque… Bem, o Grimes não parecia tão ruim assim, sabe? Ele não era como os outros. Um canalha.

— Eu sei — disse Peter.

Tinha sido assim que haviam se consolado durante anos. Pelo menos Grimes não era como os *outros* membros do corpo docente, os tóxicos, os que gritavam com seus assistentes de laboratório e os chamavam de estúpidos na cara deles, com saliva voando e tudo. Não era como os professores de antropologia que levavam alunos para expedições na América do Sul e enlouqueciam, arremessando copos e pratos e colocando a vida dos estudantes em risco. Não era um assediador, não era um tirano. Afinal, no fundo todos esses abusos costumavam ser reflexo de insegurança e incompetência, e Grimes não tinha que se preocupar nem com uma coisa nem com outra. A única coisa que fazia era proferir palavras severas. Apenas cobrava deles os mesmos padrões exigentes que impunha a si mesmo. Ficar irritado com o sujeito era o mesmo que admitir que você não era bom no que fazia. E, mesmo naquele instante, nas profundezas do Inferno, Alice não conseguia se livrar da convicção de que, se tinha surtado com tudo aquilo, a culpa era apenas dela.

— Eu só pensava que, se não estava funcionando pra mim, isso queria dizer que tinha alguma coisa errada comigo — justificou-se Alice. — Afinal, você estava indo superbem.

— Engraçado — disse Peter. — Era assim que eu me sentia em relação a você.

Os dois se encararam, atônitos.

— Agora, olhando pra trás, é meio constrangedor — acrescentou ele. — Grimes era muito bom em colocar a gente um contra o outro.

— Você também se sentia assim?

Alice sempre tinha achado que a rivalidade entre eles era unilateral. Ela era um desastre, e Peter Murdoch era o ideal inatingível, o modelo com o qual

sempre era comparada. Peter poderia ter feito tudo aquilo de olhos fechados. Afinal, Grimes havia lhe dado a bolsa Cooke, enquanto a pobre Alice tinha ficado tão irremediavelmente para trás que precisou de um pentagrama ilegal e permanente só para acompanhar o ritmo.

— Ah, sim. O tempo todo. — Peter engrossou a voz. — Você não tem a criatividade da Alice, a determinação da Alice. A Alice é a primeira a chegar e a última a ir embora, e é a única de vocês dois que vai se destacar, ela está *à altura*. A Alice é uma verdadeira acadêmica. A Alice vai entrar para a história, e você não vai passar de uma nota de rodapé.

— O Grimes não disse isso — retrucou Alice, mas ouvir aquilo fez com que se sentisse melhor da maneira mais estúpida possível. — Não tem como ter dito.

— Você está corando?

Ela pressionou as mãos nas bochechas.

— Não.

— Você está aceitando o elogio. Pelo menos até agora. — Peter empurrou o ombro dela de leve. — Meu Deus, o cara realmente fez um estrago na gente.

— Mas nem tudo foi ruim — argumentou Alice. — O Grimes nos tornou bons magos.

Ele me tornou perfeita. A tatuagem se contraiu e, mesmo assim, ela não conseguiu vê-la como uma maldição, mas como uma dádiva.

— Não sei, Law. — Peter encolheu as pernas junto ao peito e apoiou o queixo nos joelhos. — Tenho pensado muito nisso. Se a gente precisava mesmo do Grimes para se tornar quem a gente se tornou. Porque, sinceramente, acho que qualquer um poderia ter nos tornado bons magos. O sujeito só nos convenceu de que a gente precisava sofrer por isso. Me fez acreditar, até quando eu estava estirado no chão do banheiro, que não era forte o suficiente. Que se *quisesse* de verdade, eu ficaria bem. — Ele bufou. — Idiota.

— Então, como… — Alice olhou para a barriga de Peter e depois de volta para seu rosto. — Como você está agora?

— A cirurgia ajudou — respondeu Peter. — Estou em remissão.

— Até quando?

Ele deu de ombros.

— Até não estar mais.

— Sinto muito — falou Alice.

— Tudo bem. É assim mesmo. Agora não importa mais.

* * *

O declínio foi muito rápido depois disso.

Na verdade, a rapidez com que a armadilha de Escher drenou a energia deles foi uma bênção. O ar ficou mais quente. Suas bocas pareciam uma lixa, e as línguas, uma pedra áspera e achatada. Ficaram sentados lado a lado, mas, à medida que o tempo passava, as cabeças e os ombros foram tombando, como se os dois fossem brinquedos sem pilha, até ficarem completamente curvados. Alice deitada no colo de Peter, Peter apoiado sobre ela.

Alice ficou surpresa por se sentir indiferente a tudo aquilo. Mesmo que estivesse angustiada, a mente e o corpo estavam dormentes demais para sentir muita coisa. Era preciso energia para sofrer, e não lhe restava mais nenhuma. Os ouvidos zumbiam de um jeito quase agradável. Ela fechou os olhos e pensou apenas em rios límpidos, escuridão aveludada, águas envolvendo tudo. Seria assim tão terrível? Tudo o que precisava fazer era dormir.

Então ouviu o arranhar de um lápis no papel. Abriu os olhos. Peter estava escrevendo alguma coisa em seu caderno.

Ela levantou a cabeça.

— O que está fazendo?

— Tentando descobrir uma saída.

— Nós já tentamos de tudo — murmurou Alice. — Não tem mais nada.

— Ah, sempre tem mais alguma coisa.

— Como você sabe?

— Por causa do Teorema da Incompletude de Gödel.

— Do quê?

— É um teorema da matemática. — Ele soava tão animado que chegava a ser estranho. — Aprendi quando era criança. Basicamente, diz que nenhuma teoria jamais vai ser completa, porque pra qualquer sistema razoável sempre vai haver verdades que ele mesmo não pode provar. A matemática tem seus limites. Sempre tem alguma coisa que não sabemos. Algumas pessoas acham que o teorema de Gödel prova a existência de Deus.

— Mas isso não prova absolutamente nada.

— Na verdade, prova, sim. Prova que sempre existe outra opção. Que nenhum sistema é totalmente fechado.

— Meu Deus, Peter. — Alice piscou rápido, mas os pontinhos em sua visão não sumiram. — Isso não prova nada. Às vezes, matemática é só matemática.

A caneta girava sem parar entre os dedos do rapaz.

— Bem, pensa no seguinte: no Canto IV do *Inferno*, Dante pergunta a Virgílio se alguma alma não salva por Cristo já tinha sido resgatada do Limbo eterno. E, de fato, Adão, Abel e Noé, entre outros, foram abençoados e elevados

ao Céu. Deus quebrou as próprias regras, só por eles.

— Ninguém leva o Canto IV a sério.

— Eu também tenho minhas críticas a Dante. Mas a questão é que até a imagem dele do Inferno admite exceções. O Submundo cede e se dobra. É imprevisível, segue apenas a própria ordem. É como Borges disse: *A certeza de que tudo já foi determinado nos anula, nos torna fantasmas*. E, mesmo assim, nós *não* somos fantasmas, não fomos anulados, porque nada está escrito por completo! Não existe um conjunto coerente de axiomas que explique tudo. Assim como na matemática. Então, tem que haver um saída. E eu vou encontrá-la. Tenho que encontrar.

— Não é assim que a lógica funciona — rebateu Alice. — Tenho certeza de que nessa sua prova estão faltando vários passos.

Peter deu de ombros, mas não falou mais nada. Apenas continuou escrevendo.

Ela ficou exausta só de observá-lo. Como tudo aquilo era inútil, pensou Alice. Como tudo aquilo era inútil: não apenas os rabiscos dele, mas todos os esforços dos dois. A situação deles na armadilha de Escher era apenas um microcosmo de toda a vida em Cambridge: anotações intermináveis na tentativa de provar que poderiam ser a maior exceção de todas quando, na verdade, não havia nada de excepcional neles. Só estavam seguindo roteiros traçados desde o início. E era nítido que a única coisa a se fazer era romper o ciclo, desistir e se recusar a continuar participando daquele joguinho. A única vitória possível ali era a morte. Como poderia convencê-lo disso?

Alice puxou a manga dele.

— Peter.

Ele se deteve.

— Oi?

— A gente não precisa ter medo — sussurrou ela. — É como a Elspeth disse. Somos almas vivas no Inferno. Não vamos a lugar nenhum. Não vamos nos tornar nada. Só vai acabar. Tudo, absolutamente tudo, fim.

— Mas eu não quero que acabe.

— Ah, para. — Ela deu um tapinha no joelho dele. — Vai ficar tudo bem, prometo.

— Não fala assim.

Alice apenas passou a lhe dar tapinhas com mais firmeza, como se Peter fosse um bebê chorando, como se só precisasse parar de fazer tanto alarde.

— Vai ser só silêncio. Vai ficar tudo bem.

Estava tão cansada. Sua visão estava embaçada. Já não conseguia enxergar o rosto do rapaz. Viu os lábios dele se movendo, mas não ouviu nada, e então

tudo o que viu foi o contorno de uma forma, cada vez menor, até tudo se dissolver na escuridão.

* * *

CRÉC.

Seus olhos se abriram. Os dedos de Peter pairavam logo abaixo do nariz dela. Peter estalou os dedos de novo, e Alice despertou assustada, com os ouvidos zumbindo.

— Acorda — pediu ele com um tom enérgico. — Descobri uma saída.

— Hã?

Alice levantou a cabeça. O corpo inteiro parecia dormente. Não se lembrava de ter adormecido, nem sabia dizer quanto tempo havia se passado. O céu baixo e vermelho continuava ardendo acima deles, como sempre.

Peter estava sentado, curvado sobre uma pilha de papéis, ainda rabiscando. Havia preenchido pelo menos oito folhas desde que Alice adormecera — todas cobertas de algoritmos riscados e circulados.

— Nossa saída — anunciou ele. — Eu encontrei.

Relutante, ela se sentou.

— O quê?

— Deveria ter sido óbvio. — Peter falava em um ritmo rápido e robótico, uma voz que Alice conhecia muito bem: era o tom que ele sempre usava no laboratório quando descobria alguma coisa, quando precisava colocar tudo para fora de uma vez, mas não conseguia fazer a boca acompanhar os pensamentos. — É uma coisa que aprendi na aula de introdução à lógica. Um jogo bobo, na verdade. Tem a ver com tipos de conhecimento e probabilidades. Mas talvez eu não devesse te contar, porque vai enfraquecer o paradoxo…

— Murdoch.

— Tudo bem. Escuta. — Ele desenhou um círculo perfeito entre ambos, grande o suficiente para que duas pessoas ficassem lado a lado. — Você diria que, quando os Kripke chegarem, vai ser uma surpresa?

Alice não conseguia determinar a importância dessa afirmação, mas também não conseguia encontrar nenhum problema nela.

— Ah, claro.

— E diria que eles precisam vir em algum momento entre agora e quando nós morrermos de fome, daqui a cinco dias, caso contrário, nosso sangue vai estragar, certo?

— Acho que é o que eu faria.

— Excelente. — Peter juntou as palmas das mãos. — Então as condições

estão estabelecidas.

A cabeça dela doía.

— Ainda não entendi.

— Só escuta. Vamos supor que um prisioneiro esteja aguardando o momento de ser enforcado. O carrasco diz que ele vai ser enforcado em algum momento da semana, mas, fora isso, o sujeito não deve saber a data da execução. Qual dia da semana podemos descartar, então?

Alice refletiu e em seguida arriscou:

— Domingo?

— Isso. Por quê?

— Porque é o último dia da semana. Então, se não tiver sido enforcado em nenhum dos dias anteriores, ele vai saber que isso vai acontecer no domingo. E aí não vai ser uma surpresa.

— Muito bom — elogiou Peter. — Então, domingo está fora. Agora, o que acontece se ele ainda não tiver sido enforcado até sábado?

— Imagino que sábado também esteja fora. — Os pensamentos de Alice se agitaram aos poucos. — Porque domingo está fora, o que torna sábado o último dia possível, mas se não tiver acontecido até sexta, então sábado também deixa de ser surpresa. — Algo se encaixou em sua mente. — Ah. Mas aí sexta passa a ser o último dia possível.

— Está vendo? — disse Peter, radiante. — É recursivo.

Alice estava começando a entender.

— Então o prisioneiro nunca pode ser enforcado, porque nenhum dos dias vai ser surpresa. E ele tem que ser solto.

— Exatamente! — Peter abriu um grande sorriso. — E as condições não são perfeitas para esse paradoxo? Nós sabemos que vamos morrer em cinco dias. Sabemos que os Kripke sempre aparecem quando menos se espera. Mas se a gente colocar você no Paradoxo do Enforcamento Inesperado, vai ser invencível. Os dois nunca vão conseguir pegá-la. Então, a minha hipótese é que, se transformarmos isso em um algoritmo, ele vai libertar você da armadilha… Ou vai criar uma camada de invulnerabilidade. Assim, mesmo que venham, eles não vão conseguir te machucar.

— Tudo bem — concordou Alice, com um suspiro. Uma esperança estúpida e incorrigível voltou a brotar em seu peito, um *sentimento* estúpido e exaustivo. As coisas estavam muito mais fáceis quando ela se sentia indiferente. — Me dá isso aqui.

Peter deslizou o caderno pela areia.

Ela passou o dedo pelas linhas, tentando se concentrar. Aos poucos, foi decifrando os rabiscos.

— Você errou.

— Como assim?

— Você fez o pentagrama pra uma pessoa só. — Alice jogou as páginas de volta no colo dele. — Não serve. Vai ter que fazer tudo de novo, para duas pessoas.

— Ah — fez Peter. — Não, eu já sabia. Foi de propósito.

Ela levou um momento para entender o que ele queria dizer com aquilo.

— Murdoch…

— Não é um paradoxo muito forte — explicou ele. — Não é como o Sorites. Tem algumas soluções óbvias, e eu conheço todas bem demais. Não consigo suspender a minha descrença o suficiente pra funcionar.

— Todo paradoxo tem solução. — Alice lutava contra uma onda crescente de pânico. — É por isso que são temporários.

— *Muito* temporários — admitiu Peter. — E eu receio que esse em particular seja bem frágil. E contra uma armadilha de Escher, nós realmente não temos margem pra dúvida.

— Então como sabe que vai funcionar comigo?

Ele abriu um sorriso.

— Porque você não é muito boa em lógica.

— Vai se ferrar, Murdoch.

— Entra. — O rapaz apontou para o círculo. — Vamos tirar você daqui.

— Não vou te abandonar.

— E eu não vou deixar você morrer. A gente não pode ter vindo até aqui pra nada. Você mesma disse: tudo isso tem que valer alguma coisa.

— Então a gente entra junto.

— Não acho que vai funcionar.

— Bem, a gente tem que tentar. — Ela deu uma batidinha no caderno. — Reescreve. Para duas pessoas.

— Não vai funcionar comigo — insistiu Peter. — E se não funcionar, você também vai se tornar um sujeito corrompido, e não vai conseguir sair. Você vai *morrer*.

— Eu prefiro morrer.

Ela estava falando sério. Nunca havia falado tão sério na vida. Uma semana antes, não teria conseguido dizer com certeza que salvaria a vida de Peter, mas naquele momento sabia que sim. Não queria viver. Não queria o futuro, aquele objetivo idiota que ambos estavam perseguindo.

— Ou nós dois vivemos, ou nós dois morremos, não tem uma terceira opção.

— A terceira opção é *você* viver. Você merece.

— Não mereço nada.

Alice também estava falando sério sobre isso. O que havia feito desde que tinham chegado ao Inferno? Tinha mentido, tinha traído Peter, tinha traído Elspeth, tinha colocado todos naquela situação lamentável. Já estava na hora de pôr um fim naquela história patética. Estava muito cansada, tudo que queria era morrer em silêncio na escuridão, mas Peter não queria nem mesmo permitir que ela fizesse isso.

— Não mereço. De verdade, não mereço. Ah, pelo amor de Deus, Peter, só me deixa morrer.

— Eu não posso. Me recuso.

— Por que está sendo tão nobre? — Ela teria batido nele se ainda tivesse forças. — Para de ser tão nobre.

— Você é a única que tem um algoritmo capaz de levar o professor de volta. O meu não funciona. Se eu sair, a única pessoa que vamos mandar de volta é o Grimes. Se você sair, pelo menos volta pra casa viva.

Alice balançou a cabeça bruscamente.

— Nem sei se o feitiço de Ericto funciona.

— Bem, há chance de funcionar. Você é a única que tem a possibilidade de um resultado positivo aqui, Law. É uma questão de probabilidade.

— Não dou a mínima pros números!

— De qualquer forma, você é a única que não tentou matar o homem.

— Você não o matou. Fui eu. Eu me lembro de não ter fechado a volta. Eu me lembro, eu não *esqueço*…

— Eu revisei o artigo de novo depois. Você não fechou a volta porque não tinha fechamento. Eu não coloquei.

— Mas mesmo assim eu devia ter visto. — Alice não cometia erros. Não podia. Ela via tudo, cada detalhe estava gravado em sua mente. E a única situação em que teria ignorado algo como o Teste da Formiga era se, em algum nível, ela tivesse essa intenção. — Já repassei isso milhares de vezes. Eu vi a falha, eu *sabia*…

— Para com isso. — Peter ergueu as mãos. — Chega. A gente não vai brigar pra saber quem leva o crédito pelo assassinato dele. Que diferença faz esse detalhe?

— Faz toda a diferença — insistiu Alice. — Faz diferença porque você acha que merece morrer, mas *não merece*, porque a culpa não foi sua. Você não fez nada de errado, nem deveria estar aqui.

— Isso não muda os fatos. — Peter ergueu a voz, falando por cima dela. — Eu consigo fazer esse paradoxo funcionar com você. Tenho certeza absoluta de que consigo. Mas não tenho certeza nenhuma de que sou capaz de fazer

funcionar com nós dois. Então, é só teoria da decisão básica, Law. Resultado máximo esperado.

— Cala a boca.

— É matemática. Sinto muito se você não gosta.

— Mas você não pode morrer aqui. — Ela engoliu em seco. — Não agora. Não agora que eu…

Havia algo desvairado e desesperado nos olhos de Peter.

— Agora que você o quê?

O que queria dizer? Alice não sabia. Não tinha palavras para aquele poço de sentimentos, sombrio, corrosivo e delirante. Queria se lançar no desconhecido de Peter, queria uma intimidade que não conseguia descrever. Queria ele vivo, perto, ao seu lado. O que lhe veio à mente foi desajeitado e insuficiente, mas era tudo o que ela tinha.

— Agora que a gente acabou de aprender a não se odiar.

Algo se fechou no rosto de Peter.

Eles se encararam, um abismo se abrindo entre os dois.

Angustiada, Alice se perguntou por que aquilo era tão difícil. Por que nunca conseguia dizer a Peter o que *pensava*? Sempre tinham sido corpos girando fora da órbita um do outro, quando teria bastado uma palavra sincera. Mas isso era exatamente o que faltava aos magos: não havia palavras sinceras, apenas trocadilhos, ilusões e construções da realidade tão complicadas que não era mais possível distinguir o que era real do que não era. Todos estavam sempre tentando fingir que eram outra pessoa.

Se ao menos tivessem agarrado um ao outro, se olhado nos olhos e se forçado a atravessar o abismo.

Mas era tarde demais, tarde demais para tudo.

Peter sacou uma lâmina.

— O que está fazendo?

— Estou decidindo por nós dois.

— Você não pode fazer isso.

— É a única solução racional — afirmou ele. — Por favor, Alice. Não seja idiota.

Ela avançou para pegar a arma. Ele a ergueu para fora de seu alcance. Alice tentou empurrá-lo — tentou com todas as forças, mas não conseguia afastar Peter do pentagrama. Bateu nos braços dele, arranhou e puxou. Mas ele era mais alto, mais pesado e mais forte. Tudo o que teve que fazer foi afastá-la.

— Eu te odeio! — gritou Alice. — Você é… Você é tão…

— Lógico. — Ele abriu um sorriso triste. — Eu sei.

Peter passou a lâmina pelo braço. O sangue escorreu por sua pele, espesso

e rápido, pingou por entre seus dedos, caiu sobre o giz e impregnou o pentagrama feito tinta, até que tudo brilhou em vermelho. Peter começou a entoar. Alice berrou. Ela o golpeava, se debatia, lutava contra o rapaz —, mas ele era forte demais, e nada o fazia perder o ritmo. Peter continuou, pomposo como sempre, confiante até o fim.

— A mochila, Alice. — Ele deu um tapinha em seu ombro. — Não esquece a mochila.

Em seguida, com um último movimento do giz, ele fechou o círculo.

Alice se esganiçou, mas ele não ouviu. Em um instante, a areia se ergueu ao redor dela, lançando-a para fora e aprisionando Peter lá dentro. A armadilha de Escher, o cuco, as pedras e todo o resto desapareceram. Então, tudo que Alice viu foi areia, uma planície infinita, sob um sol constante e moribundo.

‘Linhas paralelas
e encontram no Infinito!”,
nsistia Euclides,
epetidamente,
calorадamente.
Até morrer
e assim chegar a tais
paragens:
onde ele
descobriu que as malditas retas
divergiam.

PIET HEIN , *“Parallelism”*

Sobre os paradoxos

Os paradoxos nos perturbam não porque suas conclusões são verdadeiras. O burro não morre de fome. O mundo não consiste em escadas sem fim. É claro que Aquiles pode ultrapassar a tartaruga, é claro que a flecha atinge o alvo, é claro que o monte de areia acaba. O princípio que temos que aceitar se quisermos continuar vivendo é que nenhum paradoxo faz o mundo deixar de funcionar como deveria. As leis do universo são soberanas. As coisas sempre retornam ao que deveriam ser, e um paradoxo sempre acaba perdendo a força. Eles só perduram por tanto tempo porque nós permitimos.

Não. Os paradoxos nos perturbam porque suas conclusões absurdas nos forçam a repensar todos os nossos pressupostos. Um paradoxo é como uma escada em que cada degrau leva inexoravelmente ao seu destino. Mas quando você chega ao topo, o destino é impossível: você dá um passo no vazio. Portanto, um dos degraus precisa ser um erro. Já que a conclusão deve ser necessariamente falsa, já que não podemos viver em um mundo onde a lógica não funcione, então um dos nossos pressupostos deve necessariamente estar errado. Essa é a origem da nossa inquietação. Um paradoxo significa que, em algum momento, no meio do caminho, cometemos um erro profundo e terrível.



Capítulo Vinte e Quatro

Fim do verão em Cambridge, a duas semanas do início do período letivo. A cidade era toda canto de pássaros e água ondulante, um tênue vislumbre de vermelho surgindo discretamente na borda das folhas, e o sol ainda brilhava quente o bastante para fazer esquecer, ano após ano, as chuvas de inverno que se aproximavam. Tudo era viçoso, reluzente e cheio de promessas.

Alice Law subiu tropeçando os degraus do departamento, vestindo uma saia lápis novinha em folha e uma camisa social branca engomada. Ela mesma havia passado as duas peças naquela manhã, em meio a um ataque de pânico. Pensou ter visto um vinco no espelho ao se dirigir à porta. Ainda sentia o calor do ferro quando parou diante da entrada principal, com uma das mãos na maçaneta, preparando-se para o primeiro encontro com seu novo orientador.

Na noite anterior, havia feito sua primeira viagem transcontinental de avião, depois pegara o trem noturno na King’s Cross para Cambridge e arrastara a mala por três quilômetros até um pequeno quarto no dormitório Audley Cottage. Tudo era novo e empolgante: o sabor das bolachas doces, as cabines telefônicas vermelho-vivo, os carros passando a toda velocidade do lado direito da rua. Ao sair naquela manhã, Alice teve a sensação de que havia viajado através do espaço e do tempo, descido pela toca do coelho e entrado em uma fantasia criada por ela mesma, em um mundo mais requintado e colorido. Sentia que havia atravessado o último obstáculo. Enfim tinha sido admitida no clube.

Ela ainda não conhecia Jacob Grimes pessoalmente. Tinha assistido a algumas de suas apresentações em congressos nos Estados Unidos, mas nunca tivera coragem de se aproximar e cumprimentá-lo. Todas as conversas desde que fora aceita em Cambridge haviam sido por cartas — pelo visto, o professor

detestava falar ao telefone —, por meio das quais Alice havia tentado reunir pistas sobre a personalidade do sujeito. Parecia ser direto, informal e um tanto distraído — tinha feito a mesma pergunta sobre a data de chegada dela três vezes em dois meses. Mas o que mais se poderia esperar do maior mago do mundo?

Ela se firmou, respirando fundo, abriu a porta e entrou. O prédio estava silencioso. As aulas só começariam no mês seguinte, portanto o campus estava vazio. O escritório de Grimes ficava no fim do corredor. A porta estava ligeiramente entreaberta. Alice viu, aliviada, que havia alguém sentado lá dentro, então bateu.

— Entra.

— Bom dia — disse ela, e sua voz falhou um pouco. — Eu sou… sou sua nova orientanda. Alice Law.

— Olá, Alice. Pode sentar.

O homem deu a volta e se apoiou na frente da mesa, entrelaçando as mãos e a encarando de cima. Mais tarde, ela não saberia descrever a aparência dele. Levaria várias semanas lançando olhares discretos na direção dele, registrando seu perfil, sua altura, os primeiros sinais de uma postura curvada. O professor Grimes era como o sol: Alice não conseguia olhar diretamente para ele, só perceber os contornos de sua presença.

— É um prazer conhecer você.

— Estou muito animada de estar aqui.

Havia ensaiado essa frase muitas vezes, mas nunca conseguia fazer as palavras soarem de uma forma que não parecesse bajuladora ou afetada. Agora saíam de sua boca fora de ordem, ofegantes e confusas.

— É uma honra trabalhar no seu laboratório. Estou muito grata por estar aqui, mal posso esperar para começar.

— Você parece nervosa, Alice.

— Eu… eu estou. — Ela engoliu em seco. — Bem, é claro que estou.

— Não precisa. — Grimes sorriu e, pela primeira vez, Alice entendeu o que significava os olhos de alguém literalmente brilharem. — Você merece estar aqui. Sua candidatura foi a mais robusta que já li em muito tempo.

— Ah.

Os cílios de Alice tremeram, tremeram *de verdade*, e seus dedos se contorceram freneticamente no colo. Tinha se preparado para uma série de perguntas. Estava esperando que o professor percebesse que havia cometido um erro ao aceitá-la. Ela ainda sentia que tinha que passar em um teste. Não fazia ideia de como reagir a um elogio como aquele.

— Não sei o que dizer.

Uma simples palavra de incentivo podia significar muito para uma mente

jovem e insegura. Era raro os professores terem ciência do impacto do que diziam. Pareciam não perceber que um comentário descuidado, o mais breve sorriso, poderia iluminar ou arruinar o dia de um estudante. Eles, que viam dezenas de rostos esperançosos ao longo de um dia, sempre esqueciam que representavam o universo inteiro para seus alunos.

Mas talvez Grimes soubesse. Talvez por isso tivesse olhado para Alice de maneira tão deliberada. Talvez soubesse como seria importante para ela ouvir aquilo da boca dele — afinal, era recém-chegada dos Estados Unidos, com as roupas e os maneirismos errados, com medo de ter ido parar em um programa em que se sentia totalmente deslocada e já ressentida dos colegas que pareciam destinados a Oxbridge desde que nasceram.

Bastaram aquelas palavras simples, e o sujeito conquistou a lealdade incondicional dela.

— Nunca deixe que façam você se sentir como se não pertencesse a este lugar. — Ele se inclinou para a frente, e seu olhar era tão intenso que Alice ficou tonta. — Esnobes com becas esvoaçantes. Futuros escriturários. Lembre que você é especial, Alice Law. Lembre-se da sua assinatura mental particular. Essa é a única coisa que vale a pena preservar. Essa centelha. — O professor bateu os nós dos dedos na mesa. — Bem-vinda a Cambridge, Alice. Nós vamos revolucionar o mundo.

Nos meses seguintes, acabaria descobrindo que Grimes, assim como ela, tinha vindo de origens não muito ilustres. Filho de um alcoólatra ausente que, na juventude, havia desperdiçado a fortuna da herança do pai, Jacob Octavian Grimes passava as noites na biblioteca local lendo de tudo, de Bacon a Wittgenstein. Havia herdado a curiosidade aristocrática que às vezes pula uma geração. Sua mente era feita para Mozart e Proust, e ele se agarrava a essa convicção. Como não dispunha de dinheiro para continuar os estudos depois do ensino médio, ele se alistou no Exército, serviu no exterior e voltou com uma bolsa para uma faculdade em Austin, no Texas, onde obteve um diploma técnico em engenharia agrícola. E então, graças aos telefonemas insistentes de um professor quase aposentado que reconhecera nele uma mente matemática singular, Grimes se viu em Oxford, onde foi tão humilhado que, pela primeira vez na vida, sentiu saudades de casa. Zombavam de sua caligrafia e de suas técnicas desatualizadas. Imitavam seu sotaque. Chamavam-no de “o texano”. Perguntavam se usava chapéu de caubói. Ele chegou a pesquisar o preço da passagem de volta. Então lembrou-se melhor de Lubbock, do piso manchado e das garrafas vazias. E ficou.

Aí veio a guerra. Jacob Grimes voltou a vestir o uniforme, dessa vez na divisão de pesquisa do Ministério da Guerra e, quando tudo terminou, tinha um

passaporte britânico e várias medalhas como recompensa por seus feitos. Frascos Perpétuos, desinfetantes instantâneos, pão Lembas que nunca acabava. Ele havia mantido as tropas vivas. Houve também os experimentos fracassados de interrogatório — todos versões cada vez mais sádicas do Paradoxo do Mentiroso —, mas ninguém falava mais sobre isso. Por um breve período depois do conflito, os magos se tornaram celebridades, e o rosto de Grimes estava estampado em todos os jornais do país. Eles o chamavam de Bruxo do Ministério da Guerra.

Deixou o Exército com o tipo de reputação que garante financiamento ilimitado para pesquisa. Chegara um pouco tarde demais para desfrutar da glória do Círculo de Viena, mas acompanhou a vanguarda de todas as inovações explosivas do mundo científico dali em diante. Durante os anos de confronto, todos estavam obcecados com a bomba, mas depois vieram a física do estado sólido, o transistor e o computador. Novos trabalhos em física quântica estavam enterrando Einstein. Fred Hoyle cunhou o termo "Big Bang" e, para seu desgosto, a expressão pegou. Nos anos 1950, Nash propôs seu equilíbrio na teoria dos jogos, o que desencadeou uma enxurrada de trabalhos sobre paradoxos sociais. O mundo estava ficando mais veloz, mais desconcertante. As perguntas fervilhavam, e Jacob Grimes as perseguia em cada toca de coelho.

Quando os anos 1960 chegaram, ninguém mais se lembrava dele como outra coisa senão um pilar da área. Era sinônimo da própria magia analítica. Ditava a pauta. Não tinha começo nem fim. Era como se sempre tivesse *estado ali*, um fato incontestável da disciplina, uma parada obrigatória para quem quisesse realizar qualquer coisa.

Havia ascendido ao mundo oculto. E levava os orientandos junto.

Esta era a vantagem de ser um aluno de Grimes: todas as portas se abriam. Era possível conseguir uma reunião com qualquer um, obter financiamento para qualquer projeto, viajar para qualquer lugar, bastava ter o aval dele. Quando Alice estava sob a tutela de Grimes, ninguém questionava sua presença em um ambiente.

— Minha aluna — dizia ele, com a mão estendida em sua direção.

E, de repente, era como se houvesse um brilho em torno dela. Pela primeira vez, as pessoas a enxergavam. Ela falava, e os outros a ouviam.

Então, apesar de tudo que aconteceu depois, Alice sempre se lembraria de que foi o professor Grimes quem acreditou nela primeiro. Ele a havia tirado da irrelevância. Tinha visto sua ficha em uma pilha de inscrições, tinha segurado aquele documento e decidido que sim, ela valia o investimento. Valia a pena iniciá-la em um universo de mistério, valia a pena torná-la sua igual, uma intrépida viajante por terras abstratas. Grimes foi o primeiro degrau em sua

escada no universo do conhecimento. E também em um mundo fundado na intriga e na insegurança. Essa fé que tivera nela era uma dívida que Alice sempre sentiria que precisava pagar.



Capítulo Vinte e Cinco

Do lado de fora da armadilha, Alice estava frenética. Tentou de tudo. Remexeu a areia, atirando grandes punhados para o alto, na esperança de que qualquer coisa que ela tocasse perturbasse o pentagrama oculto. Desenhou todos os feitiços que conhecia. Cravou uma faca na ponta dos dedos e encharcou o chão com grandes filetes de sangue, fazendo o pó branco brilhar em vermelho. Não adiantou. O giz se dissolveu nos sedimentos. Gritou por Peter, implorando que tentasse o feitiço de novo, que saísse e se juntasse a ela. A armadilha permaneceu firme. Não tinha como saber se o rapaz ouvira seus gritos.

Fugiu quando ouviu o ruído de algo se deslocando depressa no horizonte. Por um instante, teve vontade de ficar onde estava, de se jogar no chão e deixar que os Kripke a levassem também. Seria o mais fácil a se fazer. Mas os olhos arregalados e suplicantes de Peter estavam gravados em sua memória. Morrer ali, depois do sacrifício dele, seria cuspir em seu cadáver. Então pegou a mochila e correu o mais rápido que pôde, sufocando os soluços.

Não precisava ter se preocupado. Os Kripke não lhe deram atenção. Momentos depois, os barulhos cessaram, e um uivo vitorioso ecoou pela areia. Alice se deteve, terrivelmente compelida a olhar para trás. Ela os viu avançando em linha reta. Não conseguia enxergar os rostos com clareza àquela distância: apenas as silhuetas, duas figuras grandes e uma menor. Assim como Elspeth, os três vestiam uma armadura da cabeça aos pés, mas enquanto a dela era feita de restos de sucata, a deles era de osso branco. Presas afiadas se arqueavam em torno da mandíbula. Costelas de outra criatura cercavam o torso. Objetos redondos e volumosos pendiam da cintura, balançando quando se moviam.

Bolsas para sangue, dissera Elspeth. Eles as faziam com bexigas.

A pequena procissão parou diante das pedras. Os dois Kripke mais velhos se curvaram, entoando encantamentos sobre o feitiço. Uma ondulação se formou no solo. Um a um, desapareceram lá dentro. Alice ouviu um som agudo e áspero. Metal rangendo. Ouviu Peter gritar.

Ela também gritou por entre os dedos fechados, os punhos enfiados na boca para abafar sua voz. Caiu de joelhos, com os ombros se sacudindo. A pressão era terrível. Achou que ia se despedaçar. Mas o pior não era a sensação em si: era o fato de que o fim não vinha, de que a angústia continuava. Nunca havia sentido nada tão intenso. Antes, só tinha pensado nessa dor como algo teórico, um sofrimento que excedia o que as palavras eram capazes de descrever. A única coisa que chegava perto era a expressão do chinês clássico “”, porque, embora fosse traduzida como “coração partido”, “” significava literalmente todos os órgãos internos e vísceras de uma pessoa. Ter o coração partido era sentir tudo se contorcendo, se rasgando e se derramando na areia. Um coração não apenas se partia, arrancava tudo de dentro da pessoa.

Alice desejou que fosse ela quem estivesse sangrando e sendo estripada. Daria qualquer coisa para trocar de lugar com Peter. Desejava sentir aquelas lâminas penetrando sua pele, dilacerando suas veias, porque, comparada à angústia que estava sentindo, a evisceração parecia algo limpo e doce. Mas não importava o quanto desejasse, não conseguia transformar aquilo em realidade, e quando a névoa escarlate se dissipou, ela ainda estava viva, e Peter ainda estava morrendo.

Abafou os próprios gritos até que os dele cessassem por completo, até seu sangue ter sido drenado para aquelas bolsas inchadas. Então se levantou, enxugou o rosto e continuou correndo.

* * *

Durante o resto da noite, Alice vagou pelas dunas. Pontos de referência surgiam e desapareciam nas bordas de sua visão. Ossos reluzentes. Rochas irregulares. Toda a Violência parecia igual, um campo estéril que se estendia a perder de vista a partir do rio. Teria preferido desmaiar, pois isso a teria poupado do fardo da consciência, mas estava cheia de adrenalina. Seu coração martelava no peito, e quase conseguia sentir o pulso na boca seca e nos ouvidos latejando. Decidiu que tinha que continuar se movendo. Simplesmente continuaria andando até que aquela energia horrível se esgotasse e ela desabasse.

Mas o momento não chegava, então Alice seguia andando.

Sua mente não silenciava. Tentou recorrer à escada. Esforçou-se para se

concentrar; nada funcionava. A televisão em sua cabeça berrava. Só conseguia repassar, em detalhes excruciantes, cada segundo daqueles momentos finais dentro da armadilha. Os rabiscos de Peter. O arco do giz na areia. Seu sorriso brando e carinhoso. Não conseguia determinar se tinha feito o suficiente — se tivesse protestado mais, se o tivesse convencido a desistir, se tivesse arrancado o giz da mão dele. Mas essas eram perguntas sem resposta. Só conseguia se lembrar dos gritos e da determinação de Peter.

Peter… Peter… *Peter*. A memória dela se precipitava, recuperando cada detalhe. O cabelo dele caindo sobre a testa, o calor do corpo dele curvado e tocando suas costas. O aroma doce e levemente rançoso que pairava ao redor dele nas noites longas no laboratório, quando não tinha tomado banho. O som de sua voz, sua risada. Peter tinha uma risada maravilhosa. Ela o envolvia por inteiro, fazia seus braços e ombros se agitarem; tinha algo de vulnerável, desamparado, como se o riso o dominasse por completo e ele não tivesse escolha a não ser se render à alegria.

Tudo isso se fora. Essa era a realidade inimaginável da morte. Esse era o paradoxo que sua mente não conseguia aceitar, que alguém pudesse estar no mundo em um instante e, no seguinte, simplesmente não estar mais. Mas Peter não estava mais lá. Os Kripke haviam drenado seu sangue e obliterado sua alma. O rapaz não existia mais em nenhum mundo, nem naquele, nem no próximo, e tudo tinha sido culpa dela.

Sua culpa se acumulava a cada passo. Alice não parava de reviver as piores decisões que havia tomado. O ressentimento que fervilhara sob sua pele toda vez que o via no campus. O desprezo que sentira pelo sorriso dele. Todos os comentários debochados e as observações sarcásticas. As piores coisas que pensara sobre ele; sua mágoa vil. Feia, miserável, mesquinha — era como assistir a um filme de terror dentro do próprio corpo. Ela se reconhecia como a atriz, mas não conseguia compreender a lógica por trás de cada escolha errada. Não reconhecia aquela pessoa, aquela vadia rancorosa, manipuladora, desprezível. Mas as lembranças não mentiam. Fizera e dissera tudo aquilo, e tinha que passar a viver com a culpa.

Tudo o que Peter havia feito fora salvar sua vida. Enquanto tudo o que Alice havia feito fora machucar as pessoas que tinham tentado ajudá-la. Era tão óbvio que ela não merecia viver. Desejava poder simplesmente acabar com aquilo e morrer. Exceto pelo fato de que, por Peter, essa era a única coisa que não podia fazer.

* * *

O sol nasceu. A luz alaranjada e fraca iluminou o deserto ondulante ao seu redor. As silhuetas dos tribunais anteriores havia muito tinham desaparecido. Alice não percebera até aquele momento o quanto sentiria falta deles. Por mais terríveis e claustrofóbicos que fossem, pelo menos eram *familiares*, estruturas tangíveis que ela podia tocar e reconhecer, nas quais podia se ancorar. O que não daria naquele momento por um cochilo no Desejo, ou até mesmo uma pausa para estudar no Orgulho? Eles a orientavam, mesmo que todas as direções que oferecessem fossem falsas. Ali, no entanto, tudo se distanciava cada vez mais do mundo que as almas mortais conheciam, e estar à deriva a aterrorizava.

Havia adentrado fundo na Crueldade. Em algum momento da noite, tinha cruzado a fronteira. Talvez a armadilha de Escher estivesse, desde o início, na divisa entre a Violência e a Crueldade. A mudança não era de natureza, mas de grau. Ambas eram planícies desérticas, mas enquanto a primeira era bruta e irracional, a segunda era repleta de intenção. A Crueldade mexia com você de propósito. Alice não parava de se deparar com estruturas misteriosas: ossos entrelaçados, equilibrados de forma precária, por vezes dispostos como arte abstrata. Formas desenhadas na areia. Pegadas, talvez humanas, dançando em padrões que ela não conseguia decifrar. Às vezes, encontrava o que pareciam ser caminhos, linhas traçadas com precisão, imitando marcas de estrada, mas que terminavam abruptamente ou voltavam até si mesmas. Perto da margem, avistou certa vez um semicírculo de rochas que lembravam cadeiras de jardim em um gramado. Mais adiante na jornada, encontrou um bloco de mármore puro e liso, do tamanho de uma porta, intacto e desprotegido. Ficou quase uma hora passando as mãos nele, tentando detectar qualquer pista sobre sua presença, tentando fazer com que seu criador desse as caras. Mas o mármore não revelou nada, nenhuma inscrição secreta, nenhum desenho oculto. Alice gritou de frustração e chutou o bloco até os dedos doerem.

Tentou imaginar uma explicação para tudo aquilo. E se as Sombras estivessem procurando abrigo? E se aquelas construções fossem casas temporárias, locais para descansar e refletir? E se as Sombras dessem festas na praia? E se organizassem exposições de arte? Mas, na verdade, pareciam apenas ossos amontoados em uma tentativa de se divertir, de criar sentido em um plano que era, em sua essência, desprovido de sentido. Alice via com clareza que estava adentrando o deserto da consciência, um mapa da loucura, e os pontos de referência com que se deparara eram apenas os mesmos delírios de todos que tinham passado por ali antes.

De tempos em tempos, via, pelo canto do olho, oásis cintilantes. Não parava para beber água. Ainda tinha a réplica do Frasco Perpétuo e sabia que não deveria beber da água do Inferno. Mas em certa ocasião ela se desviou do

caminho, curiosa, em direção a uma dessas lagoas. Pensou em passar os dedos pela superfície reluzente. Imaginou se haveria coisas afogadas lá embaixo, indícios do que tinha acontecido antes. Mas quando se ajoelhou e estendeu a mão, encontrou uma superfície sólida. Não era água, apenas uma camada vítrea de obsidiana. Alguém a havia polido e moldado com curvaturas tão precisas que, mesmo de perto, parecia líquida.

Alice pensou em procurar algum significado ali, mas já havia aprendido a lição com o bloco de mármore. Continuou andando.

Em dado momento antes do pôr do sol, estruturas altas e brancas surgiram no horizonte. Alice foi na direção delas, mais pela necessidade básica de ter um destino do que por qualquer outra coisa. Ao se aproximar, começou a ouvir gemidos baixos, guturais. Eram tão tênues a princípio que nem compreendeu que eram humanos. Pareciam mais garrafas de vidro vazias sibilando quando o vento soprava o gargalo. Então ela chegou mais perto e olhou para cima. Viu gaiolas esqueléticas — que lembravam construções em terras áridas, estruturas abandonadas de edifícios —, só que aquelas eram feitas de osso alabastrino e cintilavam sob o sol. O trabalho era primoroso, uma rede trançada de ossos encaixados com precisão, de modo que cada reentrância se apoiava perfeitamente na outra, e as gaiolas se balançavam para a frente e para trás sem jamais cair.

Ela se perguntou se teriam sido feitas por divindades. Mas havia algo maravilhoso em sua perfeição matemática. Projetos que só eram possíveis ao longo de milênios e com um foco devastador e singular. As estruturas do Inferno eram paisagens oníricas que emergiam da névoa. Aquelas gaiolas tinham exigido esforço. Eram meticulosamente humanas.

Aprisionadas dentro delas havia Sombras, as mãos agarrando as grades, soltando gemidos dissonantes. Era ridículo, mas a mente de Alice se voltou para as salas de estudo, para os cubículos na época de provas, salas repletas de cabeças baixas e ombros curvados em uma solidão uniforme. Quando os cubículos estavam todos ocupados, alguns estudantes construíam o próprio espaço reservado com pilhas de livros, se enclausurando, hostis em sua concentração. Ah, como se lembrava bem daquela atmosfera desesperadora — já a havia sentido intensamente antes. Não era possível passar por aqueles cubículos de estudo sem engasgar de angústia.

Aquelas Sombras não pareciam estar presas contra sua vontade. As grades eram bem espaçadas. Alice não viu guardas, nem correntes. E aqueles não eram gritos de desespero. Não eram ruídos propositais. O som não vinha das Sombras, mas passava por elas, uma resposta involuntária a forças físicas. A reação necessária para informar ao universo que ainda estavam ali. Será que era um

castigo ou um alento? Talvez ambas as coisas. Não estava claro. Alice só podia supor que, assim como todo o resto, aquilo era uma forma de tornar o Inferno mais suportável. Podia imaginar uma espécie de paz lá no alto, no céu, presa numa gaiola. Mal visíveis ao redor, outros em suas próprias gaiolas — e o consolo de saber que estavam tão sozinhos quanto ela. Longe do deserto cruel, onde nada poderia tocá-la, um oásis só seu.

Alice colocou as mãos em concha em volta da boca.

— Olá, vocês aí em cima — chamou. Sentiu uma súbita vontade de se juntar àquelas almas. Naquele momento, nada parecia melhor do que uma gaiola em espiral só sua, justa e eterna. *Também quero gemer, quero me perder na agonia*. — Olá?

As Sombras não a notaram.

— Olá? Posso subir aí?

Houve uma breve pausa nos lamentos. Em seguida, os ruídos recomeçaram, redobrados, como se estivessem determinados a abafar a interrupção.

Alice se sentiu uma enorme tola, e seguiu em frente. *Eles que façam como quiserem*, pensou. Aquelas gaiolas eram feias de qualquer maneira. Poderia construir a própria prisão sozinha.

* * *

No meio da tarde, a areia havia endurecido e se transformado em rocha marrom e rachada. Não havia mais as pedras estranhas nem os padrões desafiadores. Ela tinha passado do deserto para as terras mortas. Havia uma diferença: uma era a vida silenciada e o outro era a terra devastada depois de tudo que era vivo ter sido consumido. O ar ali parecia mais denso, mais seco e mais quente. Cheirava a frustração, a sede nunca saciada.

Alice percebeu que estava se aproximando da fronteira entre a Crueldade e a Tirania.

Não havia um limite na areia, nada que estabelecesse uma distinção clara entre os golpes do homem cruel e a manipulação astuta do tirano. Ainda assim, ela conseguia sentir a diferença. O ar pesava em sua língua. Havia ali um gosto metálico, mofado. O vento se intensificou, uma força abrasadora que esfolava suas bochechas. Ela apertou o capuz em volta do rosto. Os nós dos dedos rachavam e sangravam.

As Sombras também se comportavam de maneira discrepante. Nos tribunais anteriores, eram inofensivas, ocupadas demais com o próprio sofrimento para prestar muita atenção em Alice. Mas as da Tirania, por mais

esparsas que fossem, pareciam cientes da presença dela e de outras Sombras de uma forma que a deixava inquieta. Várias vezes viu movimentos pelo canto do olho ou vislumbrou rostos observando-a das árvores. No entanto, toda vez que se virava, tinham desaparecido.

Não sabia o que queriam dela ou, na verdade, o que poderiam fazer com ela. Só sentia a malícia por toda parte, constante e aguda, como picadas de formiga.

Mas não podia voltar. Não havia mais para onde ir. Então, apertou o casaco com mais força em torno do corpo, manteve a faca presa no cinto e seguiu em frente.

* * *

O sol se pôs e sumiu. Alice caminhou até os membros tremerem e então se agachou à sombra de uma pedra para examinar os suprimentos que ainda tinha consigo. O pão Lembas estava encharcado, mas os pedaços do meio ainda estavam bons. O chá estava misturado com água do pântano, então o jogou fora. Por um milagre, a réplica do frasco ainda funcionava. Bebeu uma caneca de água limpa, depois outra, depois mais seis.

Com o corpo saciado e a mente limpa, ela infelizmente começou a pensar.

No processo de se manter viva, percebeu que precisava encontrar uma justificativa para todo aquele esforço.

O que sabia era que não temia mais a morte. Tinha visto o outro lado naquela armadilha de Escher e, como uma criança ao tomar a primeira vacina contra a gripe ou sair intacta do consultório do dentista, entendera que não havia muito a temer. A morte era apenas o nada. Uma pontada de dor, e fim. E estava em uma situação melhor do que qualquer Sombra, pois não tinha que se preocupar nem mesmo com o pós-vida. Apenas com a extinção do eu e o fim de todas as suas obrigações.

Mas a questão naquele momento — já que não era mais movida pelo medo instintivo da morte, que não tinha nenhum motivo urgente para continuar correndo — era o que viria depois. Alice tinha um problema maior nas mãos: o sentido de viver. Viver significava um futuro, implicava algum fim teleológico, mas ela não conseguia entender qual era, afinal, o objetivo de continuar viva.

Sua missão original parecia tão tola. Não se importava mais em encontrar o professor Grimes. Ficaria satisfeita se nunca mais o visse. A venda havia caído de seus olhos. No entanto, não conseguia imaginar nenhum outro destino para si mesma. Tudo o que sempre havia desejado agora parecia muito fútil, e a busca deles, torturante. Imaginou-se diante da banca examinadora na defesa de sua

tese, recebendo as notas de Grimes, seguindo para o próprio cargo acadêmico, onde uma nova leva de estudantes de pós-graduação infelizes ficaria sob sua tutela. Imaginou-se fazendo parte daquele ciclo. Preferiria ter uma cela no Desejo.

Enquanto isso, a morte estava tão presente, era tão óbvia e sedutora…

Pena que Alice havia se decidido, e sua mente se fixara em duas premissas que levavam à conclusão incontestável de que precisava viver.

Primeiro, porque Peter tinha pedido, e devia isso a ele.

Segundo, por causa da esperança ridícula dele de que, no fim das contas, fosse possível abrir uma exceção no Inferno.

Maldito Murdoch e suas exceções. Quer Alice gostasse, quer não, ele havia plantado uma semente que ela não conseguia arrancar. Como o Adão e o Noé de Dante, como o Teorema da Incompletude de Gödel, como a possibilidade de uma Contradição Verdadeira, talvez seguir em frente significasse acreditar no que ela não poderia saber. Talvez, se continuasse, encontraria uma maneira de fazer aquela dor parar. Talvez. *Talvez*.

Seguir o rio. Resgatar o professor Grimes. Sair dali. Alice não tinha nenhuma motivação interna para perseguir esses objetivos, mas eram os únicos roteiros que possuía, e eram melhores do que nada. Pelo menos lhe davam motivos para colocar um pé na frente do outro, repetidamente, até que os minutos se transformassem em horas, e as horas em quilômetros sobre as areias sem fim.

* * *

No dia seguinte, Alice chegou à torre.

Viu a sombra da construção primeiro, pois estava caminhando com a cabeça baixa, prestando atenção apenas no chão à sua frente. A princípio, achou estranha aquela faixa de terra mais escura em meio ao cinza, então ergueu os olhos e viu uma grande torre a menos de cem metros de distância, um ponto singular e pontiagudo no horizonte. *Ah*, pensou, *é um campanário, é o centro do campus*. Pois em Cornell nunca se precisava de relógio nem mapa, bastava olhar para o campanário e se saberia o caminho de casa. Mas é claro que não era um campanário, pois no Inferno não havia tempo a ser marcado, nenhuma razão para sinos soarem, e, perto do topo, onde deveria estar o mostrador, havia apenas um círculo vazio. *Isso é cruel. Fizeram de propósito, isso é muito cruel.*

Ao se aproximar, Alice percebeu que a base da torre não era feita de pedra, como havia imaginado, mas de formas esparramadas e retorcidas: rostos e torsos humanos, empilhados uns sobre os outros, congelados em sua luta para escapar.

Não sabia dizer se eram Sombras ou esculturas. Em volta da base da torre, havia uma fileira de pedras equilibradas sobre montes de terra. Um muro baixo, fácil de transpor, mas ainda assim um limite.

Ela ouviu um sibilo. Olhou para cima.

Na sacada estavam três divindades. Corpos altos e sinuosos, pele de mármore, vestidas com um tecido esvoaçante de um vermelho profundo. Grandes asas imponentes se projetavam de seus ombros. Alice compreendeu que deviam ser as Erínias: Alecto, Megera e Tisífone, criaturas ctônicas nascidas do sangue derramado pelo primeiro juramento quebrado, quando Cronos matou o próprio pai e lançou suas partes ao oceano. Uma para a ira, uma para a fúria e uma para a destruição sem fim. Os cabelos escuros e encaracolados ondulavam em torno do rosto delas. Eram todas incrivelmente belas.

As três olharam para Alice ao mesmo tempo.

Seus olhos não tinham pupilas, um olhar singular e abrasador. Alice sentiu um calor terrível enquanto a examinavam, mais intenso do que jamais sentira sob o olhar do professor Grimes. Sentiu que lhe despiam de suas roupas, da carne e dos ossos. Era apenas uma alma, trêmula e nua, incapaz de esconder todos os pensamentos maldosos e egoístas que já tivera. Pareceu durar uma eternidade. Cada pensamento extirpado, suspenso, revirado e cuidadosamente considerado. Ela foi reduzida a suas verdades intocadas. E uma voz tripla e grave ecoou em seu crânio, questionando repetidamente: *Quais juramentos você quebrou?*

Alice fechou os olhos com força, mas não adiantou. O olhar das Erínias continuou a queimar sua mente. Sentia-se tão pequena, minúscula, tão mortal e patética. Era como se nunca tivesse tido um pensamento original na vida. Como se fizesse uma confissão, expondo tudo, só que não havia nada de interessante a dizer, apenas a imundície humana comum. *Fui orgulhosa, fui ávida, fui gananciosa, fui exaltada…*

QUAIS JURAMENTOS VOCÊ QUEBROU?

— Todos eles — respondeu, ofegante. — Não sei.

MENTIROSA, disseram as três em uníssono.

O calor se intensificou. O Inferno se dissolveu em um plano branco, no qual Alice só conseguia ver sombras em movimento. Um corpo girando de cabeça para baixo. Uma forca. Um monte. Chamas lamberam seu rosto. Seus ouvidos zumbiam, o calor aumentava, e Alice ouvia as Fúrias gargalhando, enquanto a pergunta veemente se repetia até se gravar em sua mente:

Por quê…

Por quê…

Diga-nos…

Por quê?

Mas era justamente essa a pergunta que ela mesma não conseguia responder. Sabia que tinha errado, mas seus pecados pareciam ter sido cometidos por outra pessoa, por razões que não compreendia, e o único argumento que podia oferecer para se defender era que, a cada passo que deu, do início ao fim, toda decisão parecera, no momento em que fora tomada, a única coisa racional a se fazer. Grimes morreu, então Alice foi para o Inferno. Peter a magoou, então ela o magoou de volta. Elspeth tinha o que eles precisavam, então tentaram roubar. Uma coisa havia levado à outra, só isso. Não queria confundi-las. Queria ser boa para aquelas belas mulheres em chamas. Queria confessar tudo, mas sempre que falava as coisas pareciam mais frágeis, banais e convenientes, como se toda a sua vida se resumisse a contas batendo em um ábaco.

— Eu só estava tentando — sussurrou. — Só… Só estava fazendo o meu melhor.

De repente, o fogo se apagou. O calor desapareceu. Alice se inclinou para a frente e arquejou, pequena e sem forças, uma vela apagada com água. Lá no alto, as Erínias jogaram a cabeça para trás e riram.

— O professor Grimes — falou Alice. — Ele está aqui?

As três a ignoraram. Tremiam de tanto rir, as grandes asas pulsando, as cabeças magníficas inclinadas para trás, revelando pescoços brancos e altivos. *Entre se quiser*, dizia a risada delas. *Não damos a mínima*.

Então, ela pulou o muro e entrou no último tribunal do Inferno.

* * *

O oitavo tribunal era silencioso. As Sombras que rondavam a fronteira pareciam temer a torre e, à medida que Alice avançava, a presença maliciosa delas se dissipava. Estava sozinha. Aos poucos, a estrutura recuou até se tornar um pequeno ponto no horizonte, e então desapareceu, deixando Alice em um terreno realmente vazio: o rio constante à esquerda, um retângulo laranja acima, uma planície cinzenta se estendendo até onde a vista alcançava à direita. Estava tão atordoada que achou tudo aquilo bonito, aquela ordem geométrica. Ali estavam três conceitos expostos com perfeição. Limite finito, ponto finito, plano infinito. *Eu vivo agora em um livro didático*, pensou. *Sou um diagrama do disco de Poincaré.*

Foi então que viu pontos brancos rodopiando suavemente no ar à sua frente. Mais adiante, mais manchas brancas pontilhavam o chão.

Pássaros? Como isso seria encantador. Alice tinha visto uma praia certa vez, pouco antes do amanhecer, quando as gaivotas ainda dormiam. Sempre

havia imaginado que gaivotas dormissem em ninhos; não sabia que também dormiam na areia, com as cabeças enfiadas nas costas macias, pequenos montes brancos salpicando o banco de areia. Ela se aproximou e ficou desapontada ao descobrir que aquelas coisas não eram pássaros, mas pedaços de papel. Estendeu a mão e pegou um. Era estranho, depois de tantas Sombras imateriais, tocar algo tão incrivelmente humano e concreto. Além disso, era papel moderno. Liso e vibrante, sem nenhuma mancha de tinta ou a textura áspera dos papéis mais antigos. Não eram detritos como os da coleção de Elspeth, coisas velhas e indesejadas recolhidas dos vivos. Era papel novo, proveniente do próprio Inferno.

A página que Alice segurava estava em branco. Outras, porém, pareciam cobertas de linhas. Ela correu atrás de outro papel ao vento, agarrou-o e segurou-o diante do rosto. A caligrafia era tão sinuosa e descuidada que mal conseguia decifrar o que estava escrito. Na verdade, o único trecho legível era o que parecia ser um sumário.

Parte Um — Minhas origens
Parte Dois — Minha patologia
Parte Três — Minha criminalidade infeliz e inevitável

Ora, pensou Alice, aquilo eram rascunhos de uma tese. Obedeciam exatamente à estrutura de uma: o encadeamento dos capítulos, o lento desenvolvimento do argumento em três seções bem delineadas. Havia notas de rodapé, apêndices e até mesmo uma conclusão dramática, com implicações e desdobramentos para o campo: “Por quê, portanto, mereço a redenção e uma travessia do Lete.”

Ela passou os olhos por uma página da seção intitulada “Parte Um — Minhas origens”. Seu olhar pousou em várias notas de rodapé em que o autor declarava que sua família tinha poucas posses e, por isso, o sujeito não teve escolha a não ser vagar pelas ruas e se misturar a pessoas de má índole, em vez de crescer cultivando hobbies virtuosos, como tocar violino. O pai batia nele, o que lhe incutiu um ódio pelo mundo. A mãe fazia vista grossa, as irmãs zombavam dele e a babá alemã com frequência o mandava para a cama sem jantar, o que lhe causou um desprezo feroz pelo sexo oposto. Alice folheou a seção intitulada “Parte Três — Minha criminalidade infeliz”.

Não foi minha intenção fazer o que fiz, declarava o autor, antes de descrever seu crime violento. Nessa parte, Alice encontrou uma grande quantidade de construções na voz passiva. *Meu coração estava dominado pela*

fúria. Minha mão foi tomada por uma faca.

Deixou a página cair e pegou outra no ar. Essa estava escrita com uma caligrafia diferente e parecia se ocupar das muitas razões pelas quais as mulheres, na verdade, gostavam de ser estupradas. Pegou mais uma folha. *O assassinato de idosos é uma necessidade social*, argumentava. Eles esgotavam os recursos e, além disso, eram irritantes.

Não se tratava, então, da obra de um único lunático. Por alguma razão, o Baixo Inferno estava cheio de autores tentando justificar os próprios pecados e, ao que parecia, produzindo muitos rascunhos reprovados. Alice se perguntou para quem aquilo havia sido escrito, quem estaria lendo e qual leitor divino teria considerado aquelas teses indignas de aprovação. O que aquele leitor acharia de suas desculpas? Que desculpas ela poderia dar?

* * *

Alice continuou até o sol se pôr outra vez, então se sentou e montou seu pequeno acampamento. Mordiscou um pouco do pão Lembas. Restava apenas mais um pedaço do tamanho de seu dedo indicador, o que dava oito minúsculas porções que poderia consumir ao longo de oito dias. Bebeu do Frasco Perpétuo até o estômago doer, o que era a segunda melhor sensação depois de estar saciada. No entanto, não importava o quanto bebesse, sua língua ainda parecia uma lixa. O resto dela, por outro lado, parecia deliciosamente leve, uma sensação que conhecia bem dos dias de laboratório, os dias em que não havia comido, depois deixava de comer de propósito, apenas para testar os limites do quanto era capaz de aguentar. Ela sabia que não devia confiar naquela leveza. Era sempre o prelúdio da queda.

Gostaria de encontrar algum tipo de abrigo. A torre já ficara para trás fazia muito tempo, e tudo o que havia adiante era terreno aberto. Não havia nem mesmo pedras contra as quais pudesse se recostar. O melhor que pôde fazer foi cobrir a cabeça com o casaco e se refugiar na lógica do avestruz: talvez, se não pudesse vê-los, eles também não a vissem. Ela encolheu as pernas sob o corpo e envolveu a cabeça com os braços.

Algo farejou a lateral de seu corpo. Alice abriu os olhos com dificuldade.

Arquimedes estava se enroscando cuidadosamente em uma bola. O pelo do gato estava marcado por cicatrizes e embaraçado. Um filete de sangue seco havia endurecido em seu rosto. Alice piscou várias vezes, torcendo para que a presença dele não fosse uma alucinação, mas toda vez que olhava, o gato ainda estava lá. Ela estendeu a mão para acariciar o flanco dele, mas parou quando o animal se retraiu ao seu toque.

— Também pegaram você?

Arquimedes miou. Ao que parecia, não conseguia abrir o olho direito. O esquerdo encontrou o olhar dela, com um brilho verde intenso.

— Mas parece que você não deixou barato.

Arquimedes fungou.

— Se saiu melhor do que nós, pelo menos.

Tentou acariciá-lo de novo, mas certificando-se de que o gato visse sua mão primeiro. Dessa vez, ele permitiu, pressionando o topo da cabeça contra sua palma.

— Bom garoto.

Alice se sentou e tirou um pouco de pão Lembas da mochila. O gato observou, imóvel, enquanto ela o arrumava em um pedaço de papel diante dele.

— Vai, pode comer — falou.

O bichano esticou o pescoço para mordiscar o pão.

— Achei que gatos fossem necessariamente carnívoros — comentou Alice.

Arquimedes balançou o traseiro, o que, na língua dos gatos, parecia dizer *Eu faço o que eu quiser*.

— O que aconteceu? — perguntou Alice. — Cadê a Elspeth?

Arquimedes não respondeu.

— Talvez a gente possa cuidar um do outro. Ficar de olho, essas coisas.

O gato não deu nenhum sinal de que a tivesse ouvido.

— Por favor, fica — pediu. — Eu não… não vou conseguir fazer isso sozinha.

Arquimedes se esticou para a frente e apoiou a cabeça entre as pernas dianteiras. Seu traseiro se acomodou, de forma nada útil, sobre o cabo da faca de Alice. Em seguida, o olho direito dele se fechou.

Que estupidez implorar pela ajuda de um gato, pensou ela.

Ainda assim, era reconfortante observar o movimento daquele flanco emaranhado e manchado de sangue. Arquimedes emitia um pequeno chiado toda vez que inspirava. A caixa torácica miúda tremia com o esforço, mas isso não perturbava seu sono. Ele não dava sinais de ter pressa de abandonar Alice. Ela supôs que a vida de fato sobrevivia ali embaixo, afinal: chutando, mordendo e rosnando. A vontade indomável de viver. Ela se deitou ao lado do gato, curvando o próprio corpo ao redor dele como uma fortaleza, e se perguntou onde poderia encontrar aquela mesma força dentro de si.



Capítulo Vinte e Seis

Alice dormiu. Sonhou e se perdeu na especificidade da memória: uma colher tilintando contra uma xícara de chá, gotas escorrendo pelas bordas até se tornarem vermelho-sangue; a xícara se transformava em uma bolsa de colostomia, e a colher em uma faca de osso. A voz de Helen Murray, dentes brancos, batom forte demais, borrado sobre a pele ressecada. O que você quer, Alice? Achou que fosse a primeira? Alice em um cemitério, com terra sob as unhas, uma pá nas mãos, dor nas costas. O professor Grimes, ou pelo menos os pedaços que havia encontrado dele: um olho, um lábio, um resquício do nariz; todos os pedacinhos em uma folha de papel-manteiga, alinhados em um esboço tosco a lápis; e um prego atravessando a testa dele, só para manter tudo no lugar; todas as anotações rabiscadas sobre a bruxa tessálica. O rosto vivo imposto sobre as partes reanimadas. Os lábios dilacerados se moveram. Bom dia, ele disse.

Alice acordou.

Havia uma Sombra ajoelhada ao seu lado, toda de fumaça prateada, com o rosto muito próximo do dela. Alice se levantou de um salto.

Os dois se encararam. A Sombra tinha um rosto evasivo, com feições que se desfaziam e se recompunham, como se ele mesmo não conseguisse se decidir como era. Se tivesse que descrevê-lo, a melhor analogia que Alice poderia ter feito seria uma foto de registro policial em tons de cinza. Genérico, fugidio. A Sombra a olhava com o que Alice só conseguia imaginar ser uma fome voraz, não destrutiva, mas ávida, como se quisesse absorvê-la com todos os sentidos. A aparência dela, o cheiro dela.

Ainda assim — e isso era sua mente nebulosa e faminta raciocinando —,

ele não *parecia* perigoso. Pelo menos não era deformado pela mesquinhez singular das Sombras da Ganância, ou pelo uivo sufocante da Ira. Parecia mais humano do que todos os outros, mais no controle dos próprios apetites. Se aquela Sombra quisesse machucá-la, Alice supôs que já teria feito isso enquanto estava dormindo e, por essa razão, permaneceu onde estava.

— Quem é você?

— Meu nome é Alice — sussurrou. — Alice Law.

— Você está viva.

A voz soava como cascalho, como terra se movendo. Alice não viu sentido em mentir.

— Estou.

Os olhos da Sombra percorreram as manchas de giz no suéter dela.

— Você é uma maga.

— Sou.

A Sombra caiu na gargalhada.

— Céus! — exclamou. — Eu esperei, esperei, e agora aqui está você.

Alice achou isso vagamente ameaçador. Ficou de pé e se arrependeu na mesma hora, quando uma onda de vertigem a atingiu e ela cambaleou, a visão pulsando e escurecendo.

A Sombra ergueu as mãos.

— Não vou te machucar.

— O que você quer?

— Só conversar.

A Sombra se inclinou para a frente, até estar mais uma vez a centímetros de distância. Parecia não ter nenhuma noção de espaço pessoal. Não importava o quanto Alice se afastasse, o rosto da Sombra voltava a pairar perto do dela, como se estivesse prestes a lambê-la ou beijá-la.

— Mas você, estando viva… o que está fazendo aqui, sozinha no Inferno?

De fato, o que estava fazendo? Ainda não tinha resposta, e não achava que aquela Sombra precisasse ouvir sobre seus arrependimentos.

— Estou procurando uma pessoa.

— E onde essa pessoa poderia estar?

— Não sei. — Ela suspirou. — Já procurei no Alto Inferno. Já passei pela Ira, pela Crueldade, pela Violência e pela Tirania. Não o encontrei, e tenho motivos para suspeitar que seus pecados não tenham sido tão leves.

— Você acha que ele está em Dis?

— Eu… Sim, é isso — disse ela.

Alice tinha certeza de que a cidade era real. Todas as fontes confiáveis concordavam nesse ponto, mas ela ficou surpresa ao ouvir o nome confirmado

pela boca de um morto. Então, era verdade: o lugar existia, estava à espera.

— Ele deve estar lá — acrescentou.

— E você precisa encontrar os portões.

Eu tenho um guia, Alice quis dizer, mas reparou que Arquimedes tinha desaparecido. Estava sozinha de novo.

— Acho que sim.

— Vamos, então. — A Sombra acenou com a cabeça em direção ao horizonte. — Eu te mostro. Um caminho seguro.

— A troco de quê?

— Como assim, *a troco de quê*?

— Não quis ofender. — Alice pensou em George Edward Moore, louco por um amigo. Pensou na risada juvenil da Tecelã. Pensou em Elspeth, íntegra e vingativa. — É só que nós… *eu* não tive uma experiência muito agradável por aqui. E estamos no Baixo Inferno. Todo mundo quer alguma coisa.

A Sombra deu uma gargalhada de novo, um ruído rouco e prolongado. Seus olhos se fixaram em Alice e, dessa vez, se tornaram as coisas mais sólidas em todo o seu corpo. Pedras antigas, cavernas do tempo.

— Uma história para uma canção — respondeu. — Só isso. Você quer saber sobre Dis. Eu quero saber sobre a vida.

* * *

Então, lá estava ela, nos círculos mais profundos do Inferno, em uma caminhada descontraída com uma Sombra cujos pecados desconhecia.

Alice não sabia dizer se tinha muita sorte ou era muito tola. Pelo menos aquela Sombra — que se apresentou como John Gradus, um nome que soava obviamente falso — não fingia ser amiga dela. Seus desejos eram bastante claros. Ele a bombardeava com perguntas sobre o mundo que Alice conhecia. Não demonstrava o menor interesse por acontecimentos políticos ou históricos. Ela tentou falar sobre a União Soviética, mas a Sombra fez um gesto impaciente com a mão. Em vez disso, queria saber quais marcas de giz estavam em voga (“Shropley’s? Eles não faliram?”), que tipo de comida era servida nos refeitórios (“Ainda o mesmo purê de batata? O *Yorkshire pudding* ainda tem gosto de papelão?”), e como a moda feminina havia evoluído no campus (Alice não se sentiu à vontade para falar disso, mas Gradus pareceu satisfeito com uma resposta murmurada sobre saias e meias. Quão curtas? Não se lembrava. Acima dos joelhos? Bem, às vezes. Não na faculdade, mas às vezes). Ela não se incomodava com os interrogatórios. Nesses casos, sua memória era útil, bastava fechar os olhos, evocar fotografias mentais e descrever os detalhes enquanto

caminhavam.

— E a paisagem de Londres?

— Muitas construções novas. Construíram um troço grande e horrível, a torre NatWest, que se projeta até o céu feito um toco.

— E a música?

Alice se lembrou da vitrine de uma loja de discos e citou todos os nomes que tinha visto lá.

— Judas Priest. The Soup Dragons. Iron Maiden. Talking Heads.

— Que tipo de música é essa?

— Algo tipo… indie punk, rock, essas coisas. Tipo, o oposto de Dusty Springfield.

Não sabia dizer se aqueles nomes significavam alguma coisa para John Gradus.

— Você gosta dessas bandas? — perguntou ele.

— São um pouco barulhentas — respondeu Alice. — E eu não sou muito aventureira. Gosto de Beatles. E de Bach.

— Que pretensiosa — comentou Gradus. — Qual foi a última refeição que você fez?

— Pão Lembas.

— Não, antes disso.

— Ah. — Alice vasculhou a memória. — Hã… chá e um sanduíche.

— De quê?

— Queijo. Cheddar, eu acho.

— Quente?

— Não, frio. — Ela visualizou a embalagem plástica, o logotipo genérico. Uma opção de fim de noite de uma lanchonete da faculdade prestes a fechar. — Não estava lá essas coisas.

— Um sanduíche frio — murmurou Gradus. — Todo o tempo do mundo, e um sanduíche frio e duro.

Ele ansiava pelo tangível, pelo material. Ficava ressentido ao perceber que ela havia desperdiçado seu tempo lá em cima. O que mais o irritava eram as oportunidades gastronômicas perdidas. Parecia incapaz de compreender por que Alice não comia refeições completas, de três pratos, todos os dias. A resposta “Eu não tinha fome” não fazia sentido para o sujeito. Seus olhos ficavam tão reluzentes e famintos enquanto Alice falava que, às vezes, ela se sentia desconfortável. Tinha a sensação de que Gradus estava sugando algo dela, embora não conseguisse identificar o quê. A força vital, ao que parecia. Talvez, quando terminassem, ele estivesse quase vivo e ela fosse uma massa cinzenta e trêmula. Por mais perturbador que fosse, era justamente essa exploração

descarada que fazia com que acreditasse na palavra da Sombra. Talvez fosse mesmo simples assim. Talvez o homem estivesse mesmo levando-a até os portões de Dis.

Alice olhava de relance para ele enquanto caminhavam, tentando distinguir o rosto do guia. Seu próprio Virgílio. Imaginava se o reconheceria, se a história dele seria mais um dos muitos rumores que assombravam a academia. Seria Gradus o demonólogo que oferecera a filha bebê a Azazel? O criptólogo que enviou seus alunos para o mundo das fadas sem uma tábua de salvação?

Infelizmente, Gradus não havia se esforçado nem de longe tanto quanto Elspeth para manter uma forma sólida. Se Alice se concentrasse demais em seus olhos ou em seu corpo, os traços se dissolviam e se transformavam, como se não conseguissem decidir como costumavam ser. Era curioso como a Sombra assumia uma constituição física mais nítida quando ela o via pelo canto do olho, quando sua imaginação podia preencher o resto. Um homem de postura ereta e óculos, do tipo que carregaria uma pasta ou ofereceria um guarda-chuva a alguém quando começasse a chover. Um homem totalmente esquecível. Você o via no trem, na biblioteca da universidade ou na livraria. E então ele desaparecia da sua vida e você se esquecia dele por completo, porque figuras desse tipo só existiam para compor o cenário de fundo do seu próprio mundo, que era sempre mais vívido. Gradus era um homem totalmente desprovido de especificidade, e Alice suspeitava que ele havia se esforçado muito para que fosse assim.

Ela tentou pelo menos situá-lo geográfica ou temporalmente, porque assim poderia vasculhar a memória em busca de alguma menção a crimes horrendos, quem sabe em Yale nos anos 1960, mas Gradus estava no submundo havia tanto tempo que não fazia referências que permitissem situá-lo em época alguma. Às vezes, Alice julgava detectar sutis traços nórdicos em sua fala, mas, fora isso, o sujeito tinha aquele sotaque misterioso do Meio-Atlântico que poderia ser tanto de um britânico que tivesse convivido muito com americanos quanto de um americano que tivesse vivido na Inglaterra durante muitos anos. Não era nada transparente. Certa vez tentou descobrir de onde Gradus era, e tudo o que ele respondeu foi:

— Quero ver você adivinhar.

Na verdade, o homem parecia se divertir em confundi-la. Mencionava Roosevelt e Churchill, depois insinuava que tinha conhecido Copérnico pessoalmente.

Até que uma suspeita a atingiu, e Alice perguntou rapidamente, para tentar pegá-lo desprevenido:

— Jacob?

O professor Grimes sempre gostara de testar os outros.

Mas John Gradus se limitou a emitir um murmúrio e questionar:

— Como?

Não, não poderia ser ele. Grimes mal se interessava pelo que havia fora de seu escritório. Nunca teria lhe perguntado sobre Talking Heads. A moda mudava, mas o professor permanecia o mesmo. Vivia no próprio mundo. A única coisa que importava eram suas ideias e até onde elas poderiam levá-lo.

* * *

Pelo menos John Gradus retribuía na mesma medida, contanto que Alice não fizesse muitas perguntas sobre sua identidade. Ele era muito solícito quando o assunto era o Inferno, embora nem sempre ajudasse. A maior parte do que dizia só a deixava com um milhão de novas dúvidas. Quis saber o que eram aqueles papéis cheios de coisas escritas, e o sujeito explicou:

— Ora, teses, é claro. Isso deveria ser óbvio.

— Teses sobre o quê?

— Sobre qualquer que seja o motivo de estarmos aqui.

— Todo mundo tem que escrever uma?

— Todo mundo tem que escrever uma.

— E quem lê?

— Quem quer que esteja no comando. As Fúrias. O próprio Rei Yama. Vai saber. Nunca vi ninguém lendo, mas também é raro uma ser aprovada. Dizem pra escrever até ter feito o seu melhor trabalho e, quando tiver conseguido isso, os barcos vão vir para te levar até o outro lado do Lete.

— Qual é o objetivo dessas teses?

— Entreter, com certeza. Eu adoro ler os rascunhos dos outros, pelo menos. Outro dia, encontrei uma pilha inteira intitulada *Minha Lolita*. Esse foi muito divertido!

— Quer dizer, o que torna uma tese boa?

— Como é que eu vou saber? Esse é o grande mistério, não é?

Alice não sabia dizer se Gradus estava sendo irônico de propósito ou se de fato não sabia.

— Então é assim que as pessoas são punidas aqui? Só saem depois de terem entendido completamente o próprio delito?

— Alguns acreditam que sim.

— Então, como uma pessoa faz pra passar?

Gradus hesitou. Depois de uma pausa, respondeu:

— A única coisa de que todo mundo tem certeza é que dizem que você tem que contar a verdade. Só isso.

— E é tão difícil assim dizer a verdade?

— Deve ser. Nunca vi ninguém sair.

— Isso deve deixar as pessoas loucas — comentou Alice.

Ela conhecia bem o mundo das teses. Em Cambridge, o padrão para um bom trabalho parecia ser assintótico. Quanto mais perto você chegava, mais óbvio ficava que nunca atingiria o limite. No fim das contas, o que decidia as coisas eram as restrições de tempo: estando perfeito ou não, você entregava o trabalho no prazo. Mas no Inferno não havia prazos. Havia uma eternidade para cometer erros.

— Imagino que seja torturante.

— Deve ser — disse Gradus. — Eu nem tento.

— Por que não?

— Chega de perguntas. Nosso acordo é *você* me distrair.

— Ah, tudo bem.

— E esse homem que você está procurando? Sobre o que é a tese dele?

— Ah… Bem, não sei direito.

Alice refletiu. Qual teria sido o *pior* pecado do professor Grimes? Por mais que tentasse, só conseguia pensar em descrições muito vagas, e nenhuma delas parecia verdade. O homem tinha roubado (mas por um bom motivo). Era cruel (mas com um propósito nobre, com quem merecia).

— Nós dois tínhamos nossas teorias, mas acho que não temos como saber.

A voz de Gradus ficou mais assertiva, como um anzol fisgando algo.

— Vocês dois?

— Ah — murmurou Alice.

Os passos da Sombra desaceleraram. Sua essência se expandiu feito um gato satisfeito.

— Ora, ora, que interessante.

O sofrimento dela o encantava. O sujeito esfregava as mãos feitas de fumaça, alegre tal qual uma criança ouvindo uma história antes de dormir. *E depois?*, repetia. *E depois? E depois?* Era como uma criança pedindo mais doce, saboreando cada gota de sentimento vivo que podia extrair dela. Alice lhe contou sobre a Tecelã, mas não entrou em detalhes sobre Elspeth; descreveu o pântano na Ira, a armadilha de Escher, o relógio cuco, o sacrifício de Peter. O rangido de metal. O deleite dos Kripke.

— Espera um pouco. — Gradus parou de andar. Sua aura mudou. O redemoinho cinzento e indiferente se aquietou em algo humano, um calafrio que Alice conhecia bem. O frio úmido do medo. — Os Kripke estão atrás de você?

— Por que você teria medo deles?

— Os dois são demônios — declarou Gradus. — São as piores coisas que

assombram estas terras.

— Mas você já está morto, você… — Mas então Alice se lembrou das palavras de Elspeth. *Já vi os Kripke matarem uma alma*. — Bem. Acho que é melhor andarmos mais depressa.

— Mas agora as coisas ficaram *empolgantes*! — Gradus estendeu as mãos, as palmas abertas. — Uma tragédia, uma história de vingança, um resgate, uma corrida contra o tempo. Será que você vai conseguir escapar dos Kripke? Ou será que vão te capturar antes de você concluir a missão do companheiro morto?

— Pode ser.

— Como assim, *pode ser*?

— Quis dizer que parece um ótimo roteiro. — Alice estava exausta. — Acho que vou seguir o mesmo caminho que ele.

— Como assim, você vai *seguir* ele?

De alguma forma, havia deixado Gradus inquieto. O casaco dele começou a chicotear em torno dos calcanhares de ambos, como se o homem pudesse envolvê-la em seu vórtice de irritação.

— Não está chateada? — questionou a Sombra. — Não está *arrasada*?

— Claro, Gradus.

— Você fala como se nem soubesse o que está fazendo aqui.

— É justamente isso.

A frustração dele era cansativa. Ela queria espantá-lo igual a uma mosca.

— Eu *não* sei. Só estou exausta — acrescentou Alice.

— Mas você não se importa com nada?

— Talvez eu devesse.

Como explicar sua indiferença? Não era que Alice não se importasse, era que havia se importado demais, e um fio havia se partido. Alguma capacidade fundamental fora destroçada. Sentia que havia sido arremessada para fora do mundo do sentido, da emoção, do apego. Não podia mais sangrar. Já estava esgotada. Tudo que lhe restava agora eram roteiros, e eles bastavam para que seguisse em frente, mas não para fazer com que seu coração voltasse a bater.

— Mas você está *viva* — insistiu Gradus, como se isso fosse a resposta para tudo.

— Contra minha vontade. Sim.

Gradus não falou nada. Ela continuou andando e aguardando, na esperança de que introduzisse um novo assunto, mas ele permaneceu em silêncio. Alice sentiu que o havia aborrecido, mas não sabia dizer como. Gradus não parecia ser uma pessoa sensível. Até aquele momento, ela se sentia confortável com a afinidade franca entre os dois. Em determinado momento, insinuara que ele era Jack, o Estripador, e o sujeito apenas rira.

Mas ele não fez mais perguntas. Durante o resto da manhã, caminharam em silêncio. Uma ou duas vezes, Gradus murmurou algo para si mesmo, mas ela não conseguiu distinguir o que era. Sentia apenas seu ressentimento, uma onda amarga e hostil, tão repentina quanto confusa. E Alice, acostumada a apaziguar homens instáveis, sabia que bastava esperar pelo castigo.

* * *

— Pronto — anunciou Gradus, por fim. — Aí está ela.

Durante a última hora, haviam subido uma colina íngreme e rochosa. Alice estava quase curvada de exaustão, as mãos apoiadas nos joelhos. Seus olhos raramente se desviavam do chão à frente, mas naquele instante ela levantou a cabeça, se endireitou e arfou.

Lá estava a cidade de Dis. Era muito mais maravilhosa do que havia imaginado: um castelo branco e reluzente, três anéis cercados na base por canais sinuosos cujas águas se agitavam contra suas fundações, ondas negras batendo com tanta fúria contra pedra, osso e tijolo, que Alice podia ouvir o rugido distante de onde estava.

Havia lido muito sobre o lugar. A Terra dos Condenados. A Cidade Dolorosa. Na *Eneida*, de Virgílio, Dis era o nome de todo o Inferno e, dentro de seu reino, uma fortaleza cercada por três muralhas, rodeada por um rio de fogo. Para Dante, Dis era apenas a cidade que abrangia do sexto ao nono círculo do Inferno, uma grande fortificação em uma terra repleta de sepulcros destruídos. Outros diziam que Dis e o Pandemônio eram a mesma coisa: o reino de Lúcifer e dos demônios. Diziam que era um lugar vil e maligno, abandonado por Deus.

Ninguém a havia preparado para a beleza da cidade.

Dante mencionara apenas que havia muralhas altas. Não tinha descrito como eram a imagem espelhada perfeita dos lugares sagrados que seus habitantes haviam desprezado, como a arquitetura era uma clara afronta ao Vaticano. Não. Na verdade, humilhava o Vaticano. Michelangelo e Rafael tiveram apenas uma vida para louvar seu Deus, mas os moradores de Dis tiveram eras. O local era o ápice da perfeição humana. Era mármore impecável, balaustradas e cúpulas, pátios ladrilhados ladeados de colunas. Borges escrevera que a cidade era horrenda, tão horrenda que sua mera existência poluía o passado e o futuro e comprometia as estrelas. Mas será que Alice e Borges tinham visto a mesma coisa? Onde o autor vira uma perversão, ela encontrou um milagre. Dis era um milênio de esforço, um refúgio construído por aqueles que não tinham salvação. Alice via com clareza o que o lugar tentava ser e o que jamais poderia ser. Mas mesmo nessa falta fundamental havia algo belo, transcendente, um

testemunho da vontade humana. Dis desafiava a própria ideia de um além. Haviam deixado o campus para trás — aquilo era um templo. *Nos condenem*, dizia a cidade, *e nós faremos o Inferno brilhar*.

A voz de Gradus tinha uma entonação estranha.

— Vamos supor que o homem que você está procurando esteja lá.

Alice sentiu um arrepio.

— É perigoso?

— Nem um pouco — respondeu a Sombra. — Aqueles que estão em Dis não representam ameaça nenhuma. Você vai ver. São pecadores muito específicos.

— Como assim? Quem está lá?

— Traidores. Aqueles que quebraram juramentos. Aqueles que fizeram uma promessa e não a cumpriram.

Essa resposta a decepcionou. Sempre tinha achado que Dante estava exagerando.

— Não parece tão grave.

— Não?

— Bem, quer dizer, todo mundo falta com a própria palavra.

— Há promessas triviais — concordou Gradus. — E há declarações. Compromissos que estabelecem: *Isso é o que você significa para mim, e isso é o que eu devo a você*. O tipo de voto que um marido faz à esposa. Que um pai faz a um filho. Que um professor faz a um aluno.

Um calafrio percorreu o corpo de Alice.

Ao olhar para Dis, teve a sensação de que uma lasca de gelo pressionava seu peito. Aquela beleza passou a ter um brilho perverso. Sentiu o pecado contido ali: uma coisa penetrante, maligna; aquela força que deteriorava vínculos, voltava amigo contra amigo, parente contra parente. Só podia descrever aquela sensação como uma violação, a dor mais aguda e severa de todas, que penetrava em seu âmago, onde ela se sentia mais segura.

— Então, o que você fez, Gradus? — perguntou Alice. — Quem você traiu?

Parte dela queria atingi-lo, embora não soubesse explicar exatamente por quê. O silêncio? A frieza repentina? Ela se sentia julgada e afrontada pelo sujeito, e agora que ele tinha voltado a falar, queria feri-lo. Além disso, o homem havia sido tão insensível com as próprias perguntas que Alice se sentiu no direito de ser insensível também.

— Você não perguntou isso — retrucou Gradus.

— Sim, perguntei. O que você fez? Por que se recusa a escrever?

— Jamais pergunte isso.

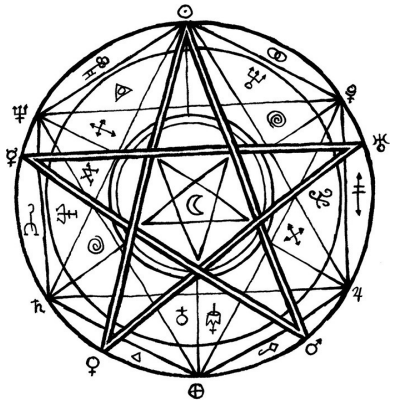
Vamos, ela quase insistiu, mas percebeu que a Sombra estava falando sério. Não havia sinal de riso em seu rosto.

— Estou avisando, Alice Law.

Os olhos de Gradus eram pétreos.

Ele não pode ser deste século, pensou ela de repente. *Ninguém deste século tem olhos tão gastos pelo tempo. Ele está aqui há muitas vidas.*

— Você pode ouvir confissões, se forem oferecidas de boa vontade. Isso é permitido. Mas, se quiser sobreviver, tem que se lembrar desta regra: jamais pergunte.



Capítulo Vinte e Sete

Uma Sombra pequena e inquieta montava guarda diante das portas pálidas de Dis. Observou os dois se aproximarem com o peito estufado, uma das mãos na cintura e a outra segurando uma lança preta com a ponta de pedra entalhada. Ele bateu com a arma três vezes no chão enquanto os dois subiam.

— Quem ousa entrar na Grande Cidade dos Condenados?

— Vai se ferrar, Parmênides — disse Gradus. — Sou eu.

O guarda estreitou os olhos para Alice.

— E essa aí, quem é?

— Ela é nova — explicou Gradus.

— Ah, uh, *uh*! — A risada de Parmênides oscilou várias oitavas. Ele olhou para Alice com um ar malicioso. — O que foi que você fez, querida?

— Não responde — interrompeu Gradus, passando por Parmênides, muito decidido.

As portas se abriram com um rangido ao toque dele.

— Assassinato? — perguntou o guarda. — Envenenamento? Tocou em uma criança?

Gradus acenou com a mão.

— Vamos, Alice.

Ela se apressou atrás dele.

— Eu troco uma história por outra — gritou Parmênides enquanto os dois se afastavam.

Alice teve medo de que o guarda os seguisse, mas a Sombra permaneceu junto à entrada, brandindo a lança enquanto as portas se arrastavam contra o piso

de mármore.

— Você sabe onde me encontrar — acrescentou Parmênides.

As portas se fecharam com um baque.

Lá dentro, havia escuridão, frio e silêncio. Gradus flutuou por um corredor à direita. Alice o acompanhou. Ouviu um burburinho crescente de vozes, pouco antes de Gradus abrir uma porta e ambos adentrarem um pátio, um espaço aberto cercado por quatro paredes que lembrava o claustro de uma abadia. Nada verde crescia ali, mas o arranjo ornamental das pedras e os padrões florais no mosaico dos ladrilhos sugeriam um esforço meticuloso de conservação. O efeito era surpreendentemente agradável. No centro do pátio havia uma árvore branca, alta e retorcida, e Alice não sabia dizer se estava morta ou tinha sido esculpida em pedra. Sob os galhos, reunidas em grupos de três ou quatro, várias dezenas de Sombras murmuravam.

— Acha que seu professor está aqui? — perguntou Gradus.

Alice não tinha certeza. O problema era que havia almas demais naquele pátio que se pareciam com Grimes. Não esperava acabar em um lugar tão cheio de homens de meia-idade. Metade deles usava óculos e todos vestiam alguma variação das becas escuras de Oxbridge.

— Vai em frente!

— Isso, vai logo!

Várias Sombras estavam aglomeradas em um canto mais distante do pátio, incitando uma delas, que estava junto à parede e tinha em uma das mãos uma grossa pilha de páginas encadernadas. A outra mão estava apoiada no que parecia ser a alça de uma gaveta de devolução de livros de biblioteca, embutida na parede. A Sombra abria a gaveta, estremecendo como se estivesse em pânico, e deixava que deslizasse de volta até se fechar. Cada vez que fazia isso, as outras vaiavam em coro.

— Entrega logo — gritavam. — Entrega!

— E se ainda não estiver pronto? — questionou a Sombra junto à parede.

— De novo, não.

— Já se passaram décadas.

— Se não for agora, quando vai ser?

— Tudo bem — cedeu a Sombra. — Tudo bem.

A Sombra fechou os olhos com força — e pareceu um pouco ridícula ao fazer isso, como uma criança tapando o nariz antes de pular na piscina — e empurrou a tese para dentro da gaveta. Em seguida a soltou e recuou com um arrepio. A gaveta se fechou com um estrondo metálico ressoante. Todos a encararam com expectativa, mas nada aconteceu. Por fim, houve uma salva de palmas morna. As Sombras continuaram observando a gaveta por mais alguns

instantes, depois se dispersaram outra vez em grupos, murmurando, desapontadas.

— O que aconteceu? — perguntou Alice.

— Alguém acabou de entregar uma tese — respondeu Gradus.

— Onde essa gaveta vai dar?

— Ninguém sabe. Só sabemos que não é possível recuperar o que entra naquele compartimento.

— Então, quando eles recebem a nota?

— Nota. — O sujeito deu uma risadinha. — Imagina, nota. Não, ninguém te diz nada a não ser que você tenha sido aprovado. Não tem revisão. Não recebemos nenhum tipo de retorno. Só ficamos esperando, ansiosos, para todo o sempre, até que a esperança se transforma em pânico e decepção. Se não tiver notícias, você deve presumir que falhou. Só que nunca recebemos qualquer confirmação, e os prazos aqui não significam nada, então, cabe a você decidir quando aniquilar a própria esperança.

Sob a árvore, várias Sombras discutiam a mesma questão.

— Estou *dizendo*, as Fúrias não leem essas teses.

— Bem, se não são as Fúrias, então quem lê?

— Você deve ser novo aqui — zombou alguém, o que provocou risos pelo pátio. — São as vítimas, entendeu? Temos que esperar morrerem, e então *elas* decidem.

— Mas isso não faz sentido. Por que as vítimas ficariam aqui?

— O que foi que Sócrates disse? *Seus apelos são seguidos de súplicas, enquanto imploram que suas vítimas permitam que saiam do rio.*

— Sócrates foi condenado à morte por ser irritante, a opinião dele não vale nada.

— De qualquer forma, quem se importa com a opinião das vítimas? O que faz delas especialistas em moral?

— Certo, vamos supor que dois ladrões atirem na cabeça um do outro ao mesmo tempo.

— Pelo amor de Deus, não foi isso que aconteceu com você.

— Um à queima-roupa e o outro ainda na cama. É mais provável que tenha sido…

— Mas vamos *supor*… — insistiu a Sombra que havia levantado a objeção primeiro. — Vamos supor que dois ladrões atirem um no outro, e que os dois sejam ao mesmo tempo vítima e agressor, e que ninguém tenha superioridade moral. Quem é que lê, então? De quem é o perdão que importa? Quem decide?

Formou-se um burburinho quando todas intervieram para dar a própria opinião sobre arbítrio moral, perdão e se uma pessoa ainda podia ser vítima se

tivesse feito algo errado primeiro. Essa parecia ser uma discussão antiga ali, algo controverso e polêmico e, de alguma forma, tão familiar que todos os lados já tinham seus argumentos exaustivamente ensaiados. Alguém gritou algo sobre Jesus e amor incondicional, e o fórum inteiro gemeu.

A Sombra que havia apresentado sua tese permanecia encolhida e sozinha junto à parede, com um ar desolado. De vez em quando, passava o dedo na maçaneta da gaveta, como se assim pudesse fazê-la responder.

— Vamos. — Gradus conduziu Alice em direção a uma saída do outro lado do pátio. — Vamos tentar o Bazar da Escrita primeiro. Depois, os ateliês.

* * *

Alice pensou que Gradus talvez quisesse dizer Bazar da Escrita no mesmo sentido que o nome da revista *Harper's Bazaar* usava "bazar" — ou seja, um mercado metafórico de ideias. Esperava uma conferência, talvez, ou prateleiras de revistas acadêmicas, não um bazar no sentido oriental fantástico: um mercado caótico, com fileiras e mais fileiras de barracas onde vendedores anunciavam suas mercadorias e Sombras vagavam pelas passagens, barganhando e comprando. Depois do silêncio do deserto, aquilo era avassalador, e Alice quase tropeçou em alguém que estava agachado perto do portão. A Sombra soltou um grito e caiu para trás, derrubando pilhas de papéis amarelados atrás dela.

— Desculpa — disse Alice. — Não tinha te visto…

A Sombra murmurou algo que ela não conseguiu entender, mas não parecia estar falando com Alice. Em vez disso, sussurrava com ferocidade para a folha de papel que tinha nas mãos. Alice percebeu então que a pessoa estava lendo cada página em voz alta em um ritmo lento, parando de tempos em tempos para murmurar perguntas sobre sintagmas preposicionais e pronomes objeto. Tinha ao seu lado um exemplar do livro *The Elements of Style* [Os elementos do estilo], de Strunk e White, que Alice não via desde o ensino fundamental.

— Está tudo bem com ela — disse Gradus, puxando Alice para junto de si. — Só está revisando.

— Revisando?

— Muitas Sombras acreditam que podem ser reprovadas pelo menor erro de ortografia. Passam décadas examinando os próprios manuscritos antes de se sentirem seguras pra enviar.

Alice pensou em Grimes, cujos olhos passavam com tanta rapidez pelos trabalhos dos alunos que, às vezes, ela se perguntava se o professor havia registrado o conteúdo.

— Será que os juízes se importam?

— Ninguém sabe — respondeu Gradus. — Nunca explicam por que rejeitam as teses. Só nos resta nos precaver de todas as formas possíveis.

Atrás deles, a Sombra uivava e batia na própria têmpora.

— Burra! — gritava. — Burra, burra. São *dois* espaços depois de cada ponto-final! Ah, vou ter que refazer *tudo*!

A barraca seguinte estava tomada por pirâmides de livros usados. A coleção era imensa. A biblioteca de Elspeth parecia insignificante em comparação. Todos os livros estavam danificados e manchados em maior ou menor grau. Alguns estavam sem capa, em outros faltavam várias páginas no meio, outros pareciam ter sido dragados do fundo de um rio, secos e cuidadosamente reencadernados com agulha e linha. Ainda assim, tinham uma aparência e um perfume atrativos, pois qualquer livro, assim como o vinho, exalava um aroma de leitura que amadurecia com o tempo, e era por isso que livrarias e bibliotecas tinham um cheiro tão bom. Os dedos de Alice coçavam com o familiar desejo de folhear os volumes. O vendedor se animou ao perceber seu interesse. Incorpóreo, atravessou as pilhas e parou bem diante dela.

— Quincey? — Ele ergueu dois tomos, um grosso e outro fino. — Sade?

— Hoje não, obrigado — respondeu Gradus.

— Tem certeza? Sade é muito divertido. Se não pelo remorso, ao menos pela… excitação.

Gradus ergueu a mão em um gesto de recusa e seguiu adiante.

— Não estamos interessados.

— Rousseau, então! — gritou o vendedor. — Desse vocês vão gostar.

— O que ele quer dizer com isso? — perguntou Alice.

— O sujeito vende textos confessionais. Santo Agostinho, São Patrício, esse tipo de coisa. Muita gente aqui acha que esse é o modelo a seguir.

— Então leem pra se inspirar?

— Claro. Ou pra plagiar. As pessoas adoram copiar os trechos bons, a parte sobre almas partidas ao meio, o fogo da culpa queimando por dentro, blá-blá-blá.

— Ou a salvação divina! — exclamou o vendedor. — Nova edição traduzida de *Crime e castigo* aqui e agora, novinha em folha, escavada em perfeito estado de uma tumba em Derbyshire.

— Não, obrigado.

Gradus apertou o passo.

— Isso funciona? — Alice se apressou atrás dele. — Copiar confissões?

— Ah, nunca. Eles sempre sabem quando o trabalho não é original. Levam o plágio muito a sério aqui. Por algum motivo, as pessoas sempre esquecem. Um tempo atrás, alguém copiou duas frases das *Confissões de um inglês comedor de ópio* e foi proibido de tocar em papel por cinquenta anos.

— Nossa — murmurou ela. — Mas quem não faria o próprio trabalho no *Inferno*?

— Todo mundo — respondeu Gradus. — Você nunca teve bloqueio criativo?

— Bem, é claro que sim, mas…

— Alguém falou em bloqueio criativo?

Alice se chocou contra o que parecia ser uma muralha de carne e cambaleou para trás. Diante dela estava um verdadeiro centauro: a cabeça e o torso musculoso de um homem sobre o corpo azul-índigo de um cavalo. Ela o teria achado muito atraente, no estilo rústico de lenhador da montanha, se a boca não estivesse aberta em um sorriso enorme e cheio de dentes, como se quisesse devorá-la.

— Desculpa.

— Não precisa se desculpar.

O centauro abaixou a cabeça e as patas dianteiras em uma reverência tão profunda que não deveria parecer tão elegante quanto foi. A cabeça dele parou em algum lugar perto da virilha de Alice, o que foi ao mesmo tempo perturbador e excitante.

— Eu sou Nesso. — A voz dele era maravilhosamente suave. — Divindade ctônica menor, professor itinerante de escrita em Dis, ao seu dispor.

— Cai fora — resmungou Gradus.

Nesso se recompôs e pegou as mãos de Alice.

— Você é nova na cidade, minha querida? É sua primeira vez no bazar?

— É, eu…

— Não tema! — Ele apertou as mãos dela com força. Sua pele era muito quente. — Estou aqui para oferecer qualquer serviço de redação que você precise. Propostas, esboços, bibliografias, até mesmo capítulos inteiros de teses, se assim desejar. Os preços são negociáveis.

— Deixa ela em paz — insistiu Gradus.

— Isso funciona? — perguntou Alice, intrigada.

— É claro que não. Ninguém quer esses textos fajutos.

— Nossos textos são os melhores do mercado. — Nesso continuava a ignorá-lo. Na verdade, toda vez que Gradus falava, apenas abria ainda mais a boca e continuava seu discurso em um volume ensurdecedor. — AJUDAMOS CENTENAS DE ALMAS A DEFENDER SUAS TESES E A ATRAVESSAR O LETE EM NAVIOS DOURADOS HÁ MUITO AGUARDADOS…

— É uma cilada completa — afirmou Gradus.

— NOSSOS REDATORES TÊM PROFUNDO CONHECIMENTO DOS MECANISMOS DO SUBMUNDO. MUITOS JÁ CAMINHARAM PELAS

AREIAS DA MORTE DESDE O NASCIMENTO DO MUNDO…

— Mas vocês são divindades! — exclamou Alice. — O que poderiam querer em troca dos humanos?

Nesso parou de bradar, olhou-a de cima a baixo e murmurou bem perto de seu ouvido.

— Uma alma humana pode ser útil de diversas maneiras.

Alice não entendeu muito bem o que o centauro quis dizer, mas entendeu o suficiente para recolher as mãos.

— Deixa ela em paz.

Gradus agarrou o braço dela e a arrastou pelas barracas. Nesso não os seguiu. Quando Alice olhou para trás por cima do ombro, ele já estava em negociações entusiasmadas com outra Sombra, discutindo números de palavras e prazos de entrega.

— Você nunca esteve em um mercado antes? — reclamou Gradus. — Tem que olhar sempre pra frente, *nunca* responder.

— Desculpa — disse Alice, ofegante. — É que… tem tanta coisa…

— O bazar foi feito pra distrair. Esse é o projeto de Rei Yama. Um milhão de coisas pra impedir uma alma de escrever, todas com o objetivo de melhorar sua redação. Lembre-se disso, Alice Law. O Inferno é um mercado de escritores.

O bazar parecia não ter fim. Perdida no meio dele, Alice não conseguia ver nenhuma saída. Apenas Gradus parecia saber para onde estavam indo, esquivando-se e esgueirando-se entre os vendedores com uma indiferença irritada. Os dois passaram por barracas de artigos de escrita e de curas que prometiam aumentar a produtividade: máquinas de escrever antigas, resmas de papel, ampulhetas de areia (NÃO PROCRASTINE PARA SEMPRE!), livros de autoajuda (*Como escrever uma confissão em dez dias, duas mil palavras por dia: o método agostiniano*) e penas pretas anunciadas como legítimas penas de abutre (DIGA NÃO À MÁQUINA DE ESCREVER: ESCREVA À MÃO PARA ESTIMULAR SUA MENTE CRIATIVA). Alice não entendia muito bem qual era a moeda corrente em Dis — viu Sombras trocando todo tipo de bugiganga, de botões a tampinhas de garrafa e o que pareciam ser falanges humanas —, mas era evidente que o comércio prosperava.

O fluxo de almas ficou mais intenso. Os dois foram abrindo caminho até se depararem com uma multidão compacta reunida em torno de uma criatura — Alice percebeu que era uma divindade, um gigante com cabeça de elefante, o crânio cravejado com olhos demais. Dois enormes chifres se projetavam de suas têmporas, mas Alice não conseguia ver onde terminavam. Só conseguia descrever as pontas dos chifres terminando em muitos lugares ao mesmo tempo, uma nuvem de probabilidades. Na verdade, achava difícil até mesmo olhar diretamente para a divindade: sua forma não parava de se deslocar no espaço, de

modo que, no momento em que ela achava que a tinha fixado em seu campo de visão, a criatura já estava vários centímetros à esquerda.

— Quem…

— O Demônio de Laplace.

— O Demônio de Laplace existe?

— Claro que sim. Ele gosta de perambular pelo bazar e convencer as pessoas de que nada é culpa delas. Faz o progresso delas retroceder décadas. Vem por aqui, senão você vai se perder no meio da confusão.

Alice o seguiu até a beirada da multidão. Os seguidores do demônio escutavam com um êxtase reverente enquanto ele revelava fatos sobre suas vidas, explicações para suas patologias. O gato de estimação de alguém havia morrido quando a pessoa tinha dez anos. Alguém havia apanhado demais de uma babá. Alguém era geneticamente predisposto à raiva.

— Como ele faz isso?

— Bem, é um determinista — respondeu Gradus. — Então, ele acha que, só porque sabe tudo sobre você, isso te libera de toda a responsabilidade pessoal por tudo o que você já fez.

— Como isso funciona?

— O Demônio de Laplace observa o universo desde o seu início. Ou pelo menos é o que ele afirma. A primeira colisão de átomos, o Big Bang, essas coisas. Viu as primeiras células da Terra se tornarem vida senciente. Observou as partículas que compunham essas células interagirem em combinações novas e fascinantes para criar gerações. Ele sabe, por causa das leis naturais imutáveis do universo, exatamente como esses átomos vão interagir no futuro para formar novas combinações, e assim por diante. Quando você está decidindo entre uma maçã e uma laranja, ele sabe o que você vai escolher. Sabe se um dia vai trair seu marido ou afogar seu filho. Sabe tudo, pois todas as más ações que você já cometeu foram determinadas no dia do seu nascimento. A vida é um percurso definido no qual você foi lançado ao nascer, um rumo do qual nunca vai poder desviar. Você nem sabe que está seguindo esse caminho.

— E se eu escolher algo diferente?

— Não importa. Ela também vai ter previsto isso. Sabe que um dia você vai pensar no determinismo e se sentir compelida a resistir. E sabe que vai escolher o que parece imprevisível por causa disso. O Demônio de Laplace sabe tudo.

— E isso significa que ninguém pode ser responsabilizado por nada. — Alice estava começando a entender. — O que significa que não existe conceito de culpa ou culpabilidade. Quer dizer, tem como isso funcionar? Se você pudesse explicar todos os seus pecados como resultado de forças além do seu

controle?

— Talvez. Não sei.

Ela bufou.

— Você não sabe *nada*?

— Sei tudo o que há pra saber sobre este lugar — declarou Gradus. — E estou oferecendo esse conhecimento de graça, aliás, o que é um trato bem melhor do que você conseguiria em qualquer outro lugar.

— Então como você não sabe como uma tese é aprovada?

— *Porque*… — Mais uma vez, a essência de Gradus assumiu uma rigidez assustadora e mortiça. Alice sentiu o peso do acúmulo de camadas e mais camadas de tempo. — Eu não sei como acontece. Porque ninguém sabe como acontece. Porque nunca vi uma tese ser aprovada em todo o tempo em que estive no Inferno. Porque muitos de nós acham que a tese é um exercício inútil inventado por divindades sádicas pra nos manter distraídos, porque não seria muito engraçado? Não seria a melhor e mais cruel das piadas nos manter correndo em círculos pelo bazar pra sempre? Porque nenhum de nós, neste lugar miserável, jamais teve motivo pra ter esperança.

— Ah — murmurou Alice, com um fio de voz. — Entendi.

Dis já não parecia mais tão impressionante. A agitação do bazar tinha deixado de ser divertida. Naquele instante, as barracas e as multidões pareciam um espetáculo terrível, fervilhante e desesperado, hamsters girando em círculos em uma gaiola ornamentada patética, tudo para evitar a única pergunta que parecia importar: *Por que você pecou?*

Alice se perguntou: será que *ela* poderia escrever o próprio caminho para sair do Inferno? Se tivesse uma morte natural, se acabasse em Dis, será que seria capaz de encarar a folha em branco e dizer a verdade?

Sabia qual era o seu grande crime. Tinha deixado Peter Murdoch morrer. Tinha matado Peter Murdoch.

Alice sabia, pelas conversas nos corredores, que os filósofos de Cambridge se preocupavam muito com a diferença entre matar e deixar morrer. Alguns argumentavam que não havia distinção: que se você soubesse a causa da morte e deixasse de agir, mesmo podendo evitar, isso seria moralmente equivalente a assassinato. Outros discordavam. Deixar morrer poderia ser moralmente cruel, mas significava apenas recusar-se a se envolver em uma situação, e não provocá-la. Se deixar morrer fosse tão ruim, seríamos responsáveis por não fazer nada em relação à pobreza mundial? Em relação a órfãos morrendo de fome a continentes de distância? Então, seria possível convencer Alice de que não, nada daquilo tinha sido sua culpa. Ela não os havia lançado para fora do *Neurath*, não tinha os lançado na armadilha de Escher e não tinha obrigado Peter a se sacrificar.

Simplesmente tinha falhado em impedir tudo, e não podia ser responsabilizada por isso.

Mas esse raciocínio não era páreo para a intuição. Alice também sabia que, na defesa criminal, havia um tipo de argumento chamado “não fosse por”. Se não fosse por suas ações, esse carro teria batido? Essa criança teria se afogado? Se não fosse por Alice Law, Peter Murdoch estaria morto? A resposta era clara: não. Ela podia traçar uma linha indo de sua estupidez e seu egoísmo até o martírio do rapaz. E sabia que, se um dia morresse de verdade no mundo dos vivos, se conseguisse escapar de volta para o plano de cima, acabaria voltando direto para onde estava, para se redimir pelo assassinato da alma imortal de Peter Murdoch. Mas se estivesse pronta para admitir isso, se colocasse tudo no papel, seria suficiente? Seria suficiente aceitar o que havia feito e assumir toda a responsabilidade? Com certeza, seria fácil demais, caso contrário não haveria tantas Sombras frustradas em Dis. Com certeza, nem todas aquelas almas estavam enganando a si mesmas. Com certeza, depois de décadas em meio àquele burburinho patético, qualquer um preferiria dizer a verdade.

Mas isso significava que o Inferno exigia algo mais do que uma confissão. Que as Fúrias — ou quem quer que fosse aquele misterioso *eles*, se é que existia — esperavam um reconhecimento mais profundo da culpa. E fosse porque sua mente se recusava a admitir, fosse porque isso estava além de sua compreensão, Alice não tinha certeza de que conseguiria escrever aquilo ou mesmo expressá-lo em palavras.

* * *

Gradus a conduziu para fora do bazar, através de mais um labirinto de corredores, até parar diante de uma porta simples, sem identificação.

— A oficina — anunciou, abrindo-a.

Os dois entraram em uma sala sem adornos, com uma única mesa oval comprida, ao redor da qual estavam sentadas uma dúzia de Sombras em cadeiras de metal dobráveis — para detalhar com exatidão, o tipo de cadeira dobrável com uma abertura nas costas grande o bastante para acabar com qualquer esperança de apoio para a lombar e parafusos de metal enferrujados que ameaçavam rasgar sua pele toda vez que tentava dobrá-las. A sala era mal iluminada. O ar cheirava a xixi de gato.

Uma reunião estava em andamento. As Sombras se debruçavam sobre um punhado de papéis, discutindo algo relacionado a “violência doméstica” e “culpabilidade moral”.

Alice examinou os rostos. Todas as expressões eram sisudas e

compenetradas. Sobrancelhas espessas franzidas, bocas comprimidas em linhas finas em uma concentração intensa. Metade usava óculos. Os outros detalhes das vestimentas haviam desbotado, restando apenas túnicas escuras e simples, o que lhes dava um ar vagamente vitoriano. Aquelas Sombras pareciam prontas para discorrer sobre marcadores frenológicos de inteligência entre raças. Se havia um lugar no Inferno onde Grimes estaria, pensou Alice, era ali. Mas nenhum daqueles rostos era o do sujeito.

— Ele não está aqui — sussurrou para Gradus. — Nós devíamos…

A porta bateu atrás deles. Todos ficaram em silêncio. As Sombras olharam para cima e os encararam.

— Ah, professor Gradus. — A alma à cabeceira da mesa se levantou. À sua frente, uma placa de latão dizia: PRESIDENTE. — Já faz um tempo que não o vemos.

— Fui fazer um retiro — explicou Gradus. — Precisava espairecer.

— Bem, não vamos te dar um retorno — comentou uma Sombra à esquerda do presidente. — Você conhece as regras. Para receber críticas é preciso fazer críticas, não pode simplesmente desaparecer por anos e depois esperar que a gente te ajude…

— Tudo bem — interrompeu Gradus. — Só estou aqui para observar.

— *Gradus* — sussurrou Alice mais uma vez.

No entanto, o homem a ignorou.

— Quem é ela? — perguntou o presidente.

Todos os olhares se voltaram para Alice.

— Sangue novo. Acabou de chegar.

— Achei que tínhamos concordado em não receber mais novatos — resmungou a Sombra à esquerda do presidente.

— Ela ainda está se ambientando — disse Gradus. — Nem começou a escrever. Achei que vocês poderiam compartilhar um pouco de sua sabedoria. Mostrar a ela como se faz.

— Mas esse é um grupo de escrita *sério* — retrucou a Sombra. — Não aceitamos principiantes, são perda de tempo.

— A regra era no mínimo dez anos de experiência — concordou o presidente.

— Ela é pós-graduanda em Cambridge — declarou Gradus. — Magia analítica.

A palavra *Cambridge* funcionou como mágica. Mesmo ali, o prestígio abria portas. As Sombras se entreolharam. Algumas deram de ombros. O presidente resmungou.

— Acho que ela pode assistir. Em caráter experimental. Pode se sentar em

uma das cadeiras do canto.

— Vai — instruiu Gradus. — Senta.

Ela não entendia o que ainda estavam fazendo ali.

— Mas ele não está…

Gradus a empurrou para a frente.

— O presidente te convidou para se sentar.

Alice percebeu então que não estava no controle da situação.

Havia sido tola por confiar naquele homem. Não conseguia entender o que ele queria; não deveria ter entrado em seu jogo. Não entendia o que estava acontecendo, mas tampouco confiava em suas chances sozinha em Dis, então se sentou com cuidado na borda da cadeira designada e tentou não demonstrar muito medo. Gradus permaneceu de pé ao lado dela, sua essência pairando ao redor de Alice como uma gaiola.

— Podemos voltar à dissertação do professor Bent? — perguntou uma Sombra de monóculo. — Se as interrupções já tiverem terminado?

— Sim, sim, é claro. — O presidente se sentou. — Vamos continuar. Professor Brown, o senhor estava dizendo…?

O sujeito deu batidinhas nas páginas diante dele.

— Acho isso aqui um tanto revisionista. O tom é… bem, bastante combativo, não acham? E as refutações à libertação feminina. Não são um pouco exageradas?

— Protesto! — exclamou uma Sombra alguns lugares adiante do professor Brown. Alice presumiu que se tratasse de Bent, autor da tal tese. Ele tinha um rosto muito alongado, com a boca muito distante do nariz, o que parecia ser o resultado natural de uma vida inteira coçando o queixo, exatamente como estava fazendo naquele momento. — É… um pouco do contra, sem dúvida, mas é tudo verdade.

— É verdade que todas as mulheres são megeras?

— *Algumas* mulheres são anjos virtuosos, tenho certeza. — O professor Bent fungou. — Não vou fazer generalizações descuidadas. Quero dizer apenas que *essa* mulher, em específico, exemplificava todos os defeitos de seu sexo. Nem todas as mulheres são invejosas, irritantes e vazias. Mas *essa*…

— Sim, blá-blá-blá, a Eva do seu Adão, a fonte de todo mal — interveio outra Sombra. — Não acha essa interpretação cansativa? Você minimiza o próprio arbítrio e demoniza sua esposa…

— O que mais eu deveria fazer? — perguntou Bent. — Tudo o que escrevi foi a verdade, nada mais, nada menos. Não posso fabricar argumentos apenas para agradar a um público que só está interessado em interpretações feministas. Eu me recuso. Seria má pesquisa acadêmica.

— Mas isso não é de forma nenhuma uma confissão — opinou a Sombra de monóculo. — É só um manifesto.

— Bem, não tenho nada a confessar.

— Ah, então por que acha que está no *Inferno*, seu idiota?

— Calma, calma! — exclamou o presidente. — Vamos manter o decoro.

— O conceito de confissão é tão vitoriano — retrucou o professor Bent. — Vocês não leram Foucault? *Scientia sexualis*. A confissão é uma forma discursiva repressiva, por meio da qual nenhum conhecimento verdadeiro pode ser produzido. A questão dela é a vergonha oculta, culpa, coação. Mas eu não vou ser um prisioneiro sob tortura, entendem? Não vou mentir em troca da liberdade.

— Não tenho certeza de que as Fúrias leram Foucault — comentou o presidente. — Você precisar levar em conta seu público.

Bent fungou.

— Bem, se os deuses são perfeitos e oniscientes, então devem ser receptivos à razão. Eles precisam entender que esse modelo de tese é antiquado e que não ganhamos nada com a autoflagelação. Deveriam querer que nos libertássemos da repressão.

— Por que estamos falando dos deuses?

Uma Sombra feminina estava sentada na extremidade oposta da mesa, a cadeira ligeiramente recuada, de modo que ficava meio escondida atrás dos colegas. Tinha os cabelos escuros bem presos em um coque apertado e, quando se inclinou para a frente, Alice viu que tinha um rosto severo, semelhante ao de uma raposa. Havia se esforçado muito mais para manter as roupas distintas do que os outros. Usava um vestido preto de gola alta, o colarinho branco bem engomado e cada prega da saia passada com precisão.

— Ah, Gertrude — disse o presidente. — Gostaria de contribuir? Pode falar.

Ela arrastou a cadeira para trás e se levantou.

— Minha pergunta é: quem aqui quer realmente reencarnar, afinal?

— Lá vamos nós de novo — resmungou o professor Brown. — Todo mundo quer renascer, é por isso que estamos aqui.

— Vocês não leram *A República*? — questionou Gertrude. — Não conhecem o mito de Er? Ajax se torna um leão. Odisseu, um cidadão comum. Mas os ímpios não têm o direito de escolher. Os perversos sofrem na próxima vida.

— Nós já discutimos isso — respondeu o presidente. — Não temos nenhuma evidência de que o carma afete a reencarnação.

— Sim, é verdade, tudo o que temos é a razão *a priori*. Mas vocês acham

que nossas pequenas punições são suficientes? Acham mesmo que, depois que nossos escritos são revisados e entregues, quem quer que esteja no poder vai achar apropriado reencarnarmos como lordes e damas?

— Sabemos que não há garantias… — começou o presidente.

— Quem quer ser uma minhoca? — insistiu a mulher. — Quem quer ser um besouro de esterco? Ou pior, nascer com cognição humana, mas não ter oportunidade de usar essa função? No fim das contas, o sofrimento supera de longe os prazeres da vida humana, e todos nós simplesmente tivemos sorte de terminar onde terminamos em nossa vida passada. Mas quem de vocês conseguiria passar dos alojamentos da universidade para as ruas?

— Isso não faria diferença na reencarnação — disse o professor Bent. — Você esqueceria, não teria base de comparação.

— Sem mencionar o esquecimento! — exclamou Gertrude, triunfante. — Por que deveríamos querer que nossa memória fosse apagada? O que diferencia o Lete e a morte? É melhor existirmos como somos, *aqui* e *agora*. Seguirmos o exemplo da Estrela da Manhã. Fazermos do Inferno nosso próprio Paraíso.

— Tá bom então, Milton — ironizou o professor Mansfield.

— Deus não tem poder sobre nós — continuou Gertrude. — A moralidade é para os fracos.

— Está bem, Raskólnikov — zombou o professor Bent.

— Podem zombar à vontade — declarou Gertrude. — Mas eu acredito que Raskólnikov não foi longe o suficiente. Sua determinação vacila no final. Seu erro é que ele fraqueja, fica paranoico, deixa o policial invadir sua mente. Mas imaginem se tivesse mantido suas convicções! Imaginem se a idiota da Sônia e todo o seu moralismo cristão nunca tivessem entrado em cena. Sim, imaginem se a *culpa* não tivesse atrapalhado tudo.

— Sim, temos ciência, todos nós lemos Nietzsche, Deus está morto e tudo o mais — disse o presidente. — Mas, infelizmente, *algum* poder superior decidiu que merecemos uma punição, então aqui estamos nós…

— Mas não precisa ser assim! — A mulher bateu na mesa com as mãos espalmadas. — Por que aceitamos os tribunais do Inferno? Por que estamos tão confortáveis com a nossa situação? Não percebem que, se Deus ainda não está morto, então temos que *matá-lo*? Temos que reconstruir o Inferno como quisermos. Temos que fazer de Dis o nosso Paraíso.

— Por que ela está aqui? — perguntou o professor Bent ao presidente. — Isso não tem nada a ver com a minha tese.

— O impacto tem tudo a ver com uma tese — retrucou Gertrude. — Por que publicar um trabalho se você não sabe o que quer obter com ele?

— Nós estamos aqui para discutir metodologia — explicou o presidente.

— Não metafísica.

— Embora esse texto não tenha a menor chance de ser aprovado — comentou a Sombra de monóculo. — Ainda nem chegamos à autobiografia duvidosa.

— Cuidado com o que chama de duvidoso — rebateu Bent.

— Você realmente achou que valia a pena gastar doze páginas discutindo como a família da sua esposa se recusou a pagar pelo casamento?

— É melhor do que a sua tentativa da semana passada — afirmou Bent. — Grotesca e sanguinolenta.

— Os detalhes importam.

— Ah, claro, se você estivesse escrevendo *ficção*.

A discussão saiu do controle muito rápido. Em um momento, o professor Bent e a Sombra de monóculo estavam gritando um com o outro sobre a mesa, e, no seguinte, estavam se engalfinhando em cima dela. Metade das almas se levantou para entrar na briga. A outra metade ficou sentada, de braços cruzados e semblante carrancudo. Alice observava, boquiaberta. Sentiu uma pena profunda. Eles se importavam tanto, discutiam com tanta ferocidade, mas será que não conseguiam enxergar que nada daquilo importava, que não tinha a menor relevância no esquema cósmico das coisas, e que aquela era a maneira mais idiota possível de passar a eternidade?

— Está satisfeita? — Gradus parecia exultante. — É o que você esperava?

Ela só não conseguia imaginar que vitória o sujeito achava que havia conquistado.

— Olhem! — gritou alguém. — *Olhem!*

* * *

Todos os rostos se voltaram para a janela.

Luzes surgiram no céu. Aos olhos de Alice, se assemelhavam a estrelas — constelações de explosões cintilantes que, a princípio, pareciam muito distantes, mas foram se aproximando cada vez mais, até que percebeu que eram fragmentos de brasa. Fogo irrompia em todos os lugares onde elas pousavam. Os vendedores corriam de um lado para o outro com esteiras, tentando abafar as labaredas. Mas era tarde, e Alice ouviu uivos quando pilhas inteiras de papel viraram fumaça. Viu a mulher que fazia revisões correndo em círculos e berrando com a cabeça em chamas, o exemplar do livro de Strunk e White apertado contra o peito.

Cadeiras rangeram quando as Sombras se levantaram. Na pressa de sair pela porta, esbarraram em Alice, que as observou correr, perplexa. Segundos

depois, ela os viu pela janela, agitando os braços e disparando em direção ao incêndio.

— Ah! — Alice deu alguns passos à frente e depois se deteve, sem saber o que poderia fazer, se é que poderia fazer alguma coisa. — Ah… Alguém tem que impedi-los!

Mas havia interpretado mal os gritos, achando que eram de dor. Só que aquelas Sombras estavam extasiadas. Corriam até o fogo como crianças correndo descalças até o mar. Corriam em direção ao bazar não para resgatar os colegas ou salvar suprimentos, mas para se juntar à diversão.

Incendiavam-se tão rápido quanto folhas secas. Alice não conseguia tirar os olhos daqueles rostos chamuscando. Desde a infância, tinha um medo profundo do fogo. Costumava imaginar que ser queimada em uma fogueira era a forma mais horrível de morrer. A gordura borbulhante, a carne se transformando em carvão — tudo isso a aterrorizava. Mas as almas em Dis não se consumiam. A carne não se desprendia das faces, nem mesmo quando crepitava. Sob as chamas, a pele permanecia lisa, intocada. A carbonização ali não era permanente. A única coisa real era a dor.

— Para de gritar — mandou Gradus.

Alice não havia percebido que estava gritando. Tocou o pescoço. A garganta estava rouca. A mão tremia.

— Ah, *por que*…

— Nós não conseguimos produzir fogo por conta própria — explicou o homem. — Ninguém sabe por quê, mas é a única coisa que o Inferno nos nega. Por isso, ficamos muito felizes quando ele cai do céu. Não se preocupa, isso não machuca as Sombras. É só uma lembrança.

Um tumulto começou perto da margem. Uma forma enorme irrompeu pelas muralhas da cidade, espalhando suas fundações de mármore. Uma coisa uivante e estrondosa, grande demais para ser compreendida de uma só vez. Alice era capaz apenas de registrar seus atributos em partes. Passos pesados. Um andar desajeitado e descomunal. A besta tinha três cabeças. As Sombras gritaram em uníssono.

— *Cérbero!*

Todos correram até o cão. Alice não conseguia entender por que estavam se aproximando da criatura, mas lá estavam eles, estendendo as mãos, acenando freneticamente. Sem pensar direito, ela tentou segurar Gradus, mas seus dedos encontraram apenas ar frio.

— Ninguém sente medo?

— Medo? Cérbero é a coisa mais emocionante que acontece por aqui. — O sujeito parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Nós torcemos para ele nos

esmagar. Imploramos para nos despedaçar.

— *Por quê?*

— Porque é *interessante* — respondeu Gradus. — A dor é interessante, e dá pra aguentar qualquer coisa, desde que seja interessante.

— Mas como…

— No fim, são apenas sensações, Alice Law. Dor ou prazer, imagens espelhadas uma da outra. E ambas são preferíveis ao ócio. O tempo se arrasta aqui. Você faz de tudo pra sentir alguma coisa. — Ele se sobressaltou. — Ah! Um golpe direto!

Uma das cabeças de Cérbero disparou para baixo e agarrou uma das Sombras pela cintura. A multidão ao longo da margem aplaudiu quando o cão ergueu a alma no ar. Vísceras se espalharam por toda parte. A mandíbula da criatura se moveu, e pedaços decepados caíram na areia. Mas não poderia ter feito aquilo sozinho, pensou Alice. As Sombras tinham que se deixar dilacerar, tinham que desejar aquilo. Um grande clamor ecoou pelo pátio, e as Sombras se precipitaram para oferecer os próprios corpos.

— Agora eu!

— Eu, Cérbero!

— Eu!

Alice ouviu um zumbido agudo na cabeça.

— Meu braço, Cérbero. Pode arrancar!

— Minha cabeça.

— Minhas tripas suculentas!

Seria esse o destino final da existência? Alice poderia ter chorado diante do absurdo da situação. Agora compreendia o Inferno por completo. Via sua disposição intricada. Entendia que não era uma imitação aleatória dos rituais dos vivos, mas um espelho cruel, que toda a sua reflexão cármica servia apenas para mostrar a futilidade da vida desde o princípio. O objetivo não era a reabilitação, mas a redução à forma mais rudimentar, para mostrar que os seres humanos eram vermes se contorcendo cegamente, rastejando em busca de qualquer sensação.

Ah, Deus, pensou, desesperada, *por que nos criou, por que maculou o universo com nosso fracasso, por que não descansou no quarto dia e se contentou com as estrelas silenciosas?*

Somente a Sombra chamada Gertrude havia permanecido na sala. Continuava parada junto à janela, observando a cena com uma calma inabalável. Alice sentiu um fascínio horrorizado por ela, talvez semelhante ao que alunos sentiam por professoras rígidas e bonitas.

— Patético, não é? — perguntou Gertrude. — As coisas que eles fazem para se entreter.

— Você não escreve.

— Ah, não. Eu me recuso.

Alice acenou com a cabeça para os corpos que gritavam.

— Então, o que te torna tão diferente?

— Não vejo a reencarnação como a resposta. Vejo como uma fuga. Fuga para as almas mais fracas que não conseguem encarar seu novo mundo com determinação, que não entendem *que isso é tudo, que isso aqui é tudo o que temos*. — Gertrude se afastou da janela. Seus olhos severos encontraram os de Alice, que sentiu um calafrio. — Posso te mostrar?

— Deixa ela em paz — disse Gradus. — Ninguém está interessado no seu culto.

— Cada um deve decidir por si, Gradus.

— Que culto? — perguntou Alice.

— Uma irmandade — respondeu a mulher. — Entre e saia quando quiser.

— Que mentira.

— Você não saiu?

— Alice — chamou Gradus com urgência. — Confia em mim.

Ela inclinou a cabeça.

— E por que eu faria isso?

Gertrude era uma incógnita. Enquanto isso, Gradus a levara até Dis para zombar dela e perturbá-la. Não tinha motivo para confiar em nenhum dos dois, mas, entre eles, a mulher ainda não havia rido de seu desespero.

Alice poderia ter atribuído sua escolha à razão. O professor Grimes poderia estar com Gertrude. Na verdade, provavelmente estava com ela. Com toda a certeza não se encontrava no meio daquelas Sombras aos berros. Mas, no fim das contas, foi por impulso, impulso e curiosidade, o desejo de ver o último refúgio dos pecadores.

— Ora, Gradus. — Gertrude inclinou a cabeça, e sua voz soou como uma ameaça aveludada. — O que ela significa para você?

Por um momento, Alice teve medo de que Gradus revelasse que não estava morta, mas o rosto dele não transpareceu nada. Sua palidez cinzenta o envolveu como um xale, e o sujeito não respondeu.

A mulher estendeu a mão para Alice, que fez menção de pegá-la, mas hesitou.

— Pra onde você vai me levar?

Gertrude acenou com a cabeça para a parede. Havia uma porta de madeira que Alice não tinha notado antes. A Sombra a abriu, revelando uma escada em espiral muito pequena. Alice não conseguia ver para onde levava, nem a que altura chegava, apenas que os degraus de pedra estreitos desapareciam na

escuridão.

— Para a Cidadela Rebelde — respondeu Gertrude. — Para a saída.



Capítulo Vinte e Oito

Gertrude flutuava, e Alice a seguia. Durante a viagem à Itália, subira os degraus do Duomo de Florença, uma ideia terrível no auge do verão: 463 degraus em um calor sufocante, degraus que ela contou um a um em sua mente, porque nada mais naquela espiral escura, mal ventilada e claustrofóbica lhe dava motivo para continuar. Uma mulher sofrera algo parecido com um infarto na metade da subida, e o restante das pessoas tivera que se espremer contra a parede enquanto ela e o marido desciam, ofegantes. A cada cem degraus, havia uma minúscula janela na pedra, e todos pressionavam o rosto contra as grades ao passar, desesperados por uma lufada de ar fresco.

Tudo a levava a crer que o arquiteto de Dis tivesse se inspirado no Duomo. Mas as janelas aqui e ali não permitiam a entrada de ar fresco, eram apenas pequenos retângulos do céu laranja-queimado do Inferno. As pernas de Alice ardiam e seus pulmões não conseguiam inspirar ar suficiente. Ela concentrou todos os esforços em colocar um pé na frente do outro, ignorando quantos degraus tinham ficado para trás e quantos ainda faltavam. Por fim, quando já temia que fosse desmaiar, as duas emergiram em um pátio.

Por um momento, Alice achou que haviam ascendido ao mundo dos vivos, pois o que via ali imitava o esplendor de Roma, da Villa Borghese, do Monte Palatino. Não eram ruínas, nem artefatos dispersos caídos das frestas entre os mundos, mas construções coerentes e elegantes. Caminhos de ladrilhos contornavam esculturas, gazebos e fontes murmurantes. Ela respirou fundo, e o ar que encheu seu peito era fresco, puro e doce.

— Vem, minha querida.

Gertrude fez um gesto para que Alice a seguisse colina acima. Chegaram a uma esplanada ladeada por estátuas sobre pedestais. Uma dúzia de homens e mulheres, muito maiores do que o tamanho natural.

— Os maiores entre nós — anunciou a Sombra. — Nossos construtores e visionários. Magos, arquitetos e poetas. Todos profundamente sintonizados com a beleza e convencidos de que ela podia ser arrancada do divino.

Alice tentou adivinhar a identidade das figuras, mas não havia nomes nos pedestais, e os rostos esculpidos eram estranhamente impessoais. Evocavam ideais mais do que pessoas específicas. Sobrancelhas fortes e uniformes, olhos voltados para cima, narizes aristocráticos e retos. Bocas firmes, em esgares heroicos e destemidos.

— Onde eles estão agora? — perguntou.

— Continuam entre nós — respondeu Gertrude. — Esta é a Cidadela Rebelde. Nós não perdemos ninguém para a morte.

Ambas atravessaram a esplanada até um mirante. Alice se inclinou sobre a beirada. Dava para ver toda a Dis lá embaixo: o bazar, as oficinas, os interlocutores zanzando por aí. A cidade era muito maior do que havia imaginado. O bazar — ainda em chamas, destruído pela fúria de Cérbero — parecia ser apenas um pequeno bolsão entre muitos mercados similares. Dali, ela via uma massa fervilhante de Sombras, correndo pela cidade feito formigas, todas dedicadas à mesma tarefa inútil. Alice recuou. Era bom ter escapado para o alto, livre do ruído. Se mantivesse distância da beirada, podia bloquear o lugar de seu campo de visão. Daquela esplanada, o resto da cidade de Dis praticamente deixava de existir.

— É lindo aqui — comentou Alice.

— Não é? — Gertrude fez um gesto para ela. — Vem por aqui. A vista é melhor desse lado.

Elas dobraram uma esquina. Alice percebeu que não estavam no topo de uma montanha, mas à beira de um penhasco. Abaixo, o Lete se revolvia, negro e implacável. Ali suas águas estavam mais agitadas do que jamais vira, chocando-se furiosamente contra as rochas. Ali, mais do que em qualquer outro lugar, o Lete parecia não um rio, mas um oceano, uma vasta extensão escura que as cercava por todos os lados. Alice olhou para o horizonte, buscando algo, mas não viu nada. Os domínios de Rei Yama permaneciam fora de vista.

— Nós construímos à beira d’água — informou Gertrude. — A maior das afrontas.

Orgulhosa, a Sombra contemplou seu domínio. Alice acompanhou seu olhar, admirando aquela silhueta complexa, as torres que se projetavam contra o céu de forma desafiadora. No ponto mais alto, com vista para o Lete, onde todos

os padrões sugeriam que deveria haver um campanário, havia apenas uma borda irregular e incompleta.

— Houve um terremoto — explicou a mulher.

— Um terremoto?

— De tempos em tempos, a terra se rebela. O solo se rasga. Abismos se abrem sob nossos pés. Lava jorra das profundezas, arrancando nossa pele e nos aprisionando em rocha. Aqueles que caem lá embaixo levam eras para subir de volta, quando conseguem.

— Ah — fez Alice.

— Uma vez houve um terremoto terrível, e o campanário desabou. — Gertrude balançou a cabeça. — Uma calamidade. Vimos a torre despencar penhasco abaixo, badalando sem parar, até desaparecer sob as ondas. Às vezes ainda ouvimos uma nota grave ressoar em nossos ossos e sabemos que é o sino, tocando no fundo do Lete, ainda repicando.

A mulher disse isso sem nenhum resquício de pesar.

Alice conseguia adivinhar o motivo.

— Vai haver mais um sino. Vocês vão construir outro.

— Ah, com certeza — respondeu Gertrude. — Mais cedo ou mais tarde, tudo acaba vindo parar no Inferno. Tudo encontra o caminho até Dis. As almas giram em círculos. Mas seus *pertences*, esses não ganham uma segunda vida. Com o tempo, nós vamos reunir o suficiente para construir um segundo mundo aqui embaixo. Não uma réplica. Ninguém quer uma réplica de um mundo imperfeito. Estamos construindo algo melhor.

Por um momento, Alice viu o que a Sombra via ao olhar para aquela paisagem: uma grande cidade ainda se formando, a ser preenchida e concluída ao longo de um milênio atrás do outro. Gertrude falava como alguém que tinha todo o tempo do mundo; alguém cuja existência não se contava em dias, mas em eras; alguém cujo projeto poderia ser medido em um único fôlego, desde o nascimento do mundo até o seu fim. Alice vislumbrou em sua mente os contornos de todas as cidades que haviam precedido a cidadela: Roma, Jerusalém, Alexandria, Xi’an. Todos os grandes centros do mundo, lugares que a Cidadela Rebelde havia superado em duração. Tentou imaginar Dis nessa perspectiva ampla de tempo. Talvez, um dia, o lugar se tornasse tão grande e tão acolhedor que nenhuma alma jamais quisesse fazer a travessia para o outro lado. Para que se esforçar se você podia descansar em paz?

Gertrude se voltou para o horizonte. À luz incandescente, seu perfil era impressionante. A mão direita estava erguida junto ao peito, a palma aberta em um gesto de benevolência. Alice percebeu que havia cometido um erro grave ao tomá-la por herege. Ali no alto, a Sombra ocupava muito mais o papel de santa.

— Você já observou a areia caindo em uma ampulheta? — perguntou a mulher. — Imagina isso agora. Presta atenção no que acontece no fundo. Os grãos sempre formam um pequeno pico. Uma montanha. Então, o peso se torna grande demais, a areia escorrega para os lados e a base se nivela outra vez. O tempo não caminha rumo a um clímax, entende? Apenas em direção a um pequeno pico, sempre prestes a ruir. É assim que o tempo se move aqui em Dis. Pequenos impulsos adiante, a ilusão de um progresso. Então, o ciclo se repete, de novo e de novo, enquanto há um constante acúmulo no fundo. Um dia, vamos chegar ao topo. Mas isso demora bastante.

Ela ergueu o queixo.

— Nós vamos estar aqui no fim. Vamos estar aqui quando o sol moribundo se apagar. Quando os exércitos de Gogue e Magogue se reunirem para atacar os santos do Céu, quando Fenrir engolir Odin por inteiro, quando Apófis devorar Rá e lançar tudo nas trevas, quando o mundo virar de cabeça pra baixo e sua crosta for lançada ao magma para renascer de novo, *nós estaremos aqui*.

Gertrude falava com muita convicção.

Alice se perguntou o que seria necessário para manter essa esperança ao longo dos anos, dos séculos. Em seguida se perguntou onde encontrar a falha naquele pensamento. Existiria mesmo uma? Pois em um mundo onde nenhuma regra era estável, por que *não* acreditar em uma reversão apocalíptica da ordem moral? Por que isso seria tão improvável? Não havia uma beleza perversa naquilo tudo? Quanta convicção — cometer um erro e permanecer fiel ao erro — de que isso era mais corajoso do que fazer o certo apenas por medo. Naquele momento, Alice invejou Gertrude. Pelo menos a mulher sabia no que acreditava. Pelo menos tinha um futuro pelo qual lutar, por mais distante que fosse.

— E eu posso simplesmente… — Alice abriu as mãos, sem saber como se portar. — Quer dizer que eu posso simplesmente ficar aqui?

— O tempo que quiser — respondeu Gertrude. — Pode ficar para sempre.

— E ninguém mais pode entrar?

Estava pensando nos Kripke, mas a Sombra concluiu que ela se referia a John Gradus.

— Aquele charlatão? Ele não vai incomodar você. Nada entra na cidadela sem o meu conhecimento.

— E se eu quiser ir embora?

— Não vou forçar você a ficar. Ninguém vem pra cá sem ser por livre e espontânea vontade. Mas acho que você vai se sentir muito mais confortável aqui do que jamais poderia se sentir lá fora. — Com delicadeza, Gertrude pousou a mão nas costas de Alice. — Vai em frente. A cidade é sua.

Isso pareceu um tanto abrupto para Alice. Não sabia ao certo que tipo de

solenidade esperava — Gertrude havia cumprido exatamente o que prometera —, mas não havia imaginado uma despedida tão rápida.

— Mas onde está todo mundo?

— Descansando. As pessoas vêm pra cá em busca de tranquilidade. Não brigamos como aqueles que estão lá embaixo. Pode perambular o quanto quiser, mas com o tempo vai descobrir que também prefere a quietude.

Alice sentiu uma pontada de pânico. Não queria ficar sozinha ali. Estava se sentindo completamente perdida.

— Mas pra onde você vai?

— Cuidar da cidadela. — Gertrude pressionou com firmeza o ombro dela. — Pode ir. Encontra a sua paz.

* * *

Então Alice seguiu pelo caminho de mármore, sentindo-se um pouco como uma criança obrigada a ir para a cama antes mesmo do pôr do sol.

Passou um tempo observando as estátuas, mas a perfeição uniforme delas logo se tornou entediante. Eram cativantes apenas de longe. De perto, todos os rostos pareciam iguais. Florença era fascinante de uma forma que aquele lugar não era, pensou. Na Itália, havia texturas. Ali, nada tinha história. Nada estava rachado ou desgastado pelo tempo. Tudo era construído, reparado e conservado constantemente, de modo que a eternidade parecia ter apenas uma década.

Ela ficou um pouco decepcionada. O nome *Cidadela Rebelde* prometia algo mais — de preferência, algo subversivo. Entretanto, na maior parte do tempo, o lugar parecia apenas quieto. Onde estavam os Lúciferes?

Continuou vagando pelo caminho silencioso, um pouco curiosa para ver aonde iria parar. Não conseguia decifrar a configuração da cidadela. Não era uma espiral, nem uma colmeia, nem uma simples esplanada sobre a colina, mas, de alguma forma, as três coisas ao mesmo tempo. Curvava-se em si mesma; os caminhos que serpenteavam pelo interior também davam voltas no exterior. Alice passou várias vezes por muros altos e escuros, convencida de que tinha adentrado as entranhas da cidade, apenas para chegar inesperadamente a uma esplanada. Vista de fora, de todos os ângulos, o lugar parecia vazio e idílico. Então, onde estavam seus segredos? Ela adotou um princípio arbitrário — virar sempre em direção à escuridão —, e isso a levou a um denso labirinto de praças que lembrava bastante a matriz murada de vielas e os *campi* de Veneza. Ela virou uma esquina, entrou no que parecia ser um pátio e viu, à luz fraca, a coisa mais incrível do mundo.

Crescimento. Uma raiz. Um *galho*.

Seu coração deu um salto. Elspeth havia chamado aquilo de uma Contradição Verdadeira. Algo que cresce em uma terra onde não poderia haver vida. Seria esse o segredo da confiança deles? Será que a Cidadela Rebelde tinha cultivado a própria Dialeteia?

Mas aquele galho não se parecia em nada com o que a bibliografia descrevia. Os registros prometiam uma floração deslumbrante, uma vitalidade impossível. Aquele galho, no entanto, era uma coisa ressecada e marrom-escura, quase preta, que se estendia, flácida, de um arbusto morto. Quando Alice o tocou com a ponta do dedo, o galho se encolheu como uma lesma fugindo do sal.

Pensou ter ouvido uma voz no escuro. Mas era muito tênue, mais uma sensação do que propriamente uma palavra. Algo como *Não, vai embora, me deixa em paz*.

— Mas que diabos? — murmurou Alice.

Tocou o galho de novo. E, embora ele tenha se retraído ainda mais, Alice ouviu o som com mais clareza dessa vez: uma voz coerente, uma palavra que quase conseguia distinguir. Bastava que decifrasse a língua. Ela manteve o dedo encostado no galho, e um turbilhão de sussurros se espalhou pelo ar.

Alice aguçou os ouvidos. *Por favor, que seja um fantasma,* pensou. *Por favor, que seja uma companhia, qualquer uma*. Mas sempre que tentava se agarrar a um fio, para decifrar sua linha de raciocínio, ele se dissipava de volta naquele emaranhado indistinto. Tudo o que conseguia captar era uma atmosfera geral de hostilidade. O galho não a queria ali. O arbusto desejava ser deixado em paz. Mas Alice estava curiosa demais para ir embora.

Dessa vez, ela se moveu rápido e conseguiu agarrar as gavinhas na palma da mão. Os sussurros se intensificaram. Sabia que era tolice, mas precisava descobrir, com uma fascinação doentia, o que aconteceria se agarrasse um galho e simplesmente…

Créc.

Ele se partiu em seus dedos. O arbusto se encolheu, todos os sussurros gritaram de uma só vez. Não eram gritos altos, mas profundamente patéticos.

Por que você fez isso?, berravam. *Por que faria uma coisa dessas?*

Alice encarou a palma da mão. O galho não era mais um galho, e sim uma coisa feia e retorcida. Ela o deixou cair. Ele murchou e se desfez em pó, e, no arbusto de onde o havia quebrado, uma ponta brilhante ficou exposta, cintilando com algo mais escuro que sangue. Uma espiral de fumaça se enrolava em torno daquela ferida, com a mesma tonalidade de cinza que a essência de uma Sombra.

Alice se aventurou mais fundo no *campo* e viu fileiras e mais fileiras de arbustos e árvores: um jardim inteiro de espinhos entrelaçados, galhos retorcidos e folhagem apodrecida cobrindo o chão. Ela gemeu.

— Todos vocês?

— Não tão alto!

Alice se sobressaltou.

Foi um nó na altura de seu joelho que falou, uma protuberância asquerosa e disforme no tronco de uma árvore enegrecida. Se inclinasse a cabeça no ângulo certo, veria até indícios de uma pessoa. Um farfalhar, um gemido e, de repente, o tronco se tornou a cabeça enrugada de um velho desdentado, que tentou morder seus dedos. Alice recolheu a mão, e o nó gargalhou.

— Brincadeira. Foi só brincadeira. Não se assusta, querida.

Ela cruzou os braços com força.

— Você é nova aqui? — perguntou o nó.

— Obviamente, sim.

— Por que não se senta ali? Ele também é novo.

Alice se virou para onde a coisa havia indicado. Um banco de pedra ladeava o caminho. Mas ela não viu ninguém, apenas mais vegetação rasteira.

— Quem?

— Não sei o nome dele. Nomes não têm muita utilidade pra nós.

Alice olhou de novo para a vegetação e viu que o amontoado de plantas na margem da trilha parecia mais jovem e mais verde do que o resto. As folhas eram pequenas e tenras. Os galhos ainda não tinham espinhos.

— Por que não se senta? — repetiu o nó.

Ela se sentou com cautela na beirada do banco.

— Mas o que eu faço agora?

— Ora, agora você descansa.

Alice cruzou os tornozelos, depois descruzou. Sentia-se estranhamente constrangida. Quase esperava que folhas começassem a brotar de seus próprios membros, mas nada aconteceu.

— Quer dizer, assim?

— Como você preferir. — O nó se encolheu contra o toco. — É só ficar à vontade e descansar.

— Descansar como?

— Deixe sua mente vagar. É só deslizar como uma libélula sobre a superfície da sua consciência e se soltar.

— E então vou virar uma árvore?

— Você vai criar raízes — informou o nó. — Vai assumir a forma que for mais agradável e estável pra você, se conseguir aquietar a mente.

O peito de Alice se apertou. O bosque estava quieto demais, silencioso demais. Havia algo horripilante em folhas que não farfalhavam, em pedras sem o som da água. Um pátio precisava de vento. Ela sentiu um pavor se acumular no

estômago. Tentou ignorá-lo, tentou lembrar a si mesma de que deveria estar em paz, de que nada nem ninguém poderia machucá-la. Mas é claro que esse era o pensamento errado. Porque ali, sem as distrações da fome, da exaustão e de um milhão de mistérios tentando matá-la, Alice percebeu que estava diante do maior de todos os horrores: a agonia dos espaços pétreos. Onde tudo era silêncio e você não podia fugir do turbilhão da própria mente.

Uma grande pressão se acumulava na parte de trás de seu crânio: lembranças sufocadas que exigiam libertação. Agora ouça os gritos. Agora sinta o gosto metálico. Agora sinta o sangue, quantidades enormes dele, cobrindo seus olhos, salgando sua língua. Nunca havia imaginado que o corpo humano pudesse conter tanto sangue. O pânico do professor Grimes, a maneira como havia se virado para ela, a reprovação em seus olhos, a maneira como ele *soube*…

Soube o quê? Depois de todo aquele tempo, ainda não conseguia extrair uma narrativa coerente daquele caos, não conseguia organizar aqueles fragmentos em uma história ordenada que oferecesse alguma clareza sobre o que ela havia feito e qual deveria ser sua punição. Eis o nó górdio: suas lembranças eram perfeitas, mas só conseguia revisitar as imagens da forma como haviam lhe ocorrido pela primeira vez. E o dia da morte de Grimes tinha sido tão embaralhado e confuso que, meses depois, e após ter revisado as evidências um milhão de vezes, ainda não sabia o que pensar. Com certeza o odiava. Com certeza, nas semanas que antecederam o acidente, havia olhado muitas vezes para o rosto dele — aquela coisa sulcada, selvagem e bela — e tinha se imaginado esmagando-o até que perdesse todo o valor, até que não pudesse mais encantar ninguém. Seria isso intenção de matar? A intenção bastava? Mas Alice não queria que o professor morresse. Nunca quis que morresse. Só queria que sentisse uma fração do que ela sentia, apenas para que o sujeito *entendesse* — apenas para que não a olhasse com tanto desdém. E Alice se lembrava de olhar para Grimes e não desejar que ele desaparecesse, mas que as coisas voltassem ao normal: que ela pudesse continuar dançando na corda bamba, brincando com o perigo, ter o melhor dos dois mundos.

Não conseguia definir a própria culpa. Tudo o que tinha eram fragmentos sobre os quais se debruçava compulsivamente. O zumbido em sua mente quando entrou no laboratório naquele dia. Como apenas a voz dele a deixou tonta. *Não olhe para mim*, havia pensado. *Esqueça que estou aqui*. Sua mão trêmula, o giz pouco firme entre os dedos. Uma linha branca interrompida. Ela tinha visto, tinha visto com clareza, caso contrário não teria essa lembrança. Tinha visto a falha entre uma sentença e a seguinte e não fizera nada a respeito disso. Mas será que havia *se dado conta*? Será que sabia o que significava ignorar esse fato? Tinha visto a falha, piscado, se levantado e dito que estava tudo pronto. Alice

repassara essa sequência na cabeça milhares de vezes, mas nunca lhe trazia respostas, apenas uma urgência crescente, um desejo ardente… de quê? Uma confissão, uma correção, *alguma coisa*. Algo tinha que mudar, algo tinha que ceder. Não podia continuar vivendo naquelas condições. Ela se remexeu. O bosque sibilou, e Alice conteve um grito.

Acalme-se, sussurrou a floresta. *Acalme-se, acalme-se…*

— Não consigo — murmurou, sem ar.

Apenas tente, respondeu a floresta. *Mantenha os pensamentos à distância e esvazie a mente.*

Que tarefa impossível. Teria sido mais fácil se tivessem lhe pedido para capturar a lua.

Ela sabia muito bem como era difícil silenciar a própria mente. O rádio berrava sem parar. Era impossível desligá-lo. Você o esmagava, e ele bradava ainda mais alto. Na maioria das vezes, a única coisa que se podia fazer era aguentar a dor. No último ano, Alice havia aprendido um milhão de técnicas para distrair a cabeça do desejo de morrer. Rituais ajudavam. Manter-se ocupada ajudava. Ela não era uma daquelas pessoas depressivas que ficavam apodrecendo na cama, não conseguia simplesmente *ficar deitada*, pois a imobilidade doía ainda mais. Movimentar-se aplacava a agonia. O dia de levar as roupas na lavanderia era maravilhoso, porque significava pelo menos duas horas de distração garantida, longe das tarefas que precisava realizar sem falta. Assim como o dia de corrigir provas, quando podia levar a pilha de testes para o pub e perder-se na atividade mecânica de verificar, circular, calcular e rabiscar as notas no topo. O truque, naqueles dias, era se ocupar com o máximo de pensamentos possível para manter as lembranças afastadas. Sozinha em casa, lia tudo o que estivesse ao seu alcance. Realizava tarefas com uma das mãos enquanto segurava algo diante do rosto com a outra. Instruções do frasco de xampu. Informações nutricionais de latas de sopa. Relia o jornal um milhão de vezes enquanto mastigava o cereal sem muita atenção. Deixava a televisão ligada o tempo todo na sala de estar e, se os colegas com quem dividia a casa ficavam incomodados, pelo menos a deixavam em paz. *Doctor Who* ia a julgamento. Ringo Starr brincava com trens de brinquedo. Nada disso abrandava os pensamentos ruins. Estavam sempre lá, em cores vívidas, no volume máximo. A estratégia, no entanto, era colocar uma dúzia de outras coisas no volume máximo também, de modo que as ondas sonoras se anulassem e a cacofonia em sua cabeça atingisse tal estado de saturação que se aproximasse do silêncio.

Mas tudo isso a deixava exausta. Não dava para continuar daquela forma, contando os segundos de um dia para o outro. Isso a esgotava, exauria sua mente. Alice não tinha tolerância para a repetição. Enterrada em algum lugar

havia uma centelha profunda e curiosa que se rebelava contra o tédio, que ansiava por ser produtiva ou, pelo menos, estar interagindo com o mundo. Só que essa centelha já estava tão embotada que não fazia muito mais do que doer.

Ela havia tentado meditar. Era uma febre no campus naquela época; era impossível atravessar a rua sem ver um pôster da Nova Era prometendo iluminação, experiências transcendentais extracorpóreas. Alice estava desesperada. Havia tentado de tudo. Sentara-se de pernas cruzadas em tapetes de estranhos, entoara mantras, permanecera por horas em perfeita quietude, correndo atrás da calma que lhe prometeram, tentando não odiar todos na sala, tentando acreditar na mentira.

Voltou a experimentar esses métodos naquele instante, porque queria o que a floresta prometia. Queria corresponder às expectativas do nó. Fechou os olhos com força. Desacelerou a respiração. Invocou a imagem da chama de uma vela — todos os praticantes de ioga de Cambridge mencionavam aquela labareda quente e feliz, o fogo da vida — e concentrou toda a atenção em manter o tremular da centelha em destaque e o amontoado de imagens fragmentadas vagamente em segundo plano.

Não sabia dizer quanto tempo havia se passado. Cinco minutos, dez, vinte, uma hora. Mas no fim das contas isso não importava, importava? Não havia ponto-final, aquilo não importava para nada. Poderia alcançar um estado de calma transcendental e ainda assim não valeria de nada. Quando acordasse, um século poderia ter se passado, e ainda haveria mais um pela frente, e mais outro depois disso. Esse acordo era injusto. Todo aquele esforço e nenhuma recompensa.

Um cristal se estilhaçou em sua mente. A ilusão não se sustentou. A impaciência explodiu. Um milhão de formigas percorreu sua pele.

— Ah! — gritou. — Não *aguento* mais, não posso ficar aqui.

— Pode, sim — disse o nó. — Tenta, tenta.

— Já tentei.

— Se esforça mais. Vai acontecer. Você vai se acalmar.

— Como você sabe?

Tinha ciência de que estava agindo feito criança, mas naquele momento sentia mesmo uma necessidade infantil de obter as respostas mais simples. Se ao menos alguém lhe dissesse que ficaria bem. Se ao menos alguém lhe mostrasse o caminho.

— Porque você não é a primeira.

O nó estalou ao recuar, e Alice seguiu seu olhar pelos bosques que se agrupavam em todos os cantos do *campo*: pelas ruas laterais e pelas paredes, saindo pelas janelas. Uma floresta densa tomava conta das vias internas da

Cidadela Rebelde até onde a vista alcançava.

— Todos chegam em agonia — continuou o nó. — Chegam com arrependimentos e confissões. Envergonhados e com um grande desejo de consertar as coisas. Ficam nas praças, inquietos como você está agora, até conhecerem a calma dos lugares de pedra. E então se tornam parte do bosque.

— E agora eles estão dormindo? — perguntou Alice.

— Quase. O sono não chega, não aqui. Mas fecha os olhos, acalma a mente, e você vai experimentar algo parecido…

— Mas e se eu não conseguir?

— Então procura os mosteiros.

— Os mosteiros?

— Do outro lado do caminho. Na sombra ficam as árvores. Ao longo dos penhascos, as abadias…

Alice tinha achado que o lugar ainda estivesse vazio, silencioso. Mas onde o nó apontava, dentro das muralhas ao longo dos penhascos, ela viu Sombras em congregação. Nenhum grande movimento, mas uma espécie de agitação sutil, ritmada, circular. Almas caminhando sem sair do lugar. Almas cantando em uníssono. Percebeu que aquilo era o zumbido. Não abelhas, mas salmos.

— Salmos nas Terças — informou o nó. — Orações nas Nonas, orações nas Vésperas. Em qualquer outra hora, orações e meditação.

— Eles rezam pra quê?

— Rezam para o ato — respondeu o nó. — Rezam pela espera, para terem força e serem pacientes até o fim. Até o mundo virar de ponta-cabeça. Até o Lete secar e os domínios de Rei Yama se fecharem uns sobre os outros. Pois nada é eterno, nem mesmo a ordem deste universo, e um dia os oito tribunais vão se dobrar em si mesmos e o próprio significado do ser vai mudar. Eles acreditam que as almas não podem ser purificadas nem pela punição nem pelo arrependimento, apenas pelo fogo do tempo. Que a *kālavāda*, a escola do tempo, guarda todas as respostas para as idiotices enigmáticas do Inferno.

Essa resposta foi tão decepcionante que Alice quase chorou.

— Então estão esperando para nada.

— Eles não têm bons motivos pra esperar? — questionou o nó. — Toda religião fornece uma origem para o universo. Toda história tem um começo. Todo começo implica um fim. O um se tornou um milhão, que vai se reduzir até se tornar um mais uma vez. Os fogos do Ragnarök vão fender a Terra e fazê-la nascer de novo. Nem mesmo o Pai Tempo é infinito. Até ele vai ser aniquilado.

— E daí? — gritou Alice. — Eles acham que vão sobreviver a *isso*? Ao apocalipse?

— Nada vai sobreviver ao apocalipse — respondeu o nó. — Mas isso

elimina a necessidade de escolha. Eles não seguem em frente. Não morrem. Apenas esperam. Aguardam a virada das areias. Um novo mundo, e outro ainda mais novo depois desse. Mundos que você não poderia nem imaginar, com leis totalmente diferentes das nossas. Mundos onde a entropia corre na direção oposta, e o tempo avança rumo à ordem. Mundos onde homens voam e pássaros ficam presos ao chão. Mundos onde o acaso não existe e o futuro é um bloco sólido e imutável. Mundos sem dor nem sofrimento, mundos sem subjetividade, mundos de beleza, mundos com os quais vale a pena sonhar…

Talvez, pensou Alice, só que aquele era um jogo não de milênios, mas de ordens de grandeza ainda maiores. E antes que esse novo mundo chegasse, o deles teria que morrer, e tudo contido lá também. Nada ali sobreviveria à virada das areias. Aquelas almas não veriam o futuro.

Era cada vez mais penoso olhar para aquela floresta, para toda aquela vegetação que havia desistido e que agora se contentava apenas em *existir*. Ela se lembrou de todas as horas que já havia desperdiçado na vida, todos os minutos observando o relógio, desejando que as horas passassem mais depressa. Dias inteiros confinada no quarto feito uma prisioneira, sentada na cadeira, inerte, esperando pelos marcos rituais que provavam que o tempo estava de fato passando: refeições que não comia, orações às quais não comparecia, os sinos que tocavam a cada hora, lembrando aos alunos que era preciso seguir em frente. Sentia tanto alívio ao adormecer, tanta decepção ao acordar. Naquela época, cada momento que passava parecia uma pequena vitória. Mas por que tivera tanta pressa de que aquela época desaparecesse? Era uma contagem regressiva para o quê?

No mundo de cima, pelo menos tinha uma tênue esperança de que algo em sua condição pudesse mudar, de que um dia acordaria e se sentiria bem de novo, de que uma porta se abriria, uma solução surgiria. Ali, essa contagem regressiva não levava a lugar nenhum. A mudança era impossível. Ali, todos os acontecimentos eram apenas pequenos montes na ampulheta, que se erguiam e depois desmoronavam, uma vez após a outra.

O jardim pareceu tão morto e tão frio naquele instante. Aquilo não era verde. Era apenas a lembrança do verde. Apenas uma imitação cruel.

E Alice compreendeu, com uma clareza terrível, que aquele era o pior castigo da cidadela, do próprio Inferno, pois era um castigo que tinham imposto a si mesmos. Se Aristóteles e Leibniz estivessem certos, e o tempo fosse apenas mudança, então o tempo havia acabado para eles. Mas não para todo o resto. Ainda tinham que senti-lo, uma cronicidade sem um télos. E estar fora do tempo — privados de tudo que se move em ciclos, nascer, crescer, envelhecer e morrer; privados de ancestrais e descendentes; privados de qualquer lugar na história —

enquanto eram forçados a sentir cada centímetro de seu lento e inexorável progresso… Por Deus, mas isso era horrível! Apenas tocos de uma árvore, ruas sem saída com ecos cada vez mais fracos de seus breves ciclos mortais. A imortalidade ali não era uma dádiva. Nada era efêmero, precioso, e, portanto, nada tinha valor. Nem mesmo os pensamentos, pois nenhum deles era original, mas meras réplicas entre si, tudo o que um dia seriam capazes de pensar contido em uma caixa dourada, com um foco de luz que apenas se movia de um lado para o outro. Nada se ampliava, nenhuma descoberta, nenhum prazer. Não havia crescimento ali. Apenas tocos ressequidos de tempo.

De repente, o *campo* pareceu encolher ao redor dela. Alice teve uma visão de si mesma afundando naquele bosque, recuando cada vez mais fundo entre as almas adormecidas até que galhos escuros cobrissem seu rosto. Sentiu uma onda de pânico, e isso a fez querer arrancar os galhos, golpear as folhas, incendiar tudo, só para fazê-los se mexer. Ah, para fazê-los gritar!

— Tudo bem, então — disse, irritada. — Se vocês não estão *esperando* por nada além do fim do mundo, então por que simplesmente não morrem?

Nesse momento, um aglomerado de galhos ao seu lado emitiu um lamento agudo e baixo. Alice sentiu um movimento no arbusto. Algo se solidificou, pressionando seu ombro. Ela viu uma silhueta que não estava lá antes. A curva de uma testa, o volume de um peito.

— Olha só o que você fez — resmungou o nó. — Acordou ele.

Não entendia por que o nó estava tão irritado. Só podia ser uma coisa boa o fato de aquela Sombra se desvencilhar da floresta. Na verdade, era um milagre que, depois de um século, qualquer coisa ali ainda conseguisse reunir subjetividade suficiente para voltar de planta a pessoa.

— Oi — disse Alice.

A vegetação respondeu com um suspiro.

O arbusto inteiro estremeceu, pareceu se encolher e, então, com um som de rasgo, a Sombra se libertou das gavinhas que a envolviam. Ficou de pé. Era alta, uma figura corpulenta, os membros ainda terminando em galhos. O rosto era um borrão cinza, mas os contornos iam ficando mais nítidos a cada segundo. A inclinação irregular de uma boca emergiu da névoa. Um nariz. Dois olhos brilhantes, piscando.

— Se acalma — pediu o nó. — Se acalma, por favor.

A Sombra deu um passo vacilante. Seu corpo inteiro oscilou, mas ela se manteve de pé.

— Se acalma — repetiu o nó, com mais urgência dessa vez. — Pensa bem no que você está fazendo.

A Sombra avançou pelo caminho com determinação.

— Espera. — Alice disparou atrás dela. — Aonde você está…

A alma começou a correr. Alice a seguiu, curiosa. A Sombra tomou um caminho e virou uma esquina. De repente, a floresta terminou e a margem surgiu diante de ambos.

— Não! — gritou Alice, mas já era tarde.

A Sombra saltou do penhasco e, por um breve momento, ficou suspensa no ar, parecia não ter peso. Então o Lete impôs sua gravidade. Um redemoinho se abriu, hipnotizante, e a Sombra rodopiou para baixo.

Alice teve que olhar.

A Sombra aterrissou de bruços e não resistiu. Por alguns segundos, flutuou sobre as águas e, em seguida, partes dela começaram a se desfazer na correnteza: cores vibrantes, em espirais que se desenrolaram em faixas longas e grossas. Alice vislumbrou imagens: uma água-viva, um paraquedas, um lenço de mágico. Tantos tons emergindo de um único ponto, uma fonte inesgotável de lembranças se estendendo por três, seis metros. Era como uma tira de quadrinhos de uma vida inteira exposta para quem quisesse ver, e ela estava começando a se perguntar quanto território aquilo poderia cobrir quando tudo enfim se misturou e se borrou, dissolvendo-se no preto pulsante. Então, a superfície de obsidiana do Lete voltou a ser como antes. Engolindo tudo, não devolvendo nada.

A vertigem a atingiu. Alice cambaleou.

Duas forças contraditórias se agitaram em seu interior.

Primeiro, uma pontada feroz de inveja daquela *completude* — daquele turbilhão insano de cores que finalmente, em um ato de misericórdia, pôde se desvanecer.

Segundo, só naquele momento percebeu o quanto não queria morrer.

Ela oscilou na beirada do rio, e uma rajada uivante a atingiu, uma força invisível e violenta que fez seu crânio girar e seus joelhos fraquejarem. *Não eu*, pensou ela. *Não eu, não agora, não ainda, não assim*. O sangue latejou em sua cabeça e só parou quando ela recuou, vacilante, para longe da borda do precipício.

Alice titubeou e se virou. Descobriu que todas as árvores da cidadela estavam inclinadas em sua direção. Toda a malícia de incontáveis almas concentrada em apenas um ponto. Em uma única voz, disseram: *Espinho*.

Alice correu.

Não queria ir em direção à floresta, mas tinha que se afastar do penhasco, de modo que restava apenas o caminho pavimentado que passava pelo meio do *campo*. O bosque uivou e se adensou ao redor — folhas se esticaram, galhos se estenderam. O pomar inteiro gemia e se contraía. Muitos rostos emergiram das folhas: bocas se escancarando, olhos se abrindo, pescoços se voltando para ela.

O que a salvou foi a inércia da vegetação. Não havia nenhuma animosidade real ali. A floresta havia treinado por tanto tempo para não sentir nada que se esquecera de como odiar. Não se importava muito com Alice, exceto pelo fato de que, como um organismo preguiçoso despertando, havia identificado a fonte de seu incômodo e tentava, com todos os movimentos que ainda lhe restavam, expulsá-la dali. Gavinhas avançaram, mas Alice as afastou. Atravessou o pátio e disparou pelo caminho de mármore. Ouviu de longe os gritos de Gertrude acima dela, mas não parou para olhar. Passou correndo pela esplanada, pelas estátuas e fontes, e mergulhou de volta na escadaria estreita. A luz diminuiu. Ela não fazia ideia de onde estava, sabia apenas que seus pés ainda pisavam com força nos degraus e que descia, descia, descia.

Ela irrompeu no térreo. A entrada havia se transformado. Não havia mais porta de madeira, apenas um bloco sólido de pedra: uma cela impossível, sem portas, sem janelas, sem saída. Gertrude havia mentido, e Alice estava presa em Dis.

Mas aquele era um truque antigo! Ela alcançou a parede, viu a superfície lisa e quase deu uma gargalhada. Se magos haviam construído aquele lugar, então magos ainda estavam contando a mesma piada. Sabia exatamente como era, podia recitá-la na cadência exata de um calouro contando-a pela primeira vez no pub. Ludwig Wittgenstein certa vez argumentou que não havia problemas filosóficos, apenas problemas de linguagem. O que são portas e janelas?

— Portas e janelas são o que te mantém do lado de dentro — murmurou Alice, e correu para a frente sem parar. Nem precisou desenhar um pentagrama, a ilusão era muito frágil. Tinha feito aquilo muitas vezes antes, já vira aquele truque na entrada do próprio departamento. — Portas e janelas podem ser fechadas. Não há portas nem janelas, então o caminho não está obstruído. Logo, não há nada no meu caminho.

Funcionou.

Meu Deus, funcionou. As paredes se fecharam em escuridão por um segundo, um único segundo aterrorizante em que Alice se sentiu espremida entre o mármore à frente e o bosque que se expandia às suas costas. Então ela adentrou o pátio iluminado, e até mesmo aquele ar quente e viciado foi um alívio maravilhoso.

Alice não parou. Passou correndo pelo bazar, pelos vendedores, pelos céticos e crentes. Passou pelo Demônio de Laplace e pelos manuscritos destruídos. Por Cérbero, que uivava, e pelo rastro de corpos que deixava. Pelos grandes portões, pois não havia guarda do lado de dentro, e eles se abriram sem maiores problemas quando ela empurrou. Passou pelo risonho Parmênides, que gritou atrás dela, perguntando se tinha conseguido o que fora buscar. Correu para

longe de Dis até a cidade se tornar apenas um ponto diminuto no horizonte, para longe do Lete, até a margem desaparecer de vista. Correu até estar sozinha de novo nas dunas, sob o sol baixo e escaldante, em meio a ossos brancos feito giz, longe do conforto de estruturas humanas, de qualquer coisa que se assemelhasse remotamente ao mundo lá de cima. Estava de volta à terra desolada, onde a única força que dava sentido a qualquer coisa era o fluxo deteriorado de seus próprios pensamentos.



Capítulo Vinte e Nove

Dessa vez, Alice estava mesmo perdida.

Não conseguia encontrar o Lete. Tinha perdido o rio de vista enquanto corria e já não importava para que direção se voltasse, não conseguia localizá-lo. Não via mais seu tênue contorno negro no horizonte, nem ouvia o som das ondas quebrando contra as rochas. Até aquele momento, o Inferno sempre estivera delimitado, pelo menos de um dos lados, mas já não estava mais. Não importava qual mapa estivesse certo — a espiral/pizza/ânus de Peter, o mapa progressivo linear dela —, o Lete era o único limite do infinito. E tanto no espaço euclidiano quanto no hiperbólico, uma linha que cruza com outra uma vez nunca mais volta a cruzá-la.

Quando levou em consideração o que isso implicava, ela foi tomada por uma onda de desespero. Se nunca mais reencontrasse o rio, poderia continuar se aprofundando para sempre na imensidão.

Ah, céus.

Ela não tinha nenhum referencial. Não conseguia encontrar a cidadela. Não conseguia encontrar Dis. O terreno a confundia, e parecia que era de propósito. A terra zombava dela. A paisagem mudava muito mais rápido do que nos tribunais anteriores, e toda vez que erguia os olhos estava em um lugar diferente. Um círculo de cactos se transformava em um círculo de pedras. Ao olhar mais uma vez para uma colina ao longe, o lugar se tornava um vale. Pelo menos achava que não estava andando em círculos, pois não encontrava nenhum ponto de referência familiar — mas a paisagem desértica se reconfigurava com tanta frequência que, mesmo que estivesse dando voltas sem sair do lugar, talvez não se desse conta.

Mas o que mais havia a fazer senão continuar caminhando?

Ela não ia morrer. Não ia desaparecer, passiva, indiferente, na escuridão. Disso Alice sabia. Mas era tudo que sabia. Precisava que esse fato tivesse algum significado, mas ainda não tinha justificativas para isso. Apenas o esboço de uma ideia. Um impulso, na verdade. Uma pergunta em aberto, um tatear no escuro. Isso bastava para seguir em frente. Tinha que bastar.

Estamos procurando, disse a si mesma. *E vamos saber o que estamos procurando quando encontrarmos.*

O tempo passou. Ela parou de contar os dias. Parou de acompanhar o sol, a lua. Suspeitava que a lua tivesse desaparecido, pois sempre que procurava no céu, não a encontrava. Percebeu que não sentia mais fome nem sede. Quando comia, sentia-se nutrida, mas, fora isso, seu corpo parecia teórico. Seu metabolismo devia ter desacelerado. Mal percebia as próprias necessidades. Talvez seu organismo estivesse se ajustando ao ritmo do Inferno, onde as mudanças não se mediam em horas, mas em eras. Em sua mente, via-se sendo reduzida até ficar dura e reluzente como os esqueletos incompreensíveis espalhados pela planície.

Eis um enigma: se nada vivia no Inferno, como os ossos tinham ficado tão limpos? Pois eram os falcões e os abutres, os insetos rastejantes e vorazes, que deixavam os esqueletos reluzentes na Terra. A morte era limpa porque a vida continuava, a podridão e a decomposição eram crescimento. Os ciclos se alimentavam uns dos outros, então como a morte se depurava naquelas terras devastadas, onde o tempo parecia estagnado? *As fronteiras são permeáveis*, pensou. *Deve ser isso, é a única explicação possível.* A vida se infiltrava, mesmo ali, em sua antítese: tornava a morte bela e matinha o ciclo em movimento.

Mas as implicações eram profundas! Isso significava que não havia verdades absolutas, se nem mesmo a morte era absoluta. *Peter e Gödel estavam certos,* Alice ponderou. *O universo é incompleto, e eu sou uma de suas exceções ambulantes. Mas o que o fato de eu existir prova, além de que estou aqui?*

Enquanto vagava pelo deserto, começou a encontrar coisas muito estranhas. Estantes de livros enterradas pela metade na areia. Livros em idiomas com os quais nunca havia se deparado. Barras de metal — ferramentas de prata, bronze, ouro — curvadas em formas que ela jamais vira e para as quais não conseguia imaginar uma utilidade. Instrumentos odontológicos? Dispositivos de tortura? Ou evidências de outra civilização, algo tão antigo que nem os sumérios e os mesopotâmicos conheciam? Era incrível. Aqueles artefatos não correspondiam a nada em seu banco de memória, não despertavam nenhuma associação. Eram algo novo. E aguçavam nela uma curiosidade embotada, as brasas da paixão pela descoberta que antes guiava todas as suas decisões.

Poderia ter parado para estudá-los. Poderia ter sido a primeira antropóloga ctônica. Mas não saberia nem por onde começar — aqueles eram textos que ela não conseguia decifrar, inscrições que não conseguia sequer identificar.

Lembrou-se então de outra teoria que havia lido sobre o Inferno, um texto budista mahayana que afirmava que o próprio mundo passava por ciclos de vida, morte e renascimento, assim como os humanos. O mundo se precipitava pelos estágios da civilização até que as pessoas se consumissem por completo e tudo ruísse em catástrofe: por meio de mudanças climáticas, guerras mundiais ou qualquer forma de destruição planetária que transformasse toda aquela vida exuberante em sedimento cinza. E esse se tornava o local de descanso de todas as almas, desde o início dos tempos até aquele instante, até que uma centelha surgisse do outro lado e as sementes da vida começassem a germinar. Assim, o mundo seguia mudando e girando feito uma grande moeda, as almas se derramando de um lado para o outro. Então talvez Gertrude e seus companheiros tivessem mesmo motivo para ter esperança. Talvez o Inferno não fosse de fato eterno. Talvez as areias realmente se movessem e as almas em Dis emergissem um dia como soberanas de alguma realidade.

Mas até que esse momento chegasse, um milênio havia se passado, e quantos mais ainda faltariam?

Jesus jejuou por quarenta dias no deserto e só saiu de lá depois de resistir às tentações de Satanás. Ali Alice não encontrava nada que oferecesse tanta clareza. Não passou por nenhum teste. Estava entediada, desesperada e pronta para desistir de tudo, e tinha certeza de que, no instante em que algum demônio lhe oferecesse uma saída, ela aceitaria. *Me deixem voltar para a cidadela*, pensou. *Me deem uma cela no Desejo, um cubículo no Orgulho.*

O deserto não a purificou nem a melhorou. Não lhe ensinou nada, exceto que a solidão e a vastidão absoluta a obrigaram a se reerguer e se fortalecer, como um castelo teimoso sobre areias instáveis. Buscava-se estrutura no fluxo. Era preciso repetição, um som pulsando. Eu ainda estou aqui. Penso, logo existo. *Meu nome é Alice Law, sou aluna de pós-graduação em Cambridge, estudo magia analítica.…* Realmente precisava reforçar essas coisas, porque aquela imensidão plana ameaçava corroer seu senso de identidade até que ela não passasse de um amontoado de memórias desconexas. Rostos aqui, sentimentos ali, mas o que tudo aquilo formava? Quem aquelas lembranças constituíam?

O efeito mais estranho disso foi que suas lembranças pararam de perturbá-la tanto. Seu crânio não parecia mais tão apertado que chegava a doer. Em vez disso, os pensamentos tinham espaço e tempo para se espalharem, uma correnteza da qual podia se afastar, escolher o que lhe servisse. As coisas terríveis ainda estavam lá, mas, de alguma forma, era mais fácil deixá-las

simplesmente… escorrer por entre os dedos. Ela passou a ter uma maneira de organizar aquelas lembranças, uma narrativa coerente construída sobre as premissas mais básicas, que repetia mentalmente sem parar, só para lembrar a si mesma que ainda era humana.

Meu nome é Alice Law.

Às vezes sou muito inteligente, mas na maior parte do tempo não sou.

Em algumas ocasiões fui uma boa pessoa, e em outras uma pessoa ruim.

Mais cedo ou mais tarde, vou morrer.

Mas, antes que isso aconteça, vou tentar, vou tentar com todas as forças, fazer com que valha a pena.

* * *

De repente, ouviu passos apressados atrás de si, e seu coração quase parou de medo. Mas, ao se virar, viu que era apenas um pobre animal cambaleante. Um leopardo, lobo ou coiote, não conseguia distinguir à luz fraca. Era uma criatura feita de pele e ossos que parecia estar à beira da morte, mas ainda não exatamente morta. Elspeth lhes dissera que tipo de coisa acabava parando no Inferno. Pessoas, animais e coisas esquecidas.

Alice decidiu que se tratava de algum tipo de felino de grande porte. Só podia supor, pois a pelagem estava muito suja e emaranhada, a cabeça e as orelhas cobertas de feridas. Mas os olhos brilhavam em um verde intenso, as pupilas estreitadas em fendas negras. Ela se lembrava vagamente, das aulas de biologia no primeiro ano, que somente os gatos conseguiam ter um olhar com aquele brilho fantasmagórico.

Os dois se encararam em silêncio, ofegando. Alice observou os flancos do felino fazendo esforço para se expandir, se contrair, se expandir. O animal estava muito magro.

— Pobrezinho — murmurou. — Como você veio parar aqui embaixo?

O felino avançou a passos suaves. Ela se deu conta, tarde demais, de que deveria estar com medo, que sob aquela pelagem embaraçada e aquelas costelas à mostra ainda era óbvio que havia um predador mortal que passara tempo demais sem comer. Suas mandíbulas reluziam, saliva pingava das presas amareladas. Borges certa vez escrevera sobre um incêndio distante, cor-de-rosa como as gengivas de um leopardo. O felino agora estava tão perto que Alice via a ferida em carne viva que era sua boca. Ela se perguntou se aquele seria o leopardo do autor. Fogo na goela, chamas vorazes.

Seu medo era algo vago, intangível. Simplesmente não conseguia sentir nenhum pânico genuíno diante da ideia de ter a jugular dilacerada, o sangue

escorrendo e encharcando o cinza suave. Parecia uma ideia abstrata, e interessante de um ponto de vista estético. *Dilaceração* era uma palavra tão carnuda, tão visualmente sugestiva. Alice sentiu um desejo culpado de se lançar contra aquelas presas e testemunhar o rasgo e a ruptura subsequentes. Não conseguia conter esse impulso, a atração sempre estivera ali. Passou a entender as Sombras que haviam corrido em direção a Cérbero. Ainda assim, imaginou que Peter não a salvara para que fosse devorada por um leopardo desnutrido.

Ela pensou em alcançar a mochila, mas teve medo de que a visão de uma faca fizesse o felino atacar. De qualquer forma, não queria se arriscar contra aquelas presas. Tinha água do Lete no frasco, mas isso não a ajudaria. O pobre animal não saberia que devia temer aquelas águas. Talvez já as tivesse bebido, confundindo-as com um riacho límpido. Talvez já tivesse perdido a noção de si mesmo, de sua história, sua alcateia e seus filhotes. Talvez só soubesse que estava faminto e que não conseguia sair daquele lugar.

Alice recuou. O felino avançou, mantendo distância entre ambos.

Que patas macias, pensou Alice. *Pisam com tanta delicadeza, sem deixar nem mesmo pegadas na areia. O que eu não daria para pisar com tanta graça assim.*

Os dois se movimentaram outra vez, em sincronia. Depois de novo, e de novo. Passo a passo, se deslocaram pelas dunas, presos naquela dança de apreensão. O felino não atacou. Alice não sacou a faca. Ainda assim, parecia fundamental que não desviasse a atenção, pois, sempre que vacilava, o felino se inclinava para a frente, farejando qualquer brecha em sua guarda. Então Alice manteve o olhar o mais firme que pôde enquanto se movia, presa aos olhos famintos e injetados do animal. E, por causa disso, não viu quando pisou na armadilha dos Kripke.

De repente, seu pé não se mexia mais.

Alice soube, no instante em que pisou, que estava presa. Reconheceu o enrijecimento que se espalhou por seus membros e seu corpo. Era uma armadilha simples, nem de longe tão complexa quanto o quebra-cabeça interminável que mantivera Peter e ela andando em círculos por horas. Mas todas as obras dos Kripke tinham certa contaminação, o gosto calcário da magia. E Alice o sentiu, espesso e amargo, na garganta.

O felino saltou para mais perto, deliciado.

Alice permaneceu imóvel, quase cega de terror.

Que seja rápido, implorou. *Dilacere meu pescoço primeiro, não me faça sofrer*.

Em seguida, o felino também ficou preso. Ela viu, perto da pata direita, uma linha de giz que se estendia ao redor da cauda. O animal inclinou a cabeça,

confuso, e se agachou para saltar de novo. Dessa vez, a armadilha se intensificou. O felino uivou, de dor e perplexidade, quando toda a sua energia cinética não foi a lugar nenhum e, em vez disso, ricocheteou contra o próprio corpo.

Alice e o felino arfavam, se encarando. Seus rostos estavam a centímetros de distância. O animal se contorcia, desesperadamente faminto, a saliva escorrendo das mandíbulas para a areia, que a engolia. Sob a pelagem emaranhada, era possível ver a silhueta do que aquela criatura fora um dia, a tensão dos músculos contra os ossos.

Que desperdício, pensou ela. *Toda essa força e sem ter onde usá-la.*

Os olhos do animal estavam arregalados de pânico; as pupilas quase desapareciam em meio ao verde. *Me ajuda*, parecia querer dizer. *Por favor, me ajuda*.

— Eu bem que gostaria — sussurrou Alice. — Sinto muito.

Enterrado na areia entre ambos, jazia o crânio reluzente de um pássaro. Um vento invisível soprou pelas cavidades dos olhos, e um canto baixo de cuco ecoou pelas dunas. *Venham, venham*, dizia aos Kripke. *A presa está aqui.*

Foi então que Alice notou os baldes de metal dispostos ao redor deles, expostos sob o encantamento da armadilha. Ouviu um rangido ao alto, então olhou. Um conjunto de lâminas se erguia, centímetro a centímetro, acima dos dois, suspensas no ar por um mecanismo invisível de polias. Elas atingiram o ápice, depois oscilaram para a frente e para trás, calculando. Em seguida se voltaram para o felino.

Alice era capaz de deduzir a linha de raciocínio. A armadilha tinha avaliado a vida dela comparada à do felino e decidido que a dele valia mais: era maior, continha mais sangue. As lâminas despencaram com um silvo. Não foi um golpe perfeito. Elas não cortaram: em vez disso, rasgaram. O sangue jorrou, mas lentamente, e o animal uivou de dor, rodopiando em círculos com as garras estendidas para Alice, como se estivesse implorando para que o ajudasse a se libertar.

Mas ela não estava mais lá. Tinha se perdido em lembranças de gritos. Só conseguia pensar em Peter sofrendo o mesmo destino, pendurado de cabeça para baixo, a vida se esvaindo para dentro daqueles baldes. Por um momento, não conseguiu se mover, paralisada de terror. Seus membros pareciam flutuar, distendidos. Um zumbido metálico começou na base da cabeça e foi ficando cada vez mais alto, até Alice sentir o crânio vibrar, até achar que ia se despedaçar. Ah, se ao menos pudesse se estilhaçar, se ao menos tudo aquilo *acabasse*. Mas a agonia continuava, e o horror atingiu um nível ensurdecedor.

O animal se engasgou. Algo havia se rompido em seu interior, e o sangue

começou a jorrar por entre as presas. O líquido não se infiltrava na areia, escorria, guiado por magia, para dentro dos baldes, em vários filetes quentes e espessos serpenteando pelo chão. A coluna vertebral do felino se contorceu. Ele se encolheu em posição fetal e depois se esticou em uma linha reta, estirado na areia. Na mente de Alice surgiu a lembrança absurda do gato norueguês da floresta de Belinda, uma criatura doce chamada Dame Antonia, que conseguia se estender feito um tapete, parecendo ter o dobro do comprimento. *Os gatos parecem água*, dissera Belinda, com sua risada tilintante e esse barulho foi aumentando, misturando-se aos uivos agonizantes do animal.

Por fim, os baldes estavam cheios até a borda, e o felino ficou imóvel. Alice escutou um rangido horrível enquanto as polias se reposicionavam. Dessa vez, as lâminas miraram nela.

— Pensa — disse Alice, arfando. O som da própria voz, metálica, frágil, humana, a trouxe de volta, a centrou em outra sensação que não o próprio pânico. — *Pensa*.

Ela se agachou na areia, procurando por qualquer vestígio do pentagrama, e lá estava: uma das pontas à mostra, uma palavra escapando do encantamento. *Chelone*. *Tartaruga*, em grego.

Alice emitiu um ruído que era um misto de risada e grito. Zenão de Eleia, é claro. Estava presa porque os Kripke haviam inscrito o primeiro dos paradoxos de movimento do filósofo. Aquiles aposta corrida com uma tartaruga, mas lhe dá uma vantagem inicial. Quando o guerreiro alcança o ponto onde a tartaruga estava, o animal já avançou. Ele a alcança mais uma vez, mas a tartaruga já avançou mais um pouco, e assim Aquiles jamais a ultrapassaria, e o movimento seria fisicamente impossível.

Ninguém mais usava Zenão, era coisa de calouro. Qualquer pessoa que cursasse a matéria de Introdução à Magia já sabia que espaço e tempo não eram divisíveis ao infinito dessa maneira. Mas, ali embaixo, os Kripke caçavam criaturas famintas e irracionais. Um sinal de que estavam ficando preguiçosos.

Alice tinha giz. Precisava de sangue. Estendeu o braço para alcançar o balde mais próximo, mas sua mão apenas roçou a lateral. Respirou fundo e lançou o braço o mais longe que conseguiu, com toda a força. A ponta do dedo agarrou a borda do balde. Ela puxou, e o balde tombou. Sangue escorreu por seus dedos e encharcou o giz. O sangue do felino era denso e fresco, e o giz deslizou com tanta facilidade que levou apenas alguns segundos para escrever, em linguagem matemática, o equivalente à afirmação: *Se não fosse o cálculo*.

As pernas dela se soltaram. Alice pulou e rolou para o lado, bem no momento em que as lâminas cortaram o ar, sibilando no vazio.

* * *

Quando voltou a si, quando o pânico diminuiu e o coração desacelerou, ela estava morrendo de fome.

Foi o sangue do animal que fez isso. O cheiro impregnava o ar: almiscarado, salgado, delicioso. Alice se ajoelhou e, depois de passar os dedos pela areia e desativar de vez armadilha, enterrou o rosto no cadáver e gemeu.

Não conseguia se saciar. Não eram apenas o sangue e o calor residual, era a pura asquerosidade do cadáver. Fazia muito tempo que não ficava perto de vísceras tão frescas, esses componentes úmidos e moles da *vida*. O Inferno deixava os sentidos famintos. Tudo ali embaixo era tão limpo e silencioso, tão *estéril*. Mas o fedor do animal era prova de que a vida era suja, cheia de sangue, tripas e cartilagem. Decomposição significava vida. Teve vontade de rolar naquela sujeira, foi tomada pelo desejo incontrolável de despejar um balde de sangue sobre a própria cabeça, espalhá-lo no rosto e nos braços e se embrenhar naquele corpo até os dois se tornarem um só.

A razão prevaleceu. Alice começou a fazer uma fogueira.

Tinha alguns fósforos ainda secos, e as páginas de seu caderno eram um bom combustível. Em pouco tempo, tinha uma chama estável rugindo diante de si. Soltou as lâminas dos Kripke das polias e cortou o flanco do felino até obter vários nacos de carne. Cavoucou mais fundo e encontrou o que pareciam ser o coração e o fígado. Órgãos são nutritivos, ela se lembrava de ter lido em algum lugar. Coma-os primeiro. Espetou tudo em uma das lâminas e colocou diretamente nas chamas. Deixou queimar. Não se importava. Queria que ficasse bagunçado, com fuligem, sangue e tudo o mais. De qualquer forma, não aguentaria esperar até que a carne estivesse totalmente cozida. Assim que o cheiro invadiu suas narinas, a barriga gritou de fome e, em sua mente, Alice se viu com o mesmo olhar faminto que o animal havia lhe dirigido antes. Agarrou a carne. Queimou os dedos, mas não percebeu. O fígado, que ela devorou rápido, se desmanchou em seus dentes. Teve que mastigar o coração por um bom tempo, saboreando a dor que causava nas gengivas. O gosto era o de menos, mal o registrava. A única coisa que importava era que as substâncias químicas em seu estômago soubessem que se tratava de matéria biológica nutritiva, e que isso era bom.

Àquela altura, o restante da carne já estava cozido, a gordura irresistível crepitando, mas as entranhas de Alice se reviravam só de pensar em comer mais alguma coisa. Ela se deitou de costas e ficou olhando para o céu, atordoada.

Que viagem.

Teria adorado o luxo de ter um colapso mental, mas infelizmente o tempo

voltara a fazer sentido. Tinha sido arremessada de novo em um esquema de mudança e passou a sentir um impulso a levando adiante, a um destino, a coisas a fazer e resolver. Precisava se ocupar com o que quer que fosse acontecer dali a algumas horas. Futuridade! Que conceito.

Quando seus sentidos voltaram um pouco ao normal, examinou a carcaça esparramada. Poderia ter sido mais cuidadosa ao cortar a carne — havia vísceras, sangue e pedaços de carne espalhados pela areia e já não era fácil distinguir o que era o quê —, mas ainda assim conseguiu pedaços de bifes inteiros dos flancos e das patas do felino. Não fazia ideia de como curar carne, mas imaginava que cozida duraria mais do que crua. Provisões para o futuro. Um futuro. Incrível. Assou a carne usando a faca como espeto, observando atentamente enquanto a forma crepitante passava de vermelho-vivo para um preto ressequido. O cheiro a deixou faminta de novo. Rasgou a carne em pedaços e comeu com voracidade, lambendo gordura dos dedos queimados.

Pela primeira vez em muito tempo, tinha consciência do próprio corpo. Sentia seus desejos e dores. Sentia sua força. Virou a mão direita diante dos olhos e encarou, maravilhada, as veias e sulcos. Tantas pequenas peças rangentes compunham aquela máquina pulsante. E o maior milagre de todos: ela funcionava.

Sentiu algo mais: um rugido vibrante no fundo do estômago. Não conseguia descrevê-lo com precisão. Era uma sensação que nunca havia experimentado. Na verdade, a intensidade daquilo a assustou. Mas, naquele momento, tudo o que Alice sabia era que queria desesperadamente matar alguma coisa.



CAPÍTULO TRINTA

— Ora, ora. — O chão estremeceu. — Olha só quem está aqui.

Alice se apoiou nos cotovelos.

— Olá, Gradus.

O sujeito se aproximou flutuando.

Ela acenou com a cabeça na direção dos bifes.

— Experimenta.

Esperava que ele zombasse. Ficou surpresa quando a resposta foi:

— Defuma pra mim.

Alice obedeceu, mergulhando o espeto improvisado no fogo até a carne ficar enegrecida. Gradus se inclinou sobre as chamas. Gavinhas de fumaça cinzenta se enroscaram em sua essência, de modo que, por um instante, a Sombra e a fumaça pareceram uma só entidade, e Gradus emitiu ruídos baixos de satisfação. *Turificação*, pensou Alice. Era essa a palavra. Ela se lembrou das pequenas oferendas que seus pais deixavam durante os festivais, oferendas para os ancestrais mortos acompanhadas de incenso de queima lenta. Percebeu que era isso que acontecia do outro lado. Fantasmas enfiando a cabeça na comida espessa e quente. *Da próxima vez, vou dispensar o incenso*, disse a si mesma, *e jogar a comida direto nas chamas.*

— Desculpa — falou para Gradus.

— Pelo quê?

— Eu deveria ter escutado você. Nunca deveria ter ido com Gertrude.

A Sombra levantou a cabeça. Alice deu uma risadinha. O rosto de Gradus estava meio borrado pela fumaça, meio lambuzado e escorrendo, como um

homem em um churrasco sem babador. Ele com certeza havia produzido aquele efeito para diverti-la, e isso a agradou. Significava que ainda eram algo um para o outro.

— Ah. — Ele deu de ombros. — É claro que você foi. Parece bom demais na teoria. A gente sempre tem que saber como é.

— Você já esteve na cidadela.

— Claro que sim. Eu ajudei a construir aquele lugar. Passei incontáveis anos ao lado de Gertrude, planejando nossa paisagem em expansão. Fui uma árvore naquele pátio, imóvel, quase desapareci. Fui uma alma que zanzava nos jardins, repetindo os mesmos passos várias vezes. — Gradus se curvou de novo sobre o fogo e deu uma longa e satisfatória tragada. Suspirou. — E me equilibrei sobre as rochas, observando as ondas, me desafiando a pular.

— Por que você foi embora? — perguntou Alice.

— Porque a tentação era forte demais. Naqueles últimos anos, eu… Todos os dias, sabe? Cada segundo. Passei muito tempo ali, na beira daquele penhasco. E no fim soube que se ficasse lá por mais um segundo que fosse, eu ia mesmo pular.

— E por que não pulou?

— Essa é a grande questão, não é?

— Desculpa. — Alice sorriu. — Acho que é.

— Eu simplesmente não consigo entender. — Gradus abriu as mãos. Todo o seu ser também se expandiu, uma nuvem triste e confusa. — Não sei como seguir em frente, mas não quero morrer. O tempo não oferece saída, e tudo se resume a duas opções: acabar de vez ou continuar. A primeira parece mais elegante, e com certeza mais racional. Um fim definitivo comparado ao sofrimento infinito. Mas então por que não estamos fazendo fila pra pular? Não pode ser só medo, sabe? O medo se esgota. Até mesmo os piores terrores se desgastam com o tempo. Eu costumava me encolher diante daquelas ondas, e agora nem sequer estremeço. Vejo outros pularem o tempo todo, e o fato de eles se desfazerem não me assusta, não desvio o olhar. Mas ainda assim eu mesmo não pulo. Não consigo. Algo dentro de mim se recusa. Por que será? Agora você entende o problema. — O tom dele ficou mais urgente. — Estou procurando a razão. E se temo alguma coisa, é que essa razão não exista e que eu esteja preso à existência por causa de uma ilusão.

— Não sou a primeira viajante que você encontra — adivinhou Alice.

— Longe disso.

— E você faz essa mesma pergunta a todos. “Por que continuar?”

— Sim.

— E já disseram alguma coisa útil?

— Nunca — respondeu Gradus. — Ou não acham que vale a pena, então temos o mesmo problema, muito comum entre viajantes, aliás; ou acham que vale, mas não sabem explicar. Pra eles, é tão natural quanto respirar. É claro que continuam, porque a vida não é divertida, afinal de contas? Estão delirando com a boa sorte. Nunca nem sequer cogitaram o porquê.

Alice passou a entender a frustração da Sombra. Entendia perfeitamente por que Gradus a havia jogado em Dis, mesmo que fosse apenas para que testemunhasse sua futilidade. Ela o perdoava por isso. Também ficaria frustrada se tivesse vagado por aquele deserto, presa entre duas opções ruins, e se deparasse com um idiota saltitante dizendo que nada daquilo importava.

— Eu só queria encontrar uma saída — confessou Gradus.

Alice revirou a mente em busca de consolo, mas não encontrou nada. Em toda a literatura ctônica não havia registro sobre esse problema fundamental, apenas relatos variados e detalhados de desespero sem fim. Ninguém estava muito interessado em como as almas saíam do Inferno. Ela só conseguiu pensar na resposta de Dante, a única possibilidade de salvação em todo o seu livro. Somente um ser poderia descer e resgatar almas do Inferno.

— Vamos supor que você seja resgatado por um ato de graça divina.

— Não seja escrota, Alice.

— Eu sei, desculpa. Queria poder te dar uma resposta.

— Tudo bem. Ninguém nunca conseguiu.

Alice observou o espectro cinza ondulando ao redor do fogo e imaginou como seria existir por tanto tempo, a ponto de sua identidade não estar mais ligada a um tempo ou a um lugar, mas sim a uma pergunta.

— E o que você vai fazer agora? — indagou Gradus.

— Ah. — Ela não hesitou. Sabia o que estava procurando. — Vou matar os Kripke.

Ambos olharam para o crânio do cuco. Durante todo aquele tempo, vinha emitindo um som baixo e constante, um sinal que atravessava o ar morto, alertando seus criadores sobre o que haviam capturado. Alice não tentara destruí-lo. Ela o havia deixado intacto de propósito.

— Eles vão demorar um pouco — comentou Gradus. — Sempre demoram. Não gostam de vir tão longe. Mas virão.

— Quanto tempo você acha que eu tenho?

— Quando a armadilha foi acionada?

— Faz só algumas horas.

— Os dois preferem os tribunais superiores. É mais seguro lá. E se deslocam por terra, nunca navegam. Então, eu diria que você tem pelo menos até o amanhecer.

— Ótimo — respondeu Alice. — Vou ter tempo de me preparar.

— Vingança? — questionou Gradus.

Não, pensou. *Mais do que isso.*

Pela primeira vez desde que havia descido para aquele lugar, sentiu certa clareza em relação a seu propósito. Sabia o que deveria fazer. Não podia mudar o passado, não podia desfazer o assassinato que havia cometido, não podia continuar se afundando na culpa nem trazer Peter de volta. Mas podia fazer sua própria morte significar algo. Talvez pudesse fazer *alguma coisa* para encerrar aquele ciclo terrível, e mesmo que terminasse com o corpo exangue na areia, talvez fosse suficiente.

— Vou purgar o Inferno — declarou.

— Ora, ora — respondeu Gradus. — Quanta confiança.

— Os Kripke sempre foram os caçadores. — Alice ficou um pouco tonta ao dizer isso. — Nunca foram caçados. Os dois não fazem ideia do que vão enfrentar.

Era muito estranho. Lá estava ela, marchando para a morte quase certa, e era a primeira vez em muito tempo que sentia que sua vida importava. Aquela urgência, aquele ímpeto — como se todo o seu ser, de corpo e alma, estivesse apontado como uma flecha, retesado com um propósito. Algo melhor do que raiva, desespero ou vingança. Sentia o coração batendo, o sangue correndo nas veias, do peito até a ponta dos dedos, fechados com força em torno das lâminas. Quando o sangue fosse derramado, teria um sentido.

Quanto tempo havia desperdiçado vagando por aí, atordoada? Ao olhar em retrospecto, teve vontade de gritar. Não, não queria se dissolver naquelas profundezas revoltas. Recusava-se a se petrificar em uma floresta em coma. Queria se chocar intensamente contra alguma coisa e, quando partisse, queria deixar uma marca.

— Uma pergunta, Gradus.

— Sim?

— Pra que lado fica o rio?

A Sombra emitiu um murmúrio pensativo.

— As coisas vão ficar muito mais interessantes se você me mostrar o caminho até lá — disse Alice. — Eu me perdi.

— Você não está longe. — Gradus desenhou um ângulo na areia. — É só seguir reto a partir daqui. Vai ver umas colinas, elas devem ficar sempre à sua direita. Aí você deve continuar até ouvir as ondas. E vai precisar de proteção. Alguma coisa mais resistente do que essa mochila.

Alice olhou para o cadáver esquartejado do felino.

— Parece apropriado — comentou a Sombra.

Alice se arrastou até o animal e começou a desmembrá-lo.

Descobriu que dava para fazer muita coisa com ossos. Extraiu todas as partes pontiagudas — garras, vértebras, a ponta da cauda — e as juntou em um lenço. Pensou que poderia segurá-las entre os dedos e, se necessário, arranhar bochechas ou furar olhos. Os fêmures do felino eram longos e robustos. Ela os golpeou contra uma pedra até transformá-los em adagas improvisadas. Encantada, testou o peso nas mãos. Eram mais leves do que as facas e se encaixavam melhor em seu punho.

Depois, a armadura. Foi preciso um pouco de esforço, mas no fim conseguiu extrair a caixa torácica do felino intacta e vesti-la por cima do próprio torso. Era mais leve do que pensava. Deu batidinhas nas costelas com a faca, e os ossos pareceram rijos. Não impediriam que uma lâmina perfurasse seu coração, mas protegeriam de golpes de raspão.

— Ah — fez Gradus. — Que aterrorizante.

Alice se inflou de orgulho.

A única parte que não conseguiu aproveitar foi o crânio. Passou quase uma hora arrancando os olhos e o cérebro com os dedos, mas depois de limpar tudo não foi capaz de separar o maxilar nem encaixar o crânio de forma que servisse de capacete. Sua cabeça simplesmente não cabia. Era uma pena. Teria ficado muito estilosa.

Em vez disso, Alice fez um pequeno monte de terra, dispôs algumas pedrinhas em um círculo preciso e colocou o crânio no topo. Até inscreveu um pouco de magia para manter o montículo intacto. Apenas uma pequena proteção que suspendia mudanças. Não impediria que alguém o derrubasse, mas o protegeria contra as pequenas erosões do tempo: o vento soprando, roedores escavando.

Ela se sentou, satisfeita. *Pronto*, pensou. Tinha dado a própria contribuição para o mapa da loucura. Anos poderiam se passar e o crânio do felino ainda estaria lá, as enormes órbitas vazias espreitando todos que passassem. Que atormentasse o próximo viajante que andasse por ali, exigindo uma interpretação. Alice se curvou diante do pequeno santuário, pois achava que o animal merecia um pouco de gratidão, e depois deu batidinhas de leve na testa do crânio.

— Não se esqueça de mim, viu? Mesmo que me estripem feito um porco.

— Não precisa lutar contra eles — disse Gradus.

— Como assim?

A voz da Sombra mal passava de um murmúrio.

— Você está em vantagem. Pode se esconder em Dis.

— Ah, Gradus. — Alice sorriu. — Está tentando me convencer a fugir?

O sujeito evitou o olhar dela. Seu rosto estava meio dissolvido na névoa, e o miasma em torno de suas pernas se enrolava e escurecia, como se o homem quisesse se esconder dentro de si mesmo. Alice achou isso adorável.

— Suas chances são péssimas.

— Eu sei.

— Os Kripke são assassinos experientes. Você é um ratinho. Os dois vão drenar seu sangue e chutar seus ossos no Lete. — Gradus fez uma pausa. — Não desejo isso para você.

Sabia que seria ingênua se achasse que ele se importava de verdade. Devia vê-la apenas como um gatinho de brinquedo. Ah, por favor, não corra para a rua. Ainda temos tanto do que brincar. Ainda assim, fazia tempo que ninguém expressava preocupação com sua morte, e isso a comoveu profundamente.

— Queria poder te dar cem anos de lembranças, John Gradus. — Ela fez um gesto indicando a névoa. O sujeito se encolheu de timidez, susto ou ambos. — Mas isso não tiraria nenhum grão de areia da ampulheta. Só estaríamos adiando o inevitável.

— Mas pelo menos você ainda estaria aqui.

Ele pareceu irritado.

— Se eu morrer, faz parte — declarou Alice. — Acho que não existe vida de outra forma. Viver é uma atividade que precisa de ação. Você tem que lutar por ela. Caso contrário, não está vivendo de fato. É só isso. Só um impulso. E nós dois já concluímos que isso não basta. Você sabe muito bem.

Gradus pairou em silêncio por um tempo. Então disse:

— Cheira um pouco de giz.

— O quê?

— Vai ajudar. Confia em mim.

— Não vou cheirar giz!

Era uma piada antiga em Cambridge que aquilo conferia a alguém toda a energia mágica em potencial de criaturas marinhas havia muito extintas. Mas o giz mágico também era uma substância controlada pela academia, conhecida por deteriorar os tecidos humanos quando ingerida, e o uso indevido podia levar uma pessoa a ser proibida de praticar magia por toda a vida. Então, apesar de todas as brincadeiras no pub, ninguém nunca havia experimentado.

— Estou falando sério — insistiu Gradus. — Cheira.

Alice pressionou a ponta de um bastão na capa do caderno. O giz se partiu em pedaços. *Que pena*, pensou. Sempre tinha admirado o fato de o Barkles não esfarelar.

— De onde eu venho, nós cortamos com canivete — comentou a Sombra.

Alice tentou esmagá-lo com a base da palma da mão, mas tudo o que

conseguiu foi deixar marcas na própria pele.

— Para de tirar uma com a minha cara.

— Só tenta.

Ela havia perdido o canivete, então tentou com o punhal. Depois de algumas tentativas, enquanto alternava entre o lado cego e o afiado da lâmina, conseguiu cortar o giz em pedaços que não a sufocariam. Quando parecia suficientemente granulado, Alice o juntou em um montinho na palma da mão. Depois se inclinou e aspirou.

O efeito foi imediato. A sensação era de que tinha enfiado wasabi nas narinas. Pontadas agudas de dor se espalharam do nariz até o crânio. Lágrimas brotaram. Ela recuou, cambaleando, pressionando as têmporas, enquanto manchas coloridas explodiam em sua mente. Uma cacofonia de lembranças, lembranças que nem sabia que tinha — coisas que ainda não conseguia identificar, totalmente estranhas, exceto pela intensidade. Uma mulher rindo. Um cervo assustado. A passada larga de um gigante. Uma corrida nua em direção ao lago, e o mergulho no frio cortante. Todos os axiomas do mundo rodopiando e dançando ao alto. Eis o mundo oculto, revelado e límpido, sem sombras, sem véus. Alice ergueu os braços acima da cabeça em uma postura primitiva de urso e, naquele momento, sentiu-se capaz de devorar o universo.

— Meu Deus. — Uma queimação gélida se espalhou por seus membros. *Estou em chamas*, pensou. *Estou em uma pira, e é delicioso*. *— Meu Deus*.

Gradus deu uma gargalhada.

— Eu avisei.

Ela deu um passo e vacilou. Cada movimento fazia a realidade girar lateralmente, provocando ondulações no Inferno. Tinha medo de respirar, com receio de causar o apocalipse.

O crânio do cuco piou mais uma vez. Alice o agarrou, o arremessou no chão e o esmagou com o pé.

Achou que conseguia ouvir o alarme. O sinal invisível passou a ser um zumbido perceptível aos seus ouvidos. Sentiu, do outro lado das dunas, uma consciência aguda e hostil voltar-se subitamente para ela, e isso a encheu de êxtase. Finalmente, um desafio.

— Venham! — gritou Alice para o deserto. — Venham me pegar! Estou bem aqui!



Capítulo Trinta e Um

Alice não era uma maga de tempos de guerra, mas todos os livros de história militar que havia lido reforçavam a importância de encontrar terreno elevado. Assim, ela foi primeiro até o rio, em seguida encontrou um ponto alto em uma escarpa de onde podia avistar os Kripke se aproximando de qualquer direção. O penhasco se projetava em saliências irregulares sobre o Lete, então Alice traçou um plano: atrair o casal até o topo e encontrar uma maneira de enganá-los para que caíssem da borda. A queda não era muito grande, mas não precisava que os matasse. Só precisava que se molhassem.

Depois, ela percorreu as colinas ao redor com um balde de sangue felino, mergulhando o giz e desenhando pentagramas em cada palmo de areia disponível.

Era uma tarefa estranhamente relaxante. Dava foco à sua mente ainda impregnada de pó. Era sempre reconfortante ter um objetivo bem definido e parâmetros claros para o sucesso. Durante os anos de faculdade, Alice havia participado de diversas Olimpíadas de Magia, nas quais os competidores tinham meia hora para desenhar pentagramas que realizassem uma série de ações. Fazer a bola de boliche levitar até o teto. Mover um pino de uma extremidade à outra do campo. Havia conquistado meia dúzia de medalhas por seu talento em fazer inscrições rápidas e precisas sob pressão. Naquele momento, voltou a ser tomada pela adrenalina da competição. Esquecer os Kripke por um instante, esquecer a iminência da morte e vencer o jogo. Eis o tabuleiro, eis o intuito: atrapalhar seus oponentes mais do que eles atrapalham você.

Ela recorreu ao repertório padrão. Em intervalos ao longo do terreno,

traçou todos os paradoxos de movimento de Zenão: Aquiles e a tartaruga, Atalanta na pista de corrida, a flecha em voo. Se Atalanta quisesse atravessar uma pista de corrida — se as criaturas de osso quisessem atravessar a área até o penhasco —, teria primeiro que chegar à metade do caminho, depois à metade da metade, e então à metade da metade da metade. Mas se continuasse dividindo as distâncias pela metade, ela teria que realizar um número infinito de tarefas e, portanto, provavelmente não conseguiria sair do lugar. E se as criaturas ósseas quisessem se mover — se, como uma flecha, quisessem atravessar o espaço do ponto A ao ponto B —, teriam que lidar com o fato de que, em qualquer momento isolado, se você congelasse a imagem de seus movimentos, elas estariam paradas. O tempo que levariam para alcançar Alice era composto por esses momentos estáticos, mas isso significava que estavam sempre parados, e nunca se mexiam. E não poderiam machucá-la se não conseguissem sair do lugar.

Tudo isso era bobagem quando se tinha conhecimentos de cálculo básico. Mas as criaturas de osso não sabiam cálculo.

Alice escreveu uma versão expandida do Paradoxo do Mentiroso onde o terreno se inclinava em direção à colina. Era uma brincadeira recorrente no departamento, que com frequência deixava os alunos de graduação indo de um lado para o outro, como se presos em cavalinhos de balanço:

A PRÓXIMA AFIRMAÇÃO É FALSA
A AFIRMAÇÃO ANTERIOR É VERDADEIRA

No topo do monte, bem perto da beirada do precipício, ela desenhou de cabeça um paradoxo muito especial. Não fazia a menor ideia se funcionaria, mas não precisava que funcionasse de fato. Bastava que mostrasse a Nick e Magnolia algo que nunca tivessem visto. Algo interessante o suficiente para fazê-los hesitar.

— Você parece muito preparada — comentou Gradus, que vinha flutuando em seu encalço enquanto ela trabalhava, murmurando elogios o tempo todo.

— Você podia me ajudar a lutar contra eles — respondeu Alice.

— O quê? Soprar e bufar até os dois caírem no chão? — Gradus se desfocou por inteiro, como se quisesse enfatizar a própria insubstancialidade. — Eu sou só uma Sombra, esqueceu?

— Tenho certeza de que você pode fazer um monte de coisas — insistiu Alice. — Poderia distraí-los, por exemplo. Dar rasantes, se erguer, se ondular e gritar bem alto.

Ela percebeu, porém, que havia superestimado a força do vínculo entre os

dois. Gradus gostava dela apenas quando era divertido. E, embora Alice considerasse o tempo que passaram juntos muito especial, ela era apenas uma fração da vastidão temporal do sujeito. Em mil anos, Gradus provavelmente só daria uma risadinha ao ouvir seu nome.

— Ah… bem — disse Gradus, pigarreando.

Alice achou que ele fosse dizer algo mais. Por um instante, Gradus de fato pareceu estar considerando, mas era muito menos constrangedor não falar nada. Despedidas só valiam o esforço quando se pretendia ver alguém de novo. Ele simplesmente se dissolveu onde estava, os cinza sólidos esmaecendo até virarem sombra. Houve uma leve brisa, então Gradus se foi. E Alice poderia ter se sentido abandonada, mas pensou a respeito do assunto por um instante e concluiu que não tinha motivos para ficar chateada.

Cantarolando, voltou ao trabalho.

Verificou todos os pentagramas e se certificou de que todos os círculos estavam fechados. Espalhou areia sobre sua obra, o suficiente para escondê-la de um olhar desatento, mas não a ponto de interferir no alcance dos pentagramas. Recuou, examinou o terreno, já liso, e acenou com a cabeça, satisfeita. Havia preparado um belo tabuleiro de xadrez. Era o melhor que alguém poderia fazer com a carcaça de um felino e giz encharcado.

Em seguida, se retirou para o alto da colina e ficou vigiando a chegada do exército de ossos.

* * *

A espera foi interminável.

Alice estava tomada por sede de sangue e pó de giz, ainda sem ter onde depositá-la. Já ultrapassara havia muito o estágio do medo. Tinha a sensação de estar em um trem em alta velocidade, prestes a colidir, e detestava sentir os minutos passarem porque cada um deles apenas adiava o fim. Em diversas vezes pensou — e desejou — ter ouvido estalidos, mas eram apenas lembranças vívidas demais. Sempre que acontecia, ela balançava a cabeça, como um cachorro molhado se livrando da água, e os estalidos cessavam.

Por fim, avistou a fileira branca em movimento. Nenhum sinal dos Kripke. Apenas uma coleção de ossos reconstituídos de cães, gatos e o que parecia ser uma pequena cavalaria de guaxinins.

Era uma horda muito maior do que a que havia atacado Alice e Peter perto do Tribunal da Ganância. Alice se perguntou se os Kripke sabiam que ela era especial, se teriam reunido seus melhores soldados especialmente para enfrentá-la. As criaturas se aproximaram, cobrindo a distância a uma velocidade

espantosa. Ela entoou baixinho: *Trinta cavalos brancos sobre a colina rosada*, pensou. *Primeiro, mordem. Depois, trituram.* As criaturas de osso chegaram à base da colina. *Então a cavalaria aguarda.*

Alice apertou com força o cabo da faca.

Por um momento, sentiu-se pronta para enfrentar o bando inteiro. Tinha esquecido que seus feitiços de fato funcionavam e que era uma excelente maga, até ver a prova disso. Estava certa. As criaturas não sabiam cálculo e não conseguiam distinguir Zenão de Deus. Um terço delas desacelerou, foi desacelerando cada vez mais, desacelerando infinitamente até que suas perninhas finas batiam, inúteis, em graus de frações cada vez menores. Apenas umas poucas sortudas conseguiram contornar as pilhas de companheiros incapacitados e, quando chegaram ao topo da colina, esse número já se reduzira a um punhado.

A mais corajosa dentre elas se aproximou, farejando com cautela. Tinha a constituição esguia e trêmula de um cão da raça whippet.

— Para com isso — ordenou Alice com severidade. — Vai. Senta.

A criatura guinchou e saltou sobre ela.

Alice cravou a lâmina em seu flanco. O animal caiu e, antes que pudesse se levantar, Alice a golpeou com a faca repetidas vezes até as costelas se partirem e os membros se esparramarem ao lado do corpo.

Ela se levantou.

— Mais alguém?

Todas atacaram ao mesmo tempo.

Mas como eram lentas! Alice não conseguia acreditar em como aquilo era fácil. Cheirar giz tinha alterado sua visão, sua percepção do tempo e do espaço. Seu campo visual se ampliara e se aguçara. Via cada mínimo detalhe, todo o giz que animava as articulações, cada traço da caligrafia meticulosa dos Kripke. E sabia exatamente onde atingir as criaturas para que o restante se desintegrasse. Sabia quando saltariam, onde miravam, onde estariam. Sabia como chegar lá primeiro.

Tchac. Tchac. Ela brandia a lâmina com o braço direito e um frasco com o esquerdo, aspergindo o ar feito um padre asperge água benta. O líquido dissolvia as articulações, a faca se encarregava do resto, e uma pilha de ossos começou a se acumular ao redor de seus tornozelos enquanto ela dançava.

Meu Deus, existiria algo que não fosse capaz de fazer? Era exatamente a mesma euforia maníaca que sentia depois de tomar cinco xícaras de café, quando se sentia repentinamente confiante de que poderia dominar qualquer área do conhecimento que quisesse — aquele breve êxtase sempre seguido de um colapso mental terrível. Só que ali o colapso nunca acontecia e, a cada movimento, à medida que o sangue de Alice pulsava mais quente, tudo ficava

mais e mais lento, até que teve a sensação assustadora de que sua mente poderia se desprender do corpo. Mas a sanidade resistiu, e os dois não se separaram. Ela pairou ali, à beira da transcendência, quando a realidade inteira ficou imóvel e as fissuras se tornavam visíveis. Teve um lampejo daquelas madrugadas no laboratório, toda vez que piscava e via o mundo oculto — e naquele instante tudo estava bem ali diante dela, não de forma abstrata, mas com uma concretude aterrorizante. Apenas ossos para esmagar. Colunas para quebrar.

Se ao menos Elspeth pudesse vê-la! Ela se lembrou da mulher dançando com a lança na margem do rio e imaginou que seus próprios movimentos naquele momento fossem igualmente graciosos. Como era divertido! Alice não apenas se defendia das mandíbulas afiadas dos inimigos. Fazia daquilo uma arte. Sua lâmina descrevia arcos belos e elegantes. Certa vez, o filósofo Chuang-Tzu conheceu um açougueiro tão habilidoso que sua faca nunca perdia o fio. O homem deslizava o cutelo pelos espaços ocos, onde não encontrava resistência. *Este é o Caminho*, pensou Alice. *Eu vejo os espaços ocos*. Ela cortava com tanta precisão as colunas das criaturas que as despedaçava com um único golpe. Uma das criaturas mais fracas foi atingida pelo cabo de sua arma e decapitada no ar enquanto caía. Devia ser assim que os lenhadores se sentiam toda vez que golpeavam com o machado e a madeira se partia ao meio. Quanto prazer proporcionava aquela competência tátil. Destruição limpa, e a terra se abria sob suas mãos.

Depois de eliminar os agressores, Alice desceu a colina e liquidou também as criaturas aprisionadas nas armadilhas. Achou prudente ser minuciosa. Os Kripke poderiam libertá-los, e então ela estaria em apuros. Mas os Kripke ainda não tinham aparecido, e os alvos de Alice estavam imóveis, as colunas cediam com facilidade quando as despedaçava.

Pensou ter lido o medo nos ossos deles. Sim, de fato tremiam. Não conseguiam mover as pernas, mas podiam tremer, abaixar a cabeça, encolher-se, em uma imitação perfeita de seres vivos com medo do chicote. E isso talvez a tivesse feito hesitar, mas então viu o rosto pálido de Peter sobre o de cada um deles, e as lâminas cortando o ar. Alice golpeou. Quando a faca se chocava contra a coluna, o som de algo se arrebentando era tão agradável que o prazer que sentia abafava todo o resto. Nunca havia sentido o êxtase da pura entropia. De fato, era muito bom simplesmente despedaçar coisas. Queria que aquilo durasse para sempre, e ficou desapontada quando percebeu que os alvos haviam se esgotado. Não havia mais nada para atacar.

Alice ficou de pé, com o peito arfando, e olhou para as dunas vazias. A seus pés, um crânio sem corpo mordiscava seu tornozelo. Ela lhe deu um chute brutal. O crânio rolou colina abaixo e parou no meio da carnificina.

Havia aniquilado a horda. Os campos estavam silenciosos.

— Venham — exigiu ela, ofegante. O giz queimava suas narinas. Ela teve uma fantasia desvairada na qual devorava os Kripke vivos, arrancava suas cabeças e as mastigava inteiras. — Apareçam.

* * *

Eles apareceram segundos depois: três figuras saltando na colina, olhos escuros e corpos cobertos por uma armadura de osso. Papai Urso, Mamãe Urso e Ursinho voltando das férias. Cachinhos Dourados se comportou muito mal em nossa casa. Cachinhos Dourados tem que ser abatida como um porco. Bolsas pendiam de sua cintura — úmidas e inchadas a ponto de estourar, balançando a cada movimento —, e seus braços reluziam com sangue fresco e vermelho. Sangue de Peter.

Os Kripke pararam por um momento para observar a chacina.

Conversaram entre si. Alice queria poder ouvir o que diziam, pois provavelmente incluía alguns elogios. Uma maga habilidosa. Ah, sim, muito habilidosa. Deve ter estudado em Oxbridge. Temos que ter cuidado.

Em seguida, a família avançou pelo campo.

Alice deveria saber que seus feitiços tolos dificilmente os deteriam. Mesmo assim, a velocidade com que eles os destruíram a abalou. Nick Kripke parecia nem mesmo ler o que ela havia escrito. Uma única olhada para o giz exposto foi o bastante. Sangue jorrou da bolsa que o homem levava, e ele lançou contrafeitiços na areia, dissolvendo os desenhos de Alice sem nem sequer olhar. O sujeito não reduziu o passo, nem mesmo o Paradoxo do Cavalo Branco o fez hesitar, e ela tinha certeza de que Nick nunca havia estudado chinês. Theophrastus e Magnolia seguiam seus passos enquanto, uma a uma, as defesas de Alice se dissolviam.

Theophrastus fez uma breve pausa diante do Paradoxo do Mentiroso em dois passos — seus pés balançavam para a frente e para trás enquanto lia as frases em voz baixa —, mas então a mãe o puxou para o lado e chutou a areia vermelha para longe.

Os Kripke olharam para cima. E a viram de pé no topo da colina.

Ela também os viu com clareza: as formas esguias e ossudas, armaduras pontiagudas e reluzentes. A metade superior dos rostos estava escondida sob capacetes de osso, e os olhos que Alice via através das órbitas vazias dos crânios cintilavam com uma inteligência sinistra. Todos tinham expressões maliciosas idênticas: lábios finos esticados revelando dentes afiados e com bordas escuras. Os lábios de Magnolia pareciam tão vibrantes, de um vermelho tão intenso, e

tinham o brilho escarlate de um batom de loja de departamento. Embora Alice não conseguisse imaginar onde, no Inferno, a mulher teria encontrado um pigmento tão vivo, a não ser no sangue.

Primitivos não era a palavra certa. Eles não haviam se deteriorado, como uma família perdida por meses em uma trilha. Não haviam perdido as faculdades mentais em meio ao desespero. Tampouco se assemelhavam a Elspeth, cuja indumentária improvisada era um amontoado de sucata transformada em arte caseira e patética. A armadura dos Kripke era impecável, feita sob medida para um propósito indecifrável. *Eles se tornaram alienígenas*, pensou Alice. Não se moviam como humanos, não pensavam como humanos. Tinham evoluído, se adaptado ao ambiente, tornando-se os superpredadores que faltavam no submundo.

Cada centímetro do corpo de Alice queria fugir. Teve que sufocar seus instintos com a mente racional e estridente. *Corra, e Gradus vai zombar de você. Corra, e vai apenas adiar o inevitável. Corra, e vai ficar de costas para a besta.*

Os Kripke pararam na base da colina.

Eles a observaram por um longo momento, as três cabeças inclinadas para a esquerda em ângulos idênticos. Nick e Magnolia conversaram em voz baixa. Então, a mulher subiu primeiro, com Theophrastus logo atrás.

A mente de Alice se voltou involuntariamente para os agradecimentos de tantas dissertações e teses. Por fim, muito obrigado à minha amada esposa, que cuidou da nossa casa, pôs a mesa, preparou as refeições de nossos filhos, digitou todas as minhas anotações e ainda por cima teve a maioria das minhas ideias originais. Querida, você torna nossa vida possível. Seu amor me inspira.

— E quem são vocês? — debochou Alice. — Assistentes de pesquisa?

Theophrastus se desvencilhou e correu colina acima, gritando.

Isso pareceu surpreender até mesmo Magnolia, que estendeu o braço para tentar agarrá-lo, mas ele se esquivou, escalando o terreno de quatro com uma velocidade sobre-humana, rosnando e ganindo feito um lobo.

Alice teve um vislumbre atordoante de todas as crianças malcriadas que já havia encontrado na vida. Crianças pequenas esperneando no mercado. Primos visitando nas férias, gritando até ficarem com as bochechas vermelhas. Os filhos birrentos de Helen Murray, de quem já havia cuidado por alguns trocados. O menino mais novo tinha feito cocô nas calças e fingira que não. As mais velhas gritaram de tanto rir e dançaram em volta dele, cantando que o irmão fedia, e a mais nova decidira que era um leão e ficava mordendo os tornozelos de Alice. Ela se lembrou de como as crianças eram capazes de causar destruição com tanta alegria, de como quebravam e batiam nas coisas sem se importar com as consequências, de como, certa vez, na casa de Helen Murray, tivera um impulso

violento e condenável de dar um tapa em uma delas. Acima de tudo, ela se lembrou de que crianças eram assustadoras… mas eram *crianças* — e muito, muito pequenas.

Theophrastus avançou em disparada, e tudo o que Alice teve que fazer foi agarrá-lo pelos braços e levantá-lo, esperneando, no ar. O menino era tão leve. Teria sido muito fácil jogá-lo da beirada do penhasco, mas Alice não queria machucá-lo. Aquilo não era culpa dele. Decidiu prendê-lo na armadilha de Zenão. Hora do castigo, vá para a cama e deixe os adultos conversarem. Ela arrastou a criança em direção ao pentagrama enquanto ele se debatia.

Magnolia surgiu no topo da colina.

— Você — disse Alice, arfando — é uma péssima mãe.

Ela se perguntou por que a mulher ainda não havia atacado. Então lhe ocorreu que talvez pudesse usar Theophrastus como refém. O menino estava entre as duas — talvez Magnolia estivesse com medo de que Alice o machucasse. Alice ainda estava pensando na melhor maneira de fazer essa ameaça quando Magnolia agarrou o próprio ombro esquerdo e arrancou o braço com um estalo seco.

Alice ficou boquiaberta.

A mulher lançou o braço esquelético contra o rosto de Alice. O osso frio atingiu a bochecha e a mandíbula dela, fazendo seus dentes estremecerem. Magnolia golpeou de novo e, dessa vez, a força do impacto derrubou Alice no chão. Theophrastus se soltou, gritando e batendo palmas.

Magnolia avançou, girando o braço morto e murcho como se fosse uma maça medieval.

Alice se levantou, cambaleando, tomada por uma fúria indignada. Como a situação era absurda. Peter não havia morrido no deserto para que ela fosse espancada com um braço arrancado.

Magnolia desferiu outro golpe. Dessa vez, Alice antecipou o movimento. Agarrou o braço pelo pulso e puxou com força. O pó de giz ainda corria em suas veias. Ainda sentia uma força cujos limites desconhecia. Pelo visto, isso chocou a mulher, que quase não ofereceu resistência. O braço escorregou da mão dela.

Certo, pensou Alice. Aquela era sua vantagem. Os Kripke não estavam acostumados a nada que revidasse.

Magnolia sacou a faca.

Não, não, pensou Alice, atirando o braço longe e se lançando contra Magnolia.

Alice nunca havia brigado com ninguém. Tinha sido uma criança muito bem-comportada. O mais perto que chegara de uma briga fora em um jogo de basquete na escola. Tinha ficado com tanta raiva porque outra menina roubou a

bola que lhe deu um chute na canela. Foi expulsa do jogo por isso. Os pais foram buscá-la e a repreenderam no carro enquanto ela chorava e dizia que não sabia por que tinha feito aquilo, que nunca mais seria tão má. A lição ficou gravada em sua mente desde então: o corpo dos outros é inviolável e não se deve tocá-lo sem permissão. Não se deve tentar feri-lo ou quebrá-lo. Mantenha distância, e todos manterão distância de você, cada um no próprio espaço. Portanto, foi um grande choque quando colidiu com Magnolia e as duas rolaram pelo chão, ainda lutando. Os sentidos de Alice, aguçados pelo giz, não a ajudavam naquele momento. Ela percebia apenas baques e socos, arranhões e pontas afiadas. Não enxergava nada, pois o cabelo cobria seus olhos. Golpeava o ar às cegas, sem saber se acertava alguma coisa. Achava que tinha atingido algo, mas podia ser apenas couro, apenas uma armadura. Teve a vaga impressão de que estava perdendo. Logo estava deitada de costas, sem ar. Magnolia a imobilizava com os joelhos. A faca da mulher vinha em sua direção. Alice ergueu as mãos e agarrou seu pulso, tentando desviar a lâmina. Mas Magnolia era muito forte. A faca chegou perigosamente perto do rosto de Alice.

O olhar dela se desviou então para a bolsa na cintura da mulher: carmesim, pulsante. Então, duas ideias surgiram em sua mente:

Nós estamos na armadilha de Zenão.

Ela precisa de sangue para sair.

De repente, Alice soltou o braço dela. Magnolia, que esperava que ela resistisse, se desequilibrou para a frente. A faca se cravou na terra ao lado da cabeça de Alice. Isso lhe deu tempo suficiente para se contorcer e, desesperada, mirar o cinto da mulher. A bolsa se rompeu. Sangue espirrou em seu rosto — sangue de Peter, metálico, salgado e, de alguma forma, ainda quente. A enxurrada de lembranças quase a sufocou — a armadilha de Escher se fechando, o sorriso do rapaz, o ranger do ferro —, mas com muito esforço conseguiu manter o foco, lembrar-se dos algoritmos mais básicos. Sangue invadia seus olhos e nariz. Ela engasgava e fungava enquanto as palavras em grego antigo gorgolejavam em sua garganta.

Magnolia ergueu a faca acima da cabeça de Alice. Na metade do arco, seus movimentos desaceleraram pela metade, depois pela metade de novo, depois outra vez pela metade. Alice via os braços dela lutando para avançar centímetro a centímetro, milímetro a milímetro, mas era inútil. Quanto mais a mulher tentava se mover, mais lenta ficava, mais sua liberdade desaparecia, reduzindo-se ao número um dividido por quadrados de dois, até que, na prática, Magnolia ficou imóvel, ajoelhada. Atrás dela, Theophrastus permaneceu completamente paralisado, com as mãos congeladas no meio de uma palma.

Alice se levantou, trôpega.

As únicas coisas que Magnolia conseguia mover eram os olhos. Ela encarou Alice, com o olhar injetado de sangue e fúria. Alice via sua frustração, seu desprezo. O Paradoxo de Zenão. Um paradoxo de *criança*. Mas, para refutá-lo, precisava de sangue, e ele estava todo na areia.

— Rá — disse Alice.

Os olhos de Magnolia se arregalaram de terror. E, por um instante, Alice não conseguiu entender por quê, até que o olhar da mulher deslizou para a faca na sua mão, e então ela compreendeu: do ponto de vista de Magnolia, o próximo passo lógico seria matá-la, junto de seu filho.

Alice não havia pensado tão longe.

Em todas as suas fantasias, era o rio quem fazia o trabalho sujo, e ela apenas assistia, absorta.

Mas o que fazer naquele instante?

Corta a garganta deles, sussurrou o giz em seu sangue. Mas seu braço não se movia, a faca não se erguia. Alice só conseguiu ficar ali, estagnada pela indecisão, até que Nick Kripke começou a subir a colina.

O homem parou no topo, sua atenção se alternando entre Alice, a esposa e o filho. Era óbvio que estava calculando se a matava ou libertava a família.

Alice não podia deixar que ele escolhesse a segunda opção. Não conseguiria lutar contra os três ao mesmo tempo.

Então ela arriscou. Deu as costas para Magnolia e Theophrastus e disparou colina acima, onde sua obra-prima a esperava, com todas as peças no lugar, exceto pelo sujeito dentro do círculo. Acertou em cheio. Nick a seguiu. Havia apostado na curiosidade dele.

Eis a única coisa que ainda era capaz de cativá-lo depois de todos aqueles anos, mais até do que sangue fresco: um avanço teórico, um trabalho que nunca tinha visto. O casal era mestre em sua arte, mas tinha apenas o que guardava na própria mente. Passaram anos sem acesso a arquivos, sem contato com linhas de pensamento surgidas em outros lugares e em outras épocas. Enfim, ali estava algo que Nick Kripke não havia passado décadas dissecando, e foi por isso que cometeu o erro fatal de parar para ler.

Atrás dele, Alice entoou.

Recitava os versos do feitiço gravado em sua mente, substituindo o nome “Nicomachus Kripke” por “Jacob Grimes”, falando cada vez mais rápido, antes que o homem entendesse o que ela pretendia fazer, de modo que sua voz já não soava humana, mas como um lamento agudo e distorcido. O uivo de uma bruxa, o uivo de Ericto — e ela estava tão perto do fim, faltavam apenas duas frases, quando Nick se virou com o pânico estampado no rosto.

As mãos dele se lançaram para a frente. Alice ergueu os braços, mas ele os

afastou. Os dedos do sujeito se fecharam com força ao redor do pescoço dela. Alice engasgou, mas não conseguiu emitir nenhum som. Se ficasse em silêncio, o encantamento não seria arruinado e não teria que recomeçar desde o início. Faltavam apenas duas frases, bastava um fôlego, se conseguisse manter a calma e sussurrá-las. Mas os polegares de Nick pressionaram sua traqueia com força. Ela não conseguia respirar. Alice se contorceu, mas não encontrou ponto de apoio. O aperto dele era firme, a pressão dolorosa e imensa. *Ah, meu Deus*, pensou. *Eu estava tão perto.*

Então, ouviu-se um guincho, fez-se um lampejo cinza.

Arquimedes surgiu do nada e aterrissou sobre a cabeça do homem. Ele a soltou. Alice rolou para o lado, ofegante. Nick se debatia, os braços girando no ar. O gato chiava e se agarrava ao crânio dele, as patas arranhando o capacete de osso. Sua grande cauda espessa se enroscava com determinação sobre os olhos de Nick, que agarrou Arquimedes pelo torso e o arremessou para o lado no momento em que Alice fechou o círculo.

Agora vamos ver, pensou, alvoroçada. *Agora vamos saber se sou uma maga de verdade.*

O Inferno se desfez.

Não completamente. O feitiço não os transportou, apenas estabeleceu um vínculo. Passaram a estar presentes em dois mundos ao mesmo tempo. As areias ainda eram visíveis, mas sobrepostas a elas estavam as paredes cor de vinho e as lousas familiares do Laboratório 9. O piso coberto de pó de giz, o cheiro persistente de mofo. No centro da sala, disposto com cuidado dentro de um pentagrama gêmeo, jazia o corpo falso que Alice havia preparado com tanto esmero. Todos aqueles pedaços imundos, costurados como o monstro de Frankenstein, apenas músculos, ossos e ligamentos suficientes para formar um rosto, toda a biomecânica necessária para recriar uma voz.

Ela ficou surpresa com o fato de ninguém ter removido a carcaça depois de todos aqueles dias. Temia que o feitiço os conectasse a um vazio, que ao terminar ficassem presos em um limbo entre mundos. Mas tinha sido muito minuciosa. Tinha escolhido a sala no porão que ninguém usava, trancado as portas, reservado a sala no nome de outra pessoa, um pós-doutorando que morava em Londres e quase nunca aparecia no campus. E tinha até inscrito alguns feitiços que retardavam a decomposição, de modo que o cadáver cheirava mal, mas ainda não apodrecera. Os tecidos permaneciam intactos o bastante para abrigarem a alma de Nicomachus Kripke.

Os olhos do cadáver começaram a se abrir.

— Olá — disse Alice. — Bem-vindo a Cambridge.

Claro que não saiu nenhum som. Talvez tivesse falado em voz alta no

Inferno, mas ali ela não estava ancorada a nada. Só podia observar, uma presença sem corpo, enquanto o homem voltava à vida.

Um olho se abriu com esforço, depois o outro. O torso se contraiu.

As partes animadas pela alma de Nicomachus Kripke se contorceram no chão. Os olhos se arregalaram, os tendões se retesaram até o limite. Pareciam sentir uma dor insuportável.

As anotações de Ericto haviam alertado sobre isso. A alma é arrancada do submundo e forçada, violentamente, a entrar em um corpo morto ou moribundo que não lhe pertence. Tudo está errado — cada músculo, cada osso e ligamento —, tudo é grande demais ou pequeno demais e muito, muito estranho, e ele está em um tormento absoluto, cada nervo gritando, em chamas.

Era difícil captar o tom em grego antigo, mas Alice imaginava que a bruxa devia ter sentido um prazer perverso ao escrever aquilo. Ela mesma também rira ao ler aquelas páginas. *Vou lhe dar um corpo, professor, e vou trazê-lo de volta. Vamos ver se você vai gostar.*

Mas como foi horrível ver aquele feitiço em ação, ver aquela boca arruinada se abrir e emitir o pior ruído que Alice já ouvira.

A magia tinha sido um erro, pensou. Aqueles laços iam contra as leis da natureza, aquele limite jamais deveria ter sido cruzado. Ela sentiu o gosto de bile, uma onda violenta de remorso — o que tinha feito? Precisava pôr fim ao sofrimento dele. Mas então Nick uivou mais alto, e as paredes do laboratório tremeram como se fossem desmoronar. A sala inteira falhou, feito uma paisagem onírica que se desfaz ao despertar, mas não desapareceu. Os mundos se fundiram um ao outro. O carpete virou areia cinza, o deserto virou paredes, tudo se embaralhou em um caos irremediável e desorientador.

Mas Alice estava acostumada. Havia sobrevivido por muito tempo vendo várias realidades sobrepostas. Imagens piscando, surgindo e sumindo, não a desnorteavam. Sabia muito bem como se mover entre elas. Assim, enquanto Nicomachus Kripke se engasgava com o horror de estar vivo, Alice o arrastava com determinação em direção à beira do penhasco. Estavam muito próximos, a apenas alguns passos de distância. Tudo que precisava fazer era dar um empurrão. O rio se encarregaria do resto.

O laboratório se dissolveu. Aquilo não foi obra de Alice. A força de vontade de Nick Kripke era imensa. Viu o sujeito se esforçando para se concentrar, lutando para libertar a própria alma. Não havia nada que ela pudesse fazer. Seu feitiço apenas estabelecia o vínculo. Não tinha o poder de prendê-lo em nenhum dos lados.

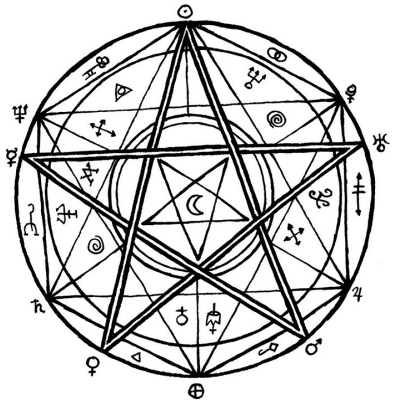
No Inferno, Nick Kripke despertou de súbito. Seus dedos se fecharam mais uma vez ao redor do pescoço dela.

— Me solta — rosnou o homem.

Não, Alice tentou dizer, mas os polegares dele comprimiam sua traqueia, e ela não conseguiu se mover. O preto invadia as bordas de sua visão. Os dedos dele apertaram mais. Os membros dela amoleceram.

A graça divina a salvou naquele instante.

Ou foi o que pareceu. Não era nada sólido como um ser vivo, apenas um impulso, um sussurro. O eco de uma presença. Mas, ainda assim, aquele toque bastou para derrubá-los da borda, lançando-os no vazio. Contra as pedras.



Capítulo Trinta e Dois

Um borrão, um arquejo, o respingar da água e o choque.

A queda não tinha sido muito grande, mas a água era rasa e as rochas, implacáveis. Por um momento, Alice não conseguiu ver nada por causa da dor. Todos os seus membros pareciam um clarão branco, um campo elétrico que aos poucos diminuiu para pulsações vermelhas latejantes. Ela levantou a cabeça, depois os braços. As pernas não respondiam. A única coisa que conseguiu fazer foi tentar se sentar, atordoada, apenas para não ficar submersa enquanto avaliava quais partes do corpo ainda estavam no lugar. Piscou para o céu. Um círculo pálido pairava logo acima, quase invisível. Era menos uma forma definida e mais uma ondulação no firmamento. Se olhasse de soslaio, a mancha desaparecia de volta no laranja.

Ah, pensou. *A lua. Então era ali que ela estava.*

A alguns metros de distância, Nick Kripke se ergueu. A água chegava a seus tornozelos.

O sujeito olhou para os próprios pés, com a cabeça inclinada, como se não conseguisse compreender onde estava. Piscou, depois levantou um pouco o rosto, encarando o vazio. Parecia um velho que tinha ido até a cozinha buscar um copo d’água e se esquecera do que fora fazer.

Ele olhou para Alice.

— Com licença. — Suas palavras soaram ásperas, e ela ficou atônita ao ouvir uma voz totalmente humana saindo daquela garganta encouraçada. — Acho… Acho que deixei…

Então, aquele brilho de inteligência retornou aos olhos dele, e Nick Kripke

compreendeu onde estava. Com um grito, ergueu uma perna para fora d'água, depois a outra, então começou a saltitar inutilmente, alternando os pés, enquanto as leis da física o alcançavam. Pena que não conseguia levitar. Alice observou, fascinada, enquanto o homem dançava uma coreografia desesperada em direção à margem, as lembranças escoando do corpo dele, rápidas e urgentes, numa corrente vasta e crescente. Elas passavam por Alice a uma velocidade assustadora. Um filme acelerado oito, dezesseis, trinta e duas vezes, rápido demais para que se distinguisse qualquer coisa além de impressões fugidias. Um campus no escuro, giz branco em uma lousa. O fluxo aumentava, e Nick diminuía. *Um picolé em uma panela fervente*, pensou Alice. *Quando ele chegar à margem, quanto ainda restará?* Estava quase lá, faltavam apenas alguns passos. Mas as lembranças pareciam ter uma força de atração própria. A correnteza era forte demais, as memórias perdidas se agarravam às que ainda restavam. As águas aceleraram. Nick Kripke se inclinou para a frente, os dedos se esticando em busca de terra firme. Alice viu em seu rosto uma expressão de puro terror. O sujeito encontrou o olhar dela, e sua mão direita se contraiu — um pedido de ajuda? Uma súplica? Por instinto, Alice fez menção de socorrê-lo. Mas seus membros doíam muito. A dor irrompeu quando ela tentou se levantar. Só conseguiu encará-lo de volta, em silêncio. O que poderia dizer? Naquele momento, sua mente se voltou para uma história de Lewis Carroll: "O ensaio de Balbus". Um conto muito engraçado. Um objeto submerso em líquido desloca um volume equivalente à sua massa, mas, quando o líquido é deslocado, o nível da água sobe. Se o nível da água sobe, o objeto afunda mais, então a água deve subir ainda mais, e assim por diante, até que um homem à beira-mar, mesmo que molhe apenas os dedos dos pés, acabe inevitavelmente se afogando. Não era assim?

Naquele momento, sim. Uma onda de água negra rugiu e, quando recuou, Nick Kripke havia desaparecido.

Alice ficou sentada, olhando para as ondas vazias.

Então era só isso. Ela não conseguia acreditar que aquela correnteza pudesse ficar tão calma. O rio havia parado de se agitar. A superfície estava ilusoriamente lisa como vidro. Alguns segundos, e uma vida inteira de dor simplesmente apagada, esquecida pelo universo. Sem punições, sem redenção, apenas o não ser. Como se Nick Kripke nunca tivesse existido.

Seu imbecil, pensou Alice. *Seu imbecil sortudo, tão sortudo.*

Ela ouviu passos na areia, depois o som metálico de uma lâmina.

Virou-se e olhou para cima. Magnolia estava de pé acima dela, com a faca desembainhada junto à lateral do corpo. Theophrastus vinha logo atrás. Os dois haviam se libertado, não sabia como. Ambos fitavam as ondas, onde os últimos

vestígios do marido e do pai se dissipavam na escuridão. A mulher inclinou a cabeça para trás. De sua garganta saiu um gemido terrível, sem palavras. O garoto juntou-se a ela. O grito agudo dele se entrelaçou ao lamento grave da mãe e, por um momento, pareceu que o mundo inteiro estava uivando.

— Sinto muito — disse Alice, num sussurro fraco, pois de fato sentia, embora tudo aquilo tivesse sido obra dela.

Theophrastus se aproximou.

Ele era minúsculo. Devia ter mais ou menos dez anos quando morreu, e era pequeno até para a idade. Mal chegava à cintura da mãe. Alice se perguntou se alguém o chamava de Theo. Tinha muito jeito de Theo. Um nome encurtado para um garoto franzino, com membros magros e frágeis escondidos sob todos aqueles ossos emprestados. Mas ainda assim forte o suficiente para empunhar uma lâmina e atacar.

Alice fechou os olhos, esperando o golpe. Não seria tão ruim, disse a si mesma. Um pouco de dor, uma pressão no pescoço, e então tudo estaria terminado. E sua alma estaria livre para voar para onde quer que Peter estivesse, e mesmo que esse lugar fosse o nada, o nada já seria bom o bastante.

Mas o golpe não veio. Alice olhou para cima. A mão de Magnolia repousava sobre o ombro de Theophrastus. Mãe e filho a encaravam, imóveis. Ela tentou, mas não conseguiu decifrar nenhuma emoção naqueles rostos abatidos e estranhos.

A mulher se inclinou e segurou o menino pelas axilas. Foi o gesto mais humano que Alice já a vira fazer: um abraço materno, rápido e habitual. Ela ergueu o filho e o acomodou no quadril. Em seguida, avançou pela margem em direção às águas.

— Não. — Alice tentou se apoiar nos cotovelos, mas uma dor aguda atravessou suas costas. Não conseguia se levantar. — Para, não…

Magnolia a ignorou. Seus lábios se moveram perto do ouvido do filho. A cabeça de Theophrastus se inclinou em um aceno. A mulher continuou a caminhar em direção ao rio, movendo-se com um propósito absoluto, dando um passo firme após o outro. O filho se aninhou em seu pescoço.

— Espera — chamou Alice de novo, mas percebeu que não tinha mais nada a dizer.

O que poderia oferecer? Um caminho de volta à humanidade? Isso não estava a seu alcance.

Só lhe restava deixá-los terminar o que ela havia começado.

Mãe e filho avançaram aos poucos para as profundezas, até que as ondas cobriram suas cabeças. Então, as lembranças começaram a se desprender. A princípio, coisas pequenas, surpreendentemente vívidas na escuridão. Um

carrinho de brinquedo. Uma caixa de giz colorido. Uma lousa infantil coberta de flores brancas e roxas. Em seguida, mais imagens se revelaram, aquelas que definiam Magnolia, às quais a mulher havia se agarrado mesmo depois de anos perdendo todo o resto. O rosto radiante do filho. Ele usava óculos de aro fino — é claro que usava. Degraus até um palco. Luzes intensas. O painel de madeira lustrosa de um púlpito. Luzes tão fortes que todos os rostos à frente ficavam desfocados. O suor se acumulando nas palmas das mãos. Depois, aplausos, aplausos estrondosos que faziam o chão tremer, arrepiavam seu ser, a arrancavam do próprio corpo. Todos aqueles olhos arregalados, de expressões ávidas, voltados para ela. Magnolia se desfazia, e Alice assistia, hipnotizada, à vida que sempre achou ter desejado.

Costumava admirá-la muito.

Certa vez, em seu primeiro ano de faculdade, havia entrado sorrateiramente em uma palestra dos Kripke. O colóquio era restrito a alunos de pós-graduação e professores, mas ela havia passado pela porta sem ser vista quando os fiscais não estavam prestando atenção e, uma vez sentada, ninguém a questionou.

Então a palestra começou, e Alice ficou fascinada. A pesquisa, por si só, era brilhante. Se tivesse apenas lido os artigos de Magnolia, isso teria sido suficiente para fazê-la se apaixonar. O estilo de sua prosa era encantador. Mais tarde, o meio acadêmico trataria seu lirismo como prova de que lhe faltava rigor metodológico, mas, na época, Alice ficou maravilhada com a maneira como a mulher conseguia fazer com que até as sequências mais áridas de lógica soassem como música.

Mas ela era muito mais do que as evidências teóricas que apresentava. Alice nunca tinha visto uma acadêmica se apresentar daquela forma em público. Ah, Magnolia Kripke, com cabelos negros e pele pálida e intocada pelo tempo. Sua voz era sonora, melódica. Ela se portava, junto de todas as suas partes femininas — seios, quadris, curvas —, com uma confiança serena. Não hesitava em exibir a própria beleza. Não a escondia sob roupas largas e má postura, como muitas mulheres faziam. Magnolia a ostentava. Sabia que o interesse de todos se voltava para ela, por boas e más razões, e se apropriava dessa atenção. Eram seus movimentos sutis — ao alisar a saia, jogar o cabelo sobre o ombro. Ninguém conseguia tirar os olhos dela.

Alice ficou atônita, atordoada diante daquela encarnação viva de um tipo de pessoa que considerava impossível de existir.

Já tinha ouvido falar de outros casais no meio acadêmico, quase sempre por meio de fofocas sobre o rompimento iminente. Um casal de professores de Yale — ela classicista; ele, lógico — vivia em conflito, e seus alunos e orientandos ficavam no fogo cruzado de suas disputas. O problema era que a

esposa havia deixado um cargo de professora titular em Stanford para se juntar ao marido em Yale com um contrato de vínculo conjugal, o que significava que sua estabilidade no cargo dependia da dele. O homem era professor titular, e a mulher apenas uma docente. Ele havia editado três livros; ela havia publicado apenas uns poucos artigos, e corriam boatos de que pedira várias vezes ao marido que a ajudasse a progredir na carreira, mas o sujeito se recusara, alegando nepotismo. Supostamente, ele estava dormindo com a própria assistente, uma pós-graduada de Radcliffe, de olhos escuros e cabelos sedosos, que desfilava pela universidade com cachecóis coloridos e botas de cano alto. Todos achavam que a esposa deveria se divorciar dele. Mas a mulher não podia abrir mão do casamento. Se os dois se separassem, a universidade poderia demiti-la no dia seguinte. Por que manter seu salário? Qualquer um poderia dar aulas de Introdução à Tragédia.

O caso de Yale não tinha nada de especial. A história se repetia: o divórcio conturbado em Cornell, a assistente casada na Sorbonne. O marido era sempre a estrela. A esposa dava aulas para alunos de graduação que nem sabiam que o título de professora adjunta significava apenas "contratada recente ou cônjuge", até que acabava deixando o cargo para criar os filhos.

Mas ali estava uma acadêmica de prestígio, com marido e filho. Era impressionante como Nick tratava Magnolia. O sujeito quase não falou naquela tarde. Apresentou a mulher — aquela parte da pesquisa tinha sido inteiramente obra dela, dissera ele — e então saiu do palco. Durante toda a palestra, Alice não parava de olhar para o homem, esperando o momento em que sua atenção arrebatada daria lugar ao tédio. Mas Nick estava completamente enfeitiçado. Ria de todas as piadas da esposa, acenava com a cabeça, impressionado, sempre que ela destrinchava um nó teórico bastante complexo. Seus olhos não se desviaram do rosto dela nem por um instante.

Então isso é amor verdadeiro, pensara Alice. *Será que um dia alguém vai me olhar assim?*

E, quando deixou o palco, Magnolia não pareceu sair de um papel para assumir outro, não fez a transição de estrela para esposa e mãe. Em vez disso, continuava tão vibrante e magnífica quanto no púlpito, com o marido e o filho orbitando ao seu redor feito luas. Magnolia era a mesma pessoa o tempo todo. Parecia impossível, mas era todas as coisas ao mesmo tempo.

Você foi a melhor de nós, Alice queria lhe dizer. *Fez tudo parecer ao nosso alcance*. Mas Magnolia já estava mergulhada nas ondas até o pescoço, com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados e a boca entreaberta em uma expressão muito parecida com êxtase. Tudo o que Alice pôde fazer foi assistir enquanto mãe e filho desapareciam sob as águas.

— Já vão tarde — comentou John Gradus.

Alice se virou mais uma vez. A Sombra flutuava sobre a areia, triunfante. Se conseguisse ficar de pé, ela teria jogado os braços sobre os ombros dele e o beijado.

— Você veio. Por quê?

— Um ato de misericórdia — gabou-se o sujeito. — E não foi Deus, Alice Law. Fui eu.

Alice estendeu a mão para ele, mas Gradus, assim como Magnolia, passou por ela em direção às ondas.

— Gradus…?

A Sombra entrou na água sem hesitar. Alice soltou um gemido angustiado, mas Gradus não se desfez. Em vez disso, pousou com delicadeza sobre a superfície do Lete. A correnteza se acalmou sob seus pés, sustentando-o como se fosse feito de mármore. Então Alice viu o que o homem via: um barco surgindo no horizonte. Era uma embarcação esguia e bonita, o casco uma curva perfeita de madeira outonal reluzente, e as velas um véu de seda ondulante. Então era verdade: aquelas Sombras tinham razão de ter esperança.

Gradus avançou pelas águas ao encontro do barco. Seu manto esvoaçava e os braços estavam estendidos ao lado do corpo, como se estivesse se exibindo por inteiro.

— John Gradus — chamou Alice. — Quem foi você?

Ele não se irritou da mesma maneira que antes. Em vez disso, a pergunta escorreu pelo sujeito feito água. Gradus deu de ombros.

— Ninguém, agora. — Ele se virou e acenou. — Adeus, Alice Law! Espero nunca mais te encontrar de novo!

— Adeus! — gritou ela. — Boa sorte!

O barco já estava muito perto. Alice viu uma figura de pé na proa, um ser todo vestido de branco, brilhando com tanta intensidade contra o horizonte escuro que seus olhos doíam. Ela teve que estreitá-los. Só conseguia distinguir contornos vagos enquanto a figura ajudava Gradus a subir a bordo e lhe oferecia uma tigela. O homem inclinou o objeto para trás e bebeu com avidez, os ombros se arqueando a cada gole. Grandes faixas de memória começaram então a se desprender dele. Seu espectro cinzento se abriu tal qual o ventre cortado de um peixe, derramando todas as entranhas e resíduos no mar. Alice viu imagens cintilando naquela massa, imagens que confirmaram suas piores suspeitas: corpos retorcidos, respingos de sangue, a sombra de um olmo grande e esquelético. Mas não prestou atenção por muito tempo. Achava que não importava mais.

Então Gradus não era mais Gradus, mas um brilho cintilante, imaterial de

uma forma totalmente diferente das Sombras, que eram vestígios, um passado persistente. Aquele Espírito-Não-Gradus, no entanto, era um futuro indefinido, luminoso em seu potencial. Ele se virou e foi se sentar na proa, com o rosto voltado para o outro lado, pelo qual tanto esperara.

— Espera… — Alice estendeu a mão, movida irracionalmente pela esperança de que o barco a levasse também.

Mas a figura a bordo pareceu sorrir e recolheu o braço. Não por crueldade, mas apenas para cumprir regras que Alice também deveria conhecer.

O barco se afastou. Em seu rastro, uma onda avançou em direção à praia, rumorejante e insistente. Os membros dela ficaram moles. Não tinha forças para resistir. Mas não era uma maré do tipo que a arrastaria para o fundo do rio. Em vez disso, a levava insistentemente em direção à margem, como se a água tivesse braços e a estivesse lançando para fora. Você não, dizia. Ainda não. Com gentileza, empurrou-a até que Alice estivesse de lado na areia, fora do alcance do Lete.

Ficou ali deitada, atordoada e ofegante, observando as ondas se aproximarem apenas o bastante para cumprimentá-la.

Por fim, registrou a dor no braço.

Ergueu-o diante do rosto e observou, maravilhada, a água negra se infiltrar nas bordas da tatuagem. Havia passado tantas noites beliscando e esfregando a própria pele, perturbada pela caligrafia do professor Grimes. Achava que nada, exceto arrancar a própria carne, seria capaz de apagar aquelas linhas brancas e nítidas. No entanto, naquele instante o contorno das letras se dissolvia, espumando onde a água a tocava. Pequenas reações químicas queimavam seu corpo. Ardia, mas não mais do que o ardor de fósforos contra a ponta dos dedos molhados. Além disso, a dor se atenuava diante do alívio imenso. Alice sentia uma tensão desaparecer de dentro do crânio, um grande peso com cuja presença havia convivido por tanto tempo que quase não o notava mais, exceto quando se libertou dele.

Testou a memória. Buscou a Linear B, algo que nunca usava, um arquivo que sua mente se recusava a descartar, e deleitou-se ao descobrir que não estava mais lá. Procurou a página cinquenta e dois do *Tractatus*. Nada.

Foi então que se deu conta, tarde demais, que talvez estivesse em apuros.

Não havia como se livrar daquela água. Estava encharcada até os ossos, as roupas ensopadas, as botas empapadas. Tentou secar os braços, mas pareceu inútil. O ardor agora se espalhava por cada centímetro de pele exposta. Quando se remexeu na areia, fragmentos de cor se desprenderam do seu corpo.

O deleite deu lugar ao pânico.

Revirou os próprios pensamentos, buscando e tentando se agarrar ao que

não podia perder.

Meu nome é Alice Law, sou maga e estou aqui por causa de Peter Murdoch…

Por favor, não me façam esquecer o Peter.

Tentou fixar o rosto dele em sua mente. Não fazia ideia do que mais estava perdendo, nem se podia fazer alguma coisa para impedir que aquilo acontecesse, mas ainda assim tentou gravar a imagem do rapaz em seu cérebro: as madeixas desalinhadas, os olhos castanhos arregalados. O sorriso fácil. Lembrou-se da curvatura dos ombros dele e do cabelo desgrenhado, da maneira como ele girava o giz entre os dedos, como beliscava o pulso quando não tinha nada com que se distrair. O som de sua risada. A eletricidade crepitante de suas ideias. Colocou todas essas lembranças em uma caixinha, a trancou e a manteve no primeiro plano da consciência, como se pudesse preservá-la ali por meio da pura força de vontade.

Me deixem o Peter, me deixem ser um monumento a ele. Tudo bem se eu acabar me tornando apenas uma carcaça vazia neste deserto, um disco arranhado que repete apenas uma coisa.

Mas sua mente passou a se fragmentar, e ela não conseguia impedir que os pensamentos se evadissem. A caixa trancada lhe escapou das mãos e rolou na areia. As lembranças se exibiram em uma última explosão, feito rolos de filme girando antes de serem consumidos pelas chamas. Enormes profusões de detalhes se apagaram primeiro. Repetições mundanas. Botas chapinhando na lama. O céu escurecendo, a névoa, a chuva. O girar de uma chave, o clique de uma fechadura, dia após dia. Colheres em xícaras de chá, mexendo, tilintando, girando, girando e girando…

Em seguida, o abstrato também se estilhaçou e se desvaneceu como fogos de artifício. Trechos inteiros de conhecimento, antes vívidos diante de seus olhos. Jakobson, Lacan, Deleuze, Guattari. O que eles tinham dito? Não sabia mais. Seus idiomas foram desaparecendo. Visões de dicionários, listas imensas de vocabulário que havia armazenado e nunca mais usara. *Mar sin leat*, *do svidaniya*, *auf Wiedersehen*, adeus.

Platão havia defendido em *Mênon* uma teoria da anamnese: que as almas eram imortais, o conhecimento era inato e o aprendizado era apenas um processo de redescobrir o que fora esquecido. A razão serve para ancorar um conhecimento que sempre estivera lá. Quando um menino escravizado aprendia geometria, ele não estava fazendo uma descoberta, estava apenas se lembrando do que já sabia. Então, o que Platão diria de Alice? Será que ela estaria esquecendo apenas as verdades confusas que se interpunham no caminho da razão? Ou também estaria perdendo todo o conhecimento inato?

O que serei quando for só um recipiente vazio?, ela se perguntou. *Como será a sensação de não ser nada?*

Nada, nulo, zero. Que conceito interessante. Escolas inteiras de pensamento só foram possíveis graças à aceitação do zero. Sua mente voltou àquela velha charada popular entre calouros, um silogismo contado tantas vezes que suas premissas e conclusão haviam adquirido a cadência de uma cantiga infantil.

Nada é melhor do que a felicidade eterna.

Um sanduíche de queijo é melhor do que nada.

Logo, um sanduíche de queijo é melhor do que a felicidade eterna.

Não cairia bem um neste instante?, pensou Alice. *Um sanduíche de queijo ali, no fim do mundo?*

Suas pálpebras estavam pesadas feito chumbo. Era preciso muito esforço para se manter ereta — na verdade, era preciso muito esforço para entrar em pânico —, então, em vez disso, simplesmente deixou o corpo desabar. A cabeça tombou na areia. Sentiu um pequeno arrepio — aquela satisfação secreta ao pensar na própria morte, que, apesar de tudo, nunca desapareceria por completo.

Está acontecendo comigo, concluiu. *Temi que nunca fosse possível. Vou seguir o caminho dos Kripke e logo não serei mais um eu. Que empolgante. Nunca soube como é não ser. Testemunhem agora meu último truque: desaparecer!*

— Ei.

Algo duro cutucou seu ombro. Alice gemeu e tentou afastar o que quer que fosse com um gesto preguiçoso. *Me deixa sumir em paz.*

— Levanta. Você não está tão mal assim.

Ela gemeu com mais insistência.

— Ah, cala a boca.

Duas mãos se enfiaram sob seu tronco e a viraram de costas. Alice entreabriu um dos olhos e viu a curva oca do crânio de um pássaro sobre um rosto magro e iluminado. Ao lado, havia um gato abanando o rabo com ar de superioridade.

— Minha nossa! — exclamou Elspeth. — Olha só o seu estado.



Capítulo Trinta e Três

Quando Alice recobrou os sentidos, elas estavam na proa do *Neurath*, e a margem do rio estava reduzida a uma linha tênue atrás delas. Arquimedes repousava, satisfeito, no colo de Elspeth. As patas dianteiras estavam cuidadosamente enfaixadas, as bandagens amarradas com pequenos laços. Elspeth deslizava o dorso do dedo indicador ao longo da coluna dele, e o gato se arqueava, ronronando, ao toque.

Alice se endireitou.

— Elspeth?

— Hum?

— Quantos anos tem esse gato?

A mulher piscou e inclinou a cabeça, como se essa pergunta só tivesse lhe ocorrido naquele momento. Deu batidinhas com o dedo no nariz de Arquimedes, fazendo-o espirrar.

— Vocês ainda o deixam beber da mesma tigela de água?

— Que tigela de água? — Alice tentou se lembrar. — Aquela coisa no jardim?

— Meu Deus. — Elspeth riu. — Nós transformamos aquilo em um Frasco Perpétuo, para não termos que ficar enchendo o tempo todo. Ainda está lá?

Arquimedes esfregou o focinho no cotovelo de Elspeth, levando a mão dela de volta até suas costas. Em seguida, se espreguiçou sobre as pernas da mulher, quase dobrando de comprimento, e permaneceu assim, parecendo muito feliz consigo mesmo.

— Olha só pra você. — Elspeth se inclinou para Alice. — Aprendeu a se

vestir igualzinho a eles.

Alice baixou os olhos e passou a mão pelas costelas do gato, envergonhada.

— Achei que uma armadura seria útil.

— Onde você arranjou isso? — Elspeth examinou o rosto pálido dela, o sangue seco nas bochechas e nos braços, então balançou a cabeça. — Deixa pra lá. Eu posso imaginar.

— O Arquimedes salvou minha vida — murmurou Alice, sentindo que precisava dar crédito ao felino. — Me protegeu das lâminas deles.

— Os Kripke se foram, então? — perguntou Elspeth, com urgência. — Você os viu se dissolverem?

— Todos os três, um a um. — Ela pensou em Theophrastus, quieto e obediente nos braços de Magnolia. — Acabou.

— Mas por que a água não te afetou?

Alice arregaçou a manga. Seu braço estava vermelho e manchado, o local de uma reação química ainda em andamento. As linhas brancas estavam borradas, com os contornos borbulhando e espumando. Ali o esquecimento lutava contra a permanência. Nem mesmo a magia do professor Grimes era capaz de resistir ao Lete: as linhas estavam desaparecendo, a água estava vencendo.

Elspeth passou o dedo pelo braço dela, os lábios se movendo em silêncio enquanto lia.

— O Grimes fez isso com você?

Dessa vez, Alice não contestou o verbo transitivo.

— Uhum.

— E você deixou?

— Ele disse que isso ia me tornar uma maga melhor.

— E tornou?

— Tenho certeza de que ele achava que sim — respondeu, porque essa parecia ser a única resposta sincera. — Tenho certeza de que tinha esperança de que sim.

Ela se preparou para ouvir um sermão, mas Elspeth apenas assentiu. Não havia raiva em seu rosto. Continuou segurando o braço de Alice, os dedos frios acariciando a pele úmida. As duas ficaram em silêncio, observando as cores dançarem na pele dela, enquanto o giz branco e a água preta se misturavam e lutavam, até que os traços brancos tremeluziram, ficaram pálidos e por fim desapareceram.

— Então você… — Elspeth apontou para as têmporas de Alice. — Você ainda está toda aí? Sabe que lugar é este?

— Acho que sim.

— Ainda se lembra de tudo?

Ela vasculhou a memória. Sabia o suficiente para não estar confusa sobre onde estava ou como havia chegado ali, mas, fora isso, não tinha muita certeza. Havia coisas que ainda conservava, coisas que sabia ter perdido e muitas outras cuja ausência nem sequer saberia identificar. Por um momento, achou essa perspectiva aterrorizante — de que a memória não era uma biblioteca bem organizada, mas sim um porão cheio de traças, com luzes fracas e piscantes —, e então se lembrou de que era assim que todos viviam o tempo todo, que ela mesma havia passado a maior parte da vida dessa forma. Você tateava no escuro. Contentava-se com histórias, não com registros precisos. Fazia o possível com os fragmentos que tinha e se esforçava ao máximo para preencher as lacunas.

— Nem tudo — respondeu. — Mas o suficiente.

* * *

Naquela noite, Elspeth preparou a refeição delas. Parecia muito empolgada com a ocasião; passou quase uma hora afobada na frente do pequeno fogão, desenterrando vidros de tempero e soltando exclamações como: “Os ratos estavam *gordos* esta semana, *estalando* na panela!” Depois de uma hora, ela serviu um ensopado de sal, sangue coagulado e uma carne espessa e fibrosa que fez os dentes de Alice doerem ao mastigar. Alice devorou tudo, engolindo colheradas quentes e fartas, depois roeu os ossos até as gengivas sangrarem.

— Ficou bom? — perguntou Elspeth.

— Ficou incrível — respondeu ela, com um suspiro.

Elspeth esperou, radiante, enquanto Alice terminava de comer e lambia o interior da tigela. Depois, se aproximou até ficarem cara a cara, a centímetros de distância.

— Acho que te devo um pedido de desculpas.

Alice pousou a tigela.

— Eu sinto muito.

— Estou me sentindo péssima pelo que aconteceu — falou Elspeth. — Não deveria ter deixado vocês dois naquela praia.

— Nós traímos você. — Um fio do ensopado escorreu pelo canto da boca de Alice. Ela limpou o queixo no ombro. — Eu também teria ficado com raiva.

— Eu simplesmente não conseguia entender — continuou Elspeth. — Por que vocês iriam querer voltar para ele?

— Pois é.

— O cara é um monstro. — A mão de Elspeth se movia para cima e para

baixo em gestos curtos, como se estivesse dando aula para uma aluna de graduação. Princípios básicos. — Você precisa saber disso. Ele suga sua vida. Então, quando você disse o nome Grimes… Não sei, alguma coisa tomou conta de mim, e eu não consegui mais pensar direito.

— Por favor, não precisa pedir desculpas — interrompeu Alice. — A culpa foi minha. Você acolheu a gente, nos deu abrigo, e nós… — Ela engoliu em seco. — Não tenho como me defender. Sabíamos o que queríamos e como conseguir, e todo o resto era… Não sei, só efeitos colaterais. Não estava levando você em consideração. A única coisa que eu conseguia pensar era: *O que ele faria? Como posso deixá-lo orgulhoso?*

— Bem. — Elspeth fungou. — O Grimes tem esse efeito sobre as pessoas mesmo.

Ambas ficaram em silêncio por um momento. Mais uma vez, olharam uma para a outra, duas mulheres machucadas e com muito em comum. Só que nesse momento não havia comparações, nem suposições, apenas um reconhecimento exausto. Eu sei como você chegou até aqui. Sei o que te custou.

— É tudo uma grande bobagem. — Alice esfregou a palma da mão na têmpora. — É só que não consigo entender por quê… Quer dizer, o Grimes tem *tudo*, sabe? E não sei do que ele precisa, ou se está sofrendo…

— Para de tentar encontrar justificativas.

— Eu não estava…

— Estava, sim. Olha, Alice, eu sei como é. Passei anos tentando encontrar justificativas para o que ele fazia. Eu já passei por tudo o que você acabou de dizer. Já cogitei todas essas possibilidades. Então, por favor, acredita em mim quando eu digo que não tem nada por trás de tudo isso. Algumas pessoas são cruéis, simples assim. Não existe um plano. Não são gigantes. Não fazem isso por um motivo, simplesmente gostam. E o restante de nós só tem que sobreviver a elas.

— Eu sei disso — respondeu Alice, cansada. — Só quis dizer que…

— Nós não éramos especiais por isso. Não estávamos… à altura, nem éramos escolhidas a dedo, ou qualquer coisa do tipo, sabe? — As mãos de Elspeth se moveram novamente em gestos curtos e didáticos. Mais severos dessa vez. — Ele não se importava. Era algo completamente aleatório. Só estávamos *lá*.

— Mas você não compreende por que eu escolheria acreditar em qualquer outra coisa?

— Ah, minha querida. — Elspeth colocou a mão sobre a de Alice. — Você não precisa acreditar em nada a respeito dele.

Ela achou que isso era razoável. De repente, os termos daquela discussão

ficaram obscuros. Se o professor um dia se importara, se ela merecera tudo aquilo — de repente, não conseguia mais entender por que isso tinha sido tão fundamental. O nome Jacob Grimes pairava vazio em sua mente, um significante sem significado. Nenhuma enxurrada de lembranças surgiu quando ela o invocou. Toda a questão parecia desprovida de sentido, como se tivesse passado tanto tempo esmiuçando suas implicações que as linhas de raciocínio tinham se rompido e só restava um papel amassado. Simplesmente não importava mais.

— Obrigada — disse ela. De repente, ficou muito difícil juntar as palavras. Suas pálpebras pesavam. — Eu acho… acho que você tem razão.

— Me desculpa. Você está esgotada. — Elspeth remexeu embaixo do banco e tirou de lá um cobertor grosso e surrado que talvez um dia tivesse adornado o sofá de uma senhora idosa. — Fica à vontade, você está segura. Vou ficar bem aqui.

Alice pegou o cobertor e o enrolou em volta dos ombros. Tinha um cheiro forte, uma mistura de naftalina e mofo, mas ainda assim era o odor mais reconfortante que sentia em muito tempo. Apertou-o contra o corpo e segurou as bordas perto do rosto. Isso a fez se lembrar de quartos de hóspedes e avós. Não se cansava de sentir aquele cheiro.

Elspeth observou enquanto ela se acomodava contra as tábuas do barco. Então perguntou, com muito tato:

— A propósito, cadê o Peter?

Alice hesitou, pensando na melhor forma de explicar. Então, caiu em prantos.

— Ah, meu Deus.

Elspeth remexeu no bolso e lhe entregou um lenço sujo e engordurado. Alice o pegou e o pressionou nos olhos. Estava horrorizada consigo mesma. As lágrimas simplesmente não paravam de surgir. Não tinha planejado chorar. Não tinha planejado nem mesmo ficar triste. Mas, naquele momento, foi como se um interruptor tivesse sido acionado e aquela casca de indiferença atordoada tivesse se partido, deixando transbordar toda a dor que vinha carregando.

— Me desculpa — repetiu Elspeth.

— Está tudo bem.

— O que aconteceu?

Alice queria responder, mas uma exaustão avassaladora a dominou assim que abriu a boca. Não queria contar o que havia acontecido. Não conseguia colocar tudo em palavras. Sentia-se frágil, por um fio, e reviver aqueles últimos instantes na armadilha poderia fazê-la desmoronar. Tudo o que conseguiu fazer foi balançar a cabeça.

— Eu entendo — disse Elspeth.

Só restava a Alice deixar que as lágrimas seguissem seu curso, sucumbir aos tremores e aos soluços até que a enxurrada diminuísse e todo o muco e ranho se esgotassem e, por fim, Alice pudesse respirar sem gritar de dor.

— Ele decidiu que deveria ser eu. — Seus dedos se cerraram em punhos. — Nem sequer perguntou. Simplesmente *decidiu*. Então eu saí, e ele se foi.

— Não me surpreende.

— Como assim?

— Achei que você soubesse. — Elspeth lhe lançou um olhar carregado de pena. — Ele estava apaixonado por você.

Duas afirmações contraditórias surgiram na mente de Alice, e ela não conseguia decidir qual delas parecia mais plausível, então pronunciou ambas.

— Isso não pode ser verdade. — E logo em seguida, acrescentou: — Eu não sabia.

— Então você é cega, porque estava escrito na testa dele. E na sua também.

Alice imaginou que Elspeth provavelmente estava certa. Se pensasse bem, no fundo uma parte dela suspeitava da mesma coisa. Só que não sabia o que fazer com essa informação. Desejava poder arrancá-la do peito, incendiá-la e abandoná-la em algum lugar, talvez trancá-la em uma caixa, se isso a deixasse em paz.

— Mas estávamos brigados quando te conhecemos — retrucou Alice. — Ele me odiava.

— Dá na mesma. Na verdade, isso só deixava mais evidente.

— Mas ele nunca falou nada. — Alice fungou, apertando o cobertor com mais força ao redor dos ombros. — Eu queria que ele tivesse falado *alguma coisa*.

Elspeth balançou a cabeça, sorrindo com tristeza.

— Magos… — Ela suspirou. — Somos todos tão tolos.

* * *

Alice dormiu. E que sono delicioso: rápido e sem sonhos, um sono que veio fácil e fez o tempo escorrer. Quando despertou, Elspeth a observava, com o rosto tenso e pensativo. Batia sem parar os dedos na perna. A boca se contorcia, como se não conseguisse decidir se sorria ou se fazia uma careta.

Alice se sentou.

— O que foi?

— Estou tentando decidir se devo te ajudar.

— Ah. Bem, me avisa se eu puder contribuir pra sua decisão.

Elspeth não respondeu.

Alice apoiou as mãos no colo e observou a água ondulando. Sentia-se uma criança travessa, colocada de castigo. Sentia que estava sendo avaliada, embora não soubesse dizer por quê.

Por fim, Elspeth suspirou.

— Não fui totalmente honesta com você.

— Justíssimo.

— Não, olha só. — Ela tirou uma bolsa de debaixo dos remos. Enfiou a mão ali dentro, hesitou por um momento e, em seguida, retirou um objeto e o colocou nas mãos de Alice. — Toma.

Alice entendeu de imediato o que estava segurando.

Uma Dialeteia. Ela afastou o tecido que a envolvia e encontrou a planta mais curiosa que já tinha visto: uma flor de duas faces, uma com sete pétalas na cor vermelho-alaranjada do sol nascente; a outra, de formato idêntico, com sete pétalas branco-azuladas como a lua minguante. Vibrante e letal ao mesmo tempo, quente e fria. Uma romãzeira florescendo, contrariando a terra dos mortos. Uma Contradição Verdadeira, aquilo que não poderia existir.

— Encontrei pouco antes de nos conhecermos — contou Elspeth. — Os Kripke não estavam atrás de vocês. Eu deveria ter contado. Estavam atrás de mim.

Alice virou a Contradição Verdadeira nas mãos, maravilhada com os tons vivazes ao longo dos caules e estames, com os delicados e minúsculos botões que brotavam das pontas dos galhos. Que alívio ver aquelas cores depois de semanas de cinza e preto. O único matiz que havia quebrado a monotonia fora o vermelho brilhante do sangue —, mas ali, enfim, havia verde.

— Onde estava?

— Em uma fenda entre duas pedras, na margem do Lete. Dá pra imaginar? Sem alarde, sem círculos de fadas. Só crescendo ali, sem nada que a denunciasse. Eu teria passado direto se não estivesse procurando um lugar para atracar.

Alice ouviu a voz de Peter em sua cabeça. O mundo não era um sistema fechado, sempre havia uma exceção. Não havia nenhuma explicação para sua existência, nenhuma razão para esperar que tenha existido antes ou que voltará a existir. O universo é simplesmente incognoscível. Exceções surgiam o tempo todo, e tudo o que você precisava fazer para desafiar os limites era procurar.

— Segura com cuidado — instruiu Elspeth. — Se deixar cair, eu te mato.

— Nossa. — Alice segurou a flor contra o peito, maravilhada. As pétalas eram tão delicadas, mais finas que papel, e sua translucidez era atravessada por veios parecidos com renda. — Uma explosão de contradição.

Aos poucos, foi se dando conta das implicações daquilo. As duas não poderiam apenas sair do Inferno: poderiam mudar tudo. Com a Contradição Verdadeira em um lado da equação, poderiam validar qualquer coisa. Poderiam erradicar a fome do mundo, acabar com as guerras e a escassez, manipular os limites da realidade como bem entendessem. Se conseguissem tirar a Dialeteia daquele lugar, poderiam fazer *qualquer coisa*.

— Mas isso te torna Deus, Elspeth. Você poderia fazer o que quisesse. Poderia modelar a realidade feito massinha…

— Ainda precisaria de sangue — rebateu ela. — Onde você acha que eu conseguiria todo esse sangue?

— Mesmo assim…

— E os registros são bem claros quanto às restrições — continuou Elspeth. — A Dialeteia não funciona no mundo dos vivos. É um milagre só aqui no Inferno. Lá em cima, não passa de uma árvore.

Elspeth se recostou, de braços cruzados.

— Acho que a única maneira útil de empregar uma Contradição Verdadeira é levá-la de volta ao Senhor do Inferno. Foi assim que Orfeu barganhou por Eurídice. Perséfone ficou tão comovida com a música dele que lhe deu a primeira Dialeteia de presente, e então Hades teve que negociar com Orfeu para tê-la de volta. Detém poder demais para ser deixada solta no mundo, entende? Não tem muita utilidade para nós aqui embaixo, mas o Senhor da Morte precisa dela de volta. Então, você a leva para o tribunal final, até o trono na ilha no fim do mundo, e a oferece de bom grado. As histórias dizem que sempre se ganha um desejo. E, com esse desejo, você pode pedir pela sua vida. — Elspeth acenou com a cabeça para a Dialeteia. — Então, cuidado com o que vai falar lá. Você só tem uma chance.

Alice levou um longo momento para perceber que tinha acabado de receber instruções.

Não conseguia encontrar palavras. Não tinha nenhum referencial para dar sentido àquilo, àquela generosidade improvável, que contrariava todas as regras que havia aprendido sobre como se portar diante dos outros, onde favores seguiam as leis da conservação da matéria. Toda concessão implicava uma compensação.

— Você está simplesmente me dando?

— Bem, não faça essa cara de quem ficou decepcionada.

— Mas você vai conseguir outra?

— É uma Dialeteia, sua boba. Elas não crescem em árvore.

Alice não sabia o que fazer com aquele presente. Não conseguia pensar em nenhuma resposta à altura. Naquele momento, a Contradição Verdadeira parecia

tão pesada em suas mãos que foi tomada por um medo irracional de, sem querer, lançá-la na água.

Arquimedes miou, inquieto. Elspeth coçou a parte de trás do pescoço dele.

— Quieto — murmurou. — Eu sei o que estou fazendo.

Uma pequena parte de Alice ficou alerta de desconfiança. Com certeza Elspeth queria alguma coisa. Todo mundo sempre queria alguma coisa. Nenhum mago jamais agia por pura bondade, ou não teriam chegado aonde chegaram.

Mas não havia malícia no rosto de Elspeth. Apenas uma compaixão doce e sincera. Apenas generosidade.

— Mas eu não mereço isso.

Não merecia nenhum dos favores que havia recebido. O sacrifício de Peter, o sacrifício de Gradus e agora o de Elspeth. *O que eu significo para você fazer isso por mim?* Sua mente percorreu todos os clichês possíveis: relações de dependência ou caridade, mãe e filha, irmã mais velha e irmã mais nova, mentora e pupila, amante e amada. Mas nenhum deles se encaixava, nenhum deles se aproximava daquela graça singular inexplicável.

— Elspeth, por que…

— Não tem um porquê. Você não precisa entender. Só precisa aceitar.

Alice encostou o rosto na Dialeteia, roçando as bochechas em suas pétalas. O cheiro era de outro mundo, um jardim na primavera, chuva fresca e canto de pássaros.

O mundo costumava ter esse cheiro, pensou. *Eu sentia isso o tempo todo.*

— De qualquer forma — continuou Elspeth —, não acho que elas sejam tão difíceis assim de encontrar.

— Não?

— Não entendemos muito bem os deuses, mas não devemos presumir que tenham as mesmas limitações que os mortais. Teoricamente, Rei Yama tem controle sobre todo o seu domínio. Não acho que ele deixaria algo como uma Contradição Verdadeira dando sopa por aí por pura negligência. Não acho que os deuses *sejam* negligentes.

— Então acha que ele deixou a Dialeteia aqui de propósito?

— Regras são muito entediantes — opinou Elspeth. — Assim como o infinito. Não dá pra ficar batendo cabeça em um sistema fechado pra sempre. Uma hora as possibilidades se esgotam. Então acho que, às vezes, os deuses gostam de brincar. Só por diversão.

— O Peter pensava algo parecido — contou Alice. — Era assim que ele interpretava Gödel. Sempre há exceções. Sempre há algo inexplicável, o que significa que, de certa forma, tudo se torna possível.

— É uma boa ideia à qual se apegar. Melhor do que a outra opção.

— Então você vai encontrar mais uma.

— É. — Elspeth abriu um sorriso fraco. — Talvez.

Alice se deu conta naquela hora.

— Você não vai mais procurar.

— Adiei o inevitável por tempo demais. — O olhar de Elspeth se perdeu ao longe. — E não quero mais adiar. Estou cansada do *Neurath*, sabe? Estou cansada de ficar à deriva no mar. Quero que alguém me leve para o outro lado.

— Eu vi — disse Alice. — O barco, os anjos. Eles vieram buscar o Gradus, e eu vi…

Elspeth se inclinou para a frente, animada.

— Sério?

— Foi lindo. — Ela ficou muito aliviada por não ter que mentir. — É exatamente como nas histórias. Deixam você embarcar. Deixam você beber. Depois te levam para além do horizonte, para o que quer que exista lá.

Elspeth deu batidinhas com os nós dos dedos no assento de madeira.

— Então vamos torcer pra eles virem me buscar um dia também.

— Você está muito à frente de todo mundo em Dis. Vai se sair bem.

Elspeth assentiu. Alice viu os lábios dela se contraírem — de medo, talvez —, mas sua determinação típica logo assumiu o controle.

— Alguma chance de você me dizer como sair de lá bem rápido? — perguntou Elspeth.

— Você acha que *eu* sei?

Elspeth deu uma risadinha.

— Justo. Algum conselho, então?

— Passa longe da cidadela. — Alice se acomodou, segurando a Dialeteia com força contra o peito. — Lá é perda de tempo.

* * *

Elspeth conduziu o *Neurath* por águas desconhecidas. Navegaram sem solavancos, sobre águas tão lisas quanto vidro, e Alice teria pensado que estavam paradas em terra firme, não fosse pela rápida correnteza de memórias que deslizavam sob elas. O Baixo Inferno brilhava fracamente no horizonte, o fogo de Dis ficando cada vez mais tênue, até desaparecer na escuridão. Então, só restou a luz parca e bruxuleante das lamparinas de brasa de Elspeth, iluminando lembranças errantes na água. Por fim, até as memórias se aquietaram, tudo se dissolveu em um breu absoluto, e elas eram apenas duas almas sentadas no escuro, atentas à silhueta pálida uma da outra.

— Não sei o que é pra acontecer agora. — Os olhos de Elspeth estavam

arregalados, assustados no rosto magro e descorado. — Nunca me afastei tanto da margem.

Só então Alice percebeu que ela não estava fazendo nada com o leme. A vara de propulsão jazia imóvel no convés. As velas estavam arriadas. O *Neurath* deslizava por vontade própria ou pela vontade de algo maior.

— Como você sabe para onde está indo?

— Você não precisa saber — respondeu Elspeth. — Todos os caminhos levam ao mesmo destino. Igual a uma tigela transbordando, igual a água derramando pelas bordas. As forças empurram você pra fora, pro fim do mundo, e não há nada a fazer a não ser se deixar levar.

— O ânus de pizza — murmurou Alice.

— *O quê?*

Ela desenhou um círculo no ar, embora não tivesse certeza de que isso ajudaria muito.

— Peter e eu discordávamos sobre nossos mapas do Inferno. Eu preferia o mapa linear. Ele preferia uma pseudoesfera esquisita, uma coisa que só funcionava no espaço hiperbólico. Ele achava que era possível se afastar da trilha do rio e acessar o pico do Inferno pelo centro. Em duas dimensões, parecia um ânus de pizza. E agora você está me dizendo que estamos em um ânus de pizza.

— Vocês dois estavam certos. — Elspeth riu. — Quer dizer, o Peter estava mais certo. Estamos de fato num espaço hiperbólico, minha querida. Limitados pelo rio do lado de fora e pelo infinito do lado de dentro. Quando você está bem perto do Lete, o rio parece linear. Mas quando você começa a navegar… Bem, não está mais nas suas mãos.

— O que acontece no final?

— Não sei. — Elspeth repetiu: — Nunca me afastei tanto da margem.

As duas estavam deslizando cada vez mais rápido. Alice sentia o ar frio nas bochechas. Não era vento, mas velocidade. Mesmo que quisessem, já não poderiam voltar atrás. A força que as atraía era grande demais. Havia certa urgência naquele movimento, a urgência de um barco prestes a despencar em uma cachoeira, precipitando-se em direção à queda. Arquimedes permanecia imóvel na proa, as pupilas reduzidas a dois pequenos pontos.

— Chegamos — sussurrou Elspeth.

Alice se endireitou, espiando por cima da proa.

Sua mente não conseguia processar o que via. Lá estava a ilha. Mas quando seus olhos pousaram naquele plano e seguiram sua curvatura, ela sentiu o estômago se revirar. De alguma forma, ao seguir aquela linha, mais e mais acima e ao redor, seu olhar retornava ao *Neurath*, ainda flutuando no pequeno

trecho de rio. Era como traçar uma escada de Escher. Não havia “além”.

Alice teve que desviar o rosto. A repetição infinita lhe dava dor de cabeça.

E, no entanto, fazia todo o sentido. Lewis Carroll havia teorizado isso: de que outra forma poderíamos conceber a vida e a morte, a membrana da travessia, a não ser como continuidade? Mas ninguém tinha acreditado nele. Pegue uma tira de papel, torça-a no meio e una as extremidades. Muito bem. Agora você tem um anel, um objeto tridimensional que pode segurar nas mãos. Mas ele tem apenas um lado. O interior é contínuo com o exterior. Agora faça a mesma coisa com um lenço de quatro lados. Torça as bordas, alinhe-as e costure todas juntas, de modo que a parte interna seja contínua com a parte externa. Tudo é externo à bolsa, o que significa que tudo também é interno à bolsa e, portanto, a bolsa contém o mundo.

Era impossível de desenhar, impossível até mesmo de conceber. Mas ali estava Alice, olhando diretamente para a coisa.

— O plano projetivo — murmurou Elspeth. — É de perder o fôlego.

As areias negras estavam muito perto. Tudo o que Alice via naquela praia era uma única trança dourada de luz, que se estendia da margem até o desconhecido.

Seus dedos se fecharam em torno da Contradição Verdadeira, e ela a apertou junto ao peito. Uma vez que o momento se aproximava, sentia-se subitamente tomada pelo medo. Era o mesmo frio na barriga que sentia antes de uma entrevista, quando de repente esquecia como andar, respirar ou falar, e temia que, ao passar pela porta da sala de reunião, começasse a cantar ou trombar com uma parede. Havia dado tudo de si para chegar até ali. Mas, no final, percebeu que não tinha a menor ideia do que a esperava e não sabia o que fazer.

— Está tudo bem — disse Elspeth. — O Senhor da Morte é bondoso. Ele vai saber o que você deseja.

— E se eu me atrapalhar?

— Não vai. Apenas mantenha a cabeça no lugar, siga em frente e… Ah.

O *Neurath* encalhou. As duas se chocaram nos assentos. Elspeth se levantou.

— Hora de ir.

Alice se levantou e, com a ajuda de Elspeth, desceu do barco com cuidado.

— Alice. — A mão de Elspeth apertou a dela. — Me dá um beijo?

— O quê?

— Já faz muito tempo… — A mulher virou o rosto, muito pálido sob a luz refletida do trono. — Que não sinto… o toque de outra pessoa, nem lembro mais como é.

— Ah — fez Alice. — Claro.

Elspeth fechou os olhos. Alice se inclinou e encostou os lábios em sua pele. O gesto pareceu estranho no início. Também não se lembrava da última vez que havia beijado alguém. Esperava que Elspeth estivesse gelada, mas, embora não contivesse calor, tudo o que Alice percebeu foi uma delicada maciez. Pele acetinada sobre osso duro. Corpos humanos eram tão singulares, tão surpreendentes. Não havia textura no mundo como aquela.

Elspeth suspirou, e pareceu que algo havia sido restaurado nas duas.

— Obrigada.

A mulher a soltou, e Alice deu seus primeiros passos vacilantes nos domínios de Rei Yama.

— Vem comigo — pediu ela de repente.

Elspeth estava abaixada. Quando se endireitou, tinha a vara de propulsão na mão.

— Não pode ser só para um — insistiu Alice. — Nós damos um jeito, só vem comigo.

— Não é a minha hora. — Elspeth cravou a vara na areia. O *Neurath* recuou de leve. — Ainda tenho umas coisas para resolver.

— Por favor, não me deixa sozinha.

— Vai. Coragem, minha querida.

O barco se desprendeu. Arquimedes estava sentado solenemente na proa, balançando o rabo enquanto as ondas os levavam de volta para a correnteza. Alice tentou acompanhá-los com os olhos, mas a luz na margem era muito forte e a água, muito escura. Em poucos segundos, o rosto de Elspeth se dissolveu nas sombras. Alice pensou tê-la visto acenar, mas não tinha certeza.



Capítulo Trinta e Quatro

Alice seguiu a trança dourada pela margem, com a Dialeteia pesando na mochila. Atrás dela, o Lete respingava suavemente sobre a margem, em um vaivém calmo e ritmado. As areias eram tão macias que seus calcanhares afundavam um pouco a cada passo. Teve a estranha sensação de que, em vez de caminhar por uma ilha, estava caminhando em uma nuvem.

Não havia razão lógica para seguir a trança, exceto o fato de se parecer muito com uma trilha, e Alice não acreditava que algo tão dourado e luminoso pudesse levá-la a um lugar ruim. É claro que coisas brilhantes e resplandecentes podiam virar armadilhas, mas, nesse caso, elas cintilavam e reluziam com propósito, atraindo com todo o encanto que conseguiam transmitir. A trança parecia indiferente à atenção dela. Lá estava, cuidando da própria existência, mas Alice poderia segui-la se quisesse. E foi o que fez. A luz dourada a conduziu pela praia, atravessando a margem, depois subiu uma colina que ficava mais íngreme a cada passo. Por fim, Alice chegou ao cume e viu que a trança a havia levado até um trono.

Era uma cadeira sem adornos, de espaldar alto, posicionada ao ar livre em um estrado elevado. Ao lado do assento, três árvores delgadas se entrelaçavam formando um arco, além do qual Alice não conseguia ver nada, apenas uma roda girando lentamente. Sentado ali estava o Rei Yama, Hades, Tânatos, o Senhor do Submundo, o Guardião das Fontes Amarelas.

Alice viu então que a trança dourada era, na verdade, uma corrente de almas: meras luzes flutuando uma após a outra, formas indistintas desprovidas de qualquer traço individual, uniformes em seu *desejo* trêmulo e vibrante. Uma a uma, elas se aproximavam do arco. Uma a uma, o Senhor da Morte as tocava de

leve com os dedos escuros, e elas pareciam estremecer de empolgação antes de se lançarem na roda, que cintilava cada vez que uma alma passava, e cujos raios as levavam para algum lugar desconhecido, além.

Alice se aproximou na ponta dos pés, pois sentia, como em batismos e ritos de passagem, que não deveria perturbar o processo. Estava perto o suficiente para ver que cada raio da roda era diferente: alguns eram longos, outros curtos; alguns emanavam um brilho intenso, outros estavam cobertos de ferrugem. Uma pequena lufada de ar soprava pelo trono enquanto a roda girava, um perfume doce e fresco, de flores na primavera, ervas em um jardim, e era tão revigorante que Alice não pôde conter um suspiro.

— Alice Law — bradou o Senhor do Inferno. — É emocionante assistir à criação de uma nova vida, não é?

Ela se esforçou para encará-lo. O sujeito brilhava, não com o fulgor do sol do meio-dia, mas com o cintilar cósmico da noite. Estava, como a Tecelã, envolto em um tecido que parecia ser da mesma matéria que compunha o universo. Só que o dele era infinitamente mais escuro, da cor de uma noite sem nuvens, quando, ao se deitar de costas no topo de uma colina, você podia se inclinar para a frente e desaparecer entre as constelações. Pensou que poderia mergulhar naquela noite. Poderia se envolver naquela essência como em um cobertor e dormir para sempre, se ele permitisse.

— Meu… meu senhor. — A voz de Alice soou frágil aos próprios ouvidos. — Eu… Como devo me dirigir ao senhor?

— Como preferir — respondeu a escuridão. — Com quem deseja falar?

Alice considerou as opções. O breu assumiu uma sucessão de formas diante dela, como se estivesse apresentando as alternativas: Hades, alto e barbudo, empunhando um bidente e uma chave; Kali, a mãe das trevas, com seus quatro braços e sua grande beleza; o silencioso Anúbis, com sua balança ao fundo.

— Rei Yama — decidiu. — Yanluo Wang.

Era melhor se ater ao que lhe era familiar. Apesar dos olhos esbugalhados e do sorriso cheio de fúria, havia algo na imagem dele — franzindo o cenho para ela em templos, atrás de incensos, em calendários de mercadinhos — que fazia com que se sentisse segura. Alice conhecia o Rei Yama, seus pais o conheciam, todos os seus ancestrais o conheciam, temiam e reverenciavam. Ela conhecia a longa barba negra, a careta sempre presente, os olhos flamejantes e o longo manto. Conhecera-o por toda a vida.

O Rei Yama era muito justo e imparcial. Não guardava rancor e não nutria antipatia pelos vivos. Desde a infância, ela entendia que o semblante severo era apenas a aparência externa; que, na verdade, a divindade era benevolente e

piedosa, e que certa vez fora até mesmo rebaixada a um posto inferior no Inferno por sua clemência. Dedicava-se apenas a cumprir o próprio dever, a agir como juiz — e o fato de se ater às regras, pensou Alice, só poderia contar a seu favor.

O Senhor das Nove Fontes ficou embaçado e, em seguida, a escuridão assumiu uma forma mais concreta. Naquele momento, diante dela, surgiu então o grande oficial: a pele era de um azul profundo, os olhos brilhavam feito luas de sangue gêmeas. Um chapéu alto, com bordas douradas, se materializou no topo da cabeça. As espessas sobrancelhas negras estampavam em seu rosto uma expressão de fúria. Uma divindade temível, sim, mas uma divindade que ela conhecia.

— Boa escolha.

Ele falou com Alice em chinês, e isso também a tranquilizou. Sentiu que não estava mais desafiando o desconhecido, e sim mergulhando em um mito de infância. Muitos heróis haviam barganhado com o Rei Yama. Ela também poderia.

— O que posso fazer por você, Alice Law?

Tentou se lembrar do roteiro de Elspeth.

— Desejo uma audiência.

— Já está desfrutando de uma. O que mais?

Os olhos da divindade cintilaram. Alice recordou então que, de acordo com alguns textos budistas, o próprio Rei Yama não era uma figura permanente do Inferno, mas um ser que também buscava a reencarnação e, assim como qualquer um deles, estava trilhando a própria jornada de transmigração. Não governava aquele domínio desde o início dos tempos. Na verdade, esperava renascer humano, para então buscar o verdadeiro despertar. E se ele já fora humano e poderia voltar a sê-lo, então talvez pudesse se compadecer dela. Talvez soubesse como era a sensação de tomar todas as decisões erradas e não ter outra opção a não ser implorar pela misericórdia dos deuses.

— Tenho uma coisa que pertence ao senhor.

Com as mãos trêmulas, ela tirou a Dialeteia da mochila. Brilhava ainda mais naquele momento, à sombra da roda em perpétuo movimento. Estava mais pesada também. As folhas pareciam crescer visivelmente a cada minuto. Já estavam do tamanho da palma de Alice.

— Onde encontrou isso?

— Não encontrei — respondeu. — Foi um presente. De Elspeth Bayes. Ela encontrou… Bem, não sei exatamente onde. Entre duas pedras, ao que parece. Perto da margem.

— Onde está a Elspeth agora? — perguntou o Senhor do Inferno.

— Acho que está passando pelos tribunais. — Alice pigarreou. — Quer

dizer. Da maneira correta. Com o histórico em mãos e tudo.

— Fico feliz. Eu temia que ela jamais fizesse isso. — O Rei Yama estendeu os braços envoltos na longa túnica. — Vou querer isso de volta neste instante.

Alice apertou a Dialeteia contra o peito. Não foi um ato intencional — foi um instinto possessivo —, e sentiu de imediato que havia cometido uma grande afronta. Quem era ela para desafiar os deuses? Mas pelo menos a divindade não pareceu zangada. Apenas aguardava, do alto de seu trono, com aquela carranca permanente.

— Eu… Bem, não. — Alice inspirou uma lufada trêmula de ar. — Eu esperava que pudéssemos… fazer uma troca. Tenho algumas exigências.

Ele assentiu, como se já esperasse por isso.

— E quais seriam?

— Eu quero…

Alice se deteve.

Achava que sabia a resposta. Estivera tão certa, sentada no *Neurath* com a romãzeira sob as pernas. Havia escolhido as palavras exatas de seu pedido, suas condições e sua lógica. E, no entanto, ali, diante do trono, no fim de todas as coisas, sua mente ficou em branco.

Com gentileza, o Rei Yama perguntou:

— Qual era o seu propósito no Inferno?

Essa pergunta era mais fácil. Ela respondeu como uma criança recitando os meses do ano.

— Nós viemos encontrar o professor Jacob Grimes.

— Apenas encontrá-lo? — A divindade ergueu as mãos. — Não precisa barganhar por isso.

Trevas voaram da ponta dos dedos dele e se moveram em espiral sobre a areia entre ambos, girando cada vez mais rápido, até que o círculo assumiu uma forma definida. Era algo parecido com um pentagrama, mas muito mais potente. Pentagramas eram meticulosamente elaborados, escritos em línguas conhecidas pelos homens, enquanto aquele círculo era feito de símbolos irregulares que Alice jamais vira. O Rei Yama estalou os dedos. O chão estremeceu. Uma figura encolhida apareceu dentro do não pentagrama escuro, curvada e indistinta. A escuridão se aquietou. A figura se ergueu.

— Pronto — anunciou a divindade. — Você o encontrou.

O professor Grimes não era uma das Sombras que se empenhavam para preservar a própria aparência. A única parte dele reproduzida com detalhes claros era a cabeça: as feições de falcão estavam de alguma forma mais nítidas, mais marcadas e elegantes do que em vida. Abaixo do pescoço, era um breu

fluido e difuso, a mesma silhueta dos fantasmas no Halloween.

Por um momento, o homem girou em círculos, observando tudo ao redor. A Sombra do professor Grimes não andava. Flutuava e deslizava no ar feito um morcego. Observou a roda, a trança dourada e o trono. Inclinou a cabeça para trás e contemplou a silhueta do Rei Yama. Depois deu uma risadinha.

— Então você é o arquiteto deste reino? O gênio por trás do meu sofrimento? — Grimes se esticou até ficar cara a cara com o Senhor do Inferno. Seu espectro não tocava o chão pois não tinha pés, era apenas um turbilhão cinzento. — Só uma divindade, afinal. Isso me faz pensar: o que é preciso para matar um deus?

— Estou lhe avisando, Jacob Grimes… — O Rei Yama passou a falar em inglês. Sua voz não se elevou além de um murmúrio tranquilo. Nem um fio de sua barba se eriçou. E, no entanto, Alice sentiu a advertência pesada no ar, tal qual uma tempestade prestes a desabar. — Você é um convidado em meu reino.

— Mas o que você pode fazer *de fato*? — Nos lábios do professor, até mesmo os piores insultos soavam como mera curiosidade. — Está sujeito às leis deste lugar, assim como todos nós. É um guardião, um facilitador. Nada mais. — O homem gesticulou para o céu. — Não. O verdadeiro senhor está lá em cima, não é? Vamos, me diga que nunca tentou penetrar o reino *dele*. — Grimes se voltou para a roda. — Destino, é isso? Devo escolher um raio para mim mesmo?

— Você não passou nas suas provações — rugiu o Senhor do Inferno. — Não tem direito à travessia. Está aqui apenas pela misericórdia da garota e pelo desejo que concedi.

— É claro. — O professor Grimes se virou para Alice. Seu rosto se abriu em um sorriso e, involuntariamente, o coração dela acelerou diante daquela visão. — Querida Alice. Eu me perguntei quanto tempo levaria. Mas aqui está você, inteira… e com a Dialeteia!

Ele estendeu a mão para a pequena árvore. Alice recuou, mas o sujeito apenas voou para mais perto. Não havia como fugir. Grimes enterrou o rosto nas pétalas, respirou fundo e suspirou.

— Mais gloriosa do que eu jamais poderia imaginar. — Ele ergueu o olhar para encará-la. — Alice Law, você é brilhante.

Quanta adulação. Ela nunca se esqueceria de como era bom ouvir os elogios do professor: era como se o próprio sol se voltasse em sua direção. De repente, voltava a se lembrar de que era importante. Sentia-se como uma prova teórica incrivelmente complexa que se estendia pelos dois lados do papel, as linhas se estreitando e virando rabiscos apertados nas margens, até que, por um passe de mágica, tudo se provava válido. Seu coração martelava no peito, e uma onda quente e inebriante inundou sua mente antes que ela conseguisse organizar

os pensamentos e falar.

— Eu não… Mas você… Como assim, *quanto tempo*?

— Eu estive observando — respondeu o professor Grimes. — Garota esperta. Seguindo todas as migalhas. Mas quem você acha que deixou as migalhas lá?

Alice se sentia um brinquedo quebrado, capaz apenas de repetir.

— Migalhas?

— Há muitas coisas que podem ser feitas a partir da Ponte dos Suspiros — explicou o sujeito. — Sonhos, imagens, esse tipo de coisa. Gosto de pensar que me tornei muito bom em assombrar. Me diga, já sonhou com a Soma de Ramanujan? Com jornadas nas profundezas frias e escuras da terra? Era eu. Mas é preciso iniciativa, e isso é mérito seu. Juntou todas as peças.

— Mas como…

— Eu sabia que você viria. Você tem muito a perder. Sempre foi tão obstinada em conseguir seu diploma. Nunca duvidei por um momento sequer.

Alice não conseguia entender.

— Mas então por que não esperou por nós?

— E por que eu faria isso?

— Poderia ter ficado nos campos. Teríamos te resgatado em poucos minutos.

— Ah, Alice. — Ele balançou a cabeça. — Você está sempre com muita *pressa*, esse é o seu problema. Já conversamos sobre isso. Sempre quer terminar logo, só quer o resultado final. Resultados, artigos, bolsas, emprego. Pare de correr em direção à linha de chegada e comece a se demorar no processo. Tanta coisa vai se revelar se fizer uma pausa e der uma olhada ao redor. Sinta o perfume das flores!

— Mas nós temos que voltar…

— Não, não temos — interrompeu Grimes.

— Como assim?

Alice se sentiu estúpida. Sempre se sentia assim nas reuniões de orientação, quando sua mente não conseguia acompanhar o ritmo dos pensamentos do professor. Estava sempre pedindo explicações, sempre três passos atrás. Ele tinha todas aquelas visões que a mente dela era lenta demais para enxergar. Tinha que implorar para que o homem lhe mostrasse.

— Quer dizer, para onde mais iríamos? — acrescentou ela.

— Pergunta errada, Law. A pergunta certa é: quais são os limites dessa pequena árvore? Ah, vai ser difícil aqui no Inferno. Quase não há giz e os materiais para escrever são escassos. Mas vamos dar um jeito. Vamos memorizar o máximo que pudermos. É o ambiente de pesquisa perfeito: sem distrações, sem

necessidades corporais…

— *Você* não tem necessidades corporais — retrucou Alice. — Eu vou morrer de fome em pouco tempo.

— Então morra de fome e implore por sua vida de volta mais tarde — retrucou Grimes, com impaciência. — Nós temos a *Dialeteia*, Alice. Podemos fazer qualquer coisa.

— Mas… isso é loucura. — Ela piscou para o professor, atordoada. Ah, por que aquilo era tão difícil, por que nunca conseguia acompanhar o ritmo? — Por que ficaríamos aqui?

— O verdadeiro estudioso não teme a morte. Não aprendeu nada com Sócrates? — Ele riu. — Não vê que a vida de um estudioso é apenas um treinamento para a morte? Só entendi como Sócrates estava certo no momento do meu falecimento, quando minha alma foi arrancada do corpo e fui violentamente lançado para fora daquele mundo mortal de apetites vulgares. O corpo é o inimigo, é um obstáculo na busca da alma pela verdade. Como afirma Chuang-Tzu: a vida é um tumor inchado, a morte é o estouro da pústula. Somos escravizados pelo corpo! Tudo o que ele proporciona são distrações: fantasias, desejos, doenças, medos. Somos limitados, e a morte é a liberdade suprema. Nunca tinha entendido isso até agora. — As mãos etéreas do professor Grimes seguraram o rosto dela e, embora não fossem sólidas, o frio tirou seu fôlego. — Vamos, Law. Não é difícil.

Alice já estivera naquela posição antes.

O Lete não havia levado embora aquela lembrança. Nada jamais poderia levá-la. Estava gravada em seu crânio, constituía seu próprio ser, e ela estava condenada a repeti-la, uma vez após a outra. Não importava para onde fugisse, tudo a guiava de volta àquele momento. Os detalhes daquela noite surgiram em sua mente, sobrepostos ao trono do Rei Yama. Os dois estavam nas mesmas posições: ele muito perto, com as mãos no rosto dela; ela paralisada, a cabeça inclinada para cima e os olhos arregalados. Aquilo, sim, era uma sedução de verdade, sussurrou o demônio do contra que sempre havia habitado a mente de Alice. Era assim que deveria ter sido aquele momento no escritório. Em vez de oferecer o próprio corpo, aquela coisa sólida e fedorenta, Grimes deveria ter lhe oferecido a chave do mundo oculto e uma eternidade para brincar ali.

O professor pareceu reconhecer a semelhança, pois seu sorriso se alargou, e ele se aproximou ainda mais. Sabia o que aquela noite tinha significado para ela, só fingira que isso não importava. Vamos reviver aquele momento, vamos fazer do jeito certo. Eis o mundo, Alice Law. Eis a chance de ser como eu, de *ser* eu. Nós dois, espíritos alçando voo, elevando-nos ao encontro dos deuses. Ela tentou, mas não conseguiu se livrar da visão dupla. De repente, não tinha certeza

de onde estava. Se perdesse a concentração por um segundo, estaria de volta ao escritório dele, como se o tempo não tivesse passado, como se tudo o que havia acontecido no Inferno tivesse sido um sonho. Era aluna do segundo ano do doutorado em Cambridge, com seu futuro em jogo, e tudo o que precisava fazer dessa vez era ceder.

— Venha comigo — disse o professor Grimes. Seu manto os envolveu. Tornou-os a unidade que Alice sempre desejara: ele, seu herói; ela, sua sombra. — Venha comigo para o reino dos deuses, vamos dançar pelo mundo oculto. Vamos viver, morrer e viver de novo, até esses conceitos perderem o significado pra nós. Vamos aonde ninguém jamais foi. Depois vamos voltar e falar para multidões deslumbradas sobre todas as coisas maravilhosas que vimos.

Alice não conseguia falar, apenas moveu a boca e esperou que sua respiração desse som aos movimentos.

— Mas eu não quero morrer.

— O que você quer, então?

— Só quero ir para casa.

Tinha visto o que a busca solitária pelo conhecimento fizera com os Kripke. E não queria cometer o mesmo erro: permanecer ali para sempre, se aperfeiçoando até que tudo o que importasse fossem enigmas e abstrações. Havia se superado em ambos durante toda a vida e, ainda assim, não aprendera nada sobre como viver. Não queria mais fazer a transição para o mundo deles, só queria tocar algo sólido.

Sim, era isso. Não era?

Alice tentou evocar um pouco da firmeza de Elspeth. Estivera tão certa disso no *Neurath*. *Quero estar viva*, pensou, com a voz da mulher. *Só quero me sentar às margens do Cam, balançar os pés na água e comer um pão doce, quente e grudento. Quero lamber o açúcar dos dedos e sentir o sol esquentando minha pele. É isso que eu quero.*

— *Concentre-se*, Law!

O professor Grimes estalou os dedos diante dela. Havia feito isso muitas vezes em Veneza. Estalava os dedos, batia palmas ou lhe dava petelecos na nuca quando achava que ela estava cansada ou distraída. E, de alguma forma, nunca ocorrera a Alice ficar ofendida.

— Não vai perder a coragem — disse ele. — É assustador, eu entendo. Mas tudo que vale a pena é assustador. O maior erro que você pode cometer é desistir agora.

— Mas eu não quero ficar aqui embaixo. — Era tão difícil se impor. Cada palavra que saía da boca de Alice soava infantil e estúpida, e a cada palavra via a decepção dele aumentar. — Não para sempre.

— Não vai ser para sempre, querida. Vai ser só até descobrirmos tudo o que pudermos, até nossas mentes estarem satisfeitas, depois vamos voltar para tudo que nos é familiar.

— E aí você vai me aprovar?

— Aprovar. — Ele riu. — Você vai ser fartamente recompensada, Alice Law. Empregos e prêmios são concedidos a meu bel-prazer, você sabe disso. Todo o resto são águas passadas. Vamos deixar isso de lado. — Grimes estendeu a mão. — Garanto que nenhuma porta jamais vai se fechar para você de novo.

O professor Grimes já havia feito esse tipo de promessa antes. Ele adorava prometer coisas, e prometia sem pensar duas vezes. É claro que você vai conseguir aquela bolsa. É claro que vamos assinar aquele artigo juntos. E nunca mentia. Alice acreditava que ele nunca tinha a intenção de enganar, era só tão ocupado que simplesmente esquecia.

Daquela vez, no entanto, achou que o homem talvez estivesse dizendo a verdade. Às vezes, Grimes mantinha a palavra. E podia ser muito generoso quando conseguia o que queria.

Mas Alice lembrou a si mesma de que havia passado por muita coisa na última semana. Enfrentara os confins do tempo, escapara da Cidadela Rebelde, derrotara os Kripke, dilacerara um felino com as próprias mãos, comera seu coração e transformara seu crânio em um altar nos desertos de Dis. Experiências assim eram transformadoras. Deram-lhe um pouco mais de clareza sobre… bem, tudo.

— Você sabe que o Peter está morto.

— Presumo que sim. O rapaz veio, e não está aqui.

— Mas você não se importa?

— É uma tragédia, claro. — O professor Grimes fez um gesto displicente com a mão. — Mas vamos olhar adiante. Isso nos abriu possibilidades.

Ele disse mais alguma coisa, mas Alice não ouviu.

Algo se fechou dentro dela naquele instante. Foi uma sensação muito estranha. Na verdade, até deixou Alice um pouco eufórica. Ela nunca havia botado em prática a capacidade de simplesmente ignorá-lo.

Alice o examinou com frieza, de cima a baixo.

Nunca havia olhado para Grimes com tanta franqueza. Sempre tivera a impressão de estar olhando para o sol, a sensação de que não podia olhá-lo diretamente ou seria consumida. No entanto, após testemunhar o divino, o mundano não a impressionava mais. Na vida após a morte, ela o via com mais clareza do que nunca; em parte porque não tinha mais medo de olhar, em parte porque via apenas o que o sujeito escolhia mostrar. Não passava de um homem comum, envaidecido, buscando desesperadamente uma saída para o próprio

impasse. Cruel, insensível — e tão, tão cheio de suposições injustificadas.

De fato, Grimes havia se esforçado muito pouco para manter sua forma. Era de uma expressão feroz e nenhuma substância. Nada tinha de uma mortalha ameaçadora, era mais pinceladas ralas de cinza. Até as Sombras recém-chegadas que Alice havia encontrado nos Campos de Asfódelos tinham mais definição do que ele. O professor Grimes não era bom em estar morto, não tinha força de espírito, não havia chegado *nem perto* de dominar o Inferno, e Alice achou isso profundamente decepcionante. Era tudo tão injusto, pensou. Você achava que certas pessoas eram gigantes, e elas te desiludiam por serem apenas humanas.

Esta era a parte mais triste: a perda da fé. Se ele realmente fosse um gigante, ela ainda o teria seguido.

— Terminou? — perguntou Alice.

— Como assim?

— Já disse tudo que queria dizer?

Grimes vacilou.

— Bem, Alice…

— Posso falar agora?

Ela segurou a Dialeteia com força com um dos braços. Com o outro, pegou o caderno na mochila. Folheou algumas páginas, então o virou e o segurou diante do professor.

— Tenho certeza de que o senhor sabe o que isso faz.

Ele se inclinou para ler.

— Ericto? — perguntou, franzindo a testa. — O que é isso? Você invocou espíritos do submundo pra te ajudar?

— Não — respondeu Alice. — É o que eu teria feito com você. Só quero te mostrar o que fiz.

Ela jogou o caderno no chão. Sabia que Grimes seria capaz de decifrar seu trabalho em um piscar de olhos. Provavelmente já havia elaborado algo muito parecido.

— Eu pretendia ancorar sua alma de volta no seu corpo. Costurar sua traqueia aos pulmões e pendurar os músculos ao redor com fios eletromagnéticos. Pretendia te manter como uma cabeça falante dentro de uma caixa de madeira e não te deixar escapar, não importava o quanto gritasse, até conseguir tudo o que precisava de você.

O sorriso dele vacilou. Alice viu, apenas por um instante, mas isso lhe deu um orgulho absurdo. O fato de que, no final, tinha conseguido surpreendê-lo.

— Então. — Ela engoliu em seco. — Aí está.

O professor se debruçava sobre as páginas, lendo sem dizer nada.

Alice conhecia muito bem aquele silêncio. Já havia se sentado muitas

vezes no escritório dele, com os dedos se retorcendo de nervosismo no colo enquanto ele lia páginas de um trabalho dela. Sabia que Grimes gostava de prolongar a espera. Era uma tática de intimidação. Ele mesmo lhe contara; fazia isso o tempo todo com jornalistas e colegas de quem não gostava. Antes, o silêncio dele a aterrorizava. Mas naquele momento sentia um prazer feroz e ardente por saber que o sujeito estava quieto apenas porque se angustiava, procurando desesperadamente uma resposta.

Por fim, ele declarou:

— Isso nunca funcionaria.

— Funcionou — garantiu Alice. — Foi assim que derrotei Nick Kripke.

Como ele se atreve, pensou. Fazer objeções, insinuar o fracasso, quando não tinha embasamento nenhum para isso, exceto o fato de ser um imbecil. O feitiço de Ericto era um dos melhores trabalhos que ela já fizera. Abrir o portal para o Inferno, seguir os passos da bruxa, decifrar os registros apodrecidos, tudo isso. Era pesquisa acadêmica de alto nível. E, pensando bem, talvez essa tivesse sido a pior coisa que o professor Grimes já havia lhe feito: levá-la a duvidar de que era uma boa pesquisadora. O homem havia destruído sua confiança na própria capacidade de pensar e de julgar por si mesma o valor do que pensava, fazendo-a, em vez disso, recorrer a ele a cada passo em busca de validação. E era lamentável que só com a morte de Grimes ela tivesse conseguido conceber, pesquisar e executar um projeto inteiro sozinha.

— Não acredito que você achou que não ia funcionar — disse Alice. — Quer dizer… Seu cretino… Você não sabe de *nada.*

Grimes a havia perdido. Tinha ciência disso.

— Olha aqui, Law…

Ela se ajoelhou e passou os dedos com delicadeza pelo chão. A areia ali era diferente da areia dos Oito Tribunais, diferente até mesmo das praias das ilhas. Mais grossa, com grãos maiores, mais parecida com as do mundo de cima. Nenhum traço de suavidade sedosa e onírica.

— Não. — Um quê de medo se insinuou na voz do professor Grimes. — Alice. Não vamos ser tão drásticos.

— Não serei — respondeu. — Antes eu achava que queria isso. Era tudo com que eu sonhava. Mas agora acho que… só quero uma troca.

Ela tirou um pequeno pedaço de giz do bolso. Era de Elspeth, já que o último bastão de Alice havia se transformado em uma maçaroca inútil no Lete. Shropley’s Standard, infelizmente, mas Peter também preferia essa marca e, como aquilo era obra dele, Alice achou que suas chances seriam melhores. Os magos tinham teorias sobre o assunto. O melhor giz para um feitiço era o giz usado pela pessoa que o havia criado. Devia ser uma superstição, mas ainda

assim fez com que se sentisse mais segura; tornou a lembrança do rapaz mais nítida. Ela traçou uma pequena linha na areia e prendeu a respiração, observando, esperando.

O traçado permaneceu. A areia não devorou o giz.

Alice olhou para o Rei Yama. Pensou ter visto um leve aceno de cabeça dele.

Então desenhou um grande arco, cobrindo o máximo de terreno possível.

— O que é isso? — O professor Grimes pairou sobre o ombro dela. — O que está fazendo?

— Você não deve ter visto esse trabalho — respondeu ela. — Ele não teria te mostrado. Não depois daquele artigo sobre teoria dos conjuntos. Quer dizer, fala sério, você se rebaixaria tanto assim?

— Pare com isso.

— Pode chegar um pouco pra lá? Preciso de mais espaço.

— Alice Law, eu estou mandando: pare com isso *agora mesmo*.

Ela o ignorou. Precisava se concentrar. Restava tão pouco giz, apenas um toco, o que não era suficiente para refazer o pentagrama. Tinha que acertar de primeira e, se não acertasse, não podia se permitir imaginar o que aconteceria.

Era tão difícil lembrar. Tinha esquecido tanta coisa. Não podia mais contar com aquele recurso automático — o que havia ganhado em cura, havia perdido em habilidade. Tinha se tornado dependente das imagens mentais perfeitas que surgiam em sua cabeça. Até aquele momento, todo o seu trabalho tinha se resumido a copiar. Era tão mais difícil acessar lembranças que não tinha certeza de que existiam. Naquele momento, o limite entre memória e imaginação estava difuso. Não podia confiar que sua mente não inventaria o que gostaria de ter visto. A melhor coisa que podia fazer era tentar desligar a parte do cérebro que pensava demais. Entregar-se ao movimento do giz e deixar que a memória de Peter guiasse sua mão.

— Isso não é um pentagrama adequado — comentou o professor Grimes.

— Cala a boca — respondeu ela.

— Esses algoritmos não se comunicam. Você está só inventando coisas.

— Como se você soubesse mais do que eu.

Grimes lhe deu um tapa no rosto. Ou pelo menos tentou. Sua mão passou direto pela cabeça dela, e Alice não sentiu nada além de uma leve brisa. Olhou para o sujeito, sem se abalar.

— Parece que corpos servem para algumas coisas afinal.

Ele avançou de novo, um ato desesperado e inútil. Rosnou, encarando a própria mão com raiva, mas, por mais que a fulminasse com o olhar, não conseguiu fazer com que a fumaça se materializasse em algo sólido.

— Você precisa ter uma propriocepção fantástica — informou Alice. — É quando se sabe onde estão todas as partes do corpo sem precisar olhar. São necessários anos de prática, aí depois você pode se tornar qualquer coisa. A Elspeth era muito boa nisso. Conseguia se transformar até em borboletas.

O professor Grimes estava começando a se dar conta de sua derrota. Ele flutuou para trás, e sua essência se condensou em torno de sua forma espectral, uma silhueta bem menor do que Alice se lembrava. Na verdade, nunca havia notado como o homem tinha começado a desenvolver uma corcunda, como os ombros não eram tão largos, a postura nem de longe tão imponente quanto ela pensava.

— Alice, por favor. Vamos conversar.

— Dá licença, professor. Estou trabalhando.

— *Merda*.

Ele flutuou até a borda do círculo. Alice olhou rapidamente para cima. Não havia considerado essa possibilidade, precisava que o sujeito permanecesse dentro do pentagrama. Mas o professor Grimes parecia incapaz de sair do lugar. Tentou ultrapassar a borda, mas algo invisível o impediu.

— O que é isso? — Grimes se virou para o Rei Yama. — Me deixa sair.

— Você foi convocado para uma audiência — informou o Senhor do Inferno. — Alice Law, sua audiência já terminou?

— Ainda não.

— Então seria indelicado ir embora.

— Você não pode fazer isso — retrucou Grimes. — Você deveria ser imparcial, não pode simplesmente… de maneira completamente arbitrária… É contra as regras.

— Ainda não aprendeu, Jacob Grimes? — O sorriso da divindade parecia demoníaco, as sobrancelhas estavam franzidas. — Não há regras no Inferno.

Naquele instante, o professor murchou. Enfim, não tinha nada a dizer.

Alice ficou fascinada. Nunca o tinha visto parecer desolado. Na verdade, nunca o vira *precisando* de nada. Ela se perguntou, então, se o homem iria implorar —, mas lembrou que o professor Grimes não sabia implorar. Havia passado grande parte da vida em uma posição de poder. Estava acostumado a conceder misericórdias, não a recebê-las, e fazia muito tempo que ninguém lhe dizia não. Isso era evidente, pois seu desespero logo se transformou em uma fúria indignada.

— Eu criei você! — exclamou. — Eu te moldei a partir de um sonho incipiente. Dei forma à sua argila. Acendi seu fogo e te dei uma mente. *Eu criei você*.

— Pode até ser. — Alice não se deu ao trabalho de contestar. — Você

deveria ser mais gentil com suas criações.

— Alice Law…

— Cala a boca.

Ela fechou o círculo e começou a entoar o encantamento.

Ah, como ele uivou. Gritou para ela todos os insultos possíveis, algo sobre vadias, putas e pirralhas estúpidas. Alice não captou os detalhes, deixou que tudo se dissolvesse em um ruído homogêneo e cruel. Já tinha ouvido tudo aquilo antes. O professor Grimes se curvou sobre ela, chegou tão perto que sua aura se sobrepôs à de Alice, como se pudesse entrar em seu corpo por pura força de vontade. O sujeito se inclinou e gritou em seu ouvido. Enfiou a cabeça espectral dentro da dela e berrou em sua mente. Você é uma criança, é inútil, é estúpida…

Alice, no entanto, era muito boa em encantamentos. Na verdade, devia isso ao próprio Grimes. Concentração era algo muito importante para magos, e o professor havia passado boa parte do primeiro ano andando em círculos ao redor dela, bradando distrações enquanto Alice se ajoelhava, vacilante, e tentava escrever com as mãos trêmulas. *Você nunca vai ter sucesso a menos que consiga desenhar um círculo perfeito e firme no meio de um furacão*, dissera ele. *Transforme a sua mente em uma fortaleza inabalável. Faça o mundano desaparecer. Tudo é irrelevante, exceto o círculo. Tudo fica em segundo plano, até você estar sozinha com a ideia — e então o trabalho começa.*

Alice achou incrivelmente fácil fechar os olhos, fingir que Grimes não estava lá e terminar o que estava dizendo.

Um vento começou a soprar dentro do pentagrama. No início, era apenas uma brisa suave, mas logo ficou cada vez mais forte, até o cabelo de Alice esvoaçar em volta do rosto e ela não conseguir ouvir nada além do rugido. O professor foi erguido como se tivesse sido puxado por um gancho. Ficou de cabeça para baixo, agitando os braços, e quando se virou para encará-la, seu rosto estava desfigurado e impotente. Talvez tivesse gritado, mas o vento abafou sua voz.

Já tinham passado por essa situação antes. Aquilo também era uma repetição, aquela desintegração violenta. Naquele instante, Alice assistia a uma mera reencenação daquela primeira morte. Mas dessa vez sabia o que havia feito e como ia terminar. Dessa vez, não se encolheu. Observou com atenção. Grimes girava lentamente e, a cada volta, sua essência espiralava feito a fumaça de uma fogueira, desaparecendo para algum lugar desconhecido. Por fim, restou apenas uma cabeça lamuriante e miserável, depois um rosto disforme, que também se desfez, até que o pentagrama ficou vazio. O vento cessou. Fez-se silêncio.

O ar se rompeu, atravessado pelo contorno de uma porta. Uma fenda havia se aberto no mundo. A porta se escancarou, e Peter Murdoch surgiu,

cambaleando.



Capítulo Trinta e Cinco

Alice emitiu um ruído entre um grito e um uivo. Peter não pareceu ouvir. Era como se o rapaz estivesse perdido em um estado de torpor. Ficou parado, observando o entorno, as areias, o estrado, o Rei Yama sorrindo no trono. A boca de Peter estava entreaberta. Sua confusão era comovente, e ele não parava de passar as mãos pelos braços, tomado pelo nervosismo.

Em seguida, seus olhos pousaram em Alice, e seu rosto se abriu naquele lindo sorriso torto.

— Alice?

— Peter.

Ele atravessou o umbral com cautela. Um passo, depois dois, e então começou a correr. Alice também. Os dois se encontraram. Os braços do rapaz envolveram o corpo de Alice, e os braços dela envolveram o corpo dele. Peter irradiava tanto calor, era tão vivo e sólido. Alice começou a chorar.

Ah, como ele era *magro*! Isso foi uma descoberta e tanto. Sabia que Peter era um graveto, mas apenas visualmente. Nunca havia percebido, em termos materiais, como era seco. Podia passar os braços em volta da cintura dele e ainda assim alcançar as laterais de seu corpo para apertá-lo. E o apertou, com muita vontade, porque, se pressionasse o suficiente, poderia se tornar um escudo e protegê-lo de tudo no universo. Que milagre era uma pessoa, pensou. Ocupava tão pouco espaço. A diferença entre presença e ausência não chegava a um metro quadrado de matéria. No entanto, já que Peter estava ali, o mundo inteiro brilhava com mais intensidade.

Por fim, ela se afastou, mas ele, não; seus dedos se enroscaram no cabelo

dela, a outra mão em suas costas, e ele a puxou para perto de novo, com força, com urgência. Peter a segurava como uma âncora, como se, sem Alice, fosse naufragar. Ele a beijou e, mesmo depois que seus lábios se afastaram, a testa dele permaneceu pressionada contra a dela, como se qualquer distância entre os dois fosse imperdoável.

— Eu morri — sussurrou ele. Então piscou, olhando para os próprios braços, incrédulo. Alice também os olhou, e viu grandes cicatrizes arqueadas. — Eu morri, não morri?

— Morreu.

— Mas como…

— Fiz uma troca. — Ela deixou uma risada escapar. Sentia-se tão leve, eufórica. Agarrou a camisa dele entre os dedos. — Suas anotações, seu trabalho.

— Você só viu uma vez.

— Mas, Peter, eu tenho uma memória muito boa.

Não conseguia parar de rir.

— Ah, Alice. — As mãos de Peter percorriam o corpo dela, como se precisasse se convencer de que era real. Seus olhos estavam arregalados, cheios de admiração. — Alice, *Alice*. Você é *brilhante*.

— Funcionou! — gritou ela. Não conseguia soltar a camisa dele. Agora que o tinha de volta, não conseguia mais largá-lo, nunca mais o soltaria. — Não acredito que funcionou.

Peter também caiu na gargalhada, e era o som mais bonito que Alice já ouvira, muito mais vívido do que em suas lembranças. Ela se aninhou junto dele, ouvindo as risadas reverberarem em seu peito, tremendo enquanto o apertava cada vez mais. Ele era tão quente! E cheirava tão bem. Como páginas novas. Como aparas de lápis. Como ler na primavera sob um salgueiro-chorão, a luz do sol no rosto, a grama entre os dedos dos pés. Será que sempre soubera como Peter cheirava bem? Talvez tivesse sabido um dia — talvez tivesse esquecido —, mas agora que ele estava vivo, podia aprender de novo, várias vezes, podia se deleitar com a descoberta constante de tudo que envolvesse Peter. Sentiu uma leveza se espalhar do peito para os membros. Mal conseguia respirar. Tinha a sensação de que a qualquer momento poderia se fragmentar em um milhão de estrelas cintilantes, que poderia se perder naquela leveza. Não sabia o que fazer com esse sentimento. Nunca havia sentido tamanha alegria em toda a vida.

Peter recuou um pouco. Seu sorriso se apagou.

— Mas… e o Grimes?

— Ele foi… — respondeu ela. — Foi a outra parte da troca.

Alice viu a constatação atravessá-lo, desdobrando-se em todas as suas consequências e implicações. Peter era muito inteligente. Com certeza enxergava

todas as ramificações da decisão que ela tomara.

— Mas por que… — Ele se interrompeu e reformulou a frase. — Mas então você veio até aqui por nada.

— Não. — Alice deslizou os polegares pelo rosto dele. *Que maravilha*, pensou. *Esse rosto, esse maxilar, essa barba por fazer onde a linha do cabelo encontra a têmpora*. *Deus esculpiu esse homem*. — Não foi por nada. Eu ganhei tudo.

Os dedos dele se fecharam em torno dos dela.

— Ah, Alice…

— Olha, Peter…

Ela hesitou. O problema não era a falta do que dizer, mas saber por onde começar. Como era vertiginosa a sensação de ter alguém a olhando, olhando de verdade, pacientemente tentando entendê-la. Mas havia tanta coisa que precisava que o rapaz soubesse, e tudo estava tão emaranhado e espinhoso e cheio de coisas boas e ruins que, quando enfim encontrou as palavras, o melhor que conseguiu dizer foi:

— Queria te dizer que sinto muito.

— Ah. — Peter inclinou a cabeça, refletindo. — Bem. Eu também sinto muito.

A linguagem falhou naquele momento. Não chegava nem perto de captar a profundidade daqueles sentimentos, da culpa, do alívio, da vergonha e do amor. O abismo ainda estava lá, eles não o haviam transposto. Tinham apenas acenado um para o outro de lados opostos. Talvez linhas paralelas pudessem se encontrar no infinito. Talvez. Havia tanta coisa a dizer e, por um milagre, teriam uma vida inteira pela frente para descobrir como fazer isso. Mas Alice achava que os pedidos de desculpas, oferecidos e aceitos, já eram um ótimo começo.

Peter olhou para a árvore.

— O que é isso?

Ela sorriu.

— Nossa passagem de volta pra casa.

— A Dialeteia! — Ele estendeu as mãos, e Alice lhe entregou a árvore. As pétalas se estenderam na direção do rosto dele, e o esplendor que emanava naquele momento foi a coisa mais linda que já tinha visto. — É maravilhosa!

— Não é? — Alice se voltou para o Rei Yama. — Senhor, estou pronta para barganhar.

O Senhor do Inferno fez um gesto para que os dois se aproximassem. De mãos dadas, chegaram perto do trono.

— Quais são suas exigências? — perguntou a divindade.

— Uma viagem de volta para o mundo dos vivos — respondeu Alice. —

Para começar.

— Para começar?

— Além disso, queremos nosso tempo de vida de volta — continuou, apertando a Dialeteia contra o peito. — Passamos por coisas muito difíceis e não conseguimos o que viemos buscar, então acho que merecemos um reembolso.

O Rei Yama ficou em silêncio. Ela não conseguia decifrar a expressão da divindade. Lentamente, ele repetiu:

— Você acha que merece um reembolso do Inferno.

— Alice… — murmurou Peter.

— Parece que eu lhe fiz um favor — declarou Alice, ainda eletrizada. Achava que valia a pena tentar, achava que valia a pena tentar qualquer coisa no mundo. — Quer dizer, eu livrei o senhor de algumas pragas. E entendo que, na escala eterna das coisas, alguns anos com Grimes e os Kripke sejam um mero piscar de olhos. Mas o mesmo vale para o nosso tempo de vida. É um acordo justo, não acha?

O Senhor do Inferno ficou em silêncio outra vez.

Alice não conseguia ver a boca do Rei Yama por baixo do bigode. Só conseguia ver as sobrancelhas espessas franzidas, os olhos brilhando intensamente, como em todas as imagens de sua infância, mas nunca soubera dizer se aquela expressão era de riso ou de desaprovação.

Seus pais haviam rezado para a divindade na juventude, antes de fazerem os exames de admissão à universidade. Mas por quê?, ela perguntara. O que o Submundo tinha a ver com a universidade? O Rei Yama odeia a corrupção, lhe disseram. É um burocrata benevolente. É severo com os trapaceiros, mas recompensa o trabalho árduo. Não há nada a temer.

Por fim, o Senhor do Inferno se pronunciou:

— Vocês, magos, acreditam nas coisas mais engraçadas. Acham que seus feitiços funcionam porque conseguem enganar a todos. Acham que são tão espertos que conseguem contornar as regras, e que o mundo, perplexo, não tem escolha a não ser obedecer aos seus comandos. Não percebem que a natureza sabe que estão mentindo. Desenham uns círculos, e nós nos curvamos e fingimos, da mesma forma que pais fingem quando os filhos pequenos contam mentiras. — Ele coçou o queixo. — Mas nós, divindades, somos indulgentes. Gostamos de nos divertir.

Alice ousou ter esperança.

— Então, nós divertimos o senhor?

— Vocês certamente foram interessantes de observar.

O sujeito ponderou por mais um momento. Por fim, anunciou:

— Vou devolver metade dos anos dos quais abriram mão em sua jornada.

Considerem o restante o preço de uma lição aprendida.

Alice abriu a boca para argumentar, mas Peter lhe puxou pelo braço.

— Acho muito justo, senhor.

— Tudo bem — resmungou ela. — Se é o melhor que o senhor pode oferecer.

— Está satisfeita?

— Sim, Rei Yama.

O Senhor do Inferno fez um gesto para que ela se aproximasse.

Alice subiu os degraus até o trono, com a Dialeteia junto ao peito.

Ele estendeu a mão para pegá-la, e ela a entregou. O Rei Yama ergueu a Contradição Verdadeira e, fechando os olhos, a abraçou. As pétalas da árvore brilharam em um prateado intenso, da cor da luz das estrelas, e então a árvore penetrou o peito da divindade. Um fulgor cintilante percorreu a escuridão de seu corpo, feito um milhão de constelações se iluminando. O Rei Yama expirou, e a luz das estrelas se extinguiu.

Há mais de onde veio essa, pensou Alice. *Nada existe sem contradições*.

— Agora — disse o Rei Yama, segurando seu cajado —, vamos mandar vocês para casa.

* * *

Uma escadaria se materializou diante dos dois, espirais que ascendiam com o som de um riacho correndo. Subiam e subiam até o topo se perder de vista, feito uma agulha atravessando o mundo. De mãos dadas, Alice e Peter se aproximaram da base.

— Vão — encorajou o Senhor do Inferno. — Só tomem o cuidado de não olhar para trás.

— Sério? — perguntou Alice.

— Foi uma brincadeira — disse o Rei Yama. — Olhem o quanto quiserem. Vão.

Eles subiram. Alice se sentia mais leve a cada passo. Cada degrau a aproximava mais da vida real, do ar fresco que vinha do alto. Ar que tinha gosto de *ar*, doce, puro e revigorante, e não o vazio viciado das terras dos mortos. Será que o ar sempre tivera aquele sabor? Os degraus inferiores iam desaparecendo à medida que ambos subiam, um a um até estarem suspensos bem alto no ar. Mas isso não a incomodava. Alice não ia cair. Na verdade, à medida que os degraus sumiam, ela tinha a estranha sensação de que nunca precisara deles. Eram apenas um artifício, pois a subida era grande demais para irem voando. Seus pés nunca haviam pisado com tanta segurança. Não tinha medo de perder o caminho.

“Deve-se, por assim dizer, livrar-se da escada depois de ter subido por ela”, escreveu Wittgenstein. E assim se verá o mundo corretamente.

Os dois subiram muito rápido. Logo o Rei Yama e seu tribunal ficaram tão pequenos quanto uma casinha de boneca. Alice olhou por cima do ombro, e o Senhor do Inferno acenou em despedida. Minutos depois, estavam tão acima dos Oito Tribunais que podiam ver toda a paisagem lá de baixo sob seus pés. As torres do Orgulho, os desertos da Ganância. E a Cidadela Rebelde, em toda a sua fúria desafiadora, com seus habitantes presos no Inferno que eles mesmos haviam criado. Não conseguia sentir nenhuma animosidade em relação a Gertrude, apenas uma compaixão persistente, pois a mulher achava que seu refúgio era muito vasto, mas dali Alice podia ver que o lugar era apenas uma mancha feia em uma vista imensurável. Uma casa de boneca, comovente em seus detalhes minuciosos. E lá estava Gertrude, pensando ter recriado o mundo.

— Você está bem? — perguntou Peter.

— Estou, sim — respondeu. — Só me lembrando de umas coisas.

Ficou parada por mais algum tempo, deixando o olhar percorrer os tribunais. Tentou memorizá-los o melhor que pôde. Depois se virou e continuou a subir os degraus.

Esperava demorar muito tempo para voltar ao Inferno. Esperava que, quando voltasse, depois de muitos anos de agonia e entusiasmo, aquelas areias monótonas fossem um conforto.

— Será que vamos conseguir emprego agora? — indagou Peter. — Já que não vamos nos formar…

— Podemos escrever sobre o Inferno — sugeriu Alice. — Fazer disso nossa tese.

— Será que alguém acreditaria em nós? Não temos provas.

— Eu sou sua prova.

— Você não é imparcial.

— Sou, sim.

— Não, não é. Você está apaixonada por mim.

— Cala a boca! — exclamou Alice, corando. — Você não pode sair por aí falando isso pra todo mundo.

Ah, mas não importava. A academia não importava. Talvez conseguissem revisar seus projetos de tese a tempo, trocar de orientador e banca e até conseguir um trabalho, ou talvez não, mas nada disso importava, porque o futuro ainda estava diante deles, deliciosamente indefinido. Podiam preenchê-lo com o que quisessem, e a única intenção de Alice, naquele momento, era passá-lo ao lado de Peter.

Nada de laboratórios por um tempo. Nada de aulas. Imaginava encontros

de estudo com Peter no futuro: fazendo guerrinhas de bolas de papel, trocando livros, rabiscando coisas nas lousas um do outro. Mas, por ora, achava que gostaria muito de passar um tempo longe do campus. Talvez um fim de semana fora — fazia anos que não tirava uma folga, nem saberia para onde ir. Diziam que Ely era agradável. Grantchester, talvez. Supostamente, era um bom lugar para nadar. Ou talvez algo mais modesto: uma noite no cinema, um piquenique sob o salgueiro à beira do rio. Ela não sabia quais eram as comidas favoritas de Peter. Nem mesmo o que gostava de fazer para se divertir, se é que fazia alguma coisa por diversão. Teria que aprender, teria que descobrir um milhão de coisas sobre ele. Peter Murdoch era um livro sem fim, e tudo o que Alice queria fazer pelo resto da vida era correr o dedo por cada página.

Os dois alcançaram o céu, ou a parte do céu onde terminava aquele mundo. Acima deles, havia uma chapa retangular de metal disposta na horizontal — o lado inferior de uma porta de porão. Luz se infiltrava pelas bordas. Uma dúzia de borboletas rodeava o batente, criaturas de um brilho intenso. Todas se afastaram quando Alice estendeu a mão para o alçapão, exceto uma, que permaneceu pousada na fechadura, com as asas se agitando suavemente. Alice passou o dedo em uma delas. Era macia e aveludada, como a lembrança de um beijo.

— Obrigada, Elspeth — murmurou. — Eu sei.

A borboleta voou na direção do laranja incandescente. Alice puxou. A fechadura se abriu com facilidade. Ela e Peter levantaram os braços acima da cabeça e empurraram. O alçapão se abriu e, de repente, foram banhados pelo luar.

Alice reconheceu aquele céu noturno. Sabia exatamente para onde o Rei Yama os havia mandado: estavam no pátio da Magdalene College, no fim do Fellow’s Garden, perto do rio, um gramado que ela havia cruzado tantas noites com a cabeça baixa, olhando para os próprios pés. Reconhecia aquele lugar porque as estrelas ali tinham um brilho intenso incomum. Algo relacionado aos efeitos de toda a magia ambiente interferindo na modernidade, atenuando os sons e as luzes da cidade ao redor. Toda a poluição recuava, e as constelações se destacavam com uma nitidez impressionante, de modo que não era preciso caminhar quilômetros para identificá-las; bastava olhar para cima e vê-las, claras feito diamantes. Todo verão, era possível encontrar estudantes de astronomia deitados, fazendo esboços em cadernos apoiados acima da cabeça.

Alice já havia caminhado uma vez com Peter por aquele gramado. Não era o caminho dele, que morava em St. John’s, na direção oposta, mas era tarde e havia circulado uma notícia sobre uma jiboia à solta, e por mais ridículo que fosse, na época fizera sentido que o rapaz a acompanhasse até em casa, para o caso de a cobra sair do meio dos arbustos e engoli-la inteira. Sim. Peter lutaria

contra a jiboia. As estrelas estavam muito cintilantes naquela noite, e Peter perguntara se Alice conhecia o Paradoxo de Olbers. Não, ela não conhecia. Poderia lhe explicar?

— O céu noturno não deveria ser tão escuro — dissera o rapaz. — Se o universo é infinito, então a luz das estrelas deveria preencher todos os espaços vazios. A luz não para até atingir uma superfície, então, por que há lacunas escuras entre elas? De nossa perspectiva na Terra, deveríamos ver apenas luz.

— Talvez o universo não seja infinito, então — sugerira Alice.

— Ou talvez o universo esteja se expandindo — rebatera Peter. — E as estrelas ainda são muito jovens, e toda essa luz distante ainda está tentando chegar até nós. E até que isso aconteça, a noite permanece escura.

Olhando para ele naquele momento, lembrara-se de um verso da *Antologia Grega*, um texto que Grimes havia pedido que ela explorasse em busca de enigmas linguísticos, mas sobre o qual Alice havia se debruçado por muito mais tempo do que deveria, encantada com sua beleza. Ela olhara para Peter e pensara: *Quisera eu ser a noite, para velar teu sono com mil olhos.*

Uma brisa soprou pela porta do porão, deliciosamente fresca contra seus rostos suados.

Então, tudo voltou à sua mente. A grama escura e perfumada, as folhas farfalhando acima, os piscos saltitando em direção aos ninhos. Varas de propulsão deslizando pela água, rodas de bicicleta girando sobre as pedras do calçamento. Tantos detalhes que havia ignorado noite após noite enquanto passava por ali, aprisionada dentro do próprio crânio. Naquele momento, tudo parecia vívido demais para ser real; uma iluminação, uma imagem em movimento. O mundo era repleto de tantas *coisas*! A luz do sol nos jardins da faculdade, jantares no refeitório com batatas frescas cozidas em manteiga e ervas. Chuva tamborilando nos telhados dos dormitórios, água se acumulando nas ruas, gotas grossas produzindo pequenas ondulações concêntricas. Botas encharcadas, luvas molhadas, xícaras de chá fumegantes, folhas perdidas flutuando na superfície. Não conseguia acreditar que teria tudo aquilo de volta. Parecia bom demais para ser verdade, uma pequena romãzeira em troca de toda a miríade de flores do mundo. Como podia merecer estar viva? Quem, afinal, já *teria merecido* estar vivo?

Mas dádivas assim não devem ser questionadas. Elspeth havia lhe ensinado isso. Não havia resposta, apenas uma graça maravilhosa e inexplicável, e a única coisa a fazer para retribuir era viver.

Ela respirou fundo.

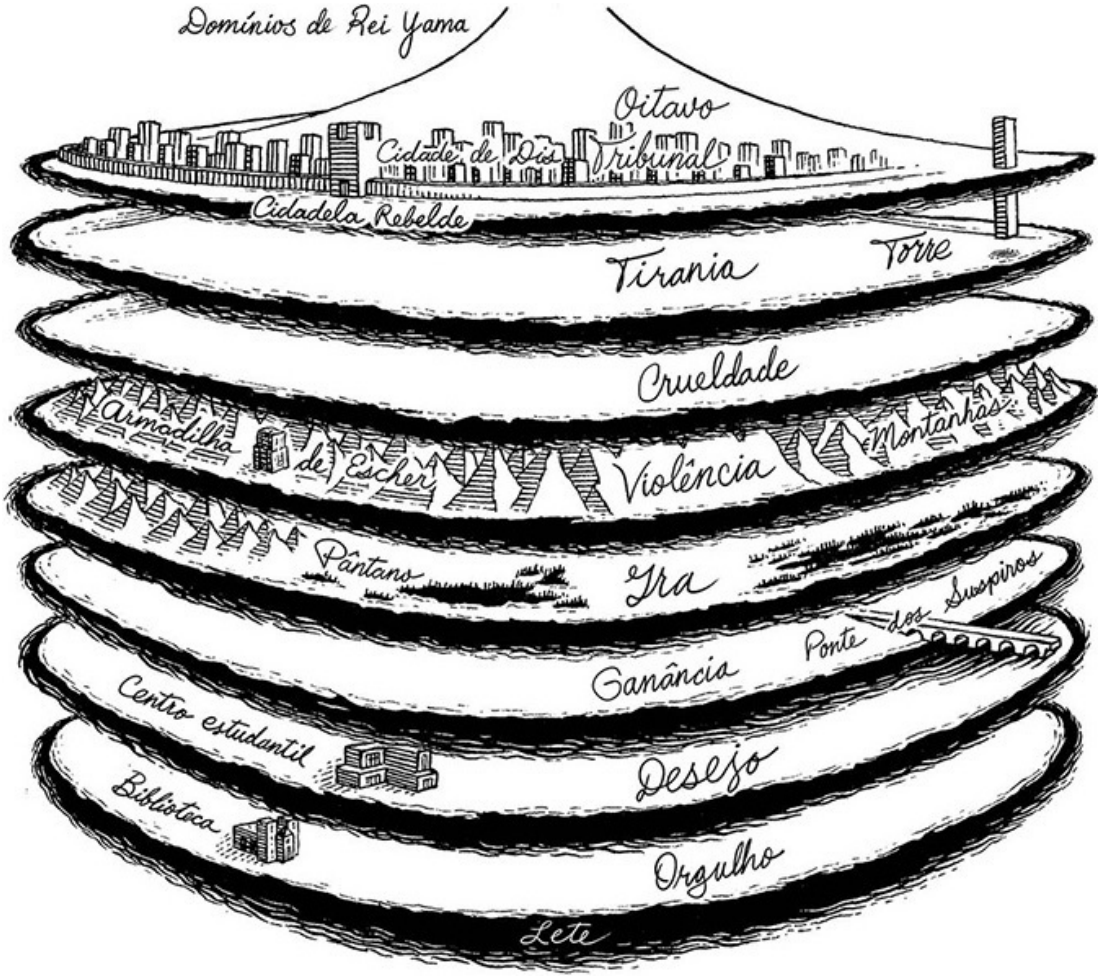
— Tá pronto?

Peter apertou a mão dela com força.

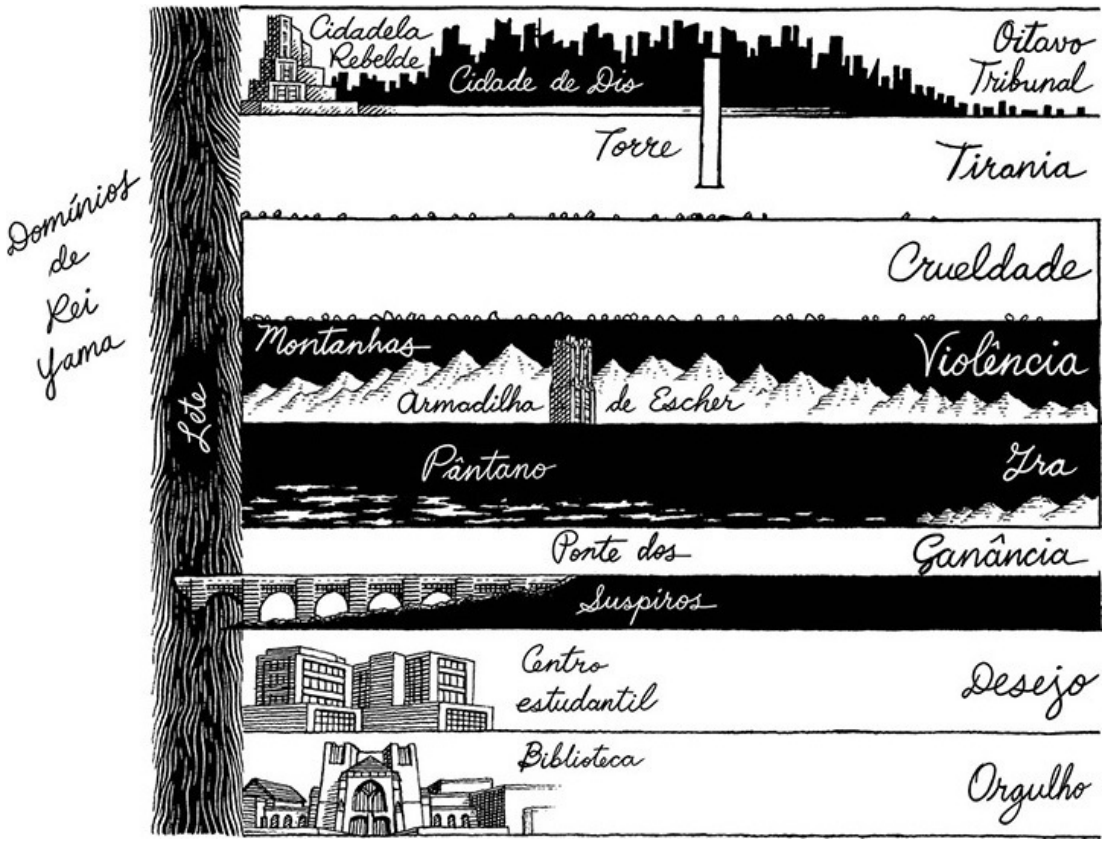
— Você primeiro.

Alice subiu, com Peter logo atrás. E juntos os dois emergiram para contemplar mais uma vez as estrelas.

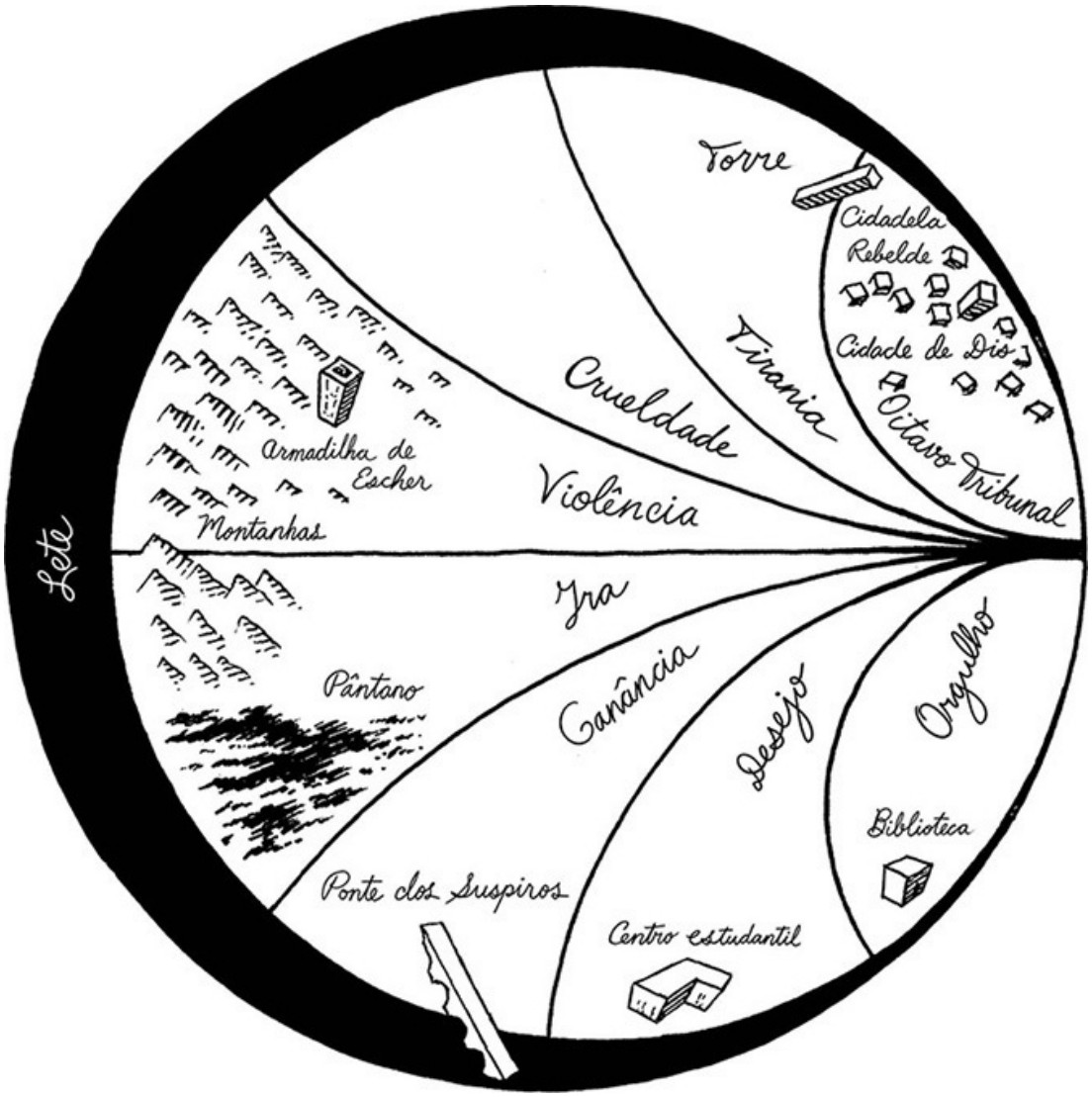
Mapa de Peter



Mapa de Alice



Mapa de Elspeth



AGRADECIMENTOS

Muito obrigada a Hannah Bowman, Havis Dawson, Liza Dawson, Lauren Banka e Nicholas Runyon, e a toda a equipe da Liza Dawson Associates. Agradecimentos especiais a Joshua Bowman, pelas observações sobre matemática. Obrigada à minha equipe da Harper Voyager, pelas muitas jornadas que tivemos juntos e pelas jornadas que estão por vir: David Pomerico, Natasha Bardon, Liate Stehlik, Jen Hart, Katlin Harri, Danielle Bartlett, DJ DeSmyter, Deanna Bailey, Lara Baez, Isabella Ogbolumani, Ronnie Kutys, Richard Aquan, Mumtaz Mustafi, Renata de Oliveira, Robin Barletta, Evangelos Vasilakis, Hope Ellis, Cari Elliott, Catherine Perks, Fleur Clarke, Frankie Gray, Kate Elton, Maddy Marshall, Sian Richefond, Susanna Peden, Fionnuala Barrett, Leah Woods, Holly Martin, Ruth Burrow, Rosie Hawkins, Terence Caven, Ellie Game e Emily Chan. Obrigada a Aja Pollock, pelos incisivos ajustes de texto. Obrigada a Patrick Arrasmith, pela bela ilustração da capa. Obrigada a Katie O'Nell, Gareth Norman, Selina Guter, Philipp Mayr e ao restante do departamento de filosofia do MIT pelas ideias sobre lógica. Obrigada ao Vaults & Garden Café, ao Fort St George, ao Claire's Corner Copia, ao Yafa e às salas do andar superior do Lizzie pela cafeína e pela tranquilidade. Obrigada às minhas livrarias independentes locais: Porter Square Books, Harvard Book Store e Harvard Book Store Union. Obrigada à minha mãe e ao meu pai, pelas caminhadas ao amanhecer. Obrigada a todos os amigos que me lembram de olhar para cima. E obrigada, sempre, a Bennett, que me tirou da terra no jardim do Musée Rodin e me falou para terminar a história.

SOBRE A AUTORA



© Mike Styer Photography 2021

R.F. KUANG é escritora, tradutora de mandarim e bolsista da Marshall Scholarship. Mestra em Filosofia na área de Estudos Chineses por Cambridge e em Estudos Chineses Contemporâneos por Oxford, atualmente cursa o doutorado em Literatura e Línguas do Leste da Ásia em Yale. Vencedora dos prêmios Nebula e Locus por *Babel ou a necessidade de violência*, Kuang também é autora da trilogia best-seller *A Guerra da Papoula* — que foi indicada a diversos prêmios, incluindo o Hugo — e por dois anos consecutivos recebeu o British Book Awards, por *Babel e Impostora: Yellowface*.

rfkuang.com

therfkuang

kuangrf

kuangrf